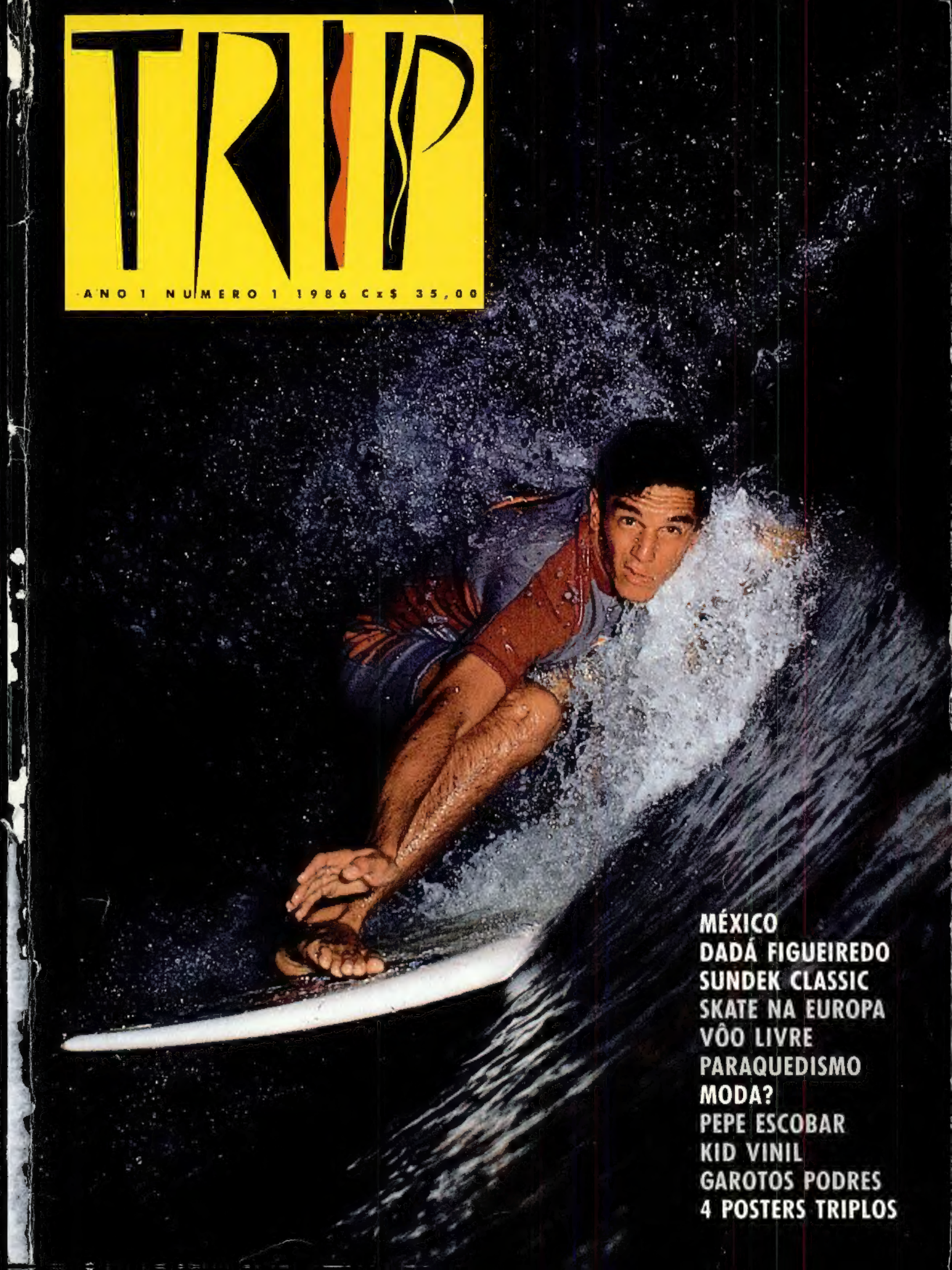
TRIP

ANO 1 NUMERO 1 1986 Cz$ 35,00



MÉXICO
DADÁ FIGUEIREDO
SUNDEK CLASSIC
SKATE NA EUROPA
VÔO LIVRE
PARAQUEDISMO
MODA?
PEPE ESCOBAR
KID VINIL
GAROTOS PODRES
4 POSTERS TRIPLOS

HANG LOOSE PRO CONTEST

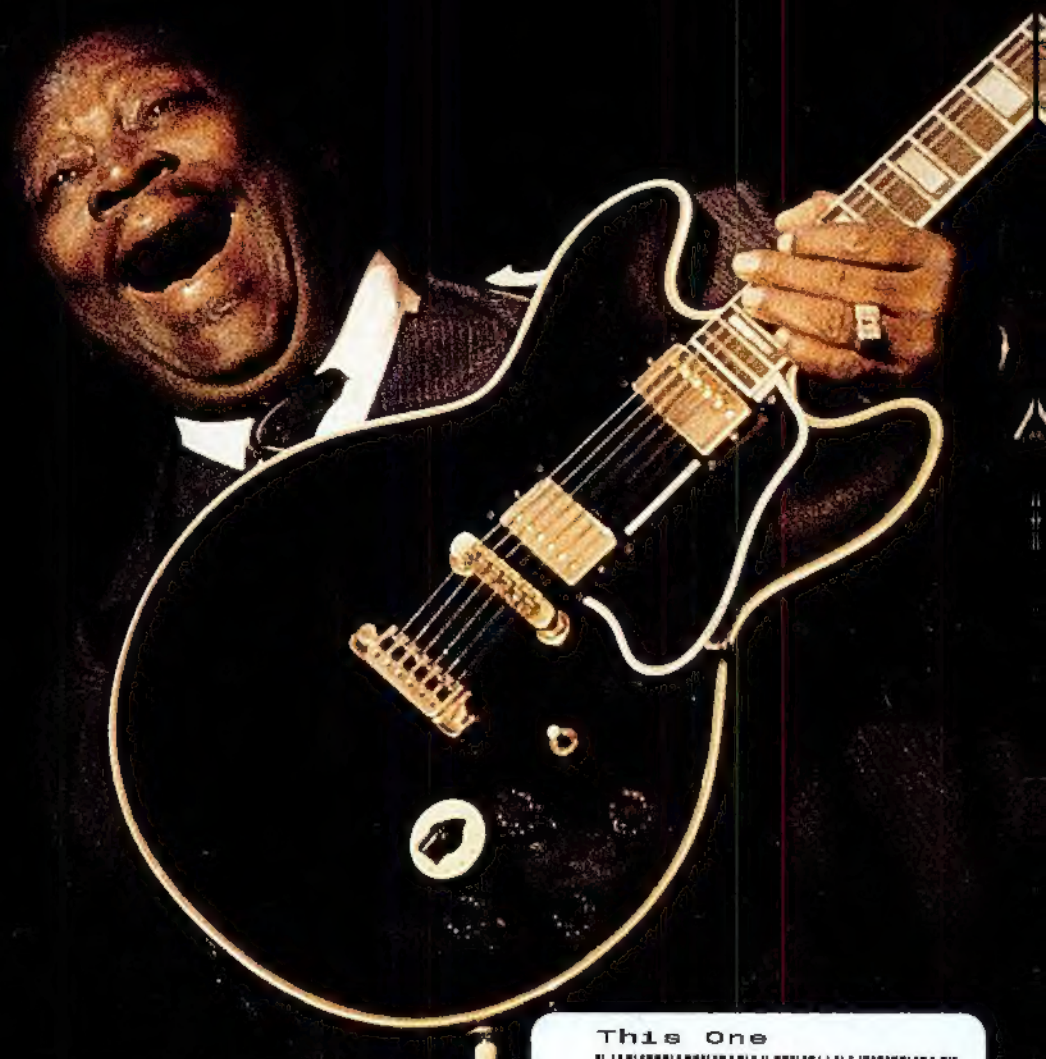
VÁLIDO PARA O CIRCUITO MUNDIAL DA
ASSOCIATION OF SURFING PROFESSIONALS

DE 06 A 14 DE SETEMBRO

FLORIANÓPOLIS

SANTA CATARINA

TRIP



Na próxima TRIP, B.B. KING numa exclusiva.

This One
6U8P-6HP-CF7U

DADÁ BORGERTH

entrevista

DADÁ FIGUEIREDO

fotos ERNESTO BALDAN

É muito bom saber que nem todo surfista usa calça de popeline e camisa estampada, ouve Replicantes e só lê revistas de surf. A idéia da primeira entrevista da TRIP não é avalizar um novo padrão de comportamento, nem insinuar que o grande lance é cortar os cabelos tipo moicano antes dos campeonatos. Apenas queremos mostrar que existe algo diferente e que nem só de estereótipos vive o surf. Merrequeiro para uns, herói e modelo de coragem para outros, punk, junkie, dark, louco? Não interessa, Dadá tem personalidade, pega muita onda e é diferente, muito diferente, a começar pelo nome

Dadá nasceu Dávio Corrêa de Figueiredo; irmão de Sávio, filho de Manuel e Juracy, este carioca da Tijuca, saturniano como seu irmão (02/01/65); iniciou-se no surf por volta do ano de 1976 nas águas claras da Barra da Tijuca. Seu lugar de destaque no surf nacional deve-se a performances durante sessões de free surf, expressivas colocações obtidas nos principais torneios nacionais e, mais recentemente também, a controvertida tomada de posição e estilo perante um meio jovem esportivo, o qual, não muito bem preparado para o novo e para o que é realmente diferente, numa manifestação de perplexidade uníssona declarou: Dadá ficou totalmente louco.

DIFERENTE: ESTA É A MELHOR definição para Dadá. O melhor é que ele (ao contrário da maioria do surf) não "tenta" ser; ele simplesmente é diferente, o que incomoda alguns, mas agrada muitos. Na ocasião da entrevista, achamos por bem fazê-la na praia, mais precisamente na Prainha, RJ, numa quarta-feira em que a chuva e o sudoeste não impediram que horas fossem gastas por nós, num swell médio, de formação regular. Apesar de conhecer Dadá pelas inúmeras vezes em que estivemos juntos, seja em competições, viagens, ou simplesmente no surf do dia a dia, não me sentia totalmente seguro sobre o que iria encontrar naquela manhã. A visão do fusca azul escuro (idos anos 70) semi-podre, parado no acostamento da avenida Sernambetiba 3100, foi a certeza que me faltava quanto às minhas suspeitas de que aquela seria sem dúvida uma entrevista fora dos padrões que estava acostumado a fazer.

DADÁ NÃO É FALA FÁCIL; NÃO desenvolve muito os temas lançados, talvez por achar as coisas simples demais para valer profundas racionalizações em cima do que não julga necessário. Com isto, toda tentativa que encontrava na busca de penetrar um pouco mais naquele universo de características até então não muito bem compreendidas por mim, era diluída não com respostas evasivas, mas com tal descompromisso que, aos poucos, nem o som do "The Exploited" a toda no tape deck era capaz de emprestar ao ambiente uma atmosfera propensa a revelações e argumentações passíveis de discurso. Mais de uma vez, num curto espaço de tempo, achei que estava entrevistando a pessoa errada para o primeiro número da TRIP (as horas subseqüentes foram provando o contrário). À medida que nos aproximávamos de nosso destino final, fui tomando ciência da riqueza de detalhes que compunham o interior do veículo, o que forneceu material de pesquisa suficiente para reorganizar-me a fim de cumprir minha missão de forma satisfatória. O fato de estar guiando no propósito de evitar complicações com a polícia (Dadá não portava um documento sequer) não me privou de apreciar o vistoso crucifixo pendurado por uma corrente no retrovisor interno, bem como perceber os inúmeros "Stickers" fixados nas laterais das portas, painel e vidros, além de um chumaço de notas pequenas misturado com as inúmeras fitas em anarquia, dentro do porta luvas escancarado.

NO RACK, DUAS PRANCHAS modelo star-fin borda preta com vários colantes, além dos habituais dos patrocinadores também de bandas punks e suas simbologias, esforçavam-se para nos acompanhar rumo ao surf, com a vital ajuda de apenas um extensor... Leash? - nem pensar. Dadá diz que embola na quilha, e vai mais longe ao afirmar que Cheyne Horan não usa por que sabe da quase impossibilidade de conciliá-lo com o estranho design que o próprio concebeu para a Star Fin. "Essa estória do Cheyne dizer que sem a corda ele se esforça mais para não cair nas manobras não é muito real não; eu acho que ele evita o strep para que não o atrapalhe. Já pensou se ele diz isso publicamente? As pessoas tem o maior preconceito com o desenho que ele usa, só pelo formato; se seu criador disser que com ele é ruim de se usar leash, pronto, neguinho exorcisa de vez".

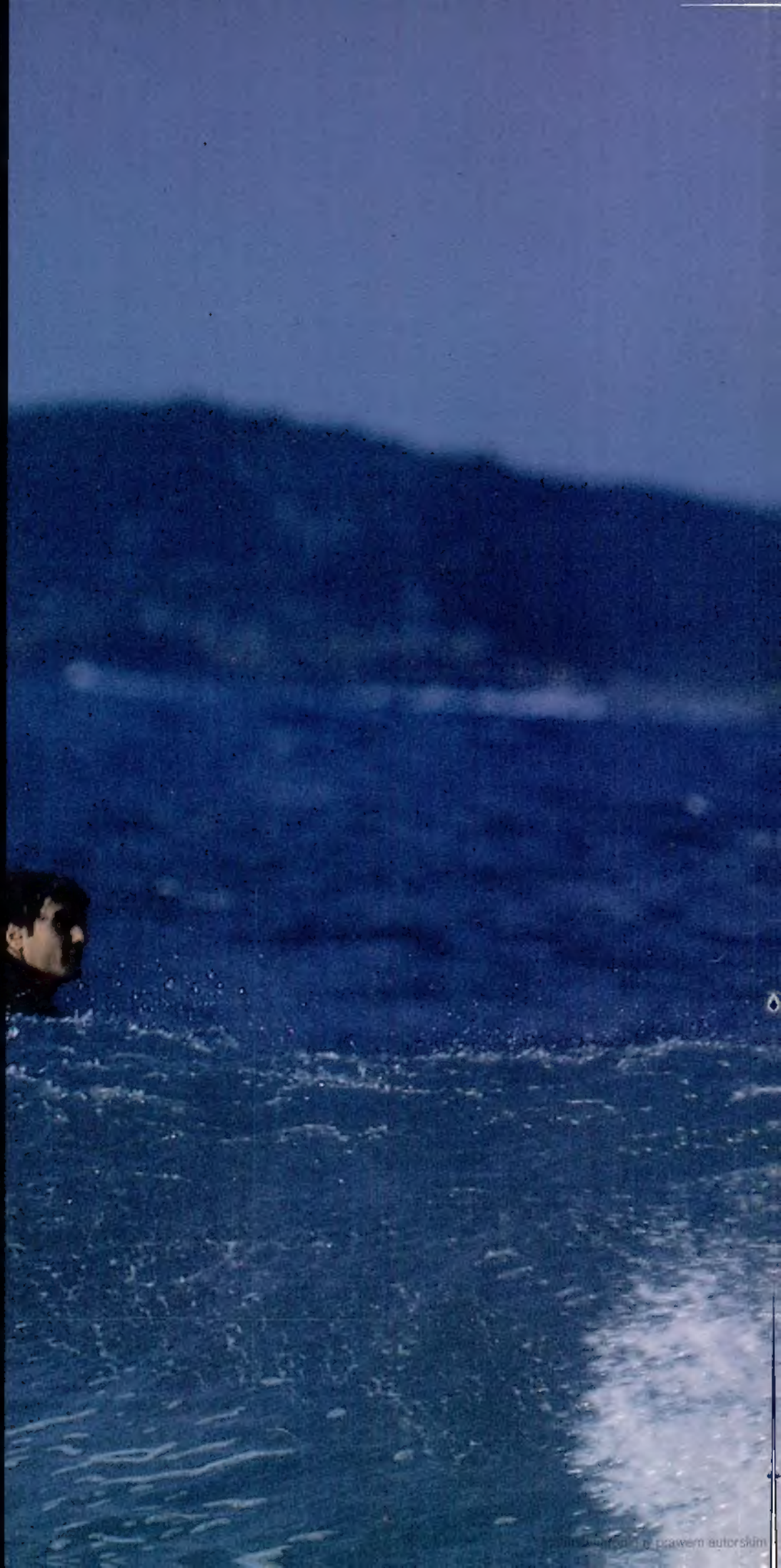
QUANDO PERGUNTEI O QUE achavam do fato dele, um tremendo talento, estar usando pranchas tão bizarras, de imediato uma frase foi-me reproduzida, como se muitas vezes ele a tivesse escutado nas rodas de surfistas. "Só você mesmo para surfar com essas pranchas malucas" (em seu tom de voz, uma ponta de orgulho inconfessável). Suas pranchas atuais são shapeadas pelo Cláudio Pastor e pelo Gringo, da Neutrons Surf Boards, embora não tenha encontrado o menor traço de relutância ao transportar o assunto para a época em que participou da equipe Cristal Graffiti. "Começei a surfar com a Cristal por volta de 82, sendo que este envolvimento durou cerca de três anos. Antes disso, me aventurava na fabricação de pranchas para meu uso e de alguns amigos. Eu shapeava e um outro cara laminava, mas a bagunça era tanta que minha mãe proibiu que a oficina continuasse funcionando, ainda mais que havíamos nos mudado para uma casa nova recentemente" (Dadá sempre morou em casa e até hoje a família permanece unida). Ele lembra... "Era a maior zona pois eu não sabia fazer porra nenhuma direito, e cagava tudo que estava por perto". Mas apesar de dizer que chegou a andar bem com suas pranchas, Dadá reconhece que foi na Cristal Graffiti que ele cresceu realmente como atleta. Usar os modelos do Beto Santos, e ser companheiro de equipe de Cauli Rodrigues, ajudou muito no seu desenvolvimento técnico. De lá, em busca

de novos conceitos de designs de pranchas, e na trilha de uma melhor situação econômica para condição/opção de surfista profissional, ele fez uma breve passagem pela Daniel Feingold e pela Getit, e graças a conversas e entendimentos com seus principais patrocinadores, Company e Cyclone, acabou mesmo não se fixando em nenhuma marca que pudesse ser concorrente direta dessas duas firmas (que hoje em dia lhe dão o apoio necessário, inclusive custeando tickets e estadias para viagens ao exterior). Desta forma ele está atualmente com pranchas ainda sem muita expressão no mercado nacional, mas, mais importante do que isso, é a franqueza com que trabalha cada shape seu, junto aos shapers que escolheu para interpretar, entender e realizar suas bordas redondas, sua linha paralela e seus fundos flats, quase sem vee bottom. Não é nem preciso dizer que a influência de Cheyne no seu design de prancha é marcante; ele acrescenta "Gostava muito daqueles Lazor Zap que o McCoy fazia..."

"NÃO FICO COLADO NA GALERA do surf, pois sei que se andar com os caras, não vai dar muito certo". Foi a afirmação que consegui quando perguntei o que ele achava desta rapaziada jovem do surf, que hoje está na faixa dos 18/22 anos. Tentando esticar um pouco mais o assunto, disse que, a meu ver, muita gente nova, sadia, com tudo, estava tentando ser, ou pior, parecer ser o que não é, só para estar nos padrões rígidos que esta própria sociedade estipulou como sendo moderno, vanguardista e cool. Dadá comentou "neguinho é mesmo meio enganado, se deixam levar... enganar, ... não impõe nada!.

NAMORADA, DIZ QUE TEVE UMA, E que o relacionamento foi forte enquanto durou (três anos). "Gostava da mina, mas aí depois de passar tanto a perna nela, sacanear ela, resolvi: peraí, isto não está certo; vou parar com isso e levar a transa a sério. Aí a mina foi e me sacaneou. Enquanto eu não dava muita bola para ela, ela era amarradona em mim; quando passei a dar atenção, fodeu..." Sobre o presente ele diz que dá prá ter uma gata e ficar só com ela, porque é melhor do que "num dia estar com uma e no outro estar com outra."

A cara do Pedro Bataglin mostra a expressão típica de quem vê de perto uma manobra de Dadá. Um misto de espanto e alegria que provêm de um surf às vezes mais rápido que as lentes que o acompanham.



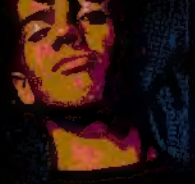
Materiał chroniony prawem autorskim

O hair cut moicano - "skinhead" chocou a todos os estereótipos presentes ao OP-PRÓ 86. Dadá é diferente!

SETIBA - PINA - E.S. - 84

JEFFREY'S BAY - ÁFRICA DO SUL - 85

Gosto mesmo é do Olho Seco, dos Garotos Podres, Inocentes, entre outros".



"HOMOSSEXUALISMO? SEI LÁ... acho esses caras meio malucos. Devem ter algum problema..." reflete ele num murmúrio de quem pensa em voz alta; "não gostar de mulher...? que absurdo! Se bem que é o seguinte, tem gente que gosta de mulher e de homem também. Por mim tudo bem, podem gostar do que for, contanto que não me incomodem e respeitem minha condição". Indagado sobre sua possível reação caso um dia encontrasse sua mulher na cama com outra em pleno XTC, ele para por um longo tempo num mutismo insólito, e recorre às duas opções colocadas por mim, mediante sua terrível dúvida. "Se eu ficava puto com ela, ou se pulava na meio?... bem, se a outra fosse maneira, eu entrava na festa;... mas o broto ia cair no meu conceito" arremata.

"NÃO, NÃO; DROGA NÃO USO: nem baseado, nem cocaína, nem nada. Só mesmo álcool; qualquer porra que vier eu bebo. Na época do OP, recorda como se tivesse sido num passado distante, "estava escancarando, bebendo prá caralho; é maneiro, me libera. No Hawaii também:...bebi demais. Olha, não sou como uns caras que conheço, que fazem de tudo e na hora da entrevista falam com voz de garoto bonzinho que não fazem nada. Mentira braba. Neguinho não se assume. Na hora ninguém faz nada..." (em tom de revolta). "Tem gente que acha que sou o maior maconheiro, maior cheirador, mas não é nada disso..."

"COMO DE TUDO; QUALQUER coisa: não tenho frescura... até cachorro quente às vezes eu como...chocolate, batata frita, carne de boi, etc. Ginástica não faço: muito de vez em quando dou uma corrida rapidinho antes do surf, mas nada de treinamento. Sair à noite só é certo quando tem algo legal prá fazer. Normalmente curto me vestir ao meu estilo, e ir aonde for; dançar às vezes. No Metrópolis tem uns eventos que eu curto, ao contrário do Crepúsculo de Cubatão, que acho meio devagar; é outro lance...outra parada, Joy Division, Bauhaus..."

DADÁ DIZ QUE É MAIS OU MENOS punk. "Gosto de punk...da música punk...da atitude punk; pro surf eu sou um punk! Por que é que eu tenho que andar igual a esses caras aí, porra?" referindo-se aos averages-young-urbans-qualquer-coisa...E completa: "Não tenho raiva de ninguém, mas tem umas coisas que me deixam puto. Esses parasitas aí; gente que queima a imagem dos outros, por não conseguir nada por meio de seus próprios méritos...patrocínios que sugam e exploram o atleta, sem quase nada reverter para seu aprimoramento, etc...

LIVRO NÃO LÊ. REVISTA DE SURF, na maioria dos casos, só folheia e vê as fotos em busca de alguma sua. Conforme as matérias publicadas, compra a Bizz e a Roll, mas nada de muito habitual. "Revista de surf? Hum... é ruim de ler." Com gosto moderado pela tela prateada Dadá não consegue se recordar de nenhum filme que tenha visto, e gostado, recentemente. "Não estudo; só surfo. Mas não é dedicação total; é quase total. Gosto de pegar onda, mas sem essa de cair no mar todo dia, toda hora, em qualquer condição."

UM FATO QUE DEU MUITO O QUE falar na época do OP PRO, além do seu radical corte de cabelo "skinhead", foi seu speach durante a entrega de prêmios aos surfistas, considerados pelos leitores do jornal Staff como os mais populares do Brasil, realizado e promovido pelo mesmo jornal na danceteria Metrópolis. Todo mundo do surf do Rio lá: e além da cariocada, alguns paulistas, caiçaras, santistas e catarinenses. Quando Kadu Moliterno, apresentador e locutor da festa anunciou a quarta colocação, viu-se um vulto escalando a cena pelo lado errado e, em seguida, se encaminhando totalmente "Over Control" até o centro do tablado. Após entregar o troféu, Kadu, num momento de dúvida ou incredulidade, perguntou se ele tinha alguma coisa a dizer ao público. "Ah... me deu chance malandro, sabe como é..." comentou passado o episódio. No mais forte estilo Hard Core, Dadá berrou: "Morte aos parasitas. Filhos da PUTAAAAAAAA". A aparelhagem da casa quase foi para o espaço juntamente com os ouvidos presentes. A reação da galera foi instantânea: muitos vibraram, outros "disbeliefed" apenas riram e uns poucos ficaram chocados. "Garoto de coragem" comentou Kadu um tanto relutante diante da cena, e anunciou o terceiro colocado...

TEUS PATROCINADORES NÃO embolam contigo por causa de suas atitudes? - "Não; às vezes eles acreditam... mas é isso aí: quando estou a fim de falar e fazer o que quero, eu falo e faço. O Valério virou prá mim naquele dia do Staff Pool e disse: "você me arruma cada uma..."

Essa passagem me fez recordar a vez em que no palanque de entrega de prêmios do II Summertime Surf Sul 85 (Matinhos PR), na presença do prefeito da cidade e do governador do estado, ele de costas para a multidão na areia, evitando também seu interlocutor e locutor oficial do evento que insistia numa declaração dele, em vista de sua terceira colocação, lança um contundente "Não; não quero falar..." numa ótima, sem agressão: sua espontaneidade chegou a ser tão contagiante que a praia e as demais autoridades, dentro de seus padrões de conduta, vieram abaixo.

DA ÁFRICA E DO HAWAII, ELE NÃO comenta muito, apenas que surfou bastante e bem em Sunset Beach e Laniakea, com uma prancha antiga do Otávio (Pacheco) que andava super bem. "Pipeline, muito crowd, caí lá uma vez só. Valério, Taiu, Boscoli e Almir foram, a meu ver, os brasileiros que mais riparam nesta temporada que passou. Dos gringos gostei do Occhilupo, Curren, Carroll e Cheyne". Inconscientemente, ele repete o nome deste último duas vezes... "Você via que o cara era bom pela maneira dele remar, se posicionar e subir na prancha: mas na hora de completar as manobras, ele sempre caía. Vi Cheyne pagando a maior comédia em Rocky Point e Kammie Land, com uma prancha de bico redondão."

DE POLÍTICA DADÁ NÃO GOSTA E nem procura entender. "São todos uns corruptos. Parasitas corruptos... vivem só roubando, roubando, roubando e prometendo..." Como política, religião é algo ainda meio obscuro, não muito bem digerido por ele. Acredita em Jesus Cristo, mas como sua mãe, que segundo o mesmo tem opinião própria a respeito das coisas, não entende e faz críticas às pompas e ostentações da igreja com seus "papas, tapêtes vermelhos e riquezas". "Por que não dão a quem está precisando?"

Falando sobre a morte, ele diz com pouca convicção: "Acho que a gente vai para outra parada, não é? Que a gente volta pra cá mesmo, eu não levo muita fé não e essa de que na outra encarnação eu podia ter sido cachorro é estória..."

Já passava das quatro quando resolvemos terminar a entrevista. O cenário final de nosso encontro foi o Salad's da Barra, de onde após a refeição, as cervejas, a conta e a gorjeta, fomos cada qual para seu destino. Antes porém de entrar no meu carro (abandonado desde as sete ao sabor da maresia da Av. Sernambetiba) e seguir, ele me repete com ênfase uma frase dita durante o dia, que ecoou em mim por alguns instantes, e que por si só era a definição mais perfeita do perfil psicológico da curiosa pessoa com a qual acabara de encontrar-me. A frase é a seguinte: "Não gosto de panelinha; panelinha é foda... Enquanto existir no homem este instinto de querer ser e se sentir superior ao seu semelhante, ele pastará."

R. MALDONADO

THE LIFE STYLE

EDITOR Paulo Anis Lima

DIRETOR ADMINISTRATIVO Carlos G. Sarli

CONSULTORIA DE MARKETING Wanderley Pedreschi

EDITOR DE ESPORTES Eduardo Bergerth

EDITOR DE ARTE Rafic Jorge Farah

PROJETO GRÁFICO não tem!

ARTE
DIREÇÃO: Angelo Palumbo, Fernando J. Mendes, Reinaldo Maldonado
ASSISTENTE: Walter Luiz Pirozzini

RELAÇÕES PÚBLICAS: (SP) Fernando Vieira de Carvalho (SC e RS) Edison Ronchi

REDAÇÃO
CHEFE: Celia Marina Almudena Alonso
REDATORES: Arthur Veríssimo e Isabella Rocha e Silva
REVISÃO: Julia Maria Stella

MARKETING EDITORIAL: Fernando José da Costa Netto

FOTOGRAFIA: Ernesto Baldan
FOTO STAFF: Airton Kieling, André Reichmann, Atila Sbruzzi, Dennis Magalhães, Gregório Stuckgold, Haroldo Nogueira, Marcelo Luxo, Paulo Figueiras, Shoiti Hori e Sidney Santos José.

COLABORADORES:
FOTO: ESPORTES - Alexandre Fonseca, Angelo Palumbo, Carlos Eduardo de Campos Luiz, Daniel Bourgoi, Eduardo Graça Neto, Jair Borelli, José Papa, Luis Augusto Ulhoa Cintra Ferreira, Marcela Busch, Mario Castelo (Magu), Paulo Galvão, Petronio Vilela, Pier Palumbo e Ricardo Barreto. ESTÚDIO - Álvaro Elkis, Bob Wolfenson, Charlie San Juan, Eduardo ElKabbi, Fernando Franchini, Paulo Vainer e Tica Ohara.
TEXTO: ESPORTES - André Cotrim, Edison Ronchi, Luis Sala (Feio), Marco Bueno, Roberto Teixeira, Rosaldo Cavalcanti e Simone Gartier. MÚSICA - Aluízio Lacerda, André Christovam, Arthur Veríssimo, Dirce Melo, Fernando Naporano, Kid Vinil, Otavio Rodrigues e Pepe Escobar.
CONSULTORIA DE MODA: Hermano Vianna e Teca Costa Netto.

CORRESPONDENTES:
U.S.A.: Bill Bornfield e Paul Cohen (Gordinho) (HI), Adrian Kojin e Anibal Neto (CA) e Claudia Elizabetski (NY) FRANÇA: Jean Michel Potier e Frederic Pauvarel – INGLATERRA: Pepe Escobar – PELO MUNDO: Aldhemar J. Freitas (Deminho)

DEPTO. COMERCIAL
DIREÇÃO: Carlos G. Sarli

GERÊNCIA: Shoiti Hori
ASSISTENTE: Adriana Lucia de Souza

REPRESENTANTES: José Carlos de Almeida Jr. e Thaís Andrea A. Penteado (SP - 283.38.04); Carlos Augusto de Lemos (RJ - 226.76.48); Valeria Arruda (SC -23.2116); Caio C. Barcellos (RS - 27.4633)
CONTABILIDADE: Ricardo Oshiro e Paulo B. Ribeiro Cezar
ASSESS. JURÍDICA: Matheus Martins da Costa, Silvio C. Shutzer e J.C. Gambão.

ASSESS. DE IMPRENSA: Art Presse (8530418)

IMAGEM: São Paulo Criação

SERVIÇOS GRÁFICOS
FOTOLITOS: Lastri, Repro, Colortek e Murprint
COMPOSIÇÕES: Type's e Takano
IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Editora Abril S/A
DISTRIBUIÇÃO: Fernando Chinaglia S/A - R. Teodoro da Silva, 907 - Rio de Janeiro - RJ

JORNALISTA RESPONSÁVEL: Isabella Rocha e Silva
Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da revista. TRIP não publica matérias redacionais pagas. É uma publicação bimestral da TRIP EDITORA E PROPAGANDA LTDA. Administração, redação e publicidade à Al. Ribeirão Preto, 548 CEP 01331 - São Paulo - SP - fones: (011) 2833804 e 2886912. Escritório no Rio de Janeiro: R. Dona Mariana, 225 - fone (021) 226.76.48

EDITORIAL

O teatrólogo alemão Bertold Brecht disse uma vez que o teatro ideal seria aquele que conseguisse transmitir ao seu público as mesmas emoções de uma luta de boxe. São dele frases como "Nossas esperanças estão depositadas no público esportivo", "Queremos no nosso teatro uma iluminação muito clara e que os refletores sejam visíveis como numa luta de boxe".

Misturar arte, cultura e esporte não é uma proposta inédita, muito menos de vanguarda: tem no mínimo 40 anos (Brecht morreu na 30).

Vamos ainda um pouco adiante, buscando aprovação desta proposta junto a uma parte da humanidade eternamente menosprezada. Queremos mostrar que o jovem não é o imbecil bronzeado que a TV insiste em mostrar, que nem todo surfista tem o cérebro de fibra de vidro, ou ainda que não é necessário ser dark ou apresentar um look de falso tédio, para gostar de boa música ou se vestir com roupas que dão prazer.

Se nosso pauta se delineou inspirada no pensamento de Brecht, nosso marketing editorial teve como musa inspiradora a cervejaria Antarctica. É muito simples: na época do Carnaval, quando a procura de cerveja é muito grande, o consumidor é obrigado na compra de cada garrafa da bebida adquirir três guaranás. Nosso público, sedento de fotos e reportagens de esportes receberá loiras estupidamente geladas, mas levará no "pacote" uma boa dose de cultura, arte e informação musical, certamente menos enjoativa que o açucarado refrigerante.

Uma equipe da qual fazem parte desde um artista plástico até um punk skater, de um surfista profissional a um poeta lírico, trabalhou duro e, o que é mais importante, acredita cegamente que, dentro de alguns anos, Brecht, cerveja e guaraná formarão um coquetel molotov forte o suficiente para detonar a ignorância.

Paulo Lima.

O campeão europeu de boxe, o peso-médio Sanson-Koerner (à esq.) brinca com o amigo Brecht. Foto Arquivo Cacá Rosset.

PUERTO ESCONDIDO
[illegible] ... 16

OS FOTÓGRAFOS
[illegible] ... 29

MÚSICA AFRICANA
Ainda [illegible] ... 38

VÔO LIVRE
O Campeonato Brasileiro de Governador Valadares - MG ... 44

SUMMERCAMP
Na Europa, a reunião dos maiores nomes do skate mundial ... 48

PARAQUEDISMO OU SKYDIVE
Dropar uma onda de 3000 metros de altura? ... 56

PEPE ESCOBAR
O crítico rigoroso se revela um cara totalmente cool ... 63

POSTER
O desempenho de alguns surfistas de São Paulo num encarte duplo especial ... 66

FERNANDO NAPORANO
Fala de música, Pasolini, romances, Sigue Sigue Sputnik e imbecilidade ... 68

BILL BARNFIELD
Um dos maiores designers de pranchas de surf, direto do North Shore ... 70

A O.S.P. - ORGANIZAÇÃO DOS SURFISTAS PROFISSIONAIS
O movimento que ajudou a levantar o surf profissional carioca e brasileiro ... 74

GAROTOS PODRES
1º lugar na Alemanha, último nas FMs Tupiniquins. Hoje Santo André, amanhã o mundo ... 82

KID VINIL
Um apanhado sobre os dez anos do movimento punk no Brasil ... 86

MODA
A diferença entre as tribos ... 91

SUNDEK CLASSIC
Campeonato de surf no TRIP? Veja porque no caderno especial ... 100

SALADA
Toques e imagens que não poderiam passar batido ... 109

TRIPA
Cartoons ... 119

CAPA - Fernando Firpo, o Tarzanzinho, servindo de piloto de provas para a nova técnica de fotografia aquática noturna, utilizada por MARCELO LAXE numa noite qualquer no litoral de São Paulo.

Nesta página, a mesma foto trabalhada pelos computadores da Palette Imagem Eletrônica.

Página 3, B.B. King em foto de Mário Castello (MAGU).

SURVIVE THE JUNGLE
ARTWEAR
SUNDEK®

"Toda TRIP de surf é realizada com um propósito. Depois de um bom tempo sem sair do Brasil resolvi ir para um lugar onde pudesse surfar à vontade, sem o clima que envolve o esporte hoje, dominado pelo crowd, arrogância e desrespeito unidos num denominador comum, que visa o treino e não a sensação pura...

"A viagem a Puerto não foi uma aventura, pois sabia o que encontraria por lá. Não foi tão pouco com o propósito único e exclusivo de fazer uma matéria. Para mim o ponto principal era promover um reencontro com aquilo que mais prezo no esporte: Surfar pelo prazer de Surfar. Aos poucos percebi que este sentimento era partilhado por todos que lá estavam: americanos, franceses, peruanos, australianos, mexicanos e brasileiros. À parte cultura, gráus e técnicas de surf distintas, todos tinham em comum uma emoção: A DO SURF LIVRE!!"

EM BUSCA DAS ONDAS ESCONDIDAS.

por:

FERNANDO VIEIRA DE CARVALHO

SIMONE GONTIER

Terra dos astecas, amantes do sol e engenheiros incomparáveis, o México permaneceu sob mitos, mistérios e muitas contradições. Dos primitivos habitantes de Teotiuhacán e Tenochtitlán aos punks da periferia da capital do país.

Conhecer o México é um convite tentador para qualquer pessoa. Principalmente aos brasileiros, "los hermanos" (leia-se latinos), que são sempre muito bem vindos.

Uma verdadeira viagem no tempo, atravessando desde enigmas de seu passado aos aspectos modernos que envolvem a Cidade do México. Tudo causa a impressão de que a extensa galeria de personagens da cultura mexicana continua presente no seu movimentado cotidiano.

O México é assim. Envolto por mil contrastes, capturando a imaginação do viajante com a riqueza de suas artes, o colorido de sua vida e as lendas de seus ancestrais.

Este país enorme (o 3.º maior da América Latina) e cheio de gente se parece muito com o Brasil. Gigantes sub-desenvolvidos; resultado de um crescimento econômico-social altamente desigual, guardam ainda para si regiões de terras intocadas, de clima tropical e grandes paixões em comum. Uma delas, o futebol.

Mas não foi a Copa do mundo que atraiu ao México especiais visitantes.

Tubos intermináveis, repletos de wipeouts e caldos impressionantes. Foi assim que os surfistas mais afoitos descobriram os perigos e os fascínios de PUERTO ESCONDIDO. Local ideal para aqueles que desejam se confrontar com limites do surf. Uma onda tubular, terrivelmente rápida; por vezes comparada à back-door ou Pipeline. Não é por acaso que a apelidaram de "MEXICAN PIPELINE". As sensações de fato se equivalem e com uma vantagem: a ausência dos corais. Aqui as emoções provêm do encontro entre água e areia, o verdadeiro peso do oceano que desaba sobre a bancada do beach-breack. É ver prá crer.

Localizado no estado de Oaxaca, região sul do México, Puerto Escondido é o tipo de paraíso que todo surfista sonharia encontrar, nos dias de hoje.

Apesar da estrutura turística, muito bem implantada, com aeroporto moderno, hotéis e acomodações variáveis de bangalôs a cinco estrelas, excelentes restaurantes e um bom comércio, Puerto Escondido ainda conserva detalhes de um pacato vilarejo encostado ao mar; com ruas de areia e barcos de pesca, que atracam todo final de tarde na Baía dos Marineros.

Durante as épocas de seca, o calor é escaldante e a partir da uma hora da tarde, a siesta é hábito que se repete até mesmo para os visitantes. Tudo conspira em termos de total descompromisso para com o tempo. É possível sentir que a vida passa por lá devagar, deixando uma atmosfera calma e mágica na alma das pessoas.

Pela manhã, é o toque de acordar do exército local que desperta os sentidos, preparando o espírito para mais um dia. Os nati-

paulo galvão

De qualquer ângulo ou a qualquer hora do dia, PUERTO ESCONDIDO ALUCINA

PIPO, surfista amador carioca radicado em São Paulo foi um dos integrantes da TRIP a "Puerto", que jogou prá baixo com tudo.

fotos HAROLDO NOGUEIRA

vos descem do "pueblo" para vender redes, colares de ônix e catar ostras. Os pescadores vão ao mar à procura dos maravilhosos peixes-vela, e os surfistas aparecem com as pranchas em direção ao beach-breack.

Desta maneira, toda manhã começa em Puerto Escondido, num ritual envolvente e discreto, freqüentemente coroado com a chegada do por do sol e com interminável consumo das inúmeras marcas de cerveja.

Ao primeiro contato com as ondas do beach-breack, percebe-se que o surf será sempre tenso: independente do tamanho das ondas. Dali mesmo, de cima dos "cliffs" que circundam a praia, se tem certeza dos momentos possíveis naquela mar: tubos longos, ruidosos e infinitos, antecedidos sempre por hiper-verticais drops, algumas batidas, reentradas e cut-backs, ao final da onda. Todas essas emoções acompanhadas por chacoalhadas, caldos prensantes, arrastos, repuxos e surpresas quase sobre-naturais; fatores, estes, responsáveis pelo número de surfistas machucados e de pranchas partidas, nos dias de muito power.

Todo detalhe é relevante neste cenário, desde a escolha de uma prancha até a maneira correta de cair contam para uma boa performance.

Desafiar o beach-breack é uma experiência necessária. Um misto de pavor e coragem.

Mas nem tudo é under-pression, em termos de surf. No final da praia, cerca de dois quilômetros ao sul do Mexican Pipeline, se encontra a Punta. Um point-breack, com três sessões de esquerdas alucinantes, que começam a quebrar de maneira ideal quando as condições no beach-break estão acima de 6 pés. A Punta representa um surf de muitas manobras. Sua sessão de out-side entra paralela à uma grande pedra, onde se deve surfar acompanhando a espuma, num roteiro um tanto quanto "melow" e "bump".

Já a segunda sessão quebra diagonalmente às pedras e, por ser mais cavada, oferece possibilidades de execução para qualquer manobra.

Sobre a terceira bancada de areia, a onda empareda e forma excelentes tubos, o que faz as performances serem realmente radicais.

Porem, existe na Punta "algo" que, de vez em quando, pode quebrar o seu clima perfeito. Trata-se das repentinas aparições de El Bruno, um respeitável tubarão tigre. Não só através das aparições de El Bruno é que se verifica a proximidade com o alto mar. Grandes baleias, arraias-manta, marlins e outros animais passam constantemente pela vista.

O movimento e a força das águas impressionam bastante. Fortes correntezas podem surgir e desaparecer em instantes, deslocando surfistas a algumas centenas de metros além do line-up.

Quincas faz parte da galera da primeira geração do surf paulista, que continua no rolê e com muito estilo.

Puerto Escondido é o paraíso visitado permanentemente por surfistas do mundo inteiro. Nessa foto, um gringo não identificado já se sentindo em casa no pico.

Tudo isso ocorre por causa da pequena plataforma continental local. A cerca de 1.500 metros da praia, a profundidade ultrapassa os 4.000 metros. O que também explica a energia das ondas.

Assim, em dias de forte ondulação é clara a visão dos vagalhões se colocando sobre a plataforma continental — ponto em que triplicam sua velocidade, ficando bem de pé e consistentes. Ao atingir a bancada de areia, a onda sobe sobre si mesma, resultando numa explosão fantástica.

Segurança na virada e projeção forte são fundamentais nesse tipo de onda. Luis de Ubatuba.

Tubarão veio do Paraná, um estado onde o surf tem se desenvolvido rapidamente. Seu estilo e colocação provam isto.

CHACAHUA

Outra opção do litoral de Oaxaca e Chacahua, próxima a Puerto Escondido, cujo acesso pode ser feito tanto por mar quanto por terra. Chacahua é uma vila cercada por palmeiras e pequenas casas e sua origem possui um curioso passado, em que o naufrágio de um navio negreiro provindo de Angola ocorreu em sua baía. Protegidos e isolados pelos recursos da lagoa, os negros ganharam a liberdade da vida.
Por este episódio, a presença de negros é destacada entre as pessoas que vivem em Chacahua.
Em termos de surf, Chacahua oferece ondas perfeitas, com diversas sessões. Uma Punta invertida.

Ainda sobre Puerto Escondido; aliado à sua grande beleza e magnetismo, existe uma particularidade que, dentro de pouco tempo, poderá transformá-lo em uma "Nova Acapulco". É que em Puerto já existe conforto, a nível turístico, tornando-o procurado não somente por surfistas e pacíficos viajantes, mas também pelo inevitável progresso, inimigo dos paraísos subdesenvolvidos.
Para se ter uma idéia de sua importância, o governo mexicano instituiu cinco áreas do país que se desenvolveram com base no turismo, e Puerto ocupa o quarto lugar nesta classificação...
O negócio é começar a rezar!!

CLIMA E ÉPOCAS PARA SURF

Durante os primeiros meses do ano (dez. - mar.), o clima é extremamente seco e quente, provocando, por volta das onze e meia da manhã, a entrada do vento offshore. O maral vem com toda a sua força, impossibilitando, nesta temporada, o surf durante a tarde no beach-break. Se há swell, a Punta é que oferece condições, pois, por estar protegida, não sofre a variação negativa dos ventos da região.
A ondulação desta época entra em função das fases da lua (cheia - minguante) e também sofre influências das grandes tempestades do inverno californiano.
Pode-se concluir que não é o período ideal de Puerto. Os swells do inverno são de nordeste e pouco freqüentes.
A melhor temporada de ondas começa com o mês de abril, quando a temperatura ameniza e o clima se torna menos seco. Nesta fase, as ondulações são mais constantes e provenientes do quadrante sul (condições ideais).
É por volta de junho que as chuvas começam, permitindo, algumas vezes, swells de proporções avantajadas.
Outro fator que contribui bastante é a época dos furacões (ago. - nov.).
Puerto Escondido costuma estar monstruoso no cume do verão. Assim, as ondas do beach-break variam durante o ano, mantendo condições de 5 a 20 pés.

Fernandão colhendo dados para elaborar uma matéria. precisa. O véio anda!

Até alguns anos atrás os nativos não se aventuravam a cair no beach break. Hoje, já existem alguns deles arrepiando no quintal de casa. Angel de back side como um master.

Alguns surfistas nunca buscaram no esporte o lado competitivo, mas somente as sensações de isolamento e desafio que ele proporciona. Claudio Fernandes de São Paulo dropando reto.

Este californiano ficou conhecido pela rapaziada como "Botinha", devido ao acessório inseparável. Pelo visto, a botinha funciona..

ALÉM DOS MITOS E DOS MISTÉRIOS.

É impossível passar pelo México e esquecer como as coisas começaram. O exaustivo trabalho dos astecas, no empilhamento constante de pedras, ergueu verdadeiras sentinelas da memória mexicana. Incluindo os olmecas, os quais formaram notável cultura, há um milênio antes de Cristo, na região do Golfo do México, cujo estilo prevaleceu distinto por uma obscura religião de deuses jaguares e gigantescas cabeças de pedra. Também os maias, que ocupavam a Península de Yucatán, com sua complexa escrita e profecias sobre a passagem do tempo; ambas baseadas na astronomia e códigos solares.

Afinal, no México, segundo dados científicos, restam ainda cerca de oitenta mil pirâmides por descobrir.

A origem da palavra MÉXICO vem do nome de um deus, MEXITL - aquele que guiou os astecas ao planalto mexicano, formando a cidade de Tenochtitlán.

Pouco a pouco, sobre o que restou das ruínas de Tenochtitlán, ergueu-se a Cidade do México, que até 1920 foi conquistada diversas vezes. Mas um problema subsiste desde o tempo dos astecas. Situada numa planície lacustre, 80% do solo da cidade é constituído de água, numa região onde os tremores de terra são freqüentes. Nada mais comum do que casas inclinadas, paredes rachadas e escadas fora do prumo.

Hoje, a Cidade do México reúne todas as características de uma grande metrópole de Terceiro Mundo. Também tem seus muros pixados por frases revolucionárias e marxistas, mas permite nos corredores o crescimento desenfreado do capitalismo. Faz parte da atmosfera da Capital, a tradição dos tempos da colônia, presente em construções imponentes e comportadas, espalhadas pela parte antiga da cidade.

No fim do século passado, quando os americanos "de uniforme verde" tomaram o México, o Texas, a Califórnia e outros territórios, do protesto dos mexicanos surgiu o termo gringo; originalmente "green - go".

À primeira vista, a cultura adotada pela nova classe média mexicana parece inteiramente americana; milhares de anos luz distante das histórias dos clássicos dramas mexicanos.

Arranha-céus avançam agressivamente em direção às nuvens deste monstro moderno, onde fábricas vomitam diariamente doses elevadíssimas de poluentes, dando ao céu a peculiar cor marrom-amarelada.

A cidade do México levou quatrocentos anos para alcançar a marca de um milhão de habitantes. Porém levou somente os últimos quarenta anos para multiplicar isto por dezoito.

Na periferia da capital, onde as médias de vida caem abruptamente, é que crescem os melhores jogadores de futebol, boxeadores e jovens toureiros. O futebol é tão popular quanto o futebol americano, o boxe, o beisebol e as touradas.

A falta de planejamento e o crescimento caótico agregam na cidade contradições gritantes. Sem falar do pesadelo do ano passado (19 set./85); o terremoto, que, em exatamente quatro minutos, moveu a cidade da crise para a catástrofe.

São os jovem que protestam, exigindo mudanças políticas e sociais e abraçando novos modismos - do Chicano rock ao Mc Donald's. Um lugar chamado Rocktitlan apresenta grupos como o Javier Batiz, Larga Distancia, Iconoclasta e Radio Carolina.

Os punks da região leste da cidade procuram organizar-se além das bandas, em cooperativas de trabalho, como propostas culturais, como eventos de música, leitura, teatro e fotografia. Eles fabricam bolsas estampadas em "screen-process" e as vendem no interior. Há diversas bandas por lá. "Los Verdugos", "Las Panteras", "Los Nazis", "Los Solitários", "Los Peligrosos", "Las Sombras", "Los Ramones".

Os punks da banda PND (punk not dead) dizem que não são punks de graça. "Somos resultado das contradições da sociedade, e tratamos de mostrá-las e enfrentá-las. Os punks nunca morrem, por mais que apanhem, que os coloquem atrás das grades; porém nunca morrem".

Os punks são descendentes diretos do êxodo rural mexicano e, na maioria, se concentram na cidade de Nezahualcóyotl, periferia da Cidade do México, reivindicando com outros jovens, que não são das bandas, a defesa do bairro, a melhora econômica, a luta por criar uma cultura própria, formando uma identidade na luta contra as agressões da polícia.

Guardando o pior trânsito do mundo, expectativas estatísticas faraônicas para o ano 2.000 e os segredos da cultura solar, o México herdou da Espanha um fantástico catolicismo, o machismo e o autoritarismo. Talvez assim, o México pretenda mostrar que as belezas de seu passado e a amabilidade de seus habitantes ainda convivem neste inferno urbano.

AGRADECIMENTOS

paneuropa
TOURS
(011)259-5122

THE MAZE

2 4 0 0 8 9 9

Material chroniony prawem autorskim

Cyclone®
Board Shorts

COMPANY

NEUTRON
CUSTOM SURF BOARDS

Walk on Water.

O nome é Walk Sider.
Há anos este original e autêntico boat shoe tem ajudado a dar mais aderência as superfícies escorregadias da vida.

Marca de garantia e esnobismo Side Walk.

Couro

Royal

Pink

Navy Blue

Blood

Ice

Marfim

Nobuck

Negro

Havana

Musgo

Mostarda

Jeans

Cáqui

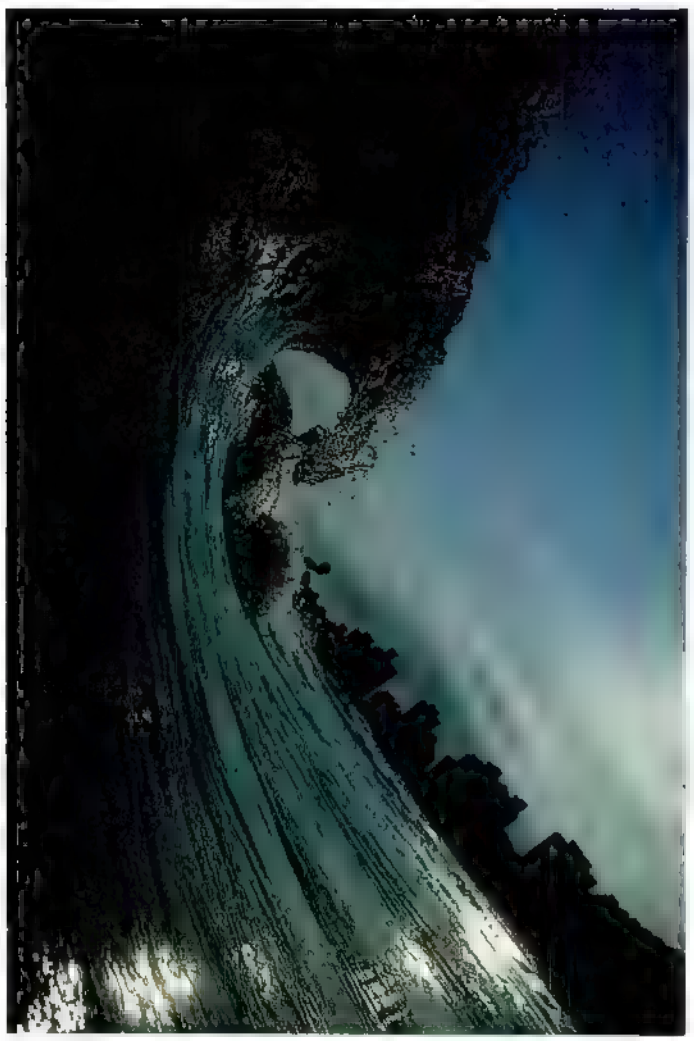
CITY OR COUNTRY WALKS.

SHOPPING CENTER IGUATEMI, 2º PISO, SÃO PAULO, SP. – RUA MELO ALVES COM ALAMEDA LORENA • SHOPPING CENTER IBIRAPUERA, PISO IBIRAPUERA • RUA ANIBAL DE MENDONÇA, ESQUINA COM OSCONDI DE IRAJÁ, RIO DE JANEIRO, RJ • SHOPPING CENTER IGUATEMI, SALVADOR, BAHIA – SHOPPING RIO PLAZA

A IMPRENSA ESPECIALIZADA DO SURF, ATÉ HOJE, CONSCIENTEMENTE OU NÃO, DE UMA CERTA FORMA ENCOBRIU AS PESSOAS QUE REALIZAM UM TRABALHO FUNDAMENTAL PARA A SOBREVIVÊNCIA DESSES VEÍCULOS E DO ESPORTE DO QUAL VIVEM.

O S F O T Ó G R A F O S.

É A ELES QUE DEDICAMOS AS PÁGINAS QUE SE SEGUEM, NUMA JUSTA HOMENAGEM A ESSES GAROTOS QUE MANTÉM ACESO, EM MUITA GENTE, O TESÃO PELO SURF, INSTIGAM PROFISSIONAIS A SE DEDICAREM MAIS, TRAZEM BOAS LEMBRANÇAS AOS QUE JÁ NÃO PEGAM MAIS ONDAS E, MAIS DO QUE ISSO, SE OCUPAM EM RETRATAR UM DOS ESPORTES MAIS PLÁSTICOS E SENSACIONAIS DO MUNDO. UMA ARTE DIFÍCIL E QUE REQUER MUITA TÉCNICA, ALÉM DE PREPARO FÍSICO E PELE RESISTENTE AO SOL, PARA CONGELAR MOMENTOS DO ÚNICO ESPORTE EM QUE PISTA, ATLETA E VEÍCULO SE MOVEM SIMULTÂNEAMENTE EM VELOCIDADES DIFERENTES.

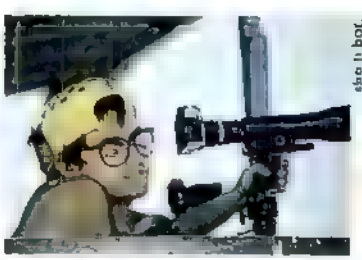


EQUIPAMENTO:
Câmera Praktica
Teleobjetiva Novoflex
400mm

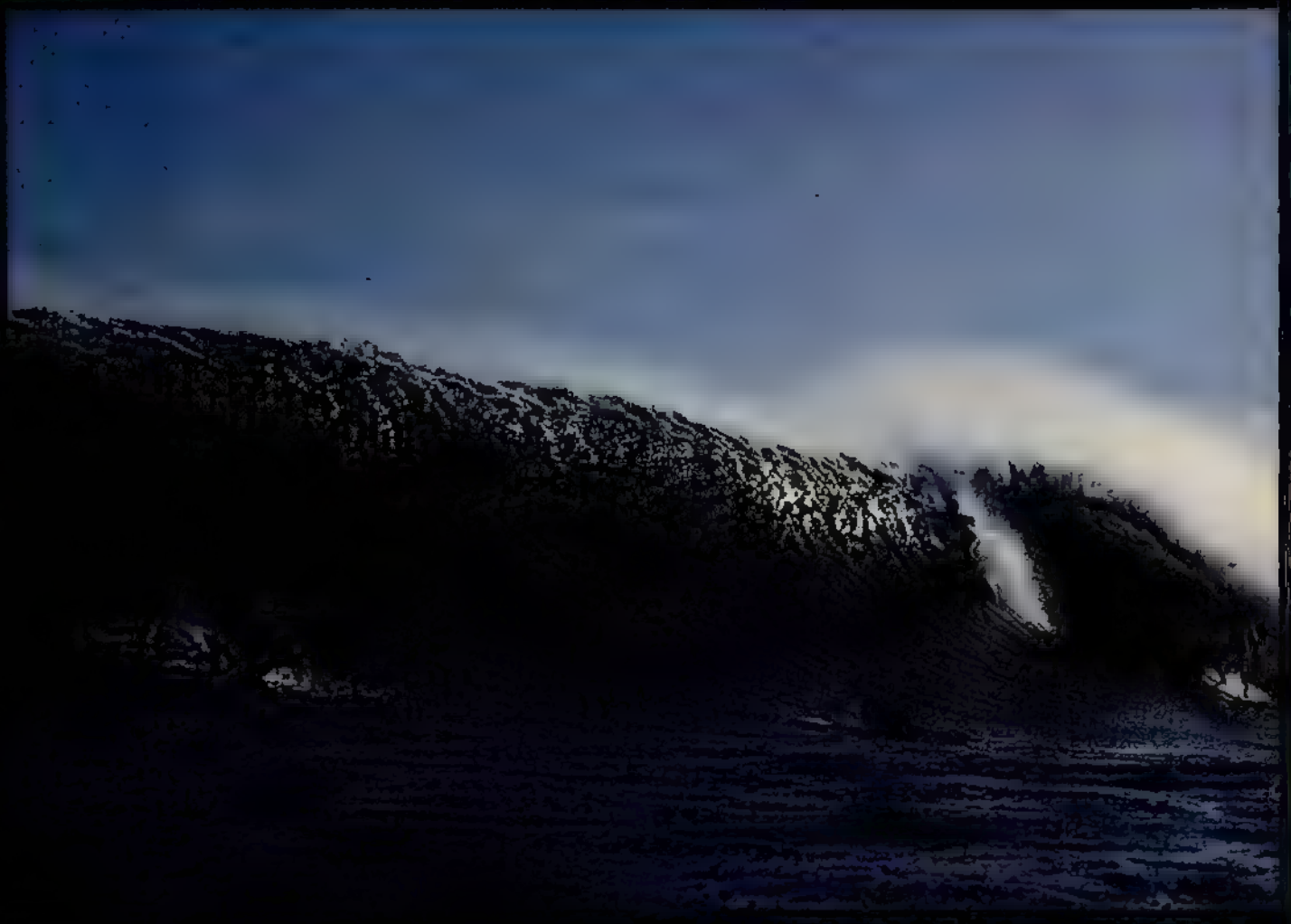
EQUIPAMENTO AQUÁTICO:
Câmera Nikonos IV A;
Objetivas 35mm e 80mm

GREGÓRIO STUCKGOLD

Há cerca de dois anos, sofreu um acidente ficando impossibilitado de entrar n'água por algum tempo. Começou a fotografar para manter-se próximo ao mar. Depois de algum tempo, incentivado por alguns amigos e por um editor, passou a trabalhar com equipamento aquático. Atualmente, Gregório vem se especializando no body board, um esporte que proporciona momentos de grande plasticidade.



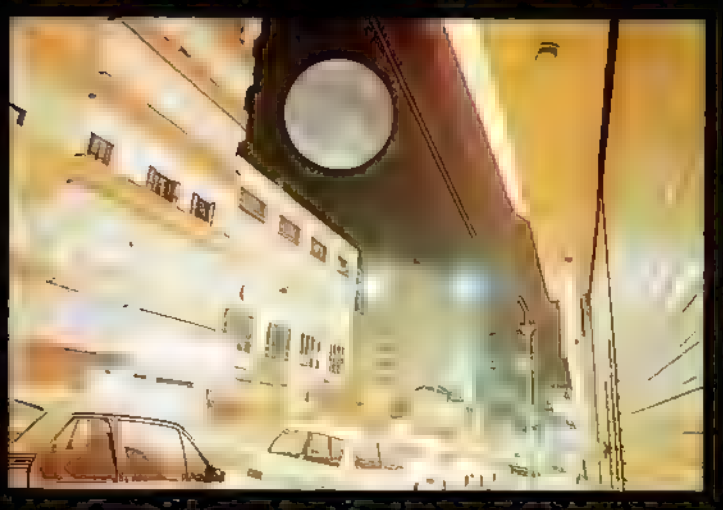
ANDRÉ REICHMANN



Paulista, nasceu em julho de 1963. Surfando no Guarujá - SP, André começou a fotografar surf em 84 e, como a maioria dos fotógrafos de surf, encontrou seus primeiros clientes dentro d'água: os próprios surfistas.

Atualmente cursando o 4º ano de Medicina, tem demonstrado, constantemente, a preferência por montagens e composições por linhas, movimentos e cores. Suas fotos dentro d'água tem marca registrada: foco e cor pura além do momento exato.

ARNOUX - LITORAL NORTE - S.P.



EQUIPAMENTO:
Caixa Estanque acrílica Ron Barbish Photographis Support Systems com equipamento Nikon FE 2 e lente 24mm.

MARCELO LAXE

Praticou natação desde os oito anos de idade e por volta de 1974 começou a pegar ondas.
Como a maioria dos fotógrafos de surf, começou a sentir a necessidade de congelar os momentos alucinantes que passavam diante

RECIFE - PE - 85

dos seus olhos n'água.
As primeiras experiências foram com uma caixa de acrílico feita em casa, que continha uma pequena câmera KODAK INSTAMATIC.
Hoje, Marcelo se utiliza dos mais sofisticados equipamentos de água, o que lhe possibilita expandir cada vez mais seu talento. Recentemente conseguiu o 1º lugar num concurso de fotos esportivas realizado pela Curt, comprovando estar hoje entre os melhores profissionais de foto esportiva no Brasil.

haroldo nogueira

MOABI - PRAIA DO FRANCÊS - AL - 85

EQUIPAMENTO:
Câmera Canon AE 1; Nikon
FE 2; objetivas: 24mm; 80-
200mm; Flash Sunpak 522;
Caixa estanque acrílica Ron
Barbish

ÁTILA SBRUZZI

Fotografa surf há seis anos dos dez anos que tem se dedicado à fotografia. É catarinense, 25 anos, formado em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina, e há três trabalha profissionalmente como editor fotográfico da Revista Inside Surf.

EQUIPAMENTO:
Corpo Konica FS-1; jogo de lentes Konica (28, 50 e ZOOM 70/150mm); teleobjetiva Tamron 500mm F 8 (Catadióptica); teleobjetiva Century 650mm f.6.8; Flash Mirage PRO/550; Tripé Rollei; Corpo Nikonos III; lentes 35-80mm.

LUIZ NEGUINHO - PERU - 86

Participou de exposições e teve vários trabalhos publicados em jornais e revistas brasileiras. Começou registrando paisagens e animais; depois, no estúdio, modelos e produtos, e mais tarde os esportes, principalmente o surf. Seu trabalho tem se desenvolvido junto ao crescimento deste esporte na região sul do país onde é correspondente da TRIP.

...Tudo é...FUN...

ernesto baldon

FUN

WATER SPORTS

RUA CONDE DE BONFIM 615 - LOJA 115
CEP 20520 - RIO DE JANEIRO
TEL.. 571-5648

R MALDONADO

MAD RATS

a 1º no Brasil a produzir calçados para esportes radicais, atinge hoje, após quatro anos de experiências, a máxima qualidade em tênis.

Na montagem tudo é feito manualmente, usando-se apenas "borracha legítma", lona de 1ª qualidade e a inovação da borracha lonada que reforça toda a volta do tênis; tudo isso submetido a um processo de vulcanização a alta temperatura. Todos esses pontos fazem do nosso produto o mais confortável e mais resistentes do Mercado.

MAD RATS, fabricado e aprovado por quem o usa.

PARA OS

RADICAIS

SP (011) 211-5678
RJ (021) 245-7215
RS (0512) 63-9673
SC (0482) 23-2116
ES (027) 225-5944

FAÇA SEU CORPO VIRAR SOL.

Haroldo Nogueira - Marcas & Loxas

PRONTA ENTREGA: Rua Tuim, 485 - Moema -
Tel.: 542-7171 e 533-2748 - CEP 04514 - S P.

REPRESENTANTES MG (041) 337-0085 RS (0512) 27 2332 - SC (0482) 44 8239 -
RJ (021) 287 4290 ES (027) 227 4407 PE (081) 228-4944 -
BA (071) 235-0607 MT (067) 386 4272 PR (041) 223-8986

MUITOS EUROPEUS CONTINUAM ACHANDO, ATÉ HOJE, QUE A CAPITAL DO BRASIL É BUENOS AIRES. MAIS QUE ISSO, ACREDITAM QUE AQUI É A TERRA DAS ARARAS (COITADAS DAS ARARAS...)

OTÁVIO RODRIGUES

a maioria comete, ainda, um erro parecido com esse de chamar Buenos Aires de capital do Brasil. Imaginam logo uma tribo aos berros, pinturas tambores. Tsc, tsc... erram mesmo. É feio. Movidos po muitos continuam passando à margem de nomes contemporanea aporcada por Gil, Paralamas do Sucesso, Djavan, barriga rapidinho.

apanhar diria Herbert Vianna importantes, as distribuidoras, lojas e ate as

E DE MUITO ÍNDIO. A ÁFRICA, OUTRO PRATO CHEIO PARA AS SUPOSIÇÕES RÚSTICAS DO PRIMEIRO MUNDO, VEM DERRUBANDO TUDO ISSO COM UMA FERRAMENTA MUITO ANTIGA!

V K A

discogram

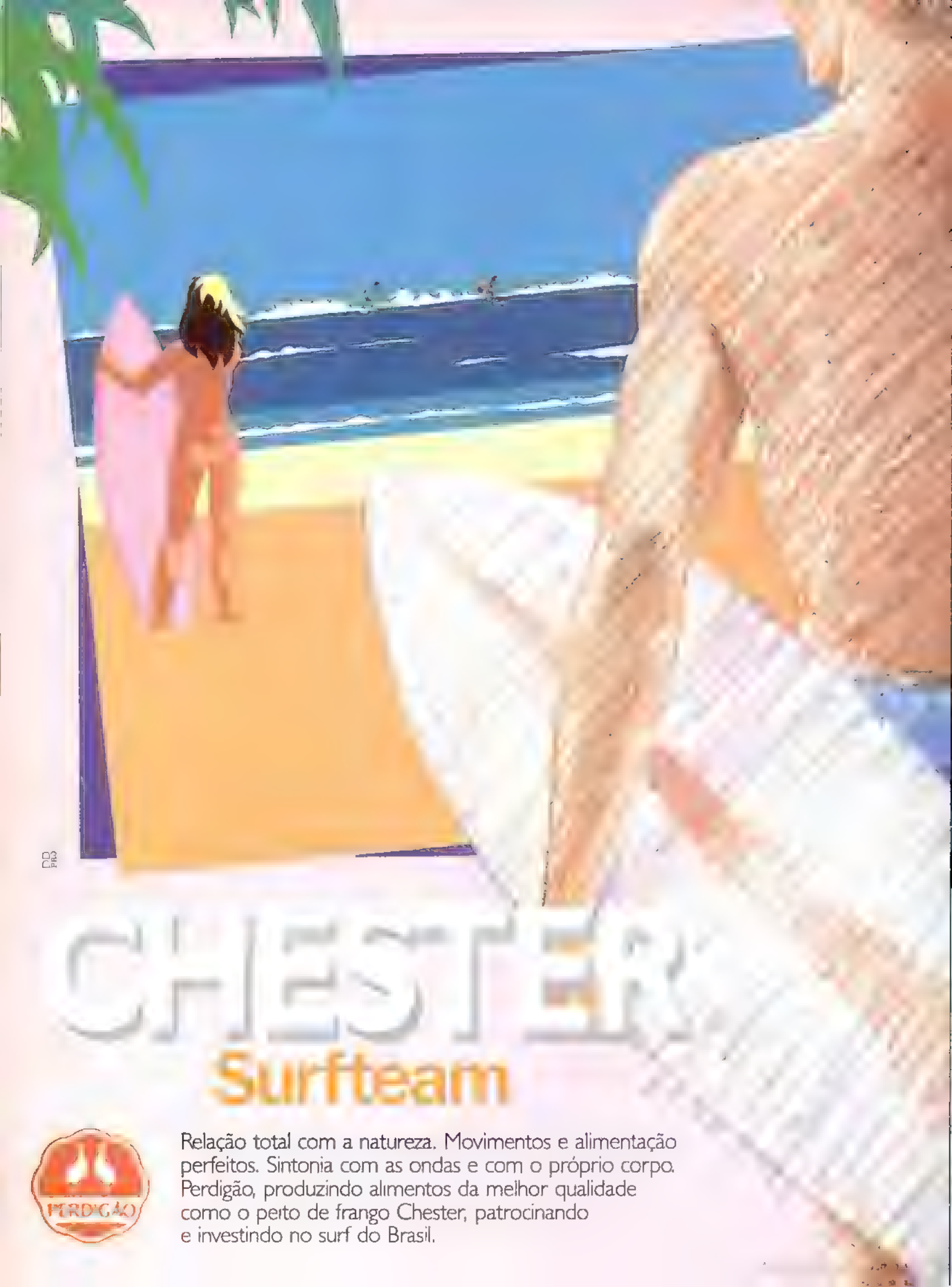
residências de muitos artistas africanos. Nas frentes de batalha, alguns dos mais importantes [illegible] do disco [illegible] Blackwell (Island) [illegible] Bill Laswell (esse aí está em [illegible]). E que o mundo se [illegible] melhor vai ir agora.

As referências da música africana no Brasil são [illegible] e meio antigas. Quem sabe um Mani [illegible] (aquele do "Soul Makossa") [illegible] Osibisa, de Gana, com discos fora de catálogo há anos [illegible] A saída: discos importados. Um recurso dispendioso, que as gravadoras [illegible] aqui na Sarneylândia poderiam evitar.

Não há ouvidos, corações e músculos que resistam ao juju de King Sunny Ade ou Ebenezer Obey, um som poético, [illegible] Pauladas? Fique com o afrobeat de Fela Anikulapo Kuti, herói vivo na Nigéria, [illegible] que está preso em seu país desde 1984. Ou então mergulhe nos trapês [illegible] de Feso Trombone. Olawaiye [illegible] black [illegible] nenhum por defeito. Segure a mística com a hora mágica de Mory Kanté ou Foday Musa Sosoe, garanta seu lado brega com Fidèle Zizi ou com a carismática Sheila Chandra. Quem sem costela no Caribe, nem bate cabeça. Toure Kunda (um dos maiores sucessos, hoje, na Europa) [illegible] Alpha Blondy (da Costa do Marfim, [illegible] com os Wailers e tudo).

[illegible]

Num país como o Brasil [illegible] população é negra [illegible] diretamente influenciados [illegible] música de toda essa [illegible] há muito tempo. [illegible] coisas não cumprem [illegible] desconfiar. Lutar contra, despir-se dos [illegible] europeizados e americanizados que [illegible] solta, é mais que bom. É [illegible] pura.



Relação total com a natureza. Movimentos e alimentação perfeitos. Sintonia com as ondas e com o próprio corpo. Perdigão, produzindo alimentos da melhor qualidade como o peito de frango Chester, patrocinando e investindo no surf do Brasil.

1º Circuito Profissional de Surf Fico
Fico É O CANAL
Campeonato em 5 etapas
Válido pelo Ranking profissional Paulista
Organização: A.P.S.
(Associaçao Profissional de Surf de São Paulo)
Premiação em todas as etapas (em dinheiro)
Colaboradores do Campeonato
Relogio- Champion
Sobratur Turismo
Forenza- Tecidos
Apoio
Revista- Fluir
Rád'o e Jornal A Tribuna de Santos
Guarutur
No final do Campeonato, os três surfistas que obtiverem maior pontuação receberão passagens aereas para o Havai e África do Sul
Fico Sportswear
Loja e pronta-entrega
Av. Sumaré, 1.888 – Tel.: (011) 263-4168
Fico Ind. e Com. de Artigos Esportivos
Rua Javaés, 437 – Tel.: (011) 221-1132
Representantes:
Porto Alegre (Eduardo) – Tel.: (0512) 21-8687; Curitiba (Francisco) – Tels.: (041) 234-0688 – 234-0668; Rio de Janeiro (Paulo) – Tel.: (021) 245-7215; São Paulo (Dito) – Tel.: (011) 221-1132; Bahia (Yanara/Cristina) – Tel.: (071) 235-9281; Pernambuco (Mauricio) – Tel.: (081) 326-4538 Interior SP (Marcos) – Tel.: (011) 263-4168 Santa Catarina (Miguel) – Tel.: (0482) 44-8239
Fico

um

No mar, na praia, no asfalto, no elevador, no campo,
no vestiário, no ar, no lar, na festa, na ressaca, no tubo, no cano,
no mato, e em todos os etcs que você puder inventar.

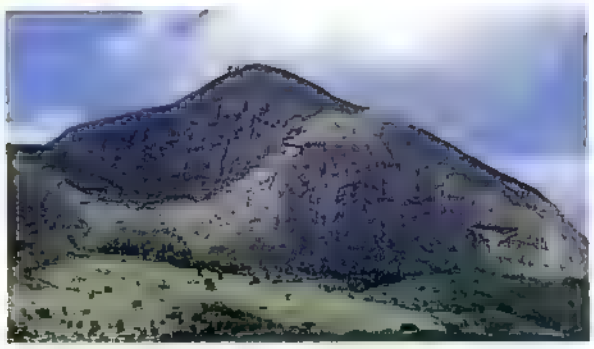
arraso

Nativas

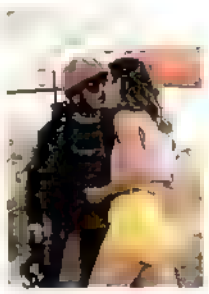
Rua dos Chanés, 234 Esquina com Jurupis CEP 04087 Moema São Paulo Fones: (011) 530 1002 240 6323

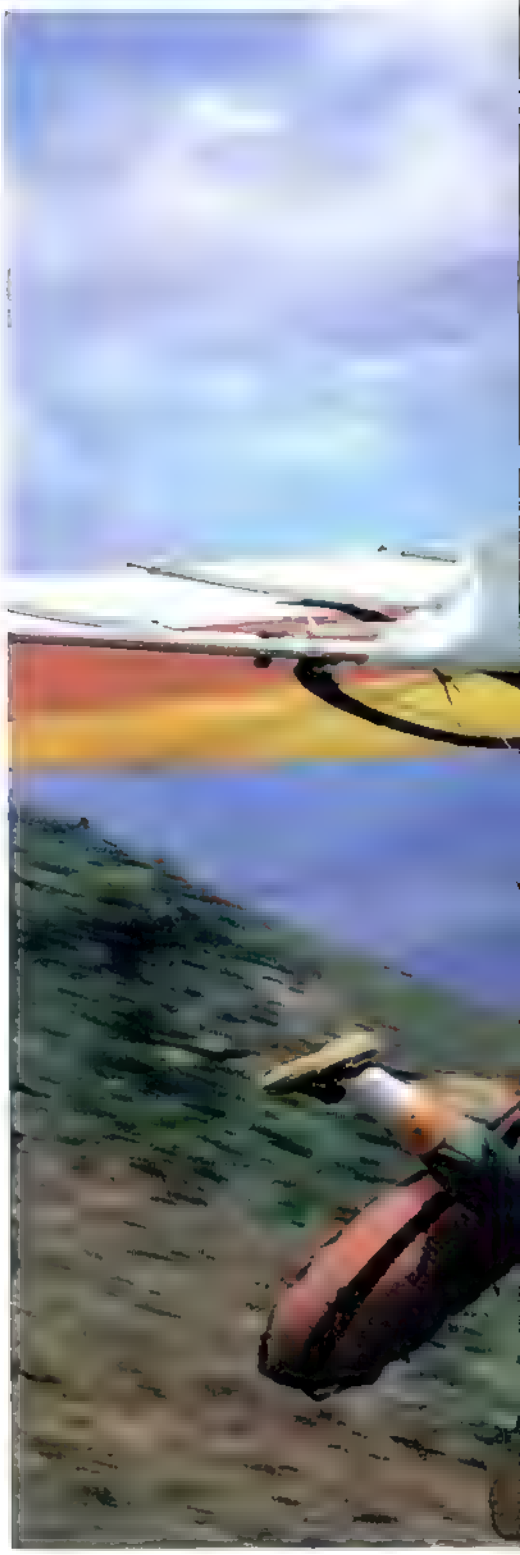
VÔO LIVRE

Governador Valadares, MG, confirmou seu potencial nesta primeira etapa do Campeonato Brasileiro de Vôo Livre



realizado de 22 a 30 de março de 1986. Nos dias que antecediam o campeonato o clima de competição já pairava sobre a cidade que estava pronta para receber os melhores pilotos do Brasil. Sem dúvida uma coisa não saia da cabeça de cada um dos concorrentes. O recorde brasileiro de distância (142 Km, Atibaia, SP) não era quebrado há mais de um ano e meio.





Acima à direita: GO FOR IT! Decisão total e tração muscular para a decolagem perfeita. Formiga. À esquerda: o pico de Ibituruna é considerado pela maioria dos pilotos como o melhor point de voo livre do Brasil. Abaixo, à esquerda: amenizando a adrenalina do momento que antecede a decolagem.

texto

LUIZ ROBERTO DE MORAES, "FORMIGA"

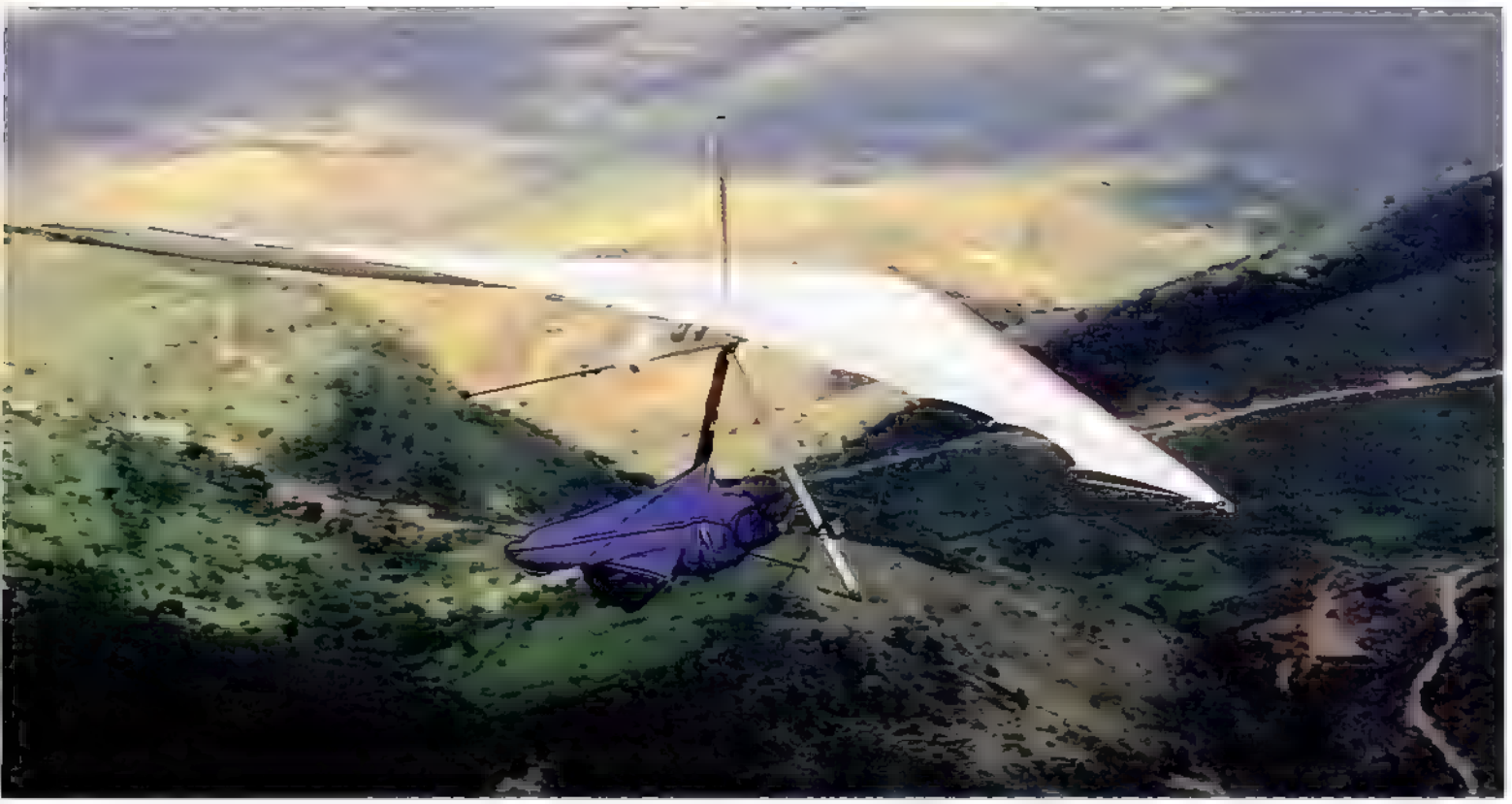
fotos

SHOITI HORI

Com o aprimoramento do nível técnico e equipamentos, os pilotos realmente teriam chances de quebrá-lo. Uma vez voando em um excelente local e com 73 pilotos a probabilidade de quebrar o recorde de distância aumentou enormemente, desde que em grupo é bem mais fácil saber onde está a melhor condição térmica.

A decolagem está situada no pico de Ibituruna, que na língua dos ferozes índios Botocudos quer dizer nuvem preta, nome devido à constante nuvem cúmulus que fica ancorada sobre a magnífica montanha. Contrastando com a paisagem característica da região, predominantemente de morros baixos, essa montanha de 950 mts. de desnível proporciona a térmica localizada mais forte do Brasil, que já fez muitos pilotos passarem por sustos e adrenalina violentos. Tendo ganho o morro e chegando à base da nuvem começa a viagem, o delírio e o prazer de voar longas distâncias.

As provas eram de 4 tipos: 1º - Cross Country, distância livre; 2º - Goal, distância com local de pouso definido e marcação de tempo, assim o primeiro que chega é o vencedor do dia (103 Km); 3º -Triangulação, três pontos de contorno, definidos no mapa, que devem ser registrados por fotografia, também vence o primeiro que chega e 4º - Ida e Volta, o nome da prova já diz, porém havia apenas um ponto de contorno que deveria ser registrado por foto



Quem não concluísse o objetivo completo das provas de goal, triangulação e ida e volta, receberia a pontuação de acordo com a performance dos demais pilotos. Isso quer dizer que não adianta ser o melhor piloto em um dia, tem que ser constante. Todos os dias deve-se voar bem para não sair da média.

Dependendo das condições uma comissão técnica escolhia o tipo de prova do dia. No desenrolar da competição os vôos foram melhorando e logo no 2º dia seis pilotos fizeram 100 Km, que "era" uma marca mágica. Logo no 3º dia o tão falado recorde era quebrado em um vôo de 148 Km, por três pilotos: Pedrão, Tuffy e Alex Silveira. Apesar de ter perdido o título de recordista, não me deixei abalar, desde que o compeonato estava rolando e ainda havia muito a ser voado.

No 4º dia de competição o clima era de festa pelo novo recorde e de concentração também, pois a condição estava excelente prometendo muito. Durante o vôo todos estavam de olho nas 100 milhas (166 Km) e desta vez ninguém esperava para ver como rendia o companheiro. Cada piloto, principalmente os da primeira leva, que estavam ponteando, só queriam saber de "voar no pau," praticamente ignorando a tática de seus concorrentes. O negócio era velocidade.
Esse é o espírito do cross country. Pilotos como Ike, Pepê, Carlinho e Platino, com os quais voei no primeiro time durante a maior parte do tempo, voaram da forma mais radical possível, investindo em lugares que só de pensar em chegar perto dava medo. No quilômetro 130 carimbamos o passaporte da quebra das 100 milhas. Foi quando chegamos à base da primeira nuvem de uma estrada de nuvens, que seguia por um caminho incrivelmente cabuloso e visual, sobre uma cadeia de montanhas que, cada vez mais, se afastava do asfalto e das mordomias.

Neste "cloud street" pudemos aumentar mais ainda nossas velocidades. Platino, que já havia investido em outro lugar, ao nos ver nas nuvens, voltou e seguiu conosco. Pepê tinha atitudes radicais nas quais sua garra, mais uma vez, prevaleceu.

Quando o sol somente iluminava os picos das montanhas com os vales sombreados, chegamos ao fim do "cloud street" sabendo que havíamos estrondado as 100 milhas. Tínhamos batido o recorde sul-americano que para efeito de homologação ficou com cinco pilotos, que voaram 192,5 Km: Carlinhos Niemeyer, RJ; Paulo Platino, RJ; Pepê, RJ; Beto Schmitz, RS e eu, Formiga, SP.

O regulamento de vôo livre, nas provas de distância livre, estipula que somente serão considerados os pousos com diferença superior a 2 Km de distância. Assim sendo, os cinco pilotos citados acima tiveram suas marcas igualadas e homologadas e as pequenas diferenças verificadas não representaram superioridade técnica ou moral quanto à performance individual. Não podemos esquecer de marcas como as de Ike, Alexandre Silveira e Nenê, que chegaram lá e moralmente fizeram o vôo do recorde.

O campeonato não parou por aí e mais dias de competição viriam. Apesar de não ocorrerem marcas superiores a 100 milhas, percebia-se que o campeonato não era brincadeira. Durante 4 dias a duração mínima de cada vôo foi de 5 horas, o que associado ao calor e ao sol, consumia tanta energia quanto uma maratona. Assim, pela falta de preparo físico muita gente deixou de mostrar serviço.

Quanto a equipamentos, vale a pena ressaltar a performance das asas Magic e GV (nacional e vencedora) com geometria variável, onde tem-se uma espécie de marcha que muda as características da asa. O uso do rádio também auxiliou, principalmente na hora do resgate do pessoal. O atual sistema de resgate precisa ser melhorado, desde que foi completamente deficiente. Chega de pilotos viajando junto com as asas no caminhão, está na hora de arrumar um ônibus para os pilotos que acompanhe o caminhão com as asas. Alguns pilotos também precisam adquirir mais idoneidade e seriedade, acabando com essa marcação

irregular de seus vôos.

Para se ter uma idéia da evolução das provas de cross country nas etapas de Governador Valadares, va e ressaltar que em 1985, em 7 dias de competição do tipo distância livre, a média diária dos 10 primeiros colocados foi de 67,24 Km/dia e em 1986, em apenas 3 dias dessa modalidade a média diária dos 10 primeiros pilotos subiu para 143,76 Km, marca superior ao recorde brasileiro anterior de 142 Km.

Em relação ao nível do campeonato todos esses pontos são desprezíveis. Parabéns a Governador Valadares e obrigado pela chance para a realização de um sonho, sem sair do Brasil: Voar as 100 milhas!

Na outra página: o piloto paulista Cacá vem desenvolvendo e testando novos modelos de asas como a GV nacional.

1ª ETAPA DO CAMPEONATO BRASILEIRO DE VÔO LIVRE '86

	PILOTO	UF	PATROCÍNIO	ASA	PONTOS
1°	Paulo do Nascimento Coelho	RJ	Sabão Platino/Pepê	GV	1348
2°	Alexandre Silveira	RJ	Delta Racaves	Magic IV	1344
3°	Geraldo Nobre	RJ	Porta do Sol	GV-177	1324
4°	Luiz O. Graça Couto (Vavado)	RJ	Sky System	Magic	1301
5°	Pedro Luiz Guimarães	RJ	Óticas Universo	Magic IV	1287
6°	Carlos Alberto Schmitz	RS		Magic V	1269
7°	Luiz Roberto Moraes (Formiga)	SP	Ocean Pacific	GV 166	1262
8°	Eduardo N. Coelho (Alpine)	RJ	Sabão Itabira/Hotel Esco	Vega	1260
9°	Renato Coutinho Frossard	RJ	Óticas Universo	Magic	1236
10°	Alvaro F. Sandoli (Nenê)	SP	Stanley	GV	1233

A fábrica de sabão Platino investiu forte no piloto Paulo Coelho do RJ e não deu outra. Na foto Paulinho Platino quase leva nossa teleobjetiva na decolagem para o vôo que lhe valeu o recorde brasileiro e o 1º lugar na etapa de Governador Valadares, MG. Na foto menor recebe o troféu das mãos do prefeito Ronaldo Perim.

O skate existe como esporte desde quando alguns surfistas de Santa Bárbara, Califórnia, procuraram com um par de patins fixo sob uma tábua de ski cortada, suprir as emoções do surf, ausentes nas épocas de calmaria no mar. O crescimento do esporte, na época mais moda que qualquer outra coisa, foi estrondoso. Mas, como toda moda, passou, primeiro sufocado pela onda de patins e depois pelas bicycross.
Acontece que tanto no exterior quanto no país tropical, alguns atletas persistiram e não deixaram o esporte morrer, batalhando pistas, campeonatos, rampas na periferia, clubes e associações.
O esporte ressurgiu das cinzas com força total primeiro nos Estados Unidos, muito associado ao fortalecimento da música punk e hardcore, cuja batalha por romper padrões e conquistar espaços encontrou forte aliado no skate. Basta dizer que grupos como Dead Kennedy's, Black Flag, The Faction são ou foram skate-punks.
Hoje muitas bicycross foram deixadas de lado ou trocadas por um skate, que já conta no Brasil com duas revistas especializadas, várias fábricas produzindo inúmeros modelos para street, freestyle e vertical e um mercado que cresce verticalmente. No exterior o esporte atinge um grau de profissionalismo tal que sustenta profissionais que ganham 4 a 5 mil dólares por mês de seus vários patrocinadores.
Esses profissionais ditam à comunidade skatista do mundo inteiro, além de padrões de vestimenta, musicais, visuais, as manobras mais complexas e as evoluções dos equipamentos.
Esse grupo fechado de superstars se reúne todo ano na Europa, onde rola, organizado pelos próprios skatistas, um encontro internacional de "skaters" que definirá os padrões de comportamento, auges e recordes a serem superados durante o ano. Esse encontro tem um nome:

Carsten Pingel (Alemanha), session noturna em Bourges. À esquerda: visual de uma pista na Europa.

texto *fotos* DANIEL BOURQUI

Lance Mountain, o instrutor favorito dos acampantes na Suècia. À direita: a rampa de St. Geneviève em Paris.

Os últimos dias desta semana são dedicados ao Camp. Recebemos telefonemas 24 horas por dia. Inscrições, passagens aéreas dos Pros, etc... etc... Depois de 3 dias de atraso Mike McGill chega e vamos busca-lo no aeroporto. Christian com um pé quebrado. McGill cansado da viagem acaba sendo o motorista para os 250 Km até Bourges, cidade onde será realizado o Camp. Na auto-estrada, a 160 Km/h, sou ultrapassado várias vezes.

BERICHON SKATECAMP

A idéia de fazer um Summer Camp francês surgiu há 2 anos. Até então só estávamos discutindo hipóteses. Foi apenas em Dezembro de 84, quando fui eleito Vice-Presidente da Federação que pude lançar a idéia na prática. Nossa idéia inicial era cobrir as despesas (incluindo as passagens aéreas dos Pros) apenas com a taxa de inscrição (220 dólares por 3 semanas). No fim acabamos recebendo verbas da Federação e da cidade de Bourges. Contatamos Per Welinder, Kevin Staab e Mike McGill. Eles concordaram em ser os treinadores do Camp.

"É difícil organizar um Camp. Estou sempre correndo e raramente tenho tempo para participar das sessions. Mas vale a pena. Cada semana temos 35 skatistas vindos de diversas partes do mundo." (Nicholas Malinowsky, skatista e principal organizador do Camp).

Sessions intensas acontecem nos primeiros 3 dias do Camp em Bourges. No 4º dia, cansaço geral. Ninguém está

Acima: O incrível Tony Hawk em bio backside ollie. À esquerda acima: o autor em backside air. Box à esquerda: entrada para as catacumbas; à direita: o crânio que Français levou de recordação.

SUBTERRÂNEOS PARISIENSES

A noite em Paris um programa diferente: visita aos labirintos subterrâneos de Paris (uma atração não turística, proibida por lei). Estes corredores subterrâneos foram construídos para a escavação de pedras durante a construção da cidade. Mais tarde foram usados como catacumbas e durante a guerra como abrigos antiaéreos como é o caso do Bunker nazista da GESTAPO (onde ainda se encontram vestígios das salas de tortura). Guiados por François (o skatista possuído do mapa dos corredores), andamos no escuro durante 4 horas e encontramos todo tipo de coisa. Numa sala conhecida como "A Praia" membros do gang "The Rats" fazem castelos de areia. Nas catacumbas, estudantes de medicina e aventureiros escavam fêmures, tíbias e crânios humanos. O lugar é tão cavernoso, que as pessoas que encontramos são gentis trocando mapas e informações. No volta demoramos uma hora para chegar (achar?) a saída, o que nos deixa com o estômago frio. As quatro e meia da manhã chegamos à superfície. ALÍVIO!

cem e se instalam, sem intenção de pagar a inscrição. No mesma dia recebem o toque do monitor chefe. Paguem ou saiam! Eles se vão. Chega de vigiarmos nossos pertences.

Sexta-feira! Vamos a Estocolmo ver Rodney ganhar 100 dólares em duas horas de demonstrações. Tanto o público quanto os skatistas partem contentes. Rodney é realmente o melhor. O fim-de-semana traz alguns dos melhores suecos à rampa, incluindo heróis da antiga. Estes gritam um bocado durante as quedas: "Javlar! Varfor Kan Jag inte!!"

Rodney Mullen dá demonstrações em Estocolmo com Per Welinder. Os 2 melhores freestylers do mundo atroem um grande público à praça de Kingsgarden. Nunca vi tantas loiras reunidas em um só lugar.

Durante a semana ocorre um leilão. Equipamentos novos e usados são vendidos a preço de banana. Tony Hawk compra um pacote surpresa por meio dólar. O conteúdo é a meia usada de Florian da Alemanha. Mais tarde Florian compra um pacote contendo ... ar, por um dólar.

O dinamarquês Nicky Gerrard, líder dos campeonatos europeus. À direita, acima: esta é a aparência de um cacto de instrutores do [illegible]. Abaixo: Mullen e Welinder, os 2 melhores freestylers.

O inédito andrecht eggplant (ou eggdrecht), inventado pelo sueco Slappe. À esquerda, acima, Lance e Tony sempre dispostos a tudo; abaixo, Joachim Schultz o inventor do yoyo plant.

Keep 'N Touch !!

TENIS
JT Racing Brazil
VULCANIZADO

Escritório e Fábrica:
(011) 872-8543 - 65-0549
Representantes para o Brasil
RS/SC - Henrique - (0512) 95-4362
BA - Tito - (071) 248-2050
RJ - Rubens - (021) 329-6967

Produtos feitos com a qualidade
omega s.a.
artefatos de borracha

Tecnologia em Vulcanização
QUIMISINOS

JT Racing Brazil

Ma er al chroniony prawem autorskim

VERÃO QUENTE
Planeta
211.6426 - 813.5542 - S.P.

A SENSAÇÃO É O GÁS

SKYDIVE

LOUCURA! . É ISSO QUE TODO MUNDO PENSA QUANDO SE FALA EM PARAQUEDISMO. O GRANDE TERROR É O SEGUINTE: E SE O PARAQUEDAS NÃO ABRIR?". AS PESSOAS LOGO IMAGINAM AQUELES EQUIPAMENTOS MILITARES ENORMES E PESADOS DO TIPO FILME DE ESPIONAGEM, OU PARAQUEDISTAS DE MACACAO, BOTA E CAPACETE DE AVIADOR, CAINDO HEROICAMENTE POR CIMA DE CAMPOS, FLORESTAS OU LAGOS NUM BATIDO PARAQUEDAS REDONDO E VERDE.

"ESSE É O PARAQUEDISMO QUE A MAIORIA DAS PESSOAS IMAGINA. POUCOS SABEM QUE SKYDIVE, NA REALIDADE,PROPORCIONA AO CORPO MOMENTOS ALUCINANTES E DE MUITA TÉCNICA NO AR", DIZ WALTER RIBEIRO, DA EQUIPE MUITO VENTO;" É UMA SENSAÇÃO CHOCANTE".

O paraquedismo se divide basicamente em duas modalidades: o clássico e o chamado trabalho relativo (T.R.). O primeiro é o mais difundido entre os militares e se caracteriza por saltos individuais de precisão e estilo. Na precisão são usados paraquedas retangulares, mas de baixa velocidade ou performance e o paraquedista deve pousar o mais perto possível de uma "mosca" de 5 cm de diâmetro, dentro de um alvo. Já no estilo o paraquedista deve realizar em queda livre uma "série", que é composta de 360º à esquerda, depois à direita e um looping o mais rápido possível.

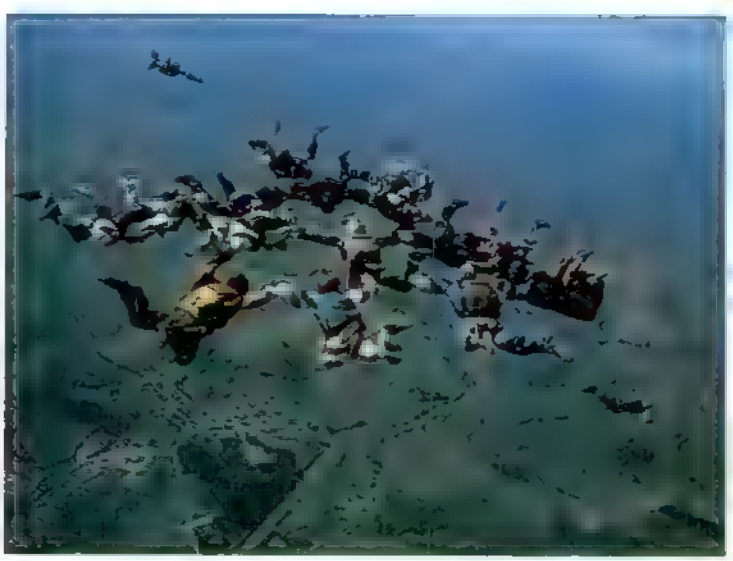
"Mas o paraquedismo clássico é considerado meio careta - o que o pessoal curte mesmo é o trabalho relativo (T.R.), onde são realizadas as formações de figuras em queda livre com número variado de pessoas, que pode ir de duas ou quatro até o record mundial de 99 paraquedistas", acrescenta Walter.

Também existe o trabalho relativo de velame (T.R.V.), que são formações realizadas com os paraquedas abertos. O equipamento utilizado no trabalho relativo é o mais leve e moderno que existe, custa por volta de US$ 2.000 e é sempre retangular. Os paraquedas redondos são coisa do passado: desconfortáveis e pesados eles ocupam muito lugar quando dobrados e são utilizados somente no início do treinamento de um paraquedista - até 50 saltos.

Esquerda: Sair de um avião a 160 Km /h é um impacto chocante. Esquerda, abaixo: O passageiro desfruta do salto duplo sem curso ou experiência anterior. Fidelis. Abaixo: A entrada em formações exige muita técnica de vôo e concentração.

Depoimento WALTER RIBEIRO

fotos JOSÉ PAPA



Bepo mostrando a "mosca", que é usada nos saltos de precisão.

Bepo fazendo a aproximação sobre o alvo de Boituva.

A dobragem deve ser feita com cuidado para que não ocorra nenhuma pane. Xina.

O ensaio no chão é essencial para que o salto dê certo. Equipe Muito Vento.

O pouso é suave e preciso. Walter Ribeiro.

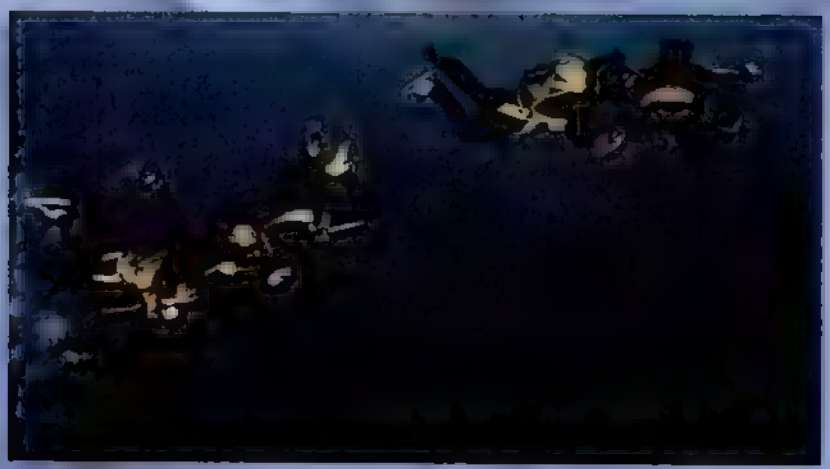
"No trabalho relativo são usados paraquedas super velozes (alta performance), que são os mais radicais. Além de desfrutar a viagem da queda-livre, pode-se arrepiar com manobras incríveis que este paraquedas permite", continua Walter, cuja equipe é a única que competiu nas duas modalidades (T.R. e T.R.V.) em dois campeonatos brasileiros.

COMPETIÇÕES

As competições de T.R. são chamadas de seqüencial e podem ser de quatro ou oito pessoas. O seqüencial é chamado assim porque os times ou equipes, devem realizar uma seqüencia pré-determinada de figuras.
Cada figura formada ganha um ponto. O time que consegue o maior número de pontos nos saltos das várias rodadas vence a prova.
Nas competições a altura dos saltos é de 9.500 pés (seqüencial de 4) com 35 segundos de trabalho e de 12.000 pés (seqüencial de 8) com 50 segundos de trabalho.
"Os saltos de seqüencial exigem muita concentração e harmonia da equipe, senão nada dá certo. É preciso coordenar o peso e a velocidade de todos os caras. Existem também os "fun jumps", que são saltos de T.R. com número variado de pessoas. E as às vezes saem voando para formar uma só figura. Este tipo de salto também exige muita técnica de vôo porque a pessoa deve entrar na hora e posição certa na formação", lembra Walter.
O próximo campeonato brasileiro de paraquedismo será realizado em São José dos Campos no CTA da Embraer e já tem 15 equipes inscritas nas modalidades: T.R. seqüencial de 4 e de 8 pessoas. Alí vão ser selecionadas as oito melhores equipes para treinar, com o avião da FAB, para o campeonato mundial de T.R. a ser realizado no Brasil no ano que vem.
Em São Paulo as principais áreas de saltos e clubes de paraquedismo com cursos e monitores estão concentrados em Campinas e Boituva, no interior do estado.
Como no paraquedismo não existe brevê, tudo depende do número de saltos, experiência e habilidade do paraquedista que passa da categoria A até a mais alta, E, utilizando sempre um equipamento de reserva junto ao corpo e um altímetro para o controle da altura para qualquer procedimento de emergência.

À esquerda: a saída. Momento dos mais emocionantes.

Centro: O vôo de dorso dá uma grande sensação de liberdade. À direita: Tonico em auto-retrato.
Abaixo: Muito vento, a única equipe brasileira que participa de campeonatos de "T.R." e "T.R.V."



EMOÇÃO DE VOAR

"Quando se fala em voar, vem logo na cabeça aquela sensação de liberdade. Agora quando se fala em voar só com o corpo essa sensação se torna indescritível. É um salto no vazio, onde em aproximadamente 10s se atinge a marca de 200 km/h. Com um simples movimento do corpo pode-se deslocar flutuar (perder velocidade), afundar horizontalmente no ar, fazer curvas, (ganhar velocidade), fazer o que quizer. Tudo isso caindo no maior GÁS, onde cada segundo parece uma eternidade"...

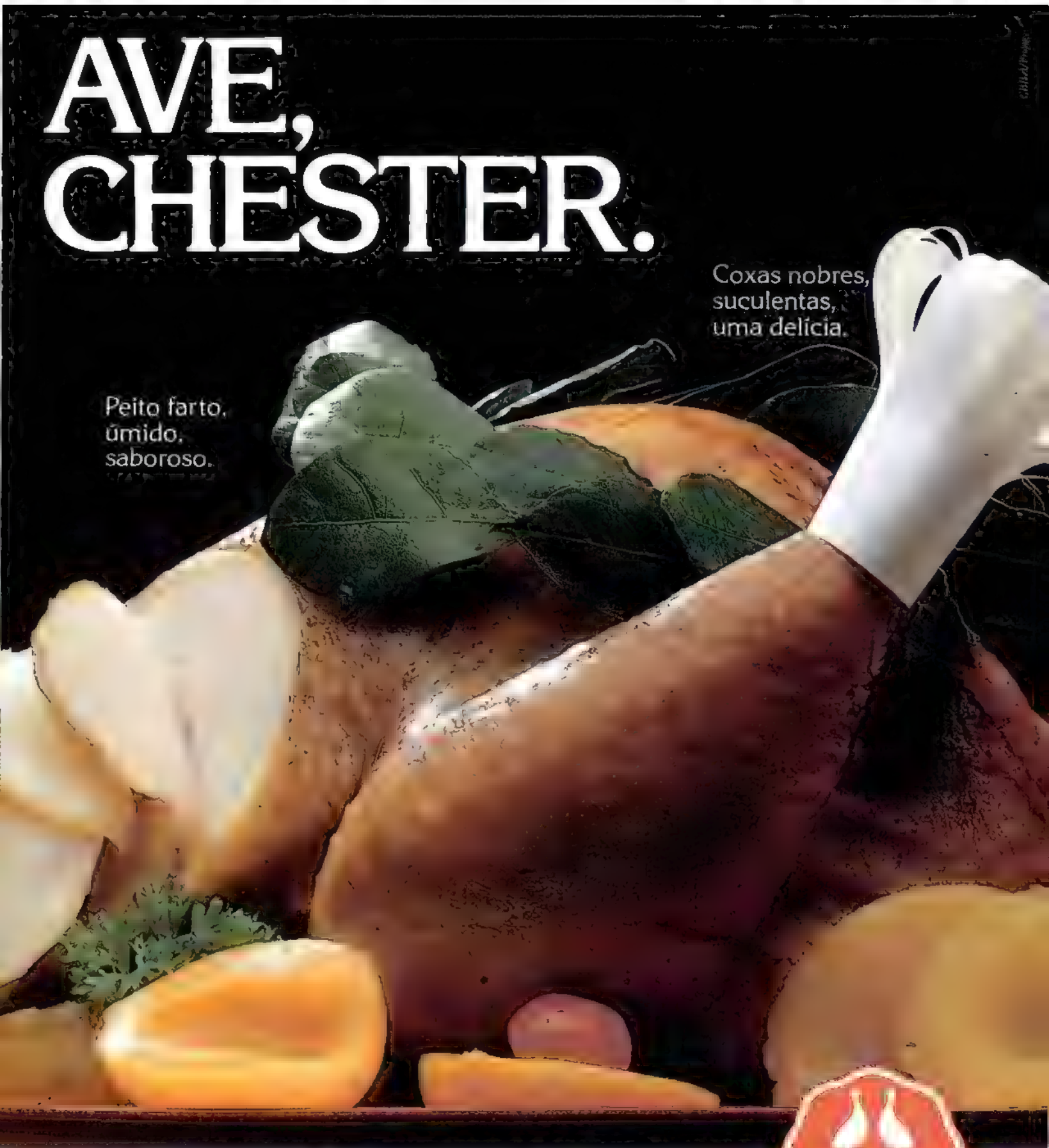
São Paulo - SP
R. Albuquerque Lins n.º 775 R. Maria Antônia
n.º 116 F. (011) 826-4288 R. Cunha
Gago n.º 97 F. (011) 813-7182/ Americana - SP
Av. Paschoal Ardito n.º 1093 F: (0194) 61-3600.
Bauru - SP Av. Duque de Caxias n.º 6-3
F: (0142) 23-4920/ Caraguatatuba - SP R. Alb
Arantes n.º 645 F: (0124) 22-5022 / Marília - SP
R. Prudente de Morais n.º 126 F: (0144) 33-4752
Taubaté - SP R. São José n.º 75 R. Dr. Souza
Alves n.º 559 F. (0122) 32-0143 / Fortaleza -
CE R. Monsenhor Taboza n.º 1001 Loja 08.
Itajubá - MG Av. Coronel Carneiro Junior n.º 334
F: (035) 622-2300 / Londrina - PR R. Sergipe
n.º 915 Loja C F: (0432) 22-2124/ Curitiba -
PR Av. Candido de Abreu n.º 127 Loja C A 62

Klasyczne chronony prawem autorskim

ESSENCE CLUB

REPRESENTANTES: PE (081) 221-2477 - CE (085) 221-1144 - BA (071) 241-3688 - RJ (021) 230-7621 - RS (0512) 21-9897 - MG (031) 334-7888 - PR (041) 224-9252 - SC (0482) 44-7979

AVE, CHESTER.



CHESTER .
70% PEITO E COXAS.

A carne é macia, leve, natural, com a mais nobre qualidade e o melhor sabor: a qualidade e o sabor Perdigão.

E como a nobreza é hereditária, você também encontra Chester na forma de salsicha, mortadela, lanche e em partes separadas: só peito, só coxa, só asa.

O QUE É CHESTER. O Chester da Perdigão é uma ave originária dos Estados Unidos, criada em Santa Catarina, nas mesmas condições de seu habitat natural.
A sua dieta alimentar, à base de soja e milho, resulta numa carne nobre e saborosa. Chester. Nobilis Avis. Perfectus per almoços et jantaribus.

PERDIGÃO

Só a Perdigão tem **CHESTER.**
Maiores informações, só mordendo.

PEPE ESCOBAR

FOI, DURANTE UM BOM TEMPO, SINÔNIMO DE PIXAÇÃO VIA JORNAIS E REVISTAS. NUMA ÉPOCA DE CENSURA E DE POUCA GENTE PENSANDO E/OU SE EXPRESSANDO COM CORAGEM, SUA CLAREZA, OBJETIVIDADE E NÍVEL DE INFORMAÇÃO, FIZERAM COM QUE FOSSE MITIFICADO NA RAZÃO DIRETA EM QUE GANHAVA INIMIGOS. HOJE MORANDO EM LONDRES, PEPE É MUITO MAIS UM OBSERVADOR QUE UM CRÍTICO, COLABORANDO COM ALGUMAS DAS POUCAS PUBLICAÇÕES E PERIÓDICOS INTERESSANTES DO BRASIL (HV, STATUS, PLAYBOY, VOGUE, AROUND, CADERNO 2 DO ESTADO DE SÃO PAULO, ETC...).

ARTHUR VERÍSSIMO E PAULO LIMA TIRARAM A REDOMA E FORAM ENTREVISTAR O ENTREVISTADOR, MOSTRANDO QUE POR TRÁS DOS CABELOS COMPRIDOS, BARBA POR FAZER E DO PESADO CASACO DE COURO PRETO ESTÁ UM CARA MAIS "CLEAN" DO QUE MUITO GAROTINHO DE PRAIA.

TRIP: O que você tem feito ultimamente com relação à música?
PEPE: Tenho ouvido basicamente música de preto, que é a única coisa audível. Depois que o punk deu no pós-yuppies, que tudo contra o que havia se revoltado voltou, através da indústria, só que em escala multimilionária e muito mais medíocre, a única coisa que sobra é o início da música negra americana, ritmos africanos, orientais, as raízes do rock'n'roll, soul music, blues, etc. Esta minha última viagem foi para ver o itinerário da música negra americana de 1920 até 1950, quando estourou o rock'n'roll: delta do Mississipi, New Orleans, subindo o rio até Memphis, Tenessee e Chicago, Detroit, as grandes capitais, e depois conseguiu chegar ao mundo inteiro.

TRIP: Pode-se dizer então que hoje você está muito mais voltado para a América do que para a Europa?
PEPE: A Europa acabou. A história da música inglêsa sumiu, desapareceu, virou um bando de produtores fazendo 500.000 samplers em mesas de 88 canais e inventam sons de estúdio, não tem mais criatividade nenhuma. tudo que eles fazem atualmente é chupar do mundo.

TRIP: Qual é então o caminho atual para a boa música?
PEPE: A música atualmente gira em torno de ouvir as raízes, quem tá por cima está recuperando as raízes. O Prince, por exemplo, pega o que o James Brown fazia há 30 anos e que as pessoas já esqueceram, e dá um molho de estúdio; o Bruce Springsteen diz que quando começou sua carreira era obrigado a tocar soul music nos bares senão não arrumava emprego e hoje ele dá um toque de estúdio no r y t h m ' n '
blues que existia no sul dos Estados Unidos nos anos 50, não é um som novo que eles fazem, é uma reciclagem. Então estamos na era do revival absoluto, um revival atrás do outro. Deveríamos nos preocupar com um outro modo de pensar o fim do século.

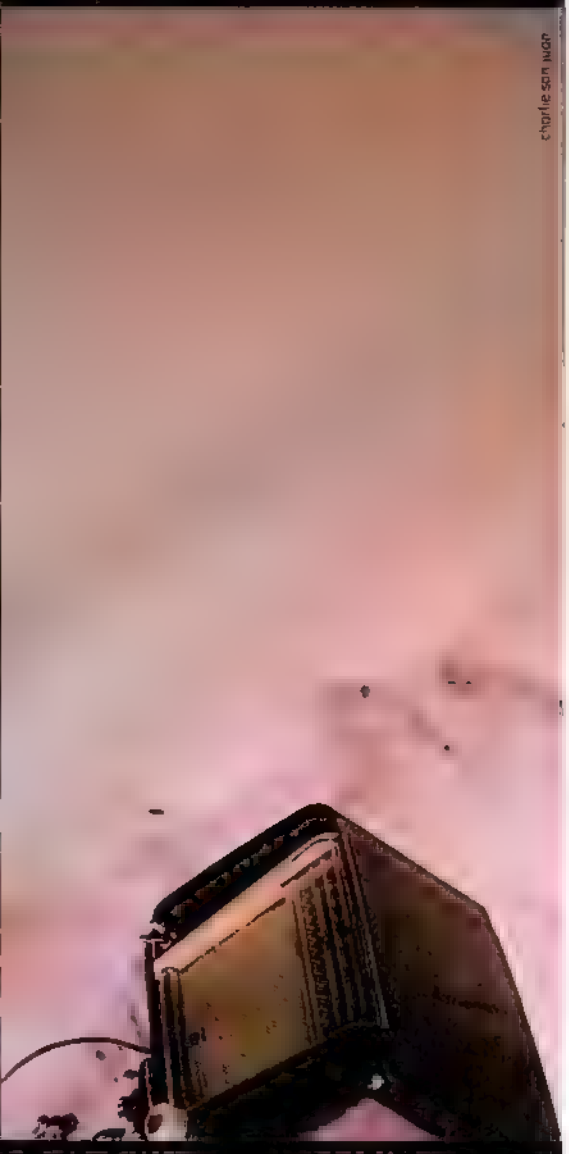
TRIP: Não tem ninguém no mundo todo fazendo isso?
PEPE: Sim, tem gente pesquisando. Por exemplo tem o Ryuichi Sakamoto no Japão que escuta música do mundo inteiro e regrava tudo com o toque japonês, com aquela sensibilidade oriental. Tem uma música dele que começa com reggae, passa prá samba, para calypso e termina em soul. Esse é o caminho. Em cinema as pessoas estão começando a usar a linguagem de vídeo clip, então eles

montam um filme de estrutura clássica como um clip. Mas ninguém tá chegando ainda nessa nova sensibilidade, ela está se espalhando pelo mundo, mas, no momento, está ocorrendo uma onda de mediocridade da indústria, gigantesca e impressionante.

TRIP: Você não acha que a aproximação do fim do século imprime na população e na humanidade uma certa pressa?
PEPE: Sim e isso você pode perceber pela velocidade dos revivals hoje. Antes os revivals se mediam por épocas e hoje se medem por semanas e às vezes por dias. Isso porque a indústria da mídia, que controla tudo isso, nos últimos 10 anos assumiu uma importância muito grande. Então o grande lance hoje no mundo é ser famoso, é a cultura da fama e da celebridade. O grande lance é você ser uma face imediatamente reconhecível e vendável em qualquer latitude, de Singapura até o ABC.

TRIP: Onde você está publicando suas matérias?
PEPE: Eu trabalho prá vários lugares, não adianta ficar num lugar só. A mídia no Brasil não dá certo, passei por vários lugares e vi que todos os grandes são ruins. Já passei pelos grandes jornais e revistas e não dá, tem um monte de gente bem estruturada, bem posicionada que acha que detém o saber ou o método de edição perfeito. É impossível lidar com esses caras pois são mal-informados, passam a vida inteira trancados numa redação achando que podem ditar regras sobre o que acontece no mundo, fabricando mitos e tendências no lugar de ir na rua ver o que acontece.

TRIP: Até que ponto esse meio social está tão habituado que necessita realmente de um foco disseminador de tendências e filosofias para continuar consumindo e vivendo?
PEPE: A cabeça média de um jornalista médio tem a ver com a média da população, ou seja, é bastante conservadora. É uma cabeça de classe média em ascenção, com valores como: sucesso, dinheiro, fama, etc. Então, por exemplo, quando uma revista inventa uma moda, não é uma moda, é uma coisa que acontece há



muito tempo e eles usam isso em benefício próprio. Escrevem um texto que padroniza uma linguagem, média, que standartiza tudo e o feeling não passa de jeito nenhum.

TRIP: Conta um pouco sobre essas entrevistas que você fez com o Sigue Sigue Sputinik, Robert Smith e outros.
PEPE: Fiz uma série de entrevistas: Robert Smith, Laurie Anderson, James Brown, Sigue Sigue Sputinik, Julian Temple, Alex Cox. O Sigue Sigue Sputinik é uma espécie de coroamento dessa grande sacanagem da indústria. É um grupo inventado por um cara que conhece toda a trama da indústria e disse "Vamos fazer um grupo prá ganhar milhões de dólares", na cara dura, no cinismo. Mas a grande entrevista foi com o John Lyndon. Ele é um dos poucos caras que consegue trabalhar no meio em benefício próprio.

John Lydon num pub, seu habitat, local da mais recente entrevista concedida ao PEPE.

TRIP: O que está acontecendo em Londres em casas noturnas e de espetáculos?
PEPE: Londres tem coisas para todos os públicos, locais para todas as tribos e outros onde todas as tribos se encontram. Se você está a fim de ouvir os undergrounds, os novos, os psicodélicos, as garage bands, por exemplo, pode ir ao Jean Pierre, no Soho. Lá as noites de sexta-feira acabam depois das seis da manhã, coisa que não existe em Londres pois tudo fecha às onze, com uma caravana de darks e ensandecidos dançando sem parar. Se você está a fim do melhor funk negro misturado com reggae deve ir a Brixton, bairro do sul de Londres, num lugar chamado The Frige. É um lugar incrível, completamente escuro, dentro de um cinema velho onde a iluminação são as telas de vídeo e os bigs joints dos jamaicanos. Lá rola também o melhor som: reggae, soul, anos 60, remix variados, funk. É o melhor lugar na Inglaterra. Quem for para o interior tem que ir obrigatoriamente ao The Hacienda, que é uma boite high tech.

TRIP: E em Nova Iorque?
PEPE: O melhor, por incrível que pareça, é um lugar completamente desconhecido que fica na King's Street, perto da chamada Alphabet City, East Village (famoso reduto junky novaiorquino). Esse lugar chamado Garage é um reduto negro onde não se pode entrar com drogas, bebidas ou armas, então as pessoas ficam na rua vendendo acessórios, toda sorte de especiarias, objetos variados, implementos, desde drogas até suco de laranja, cachorro quente, chiclete. As únicas coisas que tem dentro desse clube são grandes baldes com ponche e suco de laranja e umas mesas com bananas para a moçada se alimentar um pouco. Então todo mundo entra lá chutado. As regras da casa: primeiro antes de entrar você tem que comprar seus adereços: segundo, é um clube só de negros, então ou você entra com um negro ou passa por uma conversa com o cara da portaria; terceiro, tem que passar por um detetor de metais. Se você passar por tudo isso estará no melhor clube de música negra, talvez dos Estados Unidos inteiro. De música branca podemos citar ainda os velhos lugares, por exemplo o Botton Line, Lone Star e etc...

TRIP: Agora fala prá gente sobre Tokyo, Japão.
PEPE: Em Tokyo você tem que pegar o metrô e ir para um bairro chamado Roppongy. Se você está interessado em música, nesse bairro você vai achar a maior loja de discos do mundo, chamada Nave. É uma loja de dez andares, onde se encontra desde discos de Nelson Ned até a última banda de garagem que gravou em Papua, Nova Guiné. Em Roppongy também existem torres que são discotecas. Então você chega a uma torre de dez andares, pega o elevador e em cada andar tem uma discoteca com um tipo de som diferente, você vai subindo até chegar ao andar onde toca seu som. Tem de tudo: reggae, salsa, garage band, funk, música brasileira, o que você quiser ouvir.

TRIP: O que você viu em termos de tendências dos esportes em suas andanças pelos Estados Unidos?
PEPE: Vi skatistas prá cacête, um absurdo em qualquer lugar. Em Nova Iorque na rua você vai nuns buracos absurdos e tem skatistas. É impressionante.

TRIP: Como você vê o casamento dos esportes de ação com a boa música?
PEPE: Perfeito, porque o pessoal que faz surf e skate tem uma cabeça do cacête. É um dos grandes preconceitos da mídia. Um voador, um surfista, um cara que enfrenta o mar, o céu ou que enfrenta o próprio terreno sobre quatro rodinhas, tem uma cabeça que flúi, vôa, anda, não é uma coisas estática, está em movimento e isso se reflete no tipo de música que ele gosta. O pessoal do surf, por exemplo, não gosta de música blocada tipo heavy metal, soul ou funk mecanizado, mas sim de um som mais espaçado. Portanto não dá para dizer que esse pessoal não tem sensibilidade musical.

TUBS & CUTS

T&C

SURFBOARDS

PRONTA ENTREGA: Av. Prof. Afonso Bovero, 282 S.P. - R. Clodomiro Amazonas, 1277 S.P. - R. Visconde de Piraja, 595/Loja 114 R.J.

Dominar as ações no inside de Sunset com a calma necessária para atrasar e calcular o próximo movimento. Este instante congelado pelo fotóg
Aaron Loyd, mostra o resultado da experiência acumulada em alguns invernos nas ilhas. Otaviano Bueno « Taíu

rfista profissional. Seu desempenho em PIPELINE 12 pés e
ada pelo inglês ANGUS CHATER, de dentro d'água, com a
a SURFER americana.

PIPELINE 86.

Foto Ana Werneck

Jorge Pacelli

A Summer Birds se sente orgulhosa de ver um surfista de sua equipe, Jorge Pacelli, nas páginas da Surfer Magazine de junho, surfando nas ondas de Pipeline, numa prancha Summer.

Parabéns, Jorge.

(Surfer Magazine, pgs.: 80 e 81).

Ilhéus:
R. 28 de Julho, 107, sala 4, Tel: (073) 231.2741, BA.

Itabuna:
Marabá Center, Back Door Surf Shop, Loja 13, BA.

Maceió:
George, Tel: (082) 231.3053, AL.

São Paulo:
Summer Birds, R. Dr. Alberto Seabra, 1018, Vila Madalena, SP. Tel: (011) 864.6382.

Curitiba:
Cláudio Stier, Tel: (041) 273.2641, PR.

Porto Alegre:
Jesé, R. Anita Garibaldi, 2298, Apto. 401, Tel: (0512) 41.4781, RS.

"À SOMBRA DAS IMAGENS VELOZES E SUAS LÁGRIMAS PREDILETAS"

por **FERNANDO NAPORANO**

Professor de literatura e inglês, para adolescentes problemáticos, colaborador de alguns dos principais periódicos de Portugal, poeta, vocalista de banda de rock'n'roll, crítico de música, curso superior em letras na Europa, pesquisador e colecionador de toda a sorte de bugiganga que tenha a mais remota ligação com o rock'n'roll. Fernando Naporano reúne essas e outras qualidades e defeitos, que resultam num estilo de escrever particular. A praticidade e a objetividade confrontam-se com temas exaustivamente dissecados. A segurança de quem realmente sabe do que fala, com a busca da cumplicidade do leitor para suas conclusões e suas duras críticas ao comportamento, geralmente idiota, da juventude consumista. O que passa pela cabeça de um cara que deu o nome à sua banda de rock de "MARIA ANGÉLICA NÃO MORA MAIS AQUI"? Leia...

Por menos que pareça ou queira-se admitir a pop music internacional revive em 86 uma de suas mais frutíferas estâncias. Não mais com a definida volúpia do rock'n'roll (55/58), do British Boom (62/64), dos Mod-groups (64/65), da era psicodélica (66/68), do punk rock (76/77) ou das ramificações posteriores (new-countries, jazzy-pops, "all revivals", etc...), mas sim possessa por diversos naipes de valores, situados entre o indefinível e a originalidade; um traço eclético em busca do brilho perdido.

FLASHES DO PASTICHE

Infelizmente, por aqui a barra continua pesada. Pesadíssima e pastichosa. Excetuando a sinceridade dos remanescentes punks e raríssimos grupos esparsos, a grande badalação é desenterrar fantasmas da dark-music e transmutá-los em vitrines pseudo-estreladas ou, pior ainda, fundir cadáveres do rock progressivo com **folk**lóricos ritmos nacionais mal trajados pela eletrônica. E como se não bastasse uns optam por sabotagens afrocanalhas, outros alimentam o vício do tripé **U2-Police-Cure**, alguns mais disfarçam o americanicinismo enlatado em formatos saudáveis e para completar sobrevoam cenas de vãguarda e caronas no falecido sound-beige.

ESTÉTICA DA VERGONHA

Mais vergonhosa ainda é a crítica, que se divide entre a e(spe)ra dos chavões das multi-nacionais para babar o óbvio com maquilagens manjadas e mistificações de mil niu-bandecas que nada mais fazem que transcodificar sonoridades "uêives" (de 81 e 82) num plano orgulhoso de sacações universotárias. Tudo porque, quase que em sua totalidade a crítica nacional é um solene tríptico de ignorância.

Um lado é a pancada, a agressão, a rixa pessoal e o **bang-bang** "socialaite" renascido das (antigas) patrulhas ideológicas. Do outro, é a bajulação à custa de casinhos amorosos, granas extra-jornalísticas e a inflamável necessidade de criar heróis. Entre estes dois estágios está o mal-colonizado-**in** (melhor se o fosse por completo), aquele que acha que conhecendo duas ou três revistinhas importadas, assistindo vídeos velhos em lojinhas-**ins** e tendo um **single** pirata do **Cocteau Twins** é o dono da verdade.

Assim, a panorâmica consumada é deveras dolorosa aos que notarem, não o resultado final, mas as entrelinhas donde se extraem fórmulas e fofocas que decidem o futuro do pop nacional. Torna-se difícil detectar o que é mais terrível e ditatorial; se é a atual lixeira das musiquinhas ligeiramente sacanas (daquelas elaboradas para "cuzões" gordoalegres) ou se é a avalanche de bandas "andergraundis" sempre posudas e pretenciosas, cujo único sonho, apesar de bem camuflado, é rebolar na TV.

Por isso e por outras é que me nego a comentar as indecências locais; pois nunca fiz parte (ou continências) de nenhuma "panela", muito menos usei de artifícios (os usuais) para ganhar simpatias. Também meu trabalho, além de solitário e suficientemente plagiado à nível de expressões, sempre foi destinado à informação e à sóbria constatação de conteúdo, jamais voltado ao tupiniquinismo de primeira pessoa do tipo "fiquei de quatro", "eu acho que...", "a meu ver...", "eu tava triste e o som me deixou alegre" e daí para frente. Não obstante mínimas excessões, o que voga é a estética da vergonha. Uma confraria de tapados submissos a um liberalismo autoritário, que ilustra definitivamente os dizeres do poeta-ensaísta-cineasta italiano Pier Paolo Pasolini: "Os Velhos Antifascistas que são os autênticos Fascistas.../que são os líderes da Aculturação e não só/tocam as almas mas também as sugam no Centro/como vampiros..."

PERSPECTIVAS PARA 87

Mas passando adiante, numa tentativa de ignorar o patente negrume cerebral aqui consolidado, as propostas apresentadas até o final deste primeiro semestre já indicam várias pistas sobre os novíssimos rumos do pop. Já é possível, a partir de inumeráveis **new-bands**, delinear-se algumas perspectivas para as próximas incursões musicais que, obviamente, apenas quando extintas surgirão por aqui.

Entre os fatores que mais se evidenciam nos atuais grupos do multiconceituado cenário independente britânico, alguns assumem feições marcantes e decisivas. Não há praticamente nenhuma preocupação com a técnica e possíveis virtuoses, ou melhor, o que ocorre é o **"punch"** espancando a tecnocracia, a origina-

lidade coletiva sobrepondo-se ao talento individual e a intensa criatividade compensando os limites musicais. Os ditos "grandes", músicos, aqueles pa(r)vões que decoraram as manobras progressivas e as (pesti)-lentas epidemias do jazz-rock, dançaram de uma forma gravitacional, tendendo cada vez mais ao completo desaparecimento.

Estas tendências recém-surgidas estão diretamente ligadas ao fenômeno do estardalhaço punk. Claro, pois doeu muito para os críticos e estudiosos engolirem que **Sid Vicious** sabia dois acordes e estruturou a revolução que gerou a quarta geração do rock. Tão em breve, não teremos a quinta, mas o caminho volta a ser mais ou menos esse. Expansivo, **high**, libidinal, energético e anti-perfeccionista, pois ao contrário do que pensam por aqui, essa nova safra percebeu que não havia mais tempo para mitos ou demoradas elocubrações. Os visuais, em meio à múltiplas caracterizações, estão basicamente divididos entre o **cut-cool-style** do **"no look"** e as produções **glitter**-tresloucadas, o que garante tanto o senso de liberdade como o de expansão através de cores e purpurinas. Entre algumas das mais persuasivas diretrizes temos:

PÓS-BUZZCOCKIANOS

Você se lembra daquele grupo de Manchester, o **Buzzcoks**, formado em 76 e que foi um dos pontos mais suntuosos do punk rock? Pois bem, anos depois o som inicial desta guitar-band foi literalmente copiado/recuperado por uma série de grupinhos maravilhosos que mantém as características primordiais: estrepolias na concepção rítmica, duas guitarras febris e alucinadas e uma voz cortante, perdida e dissonante. Os melhores representantes pós-buzzcockianos chamam-se **The June Brides, The Shop Assistants, The Wedding Present, Ruefrex e The Soup Dragons.**

CREATION SOUND

Aos que desconhecem, a **Creation** era uma gravadora pobre e ultra-independente, mas que graças ao estrondoso sucesso do grupo **The Jesus And Mary Chain**, conseguiu crescer economicamente, não necessitando fazer quaisquer concessões ou mudar seu estilo. Nunca será um **Sun Records** ou uma **Motown**, mas, ao lado da **Rough Trade e 4AD**, é uma das mais representativas dos anos 80. Distingue-se por duas concepções primordiais: 1º) O Barulho como Obra de Arte. Naturalmente seguidores do Jesus, ou seja, das duas guitarras distorcidas, empapuçadas de **fuzz** e **feed back**, dos baixos e baterias lineares e da vôz colocada como uma rocha no vinil. São eles: **Slaughter Joe, Bodines, Meat Whiplash** e **The Janitors.** 2º) A Revitalização da **beat music** e do conflito **mod**-poético dos **sixties**. Nessa linha encontramos o explosivo **Biff Bang Powl** (o nome é proveniente de uma canção do grupo **mod The Creation**), o insinuante **The Loft**, o charmoso **The Weather Prophets**, o anarco-romântico **Primal Scream**, o híper-**mod The Jasmine Minks** e o cinzento-velvetiano **The Pastels.**

REESSACAPILUMINADAS DESARTICULAÇÕES

Este é um micro-capítulo dedicado àqueles que resolverem desafinar e desequilibrar o cerne do tecido rock. Declararam morte às estruturas tradicionais do rock, concebendo uma musicalidade desarticulada, impregnada por dissonâncias meramente casuais, aberrações técnicas, desafinações propositais, deboches tecnológicos usufruindo da própria tecnologia e escarcéus cênicos recorrendo ao **glamour-glitter**-sexual dos **seventies**. São muito ruins musicalmente, mas nem pensam nisso.

Representantes significativos: o estrambótico **Sigue Sigue Sputnik**, as desvairadas meninas coloridérrimas do delicioso **We've Got A Fuzzbox And We're Gonna Use It**, o anarquismo demolidor-sarcástico do **Half Man Half Biscuit**, o climax esquizofrênico dos **Swans**, o intimismo doentio dos **Laughing Clowns**, o punk-porco do **Bogshed**, o nervoso **trash-billy** do **Legend**, a tortura sonora dos **Membranes** e até mesmo a bagunça psicho-bílis do veterano **The Cramps**, que desde 76, apesar de americano, passeia pelos primeiros lugares das charts independentes da Inglaterra.

Porém, as novas constelações não se estancam por aí. Muitas outras aos poucos, iniciam a curta, mas incrementada, saga da permanência. A diferença básica é que a "fama dos quinze minutos", no Brasil ocorre num vulgar processo de fotocópia, ao passo que no exterior (notoriamente na Inglaterra e nos Estados Unidos) uma tendência nasce, tal como nas escolas literárias, em oposição à outra.

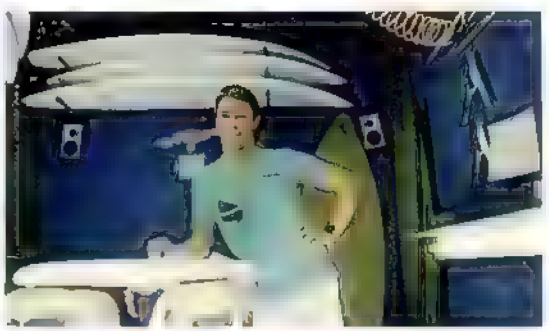
Assim, sendo o estilo nosso ponto mais fraco (quiçá inexistente) o aparente fim de uma onda, ao invés de uma natural renovação, é transformado em moda. Um modismo emporcalhado e diluído, que alicia-do pela desinformação e interesse da mídia, torna-se irresolúvel. Desta forma cria-se um pernóstico ecosistema, que ainda por cima tende a queimar completamente o "artista" (que, invariavelmente, deslumbra-se perante o sucesso), e para reforçar o público, além de não contar com a memória e sendo pequeno o grau de curiosidade, carece de discernimento, sobrando o comodismo de sempre esperar algo próximo àquilo que acabou de ouvir. Uma pena, porque nada disso vai mudar. Resta contemplar a soberana ressaca. "E eu,/na platéia de hoje, tenho uma espécie de serpente/nas vísceras, que se move: e mil lágrimas/despontam em cada ponto do meu corpo,/dos olhos à extremidade dos dedos,/da raiz dos cabelos ao peito: um pranto sem medida, porque nasce/antes de ser compreendido, quase/ precedente à dor". Estes versos de Pier Paolo Pasolini fazem parte do livro **"La Religione Del Mio Tempo"** ("A Religião Do Meu Tempo"), onde a consciência autoriza as livres funções do desespero. A ressaca... a ressaca, antes que seja tarde.

"Onde estão as armas? Eu só conheço
as da minha razão:
e na minha violência não há espaço
nem para uma sombra de ação
não intelectual."

(Pier Paolo Pasolini, "Poema In Forma
Di Rosa, 64)

BILL BAR

Bill Barnfield está para o design de pranchas de surf assim como KENZO está para a alta costura. Ele domina, é altamente respeitado em todo o mundo e é responsável pelo equipamento de inúmeros profissionais do primeiro time do surf mundial. Bill atingiu um estágio de evolução em sua profissão que lhe permite, hoje, dedicar várias horas do seu tempo aos estudos teóricos sobre hidrodinâmica e a melhorar os desenhos de pranchas auxiliando o desenvolvimento de seus colegas de profissão no mundo inteiro. Quando convidado por nosso correspondente Deminha, a colaborar com esta TRIP, Bill foi positivo: - "Sure, I'll really like to give some help to brazilian shapers".



Assim, um dos mais concorridos shape-rooms do globo, se transformará em sucursal da nossa editora.
A partir de agora, em todas as edições da TRIP, assim como nas melhores revistas do mundo, você vai saber tudo sobre design de pranchas por um dos mestres desta arte.

fotos DEMINHA

ENSAIO SOBRE DESTAQUES DAS PRANCHAS HAWAIIANAS

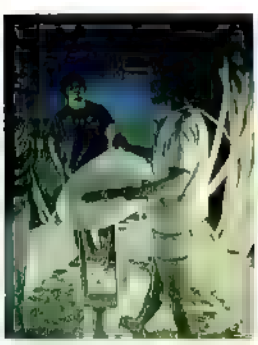
Dizem que as coisas andam em círculos. O que já foi será novamente e aquilo que pensávamos ser novo sempre existiu. Certamente poucos lugares no mundo tornam essa afirmação tão clara para os surfistas quanto a aproximação do inverno no North Shore de Oahu. O interminável ciclo de cada temporada que se aproxima tráz de volta as mesmas emoções vividas há apenas poucos meses. Esta pequena faixa de terra de origem vulcânica, felizmente sem plataforma

NFIELD

continental, tem sido para o surfista dedicado simplesmente "O último desafio de sua carreira". É verdade, existem outros a serem conquistados, mas este é, e sempre será, o Everest dos surfistas.

Aqui somos impelidos do verão para o outono e logo para o inverno com rapidez espantosa. O que irá acontecer em relação às condições de surf somente um tolo tentaria garantir, mas posso lhe dizer que qualquer que seja seu nível, haverá sempre um pico com o qual você se identificará mais.

O que esperar da área de design de pranchas? Bem, falando primeiramente das minhas próprias experiências e das tendências gerais do design, o fino está obviamente na moda, especialmente em pranchas pequenas. Melhorias no seu poder de manobras e segurança sem perda de controle irá permitir que as pranchas sejam uma ou duas polegadas maiores. Este comprimento também repõe um pouco a perda na espessura. Mais estreito é a regra,não a exceção. Pranchas com menos de 19 polegadas de largura são comuns. Quando Shaun pesava 170 libras fiz uma prancha com 19 e 1/4 enquanto que para o Mike Parsons, que estava com 140 libras, fiz uma 18 e 3/4.



Outro shaper em contato direto com os surfistas brasileiros é Michael Willis da Willis Brothers Surfboards que patrocina o paulista Zecão.
Na foto Michael troca idéias com Edu Bahia (ao fundo) e Kito.

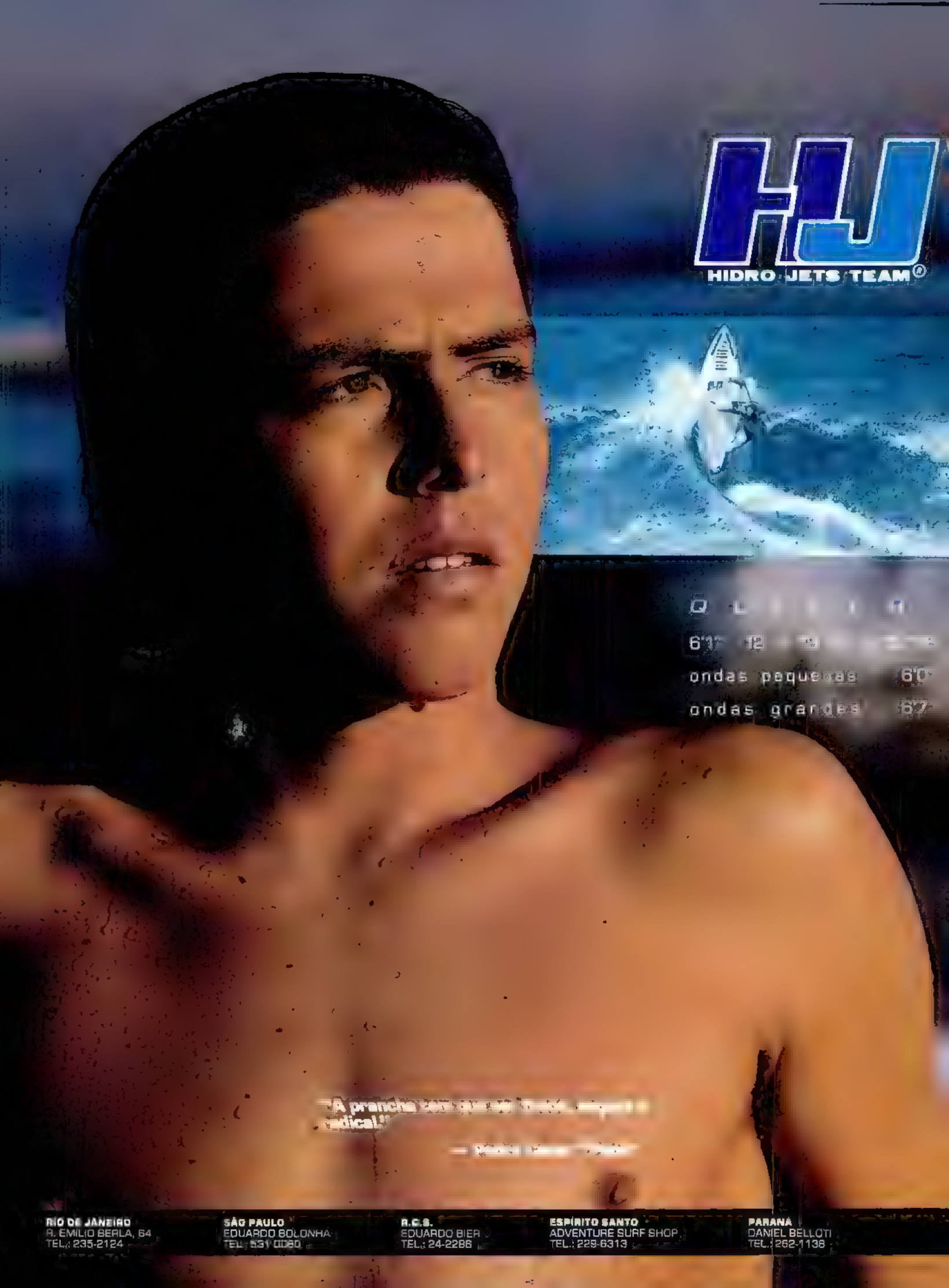
Shape por BILL BARNFIELD

Desenhos de tail variam de squash até roundpins e poucos wings são vistos em pranchas maiores que 6'2", As round pins parecem diminuir o arco do cutback enquanto as squash tendem a dar às viradas mais comprimento ou desenho. Algumas canaletas serão vistas, mas para a maioria dos casos bottoms em "V" forte sem canaletas são a norma.

Pranchas menos espessas e estreitas com o "V" mais profundo permitem maior penetração na face da onda e portanto mais estabilidade e controle em situações de grande força. Isto significa que neste inverno as pranchas serão melhores que nunca. Um esforço imenso tem sido feito para adaptar o desenho das triquilhas para a ampla gama de condições de surf do Hawaii e acredito que a estação de 86-87 verá pranchas que irão confiantemente exceder mesmo as expectativas dos surfistas mais exigentes.

BILLABONG

SP - (011) 815 96 78 - MATRIZ
RJ - (021) 245 72 15 - 385 4333
ES - (027) 223 19 86 SC - (0482) 23 43 91
BA - (071) 242 09 51 RS - (0512) 26 87 11



RIO DE JANEIRO
R. EMILIO BERLA, 64
TEL.: 235-2124

SÃO PAULO
EDUARDO BOLONHA
TEL.: 531 0080

R.C.S.
EDUARDO BIER
TEL.: 24-2286

ESPÍRITO SANTO
ADVENTURE SURF SHOP
TEL.: 229-6313

PARANÁ
DANIEL BELLOTI
TEL.: 262-1138

A O.S.P. foi formada com os quarenta melhores surfistas de postura profissional do Rio, na intenção de agilizar o surf de competição, reivindicar um piso mínimo para premiação para a classe.
Valdir Vargas foi um dos precursores do movimento, porém problemas de ordem pessoal impossibilitaram-no de arcar com responsabilidades fixas dentro do quadro de diretores da primeira gestão. No foto maior, Valdir competindo no Quebra Mar. César "Ferrugem" Baltazar, em seqüência.

O.S.P.

O surf do estado do Rio de Janeiro deteve durante anos a hegemonia do esporte a nível nacional. Entretanto, à medida que o surf era implantado e crescia em outros estados, sua supremacia diminuiu gradativamente até chegar a um estágio de estagnação quase total.

Na urgência de recuperar os padrões técnicos de outrora (entenda-se surf competitivo) surfistas de várias gerações cariocas, cuja atitude fora sempre marcada pelo individualismo e por ações solitárias, deram início em 25 de maio de 85 a uma entidade encarregada de organizar o surf profissional no estado: a Organização dos Surfistas Profissionias.

por EDUARDO BORGERTH

fotos ERNESTO BALDAN

Um circuito com etapas por vezes realizadas através de recursos financeiros da própria organização com fins de dar continuidade a um calendário pré-estabelecido, um ranking credibilizado graças à homogeneidade do sistema de julgamento implantado pela comissão técnica encarregada do setor, e mais, a coincidência ou não de condições climáticas bastante propícias para a realização das provas, constituiram elementos fundamentais que asseguraram a obtenção de saldo positivo para o fechamento do 1º ano de atividades da entidade, permitindo assim que novos horizontes fossem abertos para o ano de 86.

A exemplo do que foi o circuito paulista em seu período de operância, a O.S.P. tem-se ocupado desde o início com o aperfeiçoamento técnico do competidor carioca, indo um pouco além ao lutar por ele no sentido de credibilizá-lo perante o mercado para que condições reais de profissionalismo fossem atingidas por alguns atletas.

Hoje a O.S.P. cumpre seu calendário com provas custeadas por marcas que, cientes

andré reichmann

Marcelo Boscoli, recém chegado do North shore, demonstrou segurança e maturidade ao vencer a 1.ª etapa do circuito no início do ano.

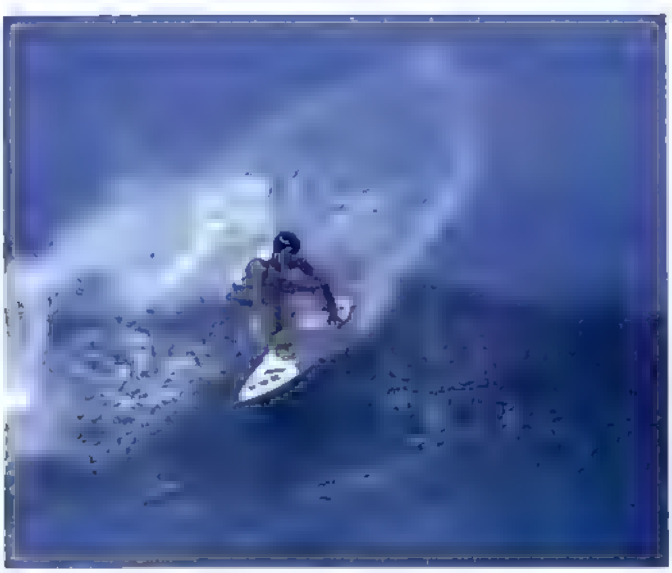
da importância ideológica do movimento, puseram-se à frente dos que olhavam com ceticismo a realização do projeto.

Longe porém de poder ser considerada como um sucesso total, a organização enfrenta, neste 2.º ano de atividades, dificuldades comuns a todos que tentam organizar por cima esportes basicamente desestruturados em seus alicerces (não é novidade que o surf não é esporte reconhecido pelo C.N.D.). Isso dificulta e fragmenta o aspecto funcional de entidades representativas do esporte.

A revista TRIP foi buscar junto a nomes que representaram a O.S.P. em sua 1ª gestão, bem como na vigente, depoimentos rápidos a respeito de sua atual situação.

David Henderson

presidente interino da O.S.P. (como ele mesmo preferiu se



Marcelo Maia, como Rodrigo Osborne, Cláudio Valle, Marcos ADN, entre outros, foi um dos atletas que, confiante na organização do circuito O.S.P., decidiu deixar a categoria amadora para tentar a sorte na profissional; ao que tudo indica Marcelo fez uma boa opção pois, vitorioso na 2.ª etapa, é agora um dos líderes do ranking profissional carioca.

tronony prawem autorskim

Boas condições do mar em todas as etapas contribuindo, não só no nível técnico da prova como também para atrair muitos veículos de comunicação. Gugu do Cabo Frio em Button Turn na Prainha.

denominar), declarou que a Organização constituiu um dos movimentos mais positivos dentro do surf brasileiro, com a finalidade primeira de estruturar o esporte, sem visar interesses individuais. O atual conselho é, a seu ver, um dos mais representativos e todos estão trabalhando muito para dar continuidade ao trabalho já iniciado, sempre que possível aumentando os prêmios oferecidos nas competições.

Sendo bem acolhida pela mídia (rádio, TV e jornais), a entidade conta com o apoio total da Secretaria Municipal de Turismo e Esportes - RIOTUR.

André Valiante,

carioca e um dos diretores da última gestão, acha, para começar, que a entidade necessita de uma sede própria, para onde todos os surfistas possam se dirigir para obter todo tipo de informações a respeito do surf. Para ele a falta de uma maior divulgação e de um calendário de competições com datas préviamente marcadas e anunciadas, deixa as informações muito restritas a um núcleo da O.S.P.. Interesses particulares e comerciais estariam dificultando a direção da entidade, que na sua opinião, deveria incorporar os circuitos de praias não só da Barra como de Niterói, Macaé e Arpoador, já que a proposta da Organização ação é de ser estadual.

Marcos Conde

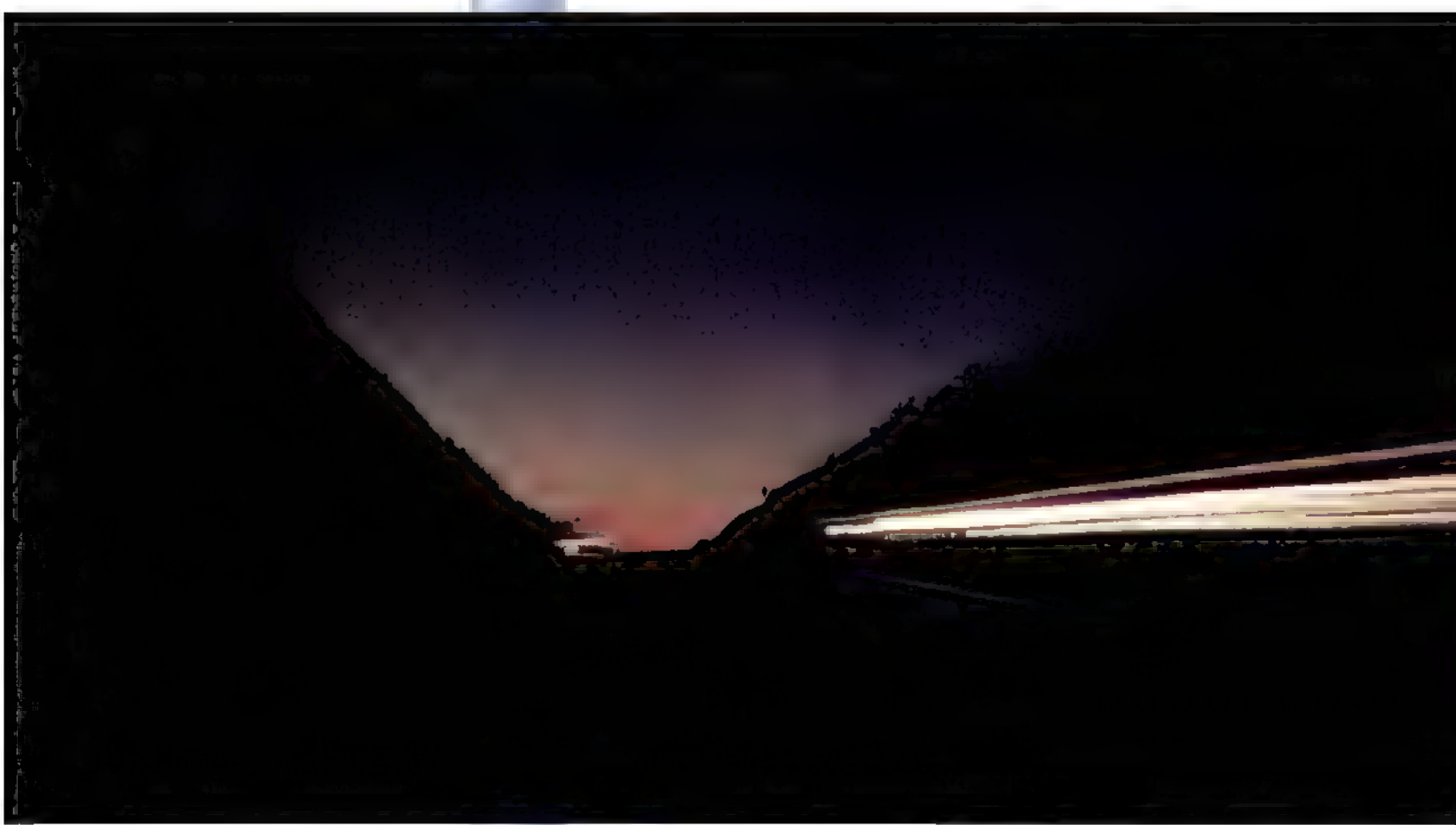
citou que a direção executiva está muito melhor neste ano. A triagem de seleção foi muito mais elaborada e todas as etapas foram patrocinadas, o que aumenta em muito a premiação. Na sua opinião o quadro de juízes deve ser renovado. É ele que conta: "Os melhores juízes do ano passado foram promovidos para chefes (head judges). Com isso o nível de julgamento acabou caindo, já que os juízes que os substituíram não tinham o mesmo gabarito".

Mário César P. Carneiro

ex-presidente da O.S.P., disse que qualquer associação precisa do apoio dos grandes veículos de comunicação, pois são eles que realmente podem dar uma força para o esporte. Os veículos do meio, como as revistas especializadas, não fazem mais do que sua obrigação ao promoverem os campeonatos de surf. Mario falou bastante sobre o trabalho realizado pela diretoria do ano passado, que considera pioneiro, pela investida maciça na divulgação dos campeonatos em horário nobre na TV.

Cauli Rodrigues foi o vencedor do ranking do ano passado. Este ano Marcelo Bôscoli, Marcelo Maia e Marcos Brasa venceram respectivamente as três primeiras etapas do circuito.

Material chroniony prawem autorskim



Fábrica e Pronta Entrega:
Al. dos Maracatins 161/165
Fones: (011) 255-8705 - 572-2727

ITAVEMA

Av. Rudge, 305 A - 826 4300 PABX S. P. CEP 01133

CONCESSIONÁRIA FIAT Automóveis s.a.

Era o auge da fase visual do grupo (roupas pretas, cabeças raspadas, rebites e pregos em toda extensão do corpo) quando quatro caras muito mais educados e inteligentes do que pareciam, foram me cruzar nos estúdios da FM 97, uma rádio acostumada a lidar com músicos excêntricos, under tudo, mas que pela primeira vez recebia a visita dos legítimos punks do ABC, então ídolos incondicionais da tribo dos carecas do subúrbio.

Uma fita meio mal gravada, mas audível o suficiente para deixar transparecer a batida crua quase primitiva do som "OI". Mas o principal eram as letras tão duras e precisas quanto uma coronhada na testa.

Não foram necessários nem três meses rolando esse som prá confirmar que o faro não tinha falhado. Primeiro o LP (Mais Podres do que Nunca), depois os primeiros lugares na parada punk alemã da gravadora "Vinil Boogie", a citação no "New Musical Express", chamada de capa na revista Som Três e finalmente a descoberta por algumas FMs comerciais.

A fase visual passou (ela sempre passa), mas a inteligência e a postura consciente diante do mundo que os rodeia não só permaneceu como tornou-se mais evidente, através das novas músicas e pela resistência às tentações do "playcenter" das gravadoras (o importante é a renda). O privilégio que por alguns meses foi meu, do Feio e do Beto Peninha, hoje é de muita gente, e com certeza não parará por aí. Mas os caras continuam os mesmos: Mau (vocal e gaita), Português (batera), Sukata (baixo) e Mauro (guitarra). CONSCIENTES E AUTÊNTICOS. HOJE MAIS GAROTOS DO QUE

PODRES

texto CELIA ALMUDENA

TRIP: Como foi a formação dos Garotos Podres? Vocês já tocavam antes ou resolveram começar a tocar e criaram o grupo?
GP: O início foi em fins de 82. Aquela época era o auge do movimento punk e como curtíamos o som e íamos a shows resolvemos montar uma banda. O Mauro, que é o guitarrista, era bancário na época e tinha recebido o 13º salário, que resolveu utilizar na compra de um "sofisticado" equipamento: uma guitarra Rey e uma caixa amplificada de uns 15W. Nós aprendemos a tocar mesmo com o grupo. Tínhamos uma experiência com outras bandas, o que ajudou bastante. Mas quando o grupo começou não tocávamos nada, fomos aprendendo juntos. Nosso primeiro show foi beneficente para o fundo de greve do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André. Participamos de vários festivais de colégios, shows punk. Nessa época transportávamos os equipamentos na mão, em ônibus e trens de subúrbio. Aí o tempo foi passando e a gente foi tocando por aí. Gravamos a primeira fita no quintal da casa de um colega nosso, inclusive foi a primeira que foi ao ar. Uma cópia dessa fita foi para o Maximum Rock'n'Roll da Califórnia e tocou em uma rádio de Los Angeles, em 1984.

TRIP: E como pintou a gravação do disco?
GP: O Redson do Ataque Frontal nos fez uma proposta para participarmos de uma coletânea, o Ataque Sonoro, e pediu para gravarmos uma fita com duas músicas. Começamos a procurar estúdio e chegamos à conclusão de que para gravar duas ou 14 músicas o preço é quase o mesmo, então gravamos tudo. A intenção era gravar duas músicas para a coletânea e as outras para uma fita demo. Quando saímos do estúdio nos surpreendemos com a qualidade da gravação em parte devida ao estúdio, porque tivemos sorte de gravar em 8 canais. Como a gravação ficou boa, pintou bastante gente interessada em lançar um LP independente e a melhor proposta foi a da Lourdes Dall'Anese do jornal Rocker. Mandamos prensar o LP na Continental, rodamos a capa na gráfica e a distribuição ficou por nossa conta mesmo. Colocamos o disco em baixo do braço e saímos por aí pelas lojas.

TRIP: Como foi a aceitação do disco?
GP: Antes de sair o disco pegamos a fita de estúdio e levamos para o Peninha, da FM 97. Ele ouviu e gostou e já passou para o Paulo Lima, que foi o primeiro a tocar Garotos Podres em rádios brasileiras. Como o público gostou começaram a programar com mais freqüência. Aí quando chegávamos com os discos nas lojas, o pessoal já conhecia o som. Já vendemos 3 edições do disco e estamos prensando a 4ª.

TRIP: Por que punk?
GP: Por causa das influências musicais de cada um. Você sempre vai fazer aquilo que mais gosta e esse foi nosso caso. O punk injetou sangue novo nas veias do rock, rejuvenescendo-o.

TRIP: Na música "Não devemos temer", vocês dizem que os explorados precisam se unir para o sistema destruir. Se o sistema vigente no Brasil for destruído, vocês acham que ainda dá prá ir em frente?
GP: A sociedade está numa fase tão errada que acho que não tem mais o que consertar. É como uma casa que tá prá cair, mas o dono não quer demolí-la, então ele vai colocando estacas prá segurar o teto. Então a casa vai caindo e ele vai colocando estacas, até a hora que ele não consegue entrar em casa, porque só tem estacas. A casa não vai cair, mas ele não vai poder entrar em casa. O maior inimigo do cidadão é o estado, então quanto mais farto, quanto mais poder tiver o estado, pior para o cidadão. Tem que haver uma conquista por parte da população, de cada vez mais diminuir o poder do estado. Cada vez mais o cidadão deve ter condições de se defender dos abusos do estado. De que forma? Os explorados se unindo contra o estado.

TRIP: Na letra de música Johnny, porque esse personagem preferiu morrer a vir para o Brasil?
GP: O Brasil está numa situação terrível. Nossa realidade nada mais é do que a de um país subdesenvolvido, de um 3º mundo. Embora não falte nada, morre-se de fome. As condições de vida são muito precárias. Em qualquer nação civilizada o governo garante ao cidadão condições mínimas de vida, mas aqui isso não existe. Por isso ele não quer vir para o Brasil.

TRIP: E a insatisfação (música dos GP)? Ela pinta forte quando pessoas morrem na URSS, vítimas de um acidente nuclear em Chernobyl?
GP: Nossa insatisfação é com o que está acontecendo aqui no Brasil. Não que a gente não se importe com o que acontece em outros países, mas estamos mais preocupados com o que vivemos e vemos lá no subúrbio, na periferia. Em suma, a insatisfação ocorre simplesmente porque não há razão nenhuma prá gente se sentir satisfeito.

TRIP: E a ecologia? Vocês acham utópico falar sobre preservação em um país onde se morre de fome?
GP: É uma coisa necessária, por questões de sobrevivência. Hoje talvez não sintamos, mas se as coisas continuarem se encaminhando dessa forma, logo vamos dançar. A luta pela ecologia é a luta pela nossa sobrevivência.

TRIP: Qual seria o melhor antídoto contra a massificação?
GP: Como não ser babaca? O melhor jeito de não se massificar é simplesmente se preocupar em ser o mais possível você mesmo. A pessoa deve procurar sempre fazer aquilo que gosta.

TRIP: Como é ser um grupo divulgado na Europa e pouco conhecido em seu próprio país?
GP: A gente não é um grupo de moda, vamos de encontro a muitas coisas do sistema. Acho que em termos culturais, é como se o Brasil ainda fosse colonia — ocorre uma supervalorização de tudo que vem de fora. A indústria do disco impõe muitas coisas, é a ditadura da palavra "bom gosto". Por exemplo, o grande público não tem como selecionar o que quer ouvir, simplesmente a indústria do disco faz e lança ao seu bel prazer. Quem faz um trabalho que não está dentro dos padrões do "bom gosto" de quem está atrás da mesa da diretoria da indústria, não tem apoio, não tem divulgação. É meio difícil competir com uma multinacional.

TRIP: Vocês recebem cartas de fãs?
GP: Recebemos bastante cartas, principalmente da Alemanha e de Portugal. Da Alemanha recebemos muitas cartas de fanzines, tipo de imprensa marginal. Toca mais Garotos Podres no exterior do que aqui. Inclusive um alemão traduziu a letra da música Papai Noel e fez uma camiseta.

TRIP: O Brasil ainda tem esperança?
GP: Há esperança sim, se o pessoal batalhar. Temos condições de melhorar se as pessoas abrirem os olhos e se conscientizarem da miséria do povo. Se cada um se conscientizar dos problemas que todo mundo enfrenta, obviamente tudo vai caminhar para mudanças.

TRIP: Por que será que na mesma faixa etária da população existem pessoas que se recusam a conscientizarem-se, que acham tudo maravilhoso?
GP: Esse é um tópico difícil de generalizar. Existem pessoas que estão sendo beneficiadas pelo atual sistema ou que desejam estar no futuro, então elas se aliam ao sistema vigente, em busca de algum benefício em troca. E tem também o pessoal conformado, que fecha os olhos àquilo que o cerca e procura enxergar só as coisas boas.

TRIP: O que é ser punk hoje?
GP: Foi feito um folclore do punk, existe uma imagem estereotipada, bem o Bob Cuspe. Acho que punk, hoje em dia, é o contestador, é mais uma corrente, um grupo nessa evolução da contestação, nem maior nem melhor.

TRIP: O que é o movimento OI?
GP: Na Inglaterra, nos anos 30, havia o National Front, uma versao britânica do nacional socialismo alemão, um grupo paramilitar que usava cabelos raspados, coturnos, suspensórios - os skinheads. Esses skinheads desapareceram. Quando o rock surgiu nos anos 60, os operários e o pessoal do subúrbio curtiam o ska. Esse pessoal formou o movimento skinhead, com um visual parecido com aquele dos anos 30. Quando surgiu o movimento punk houve uma identificação entre os skinheads e os

punks, ambos eram do subúrbio, etc... Houve uma união entre os skinheads e os punks, o que formou o movimento OI. A palavra OI seria derivada de um termo do Cockney Rejects. O OI seria um brado de "Tô chegando". Várias bandas se uniram em torno da mesma ideologia e começaram a fazer o som OI. Em termos sonoros o OI seria uma batida dançável. Hoje o punk pode ser agrupado em 3 estilos principais: Gottic Punk, o punk burguês; Hardcore, som bem rápido e pesado e o OI, um som mais lento que pode ser considerado como o blues do punk.

TRIP: O Supla declarou que um dos conjuntos de que ele mais gosta é o Garotos Podres. O que vocês acharam disso?
GP: É um sinal de que tem gente ouvindo nosso trabalho. Aliás não só ouvindo mas se baseando em nosso trabalho para fazer alguma coisa. Isso é bom porque de certa forma estamos atingindo nossos objetivos.

TRIP: O que vocês acham do resultado do som deles depois de terem se baseado no seu?
GP: Não vimos aonde está nosso som. Eles devem nos ver como pioneiros. Vamos fazer um histórico. Era uma vez quatro garotos cheios da grana que decidiram montar um grupo e aí resolveram: Joãozinho vai tocar guitarra, Paulinho bateria, etc. Daí pedem os instrumentos para o pai, que dá os melhores instrumentos do mercado. No dia seguinte já estava combinado para ensaiar, uma semana depois já tem gravadora, distribuindo influências.

TRIP: E qual o problema disso?
GP: Não há problema! Só que nós somos justamente o contrário. A origem do grupo é muito importante.

TRIP: Então pelo fato deles terem nascido ricos, eles não podem buscar nenhuma autenticidade?
GP: Podem, mas os problemas que eles enfrentam são bem diferentes dos nossos.

TRIP: A produção musical tem que ser problemática para ser legal?
GP: Não. A origem é importante. Quem enfrentou determinados tipos de problemas, como o cara que tem que trabalhar um ano para comprar uma guitarra de péssima qualidade, dá mais valor ao trabalho que está fazendo. Geralmente, né.

TRIP: O Garotos Podres parece querer manter a posição de independente, correndo por fora. Realmente é isso ou a intenção é emplacar?
GP: A idéia é procurar cada vez mais que nosso trabalho tenha uma penetração maior. Mas talvez essa pouca divulgação aconteça por uma falta de estrutura nossa, que pretendemos sanar. Assinamos contrato com a Lupsom, que é uma produtora independente, com distribuição pela Polygram, assim vamos ter mais estrutura.

TRIP: O que é o esporte para um garoto podre, um jovem da periferia?
GP: O esporte não é uma coisa muito difundida entre certas camadas da população. A classe A pratica um tipo de esporte, a B outro e a C não pratica nenhum, todo mundo joga futebol de várzea. Então o tipo de esporte é algo social. De repente o skate é um esporte mais acessível, tem o street que pode ser praticado em qualquer lugar.

SP -(011) 5750688 - RJ -(021) 2944545 - NE -(071) 2332153
ES -(027) 2256203 - PR -(041) 2238986 - RS -(0512) 240826

ernesto bazan

TAKE
OFF

SP
280 8438
64 4141

10 ANOS DE PUNK ROCK

por KID VINIL

Kid Vinil vive de música, sua carteira profissional poderia ser encadernada em folhas de partitura. De office-boy (acordava às sete horas e pegava filas infinitas) a executivo de gravador, de auxiliar de estúdio a programador de rádios, superstar do rock engraçado, tornou-se brega e hoje fazendo um trabalho sério com

alguns dos músicos mais competentes do país, à frente da "Heróis do Brasil". A influência do rock duro e do movimento punk foi decisiva na formação de seu gosto e opiniões. Aqui Kid Vinil conta algumas de suas experiências, em prol dos dez anos de uma das maiores revoluções musicais que a humanidade presenciou.

O tempo passa tão rápido, parece que foi ontem. A história começa em 76 na Inglaterra. Lembro-me do primeiro disco punk que comprei, foi "God Save the Queen" do "Sex Pistols" - era um compacto e foi no início de 77.

Pra mim a princípio foi um escândalo. Eu escutava o compacto o dia inteiro, nunca tinha ouvido tanta energia junta num só disco. Na época eu já estava cansado de ouvir super bandas dos anos setenta e procurava algo novo e diferente. E o disco dos Pistols veio a calhar. Da mesma forma os ingleses já estavam de saco cheio de ouvirem super stars do rock, e a coisa passou a ser uma linguagem mais suburbana e mais próxima do público pobre da classe operária inglesa. Tomaram por base grupos antigos dos anos sessenta e setenta que não se tornaram pop stars como "Stooges", "MC5", "New York Dolls" e outros. E a cena punk inglesa começou a nascer a princípio com uma boutique na "Kings Road" chamada "SEX" de propriedade de duas pessoas importantíssimas para o movimento: "Vivienne Westwood" e "Malcolm Maclaren". A loja vendia acessórios punks que iam de alfinetes a roupas antigas e usadas, camisetas escritas "DESTROY", enfim toda bagulheira que passou a ser moda com o passar dos tempos. Malcolm foi o idealizador dos "Pistols", recrutou músicos e acabou formando a banda, pois já tinha toda idéia pronta. E a banda a princípio era: Paul Cook - bateria, Steve Jones - guitarra, Glen Matlock - baixo (mais tarde substituído por "Sid Vicious") e Johnny Rotten nos vocais. Foi um alvoroço na imprensa mundial, dizia o jornal "Rolling Stone" na época, "Sex Pistols" a banda que está pronta prá destruir o mundo ou então a si mesmos", e foi o que aconteceu, eles não duraram por mais do que um disco, o lendário "Never Mind The Bullocks, Here Is the Sex Pistols" aliás recentemente relançado aqui entre nós. O disco é um documento de uma época, imperdível. No Brasil realmente, o punk só começou a ser veiculado a partir de 79. No início desse ano eu começava um programa na extinta Excelsior FM dedicado ao assunto.

Foi a primeira iniciativa em rádio para divulgação de um movimento

tão importante na música. Tocava de tudo nesse programa, que era praticamente desconhecido por aqui, como os novaiorquinos "Ramones", que apareceram em 77, com um estilo diferente dos Pistols, fazendo músicas de pouca duração e super rápidas, usando sempre blue jeans raspado e jaquetas de couro preto, que virou o símbolo punk, decorada com corrente e alfinetes e às vezes até cadeado no pescoço, como usava "Sid Vicious". Outro grupo que eu curtia muito na época eram os "Dead Boys", que vinham da California, e eram considerados pela imprensa como o Sex Pistols americano. Sem deixar de falar é claro do "Damned" que antes dos Pistols gravarem, já tinham lançado o primeiro compacto punk na Inglaterra, com a música "New Rose", um clássico, diga-se de passagem. Fizeram três albuns punks excelentes, depois mudaram o estilo mas continuam até hoje em atividades. Somente em 1980 é que tive oportunidade de ver de perto o movimento punk inglês. Foi quando visitei pela primeira vez a abençoada Inglaterra. Infelizmente os Pistols já tinham acabado, mas outras novas bandas continuavam em atividades, como o "UK SUBS", que foi o primeiro concerto punk que assisti. A atmosfera londrina era impressionante e lá estava eu num bolo de punks, que nem parecia uma fila esperando prá entrar no teatro "Music Machine", prá assistir o show. Na rua do lado do teatro, crianças de 10/12 anos em média cheiravam cola, punks bêbados por todo lado pedindo trocados prá ver o som do UK SUBS, que na época era um dos grupos prediletos da garotada. O show foi um escândalo, nunca tinha visto e ouvido tanta energia junta, (inesquecível) e o mais interessante era ver o público dançar "pogo" sem que ninguém se machucasse ou arrumassem um paulada disso, eram porradas no maior estilo, sem crises. Na mesma época consegui assistir o "Clash" no auditório da "universidade" de "LEEDS", uma cidade a 8 horas de Londres, valeu a distância e o cansaço. O Clash acabava de lançar o seu terceiro album "London Calling", e excursionava pela Inglaterra. Foi emocionante ouvi-los e vê-los tocando músicas dos primeiros

Os DAMNED juntamente com os SEX PISTOLS, foram os primeiros grupos punk ingleses a gravarem discos.

discos, os mais punks e pesados. Vi também "999" e o "Generation X" de Billy Idol e Tony James (hoje no Sigue Sigue Sputinick).

A partir de oitenta o punk passou a ter uma outra linguagem musical, mais rápida, o "hardcore", que tem grandes representantes como: Discharge, Exploited, GBH e outros. Foram diversas as mudanças de estilo acontecidas com o decorrer dos tempos no punk rock, mas várias delas prevalecem até hoje com muitas bandas em atividade. O movimento dos carecas "Skinheads" ainda prevalece com vários representantes, mas teve seu auge em 81 com "Cockney Rejects" e "4 SKINS". Depois deu uma esfriada. Hoje a coisa rola mais em torno de hardcore e Metal Punk, mas tem muita gente boa que continua ar, como os "DEAD KENNEDY'S" do vocalista "Jello Biafra", que um dia ainda pretende ser governador da California. Realmente considero Jello um gênio. O último disco deles "Frank n' Christ" é um clássico, fora o poster que vem no disco, que é super imoral segundo a justiça americana, que quase botou Jello Biafra na cadeia por causa desse poster. Hoje, 1986, quando 10 anos se passaram, a Inglaterra vive um revival do punk. O filme LOVE KILLS sobre a vida de Sid Vicious (o baixista do "Sex Pistols") e sua noiva Nancy, é o comentário do momento em Londres e o negócio continua rolando. Em tempo: quanto ao punk nacional, este é um capítulo à parte. Até.

KAOS BRASILIS BELA CINTRA 1209 883 7588 SP

CORRA
DANCE
PISE!
EXPRESSE EMOÇÕES PELOS PÉS...
CANNON
SHOES
RUA HARMONIA 967 TEL 815.36.40 SP

RON JON
marcelo laxe
ALE CECATO
SURFER
RON JON
TELS - SP - LOJA 1 93.0375, LOJA 2 523.9998, LOJA 3 296.9893

por ERNESTO BALDAN

A diferença está na moda. Os ideólogos do estilo já decretaram: nossas roupas devem ser únicas, absolutamente originais. Está declarada a guerra contra o descartável, contra as etiquetas, contra o lugar-comum. Devemos cultivar o insubstituível, o impossível, a transgressão. Dizem que aí reside toda a elegância.

MODA?

A partir dos anos 50, a idéia de uma política da moda se tornou cada vez mais familiar. O vestuário passou a ser encarado como um campo de batalha para as diferentes facções em luta pelo poder. Descobrimos que as roupas falam. Sua linguagem é surpreendente: denuncia quem somos e de que lado estamos. Contaminados por estas teorias libertárias, os estilistas de vanguarda logo identificaram seu principal inimigo: a massificação. Neste processo, o indivíduo deixa de ter controle sobre seu próprio corpo e outros agentes passam a falar por ele, domesticando-o.

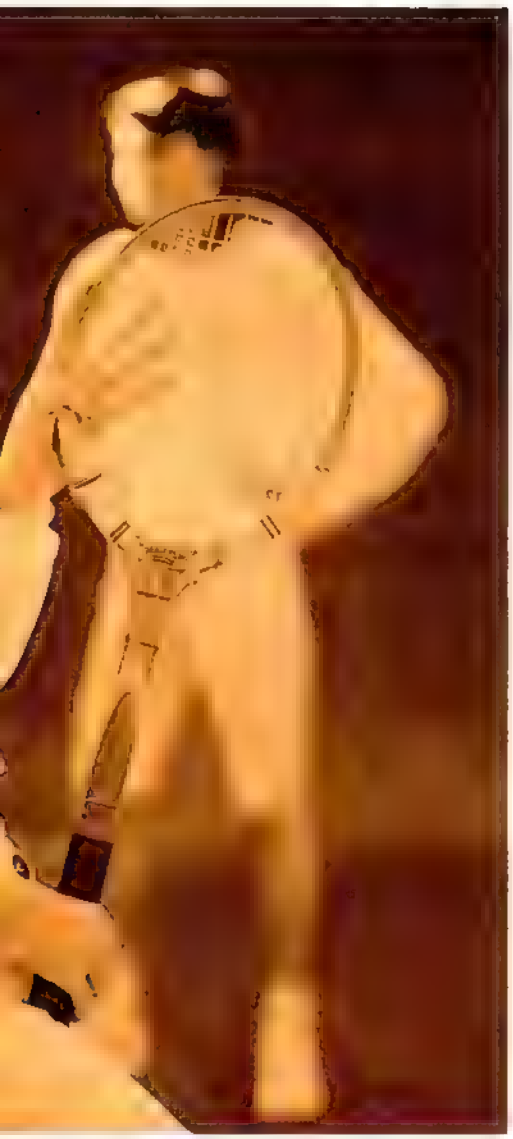
O movimento punk radicalizou estas idéias. Vivienne Westwood, parceira de Malcom McLaren - o empresário dos Sex Pistols, lança a moda de confrontação, definida como "uma maneira de contestar o sistema". Suas criações utilizavam detalhes terceiro-mundistas mixados aos estilos adolescentes britânicos, apostando no ecletismo que hoje domina as passarelas parisienses. Mas o punk teve outros efeitos. O mais imediato e paradoxal foi a massificação das idéias dos estilistas de vanguarda. Voltamos à ditadura da diferença.

Depois de dez anos de punk, a própria Vivienne Westwood descobriu que a moda de confrontação é uma idéia terrivelmente ingênua. As roupas falam, mas sua linguagem está sujeita a múltiplas interpretações.

As roupas mentem, ironizam, ridicularizam. Além disso, o "sistema" não é uma entidade homogênea. Não existe um conceito oficial de elegância, mas vários conceitos, várias idéias sobre o que vem a ser a elegância.

BLUTS
surfwear

ADRENALIN



MODA?

Não existe a vanguarda da moda, e sim várias tribos, vários estilos, várias paródias destes mesmos estilos. E o melhor: ninguém tem a verdade da moda, ninguém tem autoridade para dizer o que está na moda.

O individualismo radical-chique dos ideólogos do estilo se esqueceu também do poder e fascínio da imitação. A entrega total ao grupo, o desaparecimento completo da individualidade são elementos essenciais da moda. Ela nos seduz por ser um fenômeno coletivo, gregário. Não existe moda puramente pessoal.

Hoje podemos participar de vários grupos e códigos de elegância conflitantes, sem grandes gastos emocionais. Somos nômades do estilo. Não temos compromisso com nenhum deles. Podemos ser surfistas pela manhã, executivos de tarde e neo-psicodélicos durante a madrugada. Todas as tribos esperam nossa adesão. Não devemos ter medo de ir na onda, qualquer moda.

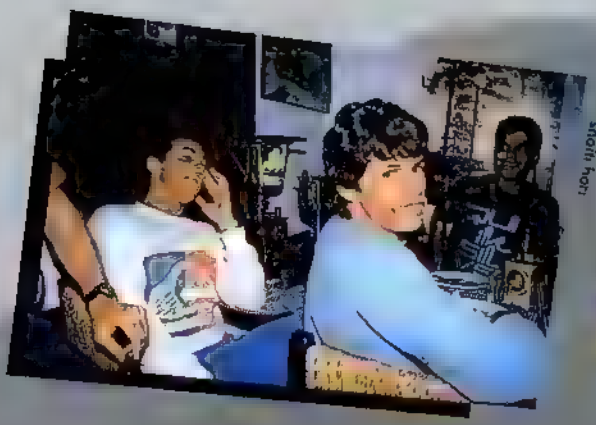
NOS ACREDITAMOS NA UN

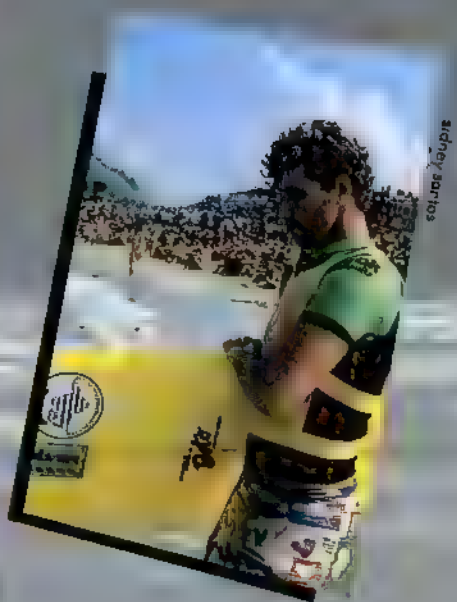
NENO DO TOMBO
VICE CAMPEÃO
1º SUNDEK CLASSIC

Town & Country Surf Designs
Hawaii, Brazil

Av. Santo Amaro, 1298/1302 - SP - Tel.: (011) 531 7477

ÃO DO SURF BRASILEIRO





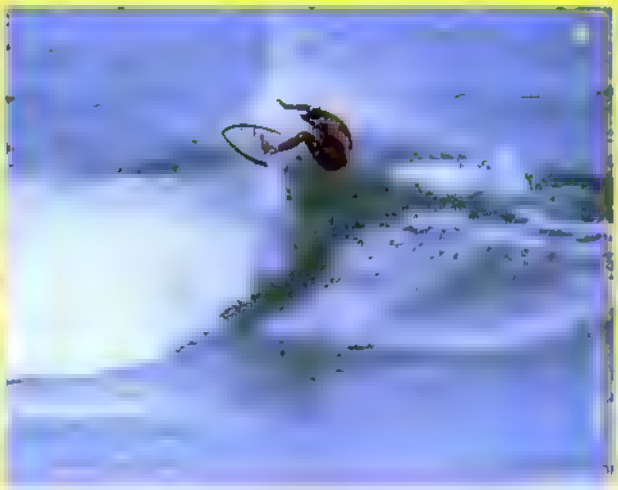
PICURUTA SALAZAR
CAMPEÃO
1.º SUNDEK CLASSIC

TEAM
Island Magic
QUIKSILVER
R. Guilherme Barbosa de Melo 45/49 - SP - Tel - (011) 531 42 66

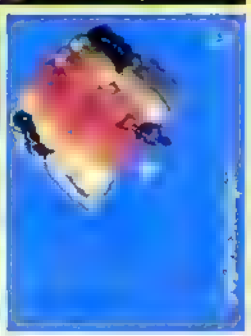
I SUNDEK

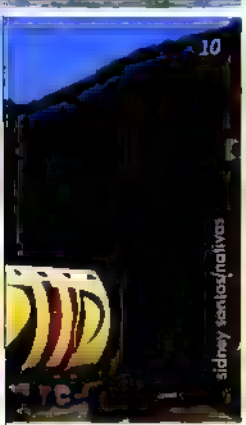
Não é objetivo da TRIP cobrir campeonatos de surf.

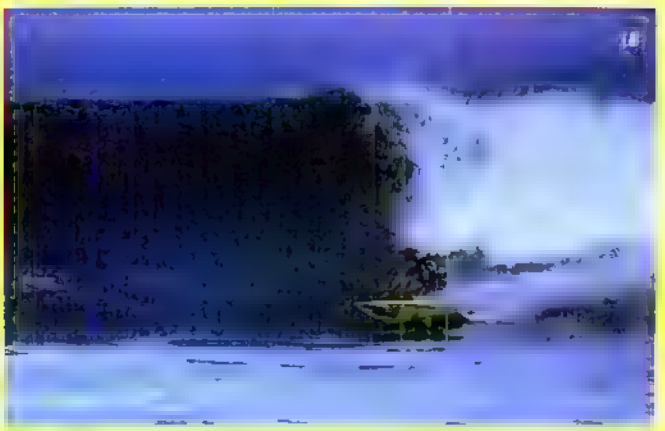
Para saber resultados, quem ganhou de quem, qual a barraca mais bonita ou como estavam as ondas, existem hoje inúmeras revistas e jornais especializados que literalmente dissecam os eventos de todos os portes, mostrando cada passo das competições.

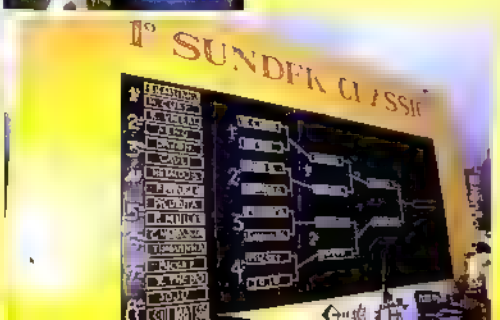


CLASSIC









1º SUNDEK CLASSIC

1. Shoiti Hori das 10 às 10:30 hs
2. Shoiti Hori das 10:30 às 19:00 hs.
3. Frontside agressivo de Ferrugem Baltazar documentado em seqüência.
4. Uma "overview" do campeonato no dia das finais, quando mais de 5000 pessoas invadiram Itamambuca.
5. Concentração.
6. Xan Brandi foi um dos nomes que se destacou durante o 1º swell, quando o mar estava grande.
7. Picuruta.
8. Paulinho do Tombo manteve o nome da família Matos lá no alto.
9. Bom momento de Neno
10. A equipe de reportagem da TRIP marcou presença em todos os momentos da competição mostrando força e agilidade, antes mesmo da primeira edição estar nas bancas.
11. O surf é decididamente um esporte de massa no Brasil de hoje.
12. A euforia de Teco Padaratz contrasta com a frustração de Tatuí, na premiação da Categoria Amador onde, apesar da vitória do catarinense, ficou patente a hegemonia dos cariocas.
13. A equipe de paraquedismo, levada pela TRIP, embelezou os céus de Itamambuca, desviando as atenções.
14. Flávio Boabaid (à esquerda) tenta amenizar um dos poucos momentos de tensão no campeonato, a desclassificação de Otávio Pacheco (com os fones de ouvido) e Fernando Bittencourt (à direita) devido à má compreensão das papeletas com numeração ambígua.
15. O trabalho de equipe foi uma das maiores atrações do Sundek . A equipe Town & Country levou, disparado, o título de mais unida e melhor organizada
16. O'body boarding pode ter tido no Sundek sua última carona nos eventos de surf. Adriana dessa categoria feminina
17. Número um? Ainda não foi desta vez, mas Neno do Tombo chega lá!
18. Nos dias de ondulação com tamanho, os nomes eram outros. Alguns surfistas veteranos, como Paulo Tendas, Bruzzi e Bocão, sobressaíam-se. Mas surfistas, como Picuruta, têm base para arrenbentar qualquer onda no Brasil
19. Boas ondas nos primeiros dias de campeonato. Pedro Muller.
20. Ricardo Bocão marcou presença no Sundek. Surfou melhor que muito garoto novo e nas ondas grandes, arrebentou no real sentido da palavra, quebrando sua prancha ao meio numa batida fora dos limites. Bocão mostrou a categoria que o levou a ter uma foto publicada em página dupla na SURFER de agosto, numa virada totalmente impossível num Backdoor assustador. A revista insiste em dizer "Um brasileiro não identificado".
21. Falta um nome. Picuruta.

A abertura deste caderno especial na TRIP nº 1, para falar do SUNDEK CLASSIC deve-se a um fato importantíssimo. Até o dia 19 de julho de 86, existia no Brasil apenas um campeonato de surf de nível internacional, no tocante à premiação, julgamento, seriedade e infra-estrutura - o OP - PRO.
A realização do I? SUNDEK CLASSIC é, na verdade, o segundo passo no sentido de se implantar um circuito de 5 ou 6 eventos de âmbito nacional no Brasil.

Quem acompanha o desenvolvimento do esporte sabe que isto seria infinitamente mais importante do que reuniões, editoriais, cartinhas ao CND, audiências em Brasília ou coisas desse gênero. Campeonatos como o OP, e agora o Sundek, atraem multidões de espectadores à praia, satisfazem e engrandecem os competidores, e ainda atraem a mídia de massa, levando o surf às primeiras páginas dos maiores periódicos do país, revistas de circulação nacional, emissoras de rádio e principalmente, redes de televisão (ainda o veículo mais forte no Brasil). O esporte passa a ser levado à sério, encarado como algo que interessa não só à rapaziada da praia, mas ao país inteiro, ou pelo menos à faixa de população cuja preocupação principal não é só a fome ou a falta de habitação.

A Sundek iniciou o trabalho, exatamente um ano antes do primeiro dia do campeonato. Trabalho exaustivo. Desde providências para a instalação de uma arquibancada de 40 metros de frente (capacidade para 1500 pessoas), até contratação da equipe de juízes enviados pelas associações de surf mais representativas do país; instalação de um trailler com telex, telefone, escrivaninhas e máquinas de escrever, nas areias de Itamambuca, dando total apoio à imprensa; torres para fotógrafos; palanque de 2 andares e esquema de sonorização profissional. Além de uma equipe de apoio que envolveu seguranças (o excelente Salva Surf de Ubatuba), somadores, secretários, sinalizadores e a razoável experiência acumulada pela Master Promoções, cujos diretores (Flávio Boabaid, Arnaldo Spyer e Roberto Perdigão) se reagruparam exclusivamente para a coordenação técnica deste evento.

Aliás a parte técnica foi a grande preocupação da Sundek: a aplicação dos critérios de julgamento vigentes nos campeonatos do circuito mundial da A.S.P. (Association of Surfing Professionals), mostraram nitidamente o caráter não imediatista do evento. Esses critérios, ainda que novidade para alguns, já são familiares à maioria dos surfistas competitivos do país, e tornam a competição mais justa e menos vulnerável a interpretações e critérios dúbios.

Sim, é possível apontar vários defeitos nesta estrutura; o inaceitável, porém, seria dizer que eles diminuíram a qualidade e o mérito da competição. As críticas construtivas apontam desde pequenos detalhes, como o baixo volume da sirene de aviso dos tempos das baterias até o curto espaço de tempo destinado as baterias de amadores, devido à grande quantidade de inscritos. A falta de um cronograma para o dia seguinte, afixado próximo ao palanque, fazia com que o assunto principal nas rodas que se formavam na cidade à noite fosse: "O que vai rolar amanhã de manhã?". As papeletas das baterias para o dia seguinte eram ambíguas quanto à numeração (existiam dois números para cada bateria, um relativo, por exemplo, ao cronograma do dia e outro referente ao desenrolar da prova), confusão que chegou inclusive a causar a desclassificação de um dos mais tradicionais competidores do evento, Otávio Pacheco, que compete em Ubatuba há mais de 10 anos, tendo sido campeão em 75 e 78.

A inclusão de um cronometrista é outra sugestão para os próximos eventos. Não deve ser função do head-judge manter um olho no cronometro e outro nos juízes, mas sim atenção total nas ondas de cada competidor e no trabalho do corpo de jurados.

A definição do critério e das decisões tomadas pela organização técnica sofreu muito devido à divisão de funções Dentro da organização técnica havia, por um lado, a Associação de Surf de Ubatuba já bastante desgastada pela má imagem deixada no último brasileiro, e pela nítida necessidade de atualização demonstrada pela indispensável contratação de uma empresa de assessoria técnica. Por outro lado, via-se a tolerância e o jogo de cintura demonstrado por Arnaldo Spyer e Roberto Perdigao, que explicavam repetidamente aos competidores os critérios da A.S.P. Sob um terceiro prisma, a arrogância e tom de severidade (dispensável) de Flávio Boabaid, a quem recomenda-se calma e sobriedade já que volume de voz e cara feia não é a forma mais adequada para conduzir eventos esportivos.

O campeonato como um todo, nada sofreu com estes pequenos detalhes. Ermínio e João Nadim da Sundek, acertaram em cheio na escolha do principal critério de ação, "confiar nas pessoas certas". Por meio das inúmeras entrevistas concedidas ao batalhão de repórteres presentes a Itamambuca, Ermínio confirmou algumas lições que tirou desta experiência, para o próximo Sundek.

1) A vinculação de um evento esportivo a apenas um veículo especializado, não é uma política acerada, já que o torna, ainda que subliminarmente, antipático a todos os outros - não há folheto ou cartaz que justifique a medida.

2) Quanto maior a premiação, mais alto e o nível da competição, interesse de competidores, público e imprensa por ela despertados

3) Já é hora do body boarding levantar vôo com asas próprias; o surf, segundo Ermínio, já fez muito pelo mesmo dando carona em seus maiores eventos e veículos especializados. A inclusão deste esporte em competições de surf converge sempre a um mesmo resultado: competidores descontentes, juízes de surf atuando improvisadamente em outro esporte, e cansativa extensão da prova devido à simultaneidade de disputas. Cabe então aos atletas do body boarding pleitearem, junto as empresas que exploram o esporte, a realização de um grande evento que faça reverter ao meio um pouco do muito que dele vem sendo retirado.

4) Vale a pena investir em qualidade, para competidores, público e imprensa: é satisfação garantida, "sem dinheiro de volta".

Essas observações foram tiradas não só pela Sundek, mas por todos os presentes, e principalmente por um grupo especial de espectadores. Este grupo formado por empresários da surfwear, segundo informações seguras, está realizando reuniões para a efetivação de um circuito nacional de porte Para um país que está novamente incluído no calendário do circuito mundial, levado pelas mãos de uma empresa do setor, o circuito é um passo naturalmente prestes a ser dado

O I? SUNDEK CLASSIC foi um campeonato literalmente "virado para a lua". Itamambuca recebeu dois "swells" inteiros. O primeiro bateu em Ubatuba na quinta-feira que antecedia o primeiro fim-de-semana de competição. As ondas subiram muito. Na sexta feira, véspera da abertura do evento, Itamambuca quebrava clássico: séries de cinco a seis ondas saíam de trás do morro do canto; direitas longas e abrindo, com paredes de dois a dois e meio metros servidas. Essas ondas permaneceram no fim-de-semana e na segunda-feira, apesar de já mais baixas; na terça-feira entrava um novo swell trazido pela frente fria e pela mudança de lua. Este novo swell proporcionou mais ondas boas e com tamanho, persistindo ate sexta-feira, fazendo quebrar não só Itamambuca, mas todos os picos do litoral norte paulista.

Infelizmente as finais rolaram com condições diferentes, mas com sol e casa cheia. A versatilidade dos competidores contou muito, já que tiveram que mostrar serviço em ondas que variavam de dois metros e meio storm até 30 centímetros clean.

Alguns destaques chamaram a atenção geral. Além dos nomes habituais, Gui Mattos, Mickey Hoffmann, Jojó de Olivença também tiveram performances dignas de nota. No amador, Roberto Casquinha, Sérgio Noronha e Teco Padaratz surfaram como profissionais

Como todo o evento de surf que se preze, alguns momentos de particular beleza e emoção: o aerial de Jojó, um nativo de Olivença (Ilhéus - BA) que trabalha como salva-vidas e pega ondas como um master, mantendo a simplicidade; a batida do veterano Ricardo Bocão que, numa onda com bom tamanho foi com muita sede ao pote e viu sua prancha partida ao meio; um belo tubo numa merreca conseguido pelo campeão do ano passado, Ricardinho. O surf de 1.ª linha apresentado pela rapaziada do nordeste, e o sul confirmando sua condição de escola de surfistas de altíssimo nível de competitividade.

Vale ressaltar a participação das garotas do surf feminino que lutam pela preservação de sua categoria em plena era do body boarding e da rapaziada do surf de joelho que irá representar o Brasil no mundial. Pois é, o surf no país do futebol está tomando jeito!

Mater al chroniony prawem autorskim

dennis magalhães

2

haroldo nogueira

3

marcelo laxe

4

1. Se depender da união das marcas, o circuito brasileiro está confirmado! Da esquerda para a direita, Fernando da Quiksilver/Lightning Bolt, Ermínio da Sundek e Zé Roberto da Town & Country.

2. Jojó de Olivença veio de Ilhéus, Bahia, e escreveu seu nome em Itamambuca, sendo considerado por muita gente como a principal revelação da Categoria Profissional.

3. Gui Mattos chegou perto das finais e mostrou um surf amadurecido

4. Mickey Hoffmann conquistou um merecido quarto lugar, superando muitos nomes consagrados do cenário, subindo ao pódium e dando um importante passo em sua carreira de profissional de surf.

Material chroniony prawem autorskim

Neno do Tombo vem trabalhando duro em sua profissão. É um dos atletas mais humildes e simpáticos à imprensa e ao publico. É também o maior colecionador de vice-campeonatos do Brasil. Vice no Brasileiro de Ubatuba de 85, vice no OP PRO de 86 e agora 2º no Sundek Classic

dennis magalhães

Abaixo:
David Husadel já provou ser um atleta versátil e altamente competitivo, destruindo as ondas de qualquer tamanho em qualquer lugar, e não só em Florianópolis como insistiam alguns comentaristas venenosos.

marcelo ixxe

dennis magalhães

sidney santos/nativos

RESULTADOS

CATEGORIA PROFISSIONAL

1º - Picuruta Salazar (SP)	- Lightning Bolt/Quiksilver/Rip Wave
2º - Neno do Tombo (SP)	- Town & Country/Atoll/Curvão
3º - David Husadel (SC)	- Tropical Brasil/Marambaia/Captain Blue
4º - Mickey Hoffmann (SP)	- Plancton/Hidrojets
5º - Joyó de Olivença (BA)	- Billabong/Surfari
Tinguinha (SP)	- Hang Loose/Harmonia/Mormaii
Heraldo Gueiros (PE)	- Company/Cyclone
Miguel Kury (RJ)	- Reggae/Hot Stuck

Na foto menor Roberto Valério encarou o Sundek com a mesma seriedade com que encara frequentemente os campeonatos de nível internacional que disputa

A pernambucana Verônica foi a gata mais bonita da praia e levou o título de Miss Sundek para Recife.

CATEGORIA AMADOR

1º - Teco Padaratz (SC)
2º - Sérgio Noronha (RJ)
3º - Ricardo Tatuí (RJ)

Material chromony prawem

haroldo nogueira

Luisinho do Guarujá foi um dos novos nomes cuja performance chamou a atenção, principalmente nas ondas de mais tamanho, quando sua prancha Heitor havaiana andava muito.

Abaixo: Tinguinha manteve seu status de competidor sério e foi, até os últimos dias, um dos nomes mais cotados para o título, sendo batido somente pelo campeão numa bateria de disputa acirrada.

ernesto baldan

dennis magalhães

Heraldo Gueiros de Pernambuco reside atualmente no Rio de Janeiro. Este fato, e uma recente viagem à África do Sul e outros points internacionais, resultaram numa sensível ascendência do seu surf

Material chroniony prawem autorskim

QUIVER PARA O SUNDEK CLASSIC

Um dos maiores benefícios que uma competição de surf de nível nacional trás à comunidade é o intercâmbio de idéias e a troca de informações técnicas

O encontro entre a rapaziada do centro do norte e do sul é altamente positivo e proporciona um salto na qualidade das manobras, estilos, condicionamento físico e principalmente dos equipamentos

Neste evento, falando-se sobre pranchas, viu-se de tudo. Da esquisita star fin de Dadá Figueiredo até as guns de Fernando Bittencourt que recém chegado de viagem trouxe a Ubatuba nada menos que sete pranchas em seu quiver

Veja agora num excelente trabalho do nosso repórter de peso Carlos Eduardo (Batata) de Campos o que vai nos pés de alguns dos melhores representantes do surf amador e profissional do Brasil

texto e fotos carlos eduardo de campos

TINGUINHA

Pranchas - Harmonia. Shaper - Jussef Rahim. 5'10", double wing (acentuado) round pin, biquilha. Mar - até 6' qualquer tipo de onda
6'7"; double wing (acentuado) pin, biquilha. Mar - ondas acima de 7'

LUIS NEGUINHO

Pranchas Rip Wave. Shaper - Beto de Santos 6', round pin, tri fin Mar ondas de até 6', não muito fortes
6'4"; round pin, tri fin Mar - acima de 7', com força

TECO PADARATZ

Pranchas - Tropical Brasil. Shaper Avelino Bastos. 5'9", squash, tri fin. Mar - ondas com até 5'
6', round pin, tri fin. Mar ondas com mais de 6', com paredes longas e cavadas

NENO DO TOMBO

Pranchas - Town & Country. 5'8"; wing round pin, tri fin Shaper Alexandre Morse. Mar - ondas com até 7', cavadas e rápidas 5'11", wing round pin, tri fin. Shaper Alexandre Morse. Mar - ondas variando entre 6' e 8', fortes
6'2"; wing round pin, tri fin. Shaper - Careca da Shine. Mar - ondas maiores e mais gordas

FERNANDO BITTENCOURT

Prancha Energia 5'11", double wing swallow, tri fin Mar - ondas com até 6', cavadas, especial para baterias homem x homem
Shaper - Helio Cândido
Prancha Energia, 6', round pin, tri fin Mar ondas com até 7' Shaper Gui Monteiro
Prancha Energia, 6', wing square, por Lipe Dylong
Prancha Linden, 6'1", round pin, tri fin com 4 canaletas. Shaper - David Bart Mar ondas com até 7', com força
Prancha Energia, 6'2", squash, tri fin, por Lipe Dylong
Prancha Energia, 6'5" round pin, tri fin por Gui Monteiro
Prancha Energia, 6'9", pin, tri fin Shaper Gui. Monteiro. Mar ondas acima de 8'

ALMIR SALAZAR

Pranchas Lightning Bolt 6'; round squash, tri fin. Shaper - Almir Salazar. Mar - ondas com até 7'. É uma prancha muito boa, fluida e solta. Almir já surfa com ela há algum tempo e, mesmo estando rachada, é sua melhor prancha
6', round squash, tri fin. Shaper - Almir Salazar Mar ondas maiores de 6'. Almir tentou fazer esta prancha mais parecida possível com a outra, mas esta saiu menos solta, mas com melhor remada e mais velocidade, portanto é usada em ondas maiores

FEIO

Prancha Linden 6' Shape wing (muito suave) round squash tri fin Shaper - Gary Linden Mar - Feio tem esta prancha há mais de um ano, é muito boa prancha, e Feio a usa em qualquer onda
Prancha Surfari 6'6". Shape - wing (suave) squash, tri fin. Shaper - Júlio César Mar ondas maiores de 6', uma prancha especial para Maresias

DAVID HUSADEL

Pranchas Tropical Brasil Shaper - Avelino Bastos
6', round squash, tri fin Mar - ondas mais gordas sem muito tamanho nem força
6'4"; round pin, tri fin Mar - ondas maiores, com força e cavadas

PICURUTA SALAZAR

Pranchas- Rip Wave 5'11"; round squash, tri fin, com 4 canaletas Shaper Norberto Mar - até 7' em qualquer tipo de onda
6'; round squash, tri fin, com 4 canaletas Shaper - Norberto. Mar - ondas medindo entre 6' e 10' com mais força
6'6"; squash, tri fin Shaper - Norberto. Mar ondas acima de 10

PIU (SANTOS)

Pranchas - Hot Gust Shaper - Paulo Rabello. 5'10"; wing round pin, tri fin, com 4 canaletas. Mar ondas com até 5'
6'1"; wing round pin, tri fin, com 4 canaletas. Mar - ondas maiores de 6

GUTO CARVALHO

Pranchas Hot Stick Shaper - Victor Vasconcelos. 5'11"; double wing swallow, tri fin com 4 canaletas. Mar onda cheia com até 5
5'11", double wing swallow, tri fin, com 4 canaletas Esta prancha tem um V mais acentuado e mais curva no bico. Mar - ondas maiores e principalmente mais cavadas buraco

CAULI RODRIGUES

Pranchas - Hot Stick Shaper. Victor Vasconcelos. 5'11"; double wing swallow tri fin, com 4 canaletas Mar ondas com até 6' e cavadas
5'11", round squash, tri fin, com 4 canaletas. Mar - ondas com até 6' e mais gordas
6'2", round pin, tri fin, com 4 canaletas Mar ondas com mais de 7'

ZECÃO

Pranchas Willis Brothers Shaper - Zecão 5'10", round squash, tri fin. Mar ondas de até 6', cavadas
6', round squash tri fin com 4 canaletas. Mar ondas entre 6' e 7' menos cavadas
6'3"; round squash, tri fin, com 4 canaletas Mar - ondas grandes, que exijam maior segurança

RICARDINHO

Pranchas - Surfari. Shaper - Júlio César 5'11", round squash, tri fin. Mar qualquer tipo de onda até 6'
6'4"; round squash, tri fin. Mar ondas com mais de 7'

Alexandre Salazar
precisava dessa
vitória. Há algum
tempo fora dos
pódiuns, Picuruta
chegou lá, com
muita seriedade e
surf de mestre

Teco Padaratz
mostrou surf de
profissional

ALVARO ELKIS
WANTED
SPY
sunglasses

ludmila garcia

HEY FELLA WHAT'S FUNK? AXÉ! PARALAMAS E OBINA SHOCK

Em toda sua existência a música africana vem sendo boicotada por sua expressão purista e direta contra as controvérsias detonadas por uma política de repressão e extorsão dos mínimos valores humanos. Assim como o reggae só começou a ser difundido em escalas internacionais após o falecimento do deus dread Bob Marley (sucedendo o esquecido Joe Higs com seu estilo seco e country nos anos 60).

Para botar o caldeirão a ferver em altas temperaturas temos os ritmos de ... Kingston, Nigéria e ... versas alquimias, assim como o dub, ... Afrobeat e a Makossa. Ou como a dilaceração indiscriminada pelas ondas moduladas, modulando e manipulando o rebanho a nunca se encontra com o verdadeiro pergaminho místico e musical, privando-o de velhos e novos conhecimentos culturais.

E, nem tudo está perdido aqui no solo cabralis. Com a invasão de novas bandas do Brasil inteiro e com o golpe de misericórdia das gravadoras ao lançar em vinil essas bandas Surgem no horizonte novas formas de expressão e, raros casos, a mistura das nossas formas primitivas de ritmos, como as do Caribe e Nigéria, mesclando letras políticas com programação de computadores, do pagode ao funk soul e do afoxé ao afrobeat. A banda Obina Shock cobre todas as expectativas dessa fusão. Nascida no Rio há dois anos apresentaram-se no Parque Lage e foram convidados pela RCA a gravar um mini LP com 7 músicas, que foi lançado em todo o Brasil em agosto.

Uma pura mistura de ritmos africanos com a free performance do jazz, mais algumas pitadas da batida hipnotizante do reggae, delineando um pseudo-funk, estonteando os ouvidos mais desatentos. Como na faixa Afrikaner Brother Bond com Gil cantando contra a discriminação racial na África do Sul, além das participações de Gal do Piston, de Marcio Montarroyos e de Sérgio do Trombone.

E, nem tudo está perdido. Esta poderá ser a mais importante banda para o cenário musical brasileiro que poderá interferir no comportamento de diversos grupos que, julgo eu, não acharam o verdadeiro caminho.

Alois Lacerda (Eddie)

SALADA

DA LAMA PARA A FAMA

avelino bastos

Como é bom saber tocar um instrumento

Tocar com as vísceras, coração, cérebro, dedos. Sair de si e estar em todos, num passe mágico da emoção deste para outro mundo.

O melhor da música instrumental, nas melhores lojas de disco, ou pelo reembolso postal.

SOM DA GENTE.

Som da Gente Ltda.
R. Bocaina, 61
Fone 65-5282, 65-9403
São Paulo - SP

CASCA GROSSA

Um toque rápido. Ligue-se neste nome ROBERTO CASQUINHA. Este surf sta amador carioca não só dos podiuns e sua performance tem sido comparada à dos melhores profissionais do país. Recentemente, CASQUINHA faturou o título do intercâmbio BRASIL X EUA realizado em STA CATARINA.

E por falar em SC, ai vai mais um nome quente: LUCIANO OLIVEIRA

EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL

O domingo, 21 de junho de 1986, entra para a história como um dos dias mais ingratos para o futebol brasileiro. Empatamos em um lento com a França e fomos eliminados da copa do México. O dia seguinte foi para mim, jornalista especializado em surf, um dos mais gratificantes ... então em minha carreira. Entrevistar David Husadel. O Tatu e seu técnico Avelino A. Bastos que durante meses a fio, foram em busca de novas ondas, técnicas e táticas de competição, na esperança, talvez, de concretizar o sonho de um surfista - ser campeão do mundo.

EDISON RONCHI

MUITOS FATOS E IMAGENS DIGNOS DE NOTA CHEGAM À NOSSA REDAÇÃO SEM A FORÇA SUFICIENTE PARA GERAREM MATÉRIAS, MAS COM FORÇA SUFICIENTE PARA SEREM IMPERDÍVEIS. NOTÍCIAS FRESCAS, IMAGENS TENRAS, ACONTECIMENTOS SABOROSOS E CRÍTICAS ÁCIDAS, TUDO COM TEMPERO DE NOVIDADE NESSA VERDADEIRA

SALADA!!!

AMYR RIDES AGAIN!

"Surfar uma onda de 40 pés em Waimea Bay não é um desafio à natureza, mas um desafio à sua sensibilidade e inteligência, um desafio pessoal."

Gestos tímidos, muita confiança e um equilíbrio interno incomparável, há 2 anos Amyr Klink remou 100 dias num barco de 6 metros vindo da África até chegar à costa brasileira.

Recentemente, de volta a São Paulo de uma viagem de 3 meses de reconhecimento na Antártida, Amyr pretende, já em 87, passar uma temporada solitária de 14 meses hibernando naquele continente com um objetivo não científico, mas colhendo dados e registrando fotograficamente aquele verdadeiro laboratório vivo.

Fernando Costa Netto

PEPE LEGAL

* "Sid and Nancy", de Alex Cox [o diretor de "Repo Man"] está em cartaz em Londres desde julho. Os pobres de espírito dizem que o filme faz parte da campanha contra a heroína movida pelo governo Neo Brutalista da Dama de Ferro. Papo furado. Cox, inglês residente na Califórnia, filmou a história de amor e morte entre Sid Vicious e Nancy Spungen, colocando o punk apenas como background. Trata-se de uma tragédia contemporânea, excepcionalmente bem fotografada, e com uma mensagem puro Oscar Wide: O homem sempre mata o que ama.

* Quando você for a L.A., não deixe de enlouquecer em duas das melhores lojas de disco dos EUA: a Vinyl Fetish, em 7305 Melrose Avenue, e a Rhino Records, em 1720 Westwood Boulevard. No fetiche de vinil, paraíso dos posadores angelenos, está uma seleção impecável de independentes californianos. Quanto à Rhino, é o nirvana da garagem, do rock'n roll clássico e das preciosidades de segunda mão. Saindo de lá, gaste o último dólar tomando uma margarita no El Coyote (7312 Beverly Boulevard).

* O segredo mais mal guardado de L.A. é uma festa semi-privada que acontece todo fim-de-semana e muda de lugar a cada seis meses. Chama-se Zero Club. É a festinha after hours onde todo mundo pode entrar, desde que não chegue na hora do rush (entre 1 e 2:30 da manhã) e molhe bem molhadinha a mão do leão de chácara. Paga-se uma taxa de entrada e a cerveja e o vinho correm soltos. Garantia de alta biondagem. P.E.

RAUL

Parece que finalmente os empresários de música perceberam que não é só o grupo MENUDO que dá bilheteria por aqui. Alguns dos melhores músicos do mundo deram o ar de sua graça nos últimos tempos. Destaque para BB KING, BUDDY GUY, JUNIOR WELLS, KID CREOLE AND THE COCONUTS e para o time de comissão dez prometido para o FREE JAZZ. Mas uma dos maiores atrações internacionais presentes nos palcos brasileiros recentemente ficou por conta do carioca radicado nos EUA chamado RAUL DE SOUZA. Considerado pela crítica especializada americana como o maior virtuose do mundo no seu instrumento: O TROMBONE RAUL, que é empresariado pelo surfista PAULO DE TARSO, presenteou seus compatriotas com dois shows alucinantes e mais - Um disco gravado ao vivo durante sua apresentação no confortável e simpático caso INVERNO E VERÃO JAZZ, SAMBA, SOUL, BOSSA, FUNK, e até mesmo ROCK misturados na dose certa com um toque de genialidade

P L

BRASILIAN SOUND SYSTEM

O trabalho das Ondas Tropicais nos anos 80, em São Paulo, pode ser equiparado a uma situação existente na Jamaica dos idos anos 50, quando surgiram os Sound Systems. A moçada pegava toca-discos, caixas acústicas, discos de Blues e Rhythm'n Blues, subia em cima de um caminhão e peregrinava pelos bairros mais pobres das cidades jamaicanas. O povo foi seduzido instantaneamente, e isso possibilitou a divulgação em massa dos incríveis ritmos jamaicanos e seus DJs.

Aqui no Brasil o Sound System, adaptado à metrópole e recriado pela agitadora Sonia Abreu, ex-programadora de rádio (Excelsior, Difusora), desde 82 a pioneira e única nesse projeto inovador, cria furor e mais simpatizantes por onde passa.

Recentemente na Praça do Por do Sol, em Pinheiros, São Paulo, de maio a junho nos domingos, Sonia juntou uma plêiade de críticos e DJs [Leopoldo Rey, crítico], Kid Vinil [sem comentários], Otávio Pacheco [DJ e jornalista] Doctor Ezo Tarik [eminência parda], Alois Lacerda [Eddy the Monster, DJ], e outros, não esquecendo a presença do maestro Diogo Pacheco. Atacaram performances radicais, apresentando suas músicas e standards prediletos desde o Heavy-PunkTecnoDubAfricaBluesSoulJazz-Rock ao silêncio.

Com o roubo da Kombi das Ondas [recuperada recentemente], Sonia Abreu e seus amigos prometem novos projetos e viagens pelo Brasil afora. AGUARDE!!!

A. V.

SPY

geraldo l. gomes

COMEÇANDO POR CIMA

[illegible] ... REVISTA PIZZ ... [illegible]

PERU É O CANAL

Chicama foi considerado pela Revista Surfer como uma das 10 ondas mais perfeitas do mundo. Esse point fica muito mais próximo do que você imagina [illegible] apenas algumas horas de [illegible] capital peruana). Se você [illegible] conferir esta afirmação [illegible] Surfer o melhor [illegible] para a Pan Europa Tours [illegible] passagens da AEROPERÚ [illegible] especiais para [illegible] O endereço é o seguinte: Pan Europa Tours - Av. São Luís, 50 [illegible] /Conj. 241-A - Tel.: (011) 259-5122

F.C.N

NOVIDADES

O problema da longa exposição da pele e dos cabelos ao sol, com o qual convive há anos grande parte da rapaziada que tem na praia seu quadro de esportes, parece estar próximo da solução definitiva. Um creme em forma de gel chamado BULLFROG, garante a permanência por até 6 horas dentro d'água, atingindo o fator 18 de proteção solar.

P.L.

SURF TRIP

Depois de um ano de trabalho duro à frente da pioneira empresa de reembolso postal de surfwear SEA LIFE, o surfista e engenheiro químico AL DHEMAR DE FREITAS JR. partiu para uma SURF TRIP com duração prevista para dois anos.

Um ano após sua partida, decorrida a primeira parte de sua viagem, DEMINHA (como é conhecido no meio do surf), já conheceu e surfou points como Porto Rico, Califórnia, Espanha, França Hawaii, Australia, Bali (Indonésia) e Java. No roteiro do segundo ano, estão ainda alguns lugares como Ilhas Fiji, África do Sul, Japão, Tahiti, Caribe o outros paraisos do gênero. Além de ondas alucinantes e experiências únicas, Deminha está colhendo material editorial, fotos e informações sobre os locais por onde passa. Todo esse material estará nas páginas da TRIP ao longo de nossas edições (veja nesse exemplar a coluna de BILL BARNFIELD). Como se pode notar, Dema conhece muito bem o significado da palavra TRIP.

P.L.

HANG LOOSE PRO CONTEST OU O MUNDIAL DE SURF VOLTA AO BRASIL

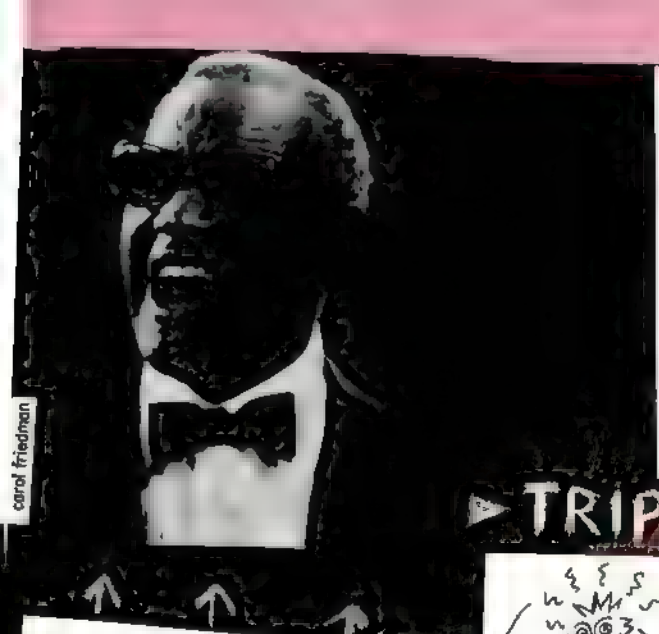
Não poderia ser de outro jeito. Por muito tempo pensou-se que o sonho de se ter novamente uma etapa do circuito mundial de surf profissional no Brasil jamais se realizaria. A única saída imaginável na época seria uma grande empresa de cigarros ou fabricante de tênis que milagrosamente apostaria no surf. NADA DISSO. TUDO BOBAGEM.

Só um surfista poderia tornar o sonho real, alguém que realmente sabe o que uma etapa do circuito representaria para o desenvolvimento do esporte no país. Dito e feito. O surfista de São Paulo Alfio Lagnado (25 anos) trabalhou duro e conseguiu o que uma das maiores cadeias de TV do mundo tentou e não soube concretizar: falar de igual para igual com outro surfista chamado Ian Cairns, presidente da A.S.P. — Association of Surfing Professionals.

O fato é real. De 6 a 14 de setembro teremos em Santa Catarina a presença de pelo menos 16 dos maiores profissionais do surf internacional e mais toda a comunidade mundial voltada para uma praia tupiniquim novamente. O campeonato será móvel, deslocando-se para a praia que apresente naqueles dias as melhores condições de ondulação e ventos.

Não devemos indenizar a figura de Ian Cairns ou da A.S.P., cuja decisão só foi tomada em função do peso dos dólares postos sobre a mesa, e a quem têm sido dirigidas pesadas críticas pelos profissionais de diversos países que competem em seu circuito. Devemos, sim, parabenizar toda a equipe Hang Loose (Mauro, Tróia etc.) liderada por Alfio, que trouxe, à custa de muito suor, o MUNDIAL DE SURF PARA A TERRA DO COPYRIGHT, ao contrário do que muitos previam.

P.L.



carol friedman

BRASIL NA CONEXÃO INTERNACIONAL

Entre os dias 27 e 31 de agosto, em São Paulo, no Anhembi, e dias 2 a 7 de setembro no Teatro do Hotel Nacional no Rio de Janeiro acontecerá O FREE JAZZ FESTIVAL 86, evento de porte internacional organizado pelo grupo DUETO, com patrocínio da CIA de Cigarros Souza Cruz e Pan Am. É um grande momento para iniciantes e velhos aficcionados se deleitarem com o melhor das diversas correntes de JAZZ que permeiam o Planeta.

Estrelas de 5ª grandeza estarão nos entretendo no Rio e em São Paulo, com programação idêntica nos dois eventos, e workshops paralelos.

Teremos o fora de série, a síntese entre blues, Africa, Jazz, enfim, o Génio Ray Charles, o mestre do trumpete Wynton Marsalis, o cantor e guitarrista Larry Carlton, que se embrenhou no country-folk americano e é uma das gratas surpresas destas vindas, o virtuose da guitarra Stanley Jordan, o multi-instumentista Egberto Gismonti, o ótimo instrumental brasileiro do Grupo D'Alma, o saxofonista Paulo Moura, o sanfoneiro Dominguinhos, o autêntico som de New Orleans com os The Dirty Dozen Brass Band, o sax baritono Gerry Mulligan e muito mais.

A única tristeza é o cancelamento de última hora do tecladista Keith Jarrett, mas prá quem tem Ray Charles in Loco a gente até esquece. Certo?

A V

TRIPA

angelo palumbo

"VIVER EM SÃO PAULO É ESTAR ACOSTUMADO A FICAR SOZINHO NUM ÔNIBUS LOTADO"

Fotografia autêntica do que acontece pelos corredores e vias urbanas nos agonizantes Latões (bus) prensados de cidadãos! Pois

As palavras que abrem o artigo fazem parte de uma letra dos velhos (desde 79 na ativa) jovens (média 21 anos) integrantes do U T I

Tocaram em um vasto circuito alternativo desde o lengendário Napalm, em São Paulo, ao tradicional Lira Paulistana, Rose Bom-Bom, Madame Satã, G V. Broadway (inauguração do Half-Pipe), Rádio Clube (junto com o filme "Ocean Fever"), Mix Bill e muito mais.

Seus componentes: Alexandre "Pulga", vocal, contra baixo, praticante de surf e skate; João Batista, guitarra e vocal; Tom, baterista e surfista na ativa. Um perfil de autêntica banda de garagem, que pela falta de visão das gravadoras nunca foi para vinil.

"UM DIA NA RADIAL FUI ATRAVESSAR MOTORISTA ALCOOLIZADO TENTOU ME ATROPELAR"

Um dos muitos significados de U.T.I., realmente de uma sutileza de concreto, é Urbanóides Traumatizados. Igualmente, seus gostos musicais vão desde os góticos Alien Sex Fiend aos Americanos Violent Femmes e Wall of Voodoo, chegando aos terminais Birthday Party e os cavernosos Inca Babies.

A V

MODA

ernesto baldan

CAIXINHA DE PANDORAS

AS GAROTAS ACERTARAM

O lançamento nacional em disco mais aguardado do ano, que irá deliciar a todos os gostos musicais é o funk-jazz de vanguarda do Akira S e as Garotas que Erraram. O grupo está terminando de gravar LP no estúdio VICE-VERSA, pelo selo Baratos Afins, prometido para fins de setembro.

Para os ouvidos de sensibilidade que estão habituados com a música de A Certain Ratio, Manu Dibango, Miles Davis, é uma grata sensação.

A formação da banda: Akira S (baixo, drum machine), Pedreira Antunes (vocais), Edson X (bateria), Cotrim (teclados), Fripp (guitarra, guitarra sintetizada).

O grupo participou de uma coletânea de nome "Não São Paulo", do selo Baratos Afins, com as bandas Ness, Muzak, Chance, tendo a presença na faixa "Sobre as Pernas" do genial Holger Czukay em um barbarizante solo de trompa (Holger é um dos faróis da vanguarda européia), sendo seu último trabalho com David Sylvian (ex-Japan).

Para quem não sabe, a Baratos Afins é uma editora e produtora de discos que reedita velhos clássicos do rock brasileiro, como LPs dos Mutantes e Arnaldo Baptista. Nos atuais, solta uma infinidade de tendências e estilos (Fellini, Mercenárias, Voluntários da Pátria, Centúrias, A Chave do Sol, etc.... O endereço: Av. São João 439 2.º andar Lj/314, 318 Tel 223-3629 São Paulo. Vai

RALLYE

[illegible]

PIERLUIGI PALUMBO

POLOS OPOSTOS SE ATRAEM

Jovens não tão rudes assim, formam o grupo brasiliense Plebe Rude, há quatro anos e meio. Foi uma longa jornada até conseguirem finalmente gravar o mini LP O Concreto Já Rachou que acabou estourando (cerca de 17 mil discos vendidos).

Muito já se falou sobre o som do grupo. O rock é direto, cru. Suas letras falam sobre os problemas e ansiedades de uma juventude marcada pela pressão física e ideológica de uma época que parece terminada e que agora começa a se expressar através da arte em geral.

Apesar do grupo ter sido gerado em Brasília, nenhum dos quatro nasceu lá. André Mueller, um baixista ariano, de 24 anos que nasceu em Curitiba. Nas suas preferências musicais estão reunidos Led Zepellin, Deep Purple, The Damned, Cocteau Twins, Nick Cave e muitos outros. Para ler, Stephen King e derivados. Filmes de Clint Eastwood são sempre bem recebidos.

Ameba, de 20 anos, é guitarrista e vocalista do conjunto. Nasceu em Minas e também é ariano. Suas leituras preferidas são histórias em quadrinhos e livros de bolso de cowboys. Adora andar de bicicleta e, quanto ao som, recomenda Dead Kennedys, Toy Dolls e por aí vai.

Philippe Seabra, 19 anos, americano de Washington toca guitarra e faz o vocal do grupo. Do signo de escorpião, Philippe gosta de tocar música clássica e flamenga nas horas de folga. Ouve muito FM, e seu gosto musical é bem variado indo de E.W. Fire a Killing Joke.

Na bateria e vocal, o carioca Gutje, 20 anos, que longe das baquetas coloca suas mãos em câmeras de foto e vídeo. Na sua casa na serra, ouve muito Clash para fugir do frio.

Tão diferentes na sua maneira de pensar e agir, quando os quatro sobem no palco tudo muda. É a união da energia de Ameba, do punch de Philippe, do super visual de André e da segurança de Gutje. Quanto ao sucesso, ele é encarado com muita seriedade pois isto é a base para um trabalho sincero que crie uma consciência numa juventude tão condicionada a modismos.

PAULA J. MARQUES

PINCÉIS E BITES

[illegible]

ernesto baldan

angelo palumbo

SUPLA BACK SIDE PARA CRÍTICA

[illegible]

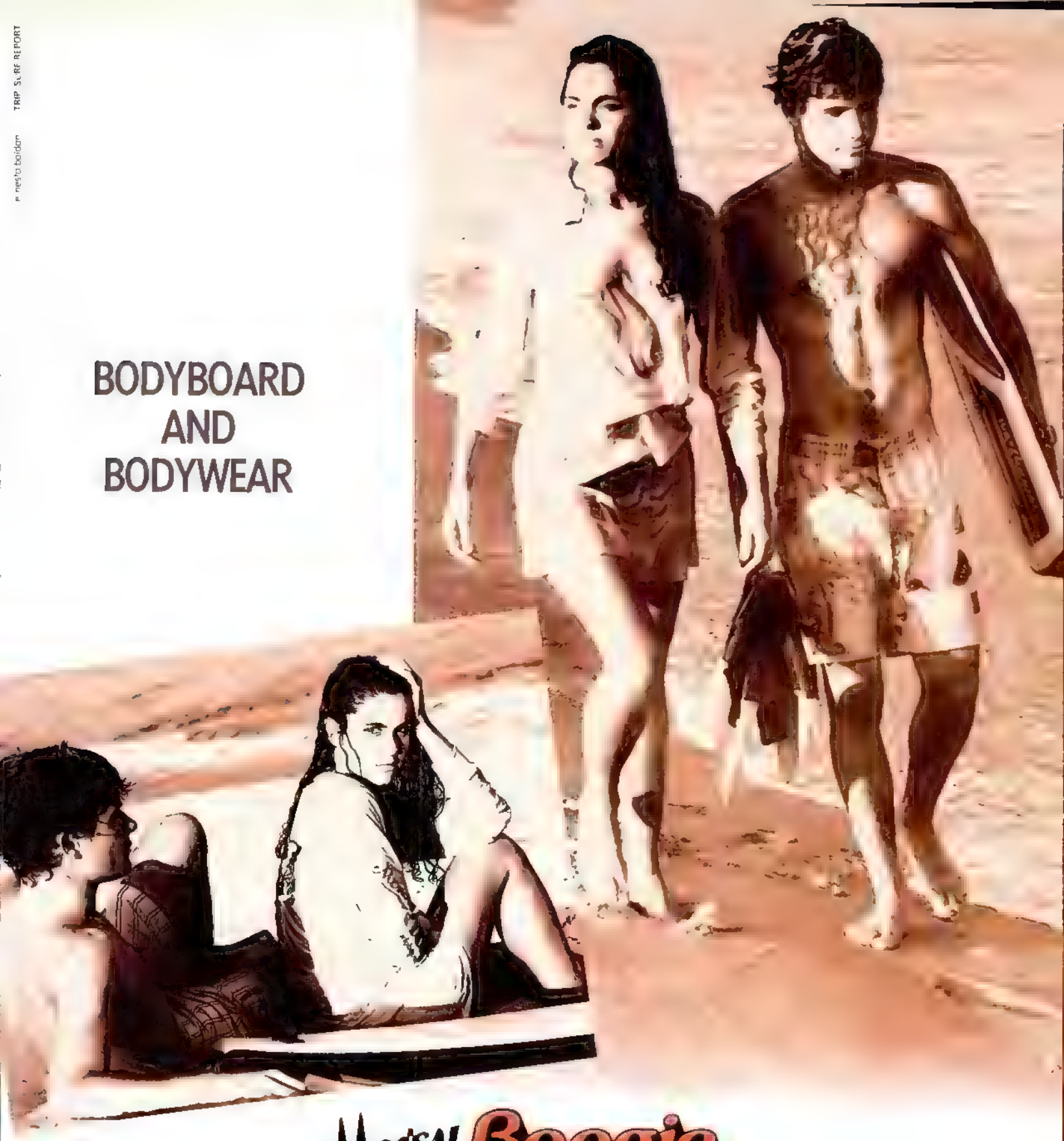
P.L.

SURF WEAR

HAWPH

Rua Marquês de São Vicente - 188 L J C (perto da PUC) Gávea RIO Fones: (021) 274-7546/ 239-3677

BODYBOARD AND BODYWEAR



Morey Boogie®
Bodyboards

BODY BOARD
RUA MABA, 373 - VIGARIO GERAL
TEL. (021) 372-5037 - RJ

BODY WEAR
PRONTA ENTREGA: R. PAULISTANIA, 64
SUMAREZINHO - PBX 262-3124 - SP

JORGE PACELLI - PIPELINE PHOTO: BASILIO
BELLS PRINT

TRIP

ANO 1 NUMERO 2 1986 Cz$ 35,00

MODA?
B.B. KING
MERGULHO
PORTO RICO
AMYR KLINK
SKATE AEREO
PEDRO MOLLER
MUNDIAL DE SURF NA BAHIA

11605 Z SPIE
11435 A SPCD
25/0858
ZCZC RFX132 CRI686 ACA410 OXG464
BRSF CO AASV 008
PALM BEACH QLD 8/7 25 1613

"O HANG LOOSE PRO CONTEST, ETAPA BRASILEIRA DO MUNDIAL DE SURF, ESTÁ MUITO BEM ORGANIZADO, ENTRE OS MELHORES DOS ÚLTIMOS DEZ ANOS. O SURF APRESENTADO PELOS COMPETIDORES É DE EXCELENTE QUALIDADE. É O MELHOR CAMPEONATO DESDE O REALIZADO EM JEFFREY'S BAY NA AFRICA DO SUL EM JULHO DE 84."

IAN CAIRNS, DIRETOR EXECUTIVO DA ASP.

COL 548 01331SP

TELEGRAMA FONADO
E CÔMODO TELEFONE PARA A ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.

ECT

TELEGRAMA FONADO
E CÔMODO TELEFONE PARA A ECT HOJE E PAGUE DEPOIS.

MA RAPIDEZ E SUA DISPOSIÇÃO

HANG LOOSE PRO CONTEST

VAI DO PARA O CIRCUITO MUNDIAL DA ASP

DE 01 A 14 DE SETEMBRO

FLORIANÓPOLIS

Triste sina a deste rapaz: vinte anos de idade, profissional há quatro e com os dias contados. Já percebeu que vida útil de surfista é mais curta que a de jogador de futebol. Acha que tem a cabeça vazia e que surf é alienante. Gosta de comer, é calado e está à procura de uma mulher frágil. Tem uma águia tatuada no braço, lê Asterix e Obelix, gosta de filmes de suspense e terror. Ouve The Cure, Lloyd Cole and The Commotions. Seu grande sonho: correr o circuito mundial de ponta a ponta. Dá para acreditar?

Dá. Acontece que Pedro Müller, a exemplo de outros surfistas da nova geração, não é só isso. Gosta de surf e de falar de surf. Normal. Mas transmite a nítida impressão de que algo o incomoda bastante. Será a tal alienação? Será o surf em si? Será esse tal de rock'n roll? Ou será o Benedito?

O leitor que tire suas conclusões. Depois de noventa minutos de entrevista, num sabadão paulistano regado a caipira, chope e feijoada, saímos – Paula Lima, Ernesto Baldan, Popo Escobar e eu – do Maksoud Plaza com uma sensação estranha. Algo incômodo. Teria sido a entrevista? O tempo nublado? O país? O leitor, a leitora que tire suas conclusões. Uma coisa, porém: esse Pedro Müller promete. Vamos ver se cumpre.

TRIP: Qual o seu nome?
PEDRO: Pedro Müller.
TRIP: Quantos anos você tem?
PEDRO: 20.
TRIP: Faz o que da vida?
PEDRO: Sou surfista profissional.
TRIP: Surfista profissional? Existe isso?
PEDRO: Existe não, mas a gente tenta fazer existir.
TRIP: Mas então você deve ser maconheiro?
PEDRO (Irônico): Maconheiro, cheirador, puto...
TRIP: Mas como é esse mundo do surf? Existem mesmo aquelas mulheres que aparecem nas fotos dessas revistas?
PEDRO: É tudo de verdade.
TRIP: Como foi essa sua vitória na OSP?
PEDRO: Foi muito boa. Eu estava na maior lama, não conseguia boas colocações. Essa vitória foi boa pra caramba, levantou minha moral.
TRIP: Como funciona a vida de um surfista profissional? Como se descolam patrocínios?
PEDRO: Qualquer um pode ser surfista profissional. É só se inscrever num campeonato como surfista profissional. Mas daí para descolar um patrocinador, o cara tem que mostrar um bom resultado em termos de campeonatos ou ter um currículum bom em termos de fotos em revistas, além de ter uma imagem boa na mídia.
TRIP: Quantas provas oficiais existem por ano no Brasil?
PEDRO: Agora acho que existem umas quatro, mas no ano que vem vai haver um circuito brasileiro com umas 10 etapas no país inteiro.
TRIP: O que você espera desse circuito brasileiro?
PEDRO: Só estou escutando falar, mas parece que vai ser bom, premiação alta, algo em torno de Cz$ 400.000.
TRIP: Isso para o primeiro colocado?
PEDRO: Não dividido entre os 16 melhores colocados.
TRIP: O surfista profissional consegue viver só disso?
PEDRO: Dá pra se levar. Um cara bom consegue, leva uma vida meio medíocre mas dá pra viver.
TRIP: Há quanto tempo você é profissional?
PEDRO: Três ou quatro anos.
TRIP: Como tem sido de lá pra cá? Está melhorando para os profissionais?
PEDRO: Sim, está melhorando.
TRIP: Por exemplo?
PEDRO: Por exemplo em termos de campeonatos, eles estão sendo bem julgados de acordo com os campeonatos da ASP, as regras do circuito mundial; os prêmios estão melhorando e os patrocinadores estão investindo mais nos surfistas, dando passagens para competirem no exterior.
TRIP: Um de seus patrocinadores, talvez o mais importante, queria que você continuasse sendo amador. Porque você resolveu ser profissional? Como é essa relação da influência do patrocinador em uma atitude sua? Porque eles queriam que você continuasse como amador?
PEDRO: Talvez eles quisessem que eu fizesse uma carreira melhor no amador pra já entrar com mais base no profissional. É como você falou, acho que pesou mais a minha opinião mesmo, eu quis entrar para o profissional e entrei. Acho até que foi um erro meu, deveria ter dado ouvidos e ter ficado mais tempo como amador.
TRIP: Por quê? É muito importante o trabalho com o surf amador?
PEDRO: Eu acho. Está sendo muito importante em termos de preparo para campeonatos e pra fazer um nome também. Os amadores estão tendo uma imagem super forte hoje em dia. Mas acho errado que aqui no Brasil se pague um surfista amador, ele é remunerado. Isso não existe, o surfista amador ganha só uma ajuda, uma prancha, material. Se ele quer ganhar dinheiro, então tem que virar profissional. Se o surfista amador é remunerado, então não existe diferença entre ele e o profissional.
TRIP: Como é o dia a dia de um surfista profissional?
PEDRO: A vida de um surfista é isso: ir para a praia, pegar onda o dia inteiro, fazer exercícios, correr etc. Neste mês de outubro viajei pra caramba, fui duas vezes para o Espírito Santo, competi num campeonato da OSP no Quebramar. A vida de um surfista é esse, pegar onda, malhar e competir, onde tem campeonato ele tem que ir atrás.
TRIP: E para competir no exterior? Você é convocado ou se inscreve?
PEDRO: Você se inscreve, compete nas triagens, depois com os 32 melhores do ranking mundial, já na fase homem a homem. Qualquer um pode competir lá fora, até como amador.
TRIP: Como um cara de 20 anos que está começando a se tocar das coisas e perceber o mundo, vê essa necessidade de ter que ficar o dia inteiro na praia pegando onda e malhando, vendo que seu hori-

zonte vai apenas até o primeiro lugar no ranking? Como você sente essa falta de perspectiva como pessoa?

PEDRO: O surfista fica numa certa bitolação... Me questiono pra caramba se vale a pena.

TRIP: Surfista é como jogador de futebol, que tem vida útil?

PEDRO: Acho que sim. De repente é até mais moço, acho que até os 30 anos.

TRIP: Você tem 20 anos, só mais 10 de carreira. O que você pensa pra frente?

PEDRO: Eu não pretendo só surfar até os 30 anos. Pretendo, com 24 anos, já começar a fazer alguma coisa pra mim. Uma coisa que entendo pra caramba é o esporte que faço e acho que cedo ou tarde vai aparecer alguma oportunidade, vou conseguir descolar um trabalho em cima disso.

TRIP: Tem alguma fábrica de prancha rentável aqui no Brasil?

PEDRO: Prancha em si é rentável, mas não muita. O que vende mais é a surfwear mesmo. Prancha de surf precisa de muita mão de obra, é muito desgastante e é muita cara, não é todo mundo que pode pagar.

TRIP: Quando você começou a surfar?

PEDRO: Quando tinha 11 anos.

TRIP: Você sempre morou no Rio?

PEDRO: Sempre no Rio.

TRIP: Qual foi sua primeira prancha?

PEDRO: Minha primeira prancha não tinha nem marca. Ganhei dinheiro de aniversário e fiquei economizando um tempão até comprar. Isso depois do meu irmão ter comprado uma prancha escondido, porque meus pais não deixavam a gente ter prancha.

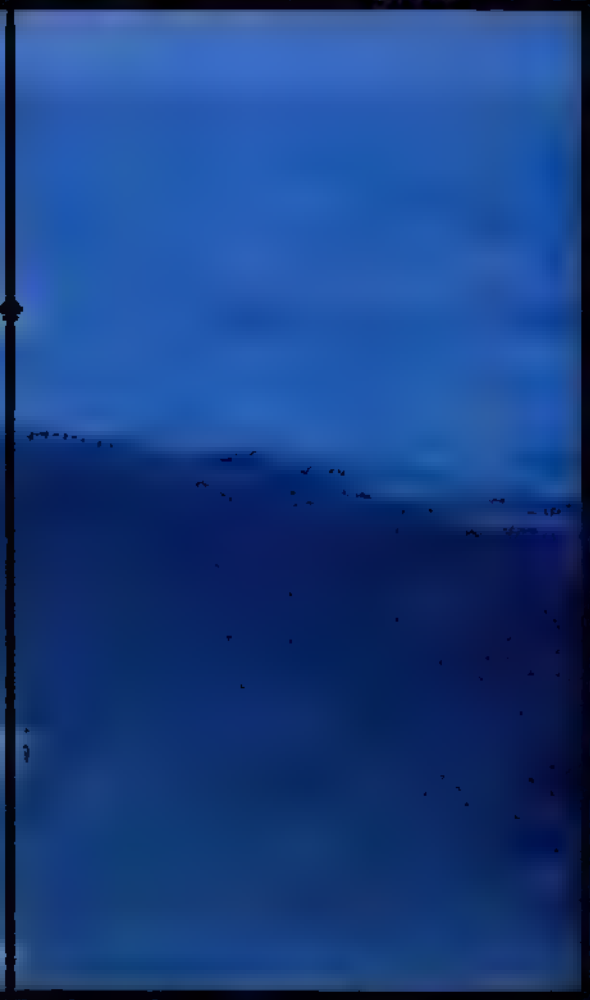
TRIP: Porque seus pais não deixavam vocês surfarem?

PEDRO: Porque eles achavam que era esporte marginal, que era perigoso.

TRIP: Você aguenta a galera do surf? Você gosta de saber que vai para um campeonato conviver com a mesma galerinha durante dez dias, no mesmo lugar e falando as mesmas coisas?

Tanto no surf power de Pipeline (acima) quanto nas ondas menores do quebra-mar (RJ), o mesmo backside seguro e arrojado.

paul cohen



ernesto baldon

PEDRO: Eu acho legal. Também sou como os caras, falo as mesmas merdas. Mas de vez em quando é legal variar.

TRIP: Qual é a relação dessa moçada com o sexo feminino?

PEDRO: Rolam as meninas que ficam atrás de surfistas mesmo. A maior parte namora garotas de praia. Eu pretendo ter uma namorada que não seja garotinha de praia.

TRIP: Você tem namorada?

PEDRO: Não.

TRIP: Depois do surf, o que você gosta mais de fazer?

PEDRO: Acho que meu maior prazer é comer. Adoro comida.

TRIP: E música? Que tipo de música mais atrai os surfistas?

PEDRO: Acho que é o rock.

TRIP: Quais fitas você escuta no seu walkman?

PEDRO: The Cure, Lloyd Cole and The Commotions, UB40, Billy Idol, Jethro Tull. Gosto de um monte de sons.

TRIP: Você se considera um cara introvertido, calmo, quieto?

PEDRO: Calmo.

TRIP: Calmo mesmo ou falso calmo?

PEDRO: Não sou tenso, preocupado. Sou um calmo que em certas horas gosta de fazer bagunça.

TRIP: Quando você está num quarto de hotel, por exemplo em Guarapari, bate na porta uma garota que você não conhece, só a viu na praia de C-Ligue, ela vem e quer dar pra você. Sua reação é abrir a porta e comer ou perguntar e conhecê-la melhor?

PEDRO: Abrir a porta e comer. Isso se eu não tiver bateria no outro dia.

TRIP: E se tiver bateria no outro dia?

PEDRO: Não como.

TRIP: Você acha que sexo prejudica seu desempenho?

PEDRO: Acho que desgasta muito, mas ao mesmo tempo acalma.

TRIP: Se você chegar num quarto depois de uma bateria e sua namorada estiver transando com outra gata...

PEDRO: Ela com outra gata?

TRIP: É, qual sua reação?

PEDRO: Se eu gostasse da garota eu ia ficar putão, agora se fosse uma piranha qualquer ia meter nas duas, amarradão.

TRIP: Quais são suas impressões sobre o Hawaii?

PEDRO: Acho que é um desafio para todo surfista. É muito difícil o cara ter uma boa performance no Hawaii.

TRIP: Você competiu lá?

PEDRO: Não competi porque cheguei depois dos campeonatos, mas surfei e fiquei três meses por lá.

TRIP: Alguma vez você ficou com medo?

PEDRO: Fiquei. O Hawaii é imprevisível. De repente você está no mar, vem uma onda grandona e é muita gente, muito havaiano dentro d'água te perturbando.

TRIP: Você sentiu mais medo dentro ou fora d'água?

PEDRO: Dentro mesmo. Fora da água a vibração também é pesada.

TRIP: Você teve contato com os locais? Como é a cabeça deles?

PEDRO: Super vazia. Surf, surf, surf.

TRIP: As vezes surf não te enche o saco?

PEDRO: Às vezes enche. Você treina pra caramba e chega no campeonato e perde. É a pior coisa que tem. Algumas vezes você perde pegando bem e é horrível, dá um desânimo fudido.

TRIP: Você falou que só fala de surf, que é mais ou menos igual aos caras. Agora você falou que a cabeça dos caras é vazia, surf, surf, surf. Tua cabeça é vazia?

PEDRO: É um pouco, mas a dos havaianos é mais ainda.

TRIP: Mas por que?

PEDRO: Eu tento não ser. No surf você acaba na maior rotina. Eu tento ler. Tenho lido pra caramba.

TRIP: O que você lê? Que livro você leu nos últimos tempos, que mais te marcou?

PEDRO: Tenho lido qualquer coisa, romance, ficção. Um livro bom que li foi "O Inquilino".

TRIP: E esse Müller aí? Vem de onde?

PEDRO: Acho que é alemão de muito longe.

TRIP: Você acha que revista de surf tem que ser só foto e legenda?

PEDRO: Não, tem que ter texto.

TRIP: O texto tinha que ser mais informativo ou mais tipo ensaio?

PEDRO: Mais informativo. Não sei o que ocorre, as revistas cobrem campeonatos e acho sempre igual, é sempre escrito da mesma forma.

TRIP: De que parte das revistas você mais gosta?

PEDRO: Das entrevistas, porque acho legal saber sobre a vida de um surfista, saber o que ele pensa.

TRIP: Você acha que vai se casar cedo?

PEDRO: Não sei, mas acho que não. Nessas coisas acho que corremos o risco de encontrar a mulher. Não dá pra prever.

TRIP: Das idades pelas quais você já passou, qual você gostou mais?

PEDRO: Quando eu era bem pequeno era

legal pra caramba. Quando tinha uns 13 anos era legal porque sempre tinha o que fazer, ficava na rua o dia inteiro.

TRIP: O que você gosta em cinema?

PEDRO: Adoro filme de suspense e de terror.

TRIP: Que lugares do mundo você conhece?

PEDRO: Portugal, França, Inglaterra, Havaii, África do Sul.

TRIP: Como é viajar para o surfista?

PEDRO: É bom pra caramba. Adoro viajar, tanto que eu esqueci de falar que é uma das coisas que mais gosto de fazer.

TRIP: Você acha que tem que ter um bom objetivo para a viagem?

PEDRO: Também. Acho que o surf aqui no Brasil tinha que tomar o mesmo rumo que em outros lugares do mundo. Como na Austrália, por exemplo, o surfista vai crescendo, ele é junior, amador, profissional e depois tem que competir no exterior. Não podemos ficar aqui estagnados, só competindo em campeonatos brasileiros. Temos que tentar colocar os brasileiros no cenário mundial do surf, com alguém entre os dez melhores do ranking mundial.

TRIP: Você acabou de traçar a trajetória ideal para um surfista: ser amador, profissional, correr todos os campeonatos do Brasil e depois competir lá fora. E onde termina essa trajetória?

PEDRO: Isso vai começar a abrir as portas para o surf do Brasil. Minha ambição é essa: competir lá fora, como todo surfista do mundo.

TRIP: Qual foi a diferença mais marcante que você viu entre o surfista profissional brasileiro e o estrangeiro?

PEDRO: Acho que a diferença é em termos de competição mesmo. Acho que eles estão mais adiantados que a gente, porque a escola deles foi muito melhor que a nossa. Acho que os dezesseis primeiros do circuito mundial são muito bons, mas o resto acho que está no mesmo nível que os brasileiros. Os brasileiros têm condições de chegar perto.

TRIP: E os gays?

PEDRO: Acho que no meio do surf não tem muitos gays. Não conheço nenhum gay.

TRIP: Você já foi cantado por homem?

PEDRO: Não.

TRIP: E se fosse?

PEDRO: Mandava o cara tomar no cu.

TRIP: E arte? Você presta atenção em quadros e obras de arte?

PEDRO: Não presto atenção não.

TRIP: Qual é o seu grande sonho?

PEDRO: Tô mais para correr o circuito mundial inteirinho.

TRIP: Você acha que com isso se realiza?

PEDRO: Se conseguir boas colocações, talvez.

TRIP: Quem são seus ídolos, pessoas que te impressionam no Brasil e no exterior?

PEDRO: No Brasil, Picuruta, Ecoldo Gueiros e Davisinho. No exterior, Tom Curren, Tom Carrol, Martin Potter, Occhilupo, Glen Winton.

TRIP: Você tem tatuagem?

PEDRO: Sim.

TRIP: O que quer dizer essa águia?

PEDRO: Essa tatuagem fiz quando tinha 15 anos, sempre quis ter uma tatuagem. Não quer dizer porra nenhuma.

TRIP: Onde você foi criado?

PEDRO: Nasci na Gávea, passamos para São Conrado, morei dois anos na Barra e voltamos para São Conrado.

TRIP: São quantas pessoas na sua casa?

PEDRO: Quatro pessoas: meu pai, minha mãe, meu irmão mais velho e eu.

TRIP: O que seu pai faz?

PEDRO: Ele é economista e trabalha em São Paulo.

TRIP: Ele ganha bem?

PEDRO: Não, poderia ganhar mais porque ele tem um curriculum bom, é um cara super inteligente e honesto.

TRIP: E sua mãe?

PEDRO: Ela também trabalha, é bibliotecomonista.

TRIP: Você se dá bem com seu pai?

PEDRO: Sim. Conversamos, mas não muito.

TRIP: Foi seu pai que não te deu uma força para começar a surfar?

PEDRO: Foi, porque ele achava que era uma coisa alienante. Pior é que é mesmo.

TRIP: Você termina sempre achando que o surf é uma coisa alienante.

PEDRO: Qualquer coisa que você se dedique muito vai sempre acabar te alienando. Sempre você vai acabar entendo só daquilo. É o teu trabalho.

TRIP: Você acha que hoje em dia é viável acumular duas ou três especialidades diferentes?

PEDRO: Acho difícil.

TRIP: Você lê quadrinhos?

PEDRO: Só leio Asterix e Obelix.

TRIP: Você se interessa por civilizações antigas?

PEDRO: Me interesso um pouco. No tempo dos romanos devia ser a maior loucura, ficava arriscado a estar andando por ali e um imperador daqueles não ir com a sua cara e te jogar numa arena. Acho que eu teria mais medo de viver naquela época do que agora.

TRIP: Num campeonato grande, aquele pedacinho de mar não vira uma arena?

PEDRO: É uma arena, mas eu não vou morrer nela não.

TRIP: Você já viu pobreza de frente, na cara?

PEDRO: Eu moro do lado de uma favela, a Rocinha. Tu vê muito nego fudido, comendo mal, dormindo em baixo de quatro madeiras. Conheço muita gente que mora em favela e que dá o maior valor para aquilo que tem porque sabe que tem gente pior que eles. No Brasil você se defronta com pobreza o tempo todo. Mas você não vai deixar de viver para ajudar os outros.

TRIP: Você acha que o Brasil pode vir a ser organizado?

PEDRO: Acho que não.

TRIP: Nunca? Vai ser sempre essa zorra?

PEDRO: Talvez, sei lá. Os caras que estão por trás do comando aqui no Brasil visam muito os interesses pessoais.

TRIP: Quais são as cinco mulheres mais interessantes do país?

PEDRO: Uma delas é minha mãe. As outras eu vou citar umas gostosas: Luiza Brunet, Xuxa, Vanessa Oliveira e Claudia Raia.

TRIP: Você acha que uma mulher apenas gostosa faz a cabeça? O que você olha primeiro numa mulher?

PEDRO: Só ser gostosa não faz a cabeça de jeito nenhum. Primeiramente eu olho se ela é bonita, tem que ser um mínimo. Eu gosto de mulheres frágeis.

TRIP: O que é uma coisa inadmissível pra você em uma mulher?

PEDRO: Se a mulher tem o filme queimado, dá pra todo mundo, eu não vou querer sair com uma mulher como essa.

TRIP: Você nunca teve uma grande paixão?

PEDRO: Pintou mas eu não fui correspondido.

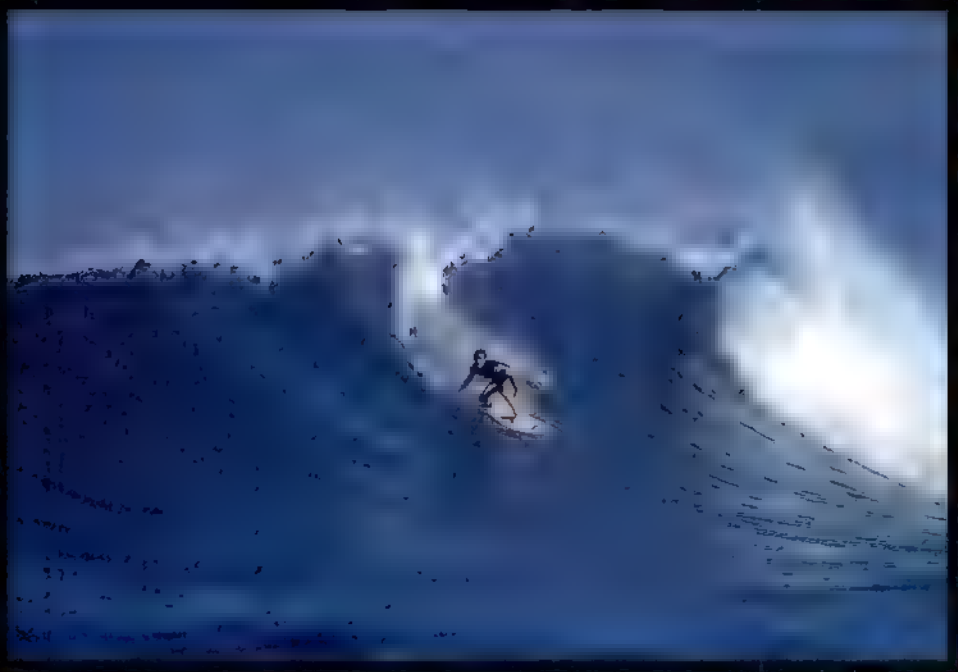
TRIP: Tem alguma coisa que te interesse na imprensa?

PEDRO: As revistas de surf me atraem. Jornal eu não leio porque acho um saco. Ali leio muita coisa que não é verdade. Não sou um cara que tem muito horizonte em política, por exemplo.

TRIP: Você tem necessidade de se informar?

PEDRO: Tenho.

TRIP: Você se sente mal quando alguém fala de um assunto que você não conhece?



paul cohen

haroldo nogueira

paulo filgueiras - company

PEDRO: Me sinto.
TRIP: Você gosta de conversar?
PEDRO: Não sou um cara de conversar muito, não.
TRIP: O que te atrai em uma pessoa?
PEDRO: Sinceridade; coisas em comum comigo e pessoas que tenham um temperamento parecido com o meu. Eu me dou bem com uma porrada de gente. Amigo mesmo tenho um ou dois. Sou um cara muito fechado.
TRIP: Quem são seus melhores amigos?
PEDRO: Acho que meus melhores amigos são minha mãe e meu pai.
TRIP: Quais são os grupos mais babacas da sociedade.
PEDRO: São os intelectuais e os militares.
TRIP: Você acha que as drogas atrapalham o condicionamento físico?
PEDRO: Atrapalham, bem é que não fazem. Não condeno ninguém que fuma, haje em dia acho normal.
TRIP: Simon Anderson foi um alcoólatra, hoje em dia ele nem passa perto de uma cerveja. Você acha que ver tanta putaria acaba levando o surfista para um outro lado?
PEDRO: Enjoa um pouco. Cansa. No circuito mundial por exemplo, tem muito cara maluco e aí os caras sérios que aparecem se dão bem. Quanto às exceções, o que acontece é que muitos desses caras têm talento e podem se dar ao luxo de se drogarem. Quem não tem talento tem que correr atrás e fazer tudo pelo melhor caminho mesmo.

carlos lorch

"Viajar é bom prá caramba"
Pedro em Portugal

De cima para baixo:
No inverno de 85/86, Pedro experimentou a sensação das ondas havaianas. Sunset.
Competindo no 1º OP-PRO em 85 no Joaquina e andando turbinado durante o circuito da O.S.P.

edição:
CELIA ALMUDENA

SURF TRIP

COMO IR: Citaremos apenas as quatro rotas mais utilizadas, que variam muito de preço e distância. Em algumas escalas destes roteiros você também poderá surfar. As companhias aéreas que fazem estas rotas (algumas não têm lojas no Brasil) são: LAP, PANAM, New Zealand Airlines Aerolineas Argentinas, Garuda, Quantas, Aeroflot, Singapura Airlines entre outras. E não se esqueça de acrescentar o compulsório.

1º – São Paulo/Los Angeles/Hawaii/Fiji/Austrália/Bali – aproximadamente U$ 3500 (ida e volta).

2º – São Paulo/Portugal/URSS/Singapura/Bali – aproximadamente U$ 2000 (ida e volta).

3º – São Paulo/Amsterdam/Bali – aproximadamente U$ 2200 (ida e volta).

4º – São Paulo/Argentina/Nova Zelândia/Austrália/Bali – Transpolar, aproximadamente U$ 2600 (ida e volta).

TRANSPORTE NA ILHA: Antes de tudo, é necessário possuir carteira internacional de habilitação. No fim da tarde é grande o número de insetos, portanto se você vai alugar uma moto leve um óculos especial, pois do contrário será impossível dirigir nesse horário.

Uma moto de 125 cc é alugada por U$ 3 ao dia, já que um carro sai por U$ 20 por dia. No aeroporto você encontra vários balineses alugando suas motos, e em Kuta existem várias locadoras. Também existe transporte público (Bewo) que cobra por corrida, mas acaba ficando muito caro.

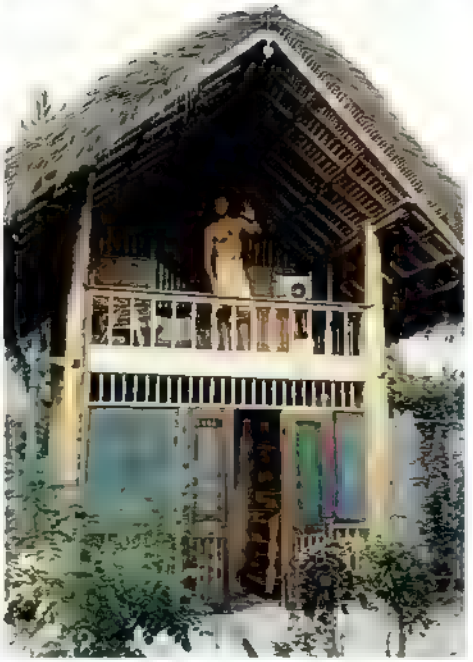
ONDE FICAR: Você chegará no Aeroporto Internacional de Bali "Denpasar", que fica muito próximo de Kuta, vilarejo onde se encontra a maioria dos hotéis. No próprio aeroporto existe um balcão onde se pode escolher hotéis, mas geralmente você sai perdendo. Fale diretamente com o dono do hotel pois sempre é possível baixar o preço. Aqui estão algumas sugestões para você não entrar em roubada:

KUTA: – Wina Cotagge – U$ 16 por dia para uma pessoa. Hotel 3 estrelas com piscina.

Dewa Baratha – U$ 6 por dia para uma pessoa. Hotel 2 estrelas com piscina.

LEGIAN – Ida's Cottage Legian – U$ 8 por dia, chalés para duas pessoas. Duas estrelas.

Mandala – U$ 3 por dia para uma pessoa. Uma estrela.



por DEMINHA

EQUIPAMENTOS: Os equipamentos de manutenção e auxílio ao surf, assim como cordinha, parafina, antiderrapante, remendos de pranchas e quilhas, etc. são facilmente encontrados em Bali, só que com preços muito elevados. Quanto a pranchas de surf você pode encontrar algumas provenientes da Austrália, mas sempre com preço muito acima do normal. É aconselhável levar do Brasil uma 6'6" e uma 7' pelo menos e não esqueça das botinhas de borracha para o pé pois o fundo de coral é cortante.

MELHORES PICOS: ULUWATU – 6' a 12', esquerdas perfeitas, fundo de coral muito raso na maré baixa.

PADANG PADANG – 4' a 10', só funciona quando Uluwatu está realmente grande, muito raso e perigoso. Para chegar lá só através de uma longa caminhada.

BIEW – 4' a 8', esquerda, melhor na maré cheia, é de difícil acesso.

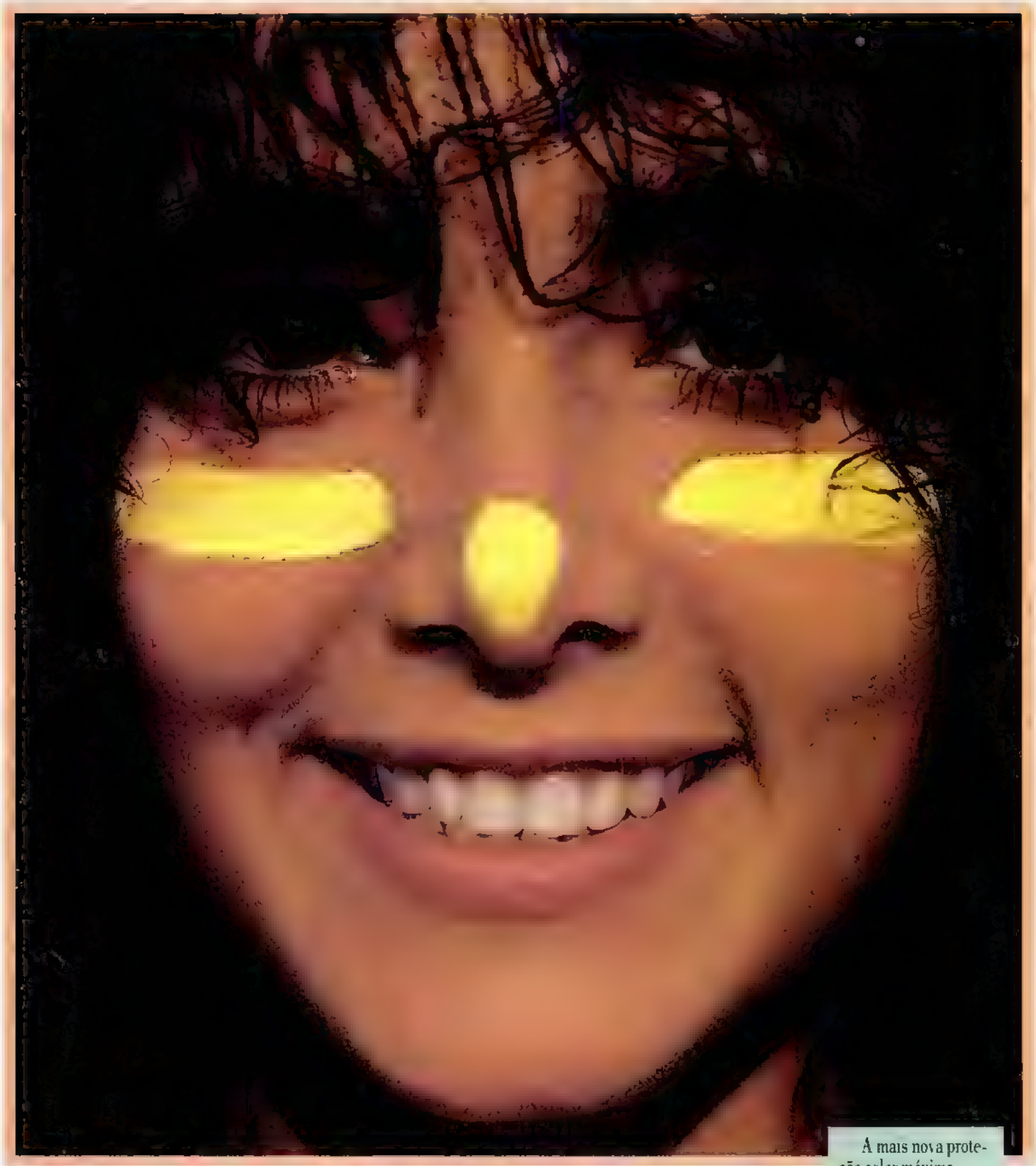
KUTA REEF – 4' a 10', outside reef, esquerdas, será necessário um barco caso você não queira remar por 30 minutos, é muito perigoso na maré vazia.

SAMUR, NUSA DUA e SRILANKA – Direitas que funcionam principalmente em abril e maio. Vale a pena checar estes picos quando o vento estiver moral em Uluwatu.

MELHOR ÉPOCA: A temporada vai desde abril até agosto, sendo que nos meses de abril e maio pode-se surfar o outro lado da ilha, pois nessa época do ano o vento ainda sopra para os dois lados. Nos outros meses, o vento fica quase sempre terral em Uluwatu. Dizem que as maiores ondas quebram em julho e agosto.

OUTROS TOQUES: A comida balinesa tem temperos muito fortes que causam desarranjos intestinais. * Caso queira agitar a noite procure um destes lugares: Blue Ocean, Gado Gado, Double 6 e Bruna's. * A moeda corrente é a Rupiah e U$ 1 equivale a R$ 1227. * Todo brasileiro deve ter visto de entrada e será permitida a permanência por no máximo 45 dias. * Muito cuidado com acidentes pois Bali não conta com assistência médica das melhores. * Procure arrumar uma tabela local das marés, assim você ficará sabendo quando e onde ir surfar. * Para ir a points de difícil acesso o jeito mais fácil é pagar a um Mecarry (carregador) e ele lhe mostrará o caminho.

OP COLOR PROTECTOR



A mais nova proteção solar máxima, 100% natural e a prova d'água.

OP Color Protector. Tá na cara que você vai gostar.

OP

AS NOVAS CORES DO VERÃO.

EDITOR Paulo Anis Lima
DIRETOR ADMINISTRATIVO Carlos G. Sarli
CONSULTORIA DE MARKETING Wanderley Pedreschi
EDITOR DE ARTE Rafic Jorge Farah
EDITOR DE ESPORTES Eduardo Borgerth
PROJETO GRÁFICO está começando a ter...
ARTE
CHEFE DE ESTÚDIO: Michel Spitale
DIREÇÃO: Angelo Palumbo, Fernando J. Mendes
ESTÚDIO RJ: Reinaldo Maldonado
ASSISTENTE: Walter Luiz Pirazzini
RELAÇÕES PÚBLICAS: (SP) Fernando Vieira de Carvalho, (SC e RS) Edison Ronchi
REDAÇÃO: Celia Marina Almudena Afonso
REDATORES: Arthur Veríssimo e Isabella Rocha e Silva
REVISÃO: Julio Maria Stella
MARKETING EDITORIAL: Fernando José da Costa Netto
FOTOGRAFIA: Ernesto Baldan
FOTO STAFF: Airton Kieling, André Reichmann, Atila Sbruzzi, Claudia Maranhão, Dennis Magalhães, Gregório Stuckgold, Heraldo Nogueira, Marcelo Leite, Paulo Filgueiras, Shoiti Hori, Sidney dos Santos José.
COLABORADORES
FOTO – ESPORTES: Ale Nicolsky, Alexandre Fonseca, Amyr Klink, Angelo Palumbo, Antonio Geraldo Celentano, Carlos Eduardo de Campos Luiz, Daniel Bourqui, Eduardo Graça Neto, Jair Borelli, José Papo, Levy Cruz Paiva, Luciana Cleto, Luis Augusto Ulhoa Cintra Ferreira, Marcelo Busch, Mario Castelo (Magu), Paula Galvão, Peronio Vilela, Pier Paumbo, Ricardo Barbera, Rubens/Sea Images. ESTÚDIO: Alvaro Elkis, Bob Wolfenson, Charlie San Juan, Eduardo El Kobbi, Elisabetsky, Fernando Franchini, Paulo Vainer, Ruy Teixeira, Tico Ohara.
TEXTO – ESPORTES: André Catrim, Aldhemar Freitas Filho, Claudia Guardabassi, Edison Ronchi, Eduardo Faria, Fábio Balota, Fernando Paiva, Luiz Roberto "Formiga" de Moraes, Marco Bueno, Paulo Cristina M. de Almeida, Roberto Teixeira, Rosaldo Cavalcanti, Simone Gantier. MÚSICA: Ahuizio Lacerda, André Christovam, Dirce Melo, Fernando Naporano, Kid Vinil, Otávio Rodrigues, Pepe Escobar, Paulo J. Marques.
CONSULTORIA DE MODA: Hermano Vianna e Teca Costa Netto.
CORRESPONDENTES
USA: Hawaii – Bill Barnfield e Paul Cohen (Gordinho); Califórnia – Adrien Kajin e Anibal Neto; Detroit – Jorbas Beznos; Nova York – Claudio Elisabetsky. FRANÇA: Jean Michel Petier e Frederic Pouvarel. INGLATERRA: Pepe Escobar. PORTO RICO: Norman Grosskreutz. PELO MUNDO: Aldhemar Freitas Filho (Deminho).
DEPTO. COMERCIAL
DIREÇÃO: Carlos G. Sarli
GERÊNCIA: Shoiti Hori
ASSISTENTE: Adriana Lucia de Souza
REPRESENTANTES: José Carlos de Almeida Jr. e Thais Andrea Pentecoli (SP – 2833804); Carlos Augusto de Lemos (RJ – 2267648); Valéria Arruda (SC – 232116); Caio C. Barcellos (RS – 274633).
CONTABILIDADE: Ricardo Oshiro e Paulo B. Ribeiro Cezar
ASSESS. JURÍDICA: Matheus Martins de Costa, Silvio G. Shutzer, J.C. Gambôa e Helio Dias de Moura
ASSESS. DE IMPRENSA: Art Presse (SP – (011) 8530418)
IMAGEM: São Paulo Criação
SERVIÇOS GRÁFICOS
FOTOLITOS: Lastri, Repro, Colortek, Manprint
COMPOSIÇÃO: Lidia Ferreira
IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Editora Abril S.A.
DISTRIBUIÇÃO: Fernando Chinaglia S.A. – R. Teodoro da Silva, 907 – Rio de Janeiro, RJ
JORNALISTA RESPONSÁVEL: Isabella Rocha e Silva
Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da revista. TRIP não publica matérias redacionais pagas e é uma publicação bimestral da TRIP Editora e Propaganda Ltda. Administração, redação e publicidade à Al. Ribeirão Preto, 548 – São Paulo, SP – CEP: 01331 – fones (011) 2833804 e 2886912. Escritório no Rio de Janeiro: R. Dona Mariana, 225 – fone (021) 2267648.

EDITORIAL

A TRIP começa a ter cara. A primeira edição apresentou-se como uma linda e bem preparada jovem debutante ainda um pouco insegura. Mal pisa no salão de baile e já é devorada pelos leitores famintos.

A jovem mais esgotada e falada dos últimos tempos ressurge, agora, segura de si, com contornos delineados e corpo feito, começando a observar com mais clareza o mundo que a cerca. Nessa segunda edição, procuramos dar uma geral no colonialismo, um dos grandes males que nos assolam. Em plena época da política de reserva de mercado da informática, que faz com que as pessoas abram os olhos para a dependência econômica, tecnológica e principalmente cultural que nos amarra às grandes potências (leia-se Estados Unidos), fomos visitar, disfarçados de inofensivos e alienados surfistas, um dos estados mais loucos da tal superpotência: Porto Rico, um lugar onde as pessoas não sabem se falam inglês ou espanhol, se são estado ou país, ou se se chamam John ou Juán e onde sobram ondas, pacotes de sucrilhos e leite vitaminado e falta um gênero de primeira necessidade: liberdade cultural.

Do outro lado, aqui no fim de mundo (3º), somos visitados por Blues Boy King um embaixador e porta-voz da cultura universal que, pasmem, vem justo da terra do Heman, mostrando com seus blues, que existe vida inteligente na maior potência do mundo, e que a pessoa humana, a arte e a cultura estão acima de qualquer política.

Para vingar a honra do nosso presidente que foi tão mal recebido na Casa Branca, descobrimos que quem faz algumas das cabeças mais ouvidas e respeitadas da Morte-américa é um alagoano de cerca de um metro e sessenta de altura, chamado Romeu Ignácio da Silva, um verdadeiro agente brasileiro em Nova Iorque que tem nas mãos, os cérebros da cultura americana. Delatamos, ainda, nossos semelhantes que insistem em fazer plantão nas bancas de revistas e jornais importados para saberem como vão se vestir, cortar os cabelos, que música vão ouvir, o que vão escrever e fotografar, etc...

Para provocar, mostramos que apesar do suposto boicote do campeão mundial Tom Curren (só podia ser americano), realizamos, no Brasil, uma das melhores competições de surf do mundo, o HANG LOOSE PRÓ CONTEST, que como toda superprodução de esportes de massa (hoje o surf é um deles) levou multidões ao delírio, deixando as polêmicas sobre marcas copiadas para um esquecido e obscuro segundo plano. Diante de tantas denúncias e críticas ao colonialismo, só temos um recalque: Para uma matéria que mostra o desempenho de surfistas, pranchas e fotógrafo genuinamente nacionais, em praias brasileiras, não conseguimos achar nenhum título que se encaixasse melhor do que FREE SURF!!

PAULO LIMA

Dedicamos esta edição a Ana Irene Carvalhaes Hori, Aldhemar Freitas e Augusto Pedreschi

CAPA
Abrimos uma cerveja (holandesa e não americana) para comemorar três acontecimentos importantes: A etapa brasileira do circuito mundial de surf, nossa tiragem dobrada (80.000 exemplares) e a formação da Associação Brasileira de Surf Profissional. A cerveja, fotografada por ELISABÉTSKY, tem no rótulo o surfista *Edú Bahia*, visto no litoral norte paulista, de dentro d'água por ANDRÉ REICHMANN

PORTO RICO
Uma Usina Nuclear americana desativada convive com as maiores ondas do Caribe **16**

OS FOTÓGRAFOS
Os Fotógrafos de surf e os brutos também amam! **31**

BLACK
Mais uma paulada na música negra e seus ritmos **43**

MERGULHO
Um submundo mais emocionante do que os outros **49**

HANG LOOSE PRE – PRO – POS CONTEST
Tom Curren se deu mal. Deixou de pegar boas ondas e de competir num dos melhores campeonatos do mundo **56**

SKATE – AÉREOS
Assim como o dólar, os skatistas sobem cada vez mais **72**

UM ANO DE SOLIDÃO
O incansável Amyr Klink prepara mais uma... **80**

B.B. KING
O avô, pai e filho do Blues dá uma lição de classe e humildade **86**

GIRL LOVES BOY
O alagoano que corta as cabeças mais importantes do rock-business... **93**

MODA?
Economize! O que você já viu, ou vai ver nas revistas importadas está aqui **98**

FREE SURF
No litoral paulista, ondas, fotos e texto que farão o editor da extinta Brasil Surf lacrimejar de saudades **108**

TRIBOS
Identificamos e catalogamos algumas delas... **115**

SALADA
Flashes do mundo... **124**

BLACK pg 43

PORTO RICO pg. 16

OS FOTÓGRAFOS pg. 31

HANG LOOSE pg. 56

SUB pg. 49

Página 3, Larry Graham, um dos baixistas da banda de Stanley Clarke, anuncia sua chegada.
Foto: Alê Nicolsky

All that you need
between you
and the Sun!

SUNDEK®

Av. Zelina 968/970
CEP 03143 S. Paulo
(011) 914 0094
(011) 215 5343
(011) 215 5240

PUERTO RICO

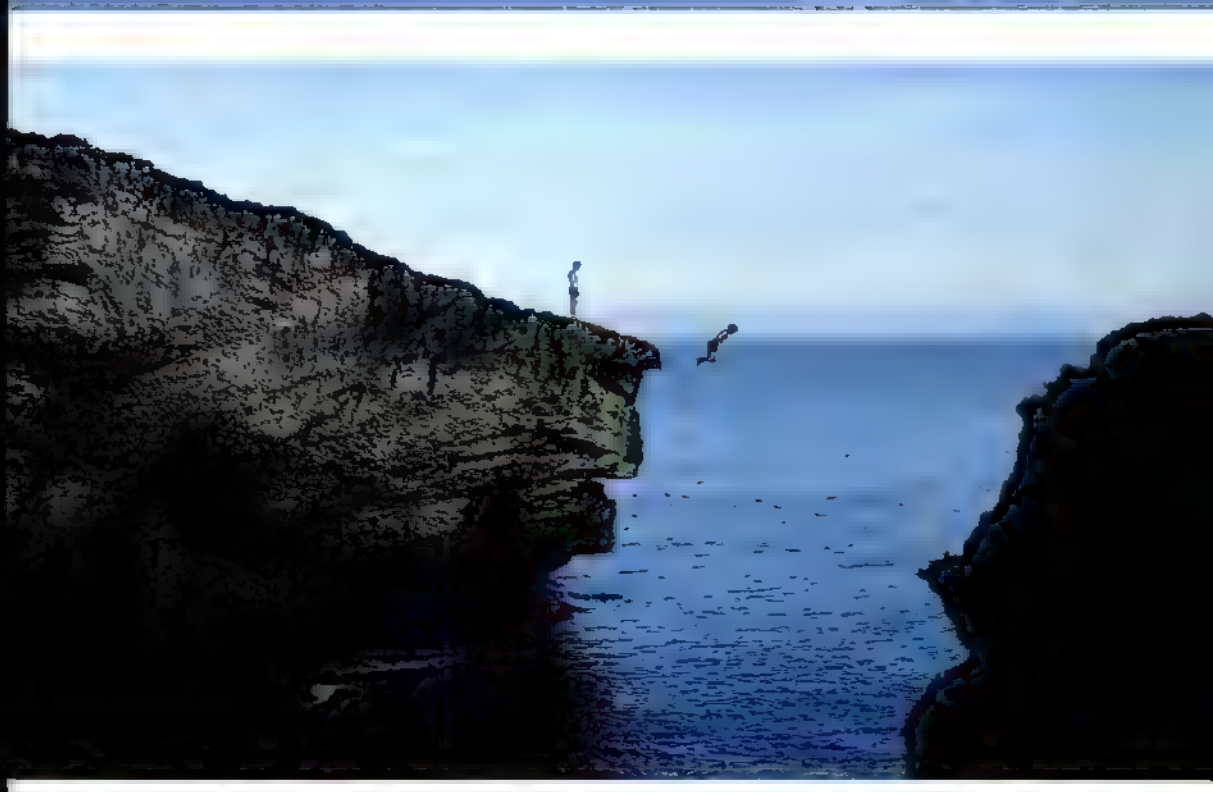
ONDAS COM PUNCH HAVAIANO NO CORAÇÃO DA AMÉRICA

Texto PAULO LIMA

Fotos NORMAN GROSSKREUTZ

Contracenar com Frankie Avalon num dos filmes da série "Alegrias de Verão"; descobrir points virgens totalmente desconhecidos e dropar ondas gigantes como em "Endless Summer" ou "Ride the Wild Surf", fazer um surf moderno competitivo e pegar tubos intermináveis em águas quentes, com sol a pino, como em "Free Ride".

Se você pega onda ou já assistiu a um desses filmes, deve ter tido algum desses desejos. Qualquer que seja o seu, surfer ou não, você poderá realizá-lo, num paraíso que fica mais perto do que se imagina. Faça as malas e voe para Puerto Rico.



Na página anterior, o visual do fim de tarde nesta o principal meio de transporte do Caribe: o veleiro. Nas fotos menores, de cima para baixo, o punch havaiano das ondas pontu riquenhas; Nos dias de flat, um salto adrenal espera por você; Os surfistas veteranos do Vietnam, que parecem arrancados dos anos setenta, convivem com a cidade conservadora.

Nesta página, em seqüência, Bobby Owens, nativo do Hawai frequenta P.R. com assiduidade a convite do seu companheiro de equipe o local Edwin Santos. Só essa assiduidade lhe permite estar presente em mares que quebram raramente, como o lendário GAS CHAMBERS. À direita, JAMAICA, um fliperama da natureza.

PRIMEIRA PARADA: JAMAICA

A Jamaica lembra um fliperama da natureza, onde a bolinha é você; em cada pico que você passa, a pontuação da loucura sobe mais e você acumula todos os pontos.

Naquele paraíso é possível até esquecer as ondas, movido a emoções fortes de fundo social, visual e *ganjal*. Jamaica, parada obrigatória para quem vai a Porto Rico via AEROPERU. E na ilha, um dos lugares mais recomendados para se ficar é Montego Bay. Lá existe a Oceanview Guest House, onde uma senhora que lembra as tias do Brasil, vai cuidar de você até não poder mais. Fica perto do aeroporto e por U$ 20 por dia, você terá um quarto com ar condicionado. Não se assuste com as pessoas, elas são muito mais simpáticas do que parecem e vêm falar com você para saber qual é, e não, como pode parecer, para te azarar. Lógico que, se puderem, farão você gastar, com ELES, em seus táxis, restaurantes, lojinhas de artesanato, etc. Mas nunca te obrigarão a nada. Como se diz por lá, JAMAICA NO PROBLEM!!

As ondas, segundo as informações que colhemos na publicação americana SURF REPORT, e depois pesquisando in loco, são pouco significativas e geralmente formadas por swells de vento no Mar do Caribe, produzindo ondas muito pequenos. Exceções para os dias de tormenta nas regiões de NEGRIL e PORT ANTONIO, aliás dois lugares imperdíveis. Além de tudo, pode-se comer bem a preços razoáveis, numa cozinha que se baseia na carne de galinha preparada de várias formas, além de grande variedade de frutas muito saborosas, tudo isso regado a RUM, a bebida mais tradicional do país, e é lógico, muito REGGAE, o ritmo mais alucinante do Caribe, que ao contrário do que muitos pensam, não ficou órfão com a morte de Bob Marley, e continua a mil, com muitos artistas novos reciclando o espírito do reggae. JAMAICA é o lugar ideal para uma lua-de-mel, mas como não era esse o caso, seguimos depois de uma semana para PORTO RICO, Chega de concentração, queremos jogo, muita onda.

DE COLOMBO À USINA NUCLEAR

A história de RINCON confunde-se com a própria história de Porto Rico. É interessante imaginar quantas ondas perfeitas e dias clássicos foram vistos (e não aproveitados) pelos índios ARAWAKS, que apesar de serem considerados um dos grupos primitivos mais desenvolvidos, não imaginavam que um dia aquela energia do mar pudesse ser tão bem aproveitada.

Existe inclusive, próximo à região de Rincon, um sítio arqueológico chamado Indian's Cave, onde recentemente foram descobertos sinais nitidamente legíveis, que datam de mil anos antes da chegada de Colombo, que aportou na ilha em 1493. A colonização espanhola perdurou por séculos e desenvolveu na ilha, principalmente, a cultura da cana-de-

açúcar, que passou a ser a principal fonte de renda da ilha que exportava para todo o mundo. Com a guerra entre Espanha e Estados Unidos, em 1898, Porto Rico passou para o domínio americano, tornando-se território politicamente ligado, apesar de todas as diferenças de cultura, linguagem e estilo de vida. As pessoas nascidas em Porto Rico são cidadãos americanos e gozam da maioria dos direitos das pessoas nascidas nos E.U.A. O inglês é obrigatória nas escolas, e hoje, 90% da população fala correntemente esta segunda língua. Porto Rico tem, como os estados americanos, seu próprio governo e representantes junto ao governo de Washington.

Porto Rico sofreu também as conseqüências do domínio americano, sendo escolhido nos anos sessenta como sede de uma usina nuclear (a primeira da América Latina), que começou a funcionar em 64, paradoxalmente ao lado de um dos melhores picos de surf da região. Dez anos depois, a usina foi desativada e passou a ser cenário de festas ao ar livre, da juventude lisérgica dos anos 70 e pasto para o gado da região. Mas o nome do pico herdou a lembrança: DOMES (abóbada, a forma dada às construções nucleares).

CARRETERA 2

Chega-se a PORTO RICO normalmente por SAN JUAN, seja vindo de MIAMI (neste caso a melhor opção é a ARROW AIR, que oferece passagem de ida e volta por U$ 264), seja nos vôos diretos do Brasil (ver box).

Se o seu objetivo for o mesmo que o nosso, SURF, o lance é chegar lá, e já no aeroporto se agitar para a região da ilha onde o surf é mais consistente e os points mais perfeitos. Essa região é chamada RINCON (ver mapa) e para se orientar tome como base as cidades de AGUADA, AGUADILLA e MAYAGUEZ. Todas as pessoas conhecem esse balneário, e você não terá problemas para chegar lá. Você poderá alugar um carro e comprar um bom mapa, rachar um táxi com outras pessoas (eles levam pranchas na boa) e que sairá entre 30 e 90 dólares, dependendo do seu poder de pechincha (lembre-se, o povo é latino). Há ainda uma terceira opção que é a de se pegar um carro público, que se assemelha a um táxi lotação. Qualquer que seja a forma, você pegará a estrada número dois (algo parecido com a Kamehameha Hwy, a estrada que leva ao North Shore havaiano) e andará de duas horas e meia a três horas para chegar a RINCON.

PARAISO DOS JUNK – SURFERS DOS ANOS 70

Assim como no North Shore das ilhas do Pacífico, a vida no point mais conhecido do surf porto-riquenho é calma e até certo ponto devagar. A cidadezinha tem sua praça, igreja, correio, supermercado e é só. Alguns bares onde os locais, que vivem do seguro desemprego pago pelo governo americano, passam os dias jogando bilhar (o esporte nacional) e bebendo

paulo lima

Tradições da colonização espanhola como a hora da "siesta", são respeitadas à risca

paulo lima

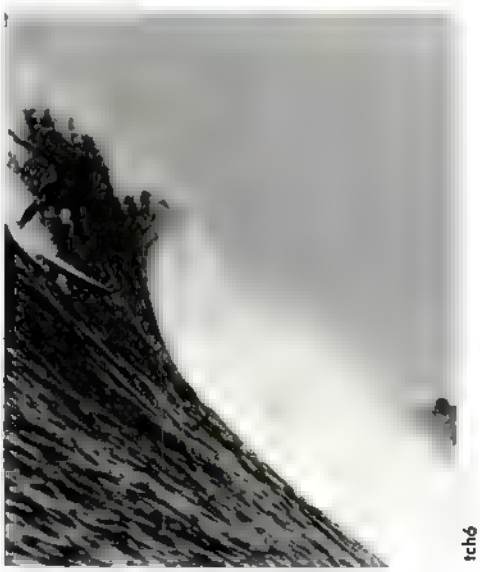
Edú Fono quis conhecer por dentro a beleza natural de Porto Rico

paulo lima

A beleza da mulher Porto Riquenho apesar de um pouco rara, pode ser vista em alguns points de Rincon.

paulo lima

Com a chegada do verão no Caribe, que coincide com o inverno nos EUA, começam a chegar os americanos que crowdeiam os picos, e os americanos que alegram as noites no bar BRISAS DEL MAR.



tchê

Poucos brasileiros tiveram a sorte de ver quebrar TRES PALMAS, o big surf de P.R. Deminha foi um deles; em sua 1ª viagem (83) não só viu quebrar, como dropou as ondas do outside.

Na página ao lado, em cima: Depois de algum tempo no Caribe, visuais como esse passam a ser rotina. Abaixo: uma pequena amostra da força do swell originada por furacões do Caribe trazendo ondas que poucas pessoas conhecem.

cerveja e rum. Apesar disso, a moral é hiper rígida e apesar do sol escaldante que brilha o ano inteiro, você poderá ter problemas se andar pela cidade sem camisa.

RINCON foi, durante os anos 60 e 70, o paraíso dos surfistas norte-americanos que buscavam no Country Style e nas drogas lisérgicas a fuga do consumismo esmagador dos E.U.A. e da convocação para o exército e Vietnã. A maioria desses caras hoje voltou aos States e trabalha nas bolsas de valores, bancos ou algo do gênero, mas existem vários remanescentes que fixaram residência, fizeram família e surfam por lá até hoje. Há até o folclórico Andy, um maltrapilho que perambula pela região e que, segundo as lendas, surfava as maiores ondas do pico, até que numa viagem de cogumelos não encontrou o caminho de volta e passou a perambular pelas praias e coqueirais, numa eterna procura.

RINCON ganhou notoriedade no mundo do surf com a realização de um campeonato mundial em 1968, que reuniu grandes nomes do cenário na época, e a partir disso passou a figurar num dos primeiros lugares nas listas de "lugares para ir" dos americanos.

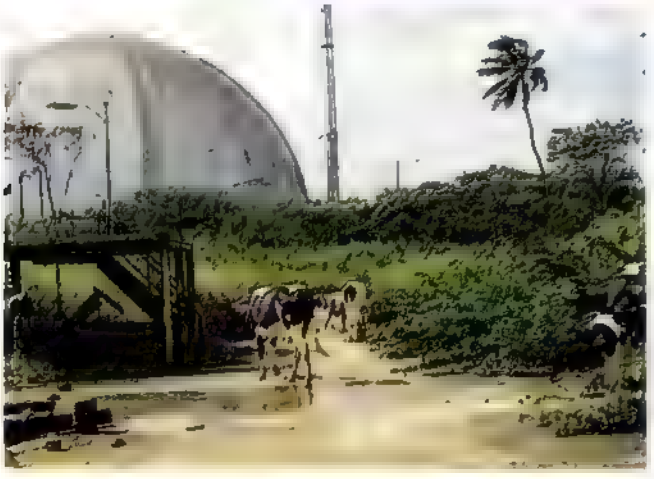
TRÊS PÉS DE MANHÃ E QUINZE À TARDE

Agora que você já está instalado e motorizado, o lance é SURFAR! E esse será o menor problema. Alguns toques importantes: o localismo existe, apesar de não ser radical. Procure falar espanhol com os locais, pois do contrário eles pensarão que você é americano, o que tornará as coisas piores! Mas, você sabe: em qualquer lugar do mundo o respeito é o grande segredo para se surfar em paz. Além dos locais, engrossam o crowd uma multidão de babacas vindos da Flórida. (Provavelmente a maior concentração de otários por metro quadrado do mundo!) Leve um bom quiver, pois é normal se ver um dia com ondas de três a quatro pés de manhã e oito a quinze pés à tarde. Um quiver de 6', 6'4" e 7' é uma ótima opção. Além disso, não se preocupe com remendos ou quilhas quebradas no avião, existe uma boa fábrica de pranchas (ver box) que faz consertos a preços razoáveis, o que é bom saber, já que além dos aviões, você terá o problema dos corais, que compõem o fundo de todas as praias da ilha e que gostam de guardar quilhas de lembrança (uma quilha U$ 10).

Com a prancha certa e um meio de locomoção, seus problemas terminaram, e provavelmente você passará um dos melhores períodos de sua vida, principalmente se você estiver por lá entre novembro e março, época em que Porto Rico (outra semelhança com o Hawaii), recebe as melhores ondulações em seus reefs e beach breaks.

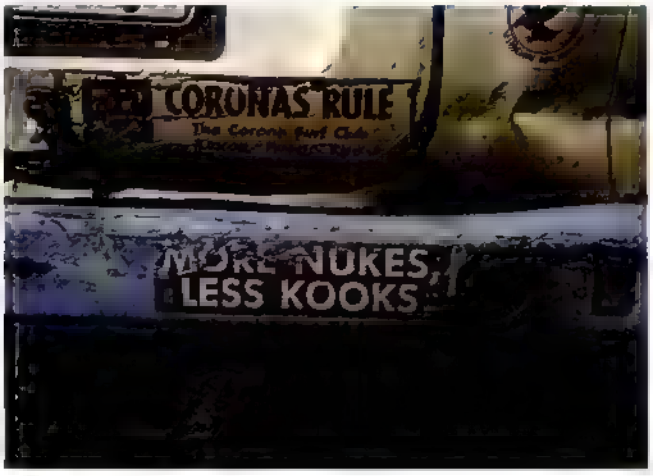
Os points de que você já deve ter ouvido falar são os mais conhecidos, por razões óbvias: são mais fáceis de achar por estarem na região de RINCON. Picos como Dogman's, Domes, Indicators e Marias, estão

Essas ondas quebram muitas vezes por ano num secret totalmente deserto na região de ISABELLA (ver mapa) abrindo clear para os dois lados. Os picos raramente são surfados, devido à grande distância da praia, que os torna pouco visíveis da areia. Paula Lima iniciando um longo percurso.



O contraste das vacas pastando nas ruínas da antiga usina nuclear de DOMES, plantada exatamente em frente ao point de direitos onde foi realizado o mundial de surf em 68.

Dennis Ritch é um americano que se transferiu para Rincon há cerca de 10 anos, e já é considerado local. Além de um surf preciso e consciente, tem uma das melhores fábricas de pranchas de P.R., a REJOICE



Cada país tem os black Trunks que merece. Em Rincon (P.R.), eles se chamam CORONA'S, e uma de seus regras está nesse adesivo: "Quanto mais usinas nucleares, menos panaceiros"

DICAS PARA PORTO RICO

COMO IR:

Brasil – Lima – Jamaica – Via AEROPERU – U$ 965

Jamaica – USA (Miami) – Via AEROPERU – U$ 286

USA (Miami) – Porto Rico – Via ARROW AIR – U$ 250

TRANSPORTE NA ILHA:

– Táxi para quatro pessoas de San Juan (Aeroporto) até Rincon por aproximadamente U$ 90

– Aluguel de veículos – U$ 20 por dia

– Kahuna's Transportacion para no mínimo quatro pessoas, U$ 20 por pessoa (é necessário reservar por telefone com antecedência – Tel.: (809) 8230380

ONDE FICAR:

Chegando a Rincon procure o bairro de Punta Higueras, onde se encontram as hospedarias mais acessíveis aos surfistas.

– Kahuna's Guest House – não aceita casais – Diária de U$ 5 por pessoa. Tel.: (809) 8230380

– Punta Higueras Surfing Resort – Diária de U$ 50 por cabana para cinco pessoas. Tel.: (809) 8725640

– Beside The Pointe – Diária de U$ 45 para três pessoas. Tel.: (809) 8238550

– La Cima – em Ramey (Base Aérea Ramey)

– Boriquen Resorts – em Ramey

– Ou então procure uma casa para alugar por aproximadamente U$ 300 por mês

ONDE COMER:

– Red Pizza – Rincon

– Black Eagle Restaurant – Rincon

– El Higuero – Jobos Hill

– La Cima Restaurant – Ramey Base

– Ramey Bakery – Ramey Base

EQUIPAMENTOS:

– Beach House Surf and Photo – Praia Maria – seu dono, Norman Grosskreutz, é fotógrafo e oferece seus serviços a surfistas.

– El Rincon – Ramey Base – Tel.: (809) 8902172

– West Coast Surf Shop – Rincon – Tel.: (809) 8723935

MELHORES PICOS:

– Rincon – Punta Higueras – (1) Sand Beach, (2) Domes, (3) Indicator, (4) Maria's, (5) Dogman's (6) Três Palmas.

– Aguadilla – (7) Gas Chambers, (8) Wilderness, (9) Surfers Beach, (10) Jobos.

– Isabella – (11) Middles – Aguada – (12) Table Rock

– Arecibo – (13) Ralos (Hollow)

– San Juan – (14) Aeroporto

CONSERTOS DE PRANCHAS:

– Rejoice Surfboards – Pools Beach – Rincon

MELHOR ÉPOCA PARA O SURF:

de setembro a abril, mas a alta temporada ocorre de novembro a janeiro.

OUTROS TOQUES:

Fale espanhol e diga logo que é brasileiro * Use botinhas para surfar pois algumas praias são repletas de ouriços * À noite vá a Brisas del Mar em Punta Higueras ou Albamar que fica em Aguadilla, perto de Jobos * Não espere encontrar boas pranchas para comprar. Ao contrário, leve suas pranchas brasileiras (de 6' a 7'2"), que têm boa aceitação para revenda.

todos em volta da extinta usina nuclear (ver mapa). O point mais constante e também o mais crowd é o próprio Domes (usina), um pico com fundo de coral, que produz uma direita longa e que com tamanho torna-se perfeita para um surf hot dog com certa dose de adrenalina. Mas o melhor de ver Domes quebrando é que, geralmente, indica que outros points estão quebrando. Todos os picos desta região seguram swells médios, tendendo a ficar stormy e insurfável quando a ondulação ultrapassa os 10 pés, e isso ocorre muitas vezes por ano.

MULHER NÃO ENTRA

Na chegada a RINCON, principalmente se isso ocorrer à noite, o melhor é procurar uma espécie de pensão que tem o nome de seu proprietário, KAHUNA'S GUEST HOUSE. Ali você encontrará quartos que, apesar de muito simples, têm cama, lençóis, além de banheiros com chuveiros e a opção de usar uma pequena cozinha e geladeira. Este local praticamente só abriga surfistas e cobra U$ 5 por dia. Se você está fazendo as contas para converter para cruzados, esqueça! A primeira regra para se viver num local cuja moeda é o dólar americano é esquecer que um deles equivale a mais de vinte dos nossos suados cruzados. Este preço é, portanto, bastante razoável, além disso o local é super bem localizado, o que será fundamental se você não tiver carro. O velho Kahuna te levará e buscará na praia em seu furgão azul. Ele é boa praça, apesar de refletir a mentalidade hiper conservadora do povo local, chegando ao ponto de não admitir mulheres ou casais em seu estabelecimento. De qualquer modo este será o lugar indicado para se ficar, ao menos nos primeiros dias, enquanto se conhece o local e se agita algo melhor (o grande lance é alugar uma casa em uma das várias prainhas que cercam RINCON). Há ainda outra opção que se chama PUNTA HIGUERAS SURF RESORT que são seis ou sete chalés com um quarto, salinha e cozinha completa, localizados na praia de SANDY BEACH. O proprietário, Sr. ANTONIO MUNIZ, alugará um deles por mais ou menos U$ 700, dependendo da pechincha. O único inconveniente é que você terá, aos domingos, uma espécie de forró porto-riquenho ao lado de sua janela, até altas horas. Mas tirando isso, o local é maneiro.

Uma vez instalado, o lance é batalhar um meio de locomoção, que é praticamente imprescindível se você quiser pegar boas ondas. Existem carros em estado razoável à venda por toda a ilha e você poderá comprar um (tomando todo cuidado possível) que ande e feche as portas por mais ou menos U$ 500 ou U$ 600, e vendê-lo por um pouco menos antes de ir embora. Alugar um carro sai um pouco mais caro, mas muito mais seguro. Uma perua novinha, tipo Marajó, sairá por cerca de U$ 200 por semana com cinco lugares e rack, na locadora Hertz, e você poderá pegá-la no aeroporto logo ao chegar e devolvê-la só na hora de ir embora, no aeroporto.

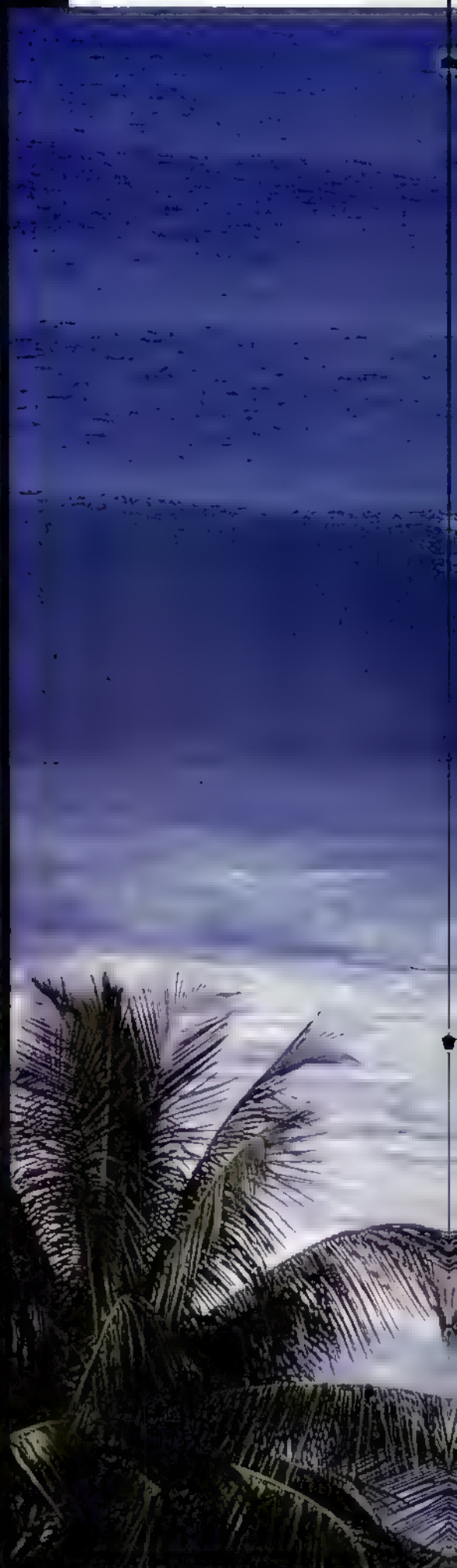
TRÊS PALMAS – O BIG SURF DO CARIBE

É então que começa a quebrar O POINT de Porto Rico. Trata-se de um reef (plataforma de coral) situada na outside de Dogman's, conhecido por TRÊS PALMAS, uma onda que fica no meio termo entre Sunset Beach (pela força e tamanho) e Pipeline (pelos tubos). Algo realmente espantoso e uma verdadeira descoberta, para quem pensa que só se pode surfar ondas de mais de 15 pés, perfeitas, nas ilhas havaianas. Surfistas como os havaianos Ken Bradshow e Bobby Owens; os locais Edwin Santos, Alex Beal, Alberto Licha; os brasileiros Deminha, Bruno Alves, Morongo e Dário; e os americanos residentes na ilha, Dennis Ritch, Super Joe, fizeram a festa do único fotógrafo profissional residente na região, o também americano NORMAN GROSSKREUTZ, que arma nesses dias sua tele de 800 mm numa montanha distante quilômetros do pico, já que da areia só se vê a espuma das ondas.

Além dos points de RINCON, vale frisar a perfeição das ondas existentes na região da base aérea de Raney, cujos points foram, durante anos, exclusivos dos militares surfistas, sendo proibida a entrada de civis. Hoje a base está quase desativada e ali funcionam escolas, universidades, restaurantes, etc. Vale a pena checar (ver no mapa) picos como Surfers Beach, Table Rock e Wilderness. Alguns quilômetros da base, num vale entre montanhas rochosas, está outro point legendário: Gas Chambers. Esta onda está para Porto Rico assim como Banzai Pipeline está para o Hawaii. Também comparada com Cave Rock na África do Sul, é considerada uma das direitas mais cilíndricas do mundo e também uma das mais perigosas. O problema é que este pico quebra poucas vezes por ano (cerca de dez) viciando os felizardos que conseguem pegá-la.

BRISAS DEL CARIBE

A variedade de points e ondas é literalmente infinita, as paisagens e o clima indescritíveis. Lugares para hospedagem bons e baratos, além das gatas e da rapaziada que vem dos E.U.A. e de outras partes do mundo gelado na época do fim de ano, para se esquentarem no surf de primeira qualidade e no sol do Caribe. De quebra uma mistura de bar e boite chamada "Brisas Del Mar", cujo dono (um veterano de guerra do Vietnã) reabre todo final de ano, e que reativa sua decoração toda composta de pranchões e fotos de surf e rock'n'roll antigas pregadas nas paredes. Esta casa, à noite, é palco dos comentários e abriga a alegria dos dias de surf grande, e seu slogan pode ser considerado como a máxima de Rincon-Porto Rico: "SURF ALL DAY! DANCE ALL NIGHT!"



Na página ao lado, mais um take do power de TRÊS PALMAS, quando só se pode ver o line-up de cima de uma montanha.

SPECIAL THANKS TO Dennis, J.B., Joe, Norm and all the local boys (including the and "the guys")

Colaboraram nesta matéria: ALDHEMAR FREITAS FILHO E EDUARDO FARIA

JAMAICA NO PROBLEM

por
OTÁVIO RODRIGUES
fotos
FRÉDERIC PAUVAREL

A história da ilha de Jamaica, situada no centro do Mar do Caribe, começa em anos que se perdem nas contas. Os primeiros jamaicanos, por direito, foram os índios Arawak, que vinham das Guianas e da Venezuela. A maioria dos historiadores, entretanto, prefere dizer que tudo começou com a chegada de Cristóvão Colombo, em 1494, que trazia a fome de ouro da Coroa Espanhola em suas caravelas. A ilha não tinha ouro, mas as condições geográficas, o clima, eram bastante propícios para a agricultura, em particular a da cana-de-açúcar. E os negros africanos, como mão-de-obra escrava, passaram a povoar a Jamaica a partir de 1509. O domínio espanhol terminou em 1655, com a invasão dos ingleses. A essa altura, muita coisa tinha mudado: os Arawaks haviam sido completamente exterminados, os negros eram maioria – ainda que desprivilegiada – e a cana-de-açúcar movimentava a economia européia. Por sua situação estratégica no mapa a Jamaica transformou-se, então, no quartel-general da pirataria. E aparentemente, pouca coisa mudou até 1962, quando a ilha deixou de ser colônia para integrar a Comunidade Britânica.

Com praias de sonho em toda a sua costa (Negril, Montego Bay, St. Ann, Port Antonio e Anatto Bay, entre as mais conhecidas) e com as chamadas Montanhas Azuis tomando conta das províncias interioranas, a Jamaica explodiu como concorrido refúgio para turistas, principalmente com o fim da mamata em Cuba, há pouco mais de duas décadas. Depois da extração de bauxita, o turismo é hoje a maior fonte de riqueza para o país.

Mas, uma das coisas mais interessantes da Jamaica não é a apregoada em grande parte dos folhetos turísticos. É o próprio povo jamaicano. Os negros são maioria absoluta, donos de uma incrível simpatia, e comunicam-se num inglês esquisito, dialetal.

O fotógrafo francês Fréderic Pauvarel conseguiu registrar em seus arquivos alguns dos momentos mais importantes e ao mesmo tempo plásticos da história recente da Jamaica, como as feições espantadas da multidão rasta durante os funerais de Bob Marley (foto maior) ou a arte de J.B. Bithorn um dos primeiros surfistas do mundo (nativo de HUNTINGTON PIER – CA) que se radicou na Jamaica durante anos e continua surfando (bem) aos 43.

indecifrável para os não-iniciados. De uma população total de quase 3 milhões de habitantes, 10% cultuam a fé rastafari, uma seita que idolatra a Hailé Selassié – o ex-imperador etíope –, clama pela volta dos negros à África e mistura música e muita erva santa (cannabis mesmo) no seu dia-a-dia. Todos os preceitos dos rastas estão na Bíblia, livro de cabeceira nas imensas favelas ou nas bibocas dos caiçaras. Foi a fé rastafari que, a partir dos anos 30, saiu da zona rural da Jamaica, invadiu Kingston – a capital –, e urbanizou-se na voz e na música dos artistas populares. É daí que nasce o ska, depois o rock steady e, finalmente, o reggae, ritmo & poesia de Bob Marley, Peter Tosh, Jimmy Cliff, Burning Spear, Third World, Gregory Isaacs, Black Uhuru e quetais. Não existe um cantinho sequer, em toda a ilha, onde se consiga escapar daquele som provocante do reggae. E com essa música, os jamaicanos anunciam também a sua miséria, o seu descontentamento com os vampiros da Babilônia e apontam o juízo final, que estaria bem próximo segundo eles.

Acreditando ou não, é bom subir no bonde: não perca a Jamaica.

INDIAN WALK

CHANGE OF
TIME!

SUMMER 87I

O verdadeiro
mocassin moicano para
atravessar as areias
deste verão.

Em couro graxoso e nobuck.
Masculino e feminino.

Side Walk
CITY OR COUNTRY WALKS.

SHOPPING IGUATEMI SP • RUA MELO ALVES COM ALAMEDA LORENA SP
• SHOPPING BRAPUERA SP • RUA ANIBAL DE MENDONÇA ESQUINA COM
VISCONDE DE RAJA RJ • SHOPPING RIO-SUL • SHOPPING IGUATEMI
SALVADOR • SHOPPING IGUATEMI CAMPINAS SP

CYCLONE

...Tudo...é...FUN...

Gabriela

e

Fernando Graça "Bolha"

FUN

Rua Conde de Bonfim, 615 - Loja 115
CEP 20520 - Rio de Janeiro
Tel.: 571-5648

WATER SPORTS

ZAPI / ERNESTO BALDAN

TRIP CONTINUA TIRANDO OS FILTROS E REMOVENDO AS MOLDURAS DOS PROFISSIONAIS QUE SE DEDICAM A DOCUMENTAR O SURF

OS FOTÓGRAFOS

PESSOAS PREOCUPADAS EM MOSTRAR QUE UMA FOTO DE SURF PODE SER ALGO MAIS QUE UM QUADRO ESTÁTICO MOSTRANDO HORIZONTE ONDA E HOMEM

PAULO FILGUEIRAS

EQUIPAMENTO: Câmeras Nikon FE2 e FM; motordrive MD 12; flash Eva Blitz; lentes zoom 35/70 mm, zoom 70/210 mm, 500 mm Reflex, Nikon e teleobjetiva de 600 mm Novoflex.

HAROLDO NOGUEIRA

EQUIPAMENTO: Câmeras Nikon FA, FM2, Hasselblad; flash Atek 2400 e Sundak Gil; lentes 24 mm, 50 mm, 135 mm e 650 mm Century.

SIDNEY DOS SANTOS JOSÉ

EQUIPAMENTO: Câmera Asahi Pentax MX com motor drive; flashes Frata 140 e Mirage 226; lentes de 50 mm, 200 mm, 400 mm.

CLAUDIO MARANHÃO

EQUIPAMENTO: Câmera Nikon F3; câmera submarina Nikonos 4; motordrive Nikon; lentes Nikon de 20 mm, 24 mm, 28 mm, 50 mm e 180 mm.

CLAUDIO MARANHÃO

É fotógrafo desde 1969, tendo hoje em seus arquivos, parte da história do surf no Nordeste, especialmente em Recife, sua

RECIFE-PE-85

cidade. Fez um curso de fotografia na Inglaterra e depois permaneceu na Europa por mais dois anos. Hoje em dia, com 32 anos de idade, é requisitado para a execução de trabalhos publicitários em sua cidade, além de ter fotos de surf publicadas em veículos especializados. Vivendo na praia, Claudio trabalha na hotelaria. Como se percebe através de seu equipamento e de suas fotos, prefere as lentes grande angulares e as fotos aquáticas. Em 1983 expôs no MASP, individualmente, um trabalho sobre circos mambembes realizado na periferia de Recife, sob o título: O Circo Pobre. Atualmente é o correspondente da TRIP em Recife e todo nordeste.

CARLOS BURLE ARRISCA TUDO-RECIFE-PE85

HAROLDO NOGUEIRA

Cursando Comunicação Social (Publicidade e Propaganda), Haroldo é paulista, 22 anos, e atualmente trabalha em seu próprio estúdio, realizando fotos publicitárias. Ele fotografa surf há seis anos e já fez inúmeras viagens, por todo o Brasil e pelo exterior (Europa, Peru, Mexico, EUA), em busca dos melhores momentos do esporte.

TAIU-TRESTLES-CALIFORNIA 85

PAULO FILGUEIRAS

JOAQUINA • SC • 86

Carioca, 28 anos, encontrou na arte de fotografar seu maior meio de expressão. Fotografa natureza, moda e esportes, como: motociclismo trail, vôo livre, iatismo e surf. Vem se dedicando há quatro anos às fotos de surf, buscando novos ângulos e momentos (sua característica mais importante) deste esporte que considera inigualável e surpreendente. Já publicou trabalhos em jornais e revistas especializadas e atualmente é membro da equipe carioca da TRIP.

CARLOS AUGUSTO - PRAIA DO FOGUETE - CABO FRIO - RJ - 86

SIDNEY DOS SANTOS JOSÉ

ATIBAIA-SP-86

Paulista, 28 anos, fotografa desde 1980, quando largou a Faculdade de Administração. Cursou fotografia na Escola Panamericana de Artes em 82, ao término do curso, obteve uma menção honrosa. Praticante de surf desde os 17 anos de idade, começou a se interessar em registrar os momentos mais plásticos do esporte, preocupando-se com os movimentos entre homem, prancha e onda. Em 85 começou a publicar seus trabalhos sobre vôo livre em revistas especializadas e hoje faz parte do staff de fotógrafo da TRIP.

FLORIANÓPOLIS-SC-86

seaside

P. ENTREGA - 011 - 853 6971
011 - 883 1829
REPRESENTANTES
SP - CAP. INT - (011)853 6971 (011)883 1829 - PYERRE
PR SC RS (041) 223 8986 - JAMES
BA - (071)237 4537 - RUBENS
NORTE NE - (081) 361 4734 - YARA
ES - (027)225 0410 - PAULO ROBERTO

TAHAI

Material chroniony prawem autorskim

EVOLUÇAO ATRAVÉS DOS TEMPOS

TRIP SURF REPORT

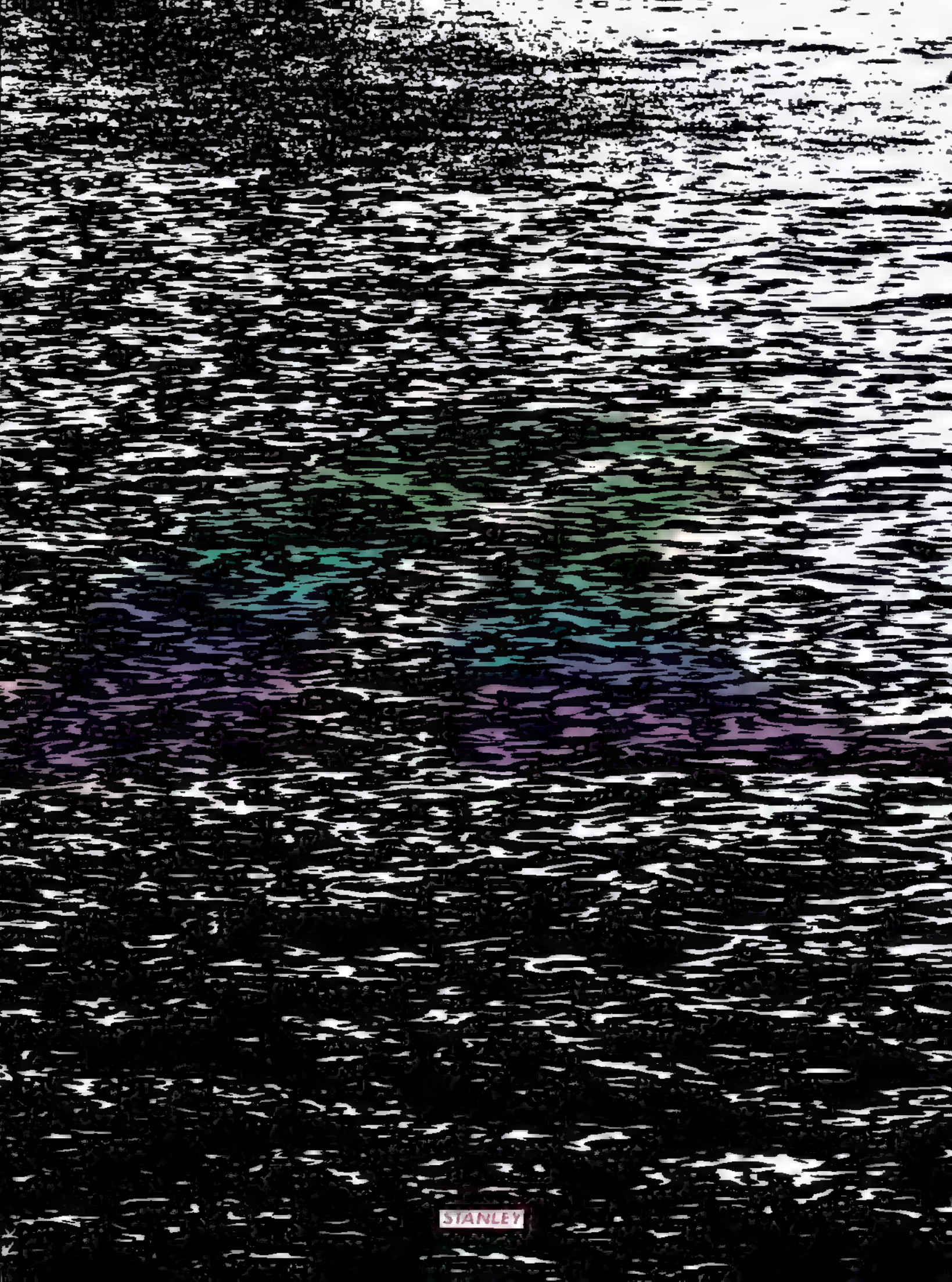
Observar a evolução do surf pelo melhor ângulo, de dentro d'água, sempre foi a fórmula usada por nós para atingir em cheio o gosto de 2 gerações de jovens. TOWN & COUNTRY, SURF NAS VEIAS DE 2 GERAÇÕES!

ZÉ ROBERTO TEAM MANAGER

TITO MONACO SURF TEAM

Town & Country Surf Designs

Av Santo Amaro 1302 Tel (011) 531-7477 pabx CEP 04506


STANLEY

BLACK

Insistimos na música negra.
Ela é na verdade
a mãe de todos os ritmos
e sons. Nesta matéria,
em forma de parábola,
OTÁVIO RODRIGUES,
inspirado nos bailes
Funk 'n Reggae
que tem alegrado e
acabado com o marasmo
da noite carioca,
dá mais uma paulada
neste tema totalmente
inesgotável.

por
OTÁVIO RODRIGUES

Era um rei muito velho e sábio. Não tinha vícios: não bebia, não fumava de nada, não cheirava coisa alguma. Gostava, sim, de música – mas, isso não era vício, era tara mesmo. Seu escudeiro era um walkman, armado com pilhas alcalinas até os dentes.

Um dia lá, o rei caiu de cama e sentiu que tinha chegado sua hora. E como era de costume a todos os reis, chamou os três filhos ao pé da cama e disse: "Ide, filhos meus, levai uma fita cassete cada um e gravai algo de bom e novo para que eu possa me deleitar nos últimos instantes da vida". E prometeu seu reino àquele dos três que melhor cumprisse a obrigação, que trouxesse a fita mais novidadeira e gostosa que pudesse existir. Apertou o play no walkman, fechou os olhos e dormiu.

•

O primeiro filho não perdeu nem um minuto. Foi correndo a uma loja, abriu um crediário e comprou um gravador e um sintonizador de FM. Papel e lápis na mão, desatou a ouvir todas as emissoras, durante dias e dias, anotando e gravando tudo que era anunciado como novidade. Eram músicas ditas inéditas, que vinham de reinos distantes, sempre muito bem recomendadas. E o primeiro filho terminou sua fita.

•

O segundo filho, antes de qualquer atitude, parou prá pensar. Cigarros mais tarde, atinava que não deveria procurar nada no rádio, que o caminho era outro. Comprou um gravador e um toca-discos, á vista, e muniu-se com todos os jornais e revistas que pôde encontrar. Papel e caneta na mão, pôs-se a pinçar cada uma das dicas em primeira mão que aquele monte de papéis trazia. E, inspirado nos mais nobres adjetivos que encontrou, adentrou impávido uma loja de discos, levando um lote deles para fazer sua fita. E fez, tal e qual planejara.

•

O terceiro filho pensou durante dois ou três dias, para descobrir que seus recursos não permitiriam investimentos ou luxo naquela empreitada. Ainda assim, saiu entusiasmado prá luta, caindo nas quebradas do reino com seu velho e reles gravador, desses que têm microfone embutido. Foi a lugares que jamais havia pisado antes, subúrbios do Rio de Janeiro e periferias de São Paulo, dando em centenas e centenas de salões e ginásios de dança, espalhados por esses lugares em toda parte. Nos toca-discos e caixas, tocava a música urbana dos negros americanos, o funk futurista, o hip-hop, o som rap-repentista de dar água no corpo. Ouviu e conheceu o som dos Boogie Boys, da dupla Run D.M.C., do Whodini, do grupo One Way, dos impagáveis Fat Boys, Kurtis Blow... "Mas, tudo isso rolando, todo esse mundaréu de gente cantando e dançando, e eu não sabia, não vi nem li nada em canto algum!" E foi gravando.

Já era prá lá de tantas, ele achando que tinha a questão da fita já resolvida, quando pôs o pé na estrada prá voltar. Perdeu-se, informaram errado, caiu numa festa na danceteria Mistura Fina, na Barra da Tijuca. Ali, Maurício Valladares e três Paralamas de muito sucesso abriam suas sacolas de discos para fazer quase duas mil pessoas dançarem, com boas e novas surpresas: Yellow Man, o dee-jay cantador da Jamaica mais famoso em todo o mundo, seu conterrâneo Big Youth, e depois Afrika Bambaata, o rei do hip-hop. Foi gravando, o filho do rei. E as surpresas não paravam: o som dos guetos de Nova Iorque, com Grandmaster Flash, num pipocar de baterias eletrônicas que não tinha explicação de tão alucinado; e ouviu e gravou também o Black Uhuru, o grupo jamaicano que mostra pro mundo que o reggae pode ir muito além do que supõem os eternos fãs de Bob Marley.

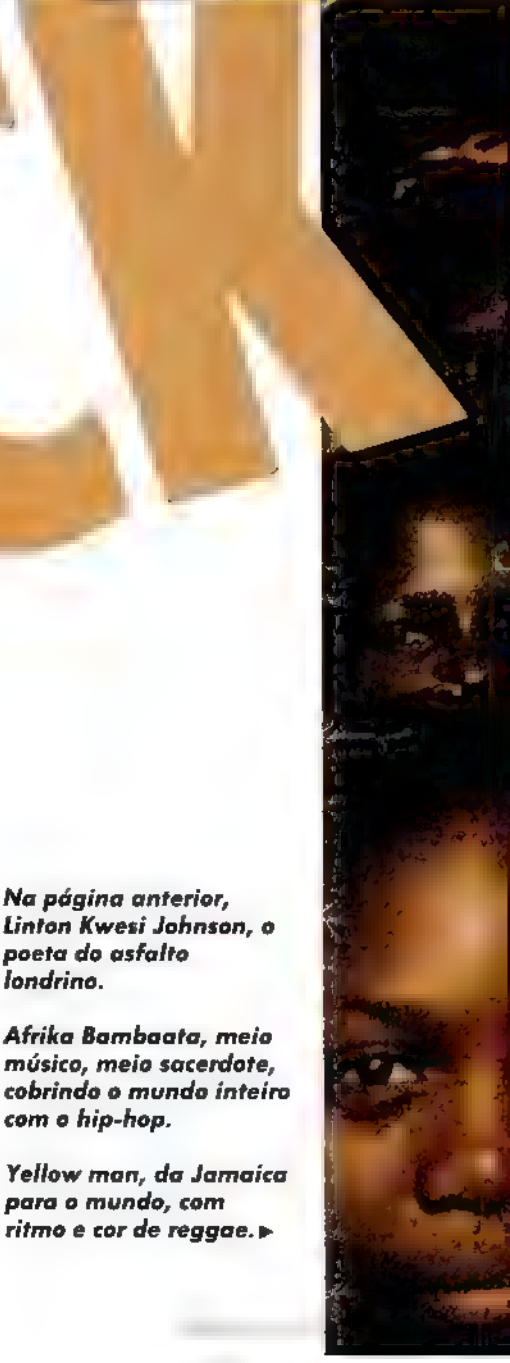
E o rapaz interessou-se pela matéria. Queria agora conferir o efeito que aqueles tipos de música causariam em outros públicos. Deu sorte: encontrou Skowa, ex-Sossega Leão, e Nazi, do Ira!, cuidando do som num antro lotado de darks, em São Paulo. E eles punham nos toca-discos exatamente o que andavam ouvindo em casa: o funk novo de Prince Charles & The City Beat Band, das bandas Full Force e Shango, a poesia em forma de reggae dos redutos negros de Londres, com Linton Kwesi Johnson... "E tanta gente falando de música por aí e nem uma linhazinha, nem um disquinho sequer do funk e do reggae que acontece nestas paragens... Será que é proibido?" E terminou a fita.

•

E os três filhos chegaram-se de novo à cama do rei, que ouviu, uma por uma, as fitas gravadas. Ouviu a que o primeiro trouxe e sorriu. Ouviu a do segundo e arregalou os olhos. Ouviu, então, a fita do terceiro filho e pulou da cama, dançando e cantando tudo aquilo. E não morreu mais.

•

Moral da história: naquela terra de cegos, quem tinha olho era o terceiro filho do rei.



Na página anterior, Linton Kwesi Johnson, o poeta do asfalto londrino.

Afrika Bambaata, meio músico, meio sacerdote, cobrindo o mundo inteiro com o hip-hop.

Yellow man, da Jamaica para o mundo, com ritmo e cor de reggae. ▸

HIDRO JETS TEAM®

QUIVER:

5'11": 12" × 19"1/2 × 15"1/8

ondas pequenas: 5'10''

ondas grandes: 6'1''

"A prancha do dia a dia tem que ser extremamente versátil para todos os tipos de onda."

— Frederico d'Orey

RIO DE JANEIRO
R. EMÍLIO BERLA, 64
TEL.: 235-2124

SANTA CATARINA
ROBERTO
TEL.: 22-8785

R.G.S.
EDUARDO BIER
TEL.: 32-1242

ESPÍRITO SANTO
ADVENTURE SURF SHOP
TEL.: 229-6313

PARANÁ
DANIEL BELLOTI
TEL.: 262-1138

ANÉSIO
Uluwatu 86

FOTO: Basilia & Ruy

ARTE: EDUARDO FACHIN

RJ SC/PR ES BA MG

D
O
K
OK DOK

RESPONDA RÁPIDO:

NO CASO DE UMA EXPLOSÃO ATÔMICA, ONDE VOCÊ GOSTARIA DE ESTAR?

Entre lençóis, com a pessoa amada? Bom: nada como o prazer vivido até o último segundo. Vendo um pôr-do-sol em Bali? Ótimo: o chato seria aquele cogumelo nuclear no horizonte, estragando a paisagem. Cavalgando uma onda em Waimea Bay? Legal: com certeza será a derradeira, aproveite. No escurinho do cinema, assistindo "Sid e Nancy"? Perfeito: acomode-se bem confortável na poltrona para curtir o "The End" com apocalíptica dignidade. No alto de uma montanha, ouvindo "The Smiths" no walkman? Maravilha: há gosto e individualismo para tudo. Em casa, num familiar almoço domingueiro? Perfeito: clã que se desintegra unido, permanece unido pela eternidade.

Que tal num outro universo? É, num mundo diferente do que você está acostumado. Não, não se trata de uma viagem para Plutão. Não é preciso ir tão longe. Esse universo está ali, debaixo d'água. Salgada ou doce, tanto faz. Mergulho, já ouviu falar? Claro que sim: Jacques Cousteau, Mike Nelson, Namor (o príncipe submarino), os seres abissais (National Kid), "Vinte Mil Léguas Submarinas", lembra-se? Figuras reais e imaginárias umbilicalmente ligadas à ictiologia e realidade subaquáticas.

Se o estupro radiativo for mesmo inevitável, relaxe. Vista a roupa de neoprene, máscara, nadadeira e snorkel, jogue uma garrafa nas costas (não se esqueça do cinto de lastro e do colete estabilizador), escolha o local de sua preferência e goze. Afinal, "fora da água e do ar comprimido não há salvação", previu o barbudo Nostradamus numa de suas malucas profecias. O mar, além da única sepultura digna de um almirante batavo (como diz o velho ditado holandês), é a saída. Quem viver, verá.

Para descobrir o mergulho, porém, não é preciso chegar à situação limite de uma catástrofe atômica. A coisa é fácil. Bastam o tal máscara, o snorkel (respirador) e as nadadeiras (pés-de-pato). Equipamento suficiente para a prática do chamado mergulho livre, ou apnéia. Basta reter o ar nos pulmões e começar a descer. Um cuidado, apenas: entrar no mar ou lago é se meter num elemento totalmente diverso do que você está acostumado. Isto é, água tem pouco a ver com ar e terra. O meio líquido não perdoa intrusos despreparados. Mas recebe com extrema hospitalidade qualquer visitante bem-treinado. Em síntese: para entrar nesta festa é preciso convite. Que pode ser obtido em um curso de mergulho credenciado. É a sua única segurança de não dar, literalmente, com os burros n'água e, pior, matar o trapa afogado.

No Brasil, a exemplo do resto do planeta, o mergulho vai bem, obrigado. No eixo Rio-São Paulo e na maioria das capitais litorâneas brasileiras, há um número crescente de escolas. Você pode optar, inicialmente, por um curso de mergulho livre. Ou começar direto pelo chamado mergulho autônomo. Autônomo porque, usando o comprimido, você poderá ficar um bom tempo lá embaixo sem ter de se preocupar em voltar à superfície para respirar. As aulas dividem-se geralmente em duas partes: teoria (uso do equipamento, efeitos da pressão sobre o organismo humano, sinais específicos para comunicação subaquática, cálculos de consumo de ar, história do mergulho etc.) e prática (piscina e mar). Os preços variam e a duração do curso também. Informe-se antes, escolha uma escola e, em poucos dias, passando nos exames finais de teoria e prática, você receberá o certificado de mergulhador autônomo, um documento que vai-lhe possibilitar o aluguel de equipamento, viagens de barco e recargas de ar para sua garrafa aqui e no Exterior. A partir daí, o negócio é treinar. O certificado é somente um comprovante de habilitação. Não vai lhe transformar num Cousteau do dia para a noite. Nem pretende.

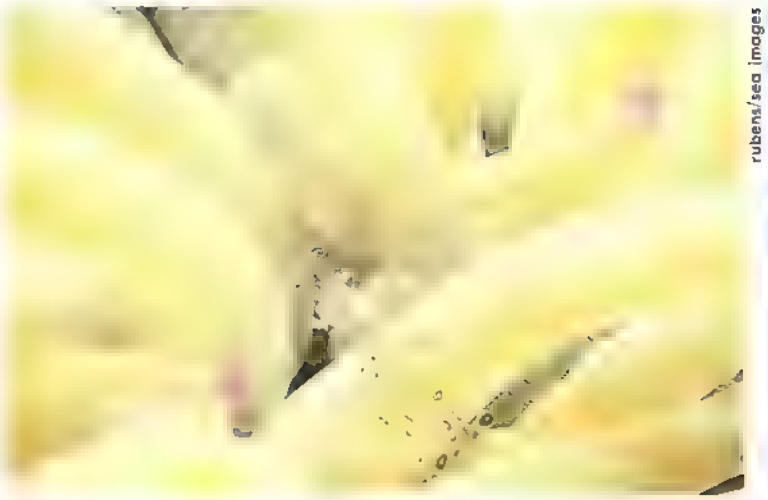
A partir do curso básico, você poderá se especializar no ramo do mergulho que lhe der maior prazer: mergulho em naufrágio, em cavernas, em águas doces, mergulho noturno, técnicas especiais, conquiologia (estudo das conchas), fotografia subaquática etc. Bons locais para o mergulho também não faltam no Brasil: Fernando de Noronha, Abrolhos, Angra dos Reis, Paraty, Cabo Frio, Búzios, Ilhabela, Laje de Santos, Alcatrazes, ilha da Queimada Grande. Os gaúchos vêm enfrentando até as águas pouco claras da tradicional Lagoa dos Patos, à busca de emoções novas, como a recente descoberta de restos dos barcos afundados durante a Revolução Farroupilha, no século passado.

No Exterior, a mesma coisa: é difícil dizer qual o melhor destino do planeta. Tem de tudo, para todos os gostos. A começar pela Grande Barreira de Coral australiana, point famoso pela limpidez das águas, beleza dos corais e habitat do temível tubarão-branco, o man-eater por natureza. Bom mergulho também é ao largo das ilhas Truk e Ponape, no arquipélago das Carolinas, Micronésia, acima da Nova Guiné. Para quem gosta de um mergulho hard core, é o ideal: as ilhas foram o cenário de uma das maiores batalhas aeronavais do Pacífico, na Segunda Guerra. São centenas de aviões americanos e japoneses e dezenas de barcos no fundo. Um cemitério submarino completo, com esqueletos, crânios e tudo. É proibida a retirada de souvenirs...

Um pouco mais perto estão os Florida Keys, um conjunto de ilhotas ao sul da Flórida, começando em Key Largo e terminando em Key West. As ilhas são ligadas pela famosa U.S. 1, a primeira highway americana. Um dos sites mais interessantes do local é o John Pennekamp, santuário submerso coalhado de peixes, corais, lagostas, arraias, tartarugas e a enorme estátua de Cristo com os braços abertos, plantada bem no fundo. Perto de Key Largo há uma série de naufrágios do século 17, ainda em relativo estado de conservação. Mergulhei num destes galeões, o El Infante, afundado em 1633. Uma sensação incrível, a de flutuar acima do cavername do barco e imaginar – isso foi em 83 –, que 350 anos antes aquela carraça de madeira morta velejava com homens e carga pelo mar do Caribe, poucos metros acima. Em Key West, outro naufrágio – este contemporâneo – faz a alegria da rapaziada. É conhecido na região como "The Cannabis Wreck": uma barcaça colombiana abatida pela U.S. Coast Guard, a costeira americana, há poucos anos e que hoje descansa a uns 20 metros de profundidade. Nos porões, fardos e mais fardos de erva prensada. O barato é tirar fotos sentado em um deles, com punhados da droga na mão. Mas, a exemplo de Truk e Ponape, a retirada de material é expressamente proibida. Sábia medida, já que, com um milhão de mergulhadores visitando as Keys anualmente, se a retirada fosse permitida só sobraria o wreck, porque a cannabis...

Finalmente, quem quiser aliar "o lazer e a atividade física a um bom prato de frutos do mar", diz o mergulhador Claudio Guardabassi, da Claumar, o negócio é a caça submarina. Há uma briga ferrenha entre mergulhadores autônomos e caçadores. Aqueles acusam estes de "biocidas". Os caçadores se defendem, dizendo que sua atividade é feita de modo racional. Citam exemplos: um bom caçador, experiente, pescando o ano inteiro, não conseguiria competir com o volume de peso que uma só traineira, com redes, retiraria num dia de pesca. De qualquer maneira, o fato é que a caça sub anda meio em baixa, para a alegria dos ecologistas. Os caçadores, porém, dizem que se trata de um esporte incompreendido e pouco divulgado. Com a palavra, Antonio Geraldo Celentano, instrutor de mergulho da Claumar: "Poucos sabem que o Brasil foi tri-campeão mundial em caça submarina, duas vezes individual e uma por equipe." Enquanto o tetra não chega, a briga deve continuar.

FERNANDO PAIVA



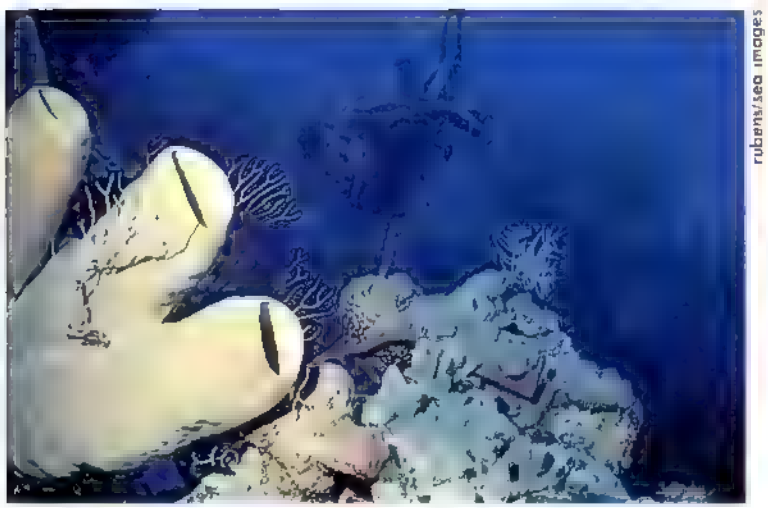
rubens/sea images

geraldo celentano

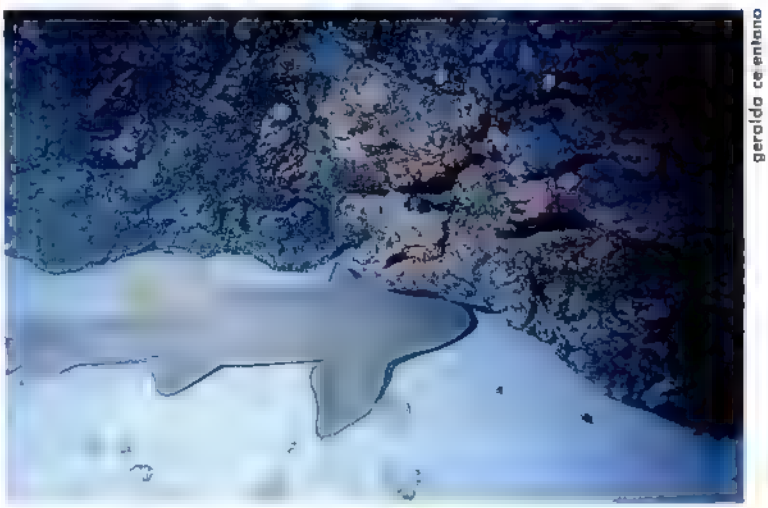
A macrofotografia consegue registrar detalhes únicos da vida submarina

Em Fernando de Noronha a visão do tubarão não chega a assustar o fotografo

O tubarão lambaru é na verdade muito menos perigoso do que parece



rubens/sea images



geraldo celentano

O mergulho noturno é uma das modalidades do esporte onde a emoção aumenta graças à escuridão e à sensação de isolamento.

Além dos visuais e dos peixes, a superfície de Noronha é revestida por ondas excelentes para o surf.

rubens sea images

geraldo celentano

um

No mar, na praia, no asfalto, no elevador, no campo, no vestiário, no ar, no lar, na festa, na ressaca, no tubo, no cano, no mato, e em todos os etcs que você puder inventar.

arraso

Natívas

Rua dos Chanés, 234 Esquina com Jurupis CEP 04087 Moema São Paulo Fones: (011) 530 1002 240 6323

HANG LOOSE

PRE PRO POS CONTEST

Ricardo Tatuí na Joaquina.

Imagine-se cercado por água, gente, pranchas e hot-dogs por todos os lados. Gire sua cabeça 360°, você vai ver muito mais do que simples surfistas disputando alguns pontos no ranking.

marcelo laxe

paulo filgueiras – company

PRÉ CONTEST

Qualquer pessoa que pratica surf ou que tenha pego onda alguma vez em sua vida, já se defrontou centenas de vezes com a frustração de ouvir frases como: "Você chegou hoje? Pena, ontem estava demais!". Chegar à praia e ouvir isso faz qualquer surfista se sentir como um goleiro que acaba de tomar um frango por baixo das pernas. É quase que uma lei, em viagens de surf, se chegar aos picos mais longínquos, sempre na semana seguinte ao "swell" do ano, ou na tarde que sucedeu ao melhor dia dos últimos meses.

Sim, aconteceu de novo! Netuno, Yemanjá e Santa Catarina mandaram à Joaquina uma ondulação pra campeão mundial nenhum botar defeito. Só que, com quatro dias de antecedência.

Mas se esta "tradição" do surf se repetiu, algumas mais tradicionais ainda não se verificaram. A começar da eterna desorganização e da desatenção para com os competidores, quase que normal na maioria dos campeonatos de surf brasileiros (salvo as óbvias exceções que dispensam citações).

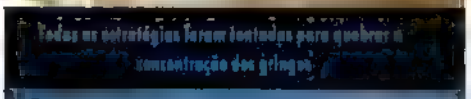
Na verdade, os competidores estrangeiros ao desembarcarem no Brasil, depararam-se, surpresos, com uma das melhores estruturas de apoio já montadas para o circuito mundial de surf, no mundo inteiro. Parecia até que a organização tinha providenciado, além dos hotéis cinco estrelas, transportes, alimentação e público, ondas que chegaram aos 6 pés (para não exagerar), idéias para a alimentação e treino, condições que, para ser mais claro, não são muito comuns por aqui.

O mar quebrou perfeito e a ondulação segurou por cerca de uma semana, e proporcionou, principalmente aos que chegaram mais cedo, um dos espetáculos de surf mais bonitos da história do esporte no Brasil.

Foi o que se convencionou chamar de HANG LOOSE *PRÉ* CONTEST, quando se pode ver alguns dos melhores surfistas do mundo (incluindo os brasileiros) ainda livres da tensão gerada pela competição, e do peso das camisetas de jersey e das teleobjetivas e olhares, desenvolvendo um show de FREE SURF, o surf pelo prazer de dominar a natureza e a si mesmo.

Só pode ter sido um presente, um belo pacote em forma de tubo, com centenas de destinatários, que trabalharam de alguma forma para que o surf no Brasil, após quatro anos de desprezo, voltasse a ser respeitado

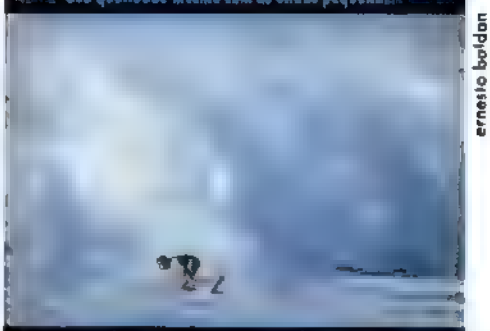
sidney santos jose/nativos



Todas as estratégias foram tentadas para quebrar a concentração dos gringos

dennis magalhães/profit

Boa qualidade mesmo com as ondas pequenas



ernesto boldan

Pranchas pequenas não eram suficientes

marcelo laxe

no exterior. Mas alguém representava muito bem o arrojo e a insistência de toda essa rapaziada, e recebia merecidamente esse presente de Netuno e companhia, Álfio Lagnado, que mostrou a muito gente o valor de três palavras: SINCERIDADE, TRABALHO e HUMILDADE. Álfio matou no peito a empreitada, driblou obstáculos políticos, chapelou um dos maiores grupos de comunicação do mundo e estufou as redes do surf brasileiro que correu para festejar, cheio de alegria e sangue novo. Lógico que não jogou sozinho, seu time era todo de camisas dez e não podemos esquecer de nenhuma das pessoas que em um mês e meio empurraram o Brasil de volta ao circuito mundial de surf.

PRO CONTEST

Falando-se de surf, inúmeras lições foram tomadas nesta aula de técnica na Joaquina. Aí vão algumas:

1.º – O hiato de quatro anos, período em que o Brasil esteve afastado das competições internacionais, é diretamente proporcional ao desnível entre nossos atletas e os estrangeiros.

2.º – O trabalho de base mostrou-se, mais uma vez, fator decisivo para atingir-se bons resultados. O brasileiro melhor colocado, e vários dos surfistas classificados para as etapas finais, competiram durante anos na categoria amadora.

3.º – As peruas, falsas gatas e caçadoras de rankings, além dos surfistas Chevrolet (aqueles que só servem para figurantes em anúncios de automóveis Caravan com bagageiros) começam a dar lugar a um público atento e realmente interessado no surf, mais precisamente no surf profissional masculino, e não em suas variações.

4.º – A Joaquina é realmente um local excelente para o surf e suas competições, e continuará excelente por muito tempo, desde que haja um outro acesso à praia, para evitar filas de carros que só eram transpostas pelo helicóptero do governador.

5.º – Quanto melhor a organização e os prêmios, mais retorno para patrocinadores e atletas. A grande mídia do Brasil inteiro, mal ou bem, dava espaços até então inéditos ao surf, e falou-se em dez mil pessoas por dia presentes às finais.

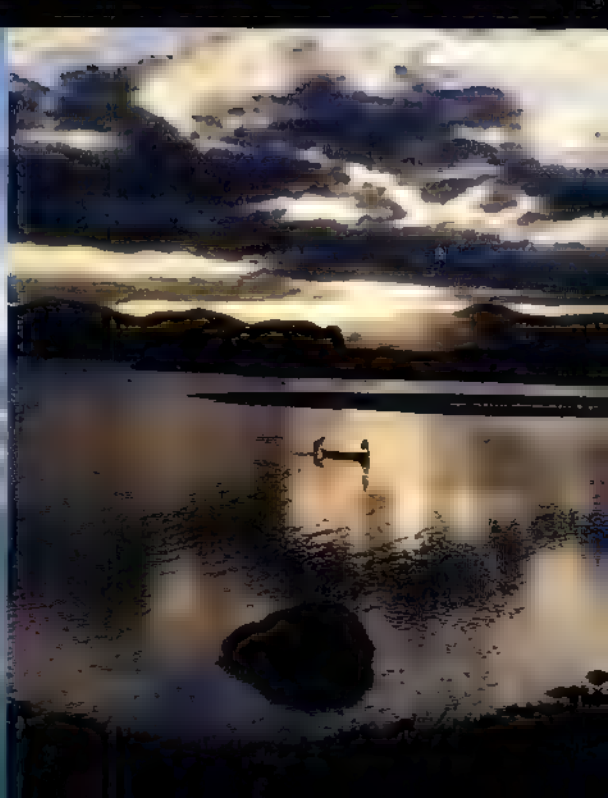
Na página ao lado: Tom Carrol, um dos quatro campeões mundiais presentes à Joaquina. Na foto em baixo, Sérgio Noronha competindo ainda como amador, foi o brasileiro melhor colocado, arrancando com garra a 5ª colocação.

HANG LOOSE

PRE PRO POS CONTEST

Taiu como os demais competidores brasileiros, se esforçou muito.

Na foto abaixo à esquerda Scott Mc Cranels da Flórida parecia preparado para o tamanho das ondas. Na foto do meio, a praia do guarda, distante alguns quilômetros da Joaquina, um dos refúgios da rapaziada saturada pelo crowd do campeonato.



Na foto acima Gugu Bouchal de Cabo Frio, abaixo Renato Phebo mostrando as quilhas.

MUITA MASSA FAZ MAL

Já que tocamos no assunto mídia, falemos um pouco da cobertura de massa (um grande spaghetti), que devido a uma pequena falha da organização (ninguém é perfeito) desandou e acabou provocando enjôo.

Foi graças à "grande mídia" que há pouco mais de dois meses muita gente ficou sabendo de um grande êxodo de jovens para o sul do país. Chocados pelo eterno exagero, pais e mães se descabelaram tentando impedir suas filhas mocinhas de seguirem para a sodoma tropical em que teria se transformado a pacata praia da Joaquina. As meninas-moças, segundo alguns periódicos, eram atraídas por hordas de jovens musculosos, bronzeados e tarados, vestindo sumários calções de banho. Parecia que o paraíso tinha novo endereço, e ficava a apenas alguns quilômetros de Florianópolis.

Você não estava lá? Era o único que havia ficado engordando, envelhecendo e gastando, enquanto todos os outros jovens do Brasil se deliciaram na fonte da juventude catarinense, repleta de ninfas semi-nuas, sol excitante, jovens apolos cavalgando as ondas durante o dia, e batendo recordes sexuais durante a noite, embalados pelo eterno rock'n'roll. Parecia uma atmosfera tão rejuvenescedora, que até Esperidião Amin com sua careca brilhante lembrava um recém-nascido corado e feliz.

Não é bem assim; voltemos à realidade. Se você não pode ir ao sul, não roa as unhas. Olhe à sua volta, você está em casa lendo e certamente poderá beber um copo de água se sentir sede.

Já está levando vantagem. Na Joaquina, durante o período de 6 a 14 de setembro, faltou água, sanduíches, refrigerantes, cerveja, sombra, espaço para se circular e muito mais. Só não faltou uma coisa: jornalistas credenciados. Uma verdadeira alcatéia de criaturas vorazes em busca da notícia, protegidos por óculos "ray-ban" e hipoglós nas canelas. Do jornal de bairro de Vassouras à rádio AM de Bagé, todos os órgãos (e apêndices) de comunicação nomearam seus enviados especiais, que se apressavam em entrevistar surfistas australianos em português, e brasileiros com nomes como Roberto Casquinho em inglês (com a inevitável pergunta: Do you like samba?).

harolda nogueira

PÓS CONTEST

Não vamos diminuir a festa. O campeonato da Hang Loose foi excelente, as ondas (principalmente no começo) incríveis, e muita gente se divertiu por lá. Mas, por favor, não perca suas unhas por tão pouco. As jovens ninfas seminuas, que os jornais tanto mostraram, eram apenas adolescentes (lindas sim) mas preocupadas em não perder a passagem de ônibus de volta a Natal ou Porto Alegre.

Os surfistas prateados, apenas atletas comuns, com a beleza inerente a qualquer esportista, mas também com as mesmas limitações e fraquezas. As orgias não passaram de alguns bailinhos nas boates locais, com nomes que dizem tudo: Baturité, Chandon e Shampoo. Muita azaração, aliás mais azar do que ação. O comum era se ver alguns bandos de dissidentes nas praias vizinhas à Joaca não invadidas pela multidão, com os cérebros lotados por overdoses de informações visuais e auditivas, relaxando em sessões de FREE SURF.

Quanto aos maravilhosos campeões estrangeiros, mais uma triste descoberta. Não passavam (salvo raras e honrosas exceções como Shaun, Rabbit, M.R. e Cheyne) de tristes e resignados jovens, cujas realidades se resumem a viverem cercados por guarda-costas, mudando de país a cada semana, competindo em mares, areias, climas, mulheres e línguas diferentes, num eterno arrumar de malas. Um bando de caipiras australianos e americanos, tirados da calma de suas fazendas e atirados ao apetite voraz das tietes e repórteres do mundo inteiro. Vide o exemplo do tão festejado Mark Occhilupo, um assustado e ignorante bicho de goiaba, cujas idéias parecem ter a densidade da espuma de poliuretano.

A grande mídia atacou de novo, tentando transformar um excelente campeonato de surf num programa Silvio Santos (domingo no parque) de dez dias de duração.

Podiam pelo menos ter mostrado que o tetra campeão mundial de surf é corcunda, sofre de bronquite, é branco como um turista, fala fino e ainda tem orelhas de abano, mas realmente surfa muito bem.

As condições perfeitas do mar, aliadas à excelente infra-estrutura, impressionaram os estrangeiros que junto aos brasileiros mais experientes sentiram-se em casa.
Cauli Rodrigues em seqüência

ANOTAÇÕES DO HANG LOOSE

B Mc Nulty	J Hogan	J Hogan						
C Ballazar	Mc Nulty							
Tinguinha	H Hedemann	Hans	Hans					
R Page	Tinguinha	Hedemann	Hedemann					
G Anderson	D Hardman	Damien	Damien					
A Salazar	G Anderson	Hardman	Hardman					
D Huscdal	T Carrol	Dave						
D Eggers	D Eggers	Eggers		Hans				
D Macaulay	M Parsons	Dave		Hedemann				
F Dantas	D Macaulay	Macaulay						
G Clisby	B Gerlach	Brad	Dave					
S Law	G Clisby	Gerlach	Macaulay	Dave				
M Thorson	M Richards	Mitch	Sergio	Macaulay				
F Bittencourt	M Thorson	Thorson	Noronha					
C Prohoff	B Lynch	Sergio			Dave			
S. Noronha	S Noronha	Noronha			Macaulay	Dave		
S. Farnsworth	M Occhiupo	Mark			Mark	Macaulay		
R Lima	R Lima	Occhiupo			Occhiupo			
R Bain	W Bartholamew	Wayne	Mark	Mark				
P Tomba	R Bain	Bartholomew	Occhiupo	Occhiupo				
M Davis	W Laine	Merrick	Merrick					
M Archbold	M Davis	Davis	Davis					
J Jennings	C Horan	Chap						
R Phelps	J Jennings	Jennings		Shaun				
S McFarnels	G Winton	Glen		Tomson				
D Figueiredo	D Figueiredo	Winton						
G Wilson	T Richardson	Graham	Glen					
R Tatei	G Wilson	Wilson	Winton					
I Buchanan	S Tomson	Shaun	Shaun					
P Tostee	Buchanon	Tomson	Tomson					
B Llamas	C Kuhn	Charlie						
O Bueno	B Llamas	Kuhn						

haroldo nogueira

Tom Carrol passou 10 dias "trincado"

sidney santos jose nativos

Overdose de informação visual: delirio coletivo

shoth hari

marcelo laxe

A Área V.I.P. que não era tão V.I.P. assim

ernesto baldan

O campeão do Cristo Dave Macaulay mostrando uma das manobras mais novas do Surf competitivo e Mentor

shoth hari

Álfio Lagnado teve coragem e humildade. Sucesso Total.

shoth hari

Os campeõeros brasileiros torceram o nariz para o desnível que os separa dos profissionais estrangeiros. Tinguinha (dir.) e o ex-campeão mundial, o australiano "Rabbit"

sidney santos jose/nativas

marcelo laxe

As garotas não tiveram preconceito de nacionalidade e lançaram os ranqueados. À esquerda Sérgio Noronha (5º colocado) à direita Glen Winton da Austrália ambos com a mesma acompanhante...

roberto antunes

marcelo laxe

Os Juízes, brasileiros mostraram-se capacitados

shorti hor

O governador Amin esbanjou saúde na Joaquina.

haroldo nogueira

O top do estilo, dentro e fora d'água foi para Shaun Thomson,

paulo filgueiras – company

classe até dormindo.

sidney santos jose nativas

O caipirão Occhylupo fez careta, fugiu da imprensa e acabou perdendo.

O senso comum ainda acredita que o surf sempre vem acompanhado de sexo, drogas e outros pecados mundanos. Seguindo esse raciocínio, um campeão de nível mundial deveria ter no mínimo um metro e oitenta centímetros de pura sensualidade, olhos avermelhados e boca seca. Pobre de Macaulay, trata-se de um humilde, sardento e feinho australiano, que além de não beber e não fumar, casou virgem. Para completar, Dave (é esse seu primeiro nome) se autodenomina "Atleta de Cristo", indo à missa todos os domingos do circuito mundial, procurando as igrejas de cada país onde é montado o circo da A.S.P.

Foi numa dessas igrejas, a de Florianópolis, que Dave comemorou seu primeiro lugar no Hang Loose Pro Contest, uma suada vitória obviamente dedicada a Deus. E o que é melhor?, não estava sozinho. Além dele, outros surfistas também colocam a fé acima de tudo.

É o caso do sul africano Pierre Tostee, que não se mistura com outros surfistas, talvez para não ter sua fé abalada. Amigo inseparável de Dave durante o circuito mundial, eles frequentam cultos religiosos em qualquer parte do mundo que estiverem e são considerados loucos por seus colegas de profissão.

Aqui no Brasil eles encontraram um "irmão" que também é surfista de Cristo. É o catarinense Bita, que durante a competição tornou-se companheiro inseparável de Pierre e Dave. Além de acompanhar os estrangeiros em suas peregrinações surfísticas, eles leram a Bíblia juntos e oraram muito uns pelos outros, pernoitando na mesma casa.

Quando Macaulay subiu ao topo do pódium, ficou mais próximo de Deus e mais distante dos óbvios estereótipos.

PAULO LIMA

haroldo nogueira

Macaulay conseguiu estourar o Champanhe, mas só chegou a molhar a boca, passando adiante a garrafa. [illegible]

shorti hor

O campeão [illegible] e o Sul Africano Pierre Tostée.

Wagon®
SURF LINE

Loja – R. João Cachoeira 1531

Mango

SETE·SETE·CINCO
ALBUQUERQUE

FÁBRICA E PRONTA ENTREGA (011) 255-8066 - 255-8346

REPRESENTANTES: RJ (021) 230-7621 - RS (0512) 21-9897 - MG (031) 334-7888 - DF (061) 245-5338 - SC (0482) 44-7979
PE (081) 221-2477 - CE (085) 221-1144 - BA (071) 241-3688 - ES (0247) 22-3078 - MT (0162) 71-9751 - PR (041) 272-5804

"Existe um fanzine da costa oeste dos EUA oferecendo dinheiro para quem bater o recorde de aéreo do Tony Magnusson. Acho isto uma estupidez."
Tony Hawk no Summercamp francês.

"Eu gostaria de andar numa rampa realmente grande, tipo 4,6 metros de altura; um lugar onde se pudesse voar muito alto."
Steve Claire na rampa de Shawn, Califórnia.

"Aéreos são mais fáceis do que manobras de borda. Um aéreo é, basicamente, um movimento de 180° no ar, como uma batida no ar. Manobras de borda podem ser bem mais complicadas. Nem todo mundo entende isso; o público de campeonatos prefere ver quem voa mais alto."
Adrian Demain em Del Mar, Califórnia.

Tony Magnussen em Huntington Beach. Tony é o atual recordista com um agree de aproximadamente 7,3 metros.

"Não há nada como a sensação de dar um aéreo alto na sua própria rampa."
Ken Park na sua rampa, California.

AXXION
TRUCKS

Os prisioneiros, em aço 1045, com roscas M8 laminadas a frio, são tratados termicamente no momento da fundição da trave. Não entortam e nem espanam.

Trave em alumínio, com liga de aviação, fundida em molde refrigerado juntamente com o prisioneiro recartilhado.

Porca atarraxante em aço 1010. Não solta.

Amortecedor em poliuretano, de dureza Shore 82, que facilita a flexibilidade.

Arruelas estampadas a frio em aço 1010 bicromatizadas. Não enferrujam e acompanham a flexibilidade.

Base em alumínio com liga de aviação fundida em molde refrigerado. Agüenta qualquer impacto.

COMPROMISSO COM A QUALIDADE

Informações e encomendas pelo telefone (011) 64-6715

Marca Registrada – Patente Requerida

S.P. (011) 211-5678
R.J. (021) 245-7215
S.C. (0482) 23-2116
E.S. (027) 225-5944
R.S. (0512) 24-0826

UM ANO DE SOL

DÃO

AMYR KLINK

gosta de viver perigosamente. Não bastassem cem dias remando um barquinho ao redor do mundo, Amyr não conseguiu descansar e busca emoções mais fortes ainda. Em algum tempo segue para a Antartida, só. Assim deverá permanecer por um ano, numa ilha chamada Decepção, fazendo experiências com seu laboratório cerebral e provavelmente redigindo seu próximo best-seller.

por
FERNANDO COSTA NETTO

TRIP – Amyr, qual o objetivo de sua próxima viagem?

AMYR – O objetivo dessa minha viagem é fazer uma hibernação programada, registrando fotográfica e cinematograficamente o inverno na Antártida, acompanhando as quatro estações. Não é uma expedição científica, mas exige um rigor científico. Ao contrário do que alguns pensam não estou indo nesta viagem para fazer um teste de sobrevivência, mas sim para passar uma temporada bonita, convivendo em harmonia com o lugar, na máxima segurança. Estou levando uma relação de trabalhos de pesquisa, principalmente no campo meteorológico.

TRIP – Há alguns meses você esteve na Antártida para conhecer o lugar. Como foi?

AMYR – Nessa viagem de reconhecimento fui sondar a região e escolher o lugar mais apropriado para ficar. Encontrei uma baía, um lugar bem protegido dos ventos fortes que sopram por lá, e onde grandes icebergs não entram. Para fazer esse reconhecimento, assim que cheguei com o barco da Marinha, o Barão de Teffé, peguei um veleiro menor que comprei, especialmente construído para navegação polar. Passei por momentos fantásticos, como ancorar dentro de uma cratera vulcânica onde a temperatura da água oscilava entre 40 e 70°C. Outra experiência incrível foi atravessar um túnel de gelo de aproximadamente 500 metros de comprimento, dentro dele as cores eram em tons de verde, todo cristalino! Realmente maravilhoso. Um lugar que pouca gente conhece.

TRIP – Você está tendo algum tipo de apoio do governo brasileiro?

AMYR – A Marinha do Brasil colabora comigo desde quando sentiram a importância do meu projeto. Grandes conquistas do homem foram frutos de expedições que não eram de todo científicas, como o próprio descobrimento do Pólo Sul. Mas eu não pretendo contar com o apoio da Marinha brasileira ou de bases de outros países que lá estão. A beleza do meu projeto é justamente ser autosuficiente.

TRIP – Já houve anteriormente algum tipo de hibernação na Antártida?

AMYR – Duas tentativas anteriores falharam. O que já aconteceu nesses termos foram três hibernações acidentais, ou seja, veleiros que desceram até lá e acabaram presos no gelo e então foram obrigados a passar alguns meses na Antártida. Nesses casos essas pessoas perderam chances históricas de registrar o que estava acontecendo ou o que estava se passando pois estavam sem equipamentos indispensáveis para registrar os fatos.

TRIP – Temos ouvido falar muito sobre a exploração do continente Antártico. Qual é a posição do Brasil no "Inferno Branco"?

AMYR – Na minha opinião, a posição do Brasil na Antártida é a mais lógica e sensata. A gente não tem uma base militar, embora para ir para lá você dependa da Marinha e da Aeronáutica. A Marinha, por exemplo, está dando suporte logístico para trabalhos científicos brasileiros naquele continente. A importância da Antártida para a humanidade não é a de um futuro campo de exploração de recursos, pois no dia em que isso acontecer, os continentes em que vivemos já não existirão mais. Essa idéia é uma ingenuidade de algumas posições políticas. Sua grande importância é o infinito campo de recursos de pesquisas científicas, respostas para problemas que temos hoje e que teremos futuramente. Não é algo que se possa trocar, comprar ou vender. É o único laboratório vivo da humanidade e o único continente onde não existem problemas entre os países. O Brasil assumiu essa posição não territorialista, ao contrário de muitos países que estão pleiteando posições na Antártida e que são obrigados a se dar conta do ridículo da situação. Considerando essa posição, o Brasil está dentro do território inglês, argentino, francês, etc.

TRIP – Dos prazeres terrenos, qual você mais vai sentir falta?

AMYR (sorrindo) – É difícil. Não sei como vai ser passar todos esses meses longe. Apesar de estar só, não vou me sentir solitário. Há uma união muito grande entre as pessoas que estão nessas bases, através do rádio. Sempre há um contato; você sabe, por exemplo, quem saiu, quem se machucou, aonde vai ter uma festa. Um clima de confraternização que não existe em lugar nenhum do mundo. Argentinos, ingleses, russos, todos unidos.

TRIP – Você encara essas suas aventuras como desafios à natureza?

AMYR – Não podemos encarar esse tipo de coisa

como um desafio à natureza. Temos sempre que procurar a máxima harmonia com a situação. Jamais pode existir a idéia de desafiar a natureza. Você está desafiando suas fraquezas, seus recursos.

TRIP – Em uma edição da revista Surfer foi publicada uma foto onde o surfista James Jones dropava uma das maiores ondas do mundo, 35 pés em Waymea Bay. Você não considera isso como um desafio?

AMYR – Surfar uma onda desse tamanho também não é um desafio à natureza, mas sim à sua inteligência, habilidade e sensibilidade. Um desafio pessoal.

TRIP – E o medo de estar só durante uma tempestade?

AMYR – Medo todos nós sentimos. Essa é a razão principal de estar viajando sozinho. O meu medo eu controlo, mas é muito difícil conviver com o medo dos outros. Isto é algo que não consigo contornar.

TRIP – Como é que está a venda do seu livro "Cem Dias Entre o Céu e o Mar"?

AMYR – O livro já vendeu mais de 100 mil exemplares e está em sua 15ª edição. Sinceramente não esperava uma resposta tão gratificante. É uma fatia que ainda não foi explorada no Brasil. No exterior as coleções de aventuras e experiências sustentam várias editoras.

TRIP – Depois do projeto Antártida, qual será o próximo?

AMYR – Tenho vários planos. Penso em coisas talvez muito mais impressionantes que esta viagem à Antártida, mas é muito cedo para se falar nisso.

TRIP – Você tem algum tipo de apoio publicitário?

AMYR – Essa é uma viagem cara. Não posso sair do Brasil com economia de recursos ou mal preparado. Num projeto tão complexo não faz sentido economizar em detalhes. Estamos trabalhando nisso. Esse é um grande desafio, mas vamos vencê-lo.

TRIP – Você está fazendo algum tipo de preparo psicológica ou físico?

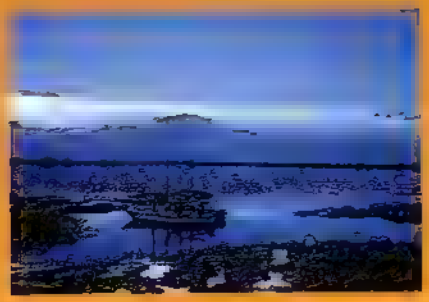
AMYR – É como surfar uma onda grande: o cara que fizer algum tipo de preparo para surfar essas ondas, acho que vai quebrar a cara. O equilíbrio psicológico é decorrente da confiança. Não adianta estar bem preparado psicologicamente e estar mal de recursos, ou com alguma dúvida técnica, por exemplo.

TRIP – Você sente prazer em ficar sozinho?

AMYR – Acho que toda pessoa sente necessidade de um certo espaço físico e são nesses momentos de isolamento que você conquista esse espaço. Essa necessidade não quer dizer que você seja uma pessoa solitária. Não é uma opção de vida, mas um modo de se fazer alguma coisa. Quando começar a faltar espaço para as pessoas, isto será sinônimo de conflito e violência.

TRIP – Qual seu gosto musical?

AMYR – Meu gosto musical varia muito! Na minha travessia do Atlântico achei que ia preferir música clássica, calma, mas quando estava no meio do oceano dificilmente conseguia escutá-las. Quando o tempo estava ruim gostava de ouvir rock. Ficava louco por música violenta. Mas tenho que ter opções. O mesmo acontece com leitura, vou precisar de uma grande biblioteca.



100%
NOVO SOL!
ESSA MARCA VAI PINTAR EM VOCÊ!
NOVO SOL
NOVO SOL
✓NOVO ENDEREÇO
PRONTA ENTREGA: Rua Tuim, 485 - Moema -
Tel.: 542-7171 e 533-2748 - CEP 04514 - S.P.
REPRESENTANTES: MG (031) 337-0066 - RS (0512) 27-2332 - SC (0482) 44-8238
RJ (021) 287-4290 - ES (027) 227-4187 - PE (081) 228-4944
BA (071) 236-0507 - MT (067) 386-4272 - PR (041) 223-8986

TA P SURF REPORT

elizabetsky

Swell
SPORTSWEAR

Rua Guararapes 738
Tel. 543-2200 – SP

ROCK ME

A mesma reação de hipnose estampada no rosto dos presos do presídio da Carolina do Sul nos anos 60, se repete ao longo dos anos. Seja em Montreux, na reunião da aristocracia inteirada européia, seja numa casa noturna classe média em São Paulo. A fórmula é muito simples. Mudam os nomes. Alguns falam em carisma, outros em virtuose. Preferimos simplificar, chamando de simpatia. No único entrevista exclusiva, concedida no Brasil, B.B.KING mostrou ser um negro de alma azul, transbordando genialidade, feeling e notas musicais.

por
PEPE ESCOBAR
ANDRÉ CHRISTOVAM

— Hey, você não apareceu mais lá em casa. Quando passar por lá, vê se leva a tua guitarra.

Essa quem falou foi o verdadeiro e único B.B., a.k.a. Blues Boy from Beale Street (a rua dos clubes e botecos de música em Memphis), a.k.a. Riley King, a.k.a. Blues Boy King, a.k.a. o furacão de Itta Bena, Mississipi (1925), a.k.a. um dos mais feras e sem dúvida o mais popular guitarrista de blues do planeta.

Essa quem ouviu foi André Christovam, o maior **blues man** do Brasil, que, é claro, já tocou com B.B. King, abrindo com John Mayall uma excursão do dito por mais de 40 datas **across the USA.**

Local: entrevista coletiva de King durante a sua última visita ao país, no início de julho, em meio às babaquices inerentes a "eventos" jornalísticos do gênero.

No mesmo dia, este que vos fala aterrissava no Cumbicão paulistano, depois de ter convenientemente fritado os miolos no delta do Mississipi, Louisiana, Memphis, e nas highways de pântano, bar e igreja do Sul mítico faulkneriano dos mesmos **You Ess Ey.**

Conjugação astral perfeita. Tudo isso numa sexta-feira. No domingo, 7 de julho, ao telefone, André — uma intimação ambulante das verdades contidas em **Everyday I Have the Blues**, solta o passe:

— Vamos fazer uma exclusiva com o B.B. King?

O Palace da sub-sub yuppie Moema não é o local mais adequado para um **blues man** — muito menos dois **blues men**. B.B. venceu a desértica impessoalidade do lugar e lascou um show de puro tesão, inventando letras, fazendo gracinhas e entronchando Lucille na medida — ou fora de. Um suor equivalente ao da infância, plantando algodão no delta do Mississipi. O homem que comprou a sua primeira guitarra por 8 dólares e vendeu seu primeiro compacto por 99 cents, hoje vale quanto, ao vivo? É uma saga — só um Faulkner para contá-la.

Pós-show, caímos no **backstage** com crachás providenciados pelo próprio **manager** da fera. B.B. assinou papel e conversou, um por um(a), com uma interminável fila de tietes, paciente como um Buda **black** de libido tântrica. Lá pela meia-noite conseguimos conversar. Bebop, o valete principal, ficou filmando a saleta como um agente do FBI. Quando tudo acabou e saímos na chuva, percebemos que o gravador tinha ficado mudo. Nada mais blues. O que vem a seguir vem de B.B., da nossa memória etílica e da nossa admiração pelo Mestre. **Rock me, baby**, e lá vai.

Mesmo após tantos anos de trabalho, deu para sentir uma evolução natural de B.B. King como guitarrista, uma evolução marcante nos quase cinco anos desde o seu último show no Brasil.

B.B. King — Eu não pratico guitarra, só mentalmente. A nova formação da banda, e a quantidade de shows que fizemos, têm sido fundamentais para polir a própria evolução do show.

— Como é que você se sente apresentando todas essas rotinas de blues para uma platéia que não tem o domínio da língua?

B.B. — Eu não acho que exista a menor diferença. Foi só conferir com o resultado dos shows nessas últimas noites.

— Seria possível você fazer uma comparação entre como era trabalhar no início da carreira, nos anos 50, e agora, em uma grande estrutura, para um grande público?

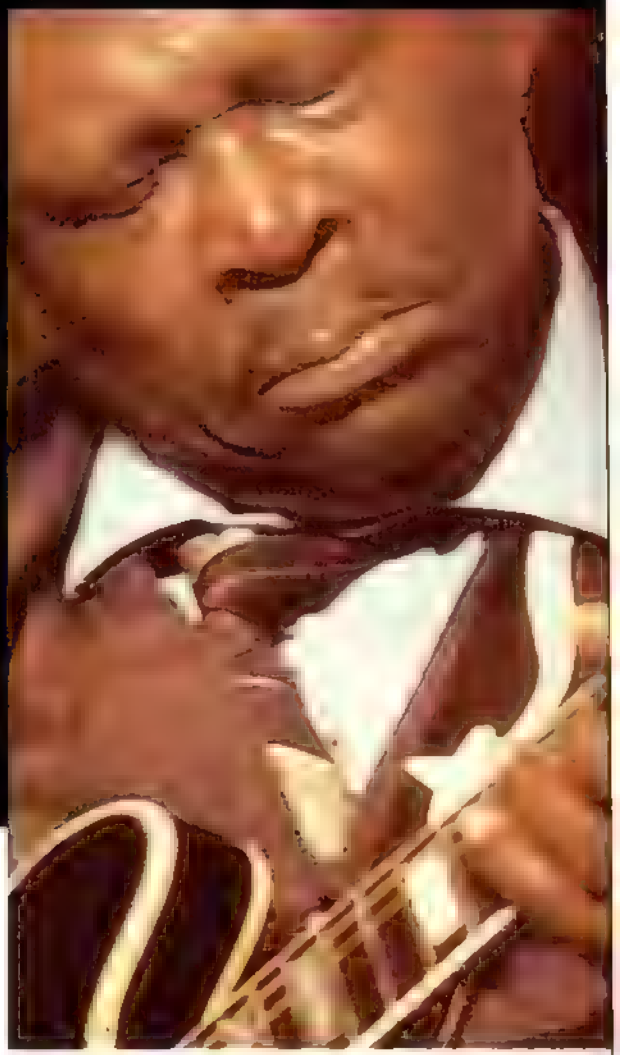
B.B. — Na época em que eu comecei, em Memphis, logo que me mudei para lá, havia uma série de clubes onde as pessoas iam basicamente para dançar, com som ao vivo.

— Em que condições você saiu do interior do Mississipi e foi para Memphis — a meca de trabalho de toda figura criativa saída do Sul?

B.B. — Fui para Memphis basicamente por ser um centro musical mais amplo, com clubes, lojas de música, estações de rádio. Comecei trabalhando como disc-jockey na WDIA, uma emissora local que tocava todo tipo de música — não era

RABY
daniel leite
daniel leite

geraldo luis gomes



daniel leite

especializada em blues. Eu tinha que tocar até Bing Crosby.

— Você cresceu ouvindo gospel em Itta Bena. Isso também fazia parte da programação da rádio?

B.B. — Não. Aliás, voltando a Itta Bena, nos sábados à tarde, quando eu ia tocar um pouco de guitarra para as pessoas, nas esquinas, sempre que alguém me pedia algum blues, após eu cantar vinha uma boa gorjeta. Sempre que alguém me pedia para cantar um gospel, a pessoa dizia: "Garoto, se você continuar desse jeito, vai muito longe". Mas nunca me davam gorjeta.

— Como era viver dentro da situação racial dos EUA nos anos 40?

B.B. — Em primeiro lugar, eu não sabia o que era racismo, não tinha consciência, porque vivia uma outra realidade. Particularmente, em Memphis, também não tive esse tipo de problema. Nos clubes e bares onde eu tocava, os brancos iam aos shows mais como ouvintes e pesquisadores, ao contrário dos negros, que iam para dançar.

— É verdade que você foi descoberto em Memphis por Ike Turner, que na época era um respeitado músico de estúdio?

B.B. — Na verdade, o Ike era um garoto na época, e eu já tinha gravado o meu primeiro compacto, e me apresentava em um bar com uma banda composta por mim, um baterista e um saxofonista. Assim que o Ike olhou prá gente, e é bom que se frise a incrível capacidade de **band-leader** do Ike, ele afirmou categoricamente: "Se é isso o que você tem, rapaz, você arrumou um belo problema". (risos)

— Indo um pouco além, nos anos 60, depois do **boom** de blues, quais foram os primeiros músicos inglêses que o procuraram?

B.B. — A primeira grande oportunidade foi a abertura de 11 shows dentro da excursão americana dos Stones em 69, **Get Yer Ya Ya's Out**. Foi quando Mike Bloomfield, Eric Clapton, Alexis Korner, Elvin Bishop surgiram para dar uma canja no café onde eu trabalhava com uma senhora chamada Janis Joplin.

— Que história é essa? (estupefação geral)

B.B. — A gente tocava em um clube, em Nova York, que começava a funcionar depois que os outros fechavam, um **after hours**. Uma noite, um sujeito chamado Jimi Hendrix apareceu por lá e começou a me perguntar se eu conhecia fulano, sicrano, etc...E me disse que esses caras estavam na platéia. Eu pedi que eles subissem no palco e fui me sentar com o Jimi na mesa. Jimi, com um gravador em punho, insistia para que eu voltasse para o palco e ficava dizendo: "Você tem que mostrar para eles como é que é isso, de verdade". Acabei arrastando o Jimi para o palco e a **jam** foi até ás cinco horas da manhã. Jimi ainda me deve uma cópia dessa fita... E você (apontando para André) me deve a foto daquela **jam** com Eric Clapton e Diana Ross (André empalidece).

— Você é conhecido por manter uma média, há muito tempo, de 300 shows por ano, no mundo inteiro. Você ainda mantém esse pique? Será que algum dia B.B. King vai se retirar?

que não se dão muito bem

mario castello (magu)

B.B. — Posteriormente, eu pretendo diminuir um pouco a quantidade de shows por ano. Mas parar é praticamente impossível.

— São muitos anos de vida na estrada. Qual é o segredo?

B.B. — Não se meter em problema (sorriso maroto). Me casei duas vezes. Me divorciei duas vezes. As mulheres e a estrada parece que não se dão muito bem.

— Lucille é bastante ciumenta...

B.B. — Espero que ela não esteja nos escutando...

— Como é que foi a história do roubo da Lucille?

B.B. — Uma noite, depois de um show, um garoto, aproveitando que não tinha ninguém no camarim, acabou levando Lucille para passar a noite na casa dele. Por sorte ele foi identificado, e eu recuperei a guitarra no dia seguinte. Eu não registrei uma queixa contra o garoto porque eu sabia que era uma questão de paixão pelo próprio instrumento. Mas pedi ao juiz da cidade, amigo meu, que trouxesse o garoto à sua presença, e lhe explicasse que essa não é uma boa maneira de começar uma carreira.

— De volta à estrada. Como é que foi a sua super-divulgada turnê pela URSS?

B.B. — Fantástica. Tocamos para 150 mil pessoas em cinco ou seis noites.

— E como foi a reação do público?

B.B. — Como a do público hoje à noite. Veja bem: as pessoas são todas iguais. As ideologias dos governos é que são diferentes.

(O manager lembra que só há tempo para mais duas perguntas)

— Se você tivesse que trazer alguém de volta para tocar com você, quem seria o eleito?

B.B. — Apenas um?

— Que tal cinco?

B.B. — É pouco. Bem, Muddy Waters, T-Bone Walker e Louis Jordan (pausa). Blind Lemon Jefferson, The Wolf (Nota: Howlin'Wolf, a.k.a. Chester Burnett), **they are so many, man**...

Quando a conversa acabou, B.B. levou André para uma saletinha ao lado. André tinha dito ao Mestre que esperava um dia poder agradecer pela maneira com que ele e sua música lhe tinham iluminado. O Blues Boy from Beale Street, sem o paletó, suado, a camisa branca aberta no imenso peito, **aquelas** mãos gigantescas, e o sorriso de satori, inclinou-se ligeiramente, e blueseou: "Se você quiser me pagar alguma coisa de volta, mantenha-se em forma e cuide de você e dos que você ama. Estude, toque, o quanto você acha que deve. Não mais do que deve. Dessa forma você estará me devolvendo o que eu lhe possa ter dado."

Lord have mercy!

BB KING dedica parte do seu pouco tempo livre a concertos gratuitos em prisões. Na foto, BB exibe o uniforme que ganhou numa delas com o título de "preso honorário"

SP -(011) 5750688 - RJ -(021) 2944545 - NE -(071) 2332153
ES -(027) 2256203 - PR -(041) 2238986 - RS -(0512) 240826

Fix

JT Racing Brazil **PELE**

Industrializado com pele bovina, curtida e acabada nos melhores cortumes do Brasil com tingimento e espessura de acordo com normas internacionais.

Escritório e fábrica - SP:
(011) 65-0549 - 872-8543

Representantes

RS/SC - Henrique
Tel. (0512) 95-4362

BA - Tito
Tel. (071) 248-2050

RJ - Rubens
Tel. (021) 329-6967

Produtos fabricados com a qualidade

Tecnologia em vulcanização

omegasa
artefatos de borracha

GIRL LOVES BOY

Esse é o nome de um salão de beleza incrustado no Soho novaiorquino, de onde saíram alguns dos looks mais arrojados do rock business mundial. O proprietário, acredite ou não, é um alagoano de cerca de um metro e sessenta de altura e cheio de talento. Aqui, a trajetória e a visão do brasileiro que produziu os visuais de Madonna e Grace Jones e consegue transformar rostos comuns em verdadeiras obras de arte nonsense.

texto ARTHUR VERÍSSIMO

fotos ELISABETSKY

GIRL LOVES BOY

TRIP Seu nome aqui no Brasil é desconhecido, mas em Nova York é respeitadíssimo. Quem é você???
ROMEU Romeu Ignácio da Silva. Profissão atual: cabeleireiro

TRIP Como e porque você saiu do Brasil?
ROMEU Saí aos 10 anos de idade, "só". Nos finais dos 60 já trabalhava nas lojas de vanguarda em NY, que com o tempo trouxeram novas oportunidades, sempre ligadas à moda. Em 72, depois de muito trabalho, viajei off road pela América, de ponta a ponta, Nova York a California. Fui em uma perua Van, isso durante meses. Quando parei a viagem, resolvi ir a Londres, isso em 73. E o embrião da Revolução Punk tomava de assalto a Inglaterra, já na decadência total.

TRIP Você foi morar onde?
ROMEU Fui parar numa vizinhança deveras esquizóide. Eram meus vizinhos os Zumbis do Sex Pistols, eu os via trabalhando muito, implicando com todo mundo nas ruas, barbarizando com a vizinhança. Foi nesse ambiente que me formei, sempre observando a caótica anarquia na qual mergulhava o Império Britânico...

TRIP Onde você aprendeu a mexer com os cabelos?
ROMEU Comecei fazendo curso na Vidal Sasson, e logo depois passei a integrar sua equipe de cabeleireiros. Em seguida fui para os salões da Bond Street e Slone Square. Depois do turbilhão, voltei para NY, onde montei meu próprio salão...

TRIP Conte para nós essa história de um brasileiro de Alagoas em NY, de cabelos azuis.
ROMEU Era o único na city de cabelos coloridos, na rua era parado incessantemente por pessoas interessadas em meu visual. Como tinha trazido de Londres uma caixa de "Crazy Colors", comecei a fazer o cabelo das pessoas em casa, cortando e pintando, e aí veio a ascensão. Os salões me chamavam, todos me procuravam. Nessa seqüência fui parar na área mais chique da cidade, onde cruzei muita gente babaca que brecava minha criatividade.

TRIP Você só corta cabelo ou também produz as pessoas por inteiro?
ROMEU Eu tento produzi-las completamente: cabelos, roupas, make up. Inclusive as gravadoras de discos tem me chamado. Antes de vir ao Brasil fiz o visual das meninas do Bangles (recentemente lançadas no Brasil). Elas chegaram da redoma em que viviam na California, destransadas, e aí tomaram um banho de modernidade, da cabeça aos pés...

TRIP Quais as cabeças internacionais e nacionais mais famosas que você já talhou??
ROMEU Pra fazer estas cabeças é necessário ter intimidade com seus respectivos donos. Minha relação, por exemplo, com a Grace Jones é maravilhosa, Madonna também, mas nós brigamos depois que o sucesso lhe subiu à cabeça e ela entrou em ego trip. Já fiz o pessoal do U2, The Alarm e outros mil. Aqui no Brasil, Leo Jaime, Pepeu Gomes, Doctor Ezo Terik, Dandão, etc.

TRIP E as "drugssss"...?
ROMEU A única droga que faz sucesso é ecstasy. O nome diz tudo. Você toma e fica cheio de tesão, uma droga super erótica. Continuando com as drogas, a pior coisa que aconteceu na América depois do Vietnã se chama crack. É do satanás, desencadeou uma onda de violência terrível e, com isso, mais repressão. NY está nervosa por causa do crack...

TRIP Como anda a noite em Nova York?
ROMEU Os night-clubs andam fraquíssimos. NY é um lugar muito esquisito, como sempre a copiar Londres. Só rola música inglesa, tocam quatro músicas inglesas e uma americana. O caso é o seguinte: antigamente o agito era mais intenso, com a "Danceteria", sem comentários, não se esquecendo do "Mudd Club", o mais delirante, foi o melhor que já vi em minha vida, muito desarvoro, putas e artistas mesclados com junkies e mafiosos. Outro é o "Theatre Three", onde peguei flagrante da Debbie Harry (Blondie) se junkiando. Depois do Theatre veio o "57", onde rolavam desfiles e performances. Muita gente famosa se criou no "57". Aí veio o "Area", que a princípio era um club sem endereço, cada semana em um bairro; para entrar o porteiro escolhia a dedo...

TRIP Você disse que só rola música inglesa em NY. Não se esqueceu do delirante ritmo dos negros, o Hip Hop, ou o Go Go de Washington???
ROMEU Yeah! Afrika Bambaata, Run DMC, Whodini, Trouble Funk, Grandmaster Flash, Melle Mel, do gueto para o mundo, pondo em parafuso todas as etnias.

TRIP Você gosta de esportes?
ROMEU Gosto de jogar futebol, mas detesto ir a estádio de futebol. Tenho um pequeno trauma: a última vez que fui assistir a um jogo (Vasco x Fluminense), no Maracanã, com um amigo, a arquibancada inteira em coro começou a berrar: Viado! Viado! Queriam nos linchar, saí de pinote e nunca mais fui a um estádio...

TRIP Você repara nos skaters como geradores de tendências?
ROMEU Tenho reparado bastante neles, em NY em todos os buracos e mesmo na Wall Street sempre surge um barbarizando. Acho fantástico o jeito que se apresentam.

TRIP O que você pretende fazer agora?
ROMEU Meus planos são de montar uma ou duas lojas no Brasil, transando roupas e look em geral.

Bali trip Quebra-Mar
Surfer Lula Menezes and
the "Me Carriers"
P/ENTREGA: (021) 255-7755
IPANEMA • COSUL • NITERÓI

Maiores informações, só mordendo.

Seleção de matéria-prima, higiene, controle de qualidade, temperos.
Com esses ingredientes a Perdigão faz obras-primas, reverenciadas pelos consumidores de diversos países.
Produtos de sabor inigualável que você sente logo à primeira mordida.

PERDIGÃO

MODA?

texto:
HERMANO VIANNA

produção:
ZIZI DUARTE

fotos:
ERNESTO BALDAN

No Brasil, a imprensa de moda é um território dominado pela cópia. Aparentemente, não temos nenhum escrúpulo. Plagiamos tudo. As matérias publicadas em Elle, Vogue, Lei ou Face deste mês vão aparecer, com pequenas transformações, nas revistas nacionais das próximas semanas. Nossos editores, fotógrafos e produtores são ultra-rápidos, supereficientes e, até mesmo, talentosos. Eles merecem nossos aplausos.

Não estou sendo irônico. Não estou falando nada de novo. Nem estou exigindo originalidade (ou pior: brasilidade) de nossos profissionais da moda. Esta situação é divertida. Destruímos, lenta e "involuntariamente", a própria possibilidade de ser "autêntico" no mundo contemporâneo. Imitamos tanto que não sabemos mais distinguir a cópia do original. Pensamos, com sinceridade, que estamos fazendo algo de verdadeiramente "nosso"

direção de arte: REINALDO MALDONADO

Esta situação é familiar. De tão familiar, já se tornou "natural". Somos como os andróides de Blade Runner, aqueles que se acreditavam humanos e, realmente, eram mais humanos do que os "verdadeiros" humanos. No Rio ou São Paulo, existem músicos mais britânicos do que os próprios ingleses, surfistas mais norte-americanos do que os da Califórnia, filósofos mais franceses, performers mais nova-iorquinos e assim por diante. Conseqüências do subdesenvolvimento? Uma pergunta fácil, banal. Não merece resposta. Outros mecanismos culturais, muito mais sofisticados, estão em jogo. São eles que devem ser investigados. Quando um garoto brasileiro se veste de punk e se acredita londrino (construindo sua pequena Londres dentro dos trópicos),

ele está se apropriando de algo que não tem "nada" a ver com seu cotidiano. O punk, no Reino Unido, era um assunto sério: estava relacionado com uma crise sócio-econômica específica, com os impasses do rock progressivo e, principalmente, com a história dos estilos adolescentes britânicos. No Brasil, este pano de fundo não faz o menor sentido. Pegamos a receita pronta e seguimos seus mandamentos com rigor. O que era sério, justificável, se transforma num "simples" modismo, absolutamente irresponsável. A imitação é superficial, deslocada,

Material chronology

"alienada". Mas é aí que reside seu enorme poder subversivo.

Outro exemplo: o fotógrafo de moda brasileiro que imita Bruce Weber ou Jack Tristano. Nada contra. As fotografias de Weber, por exemplo, já são paródias ou citações de trabalhos fotográficos de décadas atrás (como olhar para o famoso ensaio sobre as olimpíadas de 1984, publicado no Interview norte-americano, e não se lembrar do filme Olympia, de Leni Riefenstahl?). Cria-se um "clima" tipo anos 50, ou tipo filme "noir", ou tipo Richard Avedon. Puro maneirismo. A fotografia pós-moderna não faz outra coisa. E o fotógrafo brasileiro apenas multiplica a paródia: imitação de imitação, cópia do que já é cópia, curto-circuito na noção de criatividade. Por que, então, pagar direito autoral?

Mas cuidado: existe a boa e a má cópia. A boa cópia é vítima de um desejo cínico de originalidade: apaga todos os vestígios da imitação e quer posar de autêntica, criativa. A má cópia torna evidentes as citações, os plágios, seu contagiante bom humor. As revistas de moda brasileiras seguem o caminho da boa cópia? Todo mundo plagia, mas sempre em surdina, muito discretamente. Já disse: nada contra. Mas de uma coisa eu tenho certeza: um pouco de indiscrição não faria mal a ninguém. Que venham as más cópias, os simulacros! Só assim poderemos dar discretas gargalhadas.

Agradecimentos: Ana Maria Andreazza, Máximo, Daniela Colassanti, Beto Herriot, Marcia Lima, Company, Cyclone, U-2, Marcia Pinheiro e Strap.

E N X U G U E A T E S T A

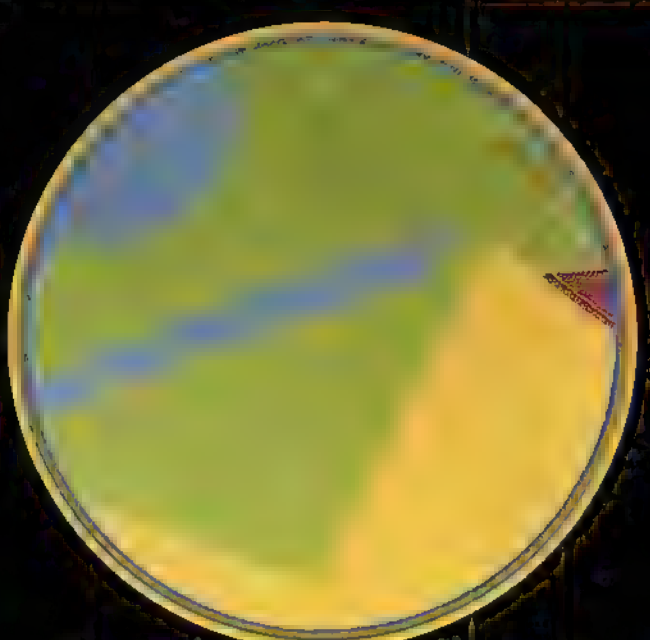
P H I L I P P I N E S 8 7.

ENTRE NESSE MUNDO MÁGICO...

ZAPPA

FÁBRICA 011·4846367 RS 0512·437341 SC 0482·230931

VEJA DE PERTO A QUALIDADE DAS BERMUDAS



A marca que não cansa de pesquisar

Fico e o canal

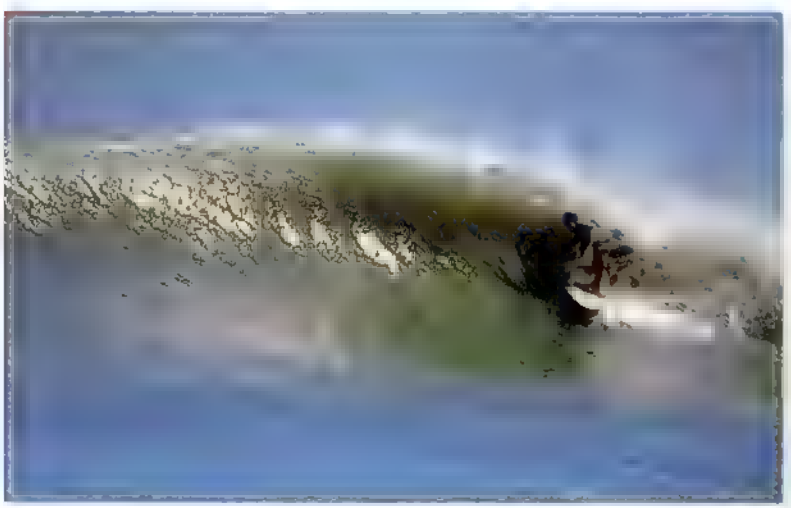
Fico Sportswear – Loja – Av. Sumaré, 1.886 – Tel.: (011) 263-4166
Nova pronta-entrega – R. Eduardo Souza Aranha, 449 (em frente ao Mappin Itaim)
Fico Ind. e Com. de Artigos Esportivos – Rua Javaes, 437 – Tel.: (011) 221-1132
Representantes: Curitiba e Santa Catarina (Miguell – Tel.: (0482) 44-8239; Porto Alegre (Eduardo) Tel.: (0512) 21-9687; Rio de Janeiro (Paulo) – Tel.: (021) 245-7215; São Paulo (Priscilla) – Tel.: (011) 221-1132; Interior SP (Mosca) – Tel.: (011) 222-1229; SP-Santos/ABC – Tel.: (011) 222-1132; Bahia (Yanara/Cristina) Tel.: (071) 235-9281; Pernambuco (Mauricio) – Tel.: (081) 326-4538

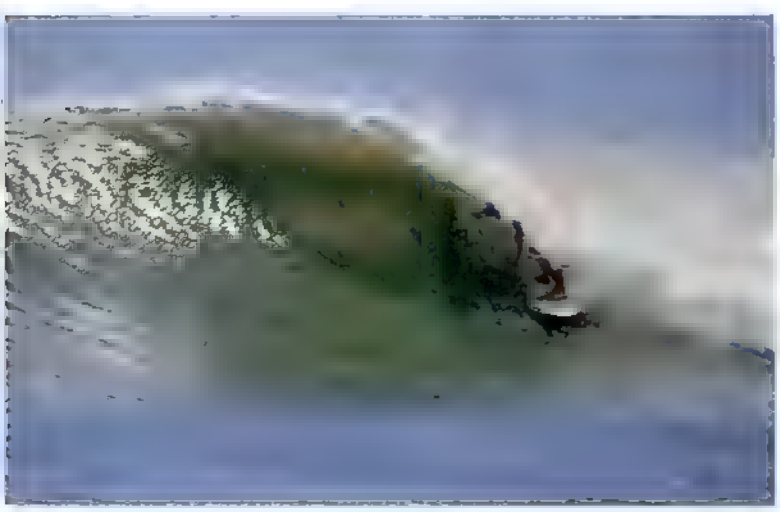
Cada período que antecede a entrada de um novo swell é para o surfista, ao mesmo tempo, um momento de expectativa, ansiedade e de aprendizado. Observando o mar nessas circunstâncias, cada um desenvolve teorias e Know-how próprios. Mas a natureza guarda para esses observadores surpresas das mais agradáveis: a entrada de ondulações acompanhadas de fortes ventos podem propiciar o aparecimento de picos, quebrando em lugares incomuns com ondas de sonho.

FREE SURF

Quem nunca se deixou levar pela imaginação? No carro, as mãos contra o vento descrevem movimentos sinuosos e harmoniosos. E ali está você brincando com a realidade, surfando no ar uma onda perfeita ou propondo para si mesmo situações totalmente opostas que sempre vão dar no mesmo lugar: esteja o mar flat ou storm, se imagina a descoberta de ondas perfeitas, a realização do equilíbrio da natureza, onde o sol, o vento, o mar, compõem o lugar ideal no momento certo.

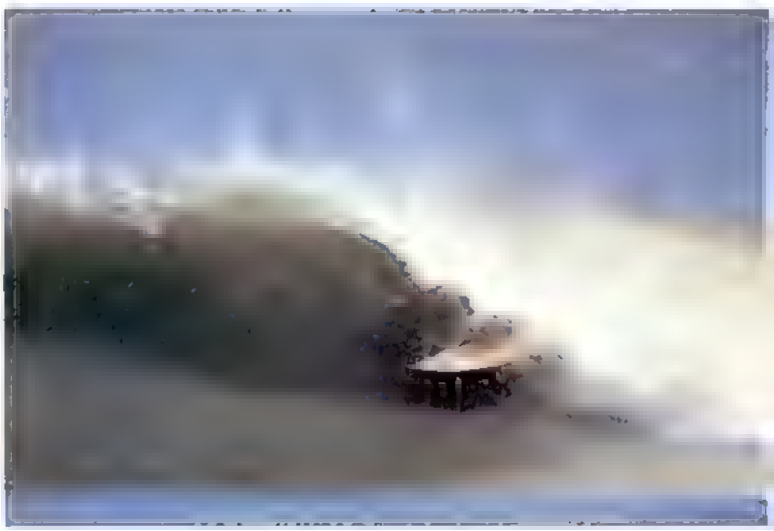
Uns poucos que como nós sempre se viam sonhando com um lugar como esse, encontraram o que parecia tão distante. Num dia em que as massas de água entravam fortes e disformes acompanhadas de ventos incomuns, no desespero de surfar fosse onde fosse, reviraram o litoral. Numa baía rodeada por ilhas, elas estavam lá, uma atras da outra, quebrando perfeitamente ocas, como que puxadas por uma linha. E para mostrar que tudo é possível, até mesmo o impossível, estes poucos felizardos encontraram o seu "paraíso". Certamente farão com que todos se transportem para essas ondas – só que com uma diferença: fica para nós a certeza de que ondas e lugares assim, iguais a esse ou aquele pico do mundo, podem ser achados e surfados aqui mesmo, bem perto de nós.





Com condições perfeitas tanto para a fotografia quanto para o surf, o único indeciso era André, que na dúvida optou pelos dois. Já os outros, se concentravam em pegar os tubos que quebravam com constância e velocidade incomuns. Na foto maior da página anterior, Luizinho dropa uma das rainhas do dia e na seqüência ele passa por

FREE SURF



dentro. Já nas sequências acima, Arnoux (à esquerda) e Carlos Daud, em condição e posição invejáveis. Nesse dia, como se vê abaixo, a proporção entre a altura e a largura da boca do tubo era de um para um. Resta para nós, surfistas de espírito nômade, a eterna procura destes "paraísos" tão perto de nós.

texto
FERNANDO V. CARVALHO
PAULA C. ALMEIDA

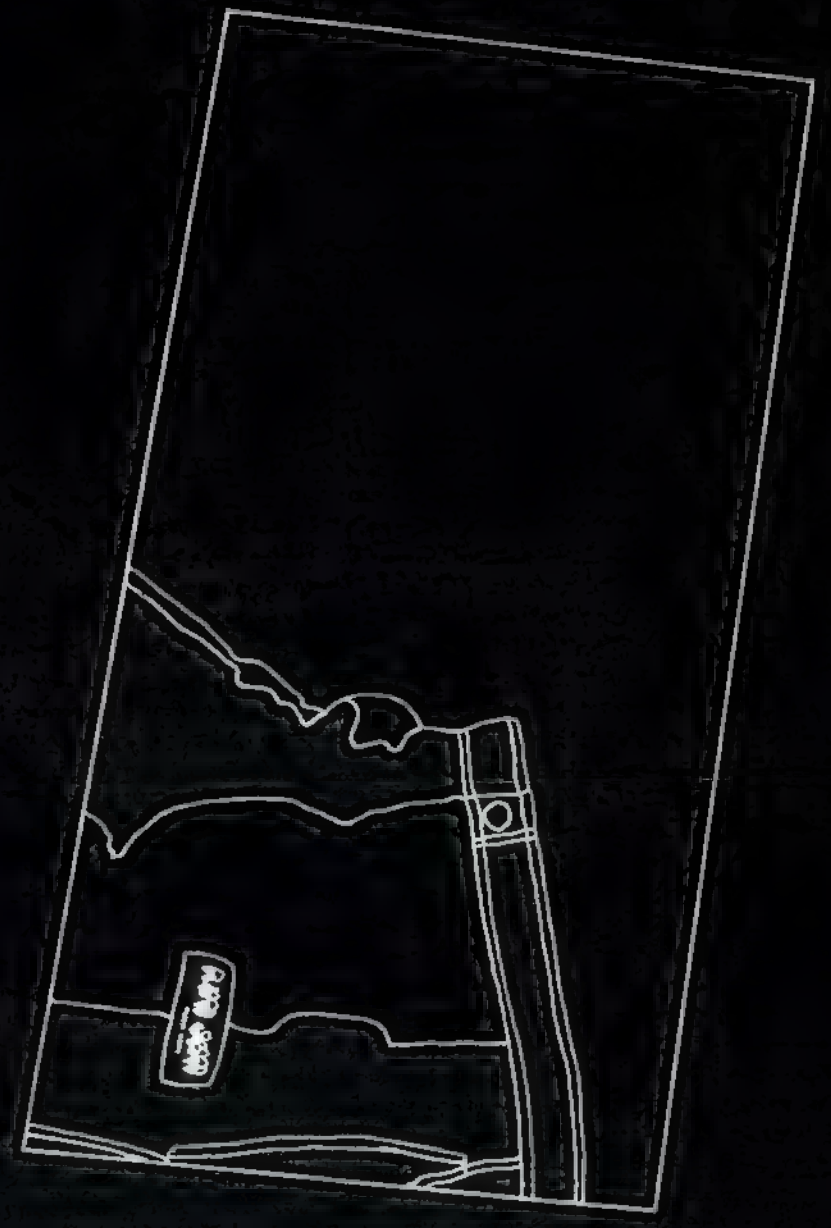
fotos
ANDRÉ REICHMANN

HCIRCUITO
COMPANY
SURF AMADOR

Print
Loja: Galeria Rilo Center Pitangueiras LJ 12 - Guarujá - Tel.: 87-2065
Fábrica: Rua Dionísio da Costa, 180 São Paulo - Tel.: 549-5963

RONJON

TEL LOJA 1 930375 — LOJA 2 5239998 — LOJA 3 2969893



TRIBOS

Os pequenos grupos sociais que se formam dentro da fatia chamada juventude, continuam sendo objeto de tentativas de definição. Nem o biólogo mais experimentado conseguiria isolar os grupos e classificá-los com facilidade. Conseguimos neste ensaio catalogar quatro espécies e captar a revolta, a falsidade e a babaquice de uma delas. Se você se considera parte de alguma tribo, adivinhe de qual estamos falando. Cortas para a redenção.

texto

ARTHUR VERÍSSIMO

PAULO LIMA

fotos

ELISABETSKY

Rockabilly

Be-Bop-a-Lula, Love Me, Blue Suede Shoes, Summertime Blues. Você já ouviu estas músicas, ou os nomes de Gene Vincent, Elvis Presley, Hank Williams, Budy Holly, Eddie Cochrane, Johnny Burnette. Pois então retornemos às raízes. Esses nomes foram os precursores de uma rebelião que ecoa até o tempo atual de darkismos, wavismos, psicodelismos, popismos.

A origem de tudo, como se sabe, é a música negra. Mas o catalizador do cataclisma se chamava Alan Freed (disc-jockey), que provocou uma reação em cadeia e abriu a corrida do rock aos himalaias das artes de massa.

A ascensão e queda do Rockabilly foi entre 54 e 58, quando as gravadoras grandes e pequenas investiram com tudo. Foi uma música perseguida por pastores de igreja e politicos que indignavam-se com os movimentos pélvicos dos músicos e cantantes em geral. Isso equivale a dizer que se um segmento dos jovens brancos se identificava com Rockabilly, seus pais inseridos e condicionados na ideologia dominante amaldiçoavam esta música e estilo de vida portadores de tradições da etnia negra.

A moda do vestuário (casacos de couro, calças de couro, jaquetas Levi's, sapatos plataforma, topetes e muito pente) literatura, revistas, cinema e caddilacs, desenvolveram um novo tipo de consumidor, descontente com o que tinha a disposição.

O Rockabilly é derivado de uma série de misturas (não esquecer a marginalidade dos ritmos negros) ferventes, nas juke-box do começo dos anos 50. Além do Honky-Tonk, sofreu influência do Country-Boogie e do básico Hillbilly de Hank Williams. Até mais, Cool Cat .....

A.V.

Skate or Die

Tanto no início dos anos setenta, quando os bronzeados surfistas californianos se equilibravam sobre tábuas com improvisados rolamentos, na tentativa de suprir as emoções do surf ausentes nos dias de flat (sem-ondas), quanto nas megalópolis blade runner dos 80 onde os skatistas brotam como ratos no esgoto, a sensação que se sente é a mesma: Livre expressão!

No início os cabelos eram louros e longos, as camisas de flanela xadrez, cinturões de couro largos e com grandes fivelas ostentando ícones de cultura freak e segurando jeans surrados, com a boca estreita. Hoje o visual é mais pesado, os cabelos curtos e mal tratados amontoados e despenteados na frente. As camisas são verdadeiros escudos, mostrando imagens fortes como caveiras com olhos trespassados por espadas ou líderes de bandas punk em gestos violentos. Os cintos agora têm rebites pontiagudos e as calças e jackets, camuflados ou não, são forrados de patches (remendos), com inscrições como Fuck Off! e Eat Shit and Die!

Colonização a parte, tudo isso são apenas detalhes de menor importância. Aliás, tanto no passado quanto agora, existem várias facções com comportamentos distintos, havendo inclusive os que nunca se importaram com o visual, que assim como as inevitáveis gírias são e sempre serão supérfluos.

O comportamento do Skate man passou por um furacão de transformações, criando seu estilo de vida voltado ao esporte e suas ramificações, com a música rolando paralelamente, sendo um a sombra do outro. Tanto que o chamado Skate-Rock é uma realidade. Exemplos não faltam: Faction, Black Flag, T.S.O.L, Big Boys, J.F.A., Circle Jerks, Skate Master Tate e muitas outras bandas do circuito de hard bands da Califórnia.

Skate: liberdade, domínio da técnica e auto-superação. Instinto puro e GO FOR IT! SAI DA PISTA, PREGO!

P. L.

Moicanos

Moicano (o-i) 1. Indivíduo dos moicanos, tribo indígena dos E.U.A (Connecticut) hoje extinta. Também conhecidos como Mohegan.
(dicionário Aurélio)

Quando Colombo aportou no Novo Mundo havia mais de um milhão de índios na América da Morte (Norte), entre pacíficos e sedentários "Hopis" e os "Warriors" Apaches. Os elementos de sua cultura foram violentamente alterados e por fim destruídos. Esta é a breve história deste contato inicial com os europeus, até o covarde massacre de Wounded Knee (ao sul de Dakota, em 1891), a batalha final.

Entre as Nações dizimadas que faziam parte da grande família dos ALGONQUINOS (todas as tribos desde as regiões dos grandes lagos até o Atlântico), os Moicanos também foram atingidos. Jovens em nossa época reencarnam (muitos inconscientes, raros conscientes) o espírito da vingança final e fatal. O cabelo moicano é uma grande força contra a idiotia em que vive a juventude acomodada e subjugada a valores superficiais, os moicanos são os WARRIORS dos centros urbanos.

A reinterpretação do espírito dos índios é um ultimato. Sem se render aos ideais impostos pelas instituições, transformando-se visualmente, o homem manifesta profunda desilusão com a sua atual condição.

Efetivamente, andar e percorrer as ruas, vielas, periferias da cidade com o cabelo moicano é um ato heróico, rejeitar a mesmice que impera em todos os círculos da juventude.

A publicidade aliada à mídia em geral tem assassinado a criatividade e talento massificando os gostos, movimentos e tudo relacionado com a arte.

A autenticidade, em nossa época, quando o culto dos modismos passageiros é consumido por todos, tornou-se subversiva e marginal.

Ande pelas ruas, ninguém possui um estilo único. O XEROX IMPERA.....
Salve os Moicanos.....

A.V.

Tatuadores

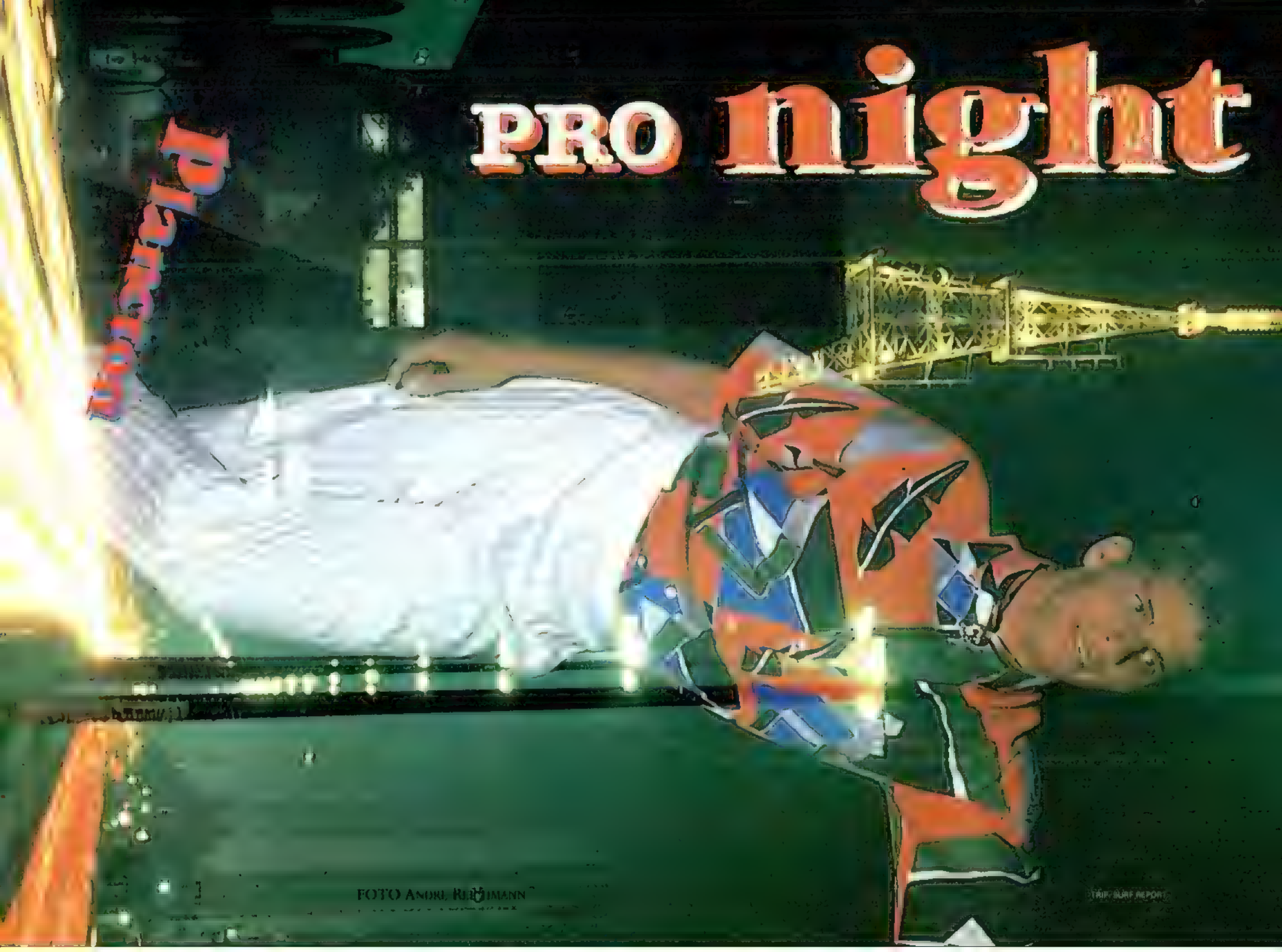
A arte da tatuagem perde-se no tempo, desde a pré-história, e descobrimento de tintas que se distinguiam pela qualidade mágica: tintas indeléveis. O ser humano passou a ser um "quadro ambulante" enquanto o artista procurava imortalizar sua interferência ou obra utilizando substratos de longa vida. A arte móvel em forma de tatuagem existe somente nos efêmeros suportes que são os corpos humanos. prova e registro de que é milenar – e as pessoas não são nem seculares...
Embora existam múmias tatuadas...
Nos infinitos cantos e confins do planeta, usando tinta indelével vegetal e picadas de espinhos e outros objetos pontiagudos, chegamos aos tatuadores atuais...
Don Ed Hardy é unanimamente o melhor do mundo. Maneja seus instrumentos produzindo maravilhas e loucuras de rara beleza em seu point em São Francisco, Califórnia. Seu QG é o Realisitc Tatoo Studio
Hanky Panky é outro consagrado por dominar o contraste da tinta preta sobre as peles leitosas dos bábaros high tech de Amsterdam onde vive
Mick Shamps é um mito entre os ingleses, mesmo os que vivem longe de Birmingham sua cidade natal. George Bone e Lal Hardy são de Londres
Dutgham é cultuado no Canadá. Marco Tatoo, entre os primeiros do ranking mundial, é habitante de todas as big cities do planeta. Consegue trabalhar intensamente em Bologna, Amsterdam, Londres e São Paulo juntamente com seu enlouquecido parceiro Chichio da Tatoo You de S. P.
Yoshihito Nakano, conhecido como Horiy Oshi 3º, é mito, herdeiro de uma dinastia de avó, pai e filho
Atualmente os países promovem convenções locais que organizam seus diversos membros. Entre os dias 2 e 3 de março de 87 haverá o segundo festival internacional na cidade de Amsterdam, reunindo participantes de todo o mundo...
Existencialistas, Beats, Mods, Rockers, Hippies, Punks, Darks, Surfistas, Skatistas e Místicos, utilizam a tatuagem como elemento presente na quase totalidade e diversidade das Tribos, elemento unificador entre todas
TATOO: A MARCA REGISTRADA DO OUTSIDER.

A V.

Produção: CARLOS CALMON

ZAPI / ERNESTO BALDAN

Rua Miguel Lemos, 41 s-811 - Rio de Janeiro - Tel.: 227 9217


PRO night
FOTO ANDRE RIEDMANN

MAIS UM

esporte de ação sendo patrocinado pela Pacific Shore. Dando força total e investindo no garoto Carlos Alberto Jens de 15 anos, a Pacific Shore também aposta nas competições de Kart, o laboratório para novos talentos.

E a Pacific Shore não esqueceu suas origens e continua investindo no surf. Marco Antonio Bueno, o Totó, de 25 anos foi o surfista paulista escolhido para ser o chefe de sua equipe de surf. Pacific Shore, total apoio para os esportes de ação.

PACIFIC SHORE©

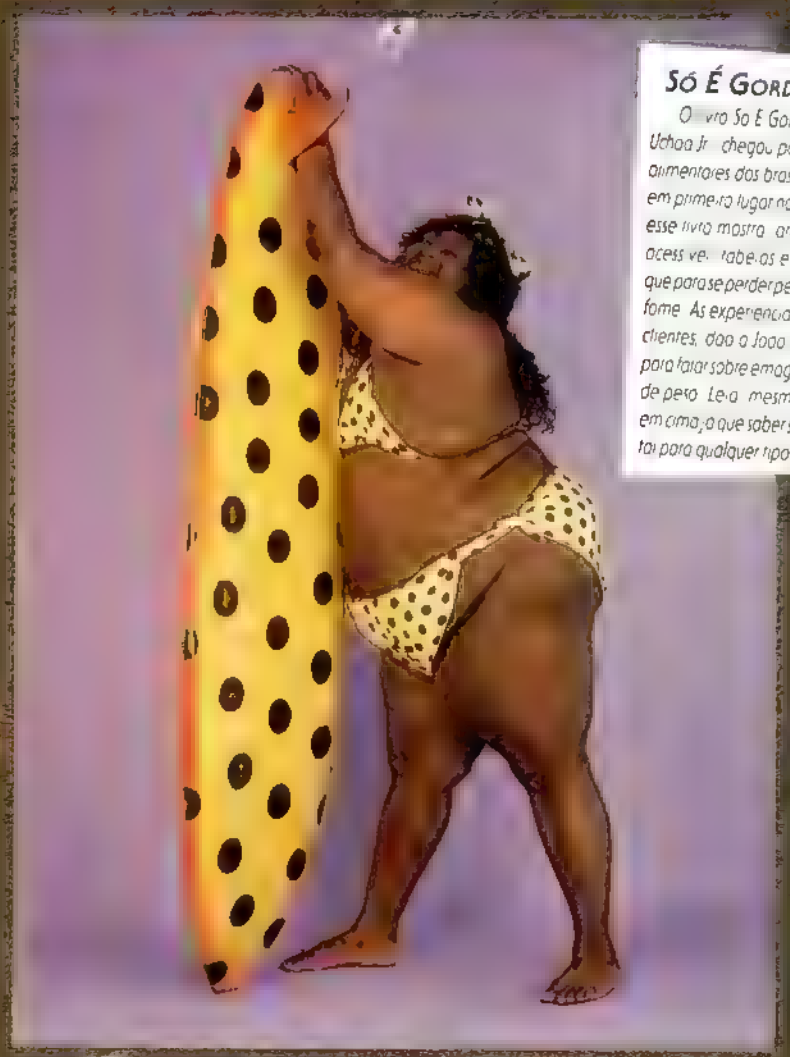
Loja 1 Av. Pedroso de Morais, 1067 Pinheiros
Loja 2 – R. Haddock Lobo, 1430 Jardins
Loja 3 Av. Rio das Pedras, 555 Lojas 8 e 9
Loja 4 – Av. Conselheiro Aguiar, 3150 Recife
Loja 5 – Av. Castelo Branco, 3295 Goiânia
Loja 6 – R. Barao do Cerro Azul, 245 Curitiba

AIRPLANE

PRONTA ENTREGA
Rua Monte Aprazível 342 - Fone. 543-0196

SALADA

OEMS DIGNOS DE NOTA CHEGAM À NOSSA REDAÇÃO SEM A FORÇA SUFICIENTE PARA GERAREM MATERIAS, MAS COM FORÇA SUFICIENTE PARA SEREM IMPERDIVEIS. NOTICIAS FRESCAS, IMAGENS TENRAS, ACONTECIMENTOS SABOROSOS E CRITICAS ÁCIDAS, TUDO COM TEMPERO DE NOVIDADE NESSA VERDADEIRA



Só É Gordo Quem Quer

O livro So E Gordo Quem Quer de Joao Uchoa Jr chegou para revolucionar os habitos alimentares dos brasileiros Ha varias semanas em primeiro lugar nas listas dos mais vendidos esse livro mostra atraves de uma linguagem acessivel tabelas e sugestoes de cardapios que para se perder peso não e necessario passar fome As experiencias que acumulou com seus clientes, dao a Joao uma autoridade especial para falar sobre emagrecimento e manutenção de peso Leia mesmo se estiver com o corpo em cima, o que saber se alimentar e fundamental para qualquer tipo de atleta

Antiderrapante Atomic

Retirando toda energia contida em seu simboto sinal de material radioativo) em cores lisas e modelos diferentes a Atomic aparece no mercado como uma nova opção em antiderrapantes. Esses auto-adesivos sao fabricados por dois jovens empresários/surfistas, Marinho e Ivan e já ocupam uma parcela do mercado Profissionais como Edu Bahia, Pinio Cury e Paulinho Esmeralda ja testaram e aprovaram o Atomic. Contatos pelo telefone (011) 814-2304 Ramal 11

Equipes Ron Jon

A Ron Jon aposta no surf e no skate. Prova disso é o apoio que vem dando a uma garotada muito boa que forma suas equipes No surf amador patrocina os atletas Pipo, Nana e Riveline na categoria júnior a Marcelo Guerreiro, e o surfista de Santos Edson Vieira no profissional Mas os investimentos da Ron Jon não param por ai. No skate é uma das equipes mais consistentes, obtendo bons resultados. Seus patrocinados são Daniel Bourqui, Jorge Rotatori e Edsinho, em halfpipe e pista e no freestyle os irmãos Folha e Folhinha

Riveline (nos o da seleção de 70) no Guarujá

andre reichmann

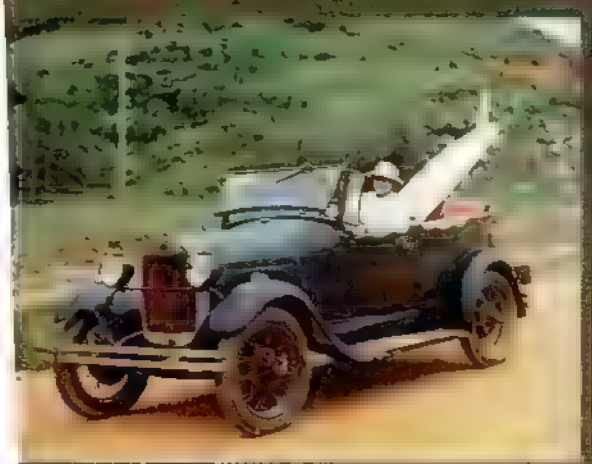
air bore II

Surf Report Fez Dois Anos!

E isso ai! Sao dois anos no ar informando e orientando surfistas, skatistas e voadores. O programa SURF REPORT apresentado por nosso editor Paulo Lima foi e e o unico programa radiofonico paulista dedicado a esses esportes Todas as 6ª feiras as 18:00 horas, os esportistas obtêm informaçoes sobre as condições climaticas que influenciam especificamente seu esporte os acontecimentos da semana e as programações e previsões para o fim de semana. (*Celia Almudena*)

Long Board Revival

Aqueles que só observaram o surf explosivo (radical), competitivo têm agora a oportunidade de observar o surf de linhas longas. E que as long boards voltaram com tudo, num revival autentico. A "nova" febre acometeu pessoas que querem resgatar do passado as emoções das origens do surf Os principais incentivadores dessa onda são pessoas da 1ª e 2ª geração do surf (paulista), e cogita-se a fundaçao de um clube de long board riders. As pranchas longas, mais conhecidas como canhoes estao sendo produzidas, principalmente em Sao Paulo pelos shapers Eduardo Faggiano (Coco) da Wagon Surfboards e Helio (Coquinho) da Lightning Bolt Surfboards Esses shapers estao se especializando na construção de canhoes, desde que a procura tem aumentado (*Fernande Vieira de Carvalho*)



ricardo barbero

Foto: Silvio Monteiro

Sergipe tem Surf de primeira!

Para provar que Sergipe também tem surf e que seu nível é bom, estamos publicando estas fotos, tiradas na praia do Havaizinho em Aracaju, mostrando alguns talentos locais em ação.

Richard (H_2O) um dos destaques nos tubos sergipanos

Eles Constroem Guitarras no Brasil!

Com a proposta de fazer uma guitarra profissional moderna, com personalidade, sem seguir nenhuma linha estrangeira, surgiu há mais de um ano no Rio de Janeiro a Brancatti Luthiers. Seus idealizadores, Marcio Rocha e Gustavo Brancatti procuraram, depois de estudos, pesquisas e construção de alguns protótipos, um modelo novo de guitarra, de manejo mais fácil, peças importadas de qualidade e com um acabamento perfeito.

Todas as estapas da construção das guitarras foram elaboradas por eles mesmos e a preocupação com a qualidade do material utilizado é enorme, começando pela própria escolha da madeira.

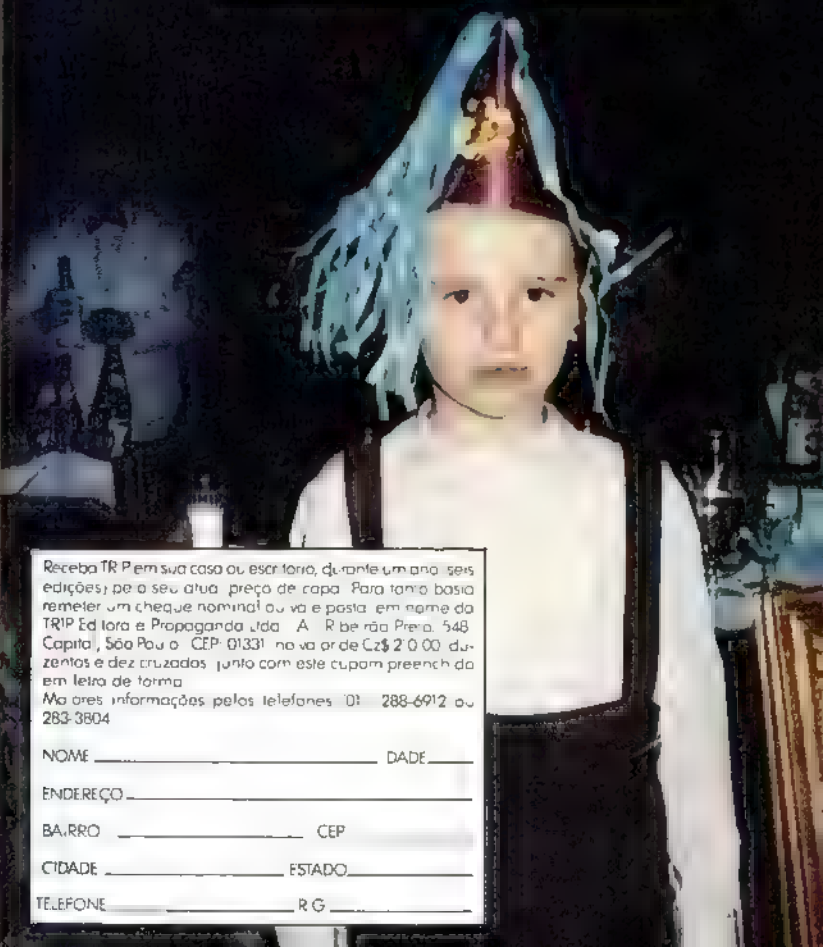
Para Marcio, os músicos profissionais estão sabendo reconhecer o valor da Brancatti que já pode ser vista em shows de Lobão (nas suas mãos e nas de Torquato), Robertinho do Recife, Joe Eutanasia, Eduardo Dusek (com o guitarrista Barroco), Roupa Nova, Elemento Visado, Daniel Cheese e outros. A Brancatti teve inclusive a oportunidade de ser apresentada a Pat Metheny na sua última temporada no Rio, em janeiro deste ano, recebendo sua aprovação.

Como qualquer luthieria, além da fábrica existe uma oficina capaz de dar assessoria técnica a qualquer tipo de instrumento, desde a troca de um traste até a restauração completa de guitarras. Clientes famosos, como Roger (do Ultrage a Rigor) ou Fernando (do RPM), passam por lá à procura dos artesãos capazes de construir a guitarra dos seus sonhos. Como disse Gustavo: "os profissionais sabem muito bem o que querem, um captador específico, um modelo de braço diferente, pintar a guitarra ou trocar alguma peça".

(Paula Johas M.)

Não fique fora da festa!

ASSINE TRIP



Receba TRIP em sua casa ou escritório, durante um ano (seis edições) pelo seu atual preço de capa. Para tanto basta remeter um cheque nominal ou vale postal em nome da TRIP Editora e Propaganda Ltda., Av. Ribeirão Preto, 548, Capital, São Paulo, CEP: 01331, no valor de Cz$ 210,00 duzentos e dez cruzados, junto com este cupom preenchido em letra de forma.

Maiores informações pelos telefones (01) 288-6912 ou 283-3804

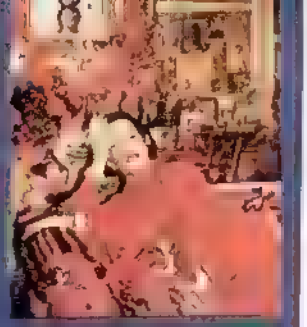
NOME _____ DADE _____

ENDEREÇO _____

BAIRRO _____ CEP _____

CIDADE _____ ESTADO _____

TELEFONE _____ RG _____



Suicídio no Paraíso

Angus Chater, o inglês-havaiano especialista no barrel roll e em fotos tiradas do alto do mastro de seu windsurf, se suicidiou em julho na Ilha de Maui no Hawaii. Ele possuía tudo, o talento, a beleza física, a classe, e mesmo assim pôs fim a seus dias, asfixiando-se com o gás do escapamento de seu carro. Há meses nada dava certo entre ele e sua esposa. Angus havia deixado a Ilha de Oahu onde morava, para se hospedar na casa de seu amigo Klauss Simmer, na Ilha de Maui. Klauss (um dos melhores windsurfistas do mundo) conta: "Tentei ajuda-lo, mas ele era do tipo que resolve seus problemas sozinho. Uma noite ele saiu de casa e na manhã seguinte encontraram-no morto dentro de seu carro com 1 fita ainda tocando no tape. Perder um amigo nessas condições é horrível. Não consigo superar isto". Nota publicada na revista francesa Planche Mag de agosto-setembro de 1986.

Angus Chater foi o responsável pela foto de Jorge Pacelli publicada na SURFER e no poster de nossa primeira edição, e era considerado um dos melhores windsurfistas do mundo, além de excelente fotógrafo.

Agradecimento

Agradecemos a todos aqueles que nos enviaram bons votos quando do lançamento de nossa primeira edição. Obrigado a todos e em especial a: Avelino Bastos, Carmem Lobos (Revista Dançar), Deminha, Essence Club, Gisela Cochrane Rao, Paulo Borgerth Teixeira, Ricardo Afonso Baptista (ANOCAS), Rick Demasi, Roberto Perdigão, Som da Gente e Wilmar Cidral (ANOCAS).

A.S.P sem Ian Cairns

Ian Cairns não é mais diretor executivo da A.S.P. (Association of Surfing Professionals). Por motivos não esclarecidos ele deixou o cargo e em seu lugar assumiu Al Hunt, que era o Representante no Circuito. Segundo se soube, Ian declarou-se cansado de política!

Fabrício Noguei

Diana Vreeland e o Surf

"Eu penso que toda forma de ritmo é absolutamente essencial. Quero dizer nós somos pessoas físicas, dependemos da ação, do momento, e da esperteza do corpo para sobreviver não acha? Você sabe sobre o que eu penso muito? *surfing*! Eu realmente penso que surfar é a coisa mais maravilhosa do mundo para se fazer. Eu realmente acredito nisso. Tenho observado surfistas durante horas.

Na California eu descia à praia de Malibu e lá ficava até a meia-noite, embrulhada em chales ao redor do meu rosto. Lá longe eles ficavam todos com roupas de borracha e eu só podia ver o reflexo da lua na crista das ondas. Eu poderia olhar para sempre! Sempre! Eu os invejo.

"Você sabe, eu não invejo os homens normalmente. Talvez seja por causa dos anos que passei numa escola de ballet na Russia. É lógico que o surf só me bateu quando eu já era o que pode-se dizer um pouco madura. Surfar é divino!" Diana Vreeland.

Diana Vreeland tem mais de oitenta anos. Foi casada até os cinquenta com um aristocrata inglês. Durante vinte anos editou a Vogue americana. É atualmente diretora do Instituto de Costume, no Metropolitan Museu of Art, New York. É considerada como uma das mulheres mais elegantes de New York e uma ditadora de estilo. (*João Pedrosa*)

Novembro

20 e 21 — Picassos Falsos

27 e 28 — Ratos de Porão

Dezembro

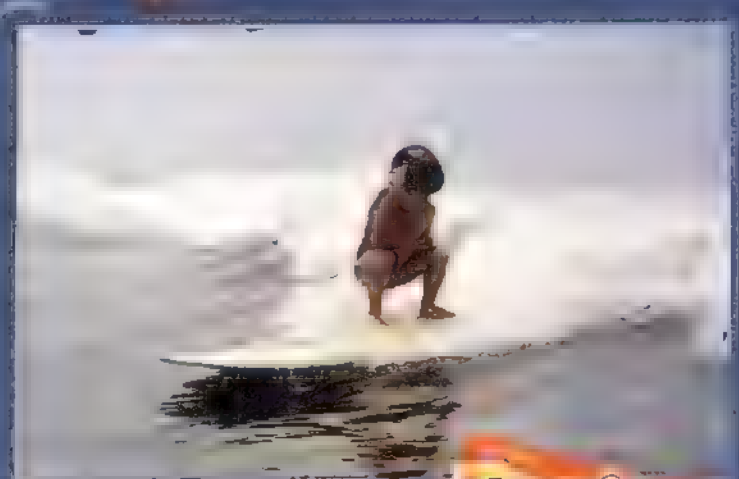
4 e 5 — Congo

11 e 12 — Apartheid

18 e 19 — Gueto

Informações (011) 8832674

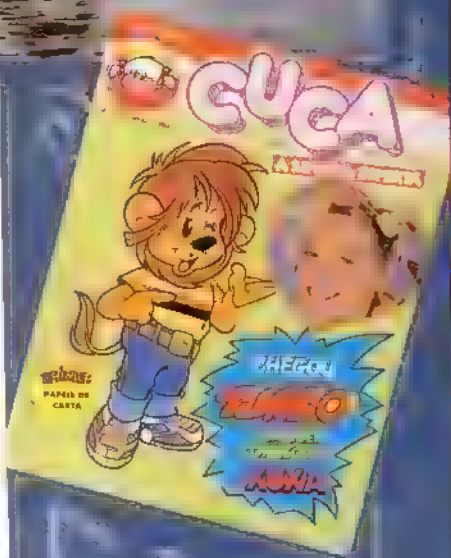
FELIZ NATAL



Revista Cuca

Recentemente foi lançada uma revista mensal de quadrinhos, passatempo e cultura para crianças. É a Cuca, publicação da Editora Matrese em co-edição com a OESP Gráfica. Logo em seu primeiro número, a Cuca ia falou de surf, numa notícia interessante que transcrevemos a seguir.

Felipe Olegário Bueno tem quatro anos e é um dos mais novos surfistas do mundo. Já se classificou em terceiro lugar no 1º Torneio "Sail Surf in Dive", realizado há oito meses, no Balneário Flórida (Praia Grande), e agora vai participar da 1ª Copa Florida de Surf, na Praia Grande, nos dias 18 e 19 de outubro. Felipe, que adora os "Paralomas do Sucesso", e não resiste a batatas fritas, pratica surf há um ano. Vamos torcer por ele!



Luiza Brunet continua arrepiando

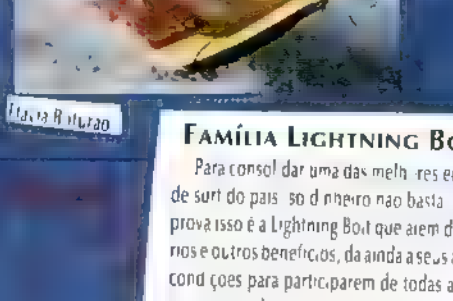
Luiza Brunet é a mais nova contratada de Calvin Klein, que está inovando com sua campanha publicitária. Para realizar a nova série de anúncios, o fotógrafo Bruce Weber alugou uma casa na praia de Carmel, California, e lá permaneceu quinze dias com as modelos, entre eles Luiza. Logo nesse seu primeiro trabalho para Calvin Klein, Luiza recebeu nada menos que 117 000 dólares ou 1,7 milhão de cruzados. Parece que a beleza brasileira está mesmo em alta no mercado mundial da moda.

A.P.S

Aconteceu em São Paulo o 1º Circuito da A.P.S. (Associação Profissional de Surf), com patrocínio exclusivo da Fico, para formação de um ranking estadual. Foram cinco etapas, realizadas em diversas praias paulistas, com presença marcante dos principais surfistas do estado. Os melhores colocados do ranking ganharam passagens, medalhas e troféus entre outros prêmios. O ranking da A.P.S. de 86 ficou assim: 1º – Almir Salazar da Lightning Bolt e Quiksilver; 2º – Tinguinha da Pro Surf e Harmonia e em 3º – Paulo Kid da Hang Loose e Harmonia. Parabéns aos organizadores e patrocinadores desse circuito, o surf nacional precisa de mais iniciativas desse porte.

levi

Almir (1º), Tinguinha (2º) E Paulo Kid (3º) assim terminou o Circuito Paulista da A.P.S.



shoth hor

Flávia Boturão

Família Lightning Bolt

Para consolidar uma das melhores equipes de surf do país, só dinheiro não basta. Quem prova isso é a Lightning Bolt que além de salários e outros benefícios, dá ainda a seus atletas condições para participarem de todas as provas e os auxilia em todas as ocasiões, na vida profissional e particular, isso faz com que a performance dos surfistas melhore, criando condições para a obtenção dos títulos mais importantes nas competições nacionais. Esta é a equipe família: *Profissional* – Almir Salazar, Jorge Pacelli e Picuruta Salazar; *Amador* – Adriano Pigmeu, Haroldo Willer e Rogério Alemão; *Body board* – Flávia Boturão.

Você escolhe os campeões

STAFF POLL TRIP

Dê seu voto. Quem são os melhores surfistas do Brasil? Preencha o cupom e nos diga quem são os TOP TEN, na sua opinião. No final do ano, o Jornal Staff e a Revista Trip reunirão todos em uma grande festa para premiar os 10 surfistas que você escolheu!!

1 _____
2 _____
3 _____
4 _____
5 _____
6 _____
7 _____
8 _____
9 _____
10 _____

– apoio –

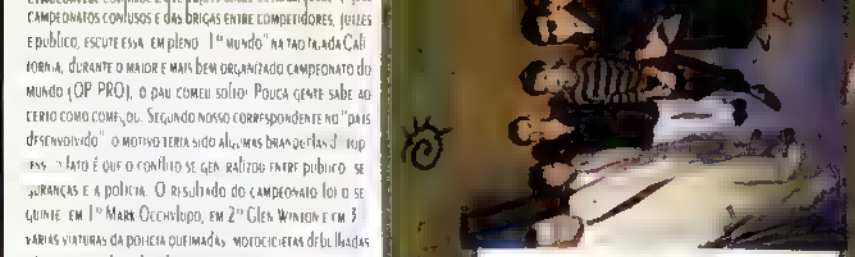
Envie para R. Sorocaba, 323 1º – Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22271

CAMPEONATOS CONFUSOS E DAS BRIGAS ENTRE COMPETIDORES, JUIZES E PUBLICO, ESCUTE ESSA EM PLENO 1º MUNDO" NA TAO FALADA CALIFORNIA, DURANTE O MAIOR E MAIS BEM ORGANIZADO CAMPEONATO DO MUNDO (OP PRO), O PAU COMEU SOLTO! POUCA GENTE SABE AO CERTO COMO COMEÇOU. SEGUNDO NOSSO CORRESPONDENTE NO "PAIS DESENVOLVIDO" O MOTIVO TERIA SIDO ALGUMAS BRANDERLAN DE SUP ESS O FATO É QUE O CONFLITO SE GENERALIZOU ENTRE PUBLICO SEGURANÇAS E A POLICIA. O RESULTADO DO CAMPEONATO FOI O SEGUINTE: EM 1º MARK OCCHILUPO, EM 2º GLEN WINTON E EM 3 VARIAS VIATURAS DA POLICIA QUEIMADAS, MOTOCICLETAS DEPREDADAS E BARES SAQUEADOS, ALEM DE MUITOS FERIDOS.

PL

Foto A. Neto

VAI DAR BANDEIRA!



marcelo laxe

ONDAS DO PERU

Se este tubo chamou sua atenção, saiba que ele esta ao seu alcance. Essa foto foi tirada recentemente em uma das muitas praias peruanas onde quebram boas ondas para a pratica do surf e que agora ficaram mais proximas. Se um dos seus sonhos e surfar no exterior, principalmente no Pacifico, você não pode perder esta oportunidade. E que a AEROPERU preparou roteiros especiais de viagens ao Peru. Alem de roteiros de viagens atraves de lugares magicos e historicos, como Cuzco e Machu Picchu, você ainda pode optar por surfar nas praias internacionalmente conhecidas de Punta Hermosa, Cerro Azul, Costa Verde e Chicama, ou até descobrir "scret spots"

A ESTRELA SOBE!

snaut hor

TECNOLOGIA DE PONTA

A reunião que deverá iniciar os entendimentos para o Circuito Brasileiro de Surf 87

As marcas presentes neste espaço, acreditam e investem no talento do fotógrafo de esportes brasileiro.

dennis magalhães profit

SUNDEK

Nativas

stanley

profit

RON JON

Hang Loose

UMA LUZ NO FIM DO TUBO

PARECE QUE DESTA VEZ, O TEMA "ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SURF" VAI SE TRANSFERIR DOS EDITORIAIS JURIDICOS DAS REVISTAS E JORNAIS ESPECIALIZADAS, PARA AS REPORTAGENS QUE OS IRMÃOS RELATAM FATOS CONCRETOS. É QUE NO FINAL DE SETEMBRO, ALGO DE MUITO DIFICIL FOI CONSEGUIDO NO SURF NACIONAL. REUNIR EM TORNO DE UMA MESA, ALGUMAS DAS CADEÇAS QUE DECIDEM OS RUMOS DO ESPORTE POR AQUI, NA MEDIDA EM QUE PRODUZEM CAMPEONATOS, ROUPAS, PRANCHAS, REVISTAS, ARMAM DUELOS, PATROCINAM ATLETAS E ORGANIZAM ASSOCIAÇÕES.

GRAÇAS AO BOM TRABALHO DOS ORGANIZADORES DO ENCONTRO (QUE NA VERDADE SE INICIOU NO SUL, DURANTE O HANG LOOSE) AS PESSOAS SE SENTARAM, E DEBATERAM DURANTE APROXIMADAMENTE TRÊS HORAS, OBJETIVAMENTE A RESPEITO DOS CRITERIOS A SEREM OBSERVADOS PARA SE FORMAR UMA ASSOCIAÇÃO CUJO PRIMEIRO OBJETIVO FOSSE DELINEAR E REGULAMENTAR OS EVENTOS QUE AO LONGO DE 87 FORMARAO O CIRCUITO BRASILEIRO DE SURF.

COMO REPRESENTANTES DOS SURFISTAS PROFISSIONAIS, FARAO PARTE DA DIRETORIA EXECUTIVA

CISCO (SP), FRED D'OREY (RJ), DAVID MOZADEL (SC), RICARDO NAZAL (RJ), MICKEY HOFFMANN (SP), E CLAUDIO MARROQUIM (PE)

E COMO REPRESENTANTE DOS EVENTOS

ERMINIO NADAL (SUNDEK), SYDNEY TENUCCI (OP), ERNANI OLIVEIRA (BALNEARIO), JOSE ROBERTO RANGEL (TOWN AND COUNTRY), RAPHAEL LEVY (FICO) E JOSE SILVIO REGO (QUIKSILVER)

DO CONSELHO CONSULTIVO, FARAO PARTE

ROSALDO CAVALCANTI (JORNAL STAFF), FLAVIO BOABAID (MASTER PROMOÇÕES), PAULO ISSA (ASU), ALFREDO AGNADO (HANG LOOSE), PAULO LIMA (REVISTA TRIP) E ROMEU ANDREATTA (REVISTA FLUIR)

UMA SEGUNDA REUNIÃO (REALIZADA EM 12 NOV), DEFINIU O NOME DA ENTIDADE ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SURF PROFISSIONAL, DEBATEU SEUS ESTATUTOS E REGULAMENTOS E ELEGEU SUA PRIMEIRA DIRETORIA. PARA PRESIDENTE O SURFISTA PROFISSIONAL E APRESENTADOR DE PROGRAMA DE TV "REALCE", RICARDO BOCAO. VICE DANNY BOY. DIRETOR EXECUTIVO ROBERTO PERDIGÃO. DIRETOR TÉCNICO ARNALDO SPYER. TESOUREIRO MADIO CHIARELLA, DE ACORDO PUBLICADO RICO DE SOUZA.

FICARAM MARCADOS NESSA REUNIÃO OS SEGUINTES EVENTOS QUE FARÃO PARTE DO CIRCUITO BRASILEIRO DE SURF 87 A CONFIRMADOS

JANEIRO OP PRO FPOLIS SC (16 A 25); MARÇO OLYMPIKUS RJ (01 A 10); MAIO LIGHTNING CLASSIC UBATUBA SP (01 A 15), JULHO SUNDEK CLASSIC UBATUBA SP (15 A 30), AGOSTO QUEBRAMAR RJ (15 A 30) OUTUBRO FICO SALVADOR BA (02 A 16)

COM DATAS A SEREM CONFIRMADAS, ESTÃO PROGRAMADOS AINDA MAIS DOIS EVENTOS: O MATCH BALIN EM RECIFE E O TOWN AND COUNTRY NO RIO

A INTENÇÃO FOI DAS MELHORES E O RESULTADO TAMBEM. É VERDADE FALTARAM ALGUNS NOMES AO REDOR DA MESA, MAS O CRITERIO TENTOU SER DEMOCRATICO. E SE NÃO CONSEGUIU DESTA VEZ CONSEGUIRA DA PROXIMA.

FOI CONCENSO E DESEJO DE NÃO SE FAZER UMA PANELA HERMETICA, MAS DE DAR UM PRIMEIRO PASSO CONCRETO, PARA EM SEGUIDA ABRIR O LEQUE. ESTE PRIMEIRO PASSO COM CERTEZA ESTA DADO!

PL

CRISTAL GRAFFITI
GUARANÁ FOTO: RUI (PRICE)
SÊ TÁ QUERENDO ALGUMA COISA? PORRA CARALHO VAI ATRÁS DE ALGUMA COISA QUE TE DEIXE... HUM!! + COM VIBRAÇÃO INTERNA BEM RADICAL
SURFWEAR?? 3998224!!
SURFBOARDS!!
AV: ALVORADA Nº 270 SALA 205 - 3856558

ALGO DE NOVO NO MAR ★ BY TIGO ★ DESIGN/80 87

BOOGIE!

ZAPI / ERNESTO BALDAN

Morey Boogie
Bodyboard

MOREY BOOGIE BODYBOARD é uma obra artesanal feita por CLARK FOAM PLASTICOS LTDA. Rua Mabá, 373/381 - Vigário Geral - CEP 21241 Rio de Janeiro Fone (021) 372-5037

TEL (0111) 531 4266

TRIP

ANO 1 NUMERO 3 1987 Cz$ 60,00

1INDONESIA
1DAVID BYRNE
2SKATE BIKE
1ROBERTA BORGES
2STANLEY CLARKE
1ANARQUIA DO OLHAR
1LUIZ MELODIA
1PORTUGAL
1POSTER TRIPLO

RUA JOAQUIM ANTUNES 488
TEL (011) 853 4222 - 852 0351

HALO POSE

المغرب

Paulo Lima

Alberto Pecegueiro

entrevistam

Roberta Borges

A Bela E A Fera

Dois anos atrás, o Baldan mostrava uma professorinha gaúcha presente em quase todos os campeonatos de surf com ar compenetrado, sério e até meio triste. Faltava apenas um par de óculos quadrados e um apagador para completar o que seria a personagem ideal da música ("...que saudades da professorinha...").

De repente, em janeiro de 87, passa por nós uma gata de 23 anos com um sorriso lotado de felicidade, um corpo mixto de Nadia Comanecci e Ornella Mutti, num alongamento de alma, entrando na água com rapidez e executando com sua prancha movimentos que eliminariam muitos competidores do sexo masculino. Se em janeiro, no OP-Pro, todas as pessoas fossem obrigadas a vestir camisetas com uma frase que traduzisse seus sentimentos, Roberta Verizon Borges certamente envergaria com muita classe e charme um t-shirt dizendo: I'M PROUD TO BE A WOMAN!

Até aí, demais. Mas por que ela não foi ser modelo, balconista, dona-de-casa, economista ou mesmo uma doce professorinha? O vírus do surf mordeu a gata e parece que ela não sara mais. Ainda bem...

TRIP: Há quanto tempo você pega onda?

ROBERTA: Há uns oito anos, mais ou menos.

TRIP: Como começou?

ROBERTA: Ih, isso aí vem de longe, de muito tempo... Começou sem querer, eu nunca pensei que esse esporte pudesse se desenvolver na minha vida. Primeiro: Porto Alegre não tem praia; e nunca o surf foi muito desenvolvido no Sul...

TRIP: O começo, você pegou uma prancha e não sabia andar?

ROBERTA: Foi, foi quando eu comecei a veranear na casa da Taniro, que já pegava onda, o pai dela pegava onda. Aí tinha uma prancha lá, eu fiquei alucinada quando comecei a subir em cima e vi que era uma coisa totalmente diferente do que eu já tinha feito. Eu já tinha uns quatorze anos, não era mais criança, vi a prancha e falei: vou subir. E encasquetei, agora vou subir, e aí tu começa a subir na espuma, tu já quer descer uma parede, e aí tu desce uma parede e fica alucinado, quer outra e vai embora.

TRIP: Você lembra da prancha?

ROBERTA: São Conrado. Tinha três quilhas, usava três quilhas, quando ninguém usava isso: era uma enorme no meio e duas deste tamanho do lado...

TRIP: Então você deve lembrar também da primeira demonstração de preconceito, né?

ROBERTA: Foram muitas. Mas eu tinha quatorze, quinze, no início era muita brincadeira de

beira de praia... Mas, com dezesseis, dezessete... O machismo lá no Sul é fogo. Ali em Torres, na Praia da Guarita, tinha um pessoal conhecido e tudo bem. Saindo dali, comecei a ir pra Santa Catarina surfar e até briga dentro d'água eu arrumei.

TRIP: Como é que foi?

ROBERTA: Eu rabeei um cara. Eu remei com ele e entrei na onda. Só que ele não viu, eu tava de cabelo curto, de roupa de borracha... Acho que ele pensou que eu era um guri, sei lá, ele me empurrou na onda, por trás, me pegou pela bunda e me jogou longe. Aí eu comecei a remar. Opa, o cara vai dar em mim e não tá sabendo que eu sou mulher. Quando ele viu, saiu até da água, com vergonha.

TRIP: A convivência com os surfistas sempre foi assim ou começou a mudar?

ROBERTA: Agora, depois que surgiu o bodyboard parece que mudou muito. Eu acho o surfista machista e além disso... não sei se egocêntrico... é, eu diria que é egocêntrico, se valoriza demais, acho até que não se abre como podia se abrir com as mulheres, com as meninas até. Eu acho.

TRIP: Você se dá bem com o pessoal que pega onda?

ROBERTA: Me dou bem sim, eu sou uma pessoa que entra na praia e sai cumprimentando todo mundo. Me relaciono com todo mundo, numa boa.

TRIP: E a sua família? Sempre deu força?

ROBERTA: Logo quando eu comecei a pegar onda, meu pai tinha se separado, não tinha muito contato, sabe... Era muito... Quando ele tava mais perto ele queria mais é que eu não fizesse outras coisas que atrapalhassem o resto, os estudos. Mas, eu nunca tive muito isso de faz, não faz, isso de alguém ir lá me assistir. Acho que até hoje nunca ninguém da família foi ver uma competição minha. Nunca.

TRIP: Na época em que você ganhou o OP, quem te via na praia tinha a impressão de que era uma professora. Uma professora no meio da praia.

ROBERTA: Eu era uma pessoa muito fechada. Se abrir pra falar com as pessoas? Que nada, eu era muito na minha, trancada total. Acho que meu relacionamento no casamento não foi legal, foi muito conturbado. A separação dá uma experiência muito grande, te abre mais pro mundo, te abre mais pras pessoas, muda muito a vida da gente. Na época do primeiro OP-Pro eu era muito, muito diferente. Acho que, questão de um ano, eu mudei demais.

TRIP: O convívio na praia, nos campeonatos, com surfistas, a alegria, será que tem alguma coisa a ver com essa transformação?

ROBERTA: Não. Com relação a isso não. Eu sou uma pessoa que procura sempre melhorar tudo que está fazendo, inclusive a minha cabeça. E também com relação a saber competir, com meu trabalho, com as pessoas mesmo. Acho que isso aí melhorou em tudo até na minha relação com os surfistas. Eu não era muito chegada com o pessoal, sempre muito na minha, constrangida... Sei lá, estranho.

TRIP: Dizem que mulher que pega onda fica com o físico transformado. Como é que é isso?

ROBERTA: É, depende. Acho que tem gente que tem tendência a isso. Eu tenho uma certa força, né... De repente tem gente que se liga nesse troço, tem muito mulher aí que tá enorme, principalmente no bodyboard, não sei por que, mas... acho que começam a fazer ginástica e muita coisa, investir nesse troço, pensa só nisso, nisso... E vive isso aí, e aí fica.

TRIP: Mas você acha que isso tem relação com o surf em si ou com a transa da ginástica? Só pegar onda transforma o corpo da mulher?

ROBERTA: Acho que não. Eu estive agora, em setembro, no mundial da Inglaterra, com 24 competidoras e posso dizer que só uma era desse tamanho. E olhe lá.

TRIP: E ser bonita? Qual é?

ROBERTA: Não sei se influi... Talvez chame mais a atenção, porque geralmente pra estar dentro d'água as mulheres não são, assim, mais femininas... isso ocorre de vez em quando. Eu ignoro isso tudo.

TRIP: Como é que você mantém a forma?

ROBERTA: Faço uma ginástica aeróbica com muito alongamento. A movimentação que a gente faz na água abrutalha muito. E a natação, já que pra mim que não tenho o mar, é fundamental estar em contato com a água.

TRIP: Você já se sentiu um peixe-bunda?

ROBERTA: Não, eu não me sinto, eu nunca me senti um peixe-bunda. Mas é claro que não é muito agradável sentir que os caras tão olhando. Eu senti muito isso em Porto Rico... A gente sempre usou um biquíni menor que o pessoal lá fora, né? Eu não uso um biquíni muito pequeno, mas... o meu era uma certa atração dentro d'água. No segundo dia, já fiquei num constrangimento que me fez botar um calção em cima do biquíni. Foi uma das poucas vezes em que me senti mal.

TRIP: E os namorados dos surfistas?

ROBERTA: É, o grande preconceito que eu já enfrentei acho que foi dos namorados dos surfistas. Porque eu fico dentro d'água com eles, entende? Nunca uma namorada de surfista chegou pra mim e falou "pô, que legal, cê pega onda...", que nada! Era uma merda que eu pegava onda... "Que é que essa menina quer lá no meio, que é que ela tá fazendo lá?". Mulher é foga nesse ponto, acho que homem é muito mais amigo nesse ponto do que mulher. Mulher compete muito.

TRIP: Seu namorado pega onda?

ROBERTA: Não. E foi sem querer... Gostar, a gente não escolhe se vai gostar de alguém.

TRIP: Parece que não é uma questão de afinidade, de signo... É sorte.

ROBERTA: É, sorte.

TRIP: Você não fica com ciúmes? Você dentro d'água e seu namorado na areia, tomando sol?

ROBERTA: Se eu fico com ciúmes? Ah, se eu fico ele deve ficar também.

TRIP: Você acha que o surf só lhe trouxe coisas boas?

ROBERTA: Claro, inclusive o meu trabalho. Eu sou representante comercial e trabalho na revista Fluir.

TRIP: Quando a gente fala no seu surf como profissional, você torce o nariz. Por que isso?

ROBERTA: Pra ser profissional eu tinha de me dedicar totalmente ao surf. Pô, eu não posso fazer isso. E eu não quero fazer isso. Eu acabei de me formar em educação física, eu já dei aula em

paulo lima

colégio... Meu dia de trabalho é sair de manhã cedo, com meus mostruários, atender cliente em agência de propaganda, nas confecções, almoço na rua mesmo, ginástica no fim de tarde... Eu não me considero surfista profissional, como até pouco tempo atrás eu não considerava profissional muita gente que dizia ser. Primeiro: o Brasil ainda não tinha condições de ter um surf profissional. Quantos campeonatos havia aqui no Brasil? Dois por ano. Que é isso? Quem é surfista profissional com dois campeonatos por ano? Agora tem condições.

TRIP: Mas você ganha um salário mensal pra pegar onda?

ROBERTA: Não. Bem, eu ganho sim, mas não dá pra considerar salário.

TRIP: Bem, salário pequeno você resolve. E onda grande?

ROBERTA: Pois é... Esse é um negócio que não me agrada muito. Eu respeito muito o mar, tenho medo, não minto. Se eu vejo que não tá legal eu não entro - pra que me matar lá dentro? Quando pego uma onda grande eu acho o máximo. É uma sensação totalmente diferente que envolve um certo medo, uma adrenalina.

TRIP: Tem sido bastante comentada a excitação coletiva que acontece nos campeonatos. Você entra nessa?

ROBERTA: Acho que a festa não acontece tanto para o competidor. É mais o pessoal que tá assistindo. Eu curto mais a água, mesmo quando tem a borracha montada na praia... Não gosto.

TRIP: Um surfista brasileiro que você admira, dentro e fora d'água...

ROBERTA: Me amarro no Tinguinha. Acho ele um cara na dele, gosto do jeito que pega onda, acho ele demais.

TRIP: E entre as mulheres, quantas pegam onda bem?

ROBERTA: Agora tá tendo uma competição... Acho que umas quatro pegam bem. Mas, eu não considero só por aí... Quando eu entro na água, mesmo considerando que só quatro são boas, acho que qualquer uma pode ganhar. De dois anos pra cá, todo mundo tá pegando onda, todo mundo desce, todo mundo dá uma batidinha, não tem mais aquele negócio de descer uma onda reto. Tem gente se esforçando, inclusive até mais do que eu, e também muita sorte, muito momento dentro de uma bateria... Tem um monte de coisas que envolvem vinte minutos dentro d'água.

TRIP: Tem que ter cabeça, não?

ROBERTA: Claro, a cabeça é fundamental. Por exemplo, o primeiro campeonato importante que eu ganhei foi o Brasileiro, em Ubatuba, em 85. Eu nunca pensei que pudesse ganhar um Brasileiro, em Ubatuba, com patrocinadores na praia, tudo... E eu morrendo de medo e aí o mar cresceu, fiquei apavorada. Eu tinha de ganhar com meu surf.

TRIP: E tudo tem a ver com a condição da mulher hoje, não?

ROBERTA: A condição da mulher já mudou e tende a mudar cada vez mais. A mulher tá numa evolução incrível... Há uns anos a mulher era criada pra cuidar de casa, né?, cuidar de marido, cuidar de filho, não sair, não trabalhar, não fazer nada disso. A mulher agora tá se descobrindo e além de saber cuidar dela, das coisas todas da casa, ela tá começando a trabalhar. E tá se dando bem mesmo, porque mulher quando faz algum troço ela leva a sério.

TRIP: E a família, a sua família por vir?

ROBERTA: Por vir? Bem, eu já fui casada, dois anos, sou desquitada, não tenho filhos... Tenho namorado...

TRIP: Toda mulher tem uma certa compulsão a ter filhos...

ROBERTA: Ah, eu tenho uma vontade muito grande. Acho que a mulher que não tem essa vontade, é porque tem algum grilo, tem algum problema por trás disso.

TRIP: E o sexo? É mais uma coisa na sua vida ou algo fundamental pra se viver?

ROBERTA: Ah, o amor é uma das coisas mais importantes... É uma coisa tão boa, te deixa num estado tão diferente do resto... Uma força, uma energia, parece que se vai explodir. Eu me sinto assim, parece que...

TRIP: Parece que você, como mulher, não consegue separar amor e sexo.

ROBERTA: Eu envolve sexo com amor, sempre. Pra mim tem de haver algo mais e eu sou difícil pra me envolver com uma pessoa... Acho que eu tenho que conhecer, sentir alguma coisa que me atraia.

TRIP: E o aborto?

ROBERTA: Uma pergunta chata: eu nunca tive uma resposta bem formada sobre isso. Acho que...

TRIP: Você já abortou alguma vez?

ROBERTA: Não, nunca. Se tivesse abortado eu diria.

TRIP: E abortaria?

ROBERTA: Acho que depende muito das condições que se apresentam, da idade, se tuas condições permitem, como é que é a tua história com o cara que vai ser o pai da criança... De repente, um filho aí não tem nada a ver, pode não ter... Nesse caso, talvez eu fosse a favor, acho que sim.

TRIP: Você assim bonita, com certeza já levou uma cantada homossexual...

ROBERTA: Já levei, já levei sim. E foi um choque pra mim, eu nunca esperava levar cantada de mulher. Foi engraçada, eu olhei assim... será que é verdade? Sai fora. Mulher?

TRIP: E se você encontrasse um cara na rua, e tal, você pediria pra ele usar a famosa camisinha?

ROBERTA: Eu? Agora? Ah, provavelmente. Pô, isso aí é um pavor que tá acontecendo, a AIDS, ninguém tá se dando conta, mas tá revolucionando o mundo.

TRIP: Num homem, o que te atrai?

ROBERTA: Se eu não conheço o cara, uma coisa que me atrai é a expressão dos olhos... uma coisa importante, os olhos das pessoas falam muito. O físico também, tem que ter uma atração física.

TRIP: E numa mulher, quais são as qualidades estéticas que lhe chamam a atenção?

ROBERTA: Acho que é o todo, o conjunto.

TRIP: Bunda arrebitada de brasileira é uma qualidade ou um defeito?

ROBERTA: É um defeito que dá uma lordose danada, mas que é bonito. É bonito.

paulo figueiredo/company

TRIP: O que você acha dos trajes de banho de hoje, do fio dental, cepacol...?

ROBERTA: Tem que ter um bom corpo pra usar um fio dental, senão fica muito ruim. Tem tanta gente que usa fio dental e não tem nada a ver. Mas, de repente, se a pessoa tem uma bunda bonita, fica legal. Eu não me sinto bem usando.

TRIP: E o tal de C-Lig, o adesivo pros seios?

ROBERTA: Não sei se eu usaria, mas acho que deve ser uma coisa bem agradável de usar, porque se existe uma coisa que incomoda é biquíni, parte de cima de biquíni. É um saco.

TRIP: E a moda? Qual seu estilo?

ROBERTA: Gosto de surfwear, mas é claro que em Porto Alegre dificilmente eu vou poder sair de manhã pra visitar uma agência de propaganda usando bermudão. Meu estilo é esportivo e vou sempre naquilo que eu gosto e não pela etiqueta.

TRIP: O mesmo vale pra religião?

ROBERTA: Eu tenho religião, eu sou católica. Até hoje ainda entro em igreja, quando eu tô a

fim. Eu sento e fico... falando comigo mesma, com Deus. Eu acredito em Deus, mas acho que cada um pratica da sua maneira. E eu tenho uma fé e tudo que eu quero eu consigo. Ir na missa todos os domingos, isso eu não faço.

TRIP: É o seu lado místico, de discos voadores...

ROBERTA: Eu sou um pouco mística, eu não consigo não acreditar nas coisas. Procuro sempre descobrir se tem um fundamento, certas coisas. Por exemplo, o espiritismo é uma coisa que me atrai, eu procuro sempre saber. Mas, não posso dizer que eu já vi alguma coisa, nada disso. Eu tenho até vontade de poder sentir isso, de ter uma prova.

TRIP: O que uma menina tão positiva como você espera no futuro?

ROBERTA: Eu espero ter uma tranqüilidade numa certa fase da vida. Sabe, ter sua família, filhos - coisa que eu quero ter também. Mas eu gostaria de estar, de poder curtir ainda e durante muitos anos um bom esporte, como poder surfar, poder viajar muito, ter condições para isso... Estar tranqüila. Acho que poder estar bem de cabeça é uma coisa fundamental.

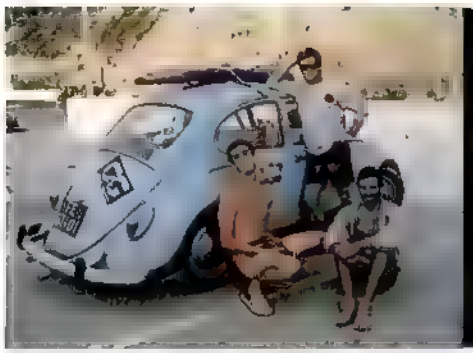
A tarefa de entrevistar uma atleta tornou-se um grande prazer. Primeiro, pela própria atleta. Depois, pela participação de um convidado bastante especial. ALBERTO PECEGUEIRO, 29 anos, um dos que desbravaram o então desconhecido filão chamado surf. Além da experiência como idealizador e editor da inesquecível revista Brasil Surf (1974-78), Alberto carrega no currículo muitas horas de vôo e surf, e o prazer de ter participado de alguns dos mais importantes projetos do meio editorial brasileiro, como as revistas Moda Brasil e Criativa, e da própria reestruturação da antiga Editora Rio Gráfica, atual Editora Globo, da qual ele é hoje um dos principais diretores.

Manobras precisas realizadas com total segurança diferenciam o surf de Roberta. Em seqüência na Praia do Pepino - RJ, ela põe a prancha onde quer...

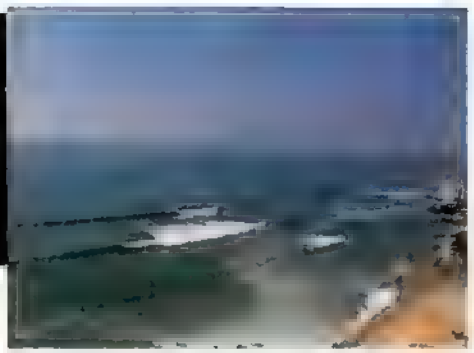
O título do OP-Pró 86 foi o principal [illegible] carreira, e o momento da premiação, um do[illegible] impor[illegible]

ernesto baldon

SURF TRIP



PORTUGAL



deminha

deminha

POR DEMINHA

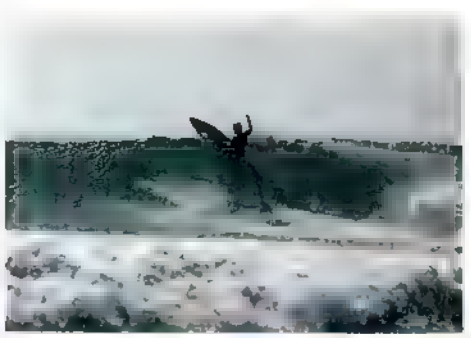
Antes de mais nada, vamos falar sobre a língua portuguesa. Vai demorar algum tempo para você se acostumar com a língua, pois os portugueses falam muito rápido e com muitas gírias. Por exemplo: auto carro = ônibus, boléia = carona, paparuco = paneleiro, bicha = fila, paneleiro = marica (gay), autoclismo = descarga de banheiro, comboio = trem, prego = sanduíche de carne, bica = cafezinho, e assim por diante. Mas você se acostuma logo.

COMO IR: As tarifas ponto a ponto são as mais baratas. Várias companhias fazem esta rota: Varig, Lap, Lanchile, etc. A Lap é uma das mais baratas, mas não a mais aconselhável. O barato sai caro! A Lanchile apresenta uma tarifa razoável, cerca de 879 dólares (Fonte: Zogbi Turismo), mais o compulsório, é lógica.

TRANSPORTE LOCAL: Na Europa, o trem é muito usado e caso você permaneça apenas na região de Lisboa, onde se encontram bons picos de surf (Carcavelos, Estoril, Parede, etc.), ele lhe será muito útil. Caso você queira viajar para outros lugares, como Porto Peniche ou Costa da Caparica, vá de ônibus. Outra solução é comprar, por cerca de 400 dólares, ou alugar um carro, por cerca de 30 dólares por dia, incluindo o seguro. A vantagem de comprar um carro é que antes de ir embora você poderá vendê-lo. Não é necessário possuir a Carteira Nacional de Habilitação.

ONDE FICAR: Você não terá problemas com acomodação. Pensões e residências, onde os proprietários alugam quartos, são muito baratas e existem em quase toda a costa portuguesa. Na área de Lisboa, recomenda-se a Pensão Narciso, situada na Praia de Carcavelos. Em Peniche, a pensão Avis é a mais recomendada – e fica no centro da cidade. Os preços ficam em torno de 10 dólares por pessoa.

EQUIPAMENTOS: Existem muitas surf shops em Portugal, onde quase todo material para o surf pode ser encontrado. As pranchas locais dão para quebrar o galho, mas é melhor você levar algumas, pelo menos duas (6'2" e 6'6"), já que dá para alcançar um bom preço de revenda. No inverno (novembro a fevereiro) é necessário roupa de borracha e também é bom levar botinhas.



deminha

MELHORES PICOS: PORTO PENICHE – Pequena cidade portuária situada ao norte de Lisboa. Lá estão concentrados quase todos os melhores picos de Portugal, como Supertubos, Mole Leste, Papoa, Baleal, Lajido. As ondas atingem de 4 a 12 pés. RIBEIRA DE ILHAS – Comparado com Bells, na Austrália. Direitas longas e alucinantes, de 3 a 12 pés em fundo de pedra. COSTA CAPARICA – Costeira ao sul de Portugal, tem muitos picos. O mais constante é a Praia Nova, de fundo de areia, com ondas de 4 a 10 pés. FIGUEIRA DA FOZ – Próxima a Coimbra, é muito inconstante, mas uma das melhores ondas de Portugal. Quando está quebrando é muito tubular, com ondas de 4 a 10 pés. CARCAVELOS – Beach break na área de Lisboa. Fundo de areia com algumas pedras onde quebram boas esquerdas, de 2 a 8 pés.

MELHOR ÉPOCA: O inverno é a época mais constante e com os maiores swells, mas o frio é tão intenso que torna o surf impraticável. De agosto a outubro o frio ainda não chegou, mas os primeiros swells de inverno começam a invadir a costa lusitana e vão ficando cada vez mais constantes.

OUTROS TOQUES: *Vale a pena experimentar os famosos pastéis de Belém, tradição secular de Portugal. A pastelaria de Belém fica perto do Palácio do Governo, em Lisboa. *Caso você queira afogar as mágoas com uma boa bebedeira, recomendo a bagaceira (pinga de uva) ou a amêndoa amarga acompanhada de uma cervejinha bem gelada. *Cuidado com as bacalhoadas, pois o tempero é muito forte e normalmente são feitas com azeite e manteiga, podendo causar desajustes intestinais. *Em Peniche, você não pode perder a Espetada de Lulas (lulas na brasa). *Caso queira fazer bons negócios com roupas usadas e até equipamentos de surf, vá a Feira da Ladra, em Lisboa. É uma feira livre que acontece uma vez por semana e onde qualquer um pode vender ou comprar. *Como nem só de surf vive o homem, vale a pena conhecer o interior de Portugal, cidades como Sintra, Fátima, Mafra e outros lugares alucinantes. Boa Viagem!

87 COMEÇA ASSIM

TRIP

EDITOR Paulo Anis Lima
DIRETOR ADMINISTRATIVO Carlos G. Sarli
CONSULTORIA DE MARKETING Wanderley Pedreschi
EDITOR DE ARTE Rafic Jorge Farah
EDITOR DE ESPORTES Eduardo Borgerth
DIRETOR DE REDAÇÃO Otávio Rodrigues
PROJETO GRÁFICO já dá pra dizer que tem.

ARTE
CHEFE DE ESTÚDIO: Michel Spitale
DIREÇÃO: Ângelo Palumbo, Fernando J. Mendes
ASSISTENTE: Walter Luiz Pirozzini
RELAÇÕES PÚBLICAS: Fernando Vieira de Carvalho
REDAÇÃO: Célia Marina Almudena Afonso
REDATOR: Arthur Veríssimo
MARKETING EDITORIAL: Fernando José da Costa Netto
FOTOGRAFIA: Ernesto Baldan
FOTO STAFF: André Reichmann, Atila Sbruzzi, Cláudio Marantão, Dennis Magalhães, Haroldo Nogueira, Marcelo Lizo, Paula Filgueiras, Shoiti Hori, Sidney dos Santos José

COLABORADORES
FOTO-ESPORTES: Alexandre Fonseca, Ângelo Palumbo, Carlos Eduardo de Campos Luiz, Daniel Boarque, Eduardo Graça Neto, Jair Barelli, Levy Cruz Paiva, Luciano Cleto, Marcelo Busch, Mário Castelo (Mago), Paulo Galvão, Petrônio Vilela, Pier Paumbo, Ricardo Barbera **ESTÚDIO:** Alvaro Elkis, Armando Prado, Bob Wolfenson, Charlie San Juan, Elisabetsky, Fernando Franchini, J. R. Duran, Paulo Vainer, Tico Chara, Vitor Amotti.
TEXTO-ESPORTES: Aldhemar Freitas Filhos, Edison Ranchi, Eduarda Faria, Fábio Bolota, Fernando Paiva, Luiz Roberto "Farmiga" de Moraes, Marco Bueno, Roberto Teixeira, Rosaldo Cavalcanti. **MÚSICA:** Aluízio Lacerda, André Christovam, Fernando Naporano, Kid Vinil, Pepe Escobar, Paulo J. Marques.
CONSULTORIA DE MODA: Hermano Vianna, Teca Costa Netto

CORRESPONDENTES
USA: Hawaii – Bill Barnfield
Califórnia – Aníbal Neto e Adrian Kojin; Detroit – Jarbas Beznos; Nova York – Cláudio Elisabetsky **FRANÇA:** Jean Michel Potier e Frédéric Pauvarel. **PORTO RICO:** Norman Grosskreutz **EUROPA:** Pepe Escobar

DEPARTAMENTO FINANCEIRO
GERÊNCIA: Shoiti Hori
ASSISTENTE: Adriana Lúcia de Souza

DEPARTAMENTO COMERCIAL
DIREÇÃO: Aldhemar Freitas Filho – Gal P & P / Rua Carro Corá, 1.646, CEP: 05061, São Paulo (SP), fone: (011) 260-2964.

REPRESENTANTES
SÃO PAULO: José Carlos de Almeida Júnior (011) 283-3804
RIO DE JANEIRO: Carlos Augusto Lemos (021) 226-7648
SANTA CATARINA: Valéria Arruda (0482) 23-2116
RIO GRANDE DO SUL: Dennis Magalhães (0512) 31-6619
ASSESSORIA JURÍDICA: Matheus Martins da Costa, Silvia G. Shützer. J.C. Gamboa, Hélio Dias de Moura
ASSESSORIA DE IMPRENSA: Art Presse (SP – 011 – 853-0418)
IMAGEM: São Paulo Criação

SERVIÇOS GRÁFICOS
FOTOLITOS: Repro, Colortek, Marprint
COMPOSIÇÃO: Lídio Ferreira
IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Editora Abril S.A.
DISTRIBUIÇÃO: Fernando Chinaglia S.A. rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro (RJ)

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da revista. TRIP não publica matérias redacionais pagas e é uma publicação bimestral da TRIP Editora e Propaganda Ltda. Administração, redação e publicidade à alameda Ribeirão Preto, 348, São Paulo (SP), CEP: 01331 Fones: (0 11) 283-3804 e 288-6912 Escritório no Rio de Janeiro: rua Dona Mariana, 225, fone: (021) 226-7648.

CAPA

As competições lotadas, as manobras impossíveis, as baterias homem a homem... Tudo isso tem feito com que alguns dos momentos mais simples e belos do surf sejam aos poucos esquecidos. A gata esperando ansiosa pela volta de seu amigo foi fotografada por J.R. Duran. Surf: Puerto Escondido. México.
Foto: Paulo Lima.

Página 3, Átila Sbruzzi congelou com sua teleobjetiva de 650 mm os passos misteriosos e calmos da velha sabedoria marroquina.

EDITORIAL

No dia em que venceu o mais importante campeonato de surf do Brasil, o OP Pró, o surfista Paulinho do Tombo dividiu a primeira página do maior jornal do País com outra personalidade do cenário brazuca: o ministro cruzado Dílson Funaro. Na verdade, não foi uma divisão exata, já que a foto de Paulinho ocupava uma área consideravelmente maior do que a do ministro da fazenda.

Perguntado sobre como se sentia em ver sua foto publicada ao lado daquela do ministro, Paulinho respondeu rápido e confiante: "Eu me senti bem. Queria saber como ele se sentiu..."

O sentimento do ministro, não conseguimos descobrir. O nosso, entretanto, foi de orgulho. Isso por termos participado ativamente nesse processo de quebra das grades que isolavam o surf dos outros ramos de atividades e interesses das pessoas – jovens ou não – neste País. Felizes, também, por estarmos conseguindo, num dos piores momentos da economia brasileira, manter a proposta de qualidade editorial e técnica e, principalmente, continuar criando espaço para divulgar talentos, sejam eles desconhecidos ou não.

A preocupação com a qualidade das imagens e palavras que imprimimos, acaba transformando nomes e currículos em coisas totalmente secundárias. Temos orgulho disso.

Paulo Lima

INDONÉSIA 16
A experiência de um surfista brasileiro com ondas, povos e situações incomparáveis

MELODIA 38
Por onde anda e o que pretende uma das cabeças mais interessantes da MPB

ALFORRIA 46
O que um bando de garotos sem experiência foi fazer com um veleiro na África?

HAWAII 54
O templo do surf visto da sacristia

STANLEY CLARKE 72
Os altos e baixos de um instrumentista revolucionário

MODA? 78
Mais uma estocada no pré-concebido

SKATE BIKE 88
Na Califórnia, alguns brasileiros ameaçam revolucionar os esportes de ação

BOXE 92
Uma geral na história da nobre-arte e dos pesos-pesados

ANARQUIA DO OLHAR 102
Os olhos vendo o que o coração vai sentir

DAVID BYRNE 110
Depois de um soco no olho que levou de um motorista de táxi, a coisa mais louca que lhe aconteceu no Brasil: uma exclusiva a Pepe Escobar

SALADA 116
De tudo um pouco

TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 50.000 EXEMPLARES

Mater al chroniony prawem autorskim

IDENTI

POR TRÁS DESTES OLHOS A MELHOR EQUIPE FEMININA DO BRASIL.

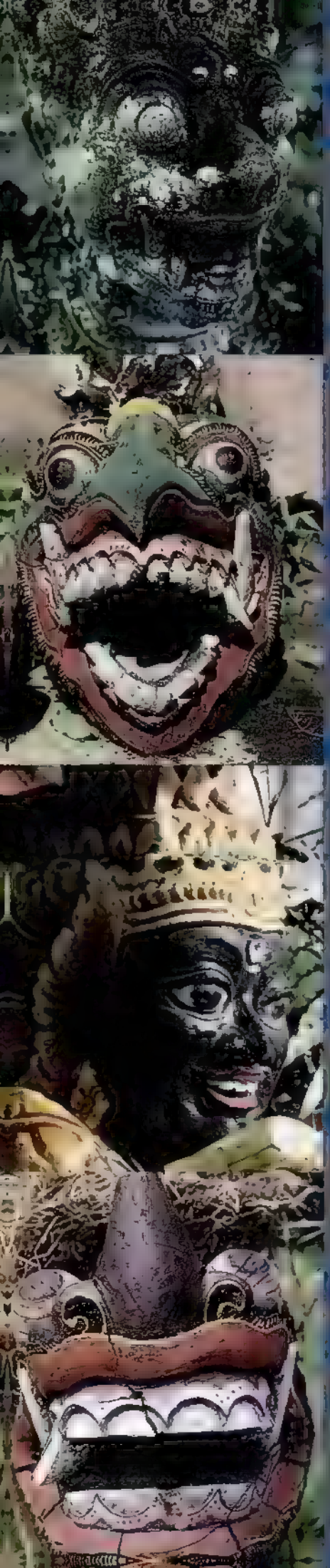
TANIRA DAMASCENO – CAMPEÃ OP-PRO 85-87 – SURF FEMININO

ROBERTA BORGES – CAMPEÃ OP-PRO 86 – SURF FEMININO

CLÁUDIA SABÓIA – CAMPEÃ OP-PRO 87 – BODYBOARDING FEMININO

FIQUE !

SUNDEK®



AIRTON TADEU KIELING/SRC

Há muito tempo, nas rodas que se formam após as sessões de surf, um assunto vem à tona com grande insistência: a discussão dos valores que definiriam o surfista completo. As opiniões oscilam entre duas correntes. Uma, a de que o surfista *completo* deve mostrar que é completo competindo em todo e qualquer tipo de onda e realizando manobras até então consideradas impossíveis em ondas de meio metro. A outra, diz que o surf deve obedecer à força que o criou, o instinto, buscando os lugares mais distantes e inatingíveis, a maior onda, o mais profundo tubo e a mais indescritível sensação de isolamento.

Fred D'Orey experimentou as duas. E optou pela segunda.

por FREDERICO D'OREY

BALI

VISÕES DE BALI

No universo surfístico, Bali significa excelentes ondas. E quanto mais por dentro se está, maior é a associação: Bali = melhor esquerda do mundo, Bali = Uluwatu, Padang Padang. E por aí vai. Só que essa ilha oferece muito mais do que se imagina. Bali é paraíso dos surfistas, sim, entre mil outras coisas. Quem vai pra Indonésia esperando encontrar um clima meio North Shore (Hawaii), errou o destino.

A aeromoça da Garuda, companhia aérea da Indonésia, não me deixou em paz nos dez minutos finais da viagem. O vôo vinha de Jakarta, a capital, e era possível ver Gradjagan e Uluwatu de cima. Por mais que ela insistisse para que voltasse para o meu lugar, eu tinha que apreciar esse visual. Em 85, o avião pousara de noite. Agora, eu tinha a minha chance, e dali ninguém me tirava. Com o rosto colado na janela, eu vi não só G-Land, Ulu, Padang e outros picos, mas toda costa de Java, enormes vulcões (um em intensa atividade) e florestas e mais florestas. Depois de satisfeita a minha vontade, voltei para a poltrona, e dentro de dois minutos estávamos pousando no aeroporto Sukarno, em Kuta. Eu era o único surfista a bordo. O resto, na sua maioria turistas europeus, não tinha a menor idéia de que raios eu ia fazer, com três pranchas, num local daqueles. Uns iam acabar descobrindo, enquanto que outros se esqueciam de mim e dessa interrogação.

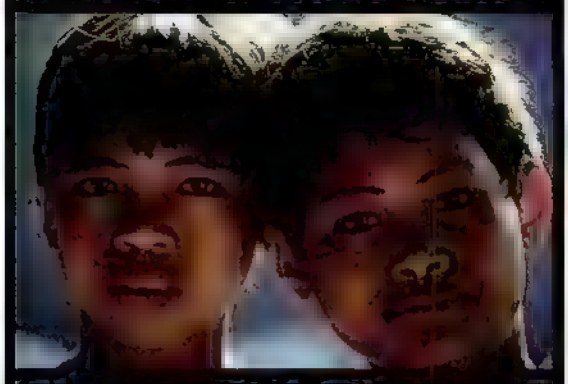
MEU REINO POR UM BUNGALÔ

Depois de uma viagem excepcionalmente longa, incluindo aí uma dormida no aeroporto de Cingapura, eu só pensava em me instalar. Já conhecia bem as ofertas e sabia exatamente para onde ir.. Fui de táxi direto para Ida's Beach in, em Legian, e vendo de novo aquele mundo que eu havia descoberto um ano antes na minha primeira temporada balinesa, a comparação das duas chegadas foi inevitável. Em 85, eu não tinha idéia de onde ir, e o motorista acabou me deixando jogado na rua principal, com mala, pranchas, e uma grande interrogação estampada na testa. Como sempre tudo se arranjara. Mas, também não há com que se preocupar - as opções de moradia são tantas... Por toda Kuta e Legian, espécie de Ipanema e Leblon locais, alinham-se diferentes hotéis para diferentes bolsos. O preço varia de 2 até 100 dólares (mais caro do que isso eu não passei nem na porta), e são razoavelmente seguros, principalmente se quem estiver tomando conta do seu quarto for balinês. Dizem que os javaneses são os ratos do local.

paulo vainer

airton t. kieling/src

paulo vainer

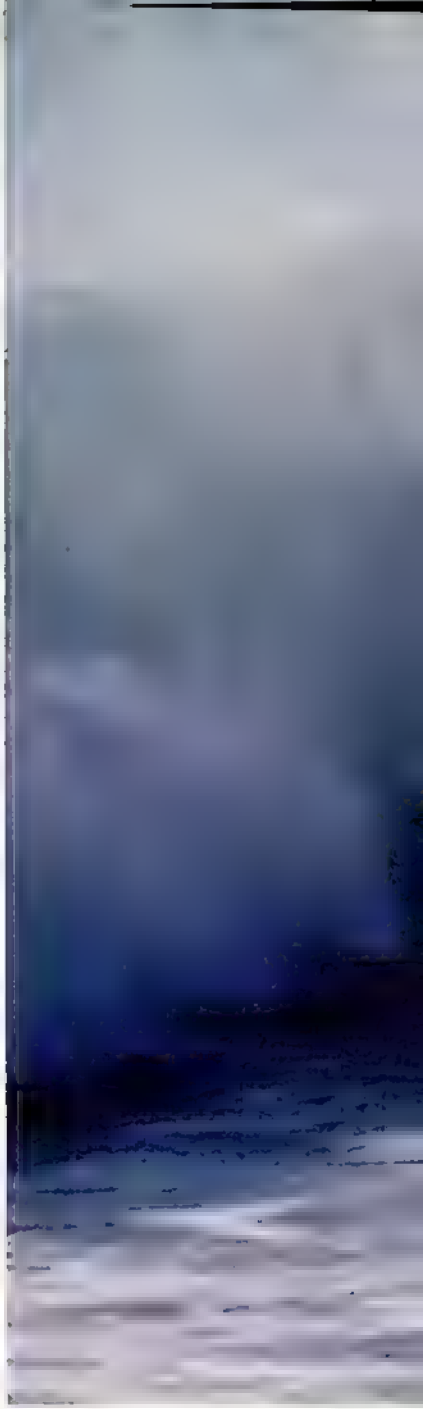


paulo vainer

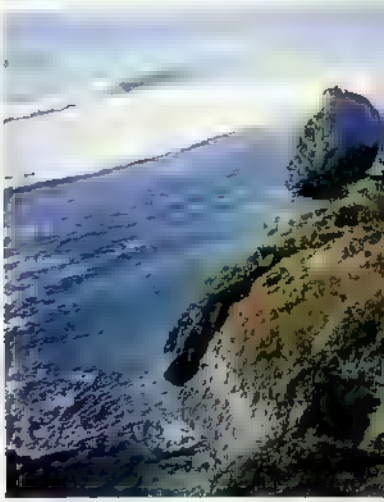
Tudo cruza na frente da moto: vaca, galinha, bicicleta, ônibus... e principalmente balinês.

Não existe outra onda no mundo com essa formação, cor e perfeição. Michael em Padang Padang.

airton t. kieling/src



ahn cat ahan



A MOTO E A POLÍCIA

Depois de devidamente instalado, o segundo passo é alugar uma moto, meio de locomoção mais comum na ilha. Todo comerciante que se preze sabe exatamente o que seu freguês, em potencial, precisa. E os balineses sabem fazer negócio como ninguém. Você mal acordou, pela manhã, e o garoto que toma conta do bungalô já tem uma moto prontinha pra você. O veículo vem acompanhado da sorridente perguntinha – *"International drivers license?"* E não adianta enrolar, porque eles só acreditam vendo a sua carteira internacional na mão. Em caso negativo, eles também já organizaram tudo. Você vai ter de ir até Dempasar, que é a capital da ilha de Bali, fingir que aprendeu tudo em uma aula. Ah, não se esqueça de pagar a taxa da moto-escola, mais a taxa pra tirar a carteira...

UMA CERTA ESQUERDA

Com casa e moto você vai longe em Bali. E não é preciso andar muito para se chegar em Uluwatu, que é a principal razão do surfista ter viajado tanto. O trânsito até o pico é o mais louco possível - tudo cruza na sua frente: galinha, porco , vaca, bicicleta, cachorro, carro, ônibus, e principalmente balinês. Eles não estão nem aí. Não olham e saem atravessando a estrada. Se você não quiser fazer dessa primeira viagem até Ulu uma desgraça, preste bem atenção na regra número 1 - "VOCÊ É SEMPRE CULPADO". Os balineses partem do princípio de que você não deveria estar ali. A terra é deles e se você não estivesse ali, nada disso teria acontecido. Por isso, é bom abrir os olhos, porque eles estão por toda parte.

Saindo de Kuta, você passa pelo aeroporto, sobe

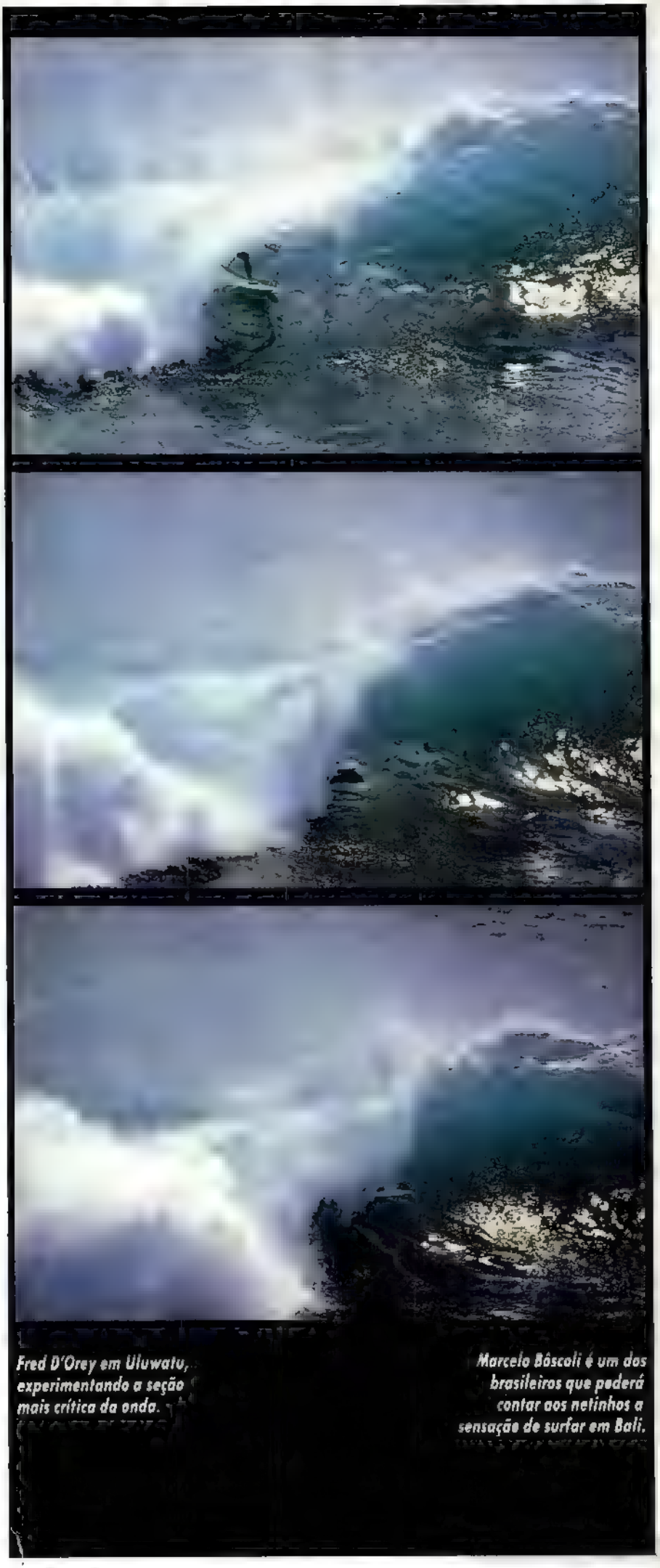
pequenas montanhas e anda por mais uns 15 minutos até quase o fim da península, onde fica situado o templo de Uluwatu. Você vai pegar, um pouco antes, uma estrada de terra à direita, que te leva quase até o pico. Antes, era impossível passar de moto nessa estrada e era necessária uma boa caminhada de 15 a 20 minutos, subindo e descendo morros. Carregar pranchas e mochilas sob um sol escaldante, um suplício. Foi nessa época que apareceram os Mikeris - que vem de *"me carry"* ("eu carrego")- e que levam todas as tralhas por alguns trocados. Hoje, como é possível chegar de moto quase até o pico, os mikeris lutam para sobreviver de outra maneira. Eles tiram sua prancha da capa, amarram seu estrepe, passam parafina, e descem junto com você pela caverna até a bancada de coral. Não é o serviço que conta, mas a simpatia do garoto e o desejo de manter viva essa instituição que já virou sinônimo de Uluwatu.

Depois de estacionar sua moto, você começa a descer uma enorme escada, e é bem aí que você sente a vibração do lugar. Bem à sua frente, um enorme rastro branco atrai a atenção para o mar. A esquerda de Uluwatu acabou de cruzar o seu caminho. O resto é afobação, e quando você percebe, já está dentro d'água, disputando a sua primeira onda. Na maré cheia, entra-se remando, de dentro da caverna (a lendária). Se a maré estiver seca, uma boa caminhada pelos corais o aguarda. As ondas na maré cheia quebram à esquerda do penhasco e em forma de pico. Na maré vazia Uluwatu fica igual aos filmes que você já viu de Bali - um trem. Se o mar estiver grande, quebra o outside corner. Caso esteja pequeno o inside corner torna-se a sensação. O pico é sempre em frente do penhasco nessa condição de maré e o espetáculo é deslumbrante. É tubo atrás de tubo. A onda começa razoavelmente "calma", oferecendo um bom tubo logo no primeiro drop. Depois, ela estica um enorme braço, e você pode aí testar todo o seu repertório de manobras - é batida, rasgada e cut back que não acaba mais. Mas, não se deve nunca se desconcentrar da velocidade com que a onda vai se aproximando da parte mais rasa da bancada. É aí que a adrenalina corre solta porque a onda levanta inteira de uma maneira que você jura que não vai passar. E às vezes não passa mesmo. Mas, quando você passa essa sessão toda por dentro, num tubo só, é como se você tivesse nascido de novo. O perigo passou e você está são e salvo, remando de volta para o outside (vendo a galera arrepiando, ou se arrasando na melhor parte da onda). Aquela sessão do inside é tão boa, que muita gente nem vai pro pico, fica só esperando as que sobram.

OUTRAS ONDAS

Em Uluwatu, se você olhar de dentro d'água para a terra e for girando a sua cabeça para esquerda, vai reparar que existem outros três penhascos parecidos com o que está na frente. Seus nomes (em ordem de aparição): Padang Padang, Bingen e

marcos prado



Fred D'Orey em Uluwatu, experimentando a seção mais crítica da onda.

Marcelo Bôscoli é um dos brasileiros que poderá contar aos netinhos a sensação de surfar em Bali.

Balangan. Padang é considerado por muitos a melhor onda do mundo. Só quebram quando Uluwatu está acima de seis pés, e é também muito mais forte, raso e tubular do que Ulu. A onda é um tubo só e quebra bem em frente do cliff, tornando-a mais perigosa. Perder a prancha lá é esquecer que algum dia você teve uma prancha igual àquela - vai direto para as pedras. Em 85, era comum escutar a estória de um trágico acidente que aconteceu com um japonês em Padang, num dia que estava dez pés. Parece que o cara tinha perdido a prancha ao tomar a maior série do dia na cabeça, e nadava já há uns 30 minutos para chegar até a areia, por causa da enorme corrente que passa no canal e puxa lá para fora. A maré estava tão rasa, que ele acabou dando na própria bancada de coral onde quebram as ondas. Ele agarrou na pedra, ficou em pé e não teve tempo de olhar para trás, porque uma enorme onda, segundo contam, de uns oito/dez pés, quebrou nas suas costas. Já era quase noite e os brasileiros prontos para irem embora foram interpelados pelos amigos do japonês, que afobados contaram o que aconteceu e perguntavam se eles sabiam ou tinham visto algum sinal do seu companheiro. A resposta foi negativa e o surfista japonês nunca mais foi visto. Que tal essa, hein?

Já Bingen é uma onda hot-dog e só quebra até seis pés. Também é bem tubular e o único problema é que não comporta crowd, por se tratar de um único pico. A série vem sempre no mesmo lugar e mais de cinco já fica insuportável. Em compensação, a praia é uma das mais visuais de toda ilha. Como a trilha de moto é digna de qualquer enduro, e o caminho meio demorado, pouca gente tem a paciência necessária para chegar lá. O lance é tirar proveito disso e passar um dia memorável, de preferência acompanhado.

Outra praia que merece ser comentada não é bem uma praia. Entre Padang e Bingen existe uma esquerda, apelidada de Impossibles, que quando surfada no dia e horário da maré corretos, pode oferecer grandes recordações. Trata-se de uma longuíssima esquerda, que vem quebrando numa velocidade alucinada. Daí seu nome. Só os surfistas mais rápidos curtem aquela onda.

Balangan fica mais para a direita de Bingen e é uma excelente solução para dias crowd, de swell até seis pés. Como o caminho para chegar lá é dos mais complicados, o grande lance é ir de barco. Aluga-se uma canoa de pescador (3 dólares por pessoa) e o surf está garantido. Isso sem falar no visual porque para chegar lá é obrigatória a passagem por Kuta Reef e Airport Lefts e Rights. Kuta Reef dispensa maiores introduções,é uma esquerda no estilo de Ala Moana só que muito melhor e mais longa. Airport Lefts, assim chamada porque fica bem em frente da pista de pouso, é uma esquerda razoável, excelente para os padrões nacionais, mas um tanto curta se comparada com as outras esquerdas. Airport Rights fica do outro lado da pista

e é uma direita alucinante super longa e hot-dog. Esses picos onde só se chega de barco são as grandes opções quando já se está farto das árduas disputas nos picos principais e procura-se um certo descanso. É ideal para bater fotos, pois o barco fica ancorado do lado do pico, enquanto você pega onda.

marcos prado

VIVA O BRASIL

A cada ano que passa, mais brasileiros colocam a Indonésia no roteiro de viagem, e a cada ano que passa mais malvistos nós ficamos por lá. A quantidade não tem nada a ver com o produto final. É uma questão de qualidade, no mais explícito tradução da palavra. É difícil dizer isso, mas nossa imagem piora anualmente. Senti isso ao voltar esse ano para Bali. Os australianos se mostravam extremamente hostis, a maioria das mulheres – principalmente as européias – perguntava a nossa nacionalidade antes de uma simples dança; os balineses pedem pagamentos adiantados, algo impensável um tempo atrás e por aí vai... É comum você ser abordado por algum gringo, na boite por exemplo, que lhe pergunta se você carrega cocaína. Ele só está tentando ser amigável, travar uma relação, mas é que depois de um tempo enche o saco passar por traficante, só porque se vem do Brasil. Quem é surfista e vai pra Bali, principalmente para pegar onda, se aborrece bastante com essa estória.

Dentro d'água, ocorre uma coisa parecida. Nossa imagem não é das melhores. O que era descontração passou a ser falta de educação. Os gringos ficam malucos com a nossa desordem dentro do mar. Eles estão acostumados com "um surfista = uma onda", enquanto que nós pegamos o maior número possível, com ou sem surfista nela. Somos muito mal-educados mesmo, e não me excluo. O clima dentro d'água, na maioria dos dias, é bastante tenso, e é comum sair do mar bastante aborrecido com o número de pessoas no pico. Bali é crowd, bem crowd. Quem alimentar esperanças de pegar Uluwatu sozinho, ou sem crowd, é melhor ir para Tavarua (Fidji). Essa fome de onda, aliada ao crowd, ao "swing esperteza" e à tradicional falta de respeito pelo indivíduo, fazem do brasileiro um ser malvisto. O resultado é que, com raríssimas exceções, os brasileiros andam em bandos e não se misturam. Ir ao outro lado do mundo, pra ficar falando português e ouvir estórias do Guarujá ou do Quebra Mar, parece coisa de débil mental, mas é o que está quase acontecendo. Temos que nos esforçar muito para limpar o nosso nome...

NEM SÓ DE SURF VIVE O HOMEM

E outra coisa, Bali também tem seus flats. Quando eu cheguei lá, por volta do início de julho, o mar tinha estado liso já há duas semanas. Em Legian, no fim de tarde (era o meu primeiro dia na ilha), dei de cara com uns 15 brasileiros, a maioria de sunga, jogando frescobol, falando da noite anterior e de tudo – menos da onda. 1986 ficou conhecido como o pior ano, desde 80. O mar não subia de jeito nenhum. Qual a solução então? Eu diria que é pegar a moto, comprar um mapa e sair pela ilha.

Quanto mais nos afastamos dos grandes centros, mais retrocedemos no tempo. No interior de Bali, ainda se vive como há centenas de anos, sem eletricidade e sem luxos modernos. O meio de subsistência ainda é o plantio do arroz e a cultura muito mais pura. Para ter uma idéia, se andarmos por apenas duas horas, em direção aos vulcões, nossa chance de comunicação será praticamente nula. Mesmo os balineses da capital enfrentam esse tipo de problema, porque todo o tipo de dialeto é falado, variando de vila para vila. Uma coisa é certa: inglês eles não entendem, e acho que nem fazer questão de entender. É fácil sentir, por mais sorri dentes que recebam, que eles não estão interessa dos no que você tem para oferecer. Eles não preci sam, são felizes sem nada disso, e por isso no olham com uma certa desconfiança. Veja bem quando falo assim, estou me referindo a lugare ainda não corrompidos pelo capitalismo e pel turismo. Trilhas por onde só uma moto passa e pou cos procuram.

O mais comum é alugar um carro e fazer um r pido passeio de algumas horas. Estou falando d mergulhar no tempo e de aprender com uma cu tura completamente diferente da nossa. Ir até o L go Batur, que fica no interior de uma enorme cr tera, onde existe um outro vulcão ainda não com pletamente extinto, tomar banho numa piscin natural de água fervendo, recém-saída do interi

saldo Cavalcanti, fotografado por um mikeri.

da terra, junto com a vila inteira, todos nus, conforme manda a secular tradição, uma experiência e tanto. O tipo da coisa que não se esquece. Completando a expedição, o negócio é acordar às 4 da manhã, ainda escuro, e subir até a cratera do vulcão. São quase duas horas de uma íngreme escalada, que será recompensada assim que chegarmos no topo. De lá, é possível vermos quase que a ilha inteira. É um paraíso para os fotógrafos, principalmente se o sol ainda estiver nascendo.

O maior e mais importante templo da ilha é o Besakih. Ele fica no sopé do vulcão Agung. Esse vulcão entrou em erupção em 1963, matando 1.500 pessoas. Por incrível que pareça, a lava escorreu por todos os lados menos na direção do templo. O lugar já está bastante estragado pelo turismo, mas vale pelo valor histórico do templo mãe, que tem mais de 900 anos.

Outra grande sacada é sair de Legian sem um mapa sequer. Com isso, vai-se experimentando caminhos mais incríveis e chegando nos locais mais inesperados, como quando depois de umas 3 horas por trilhas em campos de arroz, fui dar em Xangô, um famoso pico de onda, muito freqüentado pelos japoneses. Só o que se precisa é de um pouco de espírito de aventura.

UMA CULTURA SINGULAR

Uma criança balinesa só pode encostar seus pés no chão depois de ter completado 1 ano de idade, quando então é realizada uma importante cerimônia de primeiro aniversário. Até essa data, só colo. A religião diz que quanto mais novo é o ser, mais próximo de Deus ele está. A criança é tratada com muito respeito e possui direitos iguais aos dos mais velhos. Em Bali não se bate nos filhos, que devem sempre, desde que já saibam andar, perambular com outros da mesma idade. Por isso, é comum encontrar grupos de crianças se divertindo por toda ilha. Esse espírito de independência e segurança, dentro do seu universo, traz à tona uma circunstância que define bem o povo balinês – são felizes. Não de uma maneira utópica, mas simplesmente contentes por existirem e serem mais um na multidão. A noção de individualismo é muito vaga nessa sociedade que aprendeu a viver dentro de suas próprias castas há milhares de anos. As castas são classes sociais imutáveis. Filho de peixe, peixinho é – provérbio que deve ter vindo de Bali, pois a imobilidade social é quase total.

Não existem grandes ambições, de acordo com os nossos padrões do que venha a ser progresso. Vive-se bem com pouco. E para que mais? É mesmo. Pra quê?

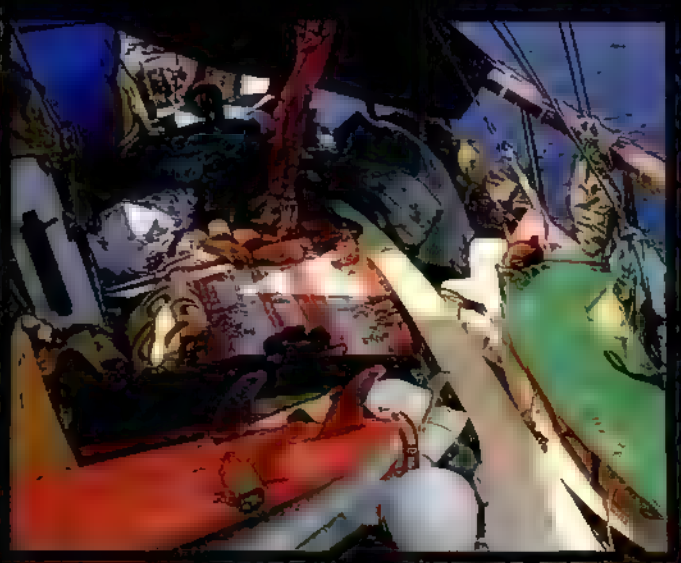
GRADJAGAN, A ONDA DO FUTURO?

Roberto Valério, assim que voltou de Bali na temporada 85, me deixou bastante intrigado. Ele ficou falando de Gradjagan de uma tal maneira, com um respeito, uma intensidade e uma admiração, que marcou. A coragem de Roberto nos invernos havaianos não precisa de nenhuma introdução. E se não era do tamanho da onda que ele tava falando, do que era então?

Eu já tinha ido pra Bali no ano anterior, e só não fui até Java porque, partindo do princípio de que quem vai uma vez, volta, preferi explorar a ilha de Bali de muitas maneiras, e Gradjagan ficou mesmo para o ano seguinte.

O ritual de partida para o Camp de Java se repete toda semana. Você se inscreve com o Bobby Radiasa que todo mundo conhece em Legian Street, paga adiantado (250 dólares por sete dias), combina a data de partida e fica aguardando o seu dia chegar. Está tudo incluído. O pessoal do Bob passa no seu hotel lá pelas sete da noite pra pegar

Cinira em G-Land.



No barco que faz o percurso até G-Land, só há espaço para pranchas, calções e muita esperança de se encontrar as melhores ondas do mundo.

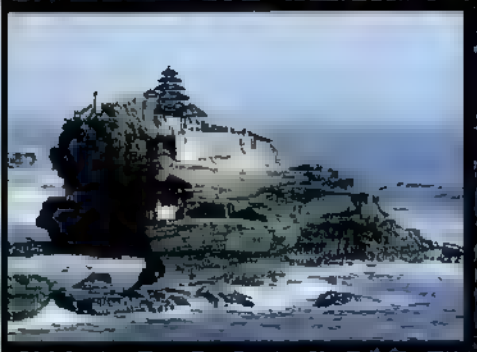
suas pranchas e arrumar no teto do microônibus que leva a surfistada. Às 11:30 eles estão de volta, só que dessa vez é você quem entra no carro. O ambiente dentro do veículo é sonolento - a galera vai entrando, se acomodando e dormindo direto, na esperança de só acordar no dia seguinte, já em Java.

Foram, segundo meu relógio, sete horas de estrada. O sol já havia nascido e estávamos em Gradjagan Village, o outro lodo da baía, distante apenas três horas do pico. Ao todo foram três carros transportando surfistas, que iriam passar a próxima semana juntos, surfando e disputando as lendárias esquerdas de G-Land. O clima era de euforia. O grupo se dividia entre brasileiros e australianos, que aliás, não queriam muito papo conosco. É triste dizer de novo, mas andamos com o filme meio queimado em Bali, principalmente em Gradjagan. Foi meio duro convencer Bob que nós éramos "calmos". Isso porque ele tinha proibido brasileiros de pisar no Camp por causa de uns lances desagradáveis que aconteceram nas semanas anteriores.

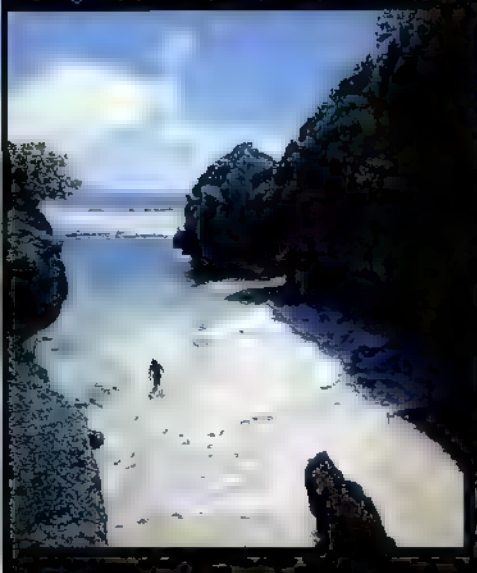
Esse era o clima inicial da trip. Nós - eu, Marcelo Bôscoli, Zé Antonio, Afonso, Dindo e Andréia, única mulher e bodyboarder do Camp - fomos num barco. Os australianos preferiram se apertar no outro a passar para o nosso. A viagem durou quase três horas, e do pequeno barco de pescador era possível contemplar cinco enormes vulcões, um em atividade, e as linhas das ondas que a cada segundo iam tomando mais forma.

Nossa recepção foi clássica - faltando dez minutos pra ancorar, quatro tubarões vieram nos dar as boas vindas. Um pouco mais adiante, uma das pranchas voou do barco e caiu no mar. O pescador não deu a mínima, pulou dentro d'água, pegou a prancha e remou em direção à areia. Essa atitude serviu pra nos dar mais coragem - ou será que os

paulo vainer


airton g. kieling/src

marcos prado


jean ollivier

Acima, alguns bons motivos pra chamar Bali de paraíso. Na outra página Cinira, Plínio Cury e Anésio: o privilégio de ondas excepcionais em G-Land.

tubarões locais já se acostumaram com o gosto dos javaneses? Na dúvida...

A chegada foi em clima de festa. Assim que um grupo novo chega, o da semana anterior já tem que estar pronto pra partir. Os que deixavam Camp, uns cinco brasileiros (Pepê e Mobral, entre eles) não paravam de gritar estórias sobre as ondas que pegaram. Todos eram unânimes na qualidade do pico - "Demais, oito pés, perfeito demais, sem crowd". Era só isso que se ouvia. Escutar esse monte de elogios pras ondas do local e dar de cara com um mísero swell de dois pés foi de matar.

O Camp conta com três casas maiores, mais bem construídas, e com outras duas menores. Os bungalôs ficam a uns dois metros e meio do chão, por causa dos ataques noturnos dos tigres. São eles que dizem isso, não eu. E na frente de todo esse dormitório, fica uma grande mesa, protegida por um teto de palha, que é onde todo mundo se reúne para fazer as refeições do dia. É bem ali que as informações são trocadas e onde se pode sentir a grande emoção de ser um surfista. As estórias...Cada um tem a sua pra contar. Cada um vem de um lugar diferente e tem toda uma experiência de vida pra passar. O gelo dos australianos foi quebrado logo na primeira refeição conjunta.

Para poder sentir o clima do Camp, é preciso misturar fatos com estórias. Em primeiro lugar, você fica totalmente distante da civilização. A vila mais próxima fica, de barco, a três horas de viagem. É também praticamente impossível entrar na selva que se estende por trás do acampamento. Trata-se da maior reserva florestal do mundo. Então, sua área de trânsito fica restrita à areia da praia. Isso de dia. De noite, ninguém se aventura um metro sequer, tal a escuridão e os ruídos sinistros da selva. Muita gente insiste em dizer que os tigres de Java já estão extintos, mas o que se vê é uma constante renovação no repertório de lendas felinas. Todos sempre garantem que viram com os seus próprios olhos. Que nem disco voador. Verdadeira ou não, esta estorinha já dá o que pensar:

"Um dia de tarde, um pessoal se reuniu na torre, que deve ter uns 15 metros de altura, para conversar sobre as ondas do dia. O mar tinha estado grande e os feitos não foram poucos. De repente uma barulheira atraiu a atenção de todo mundo pros lados da floresta. De lá vinha um misto de grito, urro, com plantas se quebrando. De dentro da floresta saiu um enorme javali aos berros, que correu em disparada, em linha reta, passando pela areia, e como estava na maré vazia, atravessou toda a bancada de coral, até quase as ondas. Ele ficou todo arisco, e dando voltas sobre si mesmo".

A pergunta minha, foi a mesma do resto da galera - Que animal poderia estar perseguindo um enorme javali daqueles? Essa ficou sem resposta, mas já dá pra imaginar.

Bom, nem choro nem vela iriam resolver a situação. Estávamos ali, e o lance era rezar para o mar subir. Se as orações serviram para alguma coisa, eu não sei. Só sei que acordamos com ondas de quatro pés. Se em Uluwatu eu insisto em surfar sem botinha, em G-Land é impossível. Na maré cheia tudo bem, mas quando a maré desce... A variação lá é absurda. É possível andar até o pico, quase, quando a maré desce. Caminha-se por uns 500 metros, sobre uma bancada viva de coral, incrementada com a presença de ouriços, cobras-coral e outros do gênero. É uma verdadeira aula de biologia. Voltando às botinhas: é impossível viver sem elas em Gradjagan. E é melhor aprender essa lição na teoria, porque na prática pode te custar alguns dedos. A bancada ali não brinca em serviço.

No terceiro dia, as coisas começaram a melhorar. O mar estava seis pés e parecia estar subindo ainda mais. Entramos com a maré cheia. Zé Antonio tomou a série na cabeça, arrebentou a presilha de seu estrepe e nunca mais pôs os olhos na sua recém-estreada prancha. O esforço psicológico de nadar até a areia (não se esqueçam dos tubarões) foi tamanho, que o Zé preferiu dedicar-se ao saudável e certamente menos perigoso hábito da leitura pelo resto da tarde. Enquanto isso, o couro comia solto dentro d'água. As ondas quebravam em três lugares, e quando vinha uma onda um pouco maior, era possível emendar dois picos numa onda só. Quando o mar sobe mesmo, os três picos se transformam em três sessões. Uma só onda sai varrendo toda a bancada, trazendo à vida o expresso de G-Land.

Eu, infelizmente, não vi essa famosa onda. Peguei altas ondas na maré vazia do meu terceiro dia. Surfamos até de noite num mar de sonho. Mas não era o que esperávamos. E o que é pior, o mar baixou de seis pra quatro, de quatro pra dois, e daí, pra um. Mas, uma coisa eu digo: vindo do Brasil, as ondas, mesmo pequenas, eram perfeitamente surfáveis. Um bom treinamento até.

Mesmo sem pegar o mar de nossas vidas, a semana na selva foi uma experiência inesquecível - a vida era muito, muito devagar. Um contraste com o nosso cotidiano, repleto de buzinas, horas de rush, atrasos, compromissos inadiáveis e outras neuroses. Vivemos e nascemos numa cidade grande, onde as nossas necessidades vitais passam a ser secundárias diante da máquina do progresso. Senti, depois de cinco dias, uma tranqüilidade que eu nunca havia experimentado antes. Uma sensação totalmente desconhecida. A nossa rotina: acordávamos com o nascer do sol, comíamos quando a fome batia, banho só de balde, espelho não existia, luz só de gerador, a casa de madeira e palha, sem porta e nem janela. Todas as nossas supérfluas necessidades foram sacrificadas pelo instinto animal. Esse contato com a natureza exterior e interior foi superimportante pra todos nós. Ficou travada entre todos, brasileiros e australianos, uma aliança silenciosa de amizade, que acabou durando por mais uns dias em Bali.

Quando o barco já estava pronto pra partir e já tinha largado a próxima expedição no Camp, eu me vi, de uma certa maneira, naquele pessoal que estava chegando. Indo embora, vendo o acampa-

O misticismo e a natureza, juntos em Bali, formam imagens indescritíveis.

mento ficar cada vez menor, eu confirmei à minha própria maneira, o que o Valéria tinha me dito um ano antes: "Caro, Gradjagan é a onda do futuro". Ele tem toda razão, só mesmo uma fuga dos grandes centros pode se antecipar ao presente. Já foi tudo praticamente feito. O lugar, a onda e aquele grau de despojamento, só existem lá. E é essa combinação que torna G-Land um lugar tão especial e tão... futuro.

KASIM E MENDA

Quem já foi a Bali, certamente teve oportunidade de presenciar um verdadeiro show do surf nativa. E os dois maiores talentos do surf local são Made Kasim e Ketut Menda. O primeiro é goofie e não faz cerimônia nas esquerdas de Uluwatu. Menda prefere o surf hot-dog e é um verdadeiro rei do beach break de Legian. Os dois impõem respeito à sua maneira.

Ketut Menda é dono de uma cadeia de lojas, a Bali Barrel Surf Shop, e vive como quer. É fácil encontrá-lo. Basta ir para Legian no fim da tarde para presenciar um dos maiores shows de velocidade e manobras por segundo já visto. Ele é um demônio nas pequenas ondas com fundo de areia. Em compensação, quando o mar sobe e Uluwatu ou Padang estão quebrando, toda a descontração e arrogância cedem lugar a uma visível cerimônia pelos malignos espíritos do mar.

Como meu pico predileto era Uluwatu, tive um contato muito maior com Made Kasin. Quando estive na Indonésia, em julho de 85, Kasin havia sido considerado o melhor surfista da temporada, por todos que viram sua performance no corner. Tanto que acabou aparecendo no filme *Blazing Boards*. Ele já disputou algumas provas do circuito mundial, sem muito sucesso. Falta para Kasin, assim como para todos os balineses, força de vontade - é por isso que vai ser muito difícil a Indonésia fazer frente aos outros países no circuito mundial. A vida em Bali é muito generosa - as ondas são as melhores e estão sempre lá; vive-se bem com pouco; a temperatura é ideal... Sair de Bali pra quê?

hollywood
surf

Olha só o tamanh
Mais de 9.000 quilômetros de litoral. Mais de 1.000 praias
Praia do Francês, Praia da Pipa, Itamambuca, Jericoacoara, Joaquina, Atalaia, Embaixo são mais de 9.000 quilômetros de litoral. Mais de 1.000 praias
BRASIL

o do nosso clube.
SEA® CLUB
SURFWEAR
sta Sea Club e frequente. Limites: Só o de 200 milhas - Garopaba, Praia daGuarda do Embau, Praia da Ferrugem

WEST COAST®

Um pé lá, outro cá.

Av. Born Jardim, 60 Tel (0512) 61 2600 Telex (51) 3803 CEP 93900 Ivoti - RS

ALGO DE NOVO NO MAR ★ BY TICO ★ DESIGN/86 87

CG TEAM PEDRO MULLER

FOTO: ROBERTO PRIC

CRISTAL GRAFFITI

Você não acha que vai se sentir melhor?

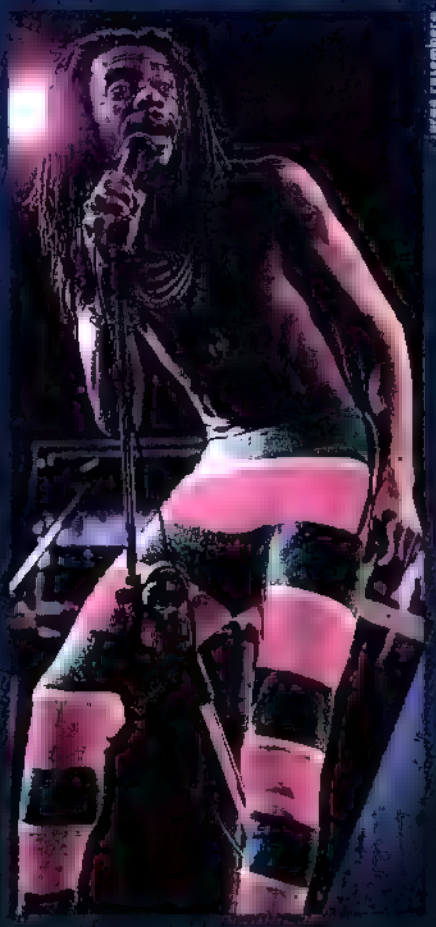
WAIMEA
DANGER
surfboards in pieces or get swept back
PAGE 34
"I became obsessed with fin
w many varieties o
ea could offer. Sin
ncounter, I've pla
above almost
in my life
arcelo laxe
HAWAII
Waimea Surf

insane
Tel.: 227 9217

MELODIA

por
OTÁVIO
RODRIGUES

Alguns músicos conseguem transformar a produção artística numa linha de montagem, pronta pra dar frutos a cada dia. Este aqui não. Ele descobriu o óbvio, descobriu que sua arte é que deve dar o ritmo pro trabalho das gravadoras, TVs, rádios, cia., e não o contrário. Talvez por isso não se vê disco novo dele todo ano e



nem ao menos se pode trombá-lo num programa de TV ou na maioria gorda das programações musicais das rádios.

Há, no entanto, uma legião de muitos e muitos admiradores em todo o País que não perdem seus shows por nada, e que sabem de cor quase todas as suas poesias.

O nome dele é Luiz.

Mas, podem chamá-lo

Chego no prédio, um daqueles apart-hotéis da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. O pessoal da recepção avisa pelo interfone, mas não consegue entender a resposta. Eu tento. Uma voz de tuba diz que quem está falando é o Roberto Carlos e que tudo bem, pode subir. Lá em cima, de calção e muito bom humor, está Luiz Melodia, cantor, compositor, instrumentista, 35 anos, uns 15 de circo, com 5 LPs lançados (*Pérola Negra, Maravilhas Contemporâneas, Mico de Circo, Nós* e *Felino*) e um 6.º pintando agora.

– Muita pressa? É que eu tava a fim de dar um mergulho...

E foi. Um mergulho digno de constar no Guiness Book: 3 horinhas. Banho, calção de novo e pronto. O primeiro assunto é o novo disco.

– É um disco sem grandes pretensões, as músicas foram gravadas até intuitivamente. Tem um samba que eu já compus há uma porrada de tempo... Estou na expectativa pra ver, porque tem muita variedade: rock, bolero, samba (samba mesmo), tem outra que é um funk... Acredito que tem uma unidade. Meus trabalhos anteriores tinham uma elaboração, agora tô mais avoado... Não sei se é a idade ou a sabedoria... E o nome do disco é *Claro*. É essa coisa de um disco sem pretensões, franco, objetivo, algo que brilhou tanto em mim que o nome ficou: *Claro*.

– E deve ser bom estar sempre com a mesma banda...

– É, eu tenho essa facilidade de fazer amizades e fazê-las durar. E o que mais vence, na música e no geral, é a união, a compreensão, a soma, né? Mas, houve mudanças. Quando o Zezinho saiu da banda foi uma coisa triste pra mim. Ele tava mais louco que eu e mais louco que eu não pode, se não vira bagunça.

– E você já se sentiu sozinho alguma vez?

– Já, inúmeras vezes. Acontece quando estou vulnerável, fraco. Mas, as pessoas interessantes do meu lado, dando força, impedem que eu me sinta só. Na verdade, somos sós...

– Ou já se sentiu egoísta?

– Deve ter acontecido, com certeza. Mas, são coisas que se deve podar, entende? São coisas que, de repente, não me fazem bem e não faz bem a ninguém. Quanto mais eu for reduzindo as coisas que não brilham pra mim no violão, mais eu vou estar certo. Já tive momentos egoístas sim, mas procuro aliviar. Pelo menos, né?

– E de que forma você resolve isso?

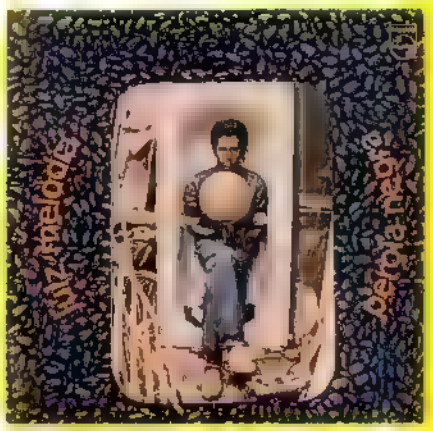
– Tocando, velho, cantando... Principalmente em palco. No palco fico bem à vontade, até mais do que quando estou no violão, compondo. Porque compor me tira muito, trocar ou pôr uma letra, sei lá, me deixa perturbado.

– E a inspiração?

– É, tem uma graça, eu já senti muitas vezes. E já houve vez em que compus e achei que não estava bem. Tem uma graça, isso tem.

– Você busca inspiração?

– Não, deixo vir. Acho que não tem como buscar. Só se você quiser fazer uma coisa comercial. Eu posso pegar o violão e fazer uma música agora e pode até ser uma inspiração, mas uma inspiração que não tem uma graça, uma fortaleza. Mas, quando vem essa graça – que pode até ser de Deus – faço coisas fantásticas, bonitas... Não é só porque se tem essa facilidade para compor que se vai pegar o violão e compor uma atrás da outra. É quando, de repente, eu evito fazer um disco atrás do outro, quando eu paro. É coisa que não agrada as gravadoras, as pessoas... Só que ficar como máquina é suicídio. Eu tento lutar, vejo que fracasso e me entristeço.



– E Deus?

– Deus tá comigo o tempo todo, desde que eu queira. Minha fé é confiar em mim mesmo, estar em contato com tudo, saber como e saber não. Às vezes, eu vacilo, mas não é tão difícil se chegar próximo dele não. Eu acho que o principal é cortar todas as besteiras que existem, ser o mais humilde possível. Ghandi, pra mim, é um exemplo disso, que vai durar gerações e gerações. Eu preciso até agradecer, um dia desses, sentar e agradecer essa força que algum poderoso me dá... Quando, por exemplo, eu vou fazer qualquer coisa, musicalmente falando, eu sento, eu paro e tenho uma concentração e me sinto tomado. Agora, também sei quando estou negativo. Este corte aqui mesmo foi uma coisa que não tava certa...

Estende o braço esquerdo: uma cicatriz estica-se de um lado a outro.

– Olha a marca. Toda vez que eu não tou legal destruo alguma coisa em mim. Eu estava completamente embriagado, sem condições, e resolvi abrir uma janela basculante. Empurrei, a mão entrou no vidro, rasgou tudo. Eu tava acabando de chegar de Salvador, e batia uma coisa tão negativa aqui no Rio...

– Muita tensão...

– Eu tenho muito envolvimento com ci-

dade grande, mesmo com todas as mentiras, toda a violência, porque já estou fincado, já há uma eletricidade. Eu sou muito carioca também, eu nunca vou deixar de ir na Zona Norte, nunca vou deixar de subir o morro – isso vai ser impossível. Nunca vou deixar de preservar minha humildade, seria uma doideira.

– Mentiras?

– O País é tenso. Ao mesmo tempo que parece relaxado ele é muito tenso. Tenso pela mentira, tem muita mentira, principalmente no Rio de Janeiro: tem panelinha de músicos. Como é que pode acontecer isso? Fulano de tal chama um, não chama outro... Acho uma coisa irreal, velho. Então, acontece esse medo de todo mundo se encontrar, se encontrar na verdade. É quando acontecem esses programas mentirosos, *Globo de Ouro, Fantástico*, que divulgam a música da forma mais absurda, mais enganadora possível. Não têm sentido essas coisas burocráticas...

– Sempre foi assim pra você?

– Em São Carlos mesmo, quando eu es-

tava no morro, era ótimo. Eu tinha meu quartinho onde eu ficava compondo. Eu era adolescente. Adolescente também em relação a todas as perturbações que já entraram na minha cabeça. Até mesmo quanto a fumar... Antes eu fumava, era uma coisa, mas depois, quando eu comecei a me encontrar com pessoas, ver as diferenças, os egoísmos, aí ficou diferente. Eu comecei a me embolar com a maconha. Eu não tô curtindo a maconha como curtia antes, entende? Mas, ela não tem culpa nenhuma nisso, ela é fantástica.

– Você é pela legalização da maconha?

– Eu sou. Embora eu ache emocionante ela assim proibida, pelo fato de eu ter nascido no morro, ter visto aquela coisa, tem uma poesia também. Se legalizassem não ia ficar tão fantástico, tão emocionante... Ia cortar o barato, sabe como é?

– O Gil falou que a maconha seria ideal numa sociedade mais feliz...

– É, o País é muito tenso. É um lugar bravo pra cacete, ninguém se solta, nem negro, nem branco... Ninguém tá a fim de morrer por isso até, se esforçar por essa coisa, que é de todo mundo, de estar junto. Aí fica essa tensão, essa mentira louca. Clara!

– E as drogas mais pesadas?

Essa geração que taí, eu vejo com interesse diferente. Essa rapaziada adolescente, surfistas, gente que gosta de dançar, é uma coisa genial, sadia. Eu não vivi essa barra, essa barra boa. Essas drogas que estão pintando por aí agora, não sei se vão fazer muito sucesso, porque intuitivamente eles estão cortando, estão mais interessados em outras coisas. A vida já é uma droga tão pesada, que se você usa uma droga mesmo, passa pra outro lugar... Já usei cocaína em momentos fantásticos e agora vejo que não é nada disso, não tá vencendo. É loucura, é destruição, o barato vai ser diferente.

– Tá tudo solto por aí...

– Há uma desavença geral, de pessoas com pessoas. Isso vai ficar claro daqui a algum tempo, desencontro total. Eu vejo isso no ar. Há falta de amor, há ganância, essas coisas. O desenvolvimento do ser humano na face da Terra está estranho, muito estranho. Meu pai sempre falava de desencontros fatais, absurdos, que é o que deve estar começando a rolar. Eu não fico com medo, fico triste.

– Que é que falta nesse mundão aí?

– Minha esperança é ver a música tomar geral, todo mundo tocando. Existe uma falta de atenção, hoje, para com a música. É por isso que acontecem essas besteiras, guerras, conforme rola na África do Sul... Se todo mundo ouvisse música ao invés de comprar armas seria bem diferente.

– Você ouve o quê?

– Convivi com a música de muita gente dentro do meu quartinho lá no morro. Gostava muito do Roberto Carlos, mas hoje, pra mim, ele já não faz coisas tão interessantes. Agora, já tem uma complicação que me irrita, mas eu ainda admiro muito ele. Caetano Veloso é uma pessoa que eu também admiro bastante, pela facilidade que ele tem de escrever, uma coisa fora do comum. Adoro ver a Gal cantar músicas minhas e venho gostando de muita coisa, como Lazzinho, Stevie Wonder, o Cazuza, o Lobão...

– Além dos mergulhos e da música, que mais te chama atenção?

– Cinema. Adoro ir ao cinema. Inclusive penso até em trabalhar em cinema. Se, de repente, o Cacá Diegues me convidasse pra uma ponta nesse filme que ele tá fazendo, o *Trem das Estrelas*, eu faria.

– O Cacá disse que esse filme era fruto de um aprendizado que veio da união com a mulher dele. E você com sua mulher, a Jane, como é que é?

– Acho que acontece uma construção, onde os dois participam. Cada um tem uma informação para dar pro outro e eu acho que o Cacá disse isso porque a mulher tem uma sensibilidade diferente, ela segura coisas que o homem não segura, a gravidez, milhares de coisas que são de uma pureza fantástica. Tem que respeitar.

– E a moçada se acasalando por aí?

– Hoje há uma liberdade, uma liberação que vai passando até pros pais e vai se expandindo. É uma coisa que eu não tive, essa transa de carinho.

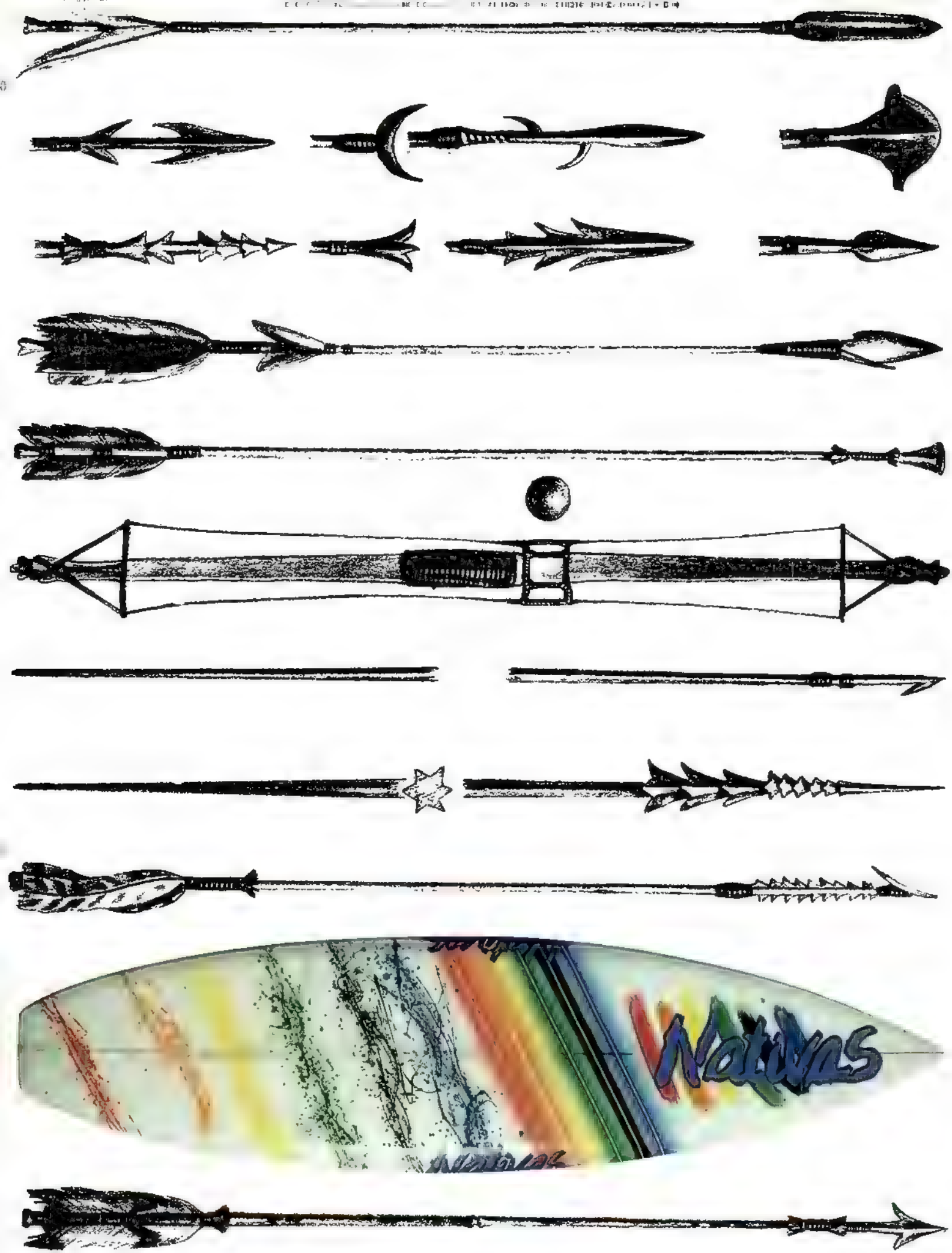
– E o sexo?

– Deve ter alguma coisa que faça as pessoas estarem trepando umas com as outras o tempo todo... Sei lá, pode ser insegurança, inúmeras coisas podem pegar no sexo também, né? E extravasar é a melhor coisa que se pode fazer talvez até encontrar seu parceiro ideal. O sexo em si é uma coisa fantástica, todo o relaxo que você tem com a mulher que você curte, sei lá, com quem você esteja, com homem... Mas, não sei dizer se é certo ou é errado você trepar direto.

– E sua transa com o público?

– Há pouco tempo estive fazendo shows no Nordeste, num lugar que jamais viajei com a freqüência que viajo no Sul. Em lugares como Maceió, Recife, Fortaleza, onde nunca fui, encontrei aquela multidão de gente. Comecei até a acreditar em mim mais uma vez. Fiquei maravilhado, é surrealismo. Eu tenho muito carinho com o público, nós somos muito amigos. É uma relação muito forte, é uma troca. O possível que eu puder dar pro público... comigo mesmo. É com Luiz Melodia!

Oiki
SPORTSWEAR



São Paulo Criação

RUA DOS CHANÉS, 234 • ESQUINA COM JURUPIS • CEP 04087
MOEMA • SÃO PAULO • FONES: (011) 530.1002/240.6323

Fu.

WATER SPORTS

R. Conde de Bonfim, 615, Lj. 115 - Cep 20520
Rio de Janeiro - Tel.: 571 5648

ZAPI / ERNESTO BALDAN

Your eyes are surfing.

ALFORRIA

"31 de dezembro de 1985, 17 horas, Ilhabela, Latitude 23°47' Sul, Longitude 45°22' Oeste, ventos do quadrante Leste, muito fracos, mar calmo, rumo 70° Nordeste".

São esses os dados anotados na primeira página do diário de bordo do veleiro Alforria, um Fast 410. A bordo, a tripulação marcava a rota pela costa brasileira até o Caribe. Seria uma viagem costeira. Tornou-se uma travessia oceânica quando, no Caribe, três tripulantes decidiram cruzar o Atlântico, via Bermudas, até a costa africana, com escalas nos Açores, Madeira e Canárias, incursionando pelos hemisférios Norte e Sul. Foram dez meses de viagem e 12 mil milhas navegadas.

Mais que uma grande experiência em navegação, essa viagem imprimiu em cada um dos tripulantes a marca dos homens do mar - a solidariedade, a responsabilidade e o respeito por si próprios e pela natureza. Numa convivência mais que ideal, eles conseguiram derrubar os tradicionais conceitos hierárquicos a bordo e transformaram-se numa equipe em que a liderança era encargo de todos, não havendo lugar para a clássica figura do capitão, cuja palavra é lei e em quem sobrecai toda a responsabilidade a bordo.

Pedro Cruz Villares, dono do barco, abdicou, desde o início do projeto, qualquer supremacia a bordo. Como no mote dos antigos cavaleiros, era um por todos e todos por um. Partiram, então, como aprendizes, ansiosos por cumprir corretamente a rota traçada. Retornaram tranqüilos, certos de que a harmonia é condição primordial para a vida, no mar ou em terra firme.

Mesmo as mudanças ocorridas entre a tripulação, que variou de 7 a 3 tripulantes, não alteraram a disposição inicial. Ansiedades, aflições, conflitos

Alforria, um veleiro de 41 pés de comprimento. A bordo, uma tripulação ainda pouco experiente, mas cheia de vontade. Um sonho sem destino certo, sem hora marcada, que duraria dez meses e deixaria pra trás cerca de 12 mil milhas de mar, ilhas e países desconhecidos, tempestades, ondas gigantes, solidão... Um desafio pro corpo e pra cabeça.

por

fotos

e mau humor iam dissipando-se a cada milha navegada. Uma adaptação gradual ao barco e à própria viagem evoluía a cada porto. O barco se transformando em casa, em tripulante, em igual.

PRIMEIROS PORTOS

Na primeira escala, em Vitória, Espírito Santo, o desembarque de Paulo Villares, pai de dois tripulantes, foi o aval final - eles estavam aptos a seguir. Em meio às cartas náuticas, pilot charts e livros de navegação, a tripulação revia a rota, lembrando os conselhos de um experiente velejador, Hélio Setti, segundo brasileiro a dar a volta ao mundo em barco à vela, que lhes ensinara a navegar pelo sol e estrelas - recurso que utilizariam quando a distância da costa não permitisse mais a navegação costeira.

Abrolhos, Recife e Fortaleza foram as escalas seguintes. Até aí, uma navegação tranqüila, com bons ventos a impulsionar o barco rapidamente - o log (instrumento que mede a distância percorrida) marcava até 225 milhas navegadas por dia. Uma nova rota para a equipe que, até então, não tinha se aventurado além das águas cariocas.

A ultrapassagem da zona equatorial, ao redor da Latitude 0°, conhecida por zona de Doldrums, onde a incidência de temporais e calmarias é alta, ocorreu em época adequada, fevereiro de 86, e a tripulação não registrou nenhum problema. Apenas um novo ritual a bordo antes da atracação no primeiro porto estrangeiro, ilha de Salut, na Guiana Francesa - bandeira brasileira hasteada à popa do veleiro e a tripulação, endomingada, baixava à terra.

CARIBE

Outro marco da viagem foi a chegada à ilha de Granada. Finalmente o Caribe, com seu visual de paraíso insular. Daí, em Petit St. Vicent, a tripulação que era formada por Pedro e Luís Cruz Villares, José Fernandes Filho, Antonio Carlos Brasiliense, Renato M. Machado, Álvaro Guidotte e Luís Fernando Rodrigues, sofreu as primeiras baixas: os dois Luís desembarcaram.

Um estai (cabo que sustenta o mastro) partido e a necessidade de pintura no fundo do casco mantiveram a equipe ocupada durante alguns dias na ilha de Martinica, onde outros navegantes faziam escala, como o brasileiro Aleixo Belov, que estava velejando ao redor do mundo, solitário, pela segunda vez.

Em Antígua, outros encontros e mais uma baixa a bordo - para Álvaro a viagem terminava ali. Era o mês de abril e o famoso English Harbour estava apinhado de veleiros que participariam da Semana de Vela de Antígua, tradicional evento náutico da região. A bordo de um Swan de 57 pés, o Yellowdrama, a tripulação brasileira correu as regatas e conheceu o americano Peter Powel, que acabou engajando-se no Alforria no lugar de Renato, que retornou ao Brasil.

A pequena tripulação do Alforria já havia decidido cruzar o Atlântico, via Bermudas/Açores. Apesar de se sentirem um pouco solitários sem os companheiros de viagem, os três velejadores perceberam que uma nova fase tinha início.

O ATLÂNTICO

A admissão do velejador americano na rota até a costa africana ocorreu mais por insegurança da tripulação do que por necessidade. Afinal, os três tripulantes iam cruzar o Atlântico a seu modo. Utilizando o equipamento de navegação por satélite (Sat-nav), que corrigia as posições encontradas através da navegação astronômica, e consultando as pilot charts, os três optaram por um rumo mais ao largo, aproveitando os ventos Alísios. Os turnos no leme, agora, eram feitos por três pessoas timoneando por quatro horas cada uma durante o dia e 4 tripulantes revezando-se no timão por três horas, à noite. Com a rotação dos horários, sobrava um dia de folga por semana. Após 14 dias de viagem, o primeiro sinal de terra: a costa dos Açores. No porto, José Mário Brasiliense e Corina Stauch deram as boas vindas à audaz tripulação. Juntos, rumaram para as ilhas Flores, Faial e São Miguel, procurando vestígios das primeiras embarcações que atracaram nessas praias buscando a rota para as Índias. Poucos dias depois, eles aproveitariam o vento Nordeste para rumar para a ilha Madeira, atracando em Porto Santo. Dez dias em terra firme quase disfarçaram o andar gingado dos navegadores, que se tornaram tão marujos a ponto de só tomarem banho de água salgada nesses sete meses de viagem.

De Madeira a Canárias, um centro de alta pressão afastou as habituais tempestades da região e o Alforria fez escalas nos portos de La Palma, Tenerife e Gran Canária. Aí, Corina desembarcou.

RUMO A DACAR

Agora, era a travessia de 900 milhas até Dacar. Nesse trecho da viagem, puro delírio a bordo - um mar com ondas de 5 a 7 metros de altura e ventos de popa com força de 20 a 30 nós. O Alforria se transformando em prancha de surf em manobras super radicais (vide quadro), quase se perdia naquele mar imenso.

Porto de Dacar, Senegal, África. Aí, a tripulação encontrou velejadores franceses que haviam explorado o rio de Casamance, onde as tribos Karabane e Nijoumoune vivem em quase total isolamento.

Alguns dias depois , o Alforria cruzava a embocadura do rio e subia 15 milhas entre bancos de areia e forte correnteza. Mais afastados da costa que a tribo Karabane, os Nijoumoune guardam seus rituais e hierarquias femininas e masculinas. Um padre francês, há 35 anos na aldeia, contou histórias dos feiticeiros da tribo - em rituais coloridos e misteriosos, os pajés clamam por chuvas, curam doenças, fertilizam a terra e abençoam as caçadas. Natureza, deuses e homens convivendo em paz.

PARA OESTE

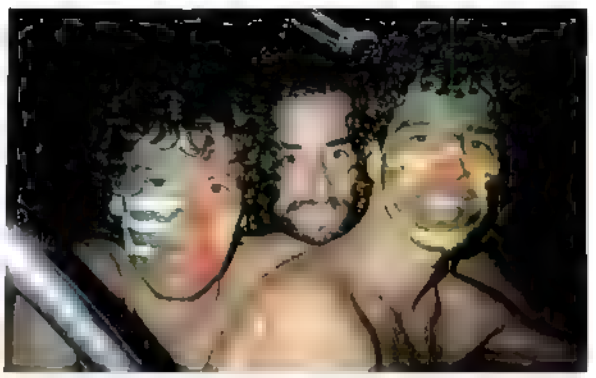
Ainda encantados pela vida tribal, os tripulantes iniciaram o planejamento da viagem de volta. Ao largar o porto, seguiram o vento predominante que os levou mais ao Norte, na Latitude 4,5°, onde alcançaram os ventos ciclônicos e puderam baixar até as latitudes Sul, cujo regime anti-ciclônico permitiu uma rota direta a Fernando de Noronha.

Treze dias de travessia. Infindáveis crepúsculos indicando a tortuosa rota para Oeste. Sat-nav quebrado e os navegantes perseguindo o Sol com o sextante. Numa tarde, a proa do Alforria cortou águas territoriais brasileiras. Mais algumas milhas e o perfil do Morro do Pico, principal marca costeira de Fernando de Noronha, era avistado.

Na baía de Santo Antonio, fortes ventos chamavam o veleiro para o alto-mar. A tripulação cansada queria terra firme sob os pés. Ver o mar da costa, deitados em alguma praia deserta, era tudo que eles precisavam para sonhar com o continente que estava além daquela linha rigorosamente horizontal entre céu e mar.

Depois, o primeiro porto conhecido. Nove meses de viagem para jogar ferros, outra vez, em Recife, Pernambuco. Retorno, velho hábito dos que partem pelo oceano. Reencontro - cidade, carros, aviões. Amigos esperando no cais. Chegada de mais uma tripulante, Gisela A. Batista, marinheira de primeira viagem, que enfrentaria chuvas e uma assustadora tempestade. Antes de partirem, um bom tempo em terra permitiu aos marujos banhos de água doce, lautas refeições e longas caminhadas.

O cheiro de maresia da baía de Todos os Santos anunciou a chegada.



Pausa. Carnaval em Dacar, no Senegal. A tripulação se pinta pra guerra depois do surf em alto-mar.

Terra, mar, terra... Imagens se sucedem, revelam emoções.

Mais uma escala na rota. Daí, costeando as praias baianas, o rumo por Morro de São Paulo e Trancoso. Costa deserta nessa época do ano quando os insaciáveis turistas ainda estariam planejando a invasão de verão.

Na entrada do canal de Abrolhos - um parcel de parede com 30 milhas de comprimento - uma frente fria chegou. Sem carta do local, com visibilidade baixa e a âncora arrastando, a tripulação tentava firmar o barco. Na terceira tentativa, o veleiro saiu para mar aberto, onde não haveria perigo de ser arrastado para os recifes. Por toda a noite seguiu sob a tempestade. De manhã, as velas foram levantadas - genoa 4 e vela grande rizada - e o rumo marcado para Vitória. Aí, o veleiro pôde ser arrumado e a tripulação descansou após 36 horas de batalha. A dura prova, quando já estavam tão perto do porto de chegada, só fez aumentar a ansiedade dos navegadores.

Nos dois dias seguintes, com um bom vento Nordeste, eles seguiram direto para Ubatuba, atracando no Saco da Ribeira. Por rádio, combinaram com familiares e amigos um encontro para o dia seguinte - 1.º de novembro de 1986, 12 horas, Ilhabela. Última anotação no surrado diário de bordo do veleiro Alforria. Terra firme outra vez.

SURF EM ALTO-MAR

"Durante quase toda a travessia entre as ilhas Canárias e Dacar, na África, tivemos a sensação de estar surfando em alto-mar. Aproveitar o embalo das ondas é recurso bastante conhecido dos surfistas e velejadores. Para nós, foi uma experiência inédita. Surpresos com a velocidade do barco, nós despencamos literalmente rumo ao Sul, carregados pelos ventos Alísios que, no hemisfério Norte, sopram no sentido horário.

O Alforria, que tem 41 pés de comprimento e oito toneladas de peso, ficou pequeno naquele mar que ameaçava invadir a popa, principalmente à noite. Foram três horas de pura emoção. Da minha cama na cabine, podia ouvir o Pedro e o Zezinho dando urros durante os droppings.

Num dos meus turnos, cheguei a duvidar dos instrumentos, que travaram numa velocidade de 13 nós. O Neco bateu o recorde da travessia, atingindo 15 nós! É bom explicar que a velocidade teórica de cruzeiro de um barco de 41 pés, como o Alforria, é de 6 a 7 nós e esta média subiu para 9 nós, alcançando picos de 11 e 12 nós nas condições de planagem. Dentro da cabine, próximo aos estais e ao mastro, era possível sentir certa vibração e ressonância.

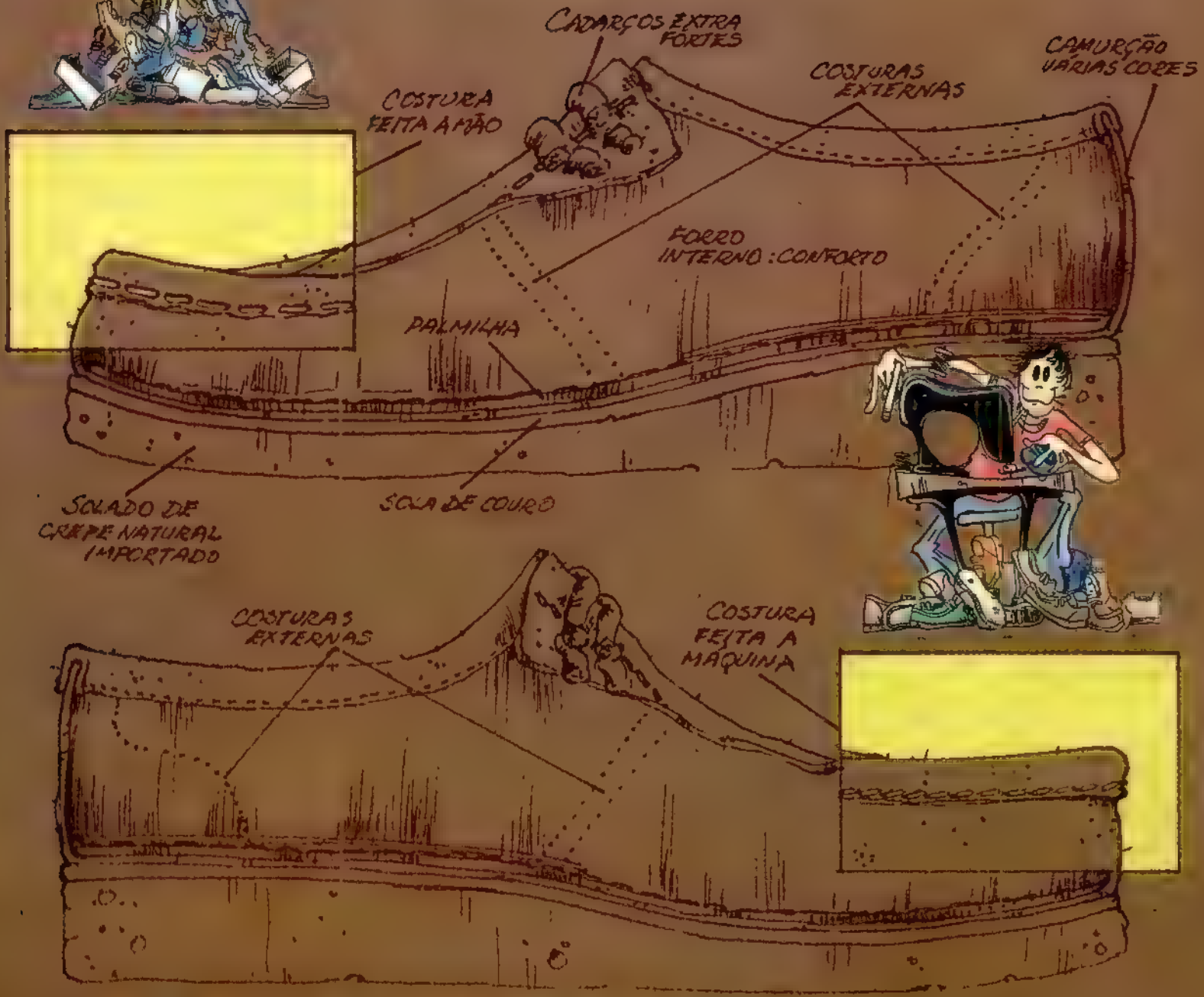
A força do vento estava em torno dos 25 nós, aumentando com as rajadas. Enrolamos a genoa e demos o segundo rizo na vela mestra. Para aproveitar o vento em popa, colocamos a genoa do lado oposto à vela mestra, com a ajuda do pau de spinnaker, montando as velas em asa de pombo (uma para cada borda). Dessa forma, o barco entrava em movimento pendular, com a ponta da retranca e do pau de spinnaker quase tocando a água. Quem embarcasse na trip da velocidade e não ficasse atento ao rumo do barco e das ondas, seguramente aprontaria um estrago - o barco poderia atravessar quando o vento entrasse por trás das velas e o resultado seria velas rasgadas, equipamentos quebrados ou perdidos e um belo susto. Taticamente, procuramos manter o barco a 90° da onda, para que esta passasse pela quilha de 2,30 metros, sem muita resistência. Quando isso não era possível, o barco tendia a atravessar o vento e adernar excessivamente. O lance era equilibrar o leme o mais cedo possível, ainda no pico da onda. Aí, a proa saía da água e o leme tornava-se muito leve.

Para os verdadeiros surfistas que nos leem, a título de curiosidade, vimos esta ondulação quebrar perfeita nas praias próximas à ilha de Angone, a 10 ou 20 km ao Norte de Dacar."

José Mário Brasiliense (escrito entre as ilhas Canárias e Dacar).

FESTIVAL PHILIPPINES
BODY BOARDING

A MÃO OU A MÁQUINA?



A escolha é sua. O importante é que seja CANNON.
Só ela garante o espírito CANNON.
O cuidado na sua confecção, do projeto até você, garante a qualidade e faz do CANNON mais que um calçado um equipamento indispensável para levá-lo até onde sua cabeça imaginar.

A mão, a máquina e a pé.

CANNON SHOES

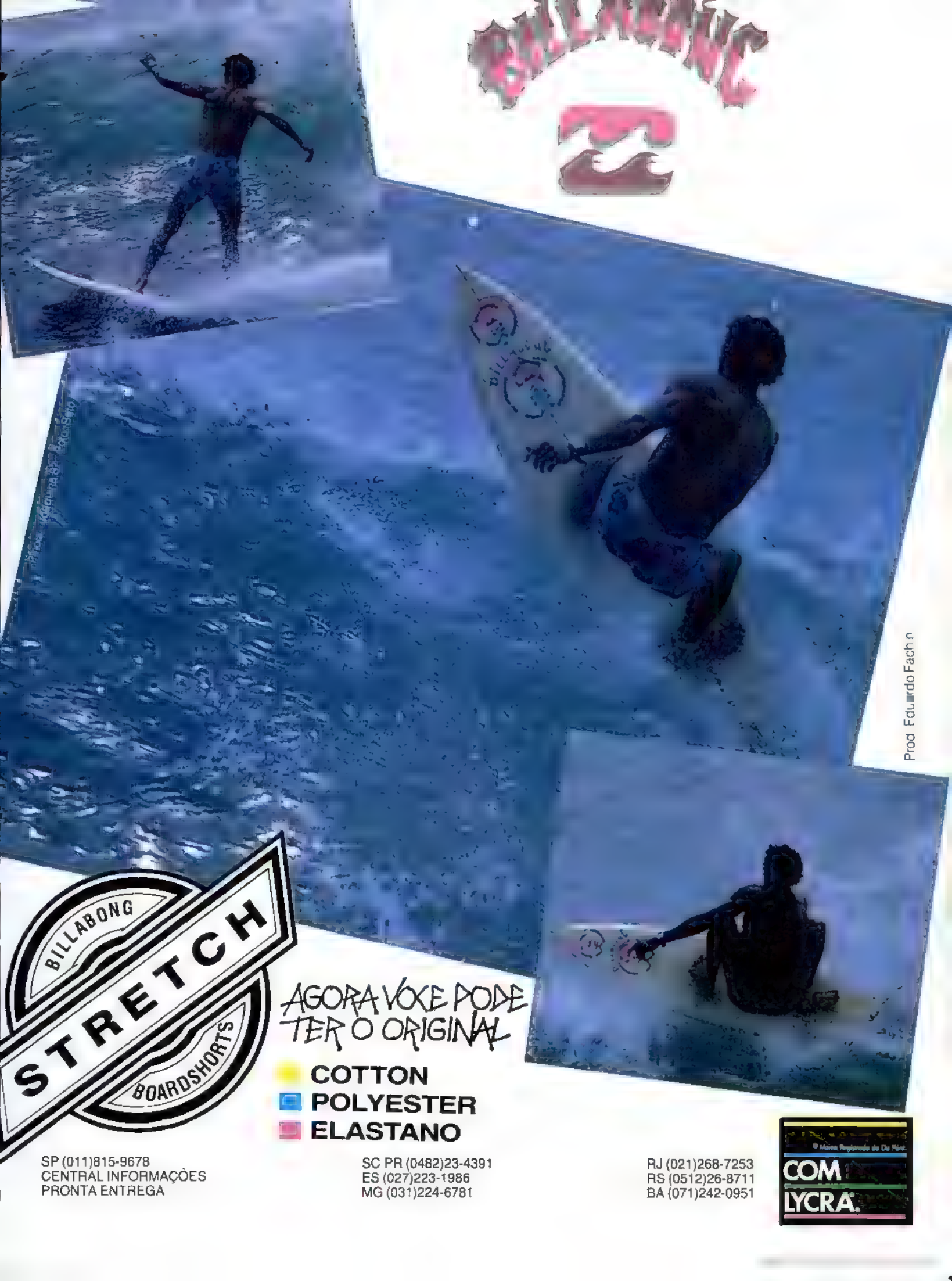
CANNONSHOES INDUSTRIA E COMÉRCIO LTDA.
R. Harmonia, 967 São Paulo / SP
CEP 05435 Tel. (011) 815-3640

Foto: Marcos R. O.

TRIP/SURF REPORT

Print Rip

TEL: (011) 549-5963



BILLABONG
STRETCH
BOARDSHORTS

AGORA VOCÊ PODE TER O ORIGINAL

- COTTON
- POLYESTER
- ELASTANO

SP (011)815-9678
CENTRAL INFORMAÇÕES
PRONTA ENTREGA

SC PR (0482)23-4391
ES (027)223-1986
MG (031)224-6781

RJ (021)268-7253
RS (0512)26-8711
BA (071)242-0951

COM LYCRA®

HAU

FOTOS: MARCELO LANF

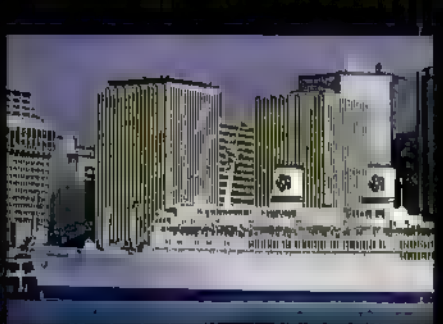
Jorge Pacelli, campeão de pranchas quebradas neste inverno: sete!

Mike Latronic. Surfista sério.

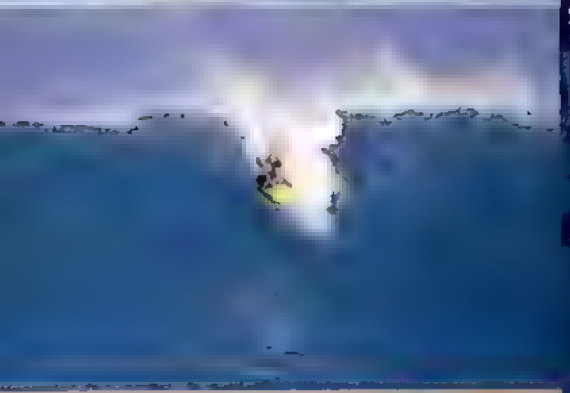
QUAL

POR EDUARDO BORGERTH

Pipeline. De fora d'água parece fácil...



Honolulu: uma metrópole.



Ao longo dos anos, várias explicações foram tentadas para alcançar o verdadeiro significado da palavra Hawaii. Alguns segmentos propõem que ela teve origem no explorador polinésio chamado Hawaii Loa, o descobridor das ilhas, embora tal tese não clarifique o conteúdo da expressão "hawa" (nome dado ao lugar de origem de alguém ou de algum povo), com "ii", ou "ike", que quer dizer pequeno; o resultado disto, seria algo perto de "Pequeno Lar".

De acordo com o registro histórico das viagens dos habitantes do Tahiti, por volta de 124 A.C., por ser o vocabulário nativo muito resumido, várias interpretações são atribuídas a uma única palavra. Desta forma, "Local em Fúria" também apareceria como possível significado do substantivo Hawaii, já que na seqüência, "ii" representa "além de", "pequeno", "fúria". Historiadores acreditam que os Polinésios conquistadores do Pacífico vieram do Sudeste Asiático, e que via Tahiti disseminaram sua cultura pelas demais ilhas do pacífico sul, chegando até o arquipélago Hawaiiano no Hemisfério Norte.

O mundo ocidental tomou conhecimento de Hawaii em 1778, quando o capitão da marinha inglesa James Cook, a bordo do Resolution, avistou a Costa Sul de Big Island, parte de Kauai e Oahu. Em homenagem a seu patrono, batizou a descoberta de Sandwich Islands, e um ano mais tarde, após estabelecer relações de trocas com os nativos, foi morto num episódio em que tentava resgatar um escaler roubado em ato de rebeldia por habitantes locais cansados de abastecer a frota inglesa com seus poucos recursos. O antigo Hawaii era governado por deuses e reis, sendo que os primeiros representavam basicamente as forças contidas em fenômenos naturais. Como a cada período do ano, diferentes características ambientais são mais evidenciadas que outras, era comum aguardar-se a cada estação a visita do respectivo deus; quando Cook apontou no horizonte Hawaiiano, aguardava-se a chegada do deus dos ventos, Lono. Para os nativos, Cook era a representação humana do deus esperado, já que chegara em meados de janeiro, trazido dos mares pelas forças do vento, conforme previsto pela cultura das ilhas. O capitão inglês sacou o favorecimento

1) E foi assim que tudo começou... Chris Frohoff e um black trunk. 2) A body boarder Franco Hazar jogando forte nas ondas grandes. 3) "Fast Eddie". Ou... "Brazilian Terminator". 4) Recuerdos havaianos... 5) João Maurício conheceu do porto o fundo de coral. 6) Martin Potter. 7) Tom Carrol, ostora machucado durante quase todo inverno. Segundo o jornal australiano Tracks, ele roubou um brasileiro e ganhou uma pranchada: 16 pontos na perna. 8) Taiu, já faz parte do cenário.

CRÉDITOS DAS FOTOS: 1 e 3) *PAUL COHEN/VISUAL ESPORTIVO* 2 e 4) *MARCELO LAZE* 5) *AIRTON TADEU KIELING/SRC*

que tal crença lhe trazia, todavia, semanas antes de ocorrer o fato que o conduziu à morte, fôra desmistificada por nativos desconfiados da ilegitimidade de sua condição – o que certamente contribuiu bastante para o desfecho trágico que encontrou.

Na época em que Cook chegou às ilhas, elas eram dominadas por reinados independentes, que seguiam critérios de hereditariedade para a manutenção do poder. Um desses chefes, Kamehameha I, "The Lonely One", consolidou seu poder em sete das oito ilhas que compõem o arquipélago (a exceção foi Kauai, que mais tarde foi unificada pelo sistema monárquico vigente). Hawaii permaneceu como monarquia até 1893, tendo sido governada pelos reis Kamehameha I, II, III, IV, V, Rei Lunalilo, Kalakaua e, finalmente, pela Rainha Liliuokalani. Então, em 1898, passou a ser uma república.

Um fato historicamente relevante ocorreu após a morte do último monarca. O governo provisório, sob responsabilidade de Sanford Ballard Dole, frente às dificuldades que enfrentava, requisitou anexação ao então presidente dos Estados Unidos, Grover Cleveland. Este, por não ser simpático ao governo provisório de Dole e às revoluções internas pelas quais passava a república, negou o pedido.

O governo seguinte ao de Cleveland tinha um maior apreço pela idéia de anexação da república ao continente americano, dada a privilegiada posição estratégica, comercial e militar do arquipélago. Foi então que Willian MacKinley aprovou junto ao congresso americano a anexação oficial do Hawaii aos Estados Unidos. Rapidamente a possessão passou a território e, em 14 de junho de 1900, Dole foi apontado governador. Nessa ocasião, alguns parentes seus vieram da Inglaterra em busca de fortuna, e através de contínuas experiências realizadas com abacaxis, descobriram uma variedade bastante adaptável às condições climáticas do solo Hawaiiano. Estabeleceu-se, a partir de então, uma das maiores culturas de abacaxis do mundo.

No início dos anos vinte, foram iniciados os primeiros esforços para promover o turismo no Hawaii. Apenas em 1936, a Panamerican Airways inaugurou sua primeira linha comercial regular para as ilhas. Em seguida, veio a Segunda Guerra, com o ataque a Pearl Harbour em 41 desestruturando todo o esquema de crescimento recém-implantado nas ilhas. Novamente em 50, a guerra trouxe novos sacrifícios às ilhas (Guerra da Korea), que experimentaram, pela proximidade do local do conflito, uma enorme demanda de material bélico, juntamente com elevados contigentes militares prontos a atuarem. Passada a guerra da Korea, o Hawaii sofreu um enorme crescimento, onde a indústria do turismo teve expressiva participação (junto à agricultura, defesa pública e construção civil, as principais fontes capitalizadoras de recursos).

O Hawaii, que hoje recebe anualmente cinco milhões de visitantes, representa o quinquagésimo estado americano (21 de agosto de 59). Apesar disto, determinadas características sócio-culturais ainda guardam algo de épocas remotas... numa mistura entre passado e presente, tradição e desenvolvimento. Apesar de todos os benefícios (benefícios?) trazidos pela cultura dos brancos, negros, cristãos ou judeus, o solo Hawaiiano guarda a mágoa de não ter permanecido intocado. Seus mais antigos habitantes relembram as épocas em que eram donos de suas propriedades e sua terra. O enorme *input* de capital americano inviabilizou qualquer tipo de bem-estar dos que antes viviam num lugar regido por deuses e forças naturais... A perda da liberdade de outrora, coloca o paraíso hoje numa situação incômoda, pontilhada por submissão, dor, e humilhação.

Hawaii; lugar de vários "donos",
de cultura e tradição esvaziadas,
de povo sem identidade.
Hawaii; lugar um dia chamado de "Paraíso",
um dia habitado pelo "Aloha Spirit",
um dia perdido para sempre...
... na modernidade do mundo, e ganância dos homens.

ALOHA HAWAII, ALOHA

Por vários motivos, a costa norte da ilha de Oahu, no arquipélago do Hawaii, atrai anualmente surfistas de todas as partes do mundo. Aus-

O Hawaii é a segunda maior potência mundial em surf, só perdendo para o Japão. Em terceiro vem o Brasil – acredite ou não.

À direita, Ricardo Bocão, um surfista que soube usar o tempo, ao invés de deixá-lo passar. Já na casa dos 30 anos, ele mantém-se em forma e impõe sua experiência, arrancando elogios dos havaianos. É uma das presenças mais constantes no big surf das ilhas.

trália, Indonésia, Japão, França, Inglaterra, Peru, Brasil, e obviamente americanos residentes no continente, comparecem em massa, acentuando ainda mais as características já bastante cosmopolitas do local. Vê-se de tudo; falando-se todas as línguas, presenciando diferentes tipos de atitudes e expressões culturais; torre de Babel perde... No meio disso tudo, é claro, a moçada latino-americana mistura terceiro-mundismos com modernidades, inglês com mímica, maneirismos com sistemas exatos... Sonhos com realidades. Curto-circuito.

Quem vai ao Hawaii pela primeira vez, ganha um impacto. Aqueles que voltam, novamente ganham um impacto; aqueles que insistem, mesmo que anestesiados pelas experiências anteriores, sofrem conseqüências pelo choque causado pelas características sociais, econômicas, políticas e geográficas do local é novo impacto. A verdade é: o lugar tem algo de mágico ou kármico pois com duas semanas de estadia na ilha (às vezes até menos) não há quem escape à atmosfera louca de não ter passado nem muitos planos concretos para o futuro: é algo meio *Hair* ou *Godspel*; algo meio Hippie / Flower Power. Inexplicável. *Please: don't take me wrong;* isso não acontece apenas com latino-americanos, não. Isso acontece com todos que para lá se dirigem ao final de cada ano, na busca de um ideal ainda não plenamente realizado, na fuga de um cotidiano massacrante, pais opressores, ou desajustes gerados pela transição da idade adolescente para adulta. Ouvi falar em algum lugar que o Hawaii já se chamou "Terra do Nunca"...

Bem, e os brasileiros nesta estória toda: onde é como entram? Muito simples: imagine um xavante que jamais conheceu nada além das matas, ser colocado de uma hora pra outra no meio da avenida Paulista numa segunda-feira, às cinco horas da tarde. Vamos lá: imagine essa situação na cidade que quiser... Dá ou não dá curto-circuito? Pois bem, é assim que a maioria da "galera" se sente. Barreiras lingüísticas, econômicas e fundamentalmente culturais, tornam o "sonho" menos cor-de-rosa.

A temporada de surf 86/87, ocorrida na North Shore de Oahu, certamente teve de tudo: localismos, brigas, perdas e danos, *Pineapple* com coco-

1) *Cena incomum: Mark Richards em Waimea. O tetracampeão mundial veio, viu e venceu.* 2) *Precisa legenda?* 3) *O surf nordestino mandou seus embaixadores. Aqui, Carlos Burle.* 4) *Paulo Tandes, relembrando em grande estilo seu primeiro inverno havaiano, nos anos 70.* 5) *Big Wave e Tube-Rider. James Jones levam no sangue as tradições Havaianas.*

CRÉDITOS DAS FOTOS: 1) *PAUL COHEN/VISUAL ESPORTIVO* 2, 3, 4 e 5) *MARCELO LAXE*

1 a 3) *A evolução da fotografia de surf permite que se capte, em apenas alguns frames, toda a beleza de um tubo rolando sobre águas rasas e fundo afiado. Marcelo Laze documentou em seqüência um dos brasileiros que mais viajou nos últimos anos: Lanzinho.*

FOTOS: MARCELO LAZE

nut, Post office e *Food Land*. Claro, teve de tudo, como toda temporada havaiana. Uma coisa no entanto sobressaiu-se à média: a qualidade das ondas. O Kona wind praticamente não deu as caras, e até meados de janeiro uma constante de dois swells semanais se intercalaram com swells de dez a quinze, com ocasionais de vinte, vinte e cinco, e trinta pés de altura. Lugares menores como Jocks, Chuns, Gas Chambers, Rocky Point, V-Land, entre outros, cederam lugar às grandes donas da festa: Sunset Beach e Waimea Bay. Não, não, não estou esquecendo: Pipeline quebrou meio que à revelia das condições de swell, mares, deslocamentos de areia sobre a bancada, e crowds, e Haleiwa, clássico, lembrou competições passadas... Mark Richards consecutivamente venceu o Billabong em Sunset, deixando o tubo de Kong em segundo plano e o Sam George ainda vem com aquela estória de que surfar como M. R. é out... Pipe Masters *title*, ficou com quem esperava-se que ficasse: Derek. E finalmente Kedeman (pronuncia-se Rridimänn) venzeu um ensopado e sem graça World Cup. A brasileirada se inscreveu em massa no Billabong (oa toda 25), mas tirando Almir, ninguém este ano chegou no evento principal.

Pepê Lopes (o da época do *Brasil Surf*) deu show em Pipeline; Bocão e Murilo, sobressairam-se em Waimea (Bocão bastante elogiado por locais como Foo, entre outros). Na área de Roque-Pe, basicamente os trinta e cinco (ou eram quarenta e oito?) destacaram-se como os melhores entre os iguais... quanta gente! Nossa! teve caso de pessoas que não foram ao Hawaii. Foram a Rocky Point... Rodeios à parte, os brasileiros se destacaram mesmo foi fora d'água, quando a "Embaixada de Marte" declarou guerra à comunidade local e de pau na mão, saiu à luta. Cômica, se não tivesse sido trágica. Deu polícia, CIA, SWAT, corpo diplomático, assistente social, curiosos e lambe-lambes internacionais.

Curren, com seu short preto discretíssimo, era atitude em pessoa: grandes performances. Carroll idem quanto às performances, não quanto às atitudes. Cheyne, quem? Pouco foi visto. Potter idem. M. R. matou, e deu mostras de que ainda surfa por puro *fun*. Mike Latronic, Ronnie Burns, Brock Little, fazendo fama entre surfistas sérios. Shaun Owens, Richard Schimith, consolidando o arco do

O Capitão Kook sendo recebido pelo rei Kamehameha

1 e 2) *Tom Curren, a atitude em pessoa.* 3 e 4) *Evaldo Gueiros, mais um nordestino pegando boas ondas no Hawaii.* 5) *Pepê Lopes relembrou seus tempos de* Brasil Surf *e mostrou por que foi considerado Pipe Master quando tinha só 17 anos.* 6) *Murillo Brandi surfando em ondas grandes. Nesta foto, em Waimea, Murillo mostra tranqüilidade no drop, tendo atrás o veterano do Vietnã e big wave Rider conhecido no North Shore, Roger Erickson.*

CRÉDITOS DAS FOTOS: 1, 2 e 5) MARCELO LAXE 3, 4 e 6) PAULO COHEN/VISUAL ESPORTIVO.

triunfo em Sunset Beach. Cole, Grigg, Speece, Bradshaw, Erickson, Jones, sem comentários: em todas acima dos dez pés, definindo fronteiros na terra de Marlboro, ou onde os homens se encontram... Continuando com a listinha (isso já tá ficando parecido com aquela coisa da *interview* nacional), Barnfield, Rawson e Brewer, foram marcas bastante vistas juntamente com Bradshaw (pranchas assimétricas para S. B. e W. B.) entre outras: opa! Heitor, como sempre, mandando ver, e avisando que vem pro Brasil... Jack Reeves continua sendo "O Glasser".

Hawaii, Hawaii; Jane Van Dick na Sunset Surf Shop, Kaaiapuni e sra. em Haleiwa, frentistas enlouquecidos no posto Chevron, motoristas e mais motoristas de carros cobertos de ferrugem, e/ou calçados com grandes e enlameados pneus – balão, falta de *safety inspection sticker, crooks, and crooks, and crooks...* Turistas e mais turistas, nesta louca torre de Babel. Com trajes e trejeitos, em turmas de gente divertida no Waimea Beach Park, em bandos indo ver vitórias-régias e tucanos importados do Brazil no Falls Park... em *packs* morando, andando, e se divertindo juntas; juntas. (É pra deixar assim mesmo).

Hawaii, por melhor (ou pior) que seja, não vale a pena sozinho; não vale a pena sem dividir. Que as pessoas continuem unidas, mesmo que superficialmente, se aturando. Que pessoas continuem rindo de si mesmas e de suas companhias: vamos lá; no bom sentido. Nem o Hawaii, nem lugar algum neste mundo, vale a pena sem amigos, sem amor, (qual o problema, jovens comunicólogos e intelectuais de araque? Não temo a redundância se acredito no tema). É tempo de amizade, de união. Viva os quinhentos que moraram juntos no "manicômio"! Viva aquela família, meio desiludida, que assistia os filhotes competindo naquele festinha da Body Board (campeonato de Body board em Pipe)! Nosso maior patrimônio, ainda, é nosso elevado grau de humanidade, de consciência da incapacidade solitária dos homens...

Nada de críticas nem repremendas ao que aconteceu ou deixou de acontecer no Hawaii. Foi muito bom ver a cara de todos vocês por lá...

1) Picuruta Salazar, batendo cartão em mais um inverno. 2) Marcos Brasa, da OSP para o Hawaii. 3) Almir Salazar, um inverno quente este ano. Um caldo em Waimea 25 pés não o intimidou.

CRÉDITOS DAS FOTOS: 1, 2 e 3) MARCELO LAXE 4) PAULO COHEN/VISUAL ESPORTIVO

Agradecimentos especiais para a confecção desta matéria: Luke Lawer, Bill Barnfield, Roger Erickson, Paul Cohen, Tonny Maidi, Felipe Pomar, Marcelo Laxe, Ricardo Aguiar, Becky e Mike Bates.

A maioria dos clubes do Brasil tem ampliado seus quadros de associados nos últimos tempos. Um dos únicos que permanece praticamente inalterado é o clube dos "Big Riders". Especialmente quando se fala em sócios remidos; ou seja, aqueles que dropam Waimea Bay: A maior onda do mundo.

O autor desta matéria, o nosso editor de esportes EDUARDO BORGERTH (25) em seu segundo inverno havaiano, retirou título, carteirinha e exame médico, colocando-se ao lado dos outros poucos membros da diretoria como Ricardo Bacão, Roberto Valério, Rogério "Braca" Izzeti, Murillo Brandi, Almir Salazar, e mais alguns privilegiados surfistas.

Para a realização desta matéria sobre o templo do surf mundial, DADÁ (na foto de camiseta branca), foi pesquisar na sacristia.

P.L.

Fix®
SURF WEAR

RS 36·7777
SC 44·8239
MG 224·6781
NE 326·4538

TOWN & COUNTRY SURF DESIGNS
Town & Country Surf Designs
Hawaii, Brazil
Av. Sto. Amaro, 1298 Tel
Lojas: R. Guarar
R. João Cachoe
(breve) Shopping

PARA VOCÊ QUE ESTAVA
SÊCO DE VONTADE
DE USAR ALGO DIFERENTE,
VEM À TONA ALGO DE NOVO.

AV. MIRUNA, 660 SÃO PAULO - SP
TEL. (011) 241-4176

ENVIE-NOS ENVELOPE SELADO
E RECEBA UM ADESIVO.

ENTRE NESSE MUNDO MÁGICO...
ZAPPA
Fábrica — SP (011) 484 6367
BA (071) 241 1156
PE (081) 326 6908
PR (041) 233 5882
RS (0512) 43 7341
ZAPPA
À venda também:
BLACK OUT — Shopping
DESTAK — Shopping

STANLEY CLARKE

Era apenas uma entrevista. E acabou transformando-se numa intrincada trama internacional, na qual ficou finalmente revelada a verdadeira identidade do homem que reiventou o baixo elétrico: Stanley Clarke.

sheiti hori - sundek

Esta é, provavelmente, a primeira matéria escrita em cut back na história da imprensa brasileira. Não tem drop e dificilmente pega um cubo. Saiu de uma Underwood Standard Portable Typewriter arrancada dos porões do quarto andar de um certo edifício em Post Street, São Francisco, Califórnia, onde habitava um certo senhor Sam "Falcão Maltês" Spade. A máquina foi roubada por um chinês que trabalha na tinturaria do número 891 (embaixo do prédio, na esquina), em cujos fundos funcionam, os leitores sabem ou podem imaginar o quê.

O autor inicial desta matéria refugiou-se em um quartinho em Londres, para poder escapar de uma terrível conexão internacional na qual se meteu, envolvendo a Underwood, um baixista americano, um baixo japonês, um editor desesperado, milhões de dólares, um tic-tac de relógio esgotando o tempo regulamentar em ultra close-up, a Interpol, a Yakuza e o ITT. Sam Spade, chamado para interv

repiar com uma louraça em seu

mas minha identidade secreta só quem sabe é o Paulo Lima.

Nossa história começa em uma noite nada brumosa nos tórridos e tristes trópicos, quando um se-

xista angeleno (30/6/52), de codinome Stanley Clarke, fritou os neurônios locais em um certo circo sonoro conhecido como Projeto SP. Como todo black man de Filadélfia, You Ess of Ay, Clarke foi reciso, contido, e de uma certa orma genial, como observou o

Pró é outra história.

SOLOS DO ALÉM

como "um músico flexível como um camaleão". *Bullshit*. Vamos

klin (nos tempos em que ela cantava coisas históricas t

com o ainda hoje lembrado Return

homens que empurrou a sens bilidade massa. Corea é o autor da memorável frase: "O que nós estamos tentando fazer é nos comuni-

nossa integridade musical". E temos milênios de acumulada sabedoria zen.

Clarke, antes dele viver seu mo-

Ron Carter e os dois envuduzados

brain" Hendrix

eram denominados os hoje conhe-

aos 5. Mamãe era vocalista. Clarke

dar uma mãozinha no cello, pis-ton clarinete, violino. De mini-

mítica Ouroboros. Clarke entrou

mento e concluiu: "This black cat's got soul".

fotos. Há mais tempo ainda, Clarke andava de cabelinho curti-

repiando no Return to Forever.

cido em certos meios da taba como

Clarificando, o Return desenvolveu um estilo musical de muito

ximo ao rock da costa oeste dos

Príncipe do Funk, Sly Stone

Com todo esse fuzuê em cima

sica clássica mais acessível.

Clarke já veio duas vezes à taba.

baixa o Espírito Santo e todos os

o Santo no homem, com uma per-

tronas e detonando solos do além". Foi isso mesmo? Foi, mas é

por ele".

amília, foi para o rádio... É teste-

de hippie na lama, e uma fumaceira e um barulho luciferianos? Pois é: os donos da festa mesmo foram

BACKSTAGE

lhou de vez em sua trip. Está bem

seja, o que é que ele, Larry, Clarke e duas outras testemunhas anti-

bão de saber a verdade. Entre co-

vamos fragmentos em si bemol.

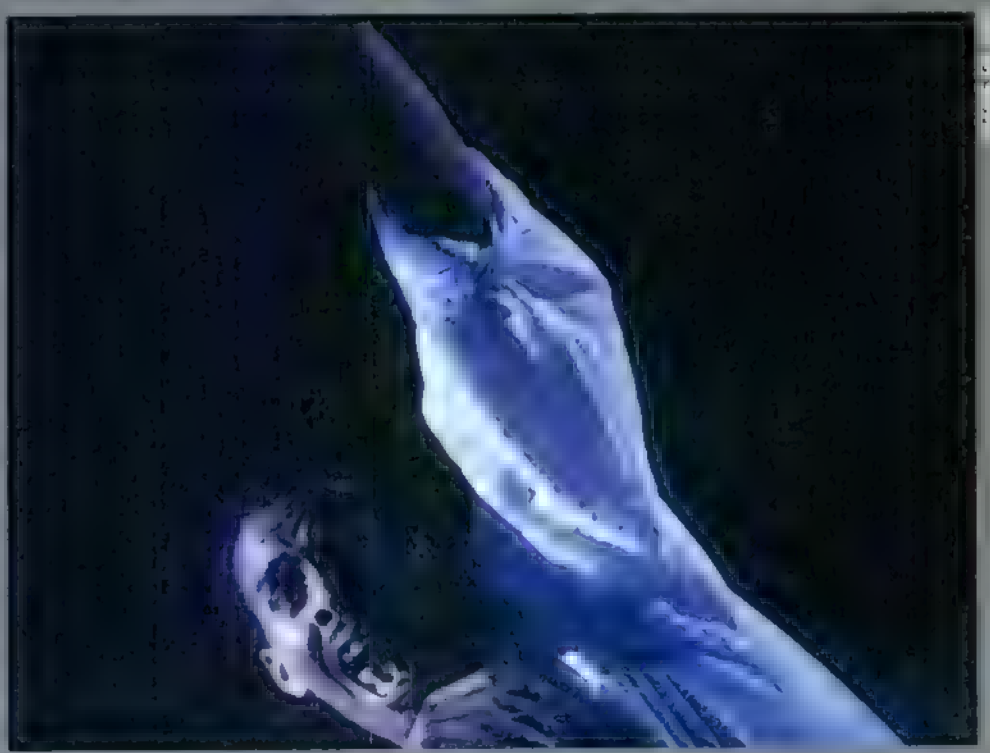
creto...).

nhéceu o Larry?

Ele tem um estúdio de 24 canais em sua casa. Um dia resolvemos mar-

ficamos conversando e aí armamos uma viagem ao Japão.

ESPANCAMENTO



SAIL SURF N' DIVE
BRAZIL
Straight Up
HAWAII
SURFBOARDS
TEL (011) 631949
SAIL SURF N' DIVE

ESTA MARCA É SUA PARCEIRA.

PEGA ONDA, JOGA FUTEBOL
ADORA VELOCIDADE E CURTE UM RALI.

A Perdigão é uma empresa que vai muito além da produção de alimentos de alta qualidade. O papel social e a integração com a comunidade são também importantes em sua filosofia de trabalho. Uma das formas que a Perdigão encontrou para exercer sua cidadania foi no campo esportivo. E é como cidadã que hoje a Perdigão patrocina eventos, atletas e equipes. A Perdigão está dando sua força ao surf, futebol de salão, automobilismo e rali. Por isso, esta marca é a sua parceira no dia-a-dia. Tanto em sua casa, quanto nas pistas, nas quadras e praias que você frequenta.

MODA?

fotos
ERNESTO BALDAN

texto
HERMANO VIANNA

produção
ZIZI DUARTE

modelos
KENNY
MARCELO

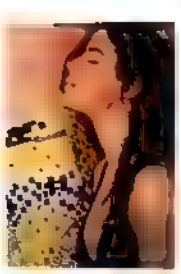
Existe mesmo a vanguarda da moda? Procurar uma resposta para essa pergunta folheando revistas como *Face*, *ID* e adjacências (as que pretendem ditar as regras do "comportamento moderninho" para a juventude internacional) é uma experiência tediosa. Temos que ultrapassar páginas e páginas de roupas "diferentes", "chocantes", "transgressivas". Impossível esconder os bocejos: há anos que as mesmas "ousadias" se repetem. Todo mundo parece acreditar que um batom negro, um cabelo arrepiado (raspado em locais estratégicos) e uma indumentária neo-qualquer coisa são capazes de modificar a personalidade de uma pessoa, tornando-a "interessante". Grande equívoco: é a vanguarda da moda que perdeu o interesse, sua capacidade de provocar espanto ou paixão. Pior: a tal da "vanguarda" deixou até de ser elegante. E esse é o maior pecado que pode ser cometido por quem deseja fazer moda.

Elegância: a palavra tem origem no latim *elegere*, que significa escolha, ou melhor, a arte da escolha. Quem é elegante está além das regras, dos códigos, dos modismos. Quem é elegante cria as regras, a moda. Não importa o que usa, nem como usa. A roupa mais simples, mais comum pode se transformar num objeto fatal: aqui reside todo o charme e toda a sedução.

Uma pessoa elegante não tem nada a ver com as "fashion victims" (aquelas que estão "por dentro" das últimas novidades, superinformadas, e que gastam horas e horas de seus dias na frente do espelho, armando as mais "esquisitas e criativas" produções). Muito pelo contrário.

A elegância exige um espírito mais sutil, tranqüilo, avesso à toda vulgaridade. Repetindo: a elegância é uma arte, não é algo que se consiga comprando toda a última coleção de Jean-Paul Gaultier ou Claude Montana. Na maioria das vezes, para quem sabe escolher, uma despretensiosa surf wear é muito mais eficiente.

Elegância: não confundir com a verdade da moda, com a volta do "clássico", com um novo fundamento moral (a terra firme no oceano tempestuoso dos modismos). Ser elegante não é aderir a um rígido e imultável princípio indumentário, que vai nos aprisionar por todo o resto da vida. Nada disso. Sabemos que qualquer adesão desse gênero é inconveniente, improvável. Vivemos um tempo de mudanças súbitas, repentinas, que não confia em nenhum "Grande Ideal". A elegância é, portanto, um constante aprendizado: a tentativa de se fazer da vida (e não só da roupa) uma obra de arte. Existe algo mais simples?



agradecimentos
Company
Blue Man
Quebra Mar
Pé do Atleta
Lemon
George's Henri
OP
Tops
Maiô Infinity
Tico

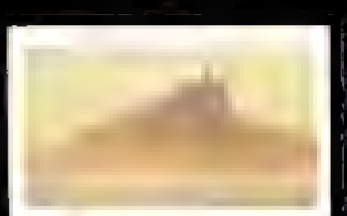
HOT STUFF RIO

EM NOVO ENDEREÇO
LOJA & PRONTA ENTREGA

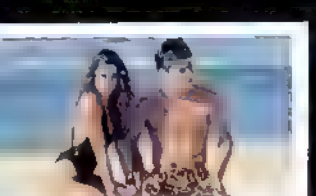
Rua Visconde de Pirajá 580 Lj 324 – RJ
tel.: (021) 239.6195
Al. Gabriel Monteiro da Silva 87 – SP
tel.: (011) 853-9118

BREVE EM
PORTO ALEGRE
NOVO HAMBURGO

BARRA POINT RIO



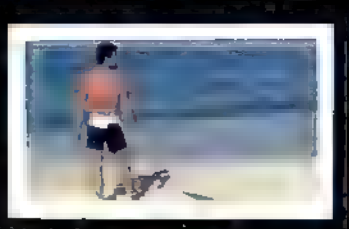
SWEET SAQUA



RIVALDO/ARPOADOR

FERNANDO

GUARDA DO EMBU



PRONTA ENTREGA
Rua Xavier da Silveira 45/902
Copacabana – Rio – Tel.: 256-4394

SP -(011) 5750688 - RJ -(021) 2944545 - NE -(071) 2332153
ES -(027) 2256203 - PR -(041) 2238986 - RS -(0512) 240826

Uma situação comum entre muitos brasileiros: aqui, o total desprezo, o rótulo de louco... Lá fora, o justo reconhecimento, as glórias pela inovação e criatividade, as capas de revistas e as imagens da televisão

Poderíamos estar falando do começo de carreira de Raul de Souza, Flora Purim ou muitos outros brasileiros que só passam a "existir" no país de origem depois de aprovados e carimbados no exterior.

Neste caso, porém, os artistas tocam os instrumentos com os pés. Instrumentos que eles mesmo criaram.

SKATE BIKES

texto e fotos ANÍBAL NETO

André "Tijolinho" Franco, 23 anos, e Marco Antônio "Paga Fly" Mattos, 22 anos, os dois de Santos, vieram aos Estados Unidos para aperfeiçoar a técnica no bicicross e principalmente para divulgar uma das mais malucas modalidades de ciclismo, o skate bike, uma mistura de skate e bicicleta, que tem deixado os gringos de boca aberta. Os dois, integrantes da extinta equipe de demonstrações da Matamar-Caloi de Santos, e fundadores da Ciclo Show Santos, há pouco mais de dois anos, trouxeram na bagagem duas bicicletas aro 26 e muita vontade de vencer.

MUDANÇAS

O skate bike é fruto de muitas modificações e, segundo eles, de muitos tombos durante os testes, até que se chegasse a um modelo ideal e seguro. As principais modificações estão no quadro, que teve a distância entre eixos diminuída para maior estabilidade. A frente da bicicleta é mais baixa do que na original, grudando mais no chão e possibilitando maior radicalidade nas curvas. Os raios são mais grossos e o pé-de-vela é menor para não raspar o chão nas curvas e slalom. Uma das alterações mais interessantes – que inclusive gerou o nome dessa novidade – foi a instalação de um shape de skate, que vai do bagageiro até quase o cano que suporta o guidão. Tomando o lugar do guidão original, um do tipo street bike, reto, que como já foi dito torna a bike mais baixa e mais estável.

– Tudo começou em Santos, com os projetos do Éder. Ele é o King of Bikes!

AS MANOBRAS

As manobras variam de acordo com o terreno. No flat, evoluções como o slalom, curvas radicais – com um pé no guidão, ou com um pé no shape, e outra no ar – passagem por cones e muitas outras, que dependem da criatividade e coragem dos pilotos.

Eles também exploram o estilo down hill. Durante esta reportagem, por exemplo, fomos às montanhas de San Bernardino, Califórnia, onde subimos mais de dez quilômetros para depois descer sem parar, chegando a atingir até 45 milhas por hora. É realmente incrível a base que eles têm.

DELÍRIO

Nesses dois anos de Califórnia, Tijolinho e Papa Fly já deram passos importantes na divulgação do novo esporte. Eles fazem shows nos finais de semana em Venice Beach, um espaço onde se divulga de tudo, sempre com a presença de muitos turistas e artistas de todos os tipos. Já foram filmados e fotografados por câmeras do mundo inteiro.

Durante o OP Pró 85, em Huntington Beach, os dois roubaram a atenção de grande parte do público do campeonato de surf, que ficou chocada com a performance dos garotos. Nesse dia, foram descobertos pelo editor da revista *BMX*, especializada em bicicross, que não acreditou no que estava vendo. Ele os convidou para uma visita à revista e uma session de fotos. Já foram procurados também pela agência que cuida da conta da Coca-Cola, que os incluiu na lista de personagens aproveitáveis nas campanhas publicitárias de 87.

Com tudo isso, ainda não estão satisfeitos, querem ver as bikes sendo fabricadas e vendidas ao público. E emendam:

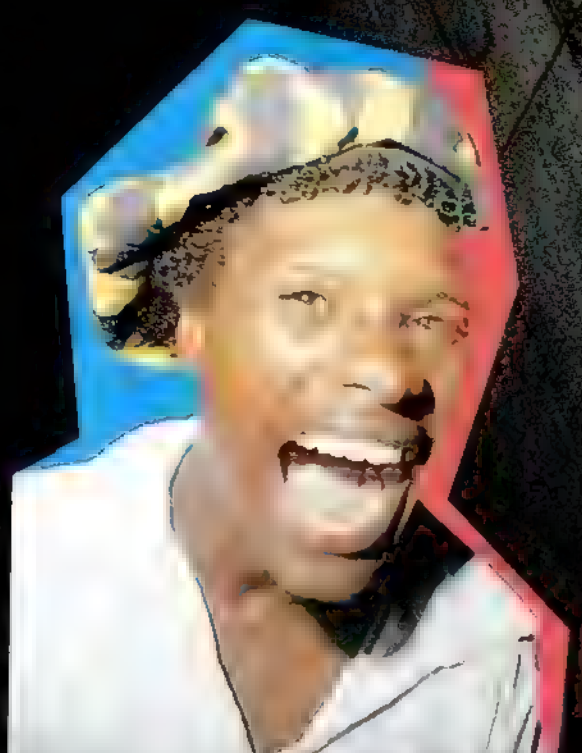
– Esse esporte é um delírio que deve ser compartilhado com todos.

MAD BATS

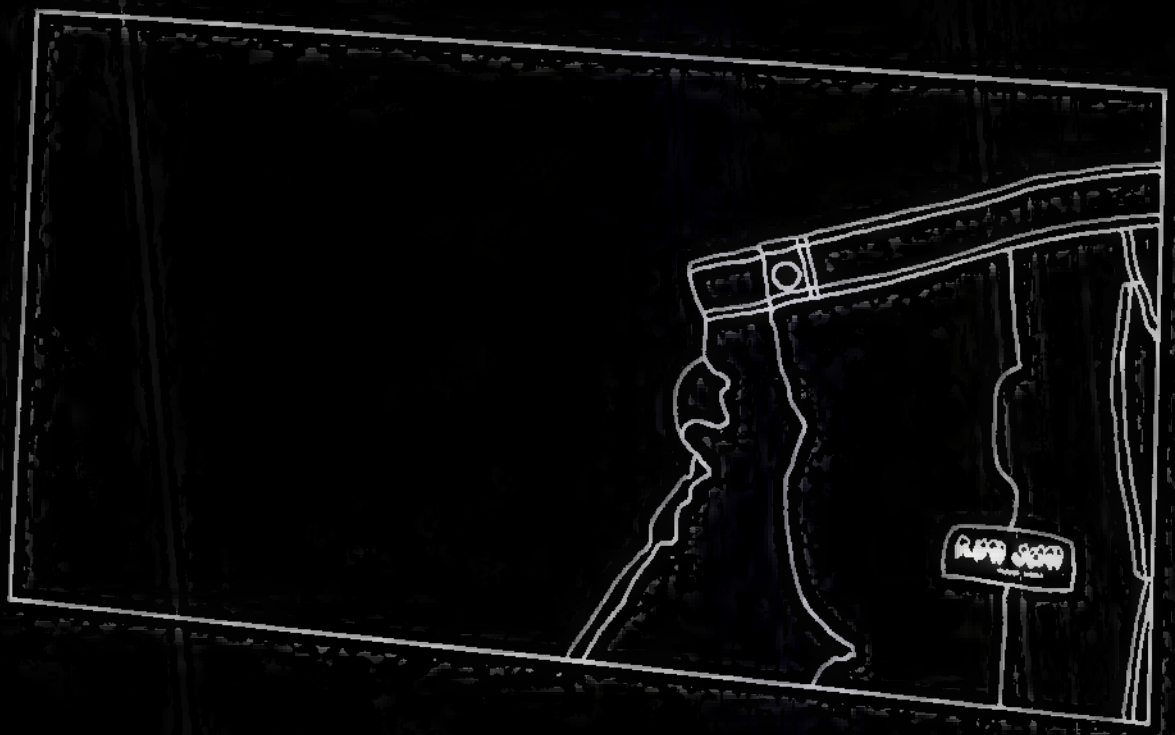
PARA OS

RADICAIS

THRON



S.P. (011) 211-5678
R.J. (021) 268-7253
S.C. (0482) 23-2116
R.S. (0512) 24-0826



Boxe, um [illegible] onde a
técnica vale muito mais do
que a força [illegible]. Quanto
mais uma [illegible] funciona
no ringue, menos socos ela
corre o risco de levar.
[illegible]
[illegible] palavras um
pouco da história desse
esporte apaixonante.
E Armando Prado
relata com [illegible]
realidade do boxe nacional,
que convive com [illegible]
[illegible]
[illegible]

João Cardoso

Chiquinho de Jesus

BOX

por OSMAR FREITAS JUNIOR

Armando Prado

Sidnei dal Rovere

Shaith Hariri sundek

Tomás da Cruz

Quando aquele macaco esperto, que Darwin jura ser nosso antepassado, esquivou-se da patada desferida por um seu semelhante menos inteligente e em seguida acertou o oponente com um sopapo bem colocado no focinho, estava inventado o boxe. Especialistas no esporte certamente protestarão contra este fato histórico, pois pretendem conferir à aristocracia européia a paternidade do *Box*. Bobagem, o homem resolve suas disputas a socos desde os tempos em que vivia parcialmente nos galhos de uma árvore. É inerente à sua condição animal, abater os adversários em renhidos combates. O boxe, portanto, não é nobre ou bárbaro: é simplesmente humano.

A história oficial não estabelece com exatidão o surgimento do boxe. Fala-se apenas que sua prática era muito difundida entre a nobreza da Europa e por isso apelidaram-no de "nobre-arte". Um nome pomposo, mas como já se viu, carece de fundamentos. O que realmente importa, não é essa disputa antropológica, mas *como* evoluiu a técnica de nocautear adversários. Sim, porque entre aquele macaco esperto dos primórdios e Michael Tyson – o mais recente campeão peso-pesado do Conselho Mundial de Boxe – há diferenças abismais. Para encurtar a história, será preciso deixar os combates entre primatas, ou nobres, de lado e fixar uma data base para o começo deste esporte.

QUEIXO QUADRADO

O dia era 7 de fevereiro de 1882. Meia centena de homens estava reunida numa abafada sala de hotel em Jackson, Mississipi-USA. Um bigodudo extremamente forte, nu da cintura para cima, ajeitou as largas tiras que mantinha entre os dedos. Seu nome era John L. Sullivan, também conhecido por *The Boston Strong Boy*. Sabia que as próximas horas seriam particularmente difíceis para ele. Afinal, iria trocar socos com um irlândes-americano também grandalhão, como era natural, de nome Paddy Ryan. E faria isto por 20 *rounds*, se é que não lhe acertasse um bom soco antes. A platéia, como sempre, queria ver sangue. E por muito tempo, se possível. Saiu um tanto decepcionada, já que Sullivan acabou com Ryan no oitavo assalto. Passou, assim, para a história como o primeiro campeão pesa-pesado do mundo. Bem, falar em peso-pesado parece um tanto prematuro, já que as 15 categorias que compõem o boxe profissional ainda não tinha sido criadas. Mas o porte dos dois lutadores em questão sugere o qualificativo.

Costuma-se dizer que esta foi a primeira luta oficial entre peso-pesados. Pode ser, já que Sullivan conquistou o título de campeão mundial, até então inédito. Manteve a coroa por exatos 10 anos, quando ele própria foi beijar a lona no 21º assalto de uma luta prevista para 37. Seu oponente era James J. Corbett, que deu ao boxe não só o seu segundo campeão como o início de uma nova era. Foi Corbett quem inventou a ginga, o bailado sobre o ringue. Depois dele, nunca mais o esporte foi o mesmo. Aqueles que chamaram – com muita justiça, aliás – o mitológico Muhammad Ali de "Borboleta", precisavam ter visto Corbett em ação. Os veteranos do boxe – todos mortos, já que isso se deu no período entre 1892 e 1897 – deixaram o testemunho de que aquele lutador, o segundo rei do boxe, era infatigável e não dava oportunidade para que lhe acertassem o belo rosto de queixo quadrado. Sua história virou filme, interpretado pelo galã Erol Flynn: *Ídolo do Público*. Flynn, que também havia sido lutador e chegou a participar das Olimpíadas de Los Angeles em 1956, ajudou o filme a ganhar um Oscar da Academia.

PELÉ DO BOXE

Desde Corbett até nossos dias, centenas de homens se destacaram no ringue. Todos já devidamente paramentados com luvas para a proteção, mais de sua mão, do que para o rosto do oponente. Alguns merecem destaque, outros estarão melhor se deixados no limbo do esquecimento. Para o jornalista especializado na área, Henry Cooper, autor de um famoso livro sobre o boxe (*The Great Heavyweights* – publicado em 1978 por The Hamlyn Publishing Group Limited – 176 pág.) cinco lutadores merecem ser considerados como os melhores de todos os tempos. Possivelmente sua escolha tem a unanimidade dos *experts*, já que seus eleitos foram realmente excepcionais. A lista é a seguinte: Jack Johnson, Jack Dempsey, Joe Louis, Rocky Marciano e Muhammad Ali. Isto porque ele só considera os peso-pesados. Ninguém que entenda um bocado do esporte iria deixar de lado o fantástico Sugar Ray Robinson, um meio-médio que depois mudou para a categoria médio. Foi campeão mundial duas vezes e fez seu trabalho com arte até hoje insuperável. Para os que gostam de comparações, ele seria o que Pelé foi para o futebol.

Mas os preferidos do público sempre foram os peso-pesados. Verdadeiras máquinas demolidoras, que movimentam milhões de dólares cada vez que se defrontam. Talvez isto seja uma injustiça, porque quem realmente entende de boxe costuma considerar os meio-médios ligeiros, os meio-médios, os médio-ligeiros e os médios muito mais técnicos e sofisticados em sua ação.

Assim, como Henry Cooper fez em seu livro, e como o lutador Maguila anda tanto em evidência por aqui, vamos dar maior atenção aos peso-pesados. Para ser enquadrado nesta categoria, é preciso que o atleta tenha no mínimo 86 quilos e 200 gramas. Seu treinamento inclui desde o preparo físico, passando pelo aprimoramento da técnica de luta, até o estudo detalhado da anatomia humana. Veja por exemplo o que declara Michael Tyson, o mais novo campeão de boxe de todos os tempos:

— Passo boa parte de meu dia estudando anatomia. Sei perfeitamente onde colocar meus golpes de maneira que eles façam o outro cara chorar como mulher e arfar como uma baleia.

Para quem, como Tyson, foi um simples garoto de rua, acostumado a ser preso com sua gang de delinqüência (os amigos de Michael chamavam-se *The Jolly Stompers*) ficar observando os mistérios do corpo humano deve ser mesmo estafante. Acontece que seu treinador, Cus D'Amato – morto em novembro de 1985 – sabia tudo sobre boxe. Afinal, D'Amato foi também treinador de outro campeão peso-pesado, Floyd Patterson, e tinha uma academia legendária em Nova York, a Catskill Boxing Academy.

Para ele, uma luta se ganha com a cabeça, não de maneira como certos lutadores a usam, para bater no rosto do adversário, mas para auxiliar as ações de quem está no ringue: pensando. Por isso, um garoto das favelas do Brooklyn, como Tyson, precisa saber onde estão as costelas-flutuantes do inimigo e acertá-la da maneira que aprendeu nos treinos. Isto é usar a cabeça.

DOZE NO RINGUE

Se formos olhar para a vida dos cinco grandes que o senhor Cooper nos indicou, poderemos notar que todos eles usavam a cabeça. Jack Johnson, o primeiro negro campeão mundial é um caso típico. O homem não tinha nenhum fio de cabelo em sua cabeça, mas em compensação tinha muito cérebro dentro dela. Ele era do chamado *deep-south* dos Estados Unidos, bem ao sul, naquela região onde os negros aprendem que a vida é só feita de lutas. Em sua época, quando os meninos negros começavam a aprender o boxe, seus treinadores tinham uma maneira muito peculiar para ensiná-lo. Costumavam pôr meia-dúzia de garotos num ringue e mandavam que lutassem. O vencedor seria aquele que permanecesse em pé ao final da contenda. Os outros, todos impiedosamente abatidos, espalhavam-se desmaiados sobre o tablado. Johnson guardava suas forças protegendo-se dos ataques de seu primeiro oponente e deixava que os outros meninos nocauteassem o maior número possível de rivais. Só então acabava com quem estava à sua frente, levando aparente vantagem, e partia para liqüidar os restantes, já exaustos com o feérico combate.

Jack Johnson foi campeão mundial entre 1908 e

1915. Perdeu todos seus dentes em lutas, mas substituiu cada um por reluzentes réplicas em ouro.

Foi a única riqueza que guardou dos seus tempos de glória, pois morreu na miséria. É preciso considerar que o boxe ainda não fazia milionários entre seus atletas. Só os empresários levavam vantagem, o que, de certa forma, continua em vigor em nossos dias. Quem arrebatou o título de Johnson foi Jess Willard, numa luta memorável em La Havana, Cuba. Num ringue montado em praça pública, centenas de pessoas viram quando o grandalhão branco fez dormir o velho campeão negro.

MATANDO BURRO

O segundo da lista dos reis do ringue, Jack Dempsey, usava a inteligência de maneira bem maligna. Mas em boxe, quem é bonzinho dança. Sua agilidade era espantosa e não dava tempo para o inimigo pensar. Quando o gongo tocava, na hora dos lutadores se afastarem para o canto da lona, Dempsey rapidamente atingia o oponente, sem que o juiz visse. Era um truque comum para este que foi o campeão do mundo entre 1919 e 1926. Aprendeu a lutar com os vagabundos que pegavam carona nos vagões dos trens de carga nos Estados Unidos. Seu estilo era selvagem e ele poderia agüentar grande carga de castigo imposto pelos adversários sem revelar esforço. Depois de abandonar o boxe, teve melhor sorte do que Johnson, já que se tornou um rico homem de negócios e viveu muito bem até os 70 anos.

Rocky Marciano teve um curto reinado, entre 1952 e 1956, mas nunca foi batido e venceu todos seus combates por nocaute. Ninguém soube qual a verdadeira razão para que aquele grandalhão ítalo-americano abandonasse as luvas. Fez 43 lutas, venceu todas e parou de repente. Na verdade, pouca gente, ou mesmo ninguém, jamais chegou a compreender Marciano. Parece que ia para um mundinho particular quando lutava, um local onde os homens viravam bicho. Na vida privada era um pacato rapaz, muito quieto e amável, mas quando se via no ringue, destroçava qualquer um. Dizem que ele foi descoberto por um padre que passava por acaso num campo que Rocky tentava arar com o auxílio de um burro. O animal não queria cooperar e teimosamente estancou em meio ao trabalho. Aquilo deixou Marciano enfurecido e para descarregar a raiva desferiu violenta porrada na testa do burro, matando-o imediatamente. Alguns historiadores tratam a história como mais uma das inúmeras lendas do boxe, mas vale a pena registrá-la. De qualquer maneira, Rocky tinha uma força colossal, e mesmo que alguns não lhe tenham na conta de muito inteligente, a sua maneira de encaixar os golpes desmentem isso. Tanto que um computador, certa vez, travou uma batalha simulada entre o já falecido Marciano e Muhammad Ali. A máquina deu a vitória para Rocky, mesmo sendo Ali considerado como o mais inteligente lutador que jamais pisou num tablado.

UM SOCO NO NAZISMO

Entre Dempsey e Rocky existiu alguém que é considerado por alguns especialistas como o maior lutador de todos os tempos. Joe Louis, campeão mundial entre 1937 e 1949, até hoje provoca arrepios em quem assiste os filmes de suas lutas. Nascido no Alabama, mas criado em Detroit, ele foi um dos marcos nas lutas raciais entre brancos e negros, entre democratas e nazistas. Um símbolo da liberdade contra a opressão. Para provar isto existem várias histórias, mas nenhuma mais popular e significativa do que o grande embate entre Louis e o campeão alemão Max Schmeling.

O alemão era o grande símbolo da superioridade do povo ariano, usado como propaganda pelos nazistas. Numa primeira luta, Max derrotou Joe por nocaute. O negro estava alguns quilos fora de seu melhor peso e bem distante daquela perfeição técnica que sempre o caracterizou. Hitler fez alarde da vitória de seu representante e o mundo assistiu constrangido aquela demonstração da força nazi. De fato, Schmeling foi um dos melhores lutadores dos anos 30, mas não teve estrutura para agüentar a revanche com Louis. Setenta mil pessoas foram ao Yankee Stadium de Nova York para o segundo confronto e não se arrependeram disto.

Naquela noite de junho de 1938, Joe estava há um mês de seu 24º aniversário. Quem o viu no vestiário, diz que ele mal podia esperar para que a luta começasse. Dizia que os nazistas tinham de pagar caro as ofensas que fizeram a seu povo. Pois aos dois minutos e quatro segundos de combate, no primeiro round, Schmeling estava beijando a lona do Yankee Stadium. Foi o nocaute mais rápido da história do boxe até aqueles dias. O alemão foi levado para o hospital e ficou lá por alguns dias, até que o embarcaram num navio de volta para casa, ainda deitado numa maca. Uma curiosidade que poucos sabem, é que quando Joe Louis, doente, teve de ser hospitalizado muito tempo depois, Max Schmeling foi uma das pessoas que mais contribuiu para pagar sua conta e foi diversas vezes visitá-lo. O coitado era apenas um instrumento político nas mãos de Hitler, mas não era nazista: era um lutador de boxe.

O segundo nocaute sofrido por Joe Louis foi contra Rocky Marciano, quando perdeu o título, mas nesta época ele já não era nem sombra daquilo que havia sido no início. Estava gordo e despreparado. De qualquer maneira, foi ele quem pôs fim na longa lista de campeões brancos do boxe, já que depois de Jack Johnson ainda não havia aparecido nenhum campeão negro.

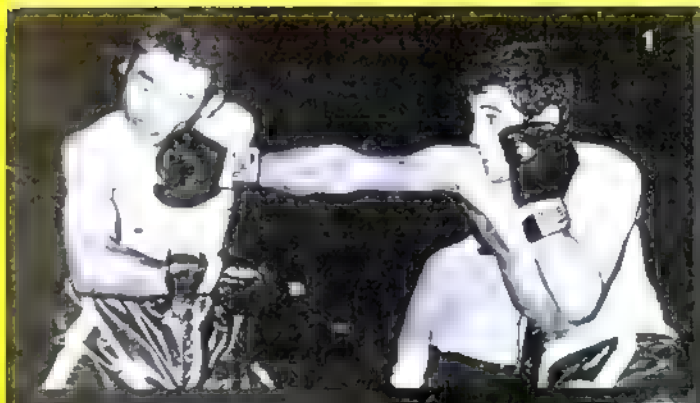
O HOMEM-BOXER

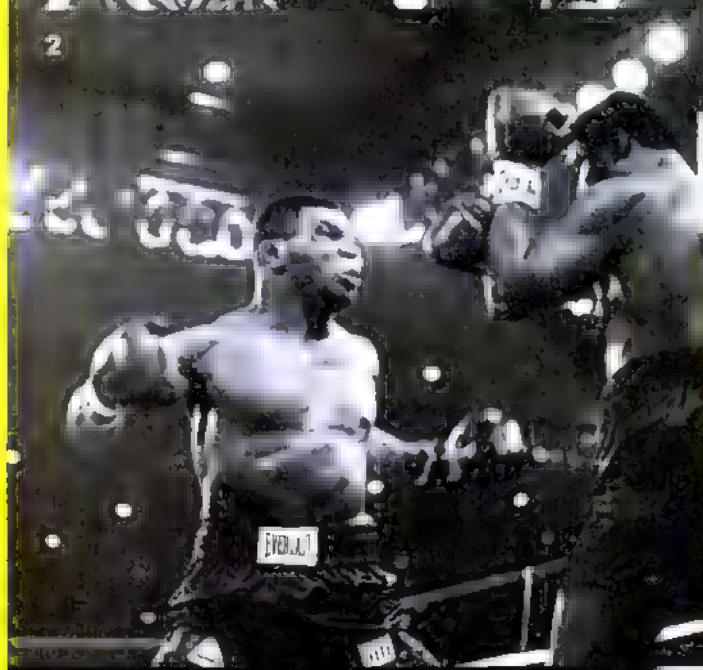
Finalmente, chegamos no mais popular lutador de todos os tempos: Cassius Clay, depois conhecido como Muhammad Ali. Pode-se contar uma infinidade de histórias e recordes batidos por este campeão, desde o seu nascimento numa favela da cidade de Louisville, passando pela medalha de ouro que ganhou nas Olimpíadas de Roma, em 1960, ainda como meio-pesado, até sua recusa em servir o exército americano no Vietnã – que lhe custou o título mundial ganho em 25/1/1964. A medalha de ouro ele jogou num rio de sua cidade depois de ter sido proibido de entrar numa lanchonete que não servia negros. O título ele recuperou anos depois, em 1974, para perdê-lo em 1978, recuperá-lo nesse mesmo ano e voltar a perdê-lo e recuperá-lo enquanto lhe deu na telha. Contudo, o que mais fará jus a sua fantástica participação no mundo do boxe, é justamente a diferença que ele impôs entre aquele macaco do começo da história que nocauteou o oponente e o boxer por excelência. Ali foi o mais inteligente, o "homem-boxer".

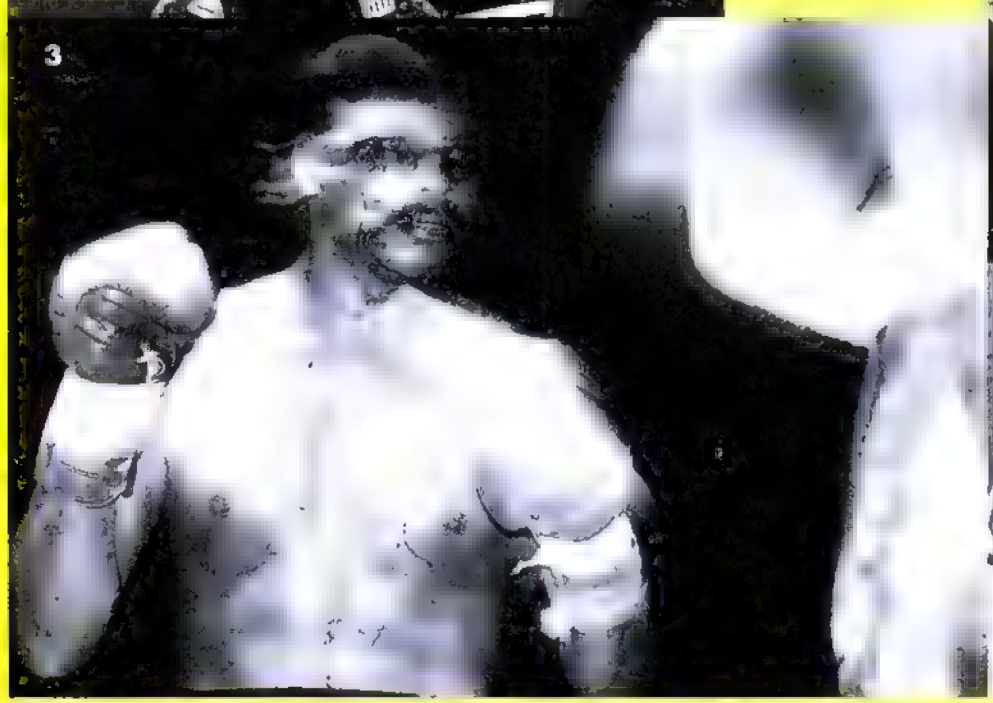
Sua luta contra George Foreman, no Zaire, foi um espetáculo que passou para a história do boxe. Diante de um oponente demolidor, o bailarino Ali lutou com a cabeça. Desviou-se dos golpes, tonteou o adversário, brincou com ele como uma pantera faz com sua presa, e finalmente fez explodir seus 250 quilos de porrada na cara do outro, pondo-o para dormir. Acabou assim a carreira de um Foreman, que havia começado a vida de campeão com uma medalha de ouro em olimpíada. Pode-se dizer, sem medo de errar, que se Deus quisesse materializar o boxe na figura de um homem, ele o teria feito à imagem e semelhança de Muhammad Ali.

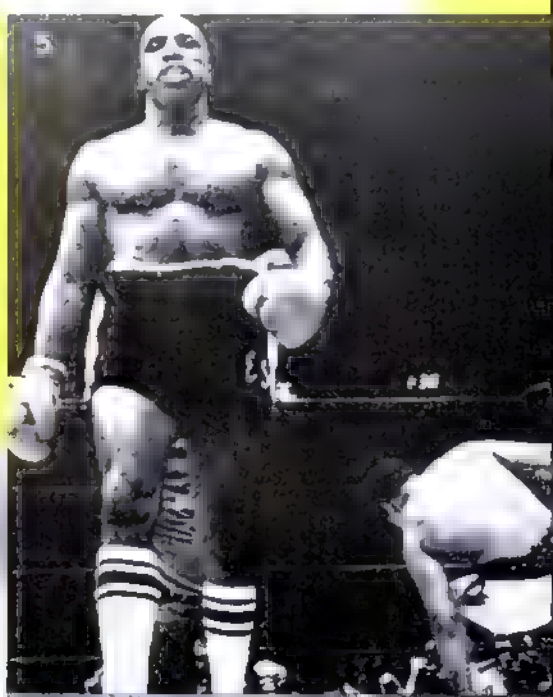
Depois dele vieram outros. Nenhum que realmente desse ao mundo a sensação de estar vendo um mito. Somente agora, com o estupendo Michael Tyson, voltamos a ter certa grandeza nos ringues. De qualquer maneira, ainda é um pouco cedo para glorificá-lo. O mais novo campeão mundial dos pesos-pesados promete encher de glória o boxe, mas cautela neste esporte é sempre recomendável.

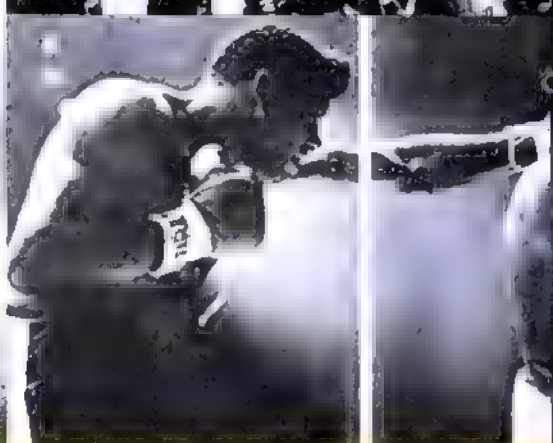
Quanto ao nosso Maguila, bem, ele tem se esforçado. É de fato um lutador único no Brasil. Nós não temos tradição com as mãos, o negócio aqui se faz com os pés.





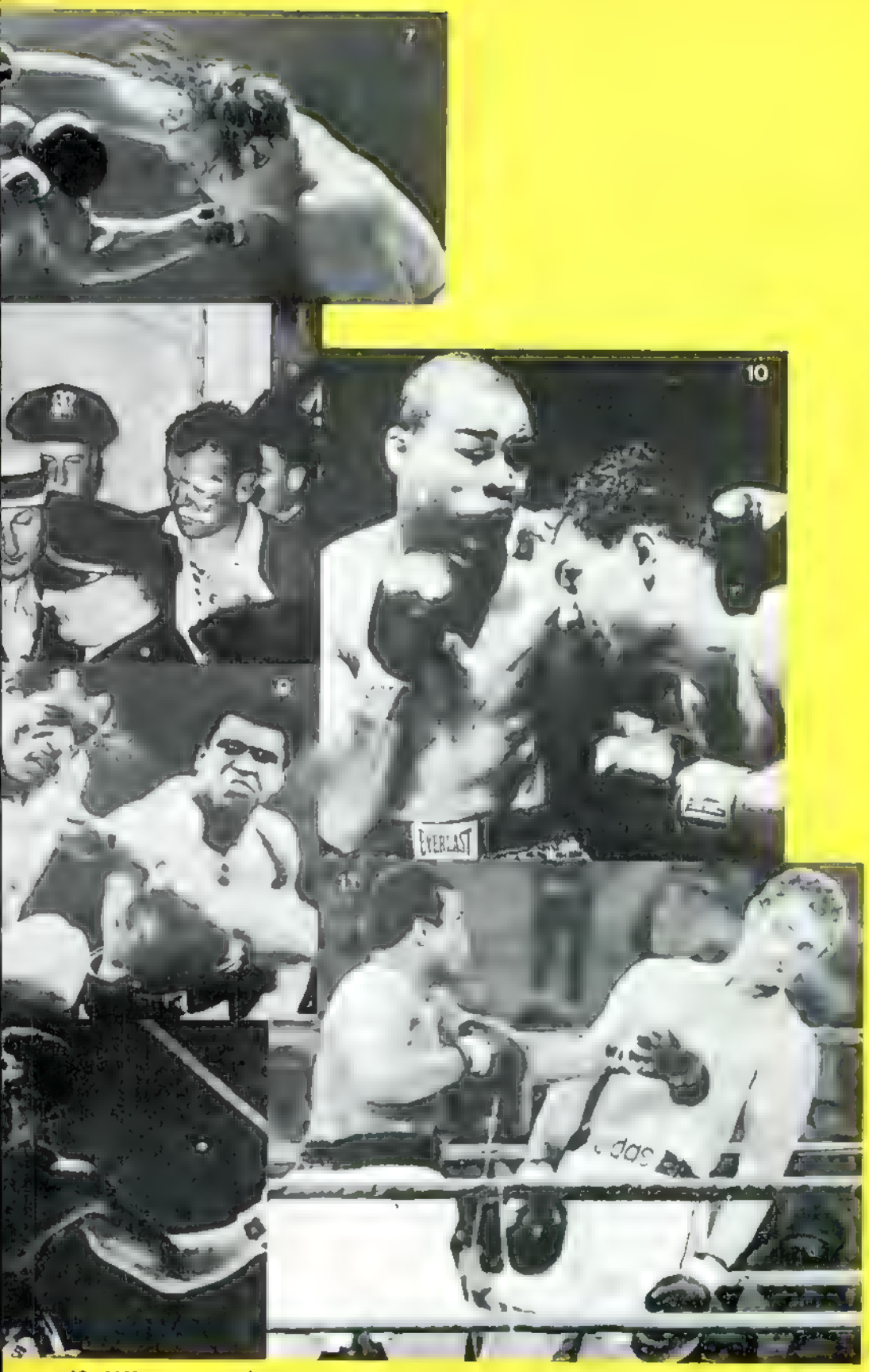






Armando Prado

1 *Éder Jofre vencendo K. Aoki, por nocaute no terceiro round.*
2 *Mike Tyson: Crig-há bandolo!*
3 *Maguila, acertando contas com Daniel Falconi.*
4 *Marciano garantindo o título frente a Roland Lastarza.*
5 *Earnie Shavers conseguiu jogar Muhammad Ali na lona. Só que o campeão levanta e ganha por pontos.*
6 *Floyd Patterson desafia Muhammad Ali. À toa, claro.*
7 *Campeão também apanha. Pelo menos é o que Chuck Wepner tenta pro para Muhammad Ali.*
8 *James Braddock (ou o que sobrou dele), após um encontro no ringue com Joe Louis.*
9 *Muhammad Ali decidido frente a Ken Norton.*



10 *1951: um momento histórico no ringue, reunindo Joe Louis (à esquerda) e Rocky Marciano.*

11 *Joe Bugner, o campeão europeu, desabando diante de Ali.*

OS BRASILEIROS

Tomás da Cruz, Chiquinho de Jesus, Sidnei dal Rovere e João Cardoso. Estes são quatro dos mais importantes pugilistas brasileiros em todos os tempos, todos de certa forma privilegiados, porque têm patrocinadores. Há, entretanto, muitos e muitos boxeadores de talento que vêm-se sujeitando a trabalhar em outros ofícios para poderem manter sustento. É verdade que, de anos para cá, o boxe vem recebendo mais atenção por parte das grandes academias de ginástica, só que toda essa euforia não está se refletindo no pugilismo profissional.

***CHIQUINHO DE JESUS**, 29 anos, categoria médio-ligeiro (até 69.853 kg). Um boxeador bastante estilista, muito difícil de ser apanhado, com diversas lutas realizadas fora do Brasil. É um dos pugilistas que melhor representa o País no Exterior.*

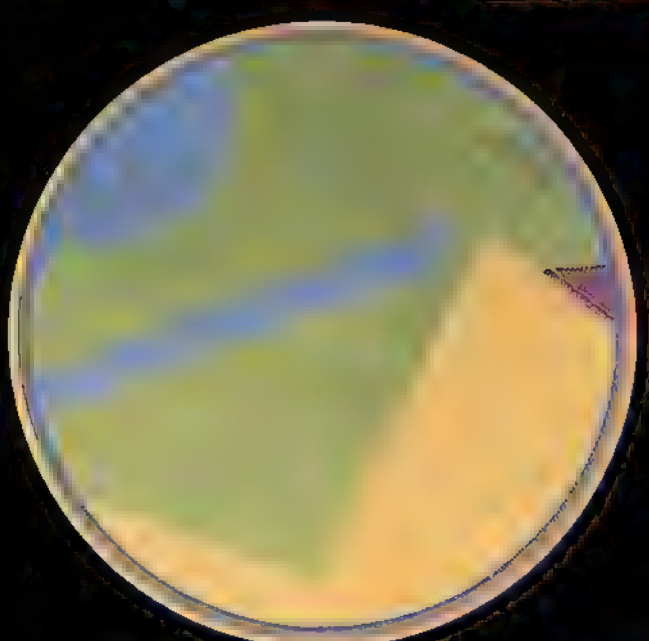
***TOMÁS DA CRUZ**, 26 anos, categoria superpena (até 58.900 kg). É o campeão brasileiro na categoria e primeiro colocado no ranking mundial do C.M.B. (Conselho Mundial de Boxe). Um pugilista veloz e de pancada forte, que em breve irá disputar o título mundial – com boas chances de vitória – frente ao mexicano Julio Cesar Chaves.*

***SIDNEI DAL ROVERE**, 27 anos, categoria pena (até 57.150 kg). Sidnei é professor de educação física, campeão brasileiro e primeiro no ranking sul-americano. É provavelmente um dos mais técnicos pugilistas brasileiros. Sua próxima luta será pela disputa do título sul-americano.*

***JOÃO CARDOSO**, 28 anos, categoria galo (53.600 kg). Cardoso é o campeão brasileiro nessa categoria. Com um estilo técnico e veloz, ele tem todas as características de um grande campeão e muitas chances de se projetar no cenário internacional.*

FERNANDO COSTA NETTO

VEJA DE PERTO A QUALIDADE DAS BERMUDAS



A marca que não cansa de pesquisar

Fico e o canal

Fico Sportswear – Loja – Av. Sumaré, 1.888 – Tel.: (011) 263-4168
Nova prenta-entrega – R. Eduardo Souza Aranha, 449 (em frente ao Mappin Italia)
Fico Ind. e Com. de Artigos Esportivos – Rua Javaes, 437 – Tel.: (011) 221-1132
Representantes: Curitiba e Santa Catarina (Miguel) – Tel.: (0482) 44-8239; Porto Alegre (Eduardo) Tel.: (0512) 21-8687; Rio de Janeiro (Paulo) – Tel.: (021) 245-7215; São Paulo (Priscilla) – Tel.: (011) 221-1132; Interior SP (Mosca) – Tel.: (011) 222-1229; SP-Santos/ABC – Tel.: (011) 222-1132; Bahia (Yanara/Cristina) Tel.: (071) 235-9291; Pernambuco (Mauricio) – Tel.: (081) 326-4538

Pronta Entrega: Rua Deputado Lacerda Franco, 554 fone: 813.7529 – CEP 05418 – SP
Fábrica: Rua Purpurina, 180 – CEP 05435 – SP

PRO AIR LINHA ESPORTIVA

AL DOS GJARAMOM S. 1365 FONES (011)275-2787 275-6205

O GLOBO

Escândalo por testame

A avaliação feita pela Bolsa de Imóve
comprada pela Cehab em Nova Iguaçu e a
da falência política de um Governo que
esse escândalo por testamento

pessoas foram à praia

do terceiro ano, a melhor organiza

O OP Pro 87 conseguiu jogar mais uma pá de terra na expressão "festival de surf". As milhares de pessoas que estiveram na Joaquina puderam assistir ao campeonato de um esporte que, cada vez mais, ganha cores de seriedade (coisa visível até na aplicação rígida das normas do circuito).

Os eventos exclusivos de bodyboard e surf amador mostraram força bastante para seguirem sozinhos, independentes, o que provavelmente garantirá a saúde do surf profissional nos próximos encontros.

A mulher traída de toda a estória foi a imprensa especializada, a mesma que durante anos semeou a existência de um circuito de surf profissional, que cativou a atenção da chamada grande imprensa para o esporte. As revistas de surf morreram na praia, vítimas do corte de gastos da organização do campeonato, um gigante que abriu mão dos braços e pernas, ficou mais leve, mas prescindiu do apoio ágil e simpático de quem sempre esteve a seu lado. O circuito, em curso, com certeza curtirá para devolver essas pernas e braços ao gigante mutilado. O que fica mesmo é a vitória, a vitória justa dos melhores surfistas, dos melhores técnicos e preparadores físicos, a vitória das melhores torcidas. Isso sim é um bom exemplo.

SÃO PAULO (CAPITAL)
ARA ANCHIETA Nº 1540 CEP 04246 TEL (011) 272 9033
SC-Flávio TEL (0482) 23.0031
SP-Gudy TEL (011) 533.0603
SP-(INTERIOR) GABRIEL TEL (0192) 263.13
RS-Ivani TEL (0512) 24.7944
PR-Marcos TEL (041) 233.5882
MG-Marcos TEL (031) 222.0022

ARTFLUIR

Full Blast®

AV. IMARÉS 944 - INDIANÓPOLIS - SÃO PAULO TEL.: 533-0391

Mango
R. NEBRASKA, 597 - BROOKLIN - SP - TEL 2409147 - CEP 04560

ANARQUIA DO OLHAR

...ESTAMOS EM 1987. NO PLANETA TERRA EXISTEM CERCA DE 5 BILHÕES DE HABITANTES. ESPALHADOS PELO MUNDO, 10 BILHÕES DE OLHOS.

A LIBERDADE DE ESCOLHER PARA ONDE
QUEREMOS ELEVAR OS NOSSOS OLHOS.!!

O OLHO, NO SENTIDO FIGURADO, É O QUE DISTINGUE, PERCEBE, SUA ESSÊNCIA. OS OLHOS DA ALMA.

COMPROMISSO COM A QUALIDADE.

Rolamentos: de precisão dentro das normas internacionais no modelo A e de altíssima precisão no modelo B.

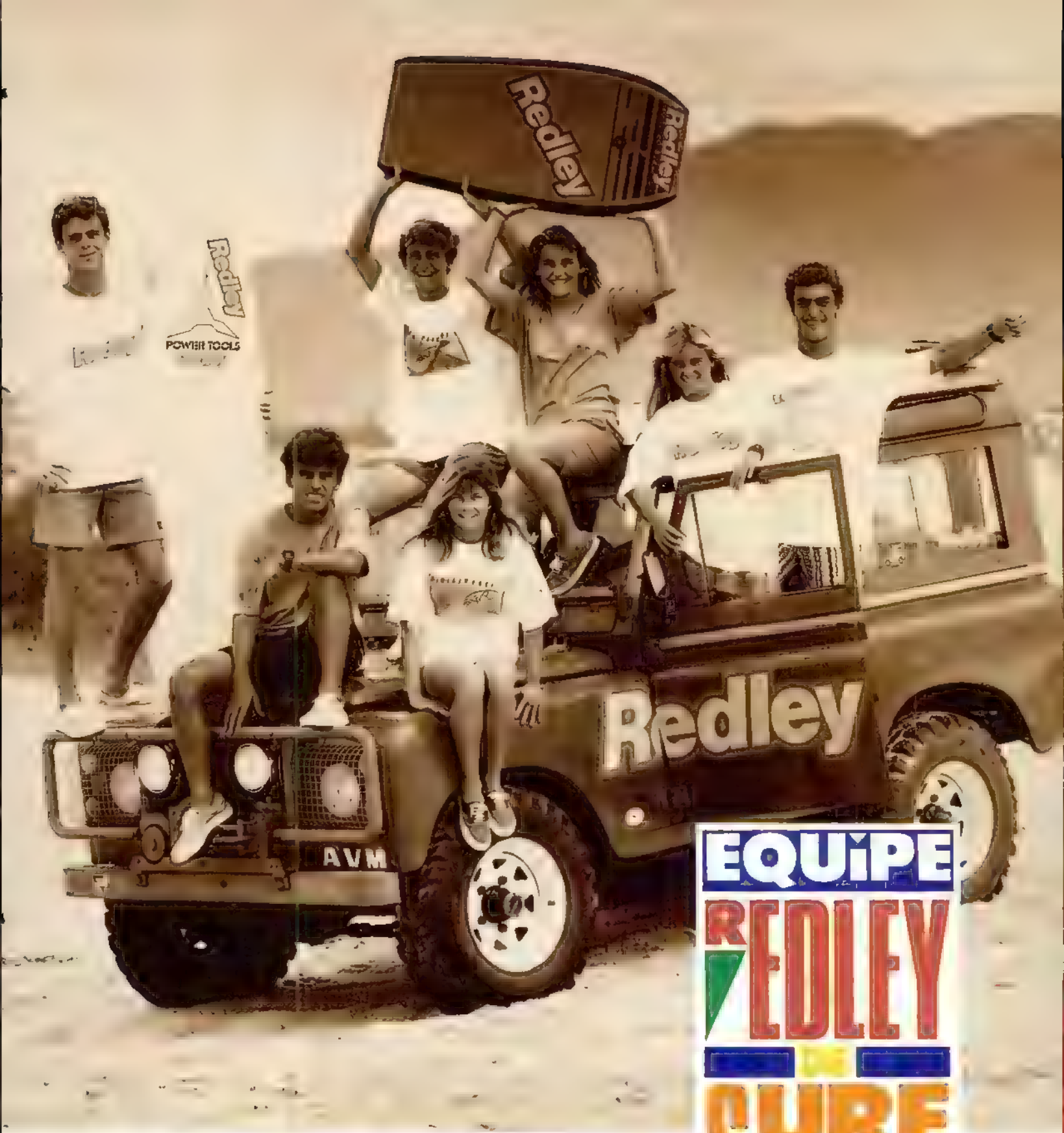
Shape: em 8 lâminas cortadas transversalmente, unidas por cola especial e prensadas com 18 toneladas. "Flexível, durável resistente e antiderrapante"

Roda: em poliuretano dureza 90 shore A, fundidas individualmente em molde retificado. "Resiste ao desgaste, anti-derrapante, perfeitamente centralizada".

Eixo: originais axxion, a tecnologia avançada que você conhece.

Graber, Pads, Laper, Pivot, Cooper: fabricados com plásticos (polipropileno, polietileno e PVA) rigorosamente testados.

AXXION - MARCA REGISTRADA
Rua Dr. Leopoldo Couto de Magalhães 524
SP – Tel.: (011) 64 1800 – CEP 04542



EQUIPE REDLEY DE SURF BODY BOARD

PAULO PIRES "ZULU"

GIORGIO VIRZI

UGO CORTI

PAULO ESTEVES

CRISTIANE COSTA "KITTY"

GLENDA KOZLOWSKI

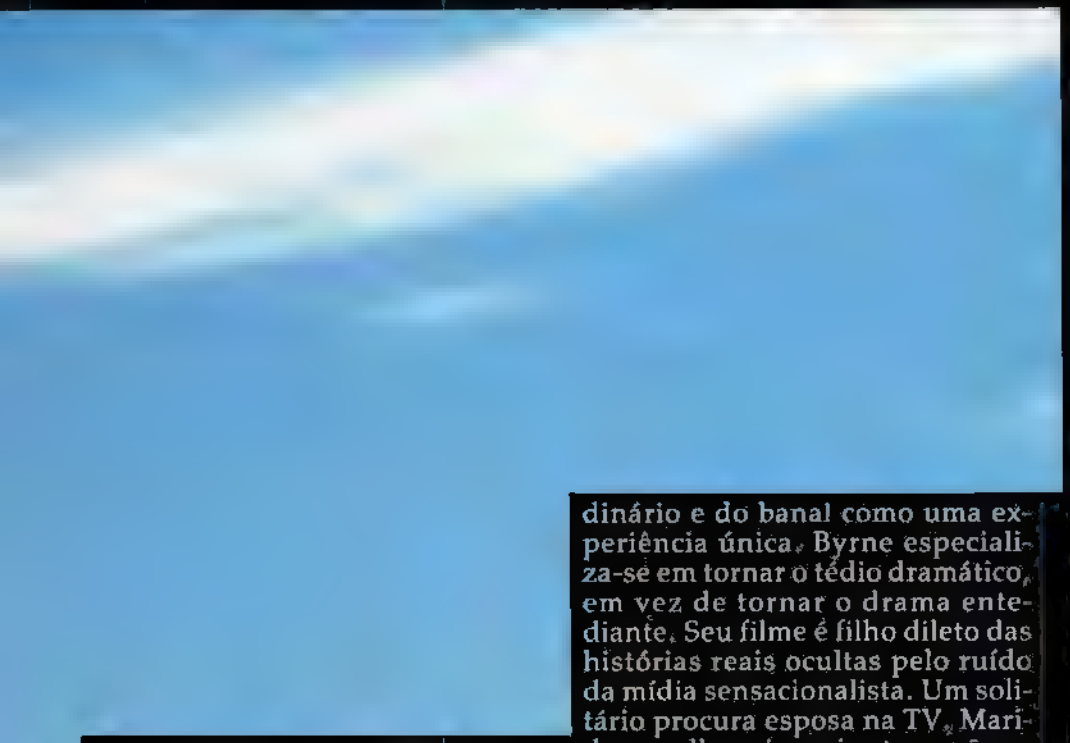
STEPHANIE PETTERSEN

Representação Tel.: (021) 287-5092 Loja Rio Sul 4.º P.so - Tel : (021) 275-4197

BAVIB

Pepe Escobar

BYRNE



Um escocês quase sempre é excêntrico. Um excêntrico nem sempre é escocês. David Byrne é escocês e excêntrico. Só poderia: trata-se de um legítimo on the rocks que fritou a cabeça sendo criado na aprazível Maryland, *You Ess Ay*. Byrne, 33, é um ícone de culto nos EUA entre as muitas cabeças falantes e as poucas cabeças pensantes. Na Europa, é um esteta respeitadíssimo. Na taba, costuma ser tratado como "aquele cara que toca guitarra no Talking Heads". Bugrices à parte, Mr. Byrne vai além. É fera. É cool. Abaixo de zero. Músico, pintor, artista gráfico, videoman e agora também diretor de cinema.

Houve um tempo em que Byrne escrevia canções sobre ar, mente, comida, prédios e *killers* psicóticos. Nada mau para aquele tempo. *77*, o primeiro Lp dos Heads, saiu há uma década. Depois disso, entre outras coisas, Sid morreu com Nancy, Johnny ex-Rotten é um milionário avant-funk, Debbie Blondie junkeou, quase emborcou e voltou, Tom Verlaine virou item de culto para poucos. Hoje, diabinhos de cinco anos amarram-se em Police e Dead Kennedys. Byrne comandou: "Parem de fazer sentido". E foi contar histórias reais no cinema.

True Stories é um dos melhores filmes americanos independentes desta década. Confirma em outro meio a estética *straight to the point* de Byrne: a revelação do ordinário e do banal como uma experiência única. Byrne especializa-se em tornar o tédio dramático, em vez de tornar o drama entediante. Seu filme é filho dileto das histórias reais ocultas pelo ruído da mídia sensacionalista. Um solitário procura esposa na TV. Marido e mulher vivem juntos e não se falam há anos. Mulher não sai da cama há décadas. Byrne quer demonstrar que toda excentricidade é permitida. Com um bônus extra: não afeta a vida comunitária. Byrne passeia entre seus personagens cômico-patéticos como um crítico de performance art tripeando de LSD-25. Atrás, um palco flat infinito, e privilegiado: o Texas. Byrne também não se esquece de demonstrar a tese: na América *fast food, fast living* e *fast high tech*, todo mundo continua querendo a mesma coisa: auto-realização e salvação.

Tina e Chris – a seção rítmica dos Heads – já tinham caído na taba tocando com os semi-obscuros B-52's no Rock in Rio, em janeiro de 85. Byrne caiu na Bananão em novembro de 86, para o FestRio. Começou dando uma de Peter "Das Flores ao Funk" Gabriel e passou dez dias na Bahia. Aguardem para breve Byrne versão batuque. E seu swing psicótico ajuda: vocês precisam ver a fera junto com a salsera Celia Cruz arrasando na trilha sonora de *Something Wild*, o último thriller pós-pré-durante de Jonathan *Stop Making Sense* Demme. Byrne chegou extra-clean ao FestRio. Foi massacrado pela proverbial coletiva cretina para os imberbes da impresa local. Quase foi massacrado por um motorista de táxi, a caminho de um ensaio de escola de samba. Quase passou mal na favela. Quase passou bem coletando os sons da taba não contaminados pelo roquinho bilubilu. Sobreviveu. Um ponto a mais no currículo.

Em uma manhã brumosa e mais úmida do que esgoto de Manhattan, Byrne acordou de seu quartículo no Hotel Nacional, São Conrado (zona sul do Rio de Janeiro – RJ), tomou um suco de laranja e resolveu enfrentar uma entrevista exclusiva gravada em vídeo. Este aqui é o resultado. Byrne é notório lacônico. Quando começou a falar, acabou a entrevista. Falou pouco e pensou muito. Pena que esta entrevista não seja sonora. De qualquer maneira, visualizem: o homem está no bar do Nacional, de camisinha branca de manga curta, na frente de uma vegetaçãozinha trópico-ôba-ôba, sonado, porém mais clean do que diagramação de uma loja Yamamoto. Não tripeou, mas também não chumbou. Enquanto *True Stories* não vem – em filme ou em vídeo – fiquem com a voz do Talking Head. Fundo sonoro apropriado: "Wild, Wild Life", em mix.

Em relação a *True Stories*, você diz que o filme lida com um material suficientemente banal para que as pessoas se dêem ao trabalho de pensar sobre ele, ou formular opiniões a seu respeito. Qual é a sua visão dessa banalidade?

– Bem, nesse filme não acontece nada realmente excitante. Ninguém é assassinado, não há nada realmente erótico... Não há uma tensão entre os personagens – ou seja, não existe por exemplo o bom e o mau...

Você diria que é uma espécie de comentário sobre a *middle* América, onde você demonstra uma espécie de compaixão por todos os seus personagens?

– Sim, e examino como eles tentam à sua maneira construir o próprio futuro.

De onde partiu a idéia? Apenas de sua leitura de jornais sensacionalistas?

– No início eu tinha uma coleção de personagens, baseados em recortes desses jornais. Com a ajuda de escritores e roteiristas, nós os colocamos todos na mesma cidade, em uma época de festa. Foi a melhor estratégia para conseguir juntar todo mundo.

De onde vem o seu fascínio particular pelo Texas? É por que lá tudo é *larger than life*?

– É isso mesmo. Lá tudo é maior do que em qualquer outro lugar.

Tudo é mais exagerado. Até as vidas das pessoas, o lugar onde vivem. É fácil imaginar que no Texas as coisas realmente atingem seus extremos.

Uma pequena curiosidade: você viu *Paris, Texas*, de Wim Wenders?

– Vi sim, na Inglaterra...

Você acha que aquela história se relaciona de alguma maneira com o Texas? Poderia ser uma *true story*?

– Eu acho que sim...

Você teve alguma *true story* no Brasil que poderia muito bem ter aparecido em *True Stories*, o filme?

– Não, ainda não... (risos)

Roman Polanski disse recentemente que filmar é uma operação extremamente difícil: você passa quatro anos filmando para acabar com noventa minutos de uma fita de celulóide – e muitas vezes de todo esse trabalho, todas essas pessoas envolvidas, resulta um esforço inútil. Você acha que esse raciocínio se aplica à sua experiência?

– Ah, sim. Demorei dois anos para conseguir organizar tudo – conseguir o dinheiro, escrever, compor a música. A filmagem durou apenas dois meses. É muito tempo para trabalhar em um só projeto. Mesmo assim, no filme, estou satisfeito com o resultado. Saiu do jeito que eu queria.

Então *Stop Making Sense* pode ser considerado como fim de um período na carreira de Talking Heads e sua, e a partir daí você começou a atacar outros meios. Você pretende continuar trabalhando com direção de cinema?

– Sim, quero fazer mais filmes, não exatamente iguais a esse...

Jim McBride disse que você quase trabalhou como ator em seu último filme, o policial *The Big Easy*. É verdade?

– É sim, mas é uma pena, eu estava muito ocupado acabando *True Stories*, e não deu.

Há um verso na música "Love for Sale" que diz "I was born in a house with the TV always on". É uma experiência sua, também?

– Não, não. É comum à maior parte da nova geração nos Estados Unidos.

E como é a sua atitude em relação a isso? Você acha que essa garotada está perdida para a vida?

– Não sei. Acho que temos que esperar pra ver. É muito fácil dizer que essa situação é terrível. Eu saía muito de casa, com meus amigos. Esses garotos ficam em casa, e o mundo vem até eles. Eles não têm que sair de casa para ver o mundo. De uma certa maneira, eles podem saber muito bem o que anda acontecendo seja onde for. Mas só sabem através do ponto de vista da tela.

Muitos cineastas, especialmente europeus, tendem a considerar que a revolução tecnológica do videoclip matou a imagem pura no cinema – como por exemplo o plano longo, sem cortes. O que você acha?

– Eu acho que em *True Stories* há um pouco de tudo: muitas coisas são semelhantes à linguagem de vídeo, e há também vários planos longos. Há algumas cenas, inclusive, que consistem em um só plano. Essa montagem a machadadas, típica do vídeo, não acho que vá durar muito. O plano longo é sempre mais envolvente, e mais real. Só assim você vê tudo acontecendo na frente dos seus olhos. Não há truques, não há edição.

Então, em termos cinematográficos, você prefere fazer composições na tela.

– É isso mesmo. É a melhor coisa a se fazer em cinema.

Quando você escreve um roteiro, você já prevê todos os seus movimentos de câmera, ou deixa algo mais solto, para ser resolvido imediatamente antes da filmagem?

– Quando escrevo o roteiro, já prevejo tudo, com os storyboards.

Como você qualifica o seu trabalho, como diretor e músico? Você acha que é arte? É produto? Ou os dois?

– É alguma coisa no meio. Em muitos casos, é tudo que possa interessar o público em geral... às vezes...

Desde o início da banda você estava consciente disso?

– Estava. Foi uma razão fortíssima para que eu me tornasse um músico, muito mais do que um pintor ou alguma outra coisa. Música você pode colocar na frente do público em geral, um grande público, e ele faz o seu julgamento. No caso da pintura, as pessoas têm que ir a uma galeria, há um imenso ritual.

À medida que a banda progredia, no início, você foi abandonando a pintura, o desenho gráfico...

– Exato. E agora tudo começa a voltar, nesse filme e também nos clips.

Você acha que segue um padrão consistente no seu trabalho? Algo que está no fundo da sua cabeça que você segue, como se fosse um "caminho interior"?

– Sim. Eu não sei o que é. Está lá, eu apenas sigo, e também não sei para onde vai.

O tema da repetição. É algo que sempre o afeta? Por exemplo, o fato de você estar se repetindo em outros níveis...

– ... ou em outro meio de comunicação... Eu acho que todo mundo faz isso. No cinema, por exemplo, diretores contam uma história diferente a cada vez, mas que transmite o mesmo tipo de feeling.

Em *True Stories*, você teve muitas referências, ou atmosferas, nas quais se baseou?

– Muitas. Algumas idéias eu roubei, ou tomei emprestadas de outros filmes. No final, acho que terminam sendo bem óbvias. Há um pouco de Altman, de Fellini, Jacques Tati... No final também acho que o filme termina sendo uma coisa diferente – não se parece com os filmes desses autores.

Você fez prévias do seu filme para a garotada americana, antes do lançamento comercial?

– Sim. Enquanto estávamos editando, mostrávamos para algumas pequenas platéias, secretas, para saber as cenas que eles mais gostavam, e as que poderiam ser retiradas.

Houve alguma prévia para a garotada mais suburbana e barra pesada?

– Não... elas foram principalmente dirigidas a estudantes universitários, em cinemas perto das universidades.

Religião. Você tem alguma crença em particular?

– Não... Acredito que há coisas que não podemos ver e portanto não podemos compreender. Forças que a ciência não consegue entender ainda. Mas eu não apóio nenhuma religião organizada.

Você acredita em extraterrestres, por exemplo?

– Acho que eles devem existir em algum lugar.

E se eles forem bem bobos – sem a gente saber?

– É, eles podem ser muito bobos, ou podem ter uma forma completamente diferente.

Isso sem dúvida seria tema para uma música dos Talking Heads, não?

– É... (risos)

Você diria que há uma espécie de divisão entre dois Talking Heads – o primeiro, que era uma espécie de *cult band*, e depois a "big band", a partir da época de *Remain in Light*?

– Eu diria que é um feeling diferente.

Você planejou o Talking Heads, no início, para ser um tipo de banda de garagem? E depois expandir?

– A expansão foi natural. Nós não tínhamos nenhum plano.

Você acha que a América é uma utopia? Ou um pesadelo?

– Politicamente? (longo silêncio)... Para mim, a diferença, digamos entre uma ditadura e uma democracia, é que na democracia as pessoas elegem os idiotas. Acho que os Estados Unidos têm tido sucesso como uma democracia, mas para mim muito disso é devido a riquezas minerais, recursos naturais, que vêm sendo explorados nos últimos 300, 400 anos. Acho que o Brasil só agora está começando a explorar seus recursos. Quando essa exploração dos Estados Unidos acabar, o país vai entrar em colapso. A menos que sigam o exemplo de um país como o Japão.

Você escreveu um longo texto sobre o neopatriotismo americano. O fenômeno te irrita muito?

– Às vezes me irrita muito, mas às vezes eu penso: "E daí, é isso mesmo". É uma coisa embaraçosa. É embaraçoso vir a um outro país e perceber que a maior parte do que vem dos Estados Unidos são coisas como *Rambo*. Ou o que diz Ronald Reagan. É como se você tivesse que dizer às pessoas que lá não é todo mundo que pensa e sente dessa maneira.

Como você vê o fato de que a possível utopia americana seja dirigida por um ator?

– Se alguém tivesse feito o roteiro disso aí, ninguém teria acreditado. Quando você pensa, faz sentido. É o país onde nasceu Hollywood, onde nasceram os filmes de cowboy. O cowboy é um ideal americano. Então eles elegeram um cowboy para presidente. O próximo será Clint Eastwood, que já é prefeito de uma cidadezinha. Tudo isso também quer dizer que as pessoas estão mais apaixonadas pelo mito, pela imagem, do que pela realidade. Isso é um pouco triste. Mas é a realidade.

Você acha que ainda existe a capacidade de alguém se revoltar, na América de hoje?

– Não. Acho que apenas nos casos de gente muito maltratada, como os negros nas grandes cidades. Para a maioria das pessoas a vida é muito boa, muito fácil. Não há razão para ninguém se revoltar. Se há algum problema, reclamam e algo pode acontecer. Mas, comparada por exemplo à vida na favela, é uma situação muito boa.

O que mais o atrai na cultra negra? A música, ou a luta da raça negra em todo o mundo? Ou ambos?

– Eu acho que a música e outras manifestações da cultura negra vêm de uma outra coisa – de uma espiritualidade e de uma filosofia de vida, que possivelmente tem as suas raízes na África. É algo muito mais antigo do que o cristianismo. E pode ser mais saudável, fazer muito mais pelo corpo e pela mente do que o cristianismo. Além de tudo, produz boa música.

Quando você fez *My Life in the Bush of Ghosts*, com Brian Eno, foi uma espécie de homenagem a diversas culturas?

– Foi. Nós colocamos várias coisas em tape, gravamos outras do rádio, vozes, outros discos, e mesclamos com algumas músicas nossas já prontas. Nós achamos que a paixão em todos os casos estava nos vocais. Não importava o que eles estavam cantando, ou dizendo. Os vocais, para nós, na composição do álbum, passaram a funcionar quase como um elemento abstrato.

Em termos musicais, você diria que é basicamente um homem de ritmo, um letrista, ou um guitarrista?

– Não sei... Muitas vezes é o ritmo que me impressiona antes de tudo.

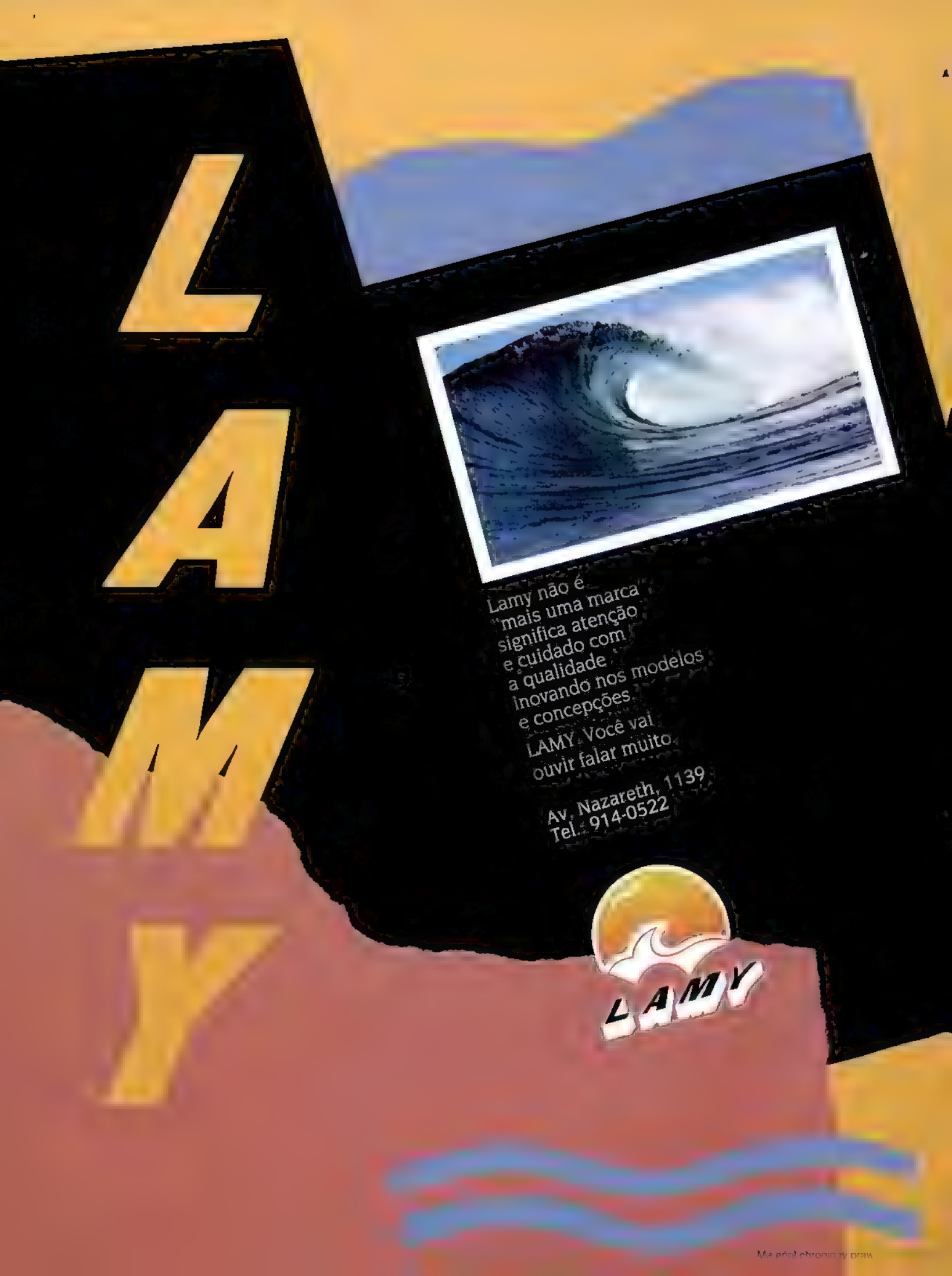
(Byrne faz sinal para mais duas perguntas)

Qual, na sua opinião, é o futuro do império americano?

– Acho que está caindo. Vai levar muito tempo para cair. Mas está acabando.

Sua relação com a mídia, e com esse mundo controlado pela mídia. Como você agüenta a pressão pessoal? Você acha que todo esse carnaval de mídia serve para alguma coisa? Tem alguma função social?

– Eu não acredito na mídia. Por exemplo, quando você vê o noticiário na TV. É sempre um ângulo da questão, um ponto de vista. A maior parte dos jornais americanos colhe as suas notícias direto de Washington. Eles imprimem o que lhes dizem, da Casa Branca, do Pentágono, seja de onde for. Às vezes se vê um político que tenta parecer se comportar como um ser humano. Esses são atropelados. Mas as coisas terminam sempre chegando a um balanço. As pessoas sobrevivem...


LAMY
Lamy não é
"mais uma marca"
significa atenção
e cuidado com
a qualidade
inovando nos modelos
e concepções.
LAMY. Você vai
ouvir falar muito.
Av. Nazareth, 1139
Tel.: 914-0522

Ou você se veste por aí...

...Ou na PACIFIC SHORE

PACIFIC SHORE®

LOJA 1
AV. PEDROSO DE MORAES, 1067
LOJA 2
R. HADDOCK LOBO, 1430
LOJA 3
AV. RIO DAS PEDRAS, 555 - Ljs 8 e 9
LOJA 4
AV. CONSELHEIRO AGUIAR, 3150
RECIFE - PE
LOJA 5
AV. CASTELO BRANCO, 3925
GOIANIA - GO
LOJA 6
RUA BARÃO DO CERRO AZUL, 245 Lj 1
CURITIBA - PR

PACIFIC SHORE

Acima de tudo você!

© PACIFIC SHORE TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

SAMBA

DANÇAR PRA NÃO DANÇAR

Agora, os ratos vagos de Samba voltam a sorrir. E que tem uma casa que anda mesmo arrebentando, o Cais, que fica em plena Praça Roosevelt, no centrão da cidade. O espaço e as músicas não poderiam ser melhores. O DJ Alois "Eddie the Monster" Lacerda, o intrépido Arthur "Dr. Ezo Tenk" Veríssimo auxiliados pelo mutimídia Pepe Escobar, Jerônimo, qualquer baixo astral é fazem defunto sair de corpo funk, reggae, rockabilly, surf music e o caceté. A segurança fica por conta dos carecas, que só na aparência intimidam qualquer bagunceiro. Nota dez para o proprietário, o excelente fotocopiador Kiato.

Em tempo: no Rio de Janeiro, o Suburban Dreams lidera a noite Disparado, e em Porto Alegre rock'n'roll é o Dose Dupla – que nas terças, como tudo tem que ser chato, transfere-se para Garopaba. (PAULO LIMA)

CUIDADO
CUIDADO CUIDADO CUIDADO
CUIDADO CUIDADO:::::;;
Todos que têm um mínimo de sensibilidade, sabem que nos círculos mais "in" (argh) das grandes city's brasileiras, a moçadinha POP sempre chupa o que vem de Londres, Berlim, Los Angeles, New York e Milão. Após muitos revivals, o melhor mesmo é música negra e rock'n roll, mas aguardem o novo pseudo-estilo a invadir as nossas metrópoles. Lá fora os modernosos se auto-intitulam de TRENDIES, um estilo adocicado leve como uma libélula, meigo como uma samambaia (adivinha né) com muita troca de olhares principalmente para observar que calça, camisa, sapato, cueca (opa) estai a vestiri ó pá! Delicadeza em excesso o tipo já circula pelos Jardins e Leblons da vida em suma aviadadamente mas sem muita bandeira. (ARTHUR VERÍSSIMO)

PÔ, WILLIAM!!!

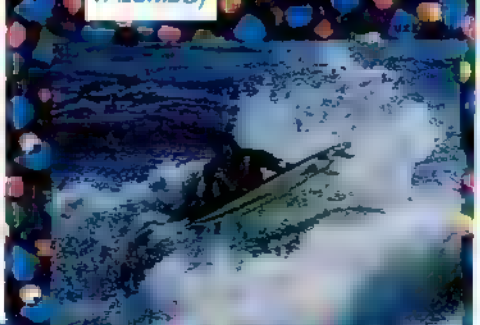
Foi inaugurado recentemente o restaurante Canto Bravo, no canto da Barra do Sahy, litoral norte de São Paulo. É um lugar super-agradável, que tem tudo para dar certo. Só que não tá respeitando a tranquilidade dos moradores da área... Foram instalados dois malditos geradores, que ficam ligados apenas 24 horas por dia. Pra complicar, os carros que pintam ali estão congestionando a entrada das casas dos vizinhos. Conclusão: acabou o sossego paradisíaco do Canto Bravo. Estamos torcendo para as coisas melhorarem por lá. (ÂNGELO PALUMBO)

totó – foto basílio ruy

PACIFIC SHORE

Nem só de campeões vivem os patrocinadores do surf profissional brasileiro.

A marca PACIFIC SHORE, resolveu investir em atletas que apesar de não subirem com freqüência aos pódiuns, representam muito bem a imagem da empresa, demonstrando seriedade e profissionalismo no surf e nas atitudes em viagens internacionais e no Brasil. Atualmente surfam pela PACIFIC SHORE os atletas Marco Bueno (TOTÓ), MICA de Ubatuba e ROGÉRIO SOUZA de Itanhaém.

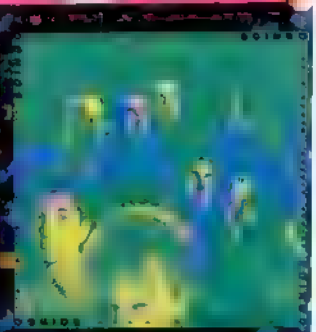


Andy Warhol (1928 - 1987)

Ele não acreditava na morte. Mas, pelo jeito, *ele* não sabia disso. E então, Andy Warhol morreu, no dia 22 de fevereiro, vítima de uma muito pouco inspirada parada cardiopulmonar. Artista plástico, cineasta, pensador maluco, Warhol deu a largada de uma revolução na arte, através da absorção das vulgaridades do mundo consumista.

E algumas de suas obras mais interessantes foram pintadas com palavras: "Nunca encontrei uma pessoa que não pudesse chamar de uma beleza", "É errado as pessoas do mesmo tipo viverem juntas... Se eu fosse presidente, faria com que as pessoas se misturassem mais"; "Quando passo minha mão sobre dinheiro, torna-se perfeitamente limpo para mim. Não sei onde esteve – quem o tocou e com que - mas tudo isso se apaga quando o toco"; "Fico desolado em ouvir falar na morte. Apenas pensava que as coisas fossem mágicas e que isso nunca aconteceria".

Tchau, Andy.



UM TECO NA AMERICA

O surfista carioca Teco Padaratz já é considerado há algum tempo um fenômeno como surfista amador. A pilha de troféus e títulos que possui se deve em grande parte ao trabalho de seu shaper e técnico Antônio A. Barros.

Agora, enquadrado na maioria dos seus concorrentes preocupa com os campeonatos que vêm a Teco arruma as malas para uma temporada de aproximadamente 1 ano na Califórnia onde deverá fazer um curso de inglês e competir muito melhorando ainda mais seu surf. Grande jogada TECO! (Paulo Lima)

LOS ANGELES, 8 P.M.

27 de dezembro de 1986, Hollywood Palladium, Los Angeles. Contei os minutos durante todo o dia, esperando chegar logo as 8 P.M. ... Eu iria assistir ao show dos meus sonhos: Oingo Boingo.

Maior crowd, alvoroço na rua, correndo na bilheteria e... *SOLD OUT!* Haviam acabado os ingressos. Ataquei um cambista, que de 30 dólares passou pra 20 (na bilheteria custava 15). Lá dentro, não havia lugar pra sentar, todos assistiam de pé. *Beer & woman a lot!* Um puta calor e lá fora 5 graus - é mole? Os rapazes entraram em bando no palco, a galera delirou. Denny Elfman todo de preto, com suspensórios, não disse nem *good evening* e já mandou música. Nos backing vocals, duas garotas com cabelos *a la* B-52's e o pessoal todo de smoking e gravata borboleta. O baterista John Hernandez, semi-careca, de shorts, e tênis, era um dos mais animados. O guitarrista Steve Bartek arrebentava nos solos e os dois mais novos componentes do grupo - o baixista baixinho John Avila e o tecladista Mike Bacjch - tomados, fazendo sons que pareciam vindos da morte. O pogo rolava solto com "Wild Sex", "Only a Lad", deixando todo mundo louco. Os garotos mais magrelos que estavam na platéia eram arremessados ao palco, junto com tênis, sapatos e blusas, a ponto de Elfman ter de pedir calma. Não dava pra acreditar no que se via. No fundo do palco, passavam filmes e efeitos visuais. O resto do show fica por conta da imaginação de vocês.

Pros americanos, foi mais um show de 1986. Pra mim, sobrou apenas uma exclamação: "Nossa...!" E era só um show do Oingo Boingo. (LUIZ "FEIO" SALA)

UNIJOVEM 87
III FEIRA UNIVERSAL DO JOVEM
A MAIOR FEIRA JOVEM DO BRASIL
INFORMAÇÕES: (021) 263-3577
13 a 19 de julho RIOCENTRO
Este é, sem dúvida, o melhor local para as empresas que têm no jovem o seu público alvo lançarem, venderem ou simplesmente divulgarem marcas e novos produtos. Lá estarão presentes as principais etiquetas da moda, bem como indústrias de motocicletas, computadores, vídeo, som e tudo aquilo que o jovem consome.
FAÇA UM BOM NEGÓCIO: RESERVE SEU STAND
Fibra PROJETOS PROMOCIONAIS

NOVO SHAPE

José Roberto Rangel sempre foi facilmente reconhecido nas praias. Afinal ele é o timoneiro de uma das mais importantes marcas da surf-wear brasileira, a Town & Country. Surfista na ativa, cheio de experiência, o Zé Roberto também chefia a equipe de surf da Town & Country, que entre outras muitas glórias, garantiu o primeiro lugar no último OP Pro, com Paulinho do Tombo.

Mas, apesar de toda essa desmedida atividade, Zé Roberto ganhou fama como o mais robusto cidadão das areias, graças a algumas dezenas de quilinhos que vinha colecionando há bastante tempo. Só que, para surpresa da maioria, o homem agora anda exibindo um novo shape, conquistado à base de regime e suor. Os dezoitos quilos que o Zé perdeu, tranqüilamente lhe dão o direito de tomar o lugar do grego Demis Roussous nos anúncios de dietas milagrosas..

ALEX CLICKS

Entre os dias 29 de janeiro e 15 de fevereiro ultimos, acon teceu no Mofarrej Sheraton Hotel de São Paulo a exposi ção de fotos do artista Alex Marques com apoio cultural da revista *Trip*. Fotografo bastante premiado Alex teve seu trabalho publicado em re vistas como a *Photo* fran cesa *Color Foto* da Alema nha *Fotografare* italiana e ainda ilustrou livros como *Portugal, Terra da Gente*, da Minerva do Com. Editora

Dia 24 de março de 1987
um dia muito especial
para o Surf brasileiro

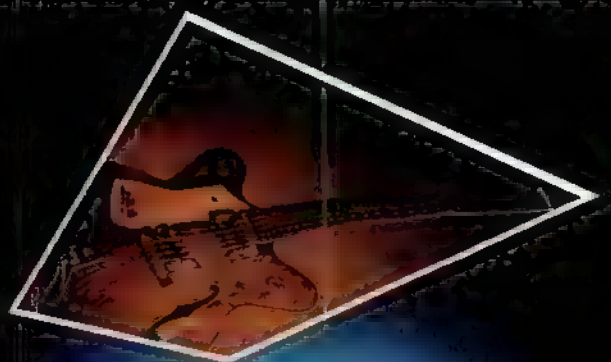
STAFF
POLL
TRIP

Após meses de votação e apuração... Na danceteria Metrópolis, do Rio, uma festa perfeita para a entrega dos troféus aos 10 surfistas mais populares do BRASIL. A banda "Engenheiros do Hawaii" completando a cena.

APOIO
STANLEY

Como é bom saber
tocar um instrumento

Tocar com as vísceras, coração, cérebro, dedos.
Sair de si e estar em todos, num passe
mágico da emoção deste para outro mundo.



O melhor da música instrumental, nas melhores lojas de disco, ou pelo reembolso postal.

SOM DA GENTE

Som da Gente Ltda.
R. Bocaina, 61
Fone 65-5282, 65-9403
São Paulo - SP

PROMOÇÃO

TRIP – AEROPERU

A revista *TRIP* e a Aeroperu vão presentear você com uma viagem ida e volta para o Peru! É a oportunidade de conhecer as ondas alucinantes de Punta Hermosa, Señoritas, Chicama e ainda visitar as paragens místicas de Cuzco e Macchu Pichu.

Para participar, basta escrever pra cá: revista *TRIP*, alameda Ribeirão Preto, 548, CEP: 01331, São Paulo (SP), respondendo:

[illegible]
DA REVISTA TRIP?

NA SUA OPINIÃO QUEM DEVERIA SER O ENTREVISTADO NA PRÓXIMA

VOCÊ JÁ VIAJOU PARA O EXTERIOR? PARA ONDE?

Escreva no envelope: Promoção Trip-Aeroperu. E não esqueça de completar com seu nome, idade e endereço completo. Só assim sua participação vai valer. O resultado sai na edição n.º 5 da revista *TRIP*. Boa sorte!

TRIP®

AeroPeru

paulo eduardo alves cardoal

A TRIP VAI PRO AR

Já rolando, na 89 FM, de São Paulo, o programa *Trip 89*, uma realização da equipe da revista *TRIP*. Tem música de todo jeito (hardcore, hard rock, rockabilly, funk, reggae, rockão, roquinho e o escambau), informações de surf, skate, vôo livre, bodyboard, windsurf e todos os outros esportes de ação. Tem também entrevistas (já subiram no palco o Paulinho do Tombo, o Nazi do Iral, o jornalista Maurício Kubrusly, o Luiz Melodia, o Arthur Veríssimo...). E quem quiser saber mais, que ligue o rádio nas sextas-feiras e sintonize na 89 FM entre oito e nove da noite

ALMIR SALAZAR NO INFERNO

[illegible]nca importante no OP [illegible]ca. Eram dois diretore[illegible] KSILVER internacio[illegible] já a con[illegible]

[illegible] ros acordos [illegible]

[illegible] urfistas austra[illegible]

FOTOGRAFIA É COISA SÉRIA.

É ESSE O RACIOCÍNIO DAS EMPRESAS QUE INVESTEM NO TALENTO DO FOTÓGRAFO DE ESPORTES BRASILEIRO.

Fico
wagon
profit
stanley
SUNDEK
RON SON
Nativas
COMPANY
Oiki SPORTSWEAR

TRABALHO DURO

Pois é... Nem todo mundo que vai tentar a sorte lá fora tem de passar por isso. O fotógrafo e correspondente da *TRIP*, Anibal Neto, que está sempre de plantão nas quebradas dos Estados Unidos, experimentou recentemente o árduo trabalho de uma sessão de clicks para a revista *Hustler*. Como se pode ver nas fotos, Anibal foi pro mato com uma loirinnazinha simpática. E nem reclamou o sol forte. Pobrezinho...

A DOENÇA DO CURREN

Tom Curren não veio ao internacional Hang Loose. A princípio, muita gente falou em boicote de seu patrocinador. Só que pouco depois, num depoimento à revista *Surfing*, Curren dava todo o serviço: ele disse que não veio ao Brasil porque teve medo de... "pegar doenças".

Pelo jeito, o cara já é doente. E nem fez falta por aqui. *(PAULO LIMA)*

DE OLHO NO SUL

A marca [illegible] de surfwear TIKI [illegible] uma estratégia de marketing digna de nota. Diante da saturação [illegible] equipes no eixo Rio SÃO PAULO, a TIKI voltou seus olhos para a região sul, um enorme potencial consumidor. Passou então a fazer investimentos maciços em surfistas e campeonatos de Santa Catarina. O resultado foi excelente. Falar em TIKI hoje, significa falar em grandes eventos, bons surfistas, seriedade e ótima organização.

TRASH

[illegible] da A[illegible] DE S[illegible]RF PROF[illegible]ONAL [illegible] vez um dos [illegible] [illegible] Barão apresenta [illegible]

Receba TRIP em sua casa ou escritório durante um ano (seis edições), pelo seu atual preço de capa. Para tanto basta remeter um cheque nominal ou vale postal (Agência CENTER 3 – SP – CEP 0[illegible] 389) em nome de TRIP Editora e Propaganda Ltda. – Av. Ribeirão Preto, 548 Capital São Paulo – CEP 0133[illegible] no valor de Cz$ 360,00 (trezentos e sessenta cruzados) junto com este cupom preenchido em letra de forma.
Maiores informações pelos telefones (0[illegible]1) 283-3804 ou 288-6912

NOME ____________ IDADE ____________
ENDEREÇO ____________
BAIRRO ____________ CEP ____________
CIDADE ____________ ESTADO ____________
TELEFONE ____________ RG ____________

HANG LOOSE
PRO CONTEST BRASIL 86

VÍDEO

Se você não foi assistir o Hang Loose Pro Contest, não perca esta incrível chance de tê-lo em casa.
Cenas alucinantes de toda a competição e tudo o que aconteceu durante a etapa brasileira do Circuito Mundial. Se você foi, melhor, veja novamente!

Peço enviar-me o Filme Hang Loose Pro Contest Brasil 86, no valor de Cz$ 1 00,00 à vista. No sistema: ☐ VHS ☐ BETA

NOME: _____

ENDEREÇO: _____ ESTADO: _____ CEP _____

CIDADE: _____ TEL _____

DATA: ____/____/____ ASSINATURA _____

Para tanto estou enviando cheque nominal no valor de Cz$ 1 800,00 para

HANG LOOSE INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.
Rua Joaquim Antunes, 489 - São Paulo - SP - CEP 05415 - Tel.: 853-4222

TRIP

BOOGIE!

Morey Boogie®
Bodyboards

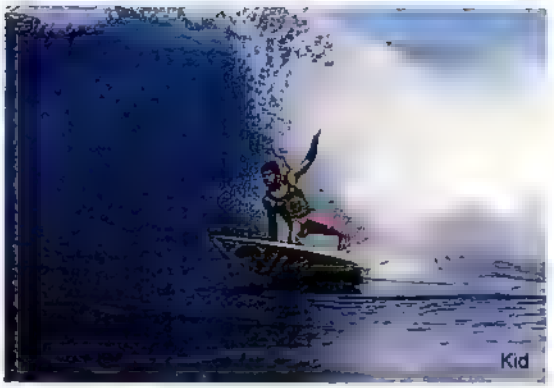
Morey Boogie Bodyboard é uma obra artesanal feita por CLARK FOAM PLÁSTICOS LTDA. Rua Mabá, 373/381 – Vigário Geral – CEP 21241 – Rio de Janeiro – Fone (021) 372 5037

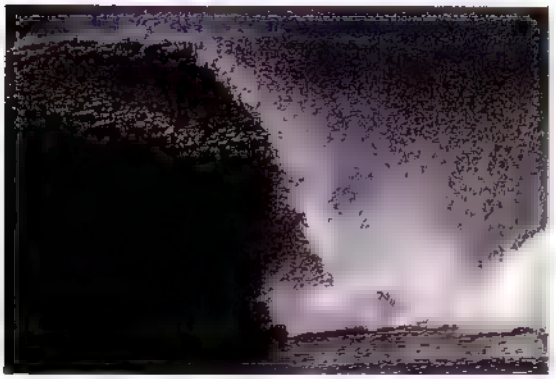
TEL (011) 531-4266

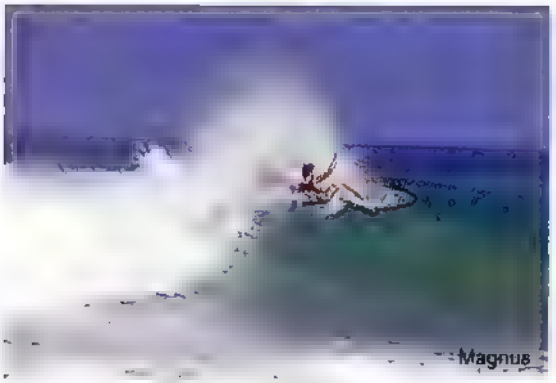
TRIP

ANO 1 NÚMERO 4 1987 Cz$100,00

MODA?
ONDAS
ALPINISMO
MARROCOS QUEBRANDO
SURF EM NOVA YORK
SERIADOS DE TV
MULHER
BODYBOARD: FRANCE

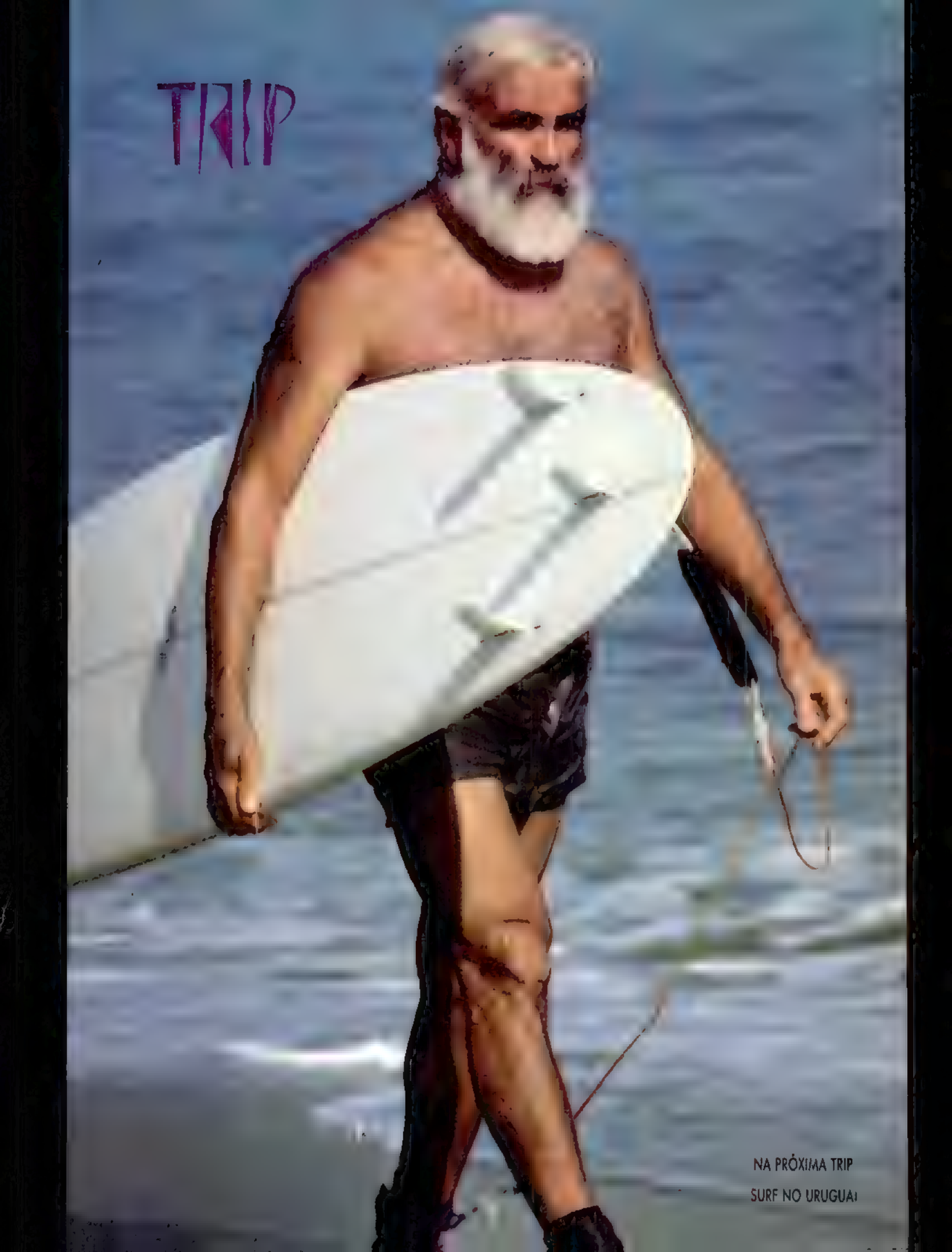






HANG LOOSE

Joaquim Antunes, 489 - (011) 853-4222, 852-0351


TRIP
NA PRÓXIMA TRIP
SURF NO URUGUAI

PAULO LIMA e RAFIC FARAH

entrevistam

FRANCE HAZAR

Waimea, 15 pés. Milhões de litros de água e sal elevam-se em alguns segundos. Não há lugar para hipocrisia ou hesitação... Ela vem te olhando, forte, pura. Sai da frente! France trocou a guerra surda das ruas da cidade pelas forças reais da natureza, dando sentido e direção à sua coragem. Lá não existe ninguém cuspindo ordens, não há barrigudos sentados atrás de mesas, arrotando prepotência. Sai da frente!

TRIP Primeiro, fala teu nome completo, os dados, a idade, conta tudo.

FRANCE Meu nome é France Rumeau Leão Hazor, tenho 22 anos, sou do signo de virgem, meu signo chinês é dragão. Nasci em São Paulo em 1964. Minha mãe é alagoana, meu pai é paulista, minha avó mãe da minha mãe é francesa, meu avô pai do meu pai é libanês e a mãe do meu pai é síria.

TRIP Bela mistura, hein?

FRANCE Tenho uma irmã que tem dois anos a mais que eu, tem 24 anos, trabalha na Varig. O meu pai tem um jornal e uma rádio em Santos e a minha mãe não trabalha, é dona-de-casa, odeia a profissão, e eu... não tenho profissão...

TRIP Como assim, você não é uma bodyboarder profissional?

FRANCE Não sei, eu nunca fui profissional, nunca assinei nenhum contrato, e agora eu tô com a Varig, mas é um contrato verbal, né, não tenho nada assinado.

TRIP E essa tatuagem na orelha aí, como é que é?

FRANCE Essa minha tatuagem é o meu signo chinês, mas antigamente ela era uma suástica, que eu fiz na época que era nazi-punk, em 84.

TRIP Como é que foi ser nazi-punk?

FRANCE É odiar todo mundo, é... sei lá... na verdade não é nada, eu acho, é só...

TRIP Por que você entrou nessa, se você nem sabe direito o que que é?

FRANCE Ah, porque eu queria odiar alguma coisa, aliás eu odiava tudo, achava tudo uma merda e aí eu... sei lá... odiava.

TRIP Você continua achando ou mudou de idéia?

FRANCE Agora, acho que tem filha da puta em todas as religiões, em todas as raças, mas sei lá, eu tenho amigos judeus, não tenho nada contra eles.

TRIP Deu pra acabar essa revolta?

FRANCE Eu era revoltada quando tinha 18 anos, mas era porque eu vivia, entendeu, vivi a minha vida inteira aqui no Brasil e eu achava que o mundo todo tava uma merda, mas eu acho que a merda mesmo tá aqui, que aqui que você não pode confiar em ninguém, que todo mundo é filha da puta e só quer te foder, que... sei lá, eu acho que lá fora ainda você consegue ser respeitado e respeitar, eu acho.

TRIP Você tem amigos aqui?

FRANCE Poucos.

TRIP Quantos, dá pra contar nas duas mãos ou precisa dos pés pra ajudar?

FRANCE Dá pra contar numa mão.

TRIP Certo, e esses amigos estão dentro do esporte?

FRANCE Alguns estão dentro do esporte e não fazem parte daquela panelinha, né?

TRIP Como é a convivência com as meninas bodyboarders brasileiras?

FRANCE Agora que esse esporte aqui tá a maior moda, não dá pra agüentar. Eu acho que é uma falando mal da outra e falando da... da... falando muito e não fazendo nada na verdade. Eu acho que todo mundo fala, muita competição de garganta, mas chega na hora do vamos ver num... sei lá.

TRIP As brasileiras sabem pegar onda de bodyboard?

FRANCE Eu acho que tem algumas que sabem pegar merreca. Eu acho que... não eu acho que elas evoluíram bastante desde 85, quando eu saí. Agora eu voltei em 87, e vi a maior evolução mas, é meio um Biro-Biro, aquelas coisas de pulinho pra cá, que não flui com a energia da onda. Tem um lance meio forçado pra ganhar campeonato.

TRIP Você competia em campeonato e agora, ultimamente, deve ter visto algum acontecendo. Como é que estão as coisas nessa área?

FRANCE Eu não acompanhei muito bem o que aconteceu, entende, eu fiquei fora um tempo e onde eu tava tinha poucas meninas que praticavam esse esporte. Agora, aqui, eu acho que, foi que nem patins; que nem sei lá, uma modinha.

TRIP Então você acha que vai acabar?

FRANCE Eu acho que vai... não é que vai acabar totalmente, mas essa modinha, essa onda, essa loucura toda, eu acho que vai parar um pouco e quem realmente gosta, quem se identifica mesmo com o esporte vai continuar.

TRIP E os homens, você acha que os caras vêem de outro jeito ou também estão na mesma babaquice das meninas, aqui no Brasil?

FRANCE Eu acho que tem os que já fazem, praticam há muito tempo, são os que vão praticar sempre. Mas esses que tão só porque é moda agora, eu acho que vão acabar também, vão aderir a outra coisa que seja moda daqui a dois anos.

TRIP Com esse crise generalizada no Brasil, ninguém tem grana, ninguém quer patrocinar ninguém, AIDS rolando solta, maior crise de depressão... Enfim, como é que é, ter 22 anos e ter de conviver com essa realidade?

FRANCE Não sei, acho que é melhor ter 22 anos do que ter 40, eu acho.

TRIP Há saída pro mundo atualmente, ou vai acabar mesmo?

FRANCE Não sei, não sei, eu não consigo entender se o problema tá aqui ou se é no mundo inteiro, se tá generalizado isso, ou se tem algum lugar no mundo que a gente pode escapar disso. É isso que eu tô procurando, entendeu? Eu queria viajar agora, porque eu não sei se eu vou ser, sei lá, ter essa mesma chance, entendeu, de fazer isso depois. Eu tenho dinheiro agora e eu vou usar agora, porque eu não vou guardar pro futuro, porque eu não sei se eu vou ter futuro, entendeu? Eu penso no presente, não penso no futuro, não sei o que vai acontecer.

TRIP Então são um tipo de fuga essas viagens pra pegar onda? De repente, deixa eu sair fora e pegar onda enquanto posso. É mais ou menos isso?

FRANCE É um monte de coisas mas, ao mesmo tempo, eu tenho a maior vontade de

conhecer, de viajar, de aprender outras línguas, a cultura, outros povos... Eu não tenho muito tempo pra fazer isso, eu acho que já tenho 22 anos e já tive que saber muito mais em outras coisas, já que eu não estudo, já que eu não tô estudando, não tô me informando e nada, não tô trabalhando com nada. O meu trabalho é ir entendeu? Absorver as coisas que eu vejo, viver aquela vida, aquele lugar e sei lá, descobrir onde que é o melhor lugar pra um dia parar, e ter um emprego, e ter uma família e fazer uma vida. Não sei se isso vai ser possível, se eu vou parar, eu não sei, se eu vou continuar, eu não sei...

TRIP Então a família está nos seus planos, você quer, como toda mulher, ter filhos, casar...?

FRANCE É, penso nisso, penso um pouco, mas não agora. Eu acho que não é agora, mas eu tenho que começar a procurar isso agora.

TRIP Quanto tempo faz que você começou a pegar onda? Isso influenciou, mudou tua vida?

FRANCE Eu acho que eu já viajei, eu fiz outras coisas, eu sempre pratiquei esportes, né... Mas, eu não sei, esse esporte foi o que me levou a... querer conhecer uns lugares do mundo, que eu nunca pensaria em conhecer se não praticasse esse esporte.

"O único jeito que eu me sentia bem aqui, era quando eu conseguia ser mais agressiva do que toda a agressão das pessoas que tavam em volta de mim."

ika aura preta

TRIP Quanto tempo faz que você começou?

FRANCE Desde 83, quatro anos.

TRIP Há quatro anos quase não tinha bodyboard aqui, tinha muito pouco...

FRANCE Tinha muito pouco, inclusive eu só consegui essa pranchinha porque a minha irmã foi pra Miami, ela me trouxe uma Aussie daquelas pequenininhas. Eu comecei em 83 e em 84 eu parei seis meses. Foi quando eu arrepiei o cabelo e decidi que odiava tudo, esporte e...

TRIP E aí você foi trabalhar numa confecção meio underground, a Kaos. Foi mais ou menos nessa época, não?

FRANCE Não, na Kaos eu comecei a trabalhar depois que já tinha passado essa fase de ódio.

TRIP Você já tava administrando o seu lado punk melhor, né?

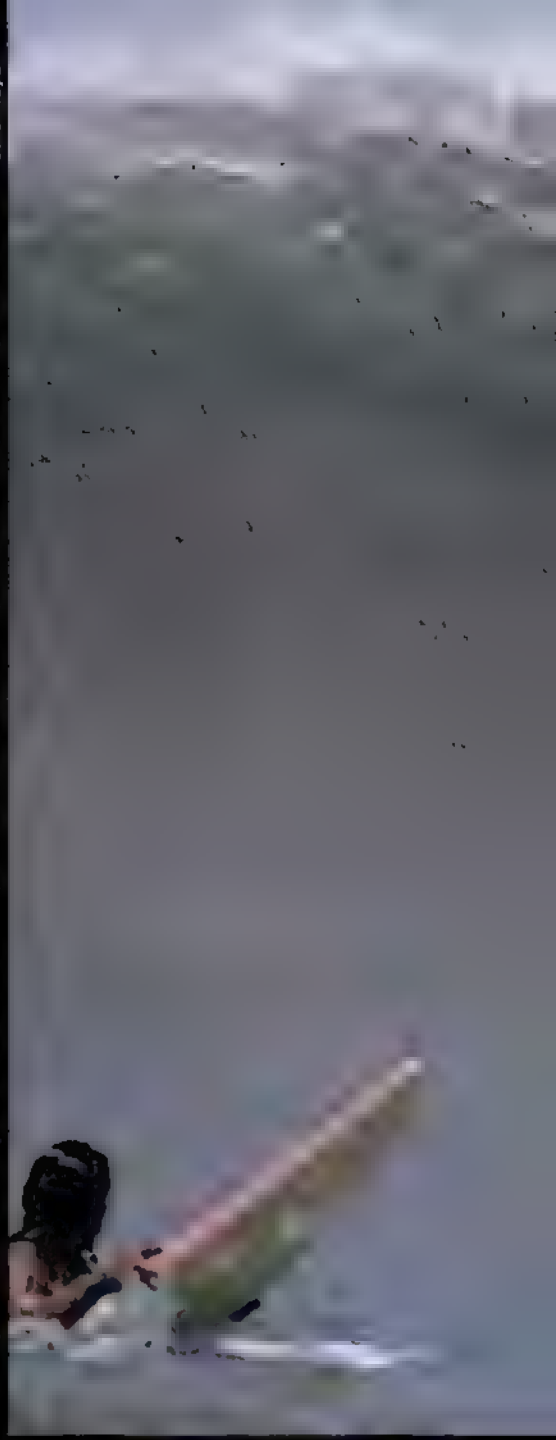
FRANCE Não, eu já não era mais tão punk assim, já queria meio, sei lá, não sei... Eu não entendo nada de punk, de neo-punk, de rock, de psicodelismo. Eu não sei de nada, não quero saber, eu sou o que eu sou e acabou.

TRIP E na praia? Você já se imaginou como um ohojouri na praia?

FRANCE Já, já. Inclusive eu participei de um campeonato chamado Campeogatas, que eu rasguei a camiseta toda do campeonato e deixei na casa do patrocinador como protesto. E xinguei todos os juízes e todo mundo que tava organizando o campeonato, porque o Campeogatas era o "Campeobunda": ganhava a melhor bunda. Não tinha onda e era o que eles queriam, que não tivesse onda mesmo, pra fazer um concurso de bundas mesmo. Mas, eu acho que é isso aqui no Brasil: tudo, tudo o que aparecer eles vão tentar levar pro lado pornográfico, porque é isso que dá grana. Brasileiro gosta de sacanagem mesmo e o que dá dinheiro é filme de sacanagem. Na rua, se as pessoas te olham, o jeito que elas te olham é com inveja de você ou com tesão, querendo te comer, ou com desprezo. Ninguém te olha numa boa achando você bonita, achando você legal, entendeu? Quando você conversa com as pessoas aqui, dificilmente consegue alguém que te passe uma energia positiva, entendeu, alguma coisa boa, alguém que esteja bem e que queira que você esteja bem também. Tá todo mundo sempre mal, sempre de cara feia, ninguém tá a fim de trabalhar, ninguém quer porra nenhuma, todo mundo odeia tudo.

TRIP Bom, eu tenho uma foto aqui com você dropando na frente de um cara. Aqui no Brasil – não sei como é lá fora – os caras ficam revoltados quando são rabeados normalmente, e super revoltados quando são rabeados por uma menina de bodyboard...

FRANCE Eu acho que o bodyboard, não dá pra separar né, é surf também, é a mesma coisa. Eu sei lá, eu acho que esse tipo de preconceito existe, pelo fato desse esporte ter vindo depois e pelo fato, mais ainda, da gente ser mulher. Ao mesmo tempo, não sei, aqui no Brasil quem é homem e pega onda de bodyboard é viado, né, dizem que esse esporte é pra menina só. Mas, ao



daron loyd

mesmo tempo, se você dropa na frente de um cara e você é mulher, você é mais marginalizada ainda do que se você fosse um garoto. Isso não tem nada a ver, entendeu? Pode ser um surfista com outro surfista, um bodyboarder com outro bodyboarder, um bodyboarder com outro surfista, ser mulher ou ser homem. A partir do momento que você dropa na frente de alguém, se você não atropelha entendeu, pode pegar onda junto. Tem tanto cara que pega tubo junto em Pipeline, dois caras juntos num tubo, sei lá...

TRIP Você se dá bem com o pessoal do bodyboard aqui no Brasil? Você é considerada meio maldita...

FRANCE Não sei, não sei como é que tá a minha imagem agora, mas aqui em São Paulo a gente começou uma associação, a gente tentou unir o esporte e fazer ele crescer, fazer campeonato, essas coisas. E sei lá, depois desse campeonato no Rio, que eu fiz esse escândalo, esse lance do Campeogatas, muita gente começou a não gostar de mim e

muita gente começou a gostar. Foda-se se não gosta, cara, eu não vou ficar aqui no Brasil."

TRIP Como é que foi essa tua viagem? Foi a primeira vez que você saiu do Brasil?

FRANCE Não. Eu já tinha ido pra França quando eu tinha 15 anos, eu fui na esquema de ficar na casa da minha tia, que é francesa e mora lá. Eu tenho um amigo, que em 85 começou a colocar na minha cabeça: vende seu carro vai pro Havai, vende seu carro vai pra Havai, vende, sai daqui do Brasil que você vai melhorar, você vai melhorar. Depois que eu fui punk, que eu achava tudo uma merda, eu comecei a parar de tanta droga, de me destruir, e querer ficar saudável outra vez, e querer ver a vida mesmo, a natureza, de querer ter uma vida melhor e conseguir ficar forte outra vez, entendeu, de ser e de conseguir alguma coisa mesmo, tipo de vitória. E aí, o Havai. De repente, sei lá, foi demais pra mim, porque lá todo mundo, pelo menos na norte da ilha, as pessoas que moram lá, os americanos que moram lá, eles cuidam muito da saúde, todo mundo dorme cedo e come coisa natural, tem uma alimentação saudável, faz muito exercício, corre na praia e pega onda. Tem moleque de 10 anos pegando onda e velho de 60 anos pegando onda. E eu entrei nessa de querer ficar cada vez mais saudável e mais forte. Sei lá, querer vencer.

TRIP E aí você foi pro Havai ...

FRANCE É, aí eu fui e fiquei morando lá, fiquei 6 meses, depois fui pra Indonésia, fiquei mais 2 meses, aí voltei pro Havai, fiquei trabalhando e fiquei mais 6 meses. Aí eu não queria ficar ilegal nos Estados Unidos e voltei pro Brasil. E aí eu me arrependi bastante de ter voltado... Acho que eu deveria ter casado, feito alguma coisa...

TRIP Tem muita gente que fala e acha que mulher que começa a praticar muito esporte, acaba ficando meio masculinizada, muito forte. Você deve ter outra visão disso?

FRANCE Às vezes, quando olho umas revistas de moda, eu vejo aqueles costureiros famosos, Ives

"Aqui no Brasil, eu sinto que não posso confiar em ninguém."

"Por que vem todo mundo pra São Paulo? Por que tem seca no Nordeste? Por que com a seca lá, não dá pra eles cultivarem a terra e conseguir irrigar e plantar?"

"Eu devia ter vindo pra cá na hora do Plano Cruzado, que tava todo mundo contente."

"Eu adoro a vida de Tarzan, de selva, eu acho demais. Eu queria fazer um safari na África, mas não pra matar animal, mas pra ver elefante, girafa, tigre, leão..."

marcelo laxe

SUNSET - HAVAI

Saint-Laurent, Paris, aquelas mulheres com as pernas fininhas, aquelas coisas, eu acho legal. Mas a minha constituição, eu nunca poderia ser assim, mesmo que eu não fizesse esporte. Meu pai tem 1,94 m e minha mãe 1,73 m, tem ossos grandes, eu sou grande, a minha irmã é grande. Mesmo que eu fosse magrinha e fininha, eu nunca poderia ser uma figura delicada e leve. Não adianto, eu não sou assim, acho que eu sou o que eu sou, assumi e acho que força é uma coisa e músculo é outra.

TRIP Você faz ginástica?

FRANCE Ah, eu sei lá. Quando eu não tô pegando onda eu acho legal dar uma corrida pra manter a forma, pra não ficar cansado, pra não ficar parado muito tempo. Fazer, eu faço muita flexibilidade, que eu gosto. Eu sou flexível, adoro fazer flexibilidade e alguns exercícios tipo abdominal, dorsal, umas coisas assim de voleibol que eu sempre fiz.

TRIP Como é que foi o teu primeiro patrocínio, com a OP?

FRANCE Foi. Em 85 eu telefonei pro Sidão, que era um cara que eu já conhecia, um cara que era meu amigo, que eu conhecia de dentro d'água, de pegar onda. Aí eu telefonei pra ele e pedi um patrocínio pelo telefone e ele falou que sim. Daí o Sidão ficou sendo meu amigo, uma pessoa que eu adoro, que, sei lá, que sempre me ajudou, que nunca me negou nada. Mas eu acho que nunca explorei ele, nunca pedi demais também. E sei lá, era um patrocínio da OP, que é legal, que é bom. É bom ter um patrocinador! Isso foi no começo em 85 e eu fiquei com a OP 85 inteiro. Aí chegou no final do ano, quando eu quis sair do Brasil, a OP não tinha nenhum interesse em patrocinar ninguém lá fora, então eu fui sozinha, eu me autopatrocinei. Fiquei sem patrocínio até agora, até acertar com a Varig.

TRIP Você acredita em Deus?

FRANCE Eu acredito, mas eu não acredito em reza, em Igreja Católica, religião, eu acho que tudo isso é o maior, eu acho que tem o maior, mesmo, alguém querendo tirar dinheiro pela fé das pessoas.

TRIP Quando você toma um caldo em Pipeline, você pensa em quem? No mãe, em Deus, em alguma coisa mais forte, qual que é?

FRANCE Penso em alguma coisa mais forte. Penso nos meus mentores espirituais, em alguém que tá ali do meu lado, alguém que me fez entrar ali no mar, não sei porque e quem vai ter que salvar minha vida, ou então...

TRIP Você sabe quem são esses mentores ou você imagina? Ou você tem pessoas ou entidades nas quais acredita...?

FRANCE Eu acredito que existam, não sei quem são ainda, mas eu acho que vou descobrir. Mas acho que todo mundo tem isso, são os anjos da guarda, eu acredito nisso, acredito em espíritos. Eu acho que as pessoas morrem, mas eu acho que elas tão por aqui assim, que elas tão por perto da gente.

TRIP Cultura: Como é que você transa isso?

FRANCE Eu gosto, adoro ir no cinema... Eu queria

darran loyd

SUNSET - HAVAI

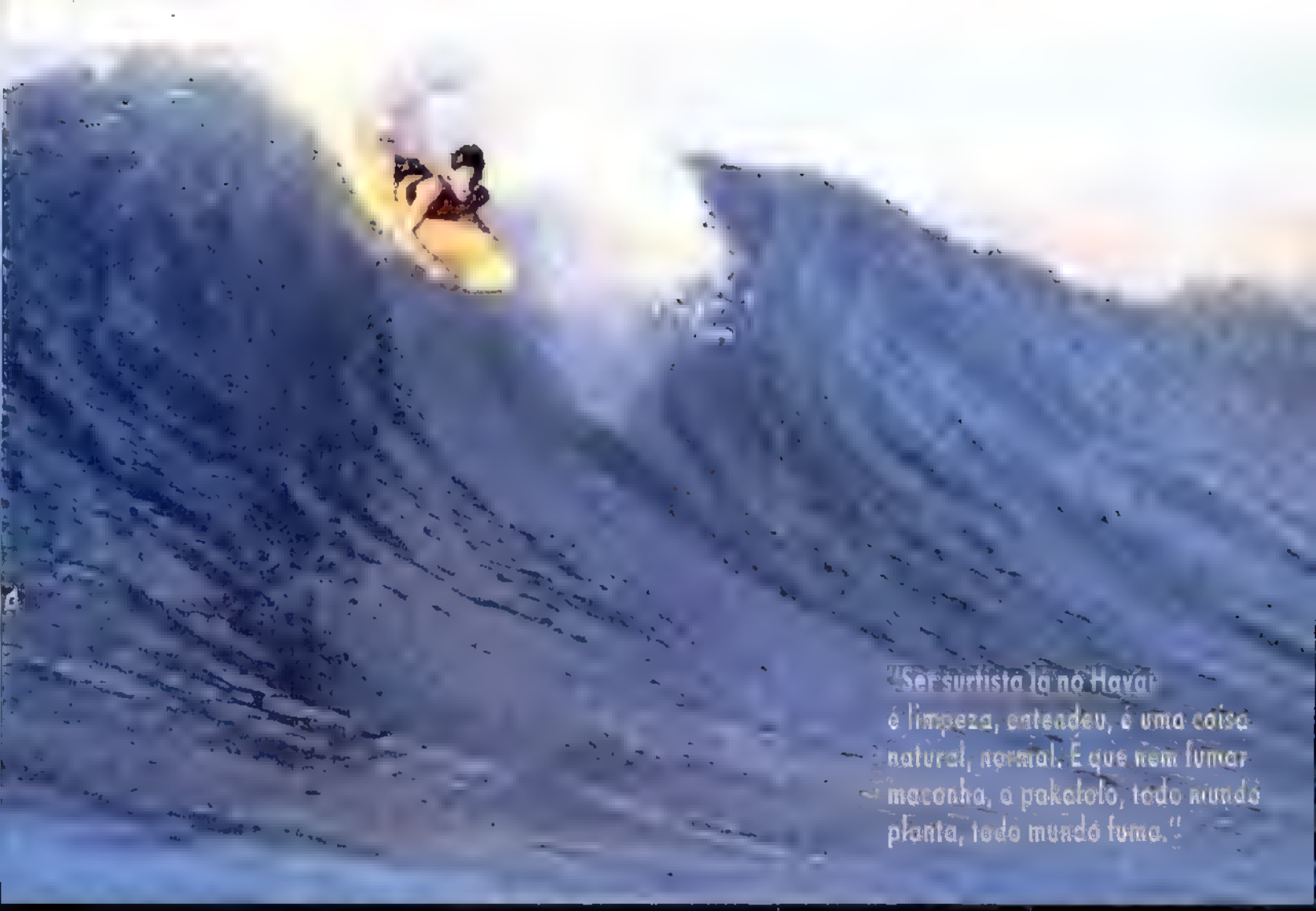
ser bem informada, eu queria estar por dentro de tudo que tá acontecendo, mas ao mesmo tempo eu tô atrasada, porque não consigo ficar na cidade, no meio de onde isso acontece. Eu teria que estar aqui em São Paulo ou em Londres ou em Los Angeles pra poder estar por dentro do que tá acontecendo. Eu queria, eu quero conseguir conciliar as duas coisas.

TRIP E o que você está lendo?

FRANCE Eu tô lendo um livro de Tai Chi, que é um lance que eu tô muito a fim de fazer. Eu acho que ioga, todos os tipos de ioga, as culturas orientais, mexem muito com a respiração, uma coisa que é super importante pra gente que faz esporte, pega onda. E ao mesmo tempo, é uma absorção de energia, uma coisa – parece meio freak né, mas eu acho que tem a ver, meu. Eu conheci muitos surfistas, muitos *top sixteens* que fazem ioga. Muitas vezes eu tive no mar, assim, em situações de muita adrenalina, de que se eu não conseguisse manter a minha calma, fizesse uma respiração certa, e umas coisas de ioga mesmo, uma concentração, eu acho que eu não teria sobrevivido. Muitas vezes eu passei por essa situação. Eu gosto de ler muito a *Heavy Metal* francesa. Eu adoro ler, eu acho demais, tem altos desenhos de sacanagem, umas coisas assim meio...

TRIP E de namoro, como é que você tá? Você tá casada, solteira?

FRANCE Ah, não sei, não tem ninguém aqui que me interesse, pelo menos eu não conheci ainda, no Brasil, ninguém que me interesse. Lá fora eu conheci



"Ser surfista lá no Havaí é limpeza, entendeu, é uma coisa natural, normal. É que nem fumar maconha, o pakalolo, todo mundo planta, todo mundo fuma."

alguém que me interessou muito, só que essa pessoa já conhece alguém, entendeu, e eu teria que ser a outra pessoa, e aí não é legal. Mas eu acho que, não sei, eu tô mesmo na procura de uma pessoa, uma só, eu não tô a fim de ficar pulando de galho em galho, já passei essa fase. Acho que isso não atrapalha não, acho que isso ajuda, deve ser legal você ter uma pessoa que você goste e goste de você também, e viajar e construir alguma coisa junto, é legal.

TRIP Não te incomoda o fato de que você tá deixando o Brasil e que talvez essa pessoa esteja aqui?

FRANCE Não, porque eu vou encontrar essa pessoa algum dia, eu já sei disso, só que na hora que eu tiver preparada. E essa minha viagem agora é uma fase dessa preparação, entendeu, eu tô me preparando ainda pra ser uma pessoa. Acho que eu, hoje em dia, não sei o que quero, o que eu sou, o que eu gosto, o que eu leio, o que eu faço.

TRIP Você acredita em destino, então?

FRANCE Acredito. Acredito, e um cara leu minha mão uma vez, foi a única vez.

TRIP E o que ele falou?

FRANCE Ah eu não posso falar...

TRIP Como é que era o teu dia-a-dia no Havaí?

FRANCE Ah, eu morava na frente de Sunset, bem na frente do pico. Eu aluguei essa casa em setembro, quando eu voltei de Bali, e corria na areia lotada até Velzy Land e voltava todo dia. Aí eu tomava café, entrava no mar quando o mar tava bom. Se não tava bom em Sunset eu pegava uma bicicleta e ia checar Pipeline ou Rock Point, ou onde tivesse melhor. Se tivesse muito grande eu ia até Waimea. E era isso, era correr, pegar onda, comer...

TRIP E a alimentação? Você come de tudo?

FRANCE Eu comecei a morar nessa casa que eu aluguei, eu morei com um cara que era naturalista, ele não comia gordura, nem sal, nem açúcar, só comia coisas naturais, coisas inteiras e naturais. Ele fazia acupuntura, e esse cara me curou de várias dores, curou vários surfistas, todo mundo. Todo mundo ia parar lá em casa com dor aqui, dor de lá, já saía da água direto pra minha casa.

TRIP Esse cara pegava onda?

FRANCE Esse cara pega onda, o John, e ele foi um cara incrível, cuidou muito da gente, de mim e da Andreia... um pai. Ele foi um cara que ensinou muito pra gente sobre alimentação, então cortei o sal total da minha alimentação – que sal retém muita água, é um lance que faz muito mal. Comecei a comer o que ele comia: vegetal, muita vegetal, arroz, muita fruta – mas não muito, porque fruta tem muito açúcar. E só isso, carne de vez em quando, eu como peixe ou galinha, mas muito de vez em quando.

TRIP E o aborto? Você é contra ou a favor?

FRANCE Ah eu acho que... Por que ser proibido se todo mundo uma vez na vida, duas, três ou dez, sei lá, todo mundo, tudo quanto é mulher passa por esse problema? Eu acho que ela tem que ter o direito de escolha, se quer ter ou se não quer ter entendeu? Se for proibido vai sempre ter aquele cara clandestino que vai fazer e, sei lá, por quê? Acho que tem que ser liberado.

TRIP Se hoje você engravidasse?

FRANCE Hoje em dia... Eu acho que eu faria aborto, mas depende muito né, não sei, se eu engravidasse de alguém que eu não quisesse, ou que eu não gostasse, ou se fosse agora e fosse atrapalhar os meus planos... Mas, se fosse numa hora que eu tivesse a fim de ter a criança e fosse de alguém que eu gostasse eu não faria.

TRIP Com quantos anos você acha que a mulher tá madura pra começar a transar?

FRANCE Com quantos anos eu acho? Eu não sei, eu não sei, não tenho idéia, acho que com cada mulher é diferente. Mas, eu acho que com 12 anos aqui, elas, todo mundo já tá transando, né, homem, mulher...

TRIP E você, com quantos anos você começou a transar?

FRANCE Com 17.

TRIP Foi muito tarde ou foi legal ter dado um tempo? Hoje em dia, 17 é considerada tarde...

FRANCE É, eu acho que foi tarde já pra época, mas eu tinha medo, assim, tinha o maior preconceito.

TRIP Você usava aquela desculpa: "Ah, acho que eu não estou preparada", ou na verdade você nem sabia de nada?

FRANCE Não, eu usava a desculpa: "Não, dói, não, tchau".

TRIP E agora, com o lance da AIDS? As pessoas

vão ter mais medo de transar, ou você acha que neguinho vai ignorar e continuar em Sodoma e Gomorra?

FRANCE Eu acho que isso já tá acontecendo. Conheço muitos homens, muitos caras, muitos garotos que eu conheci que eram uns putas, eram os maiores putas, trepavam com todo mundo. E agora eles tão mesmo com uma namoradinha fixa e tal, aquela coisa, né.

TRIP Você consegue separar amor e sexo? Dá pra fazer sexo só por atração e depois...?

FRANCE Ah, eu acho que eu consigo separar.

TRIP Você usa fio dental?

FRANCE No dente ou na bunda?
No dente eu uso, que eu preciso usar, porque eu me sinto bem assim, tipo livre.

TRIP E na bunda, você se sente bem, livre também?

FRANCE Não sei, a única vez que eu usei foi em Bali, que tava todo mundo de fio dental, homem, mulher, viado, surfando de fio dental, todo mundo naquela, aí eu usei uma vez, mas eu acho a minha bunda muito grande pra usar fio dental, eu me sinto meio pelada.

TRIP E, o que te atrai mais num homem, que parte do corpo?

FRANCE Que parte do corpo? Eu acho que não sei... ombros largos assim, não é fortão de halterofilismo, entendeu, de puxar ferro, é aquilo de nadador, de surfista, alongado.

TRIP E na mulher, que parte do corpo você acha mais bonita?

FRANCE Ah, eu acho... o quadril, eu acho bonito na mulher.

TRIP Alguma vez você já teve alguma coisa com uma mulher?

FRANCE Já me passou pela cabeça isso, mas na prática nunca tive coragem, assim...

TRIP Nunca desenvolveu...

FRANCE Não, isso foi sempre, sempre.. Eu acho que todo mundo cogita tudo o tempo todo.

TRIP Você pensa em um dia experimentar essa sensação?

FRANCE No verdade eu penso, mas chega na hora eu, nunca, eu penso duas vezes e falo não.

TRIP Mas você acha que você trava por pressão social ou porque, sei lá, você não quer mesmo?

FRANCE Não, porque eu acho que seria uma coisa que eu ia me arrepender depois.

TRIP Ia se violentar, né?

FRANCE Na verdade quando eu falei que a parte que eu achava bonita na mulher era o quadril, não é verdade. Eu acho que não é só o quadril, entendeu? Eu acho bonita a parte que vem da barriga até o joelho, assim, sabe, essa parte do tronco, não sei... o colo, é o colo.

TRIP Se você tivesse que botar em ordem de importância estes três valores: surf, sexo e cultura... que ordem daria?

FRANCE Eu acho, eu poria, tá, eu acho que é muito importante cultura, eu poria em primeiro lugar. Mas eu não sei, na verdade eu não sei o que é mais importante...

TRIP Vou simplificar pra você. Se você tivesse de ficar sem um dos três, se chegasse Deus pra você e falasse: "Olha, escolhe aí, que um dos três você não vai mais poder fazer... ou ter acesso a cultura, ou transar, ou pegar onda?"

FRANCE A cultura.

TRIP: Tá respondido. Quais os lugares do mundo que você conhece?

FRANCE Eu conheço a França, conheço duas ilhas da Indonésia, Bali e Java, conheço duas ilhas do Havaí, Oahu e Maui. Só.

TRIP Fala um pouco de música e moda. Que música você ouve?

FRANCE Eu escuto muitos tipos de música. Eu escuto GBH, que eu adoro, escuto Grace Jones, escuto reggae, Third World, Steel Pulse, Bob Marley, sei lá. Em cada lugar que eu vou, cada tipo de música que é hábito das pessoas escutarem no lugar, eu acabo escutando tanto, que eu acabo gostando e então isso meio que fica, eu escuto de tudo. Sei lá, mas, Grace Jones é o que eu mais tenho escutado agora, eu gosto muito.

iko ouro preto

TRIP E moda?

FRANCE Ah, eu não acompanho a moda. O que eu gosto de vestir, é jeans, camiseta, tênis, o que todo mundo da minha idade gosta de vestir. Eu não tenho roupa pra me vestir bem, eu não compro roupa, não gasto dinheiro com isso, eu acho supérfluo. Você compra uma roupa da moda hoje e daqui a um mês já não é mais moda e você tem que deixar no armário. Acho que comprar roupa é, ou pra quem é modelo, entendeu, que tá sempre atualizada e pode adquirir roupa toda hora, ou pra quem tem muita grana e pode ter um super armário.

TRIP Você tem medo de morrer?

FRANCE Eu tinha medo de morrer, ainda tenho um pouco, mas agora eu entendo mais um pouco assim: acho que se eu tiver que morrer, eu vou morrer na hora que eu tenho que morrer. Então eu acho que não tem que ter medo, acho que não vai ser tão ruim assim. Acho que aqui na Terra tem coisas que são piores que a morte...

TRIP Quanto você acha que você devia ganhar como bodyboarder profissional?

FRANCE Eu acho que pra eu ser uma bodyboarder profissional, primeiro eu tenho que evoluir muito, tenho que aprender muito, porque eu tô aprendendo ainda. Eu sinto que eu tô aprendendo, eu acho que quem é profissional hoje em dia, lá fora, pega onda há mais de dez anos.

TRIP Quem é o melhor?

FRANCE Uma vez eu falei que a melhor era Mike Stuart e a Johnny Boy Gomes quase me bateu. Todo mundo é o melhor, entendeu, não existe o melhor. Isso é errado, falar "o melhor". Mas, eu acho que o Mike Stuart, ele é tricampeão mundial, isso pesa.

TRIP E no Brasil, quem é o melhor? Homem e mulher.

FRANCE Não sei, eu gosto do Xandinho, eu acho que ele é um dos melhores – ele não é o melhor,

> "Eu não quero ficar nesse aqui, eu não quero simplesmente resolver os meus problemas aqui: entrar numa academia de ginástica, arrumar um emprego, comprar um carro, viajar de fim de semana e ter essa vidinha aqui. Não é isso que eu quero."

mas ele é um dos melhores. E no feminino... não sei, eu acho que eu tô meio desatualizada, eu vi as cariocas pegando onda, eu acho que, no Rio de Janeiro, eu gosto da Mariana Nogueira, eu acho ela muito boa. Gosto da Daniela, também, Figueiredo... não consigo dizer quem é o melhor.

TRIP Se você pudesse passar com um avião, numa praia lotada, puxando uma faixa, o que você escreveria nessa faixa?

FRANCE Difícil... Eu escreveria... Putz, que difícil. Não, nem paz e amor. Não, eu escreveria que... Ah, eu queria, pô, não tem nada na minha cabeça agora.

TRIP Então depois você me liga...

FRANCE Depois eu te ligo. Não: agora. Tem que ser agora! Eu acho que eu escreveria... tipo as pessoas olharem pra frente, para as pessoas se preocuparem com as próprias vidas não ficarem nessa de ficar falando mal. Eu não sei como é que se fala isso numa frase.

Apoio Cultural

OCEAN PACIFIC

MEXICO

PRO LINE OCEAN PACIFIC - TESTADOS E APROVADOS POR DAVID HUZADEL.

URUGUAI

COMO IR: Existe um pacote aéreo São Paulo-Montevidéu, ida e volta, por 360 dólares. Esta promoção é válida para mais de cinco dias e menos de um mês. A melhor opção, já estando no Uruguai, é alugar um carro: Fiat Uno/33 dólares, Prêmio/35 dólares e Voyage/37 dólares (Fonte: Panitur Turismo). Para aqueles que moram próximos da fronteira, a melhor opção é ir de carro, pois a aproximadamente 40 km já é possível ver boas ondas.

TRANSPORTE LOCAL: Não existe transporte específico, exceto os ônibus das linhas regulares que vão das cidades para as praias. É aconselhável alugar um carro, pois não existem muitos horários destes ônibus. A Carteira Nacional de Habilitação tem validade no Uruguai.

ONDE FICAR: Se você estiver em Punta del Este, o melhor é dirigir-se a Maldonado, onde os hotéis são bem mais baratos e as possibilidades de se dialogar um preço com o dono do hotel são bem maiores. Em La Paloma, não será difícil alugar um bom bangalô, pois existem muitos na região. Seus preços variam de 15 a 30 dólares para quatro pessoas. Existem também hotéis bem acessíveis, com diárias de 7 a 20 dólares por pessoa. No parque de Santa Teresa não existem acomodações para alugar: o jeito é ficar em Punta del Diablo, distante 20 quilômetros do melhor pico (La Moza). Em Punta del Diablo você pode alugar uma casa local sem problemas, com preços bem variáveis de acordo com a época.

Texto e Fotos

Dennis Magalhães

MELHORES PICOS: Em Punta del Este pode-se surfar boas ondas desde Manantiales, La Barra, La Olla (em frente a loja Sun-Valley), La Virgem, e com o vento sul forte pode-se pegar uma onda pequena, mas muito boa, ao lado do Iate Club. As melhores ondas estão ao norte do país, no parque Santa Teresa e em La Paloma. Em Santa Teresa o melhor pico é La Moza com uma das melhores direitas do país; depois vem praia do Barco, Las Achiras, Praia Grande, todas com boas ondas também. Em La Paloma, pode-se ver boas ondas em Los Botes e Zanja Honda, com boas esquerdas, e La Pedreira e La Aguada, com direitas e esquerdas muito consistentes.

MELHOR ÉPOCA: A melhor época para o surf é o inverno, mas como o frio na região é cortante, fica-se com a entrada (mar-mai) e a saída do inverno (out-nov), com temperatura de água e de vento mais amenas, e o swell com um bom tamanho.

OUTROS TOQUES: * Se você for de carro, entre em contato com o consulado uruguaio para ver os documentos necessários para o veículo. * Quando o veículo for a álcool, é bom levar um galão, pois o álcool lá é mais ou menos três vezes o preço daqui. * Em La Aguada os melhores bangalôs são Delphines, Delpiemont e Hotel Palma de Mallorca. * Para refeições em La Paloma, procure os restaurantes Daniclau e La Marea, ou a confeitaria La Farola. * Se você levar alguns equipamentos de surf não será muito difícil repassá-los, é só oferecer na praia mesmo. * No Uruguai o número de surfistas não é muito grande, mas é bom cuidar com o localismo (às vezes é bastante forte).

EQUIPAMENTOS: Não existem muitas surf shops no Uruguai, e o material encontrado é pouco e caro; por isso, vale a pena se precaver levando duas pranchas (6'0" e 6'4"). No Uruguai, tanto no inverno como no verão, são usadas roupas de borracha. O melhor é levar um bom quiver delas. Os equipamentos brasileiros são bem vistos pelos surfistas locais, o que pode diminuir a sua bagagem na volta e diminuir também o custo de sua viagem. Caso você necessite adquirir uma prancha, em La Paloma existe uma fábrica. É só falar com o Willy.

No alto à esquerda Rodrigo Variani e no centro Tuca Gianotti

NÃO PERCA:

NA PRÓXIMA EDIÇÃO DA TRIP, AS MELHORES ONDAS JÁ FOTOGRAFADAS NO URUGUAI NUMA REPORTAGEM EXCLUSIVA!

O TÊNIS	PU-BICOLOR
O MATERIAL	Poliuretano de dupla densidade.
AS CARACTERÍSTICAS	Metade do peso de qualquer outro tênis

1 - Sola em poliuretano (PU) de alta densidade, resistente à abrasão.

2 - Entresola em poliuretano (PU) de baixa densidade, para conforto e absorção de choques.

3 - Sistema de montagem "Califórnia".

4 - Palmilha pré-moldada removível.

5 - Contraforte termoplástico, para maior firmeza do calcanhar.

6 - Cabedal em vaqueta com perfurações, para melhor ventilação.

7 - Língua em PVC acolchoado.

8 - Forro e colarinho interno em PVC dublado com espuma, para maior conforto dos pés.

* Encontra-se nas versões cabedal de couro, lona e poliéster, nos modelos ATP 2500, Mercury, Sirocco, Select, White Sport e Axis.

O produto é usado por Ivan Lendl e Stefan Edberg, os melhores tenistas do mundo do ranking mundial.

adidas

peso leve

PU-BICOLOR PRIMEIR

A modelo da capa de nossa última edição foi maquiada por Duda.

CAPA
Alessandra Becriel vista por J.R. Duran e Rafic Jorge Farah.
O surfista sonhado na capa é o campeão mundial Tom Curren, fotografado em Huntington – CA por Annibal Neto. Colaboraram na foto de estúdio: Pepe, Kakó e Tonia Soares.

EDITOR Paulo Anis Lima
DIRETOR ADMINISTRATIVO Carlos G. Sarli
CONSULTORIA DE MARKETING Wanderley Pedrecchi
EDITOR DE ARTE Rafic Jorge Farah
EDITOR DE ESPORTES Eduardo Borgerth
DIRETOR DE REDAÇÃO Otávio Rodrigues
PROJETO GRÁFICO sei lá... mil coisas

ARTE
DIREÇÃO: Fernando J. Mendes
ASSISTENTE: Walter Luis Pinazzini
TRÁFEGO: Rosana Vianna
RELAÇÕES PÚBLICAS: Fernando Vieira de Carvalho
REDAÇÃO
PRODUÇÃO: Juliana Cristina de Souza
REPORTAGENS ESPECIAIS: Arthur Verissimo
MARKETING EDITORIAL: Fernando José da Costa Netto
FOTOGRAFIA: Ernesto Baldan
FOTO STAFF: André Reichmann, Átila Sarazzi, Cláudio Marombão, Dennis Magalhães, Mickey Hoffmann, Marcelo Lessa, Paulo Filgueiras, Shoiti Hori, Sidney dos Santos José

COLABORADORES
FOTO-ESPORTES: Alexandre Fonseca, Ângelo Palombo, Carlos Eduardo de Campos Leis, Daniel Gouvêa, Eduardo Graça Neto, Jair Sorelli, Levy Cruz Paiva, Luciano Claro, Marcelo Bosch, Mário Castelo (Mogy), Paulo Galvão, Patrício Vilela, Pier Palombo, Ricardo Barbaro. **ESTÚDIO:** Álvaro Elkis, Armando Prado, Bob Wolfenson, Charlie San Juan, Klinchotsky, Fernando Frandini, J.R. Duran, Paulo Vainer, Tico Ohara, Vitor Amatti.
TEXTO-ESPORTES: Aldhemar Freitas Filho, Edison Rocchi, Eduardo Faria, Fábio Bolota, Fernando Paiva, Luiz Roberto "Formiga" de Moraes, Marco Bueno, Roberto Teixeira, Ronaldo Cavalcanti. **MÚSICA:** Alceste Lacerda, André Christovam, Fernando Naporano, Kid Vinil, Pepe Escobar, Paulo J. Marques, Lu Gomes.
CONSULTORIA DE MODA: Hermano Vianna, Ernesto Baldan

CORRESPONDENTES
USA: Hawaii – Bill Bansfield; Califórnia – Anibal Neto e Adrian Kojin; Detroit – Jarbas Bueno; Nova York – Cláudio Elbetsky. **FRANÇA:** Jean Michel Potier e Frédéric Pouvarel. **PORTO RICO:** Norman Grossbrantz. **EUROPA:** Pepe Escobar, e Paulo Progida
DEPARTAMENTO FINANCEIRO
GERÊNCIA: Shoiti Hori
ASSISTENTE: Adriana Lúcia de Souza

DEPARTAMENTO COMERCIAL
DIREÇÃO: Aldhemar Freitas Filho – Gal P & P / Rua Cerro Corá, 1.646, CEP: 05061, São Paulo (SP), fone (011) 260-2964.

REPRESENTANTES
SÃO PAULO: José Carlos de Almeida Júnior, Paulo Maciel, Plínio di Gioiese, Robson do Monte, Selma Pina, fone (011) 260-2964
RIO DE JANEIRO: Andréa Ibench, Carlos Augusto Lemos, Ernesto Lemos, Luiz Armando Gusmão, fone (021) 226-7648
SANTA CATARINA: Valéria Arruda (0482) 23-2116
RIO GRANDE DO SUL: Dennis Magalhães (0512) 31-6619
ASSESSORIA JURÍDICA: Matheus Martins da Costa, Sílvia G. Shéhar, J.C. Gambegs, Hélio Dias de Moura
ASSESSORIA DE IMPRENSA: Art Press (SP – 011 – 853-0418)
IMAGEM: São Paulo Criação

SERVIÇOS GRÁFICOS
FOTOLITOS: Lincart, Coloriek, Margrist
COMPOSIÇÃO: Lídio Ferreira
IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Editora Abril S.A.
DISTRIBUIÇÃO: Fernando Chinaglia S.A. – rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro (RJ).

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da revista. TRIP não publica matérias redacionais pagas e é uma publicação bimestral da TRIP Editora e Propaganda Ltda. Administração, redação e publicidade à alameda Ribeirão Preto, 548, São Paulo (SP), CEP: 01331. Fones: (011) 283-2804 e 288-6912. Escritório no Rio de Janeiro: rua Dona Mariana, 225, fone: (021) 226-7648.

EDITORIAL

CALMA JACK, DEVE HAVER UMA SAÍDA!

Era uma tarde fria num McDonalds qualquer. Depois de 2 sundaes de chocolate, consegui a resposta que queria:

– Diga ao Paulinho do Tombo que foi uma honra dividir a primeira página do jornal com alguém a quem foi permitido atingir seus objetivos.

O Dr. Dílson Funaro era, naquela tarde, um resumo da desilusão que assolou o Brasil nos últimos meses. A realidade do País conseguiu podar qualquer tentativa de otimismo. O que fazer? Editar uma revista toda negra em sinal de luto? Seria essa a nossa função? Chegamos à conclusão que havia outro caminho, já que os principais setores da imprensa trabalharam incansavelmente denunciando, alertando sobre os escândalos e desmandos administrativos que debilitam o País. Resolvemos fazer uma revista para mostrar que ainda vale a pena estar vivo, mesmo pagando 81 cruzados pelo quilo do papel cuchê.

Enquanto todos relembram os tristes tempos do autoritarismo da velha república, fomos reviver os seriados e desenhos animados dos anos 60 e 70, verdadeiras cartilhas de duas gerações, numa reportagem que deve ser lida usando camisa cacharel e calça de helanca.

Enquanto o país assiste boquiaberto à discussão do mandato presidencial, preferimos mandar nossa equipe ao Marrocos, descobrindo hospitalidade e ondas alucinantes sob os ares de Marrakech.

Para homenagear os trabalhadores brasileiros, resolvemos mostrar a experiência de outros profissionais, que não têm de se esforçar tanto para ganhar a vida: os alpinistas, que escalam montanhas íngremes sem equipamento. Sabemos que qualquer metalúrgico brasileiro, largado ao pé dessa montanha, chegaria ao topo antes do almoço sem sequer molhar a camisa, usando a capacidade aeróbica adquirida na escalada diária da inflação. Mas...

Na área da ficção, trazemos a descoberta do surf em Wall Street. E para você que vive sem perspectivas, algumas imagens do tipo... "Beba isto, Jack, lhe fará bem".

Por último, resolvemos prestar uma homenagem à mulher, esta entidade suprema, que tem sido um dos principais motivos pelos quais este País escapa da desintegração. A elas, três reportagens que tentam invadir o poço de emoções e sensibilidade que cada uma carrega.

Somos alienados? Ora, não seja tolo, Jack!

PAULO LIMA

MARROCOS
Um surf safári nas terras de mil e uma noites — 18

STAFF-TRIP POLL
Os dez surfistas mais populares do Brasil — 30

PROVOCAÇÃO
Um ensaio muito especial de J.R. Duran — 34

NOVA YORK
Inédito: Surf na Big Apple — 42

MONT BLANC
O médico que trocou o estetoscópio por cordas e picaretas — 52

FREE CLIMBING
Subindo o morro de mãos vazias — 56

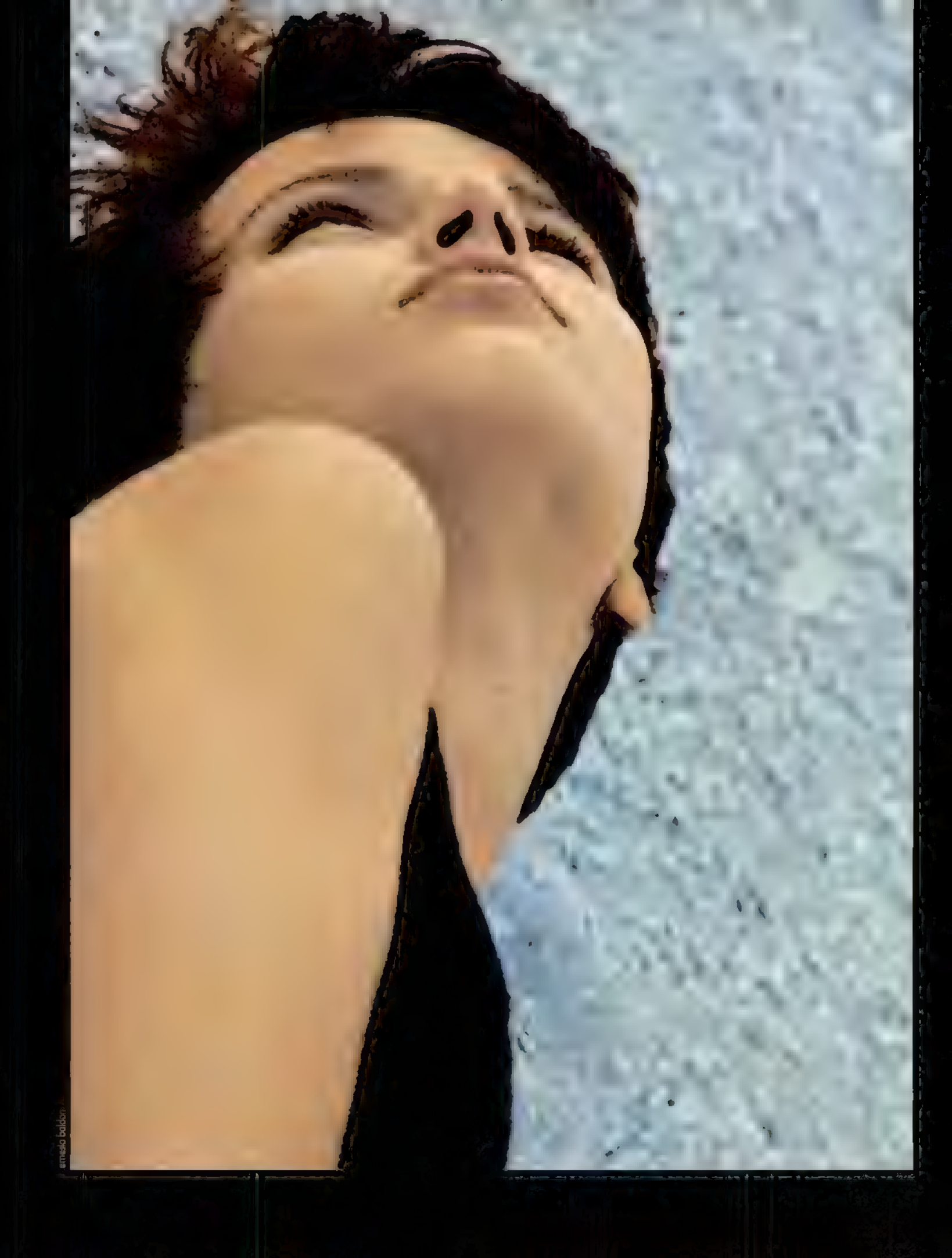
MODA?
O Choque final — 62

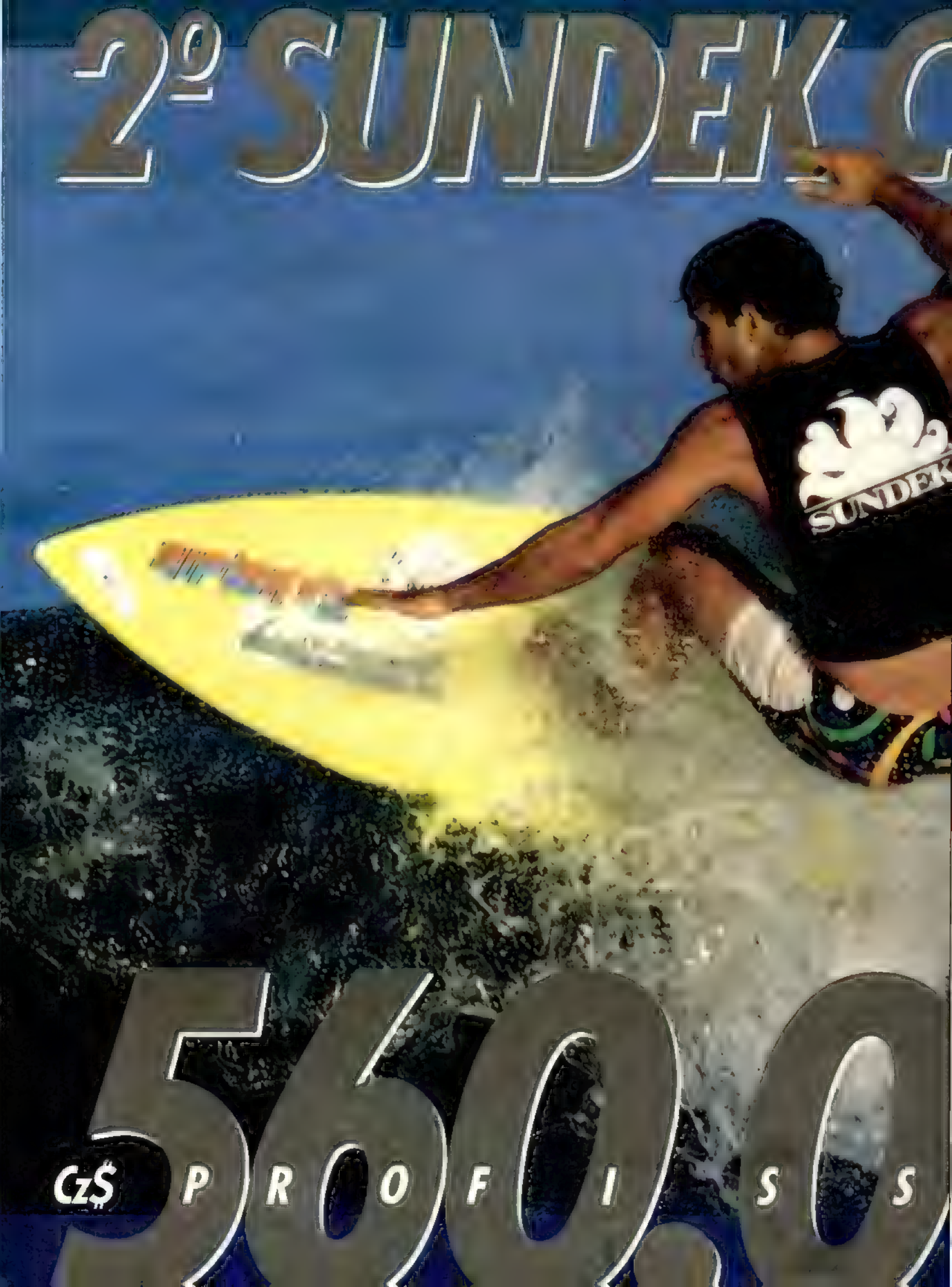
SERIADOS DE TV
Bam-Bam era filho adotivo... — 78

IMAGENS
A vez dos olhos, em grande estilo — 84

SALADA
As idéias vivas — 98

Dedicamos esta edição ao jornalista Jânio de Freitas, ao verdadeiro jornalismo.

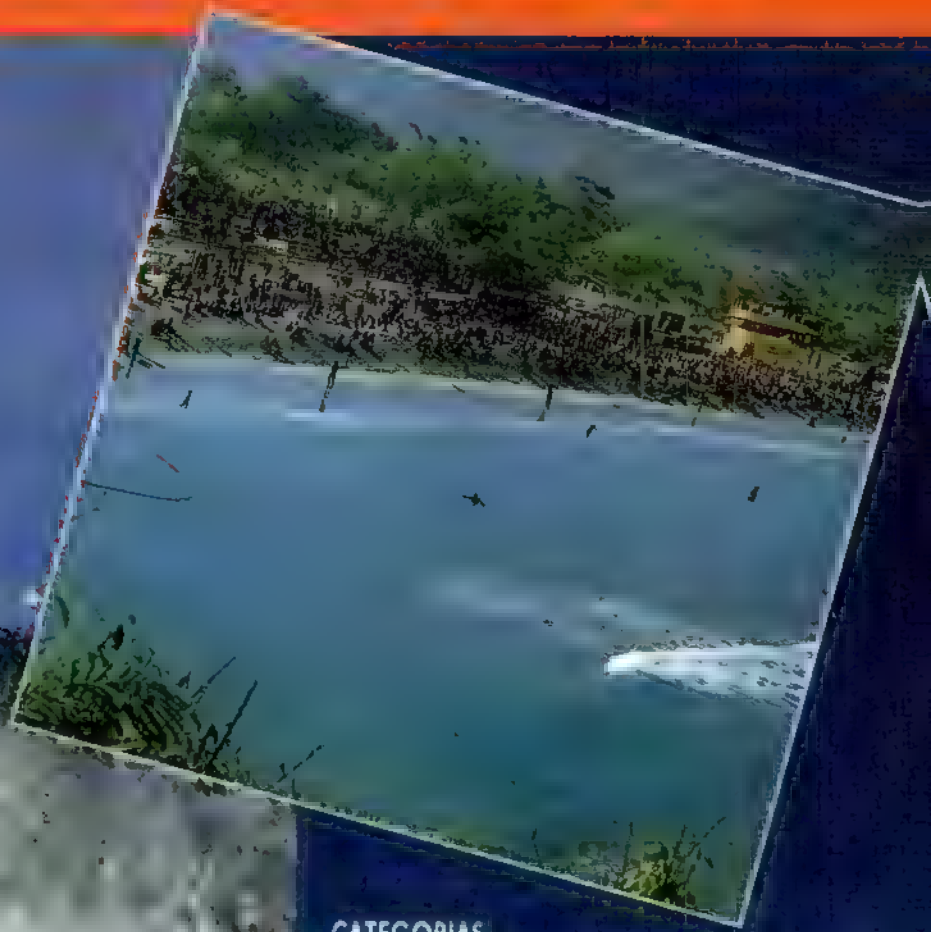



2º SUNDEK
SUNDEK
5600
Cz$ PROFISS

ASSIC

2º SUNDEK CLASSIC

DE 18 A 26 DE JULHO



CATEGORIAS
PROFISSIONAL AMADOR LONG BOARD MASTERS

INSCRIÇÕES
EM UBATUBA DE 13 A 17 DE JULHO
CATEGORIA PROFISSIONAL DE 13 A 21 DE JULHO

LOCAL
PRAIA DE ITAMAMBUCA

ORGANIZAÇÃO
SUNDEK

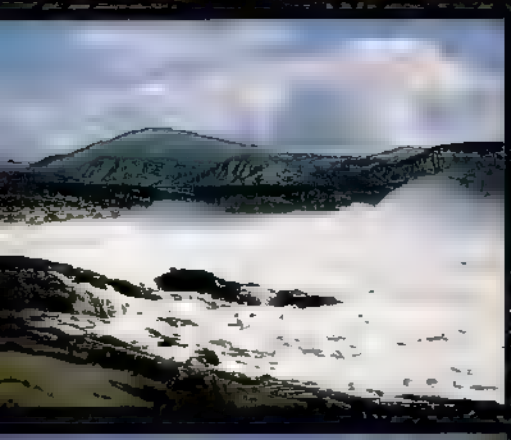
COLABORAÇÃO
PREAMAR
CALBRAS

APOIO
REVISTA FLUIR
Rádio FLUMINENSE 94,9 FM
Mills
89 FM
abcom
PREFEITURA MUNICIPAL DE UBATUBA

ONAL

مراکش

TANGER
CEUTA
TETOUAN
LARACHE
RENITRA
Mehdia
RABAT
Bouznika
CASABLANCA
EL JADIDA
Sraki
SAFI
MARRAKECH
ESSAOUIRA
TARAZOUT
Beyond Agadir's Bay
La Bouillette
AGADIR
Killer Point
Mistery Point
Ancre Point
TAROUDANT
OCEANO ATLÂNTICO
ILHAS CANÁRIAS
LAS PALMAS
المملكة المغربية
REINO DO MARROCOS
descobriram que
MARROCOS começa
com mar.
Por Atila Abruzzi
جانن



Um lugar de mil surpresas... Em cima, Beyond Agadir's, depois Tarazout e Killer Point. Um caso de opção.

Punks e darks já estão comuns no nosso cotidiano. Imagine agora um rei e um plebeu na mesma calçada. Lojas sofisticadas a poucos metros de mercados coloridos de raças, artesanatos, animais e todo um folclore milenar. Mais extravagante seria colocar um Rolls-Royce prateado estacionado ao lado de um paciente e desajeitado camelo. Ou ainda, no lugar dos bares e boates, uma casa noturna onde um sheik acompanhado de sua ostensiva comitiva degusta pratos exóticos, não muito longe de um ruidoso grupo de jovens envolvidos com simples latas de coca-cola.

E como se não bastasse, o mar beijando o deserto. Ondas virgens, perfeitas e grandes, lambendo castelos piratas e quebra-mares gigantescos. Por incrível que pareça, tudo isso existe! Não além do horizonte, mas nas páginas das mil e uma noites. Um país encantado onde o céu é bordado por estrelas cintilantes, que modulam no deserto fantasmas de heróis lendários nas mornas areias de Marrakech e Agadir.

O contraste é escancarado quando se chega ao Marrocos vindo da Europa. Jamais esqueceremos o primeiro árabe que vimos. A primeira cidade "vazia", sem o lixo visual das propagandas capitalistas. As primeiras palavras de um idioma intrigante, que num todo, mais pareciam cenas de um filme de séculos atrás. E o mais incrível é que estávamos fazendo parte dele. Misturando o exótico e o moderno, o camelo e o surf.

SENTINDO O CLIMA

Começou numa sexta-feira chuvosa de outubro, quando deixamos Portugal com destino a Algeciras (Espanha). De lá, atravessamos o Estreito de Gibraltar – zona militar fortemente vigiada – num ferryboat enorme, que em 45 minutos nos levou a Ceuta, outro porto marítimo espanhol, já em terras africanas. Durante a travessia, os passageiros eram uma coleção de homens mal-encarados e roupas amarrotadas. Árabes encapuzados, alemães skinheads, alguns pastores fazendeiros (com ar de delatores), caminhoneiros, muambeiros, desconfiados, misteriosos e nós, é claro. Juntos no mesmo barco para o Marrocos. Cinco brasileiros faziam parte da nossa "equipe": Nando, Magrão, Manduca, Tatao e "X". Os três primeiros estavam na Europa há quatro meses, os outros dois eram David Huzadel e eu. Estávamos num Ford-Van/76 que, utilizado como casa, percorreu 2.500 quilômetros sem transtornos.

Na aduana fronteiriça, que (nem sempre) abre as portas do Marrocos para quem chega por terra, tivemos um grande impacto: armas apreendidas, carros e motos depenados, mulheres islâmicas espancadas ao tentar o contrabando e a irreverência geral dos policiais deixaram-nos em estado de tensão generalizado durante as quatro horas de espera.

SONHO OU REALIDADE?

Beduínos nômades vagando pelo deserto, saqueando turistas – e por que não surfistas – com suas adagas afiadas e cavalos velozes, emanando hostilidades nas mil e uma noites e dias da costa marroquina, não passaram de pesadelo. Em Lisboa, a semana que antecedeu nossa ida rumo à África foi pincelada de premonições pessimistas daquele território. A água, a alimentação, o combustível, o socorro mecânico e o próprio relacionamento com os árabes transmitiam problemas. Os dias que se seguiram nos provariam exatamente o contrário.

Um país organizado e de bons costumes, que apesar das intempéries climáticas, preserva os traços da colonização francesa durante os 32 anos de independência pacífica. O Reino do Marrocos – Maghrib-al-aqçã – que em árabe quer dizer o país do poente, está a noroeste do continente africano e tem em Rabat sua capital. Povo coeso, admirador do Rei Hassan II, mistura-se entre árabes, berberes e minorias européias. Adeptos do islamismo (98% da população é muçulmana), vivem em paz e perpetuam as mais antigas tradições de seus antepassados. Alheios aos hábitos do capitalismo, ignoram o potencial das ondas do mar que banham sua costa. Conhecer o Marrocos significa sentir o verdadeiro sabor da aventura.

QUEBRANDO O ENCANTO

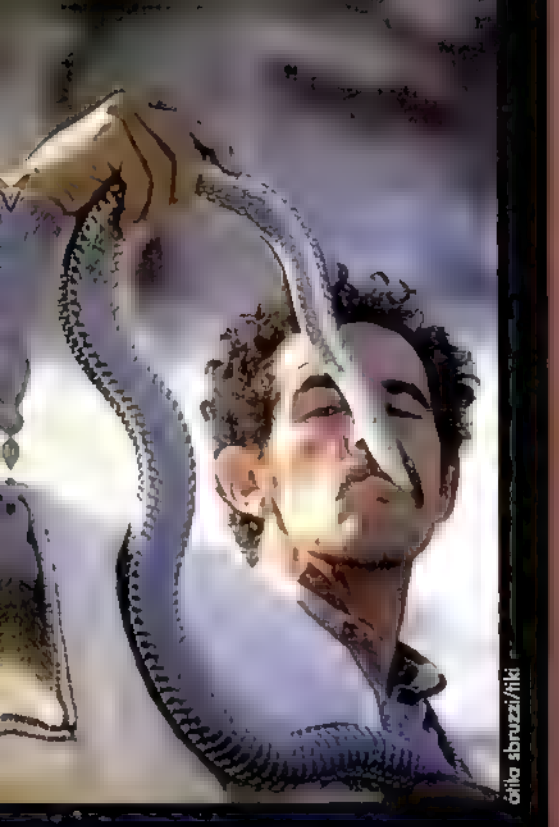
O sol quente e o vento soprando forte em uma das muitas planícies desérticas, completavam o cenário do fim de tarde do nosso primeiro dia. Passamos por Tanger, Larache e agora sentíamos o cheiro do mar perto da região de Kenitra. Era noite quando chegamos à praia, e teríamos dormido ali mesmo, não fosse os policiais quebrarem o encanto dizendo que não era permitido camping naquela área. E pra entender isso? A língua oficial é o árabe e o francês é normalmente falado em todo o país. O que dá na mesma. O espanhol é freqüente em algumas zonas do norte (Costa do Mediterrâneo) e, de começo, foi o que salvou.

Acordamos entre alguns arbustos às margens do rio Sebou, na praia de Mehdia, que tem uma geografia característica para quebrarem boas ondas. O swell está baixo e o maré seca. Longos quebra-mares acompanham a desembocadura do rio, ocasionando um point-break colado à margem esquerda. Mas, é dentro dos molhes de pedra que a formação impressiona. Quase um quilômetro rio acima, quebravam 1 a 2 pés perfeitos. De acordo com o informativo americano *Surf Report* que tínhamos à mão, a ondulação aqui pode chegar a dois metros quando está de norte e proporcionar direitas e esquerdas de até 7 pés. Não era o caso. Seguimos viagem.

Em Rabat, a capital, o surf é praticado em uma baía que recebe o mesmo nome da cidade e tem um castelo pirata numa das margens. A bancada de areia é perfeita para os dois lados e a pirataria há várias décadas não é mais praticada aqui. São apenas marcas visuais de um passado cheio de emoções cedendo lugar ao *frisson* do surf.

Tubos e cut-backs confirmaram as excelentes direitas de Bouznika como o melhor point do norte marroquino. A 30 quilômetros ao sul, Casablanca facilita a chegada de wind-surfistas, caiaqueiros, francesas louríssimas e alguns surfistas, dando um

Um neo-zelandês, dando a volta ao mundo, parou em Ancre Point. Achou as ondas fantásticas, e com razão. Abaixo, a entrada de uma medina, moldura exata para a arquitetura de Safi.



O encantador de serpentes, as muralhas, as ruelas, o livre comércio.

certo ar de *hollyday* ao domingo *"Muzika"* era a palavra mais pronunciada por Hassan, nosso primeiro amigo árabe, referindo-se ao walkman, que no último volume estourava as pequenas caixas de som com Inxs, R.E.M. e General Public. A mesma "aparelhagem" que mais tarde tocaria os embalos afros de Toure Kunda, pra não esquecermos jamais.

Entre Casablanca e Safi, passando por El Jadida, nos deparamos com a primeira região onde o deserto encontra o mar. Sraki está aí. Uma boa esquerda que funciona com a maré vazando, porém formações rochosas dificultam a entrada e saída da água. Eis uma ótima oportunidade para testar suas habilidades como faquir.

NA CIDADE DO SHEIK

Agora já estaríamos "pra lá de Marrakech". Próximo destino: Agadir. Limite máximo da nossa intenção, pois mais ao sul não é aconselhável aos estrangeiros, devido à guerrilha West-Sahara. Primeira parada: Beyond Agadir's Bay. Como diz o nome, está situada fora da baía de Agadir, aproximadamente uns 60 quilômetros ao norte da cidade. Trata-se de um bom beach-break com direitas e esquerdas. Os únicos seres visíveis são alguns camelos, alimentando-se da escassa vegetação rasteira existente nesta faixa litorânea. O calor é intenso, o céu limpo e a água clara. O surf é conseqüência natural e a inexistência de pedras no fundo deram a rara tranqüilidade de surfar sem o devido cuidado para se proteger das pedras afiadas. Não se iluda com o deserto. A água é fria e dificilmente dispensa o uso de roupas apropriadas, apesar da temperatura externa ultrapassar os 35°C durante o dia. As noites são bem mais amenas – não esqueça o agasalho!

Não muito longe dali existe um farol, que sinaliza os navios em direção ao porto. É o extremo norte da baía de Agadir. Correndo os olhos na direção sul, avista-se uma quantidade infindável de costões e baías menores formando as outras praias. A primeira, ao lado do farol, é La Bouilloire, "A Chaleira", ou mais especificamente "A Caldeira". É que no lado direito da praia, além das pedras, há uma caldeira de navio afundada que ninguém soube explicar como foi parar ali. Exatamente ao lado desta caldeira, que fica um metro fora d'água na maré seca, forma-se uma direita de ótima qualidade que vai diagonalmente em direção às pedras, tornando-se longa e consistente. Este pico poderia também ser chamado de "Ouriços Point".

Ainda em direção à cidade do Sheik, uns 20 quilômetros antes, está Tarazout, com três points excelentes: Killer, Mistery e Ancre Point – eis aqui o melhor spot do Marrocos – ponto de encontro internacional durante os meses de inverno (de novembro a março) com surfistas das mais variadas partes do mundo. As direitas que enroscam no costão de Killer Point são formadas a partir de depressões no fundo que geraram grutas perigosíssimas. Segundo os locais, este nome surgiu da morte de um surfista americano que ficou preso no fundo, restando apenas sua prancha na superfície. O Mistery Point está no meio da praia e as ondas quebram sobre pedras irregulares, transformando as direitas de cheias para tubulares, de um momento para outro. Por último Ancre, uma direita alucinante. Arrebentando em frente a uma ponta de pedras, a onda que passa pelo costão se torna cada vez mais rápida e tubular. Nos dias de bom swell, pode-se surfar de 30 a 40 segundos na mesma onda e executar todas as manobras possíveis. Ancre funciona de 1 a 5 metros. Entre 4 e 7 pés, o surf só é consistente na maré vazando. Acima disso, é surf o dia inteiro.

O ESPÍRITO DO SURF

Introduzido no final dos anos 50, o surf no Marrocos apareceu na região de Kenitra. Os americanos instalaram ali, naquela época, uma base militar. E foi apreciando as ondulações na praia de Mehdia que alguns fissurados decidiram encarar as ondas. Depois, no fim dos anos 60, foram os hippies europeus e americanos que chegaram ao Marrocos, procurando no haxixe a calma e o esquecimento do mundo moderno. Eles escolheram um lugar mais favorável, perto de Agadir, pelo sol que brilha o ano todo e pela beleza de Tarazoaut. Descobria-se Ancre Point.

O tempo passou e pouca coisa mudou em termos de surf no país. O espírito do crowd ainda é desconhecido, embora alguns bons surfistas se aventurem com mais freqüência. Geralmente são franceses, portugueses ou americanos que praticam um surfari até Ancre, no sentido nômade da palavra. Assim, sempre que encontramos surfistas locais – e eles existem – fomos bem recebidos. Demonstravam um interesse especial pelos nossos equipamentos. Para se ter uma idéia, soubemos da existência de apenas duas surf-shops em todo o país, a Pipeline e a Malibu, ambas localizadas em Casablanca.

Uma prancha nova custava aproximadamente 400 dólares (Cz$ 12 mil), e se você pensar em vender algumas, é bom saber que ao passar na alfândega é estampado em seu passaporte o número de pranchas que leva. Ao sair, caso não traga o mesmo número, você estará sujeito a sérias complicações. Contrabando é crime grave e os policiais saberão como repreendê-lo (não esqueça das mulheres espancadas). Entretanto, não desanime. Peça a prancha usada de quem comprar a sua. Isso evitará maiores problemas.

Voltando às praias enormes e ensolaradas, e que são o grande atração, o panorama árido e rochoso influencia diretamente no surf. Os melhores points, como vimos, são cercados por pedras, exigindo muita habilidade do surfista. A botinha de borracha, o silver-tape e um estojo de primeiros socorros devem fazer parte do equipamento. Marrocos não é trip para principiantes. Como o esporte é pouco difundido, cada surf-session torna-se uma nova aventura. Ninguém para informar as correntes, o melhor pico ou ainda algo sobre as pedras e o fundo. As companhias não passavam de camelos ou beduinos, que muitas vezes vinham à praia ou se aproximavam do carro para investigar que estranhos eram aqueles que andavam sobre as ondas com tábuas coloridas.

A síntese da relação dos marroquinos com os metais. David Huzadel aparece em La Bouilloire, com traje de gala.

jean michel potier

átila sbruzzi/tiki

átila sbruzzi/tiki

átila sbruzzi/tiki

jean michel potier

No Marrocos, os olhos vivem carregados, seja num mercadinho anônimo, numa placa de boas vindas, num encontro com vendedores de água ou em qualquer areia. Logo acima, o clima de uma verdadeira surf trip.

VIVENDO NO DESERTO

Características marcantes desta civilização ainda fazem parte do dia-a-dia no Marrocos. Qualquer caminho que se escolha, encontram-se verdadeiras surpresas. Sem dúvida, é na arquitetura que estão os traços mais significativos. Dispersas no deserto, vez que outra, deparo-se com uma Kasbah, fortaleza enorme com muros altos e aspecto de abandono. São as moradias dos Sheiks, que numa única construção reúnem além do palácio, as dependências dos súditos e as quadras dos animais. Algumas são tão grandes que podem acomodar milhares de pessoas.

As cidades antigas ainda desempenham uma função. São os Medinas, também cercadas por muros, de onde se desenvolveram as principais cidades atuais e onde se concentram o comércio e as lojas de interesses turísticos. A Mesquita é a casa de orações. Nelas, os muçulmanos rezam voltados para Meca, várias vezes ao dia. Não é difícil identificar a majestade de uma Mesquita, pois na fachada principal está o Minarete, uma espécie de torre decorada com ladrilhos de beleza e imponência sem igual.

Viajando, a alimentação é sempre um transtorno... Se você acha que comer bem e barato fora de casa é impossível, engana-se. A cozinha marroquina é exuberante. Ingredientes típicos da região compõem uma mesa farta. O Couscous e o Tajine são pratos que certamente não passarão despercebidos. Este último, preparado em panelas de barro com legumes, verduras e pedaços de carne são deliciosos. Com uma ressalva: o álcool é proibido pela religião. Essas noções do inesperado, certamente não pesarão na bagagem. É melhor do que quebrar a cara, você não acha?

Saiba que a maior habilidade do povo marroquino está no comércio. Negócios são com eles, e da maneira deles. Não se pode comprar sem pechinchar. A barganha é imprescindível e demonstra interesse pela mercadoria. Para nós brasileiros não há maiores problemas aqui. Não se intimide e pechinche à vontade. Nos Souks, grandes mercados ao ar livre no centro das cidades principais, encontram-se muitas especiarias, objetos de couro, jóias em prata e ouro, tapetes, colchas e uma infinidade de ornamentos decorativos. O mais importante porém são os alimentos. Tâmaras, figos, nozes, amêndoas, amendoins e uvas secas são calorias que aumentam a resistência do organismo e mantém o preparo do surfista.

MARRAKECH

Totalmente envolvidos com o misticismo do lugar, não tínhamos mais só o surf na cabeça. Queríamos saber agora que estranhos fascínios encobriam a lendária cidade. Vamos a Marrakech! A imagem mais perfeita do Marrocos. No país do poente, o mais belo pôr-do-sol vem incendiar o céu de Marrakech, realçando sua fachada de contínuo e persistente tom ocre, envolvendo de mistério esta cidade-vila submersa num labirinto de ruelas apertadas e irregulares, sempre apinhadas de gente.

São tantos os encantos de Marrakech, que fica difícil decidir qual o mais atrativo. O dia começa e termina na praça Djemma el F'na, o coração vibrante da cidade. O interior da Medina principal é um lugar tão extraordinário, tão assombrosamente incomum, que é quase impossível descrevê-lo. Ali encontra-se de tudo, surpreende-se com tudo. Esta praça é palco das mais exóticas performances. Rodeados por uma atônita multidão de curiosos, verdadeiros atores de rua fazem de tudo um pouco, à cata de alguns *dihams* (a moeda nacional). Flautas, tamborins ou mesmo o prático gravador tocando músicas berberes, fazem o som de fundo para os shows dos acrobatas e dançarinos. Há os encantadores de serpentes desprovidas de veneno, há os que predizem o futuro para os turistas mais afoitos, engolem fogo, andam descalços sobre cacos de vidro, murmuram preces em frente a despachos muito parecidos com os rituais da nossa umbanda.

De repente, um berbere alucinado joga uma cobra nas costas de um visitante assustado, gritando "Photo, Photo" – na esperança de ver tirada a foto de lembrança que será prontamente cobrada. E há ainda uma singular feira popular, onde se vendem receitas milagrosas, comidas regionais, incensos e outra infindável variedade de quinquilharias em metal, madeira, couro de camelo, contas e cobre.

Da praça, avistam-se as portas seculares da antiga vila fundada pelos almorávidas. Diz a lenda que Marrakech surgiu do pó deixado pelas caravanas dos nômades vindos do Sahara. Ou melhor, das sementes das tâmaras das quais se alimentavam neste ponto de parada. As sementes brotaram e daquela terra árida floresceu um jardim de tamareiras. Encantado com a beleza do novo oásis, Yussef ben Tachfin, primeiro soberano da dinastia almorávida, mandou construir ali, em 1062, a cidade toda cor de terra, tom escolhido não só para isolar o calor, como sobretudo para homenagear o colorido dominante das imponentes montanhas do Grande Atlas que lhe fazem pano de fundo

Entrar por uma das portas da Marrakech antiga implica em perder-se num mundo apertado e sombrio de ruas muito estreitas, onde uma verdadeira correnteza humana transborda as lojinhas. Nelas, mal cabem o falante vendedor com sua comprida e trabalhada túnica, os chinelos de aladim e o sorriso nos lábios, sempre disposto a arrastar o turista para dentro e mostrar-lhes a qualquer custo todos os objetos à venda. Esta é a alma do Souk, o tradicional mercado marroquino, onde a arte do comércio é um ritual que exige muita perícia, dom da pechincha, tempo de sobra para poder bebericar o imperdível chá de hortelã-pimenta, e... paciência.

Mistico e imprevisível, assim é o Marrocos. Uma aventura que não se pode deixar de viver.

Colaboração Tiki

David Huzadel aplicando as lições de alongamento em Mistery Point. Abaixo, a praça Djema el F'No.

Surfly?! Surfree??! Surfwear???
Você vai até onde a cabeça manobra. Sea Club!
Levando você mais longe. SSSSSSSSSSobe.

SEA CLUB!
SEA® CLUB
SURFWEAR

STAFF POLL TRIP

uma evolução importante e que, com certeza, definirá seu futuro aqui no Brasil. As expectativas são as melhores e todos os que estão a sério nesse esporte sabem disso. O ano que passou trouxe a confirmação de um esforço de vários anos: os atletas treinando bastante, a imprensa especializada acompanhando tudo de perto, o público crescendo cada vez mais.

Um momento assim não poderia passar sem registro. Por isso, a revista **TRIP** e o jornal **Staff**, com apoio da Stanley, juntaram-se há um ano para promover o Staff-Trip Poll, uma enquete gigante, a nível nacional para escolher os surfistas mais populares do Brasil. Foram milhares de cartas, de todos os lugares do País, que acabaram apontando os dez mais do surf:

1.º Picuruta Salazar
2.º David Huzadel
3.º Roberto Valério
4.º Dadá Figueiredo
5.º Neno do Tombo
6.º Sérgio "Fedelho" Noronha
7.º Tinguinha
8.º Cauli Rodrigues
9.º Almir Salazar
10.º Marcos Brasa

– Uma festa do cacete!

Esse foi o comentário mais ouvido na danceteria Metrópolis, no Rio, no dia da entrega dos prêmios do Staff-Trip Poll. Estavam presentes, além do grande público, os atletas escolhidos pela enquete, os principais patrocinadores do surf no Brasil, músicos, todo mundo. No palco, um show com os Engenheiros do Havaí. No microfone, apresentando a festa, Ricardo Bocão.

E enquanto 99% dos presentes dedicavam aqueles momentos em favor do surf, não faltou quem resolvesse fazer o contrário... Dadá Figueiredo e Sérgio Noronha encheram a cara, caíram em cima das pessoas e não hesitaram em ironizar o encontro quando lhes foi dada a oportunidade de agradecer o prêmio no microfone. David Huzadel arrematou com classe:

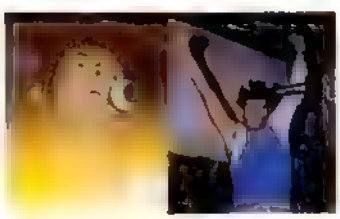
– Queria dedicar este prêmio às pessoas que levam o surf pra cima.

O Staff-Trip Poll chegou a seus objetivos: consolidar a ocorrência de uma boa fase para o surf brasileiro. O 11.º troféu dessa promoção não existe – pelo menos concretamente... Mas, alguém, por direito, é seu incontestável detentor: Frederico D'orey, editor do jornal **Staff**. Sua energia ilimitada, em todas fases desse trabalho, foi fundamental para que tudo desse certo. E até já, que vem mais por aí.

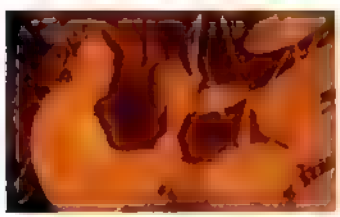
O *Staff Trip Poll* 86-87: sucesso total.

David Huzadel – surf pra cima!

Fedelho justificando o apelido.



No último dia de atividade da inesquecível *METRÓPOLIS*, os Engenheiros do Havaii foram a chave de ouro.



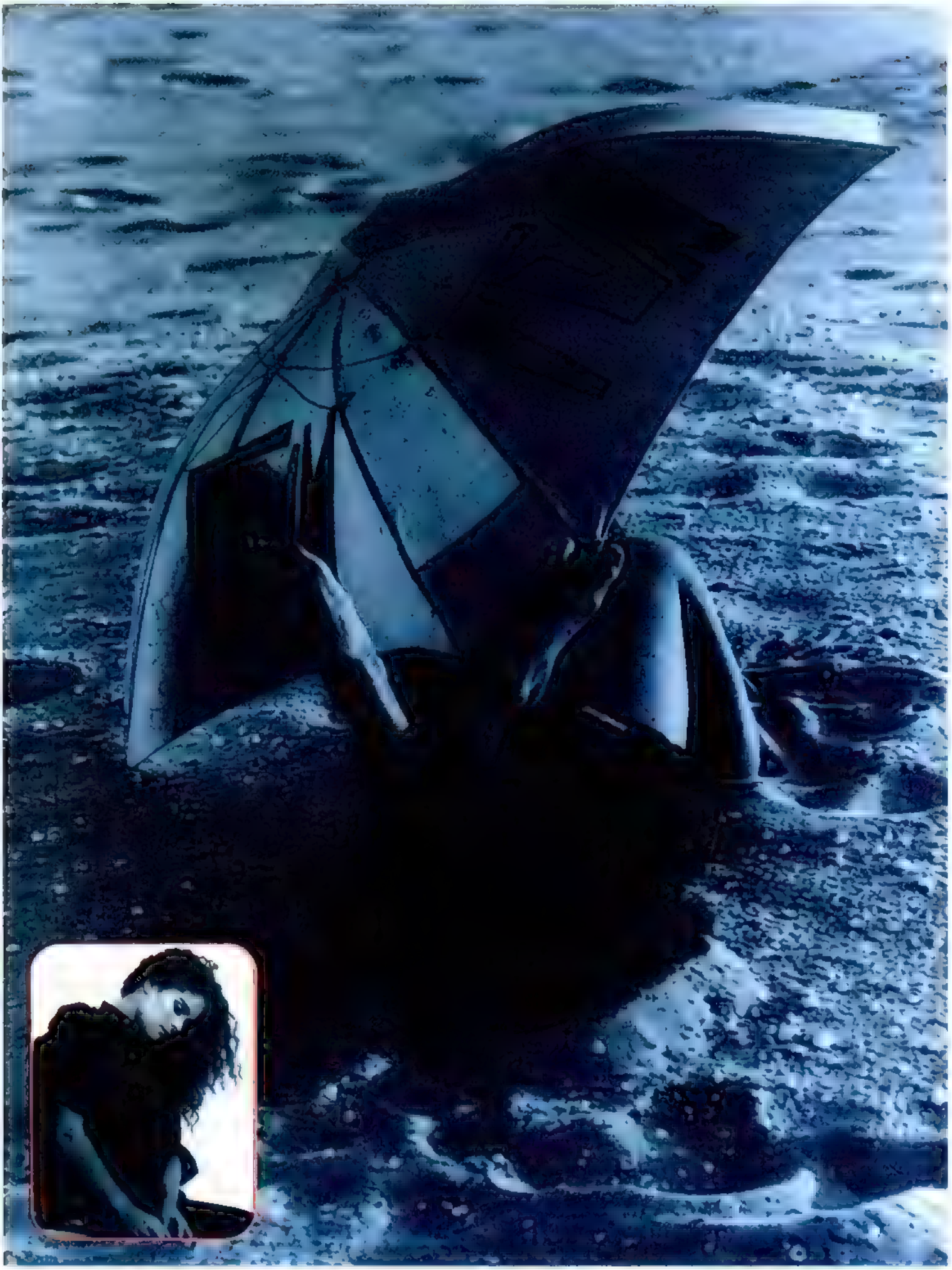
fotos paulo figueiras/company

O surfista do ano, Picuruta Salazar, recebendo o quadro das mãos de Ricardo Bocão e Malú.

Stretch

Starley

ERNESTO BALDAN



PRINT RIP

(011) 549-5963

FIBRA DE VIDRO

Análises prévias quanto à natureza das fibras que estejam sendo utilizadas bem como poliésters e catalizadores devem ser encorajados e efetuados juntamente com os cuidados de preparo do shape antes da laminação, evitando áreas úmidas, poeiras, gases ou substâncias químicas cujas bases não sejam compatíveis com poliésters.

Por vezes regressões estarão limitadas a pequenas áreas, não se alastrando pelo restante do bloco; recomendamos que não sejam delineados outlines muito próximo às bordas de nossos blocos mais estreitos, uma vez que estas parecem estar freqüentemente confinada às mesmas. Salientamos também que os processos de regressão ocorridos física e não quimicamente, ao atingirem um determinado estágio, cessam por completo viabilizando a utilização plena e segura da peça, na qual o problema foi alocado.

Lembramos que, quanto mais se adentra o bloco, mais frágil é a resistência do mesmo. Desta forma recomendamos que estes sejam submetidos a processos cautelosos de desbaste, especialmente no deck da prancha, pois desta forma será mais fácil manter um maior coeficiente de resistência ao peso em pontos criticamente exigidos pelo trabalho de corpo efetuado pelos surfistas.

Colaboraram: Tatiana Soares, Kaká e Pepe Schiavo.

As fotos de Silvia foram feitas por J. R. Duran.

calçar são só dois da mesma viagem

A CANNON sabe que nem todos os caminhos são fáceis e tranquilos. Por isso nós estamos dando o melhor de força para que você encare todos esses caminhos pisando firme mas com muito conforto. E você sabe, que nessas estradas todas da vida, CANNON é o seu momento de descontração.

CANNON
SHOES

Tel.: (011) 267 5325

CANNON destaca Magnus Dias, apoiando a nova geração do surf.

e vestir
lados
ROSS
JAQUETAS.

WALL STREET ES

paulo vainer

TÁ QUEBRANDO

Há algo varrendo o maior centro de negócios do mundo... A apenas alguns minutos de Wall Street, rolam ondas tão perfeitas quanto desconhecidas. Descubra essa outra metade da Big Apple!

Durante os últimos cinco anos, encontrei alguns brasileiros passando por New York. Alguns deles acabaram ficando mais do que algumas semanas. A maioria desses caras jura que é surfista e sempre se gaba das praias e ondas brasileiras. Mas, parece que tudo que esses babacas querem fazer enquanto estão aqui é ir dançar, pirar e perseguir modelos. Até aí essas também são algumas das prioridades do meu estilo de vida, mas quando eu viajo, me determino a espalhar algumas más vibrações nos picos de surf locais. Sendo americano, eu levo isso em consideração como um dever de patriota. Você sabe como nós somos. Assim, o que se segue é uma dica para todos vocês leitores (e leitoras), *cool* o bastante para estarem lendo a revista *TRIP*. É normalmente um segredo que NY está cercada por alguns excelentes picos de onda. Eu irei contar para vocês como chegar em dois deles.

BAY HEAD

Você tem duas escolhas, em direção ao leste para a Long Island, ou sul para New Jersey. Esqueça Long Island, que é totalmente povoada por usuários de Valium, pessoas com problemas de pele e cretinos. Todas as piores formas da *american life* estão completamente representadas nessa perdida faixa de terra. A única coisa mais nojenta que a água são os dejetos humanos que "surfam" ali. Certamente é uma área para perdedores, evite-a a todo custo.

Ao invés disso, partimos para o sul, para a bonita New Jersey. Não se assuste com a parte do estado que margeia New York. Parece tão deprimente quanto qualquer outro lugar onde você esteve e provavelmente cheira pior, mas os surfistas locais são realmente bons e parecem capazes de suportar vida humana em grau limitado. Se você está em Manhattan e não tem acesso a um carro, existe um trem que te levará a apenas três quadras do pico. Pegue o trem North Jersey Coast Line e vá até a última estação, Bay Head. Este lugar tem alguns dos meus *breaks* favoritos, e vale a viagem de 90 minutos. O extremo norte da cidade, onde o trem lhe deixa, tem uma série de seis molhes que apresenta ondas surfáveis mesmo nos menores swells. O fundo de areia está constantemente mudando, então você tem uma boa variedade de ondas, principalmente direitas com poucas esquerdas para manter os goofy foots

paulo volner

paulo volner

felizes. Além das ondas, os visuais ao redor da praia são alucinantes.

Bay Head é a cidade mais bonita da área, como são as mais simpáticas as garotas universitárias que circulam pela praia. O seu charme brasileiro está em cima? Uma coisa que pode funcionar a seu favor é falar português bem alto na praia e na água. A maioria dos americanos não está acostumada a lidar com um segundo idioma e se torna confusa quando confrontada com um, principalmente se você pode mudar para um pouquinho de inglês de vez em quando. Então as garotas ficarão intrigadas e os tipos retardados de surfistas que habitam o *break* serão intimidados. Lembre-se: para um americano os brasileiros são exóticos. Execute a rotina do Deus Sol e você conseguirá mais do que sua justa parte de ação em ondas e biquínis. Vestir muito couro preto e pele de leopardo também ajuda.

SANDY HOOK

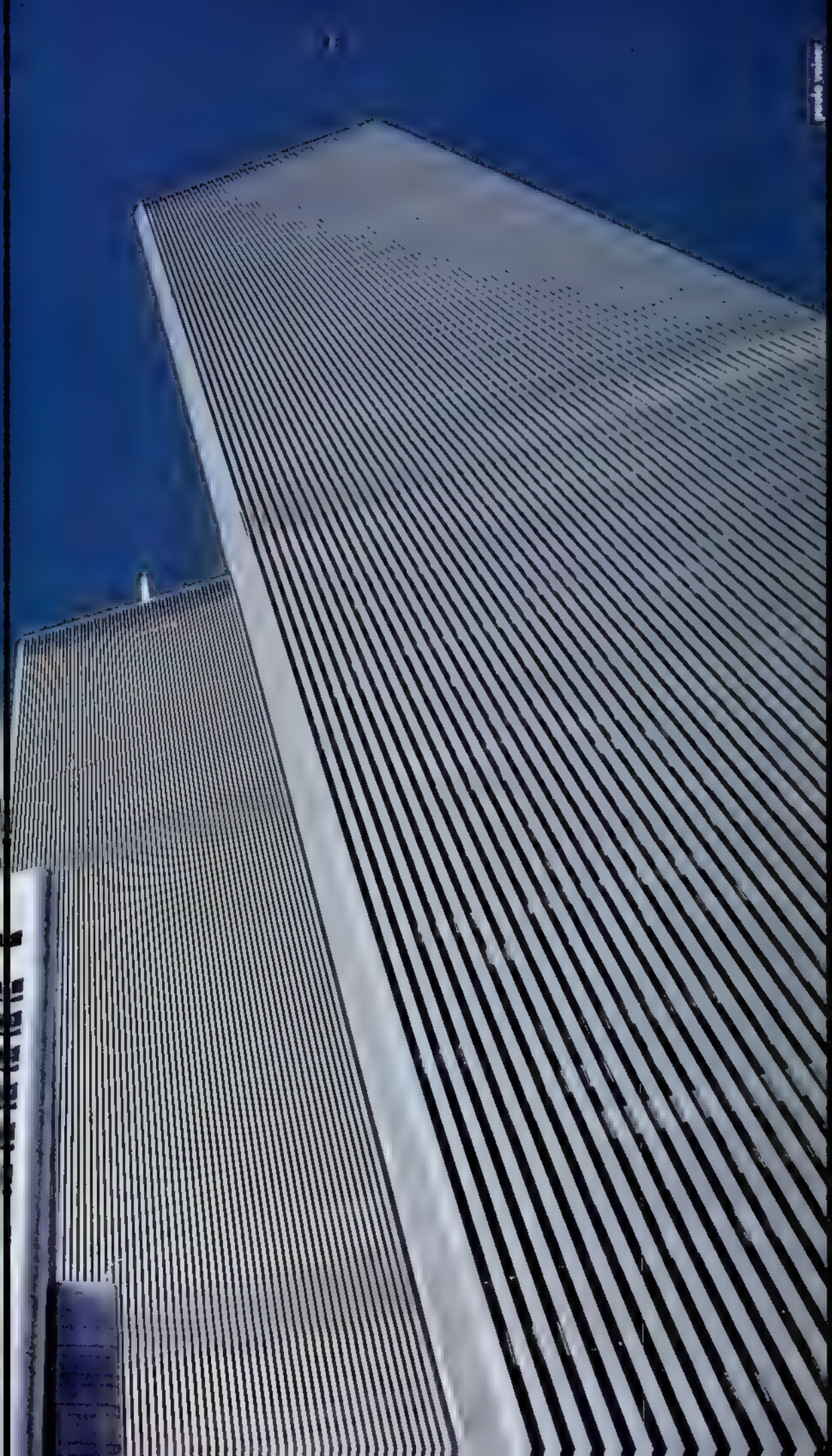
Tudo bem, aqui está a segunda opção, mas você tem que ter um carro e um grande swell para ter vantagem. É minha onda favorita de toda New Jersey. Sandy Hook é uma área nacional de preservação da vida selvagem a cerca de uma hora de carro de NY. Pegue a Garden State Parkway para o sul e siga as placas para Sandy Hook.

Existem três *spots* principais para se preocupar: 1° molhe, 2° molhe e The Cove. Todos esses *breaks* são de direitas e requerem um sólido swell de quatro pés para funcionar. Lá estarão as maiores ondas que obtemos, sem fechar. O 1° molhe é uma onda consistente que quebra em frente de uma parede de pedra com 12 pés de altura. Aqui você tem de ter um leash reforçado. A outra melhor coisa para as ondas aqui é a formação da parede, composta por muitos pedaços de rocha ígnea, retirados das escavações dos túneis dos metrôs de NY. A parede se curva toda na frente do break e forma um tipo de anfiteatro, com a área das ondas como palco. Se você se cansar de surfar, é legal sentar em uma das bordas, comer, brincar e assistir a ação embaixo. Trezentos metros ao norte está o 2° molhe. Se o swell é pequeno e o 1° molhe estiver com ondas cheias enquanto a maré fica alta, cheque-o. É uma boa onda com um bom inside. Cerca de um quarto de milha ao norte está The Cove, que geralmente quebra melhor na maré alta. Este *spot* segura ondas

Jerry Manganiello, trocando o terno de lã pelo long john e luvas.

Entre a fauna da 5ª avenida e os jardins do Central Park, está o Grog's Surf Palace, uma surf shop bastante movimentada. Na foto de cima, Grog, o proprietário, em horário de almoço.

Entubar em Nova York não é pra qualquer um. Kevin Casey no 1º molhe de Sandy Hook.



overhead e no swell certo é a onda mais longa do estado.

ARRANCA – BOLAS

Enquanto você se senta no *line up*, você pode olhar através da baia e ver o horizonte de pedra da cidade de NY, brilhando ao sol como um corte gigante aluminizado. Minhas vistas preferidas são as torres gêmeas do World Trade Center surgindo do centro da cidade. Não sei sobre você, mas o símbolo fálico correto sempre me inspira a surfar *hotter*.

Algumas vezes sua prancha não é suficiente. De uma maneira ou de outra, é um lugar estimulante. Uma outra perspectiva interessante é que Sandy Beach era uma instalação militar. Você pode escalar canhões gigantescos e correr ao redor de bunkers de concreto maciço. Algumas vezes, depois de uma grande tempestade e maré baixa, você pode encontrar pequenas bombas que irão explodir e arrancar suas bolas se você tentar muito se sentar sobre elas. Se você encontrar objetos metálicos cilíndricos não os enfie em suas calças ou arremesse nas pedras.

É sempre uma boa idéia ligar para uma das surf shops locais e obter um boletim das ondas. Grags Surf Palace tem um informativo de 24 horas com atualizações periódicas. Ligue para 201.793.8849. Você também pode ligar para Ocean Hut Shop no número 201.793.3400. Estas duas lojas têm tudo que você precisa para a praia.

Então, armado com estas informações e com uma *hiper attitude*, o moderno gladiador brasileiro pode atingir a praia certa, pegar boas ondas e correr de volta para a cidade para alcançar os agitos noturnos. Nells, The Tunnel, Palladium, Pyramid Club, faça sua escolha. Pegue onda, dance e persiga aquelas modelos, tudo em um dia, na mais *convoluted helter skelter* metrópole do mundo. This is America, and that's dead cool baby.

Apoio Cultural

PALIO POINT

ESTA MARCA É SUA PARCEIRA.

PEGA ONDA, JOGA FUTEBOL
ADORA VELOCIDADE E CURTE UM RALI.

A Perdigão é uma empresa que vai muito além da produção de alimentos de alta qualidade. O papel social e a integração com a comunidade são tam-bem importantes em sua filosofia de trabalho. Uma das formas que a Perdigão encontrou para exercer sua cidadania foi no campo esportivo. E é como ci-dadã que hoje a Perdigão patrocina eventos, atletas e equipes. A Perdigão está dando sua força ao surf, futebol de salão, automobilismo e rali. Por isso, esta marca é a sua parceira no dia-a-dia. Tanto em sua casa, quanto nas pistas, nas quadras e praias que você freqüenta.

Surfers PARADISE

By Tico

BOARDSHORTS

RIO (021) 399 3722 • SP (011) 280 4385 • PR (041) 223 8932 • SC (0482) 22 3511 • MG (031) 223 1999 • ES (027) 223 1986 • BA (071) 240 0093 • RN (084) 222 1360 • CE (085) 224 6864

REPRESENTANTES: SP (011) 276-6688 - Interior SP (011) 436-6683
PR/SC (0482) 23-4391 - RS (0512) 23-2061 - RJ (021) 248-3273
ES/MG (031) 444-7138 - BA (071) 242-1646
PE - Rua Cideral, 238/Ap. 202 - Boa Viagem - CEP 51.030

WEST COAST

Um pé lá, outro cá.

Mont Blanc, 7 de

setembro de 1986.

Hora marcada com o

Dr. Oskar Metsavaht

no ponto mais alto

da Europa.

Roupa branca

e estetoscópio não

valem nada aqui.

Cordas e

picaretas sim.

Por

Célia Almudena

Mont Blanc

Quem você esperaria ver no cume mais alto da Europa? Franceses, italianos, suecos, americanos...?

Em setembro de 1986, dois brasileiros, o gaúcho Oskar F. Metsavaht, de 25 anos, e o carioca Bruno Menescal, de 27 anos, escalaram o Mont Blanc, o teto da Europa, com 4.808 metros de altitude.

O Mont Blanc é o ponto mais alto dos Alpes, está situado na divisa entre França, Suiça e Itália. A cidade francesa no vale é Chamonix, estação de esqui no inverno e de montanhismo no verão. Escalar esse pico não é considerado difícil para um europeu que nasceu numa montanha e que caminha na neve e naquele tipo de rocha, praticamente desde que nasceu. Mas, para dois brasileiros, saídos diretamente do calor do Rio de Janeiro, a tarefa se torna um tanto difícil. Neve e gelo não são fáceis.

Em 86, comemorava-se o bicentenário da primeira escalada do Mont Blanc (veja o quadro), e o governo francês resolveu comemorar convidando alpinistas de todo mundo para repetirem o feito. O convite feito aos brasileiros para escalarem a montanha foi resultado da seriedade com que eles prepararam uma expedição ao cume do Aconcágua, algum tempo antes. Segundo Oskar, "alpinistas de outros países a viram como a expedição melhor organizada que já tinha se realizado, portanto fizemos nosso nome".

O convite do governo francês se estendia à toda equipe de brasileiros que escalara o Aconcágua. Mas, apenas Oskar e Bruno puderam ir ao Mont Blanc. Do momento que receberam o convite até finalmente alcançarem o cume da montanha, eles tiveram de enfrentar várias tempestades: desde patrocinadores que pularam fora, até ventos de 50 quilômetros por hora pouco antes de cumprirem sua missão.

ARREPIOS

O primeiro passo para uma escalada é conhecer a montanha, lendo tudo sobre alpinismo e montanhismo na região. A dificuldade começou aí: no Brasil não existe literatura sobre o assunto e Oskar e Bruno tiveram de pedir a alpinistas europeus que lhes enviassem livros e mapas. Eles começaram a estudar a montanha e ao mesmo tempo correram atrás de patrocínios.

–O que nos atrapalhou um pouco foi o preparo físico, pois perdemos tanto tempo procurando patrocinadores que não pudemos fazer um bom treinamento.

Depois de quase cinco meses estudando o Mont Blanc, a primeira visão real da montanha, ao vivo, em cores, cheia de neve, foi uma grande emoção. Oskar diz mais:

– Lembro até hoje do arrepio que senti quando o trem fez a curva e aquela montanha nevada em pleno verão surgiu. Depois de tantos meses estudando, de repente o grande desafio está na sua frente.

Existem vários caminhos para se escalar o Mont Blanc e os brasileiros optaram por um deles. Mas, chegando a Chamonix tiveram que mudar seus planos. Passaram três dias se aclimatando, afinal de contas tinham saído do Rio sob o maior calor tropical. Chamonix fica a 1.010 metros de altitude, num vale cercado de montanhas. Lá estavam equipes do mundo inteiro escalando o "teto" da Europa ao mesmo tempo, mas não juntas, em meio a várias outras comemorações do bicentenário. Havia equipes francesas, japonesas, americanas, iuguslavas,

canadenses e outras, todas seguindo a trilha que queriam, no seu próprio ritmo.

– Nossos amigos alpinistas haviam informado que naquela época estavam ocorrendo muitas avalanches e que várias pessoas haviam morrido. Nos aconselharam o uso de capacete para evitar acidentes mais sérios nas avalanches de pedra e também um outro tipo de calçado. Eles também nos deram mapas muito mais detalhados e nos aconselharam a escalar por uma via que era um pouco mais difícil do que a que escolhemos antes.

ENTRANDO EM ZEN

Os primeiros mil metros da montanha, até Chamonix, são feitos de trem ou teleférico. Até os 2.100 metros de altitude chega-se com um trenzinho. Daí para cima é a pé, carregando cerca de 25 quilos de carga. Além do equipamento de alta montanha (botas, luvas e roupas apropriadas para o frio) a bagagem consiste ainda de comida desidratada, tabletes de comida energética (para suprir as necessidades do dia do ataque, quando se está próximo do cume), saco de dormir, capacete, cordas, mosquetões, além do piolet, a picareta do alpinista. Segundo Oskar, "a grande vantagem que se tem nos Alpes é a infra-estrutura: até o cume existem abrigos e portanto não precisa carregar barraca".

O primeiro abrigo fica a 3.100 metros de altitude e até lá não se encontra coisa alguma. Portanto, o ideal é fazer a caminhada inicial em onze horas, que é o tempo de sol. Sobe-se o equivalente a duas vezes a Pedra da Gávea em um dia, sobre um terreno que no inverno é coberto de neve, mas que no verão é cheio de pedras e sem vegetação. Nessa fase não se vê o cume, apenas uma parede de pedra. Oskar diz que nessa hora você entra em zen...

– A caminhada é pior que a escalada, pois é muito monótona. São cerca de 10 quilômetros até o paredão, durante os quais, quer queira ou não, aprende-se a caminhar em alta montanha.

Amarrados com uma corda um no outro, Bruno e Oskar partiram pela via escolhida no mapa. Além de pinos, também existem pegadas indicando que você está na rota certa. A única coisa que começou dando errado foi a falta de água. Haviam informado aos brasileiros que encontrariam água logo no primeiro abrigo, mas eles ali não encontraram água e nem neve para derreter. Assim, contrariaram uma das regras básicas do montanhismo – sempre levar água potável – e sofreram por isso.

– São onze horas de caminhada. Quanto mais alto se vai, mais seca se torna o ar, com a umidade relativa bem menor. A perda de água normal é duplicada nessas condições e isso aumenta ainda mais o cansaço.

Como eles já tinham caminhado cerca de nove quilômetros, resolveram continuar sem água.

– Nessa altura já encontrávamos alguma neve, mas ela não pôde ser tomada porque era água destilada, sem sais minerais. Então, na realidade, se você tomar essa água acaba se desidratando, pois ela não é absorvida pelo intestino e acaba retirando nutrientes do seu corpo. Deu a maior vontade de engolir neve com a sede, mas precisávamos evitá-la.

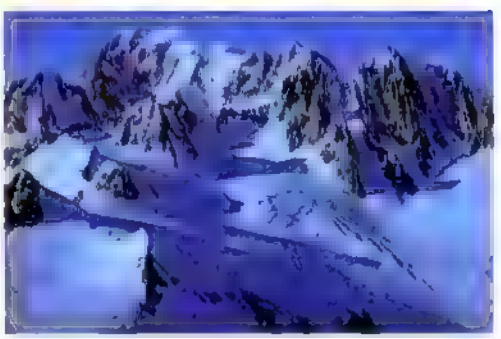
TROCANDO FIGURINHAS

A sede foi aumentando. As primeiras discussões também surgiram (como um guia de montanha experiente como o Bruno havia deixado de lado um item tão importante como a água?). A desidratação levando a uma fadiga muito mais intensa e a alimentação tornando-se quase impossível. Mais ou menos a 2.600 metros, eles encontraram um pouco de água barrenta escorrendo pelas pedras e resolveram recolhê-la no cantil, pois se havia terra também deveria haver sais minerais. A água era mesmo muito barrenta, mas eles não tiveram dúvidas e a beberam.

Cem metros à frente, Oskar e Bruno tiveram que parar novamente pois entraram na área das avalanches. Tiraram as botas especiais e os capacetes da mochila e prosseguiram a caminhada até o primeiro abrigo. Um lugar de 20 metros quadrados, onde cerca de 30 pessoas, deveriam dormir. Lá encontraram, além de uma boa sopa, alpinistas que já estavam descendo a montanha. Puderam então trocar algumas figurinhas, ficando a par das condições da montanha dali pra diante. Quando disseram que eram brasileiros logo foram bombardeados por perguntas: ninguém nunca tinha visto brasileiros naquela altura.

Uma noite mal dormida, espremidos entre tantas pessoas, não trouxe muito descanso, mas Oskar e Bruno não desanimaram. Acordaram de madrugada e, após mais algumas informações sobre a montanha, partiram pra cima. A partir desse abrigo, é só gelo e neve. O maior perigo é não conhecer bem as regras de se caminhar com grampões sob as botas nas escaladas das paredes de gelo.

– O mais difícil é reconhecer de longe as *crevasses*, que são pontes de gelo com fendas dos dois lados, algumas vezes cobertas de neve, que dificultam ainda mais sua identificação. As fendas têm até 50 metros de altura e se você cair nelas ainda está encordado. Com técnicas especiais, apesar de muito difíceis, pode-se resgatar alguém que escorregou. Tínhamos treinado essa técnica de salvamento, que na prática é muito diferente, mas por sorte não precisamos utilizá-la.



Oskar e Bruno – momentos negros na conquista do Monte Branco.

Nesse dia fizeram mais 1.700 metros até o segundo refúgio, em caminhada normal, sem escaladas. Aí já deu para se ver Chamonix lá em baixo, bem pequena.

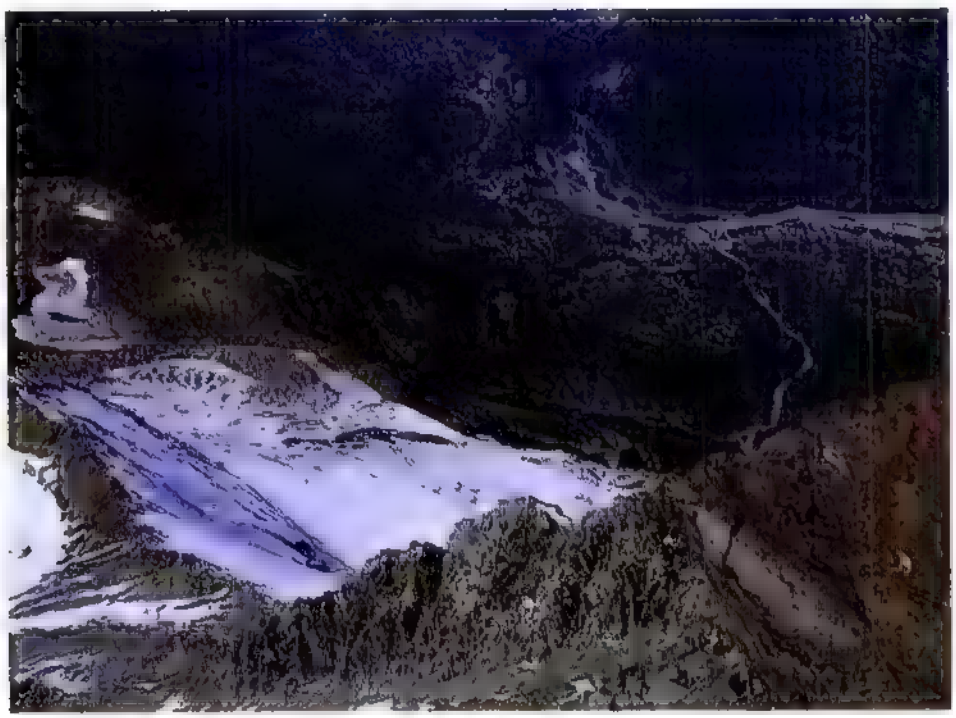
– Quando se chega a 3.800 metros, quase 4.300 metros, começa-se a perceber os efeitos da falta de oxigênio. O principal é a queda no rendimento. Qualquer caminhada de cem metros dá taquicardia, parece que você correu 1.200 metros. Se você exagera, começa a sentir náuseas e tonturas. Portanto, deve-se ter toda uma técnica de caminhada em alta montanha e a primeira regra é ter paciência. Aí você faz um balanço de sua vida, pensando em tudo. Só se deve falar o necessário para evitar uma fadiga ainda maior.

ALUCINAÇÕES

Quando chegaram ao segundo abrigo, estavam exaustos, completamente sem água no cantil. Para completar o quadro desolador, o abrigo estava destruído e uma tempestade se aproximava. Eles sem barraca, sem água, sem meios de fazer fogo para derreter rapidamente a neve e portanto sem comida quente... Resolveram então "bivacar", que é a técnica de cavar um buraco, instalar um colchonete no fundo e assim evitar contato direto do saco de dormir com a neve, protegendo-se contra o vento. O grande perigo é ser soterrado pela neve e morrer dormindo, sem perceber o que está acontecendo.

amanhecer, isto é, a ficar claro, pois continuávamos sem enxergar nada. Outro erro nosso foi não levar óculos apropriados para tempestades. Chegamos a uma pequena baixada, após atravessar arestas com quedas laterais de dezenas de metros, e sabíamos que continuando mais um pouco chegaríamos ao cume. Nessas horas o que vale é a garra, pois a vontade de desistir é grande. Passamos por situações onde percebemos que tudo depende da sua cabeça. Você não pode se entregar. Você não tem força para mais nada, mas segue em frente. Hoje em dia, uso muito essa lição aqui em baixo: é só acreditar.

O cume do Mont Blanc não é um pico, mas um platô bastante extenso. De repente tudo ficou



Na foto maior, uma visão da cidade de Chamonix.

Só faltavam 500 metros. Aí o oxigênio é pouco e fica difícil dormir. Mas o espetáculo do céu, com milhões de estrelas visíveis devido à dispersão dos gases, animou um pouco os heróis. Quando levantaram, às três da manhã, muita neve já os cobria e ventos de até 50 quilômetros por hora dificultavam muito a visão.

Outra regra do montanhismo manda descer a montanha quando existe tempestade. Mais uma vez Oskar e Bruno desafiaram as regras e resolveram subir, apesar da pouca visibilidade. Começaram então o ataque ao cume, com uma mochila menor, deixando o resto do equipamento amarrado em algumas rochas.

– Estávamos vivendo uma grande aventura. A visibilidade não chegava a cinco metros, mas como conhecíamos a topografia do lugar pelos mapas, prosseguimos sem sustos. Se um de nós caísse o outro não teria condições de perceber. Deviam faltar uns 200 metros quando começou a

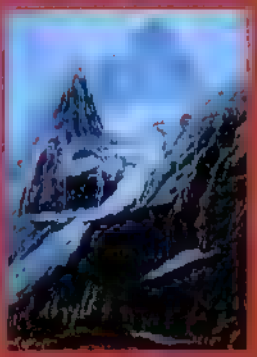
plano e eles perceberam que já tinham dado o primeiro passo no cume.

– Nessas horas, o que vale é a cabeça. Tem partes da caminhada de que não lembro... acho que se apaga, não se percebe o que está fazendo.

Era o dia 7 de setembro, dia da independência do Brasil, data que desejavam fincar a bandeira brasileira no "teto" da Europa. A aventura, que tinha começado quatro meses antes, estava concluída.

– A única decepção foi chegar ao cume e não ver nada por causa do mau tempo. Mesmo assim fizemos a maior festa, gritando e nos abraçando bastante.

Quinze minutos depois chegou uma equipe italiana, achando que era uma alucinação a visão de uma bandeira do Brasil no topo do Mont Blanc. Não era. E o sonho da dupla agora, é o Kilimanjaro.



Dr. Pacard, o pioneiro

COINCIDÊNCIAS

[illegible]

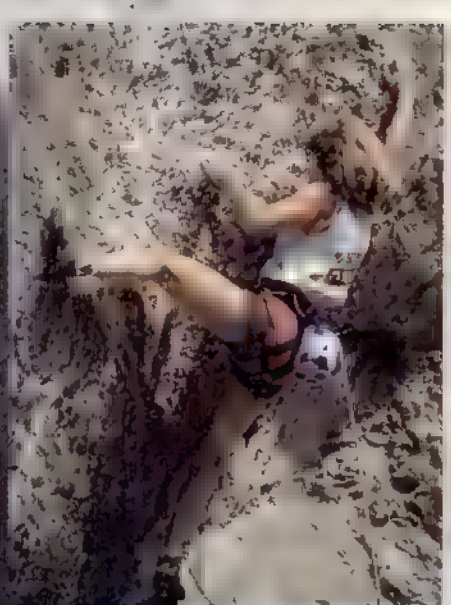
[illegible]

BONAPARTE

AGARRANDO

Espaço: encostas de granito do lado de cima, precipício embaixo. Rumo: nenhum. Ferramentas principais: mãos, pés e cerebro. Esse é o desafio do free climbing, o alpinismo selvagem, rudimentar, um cara a cara com a natureza.

Já é tão comum na Europa e Estados Unidos como andar de bicicleta. O medo? Vai junto. Aí é que está a graça.



MORRO A UNHA

Fotos Paul Schwartz

À VENDA: ADRI - SHOPPING CENTER IGUATEMI / SMELL - SHOPPING CENTER IBIRAPUERA / BIBELOT - R. AUGUSTA / MAPPIN ITAIM / MAPPIN CENTRO / REDE DROGASIL - SAO PAULO / REDE CACHOPA - R. PAMPLONA / EXCALIBUR - JUNDIAÍ / RIO SUL - QUIOSQUE 2º ANDAR - RJ E NAS MELHORES PERFUMARIAS DO PAÍS INFORMAÇOES: (011) 832-2477/U.S.A. - BRAND EX-529 BROOME ST. (N.Y.C.) LIQUID SKY É MARCA REGISTRADA DA EUTRA DO BRASIL COSMÉTICOS LTDA.

LOJA 1 - SHOPPING IBIRAPUERA - MINI SHOPPING - LOJA 3 - PISO JURUPIS - SÃO PAULO - TEL. 543-8533

LOJA 2 - RUA MÁRIO RIBEIRO, 775 - LOJAS 12/14 - GUARUJÁ - TEL. (0132) 87-2065

FOTO DEDE FEDRIZZ

PLANETON

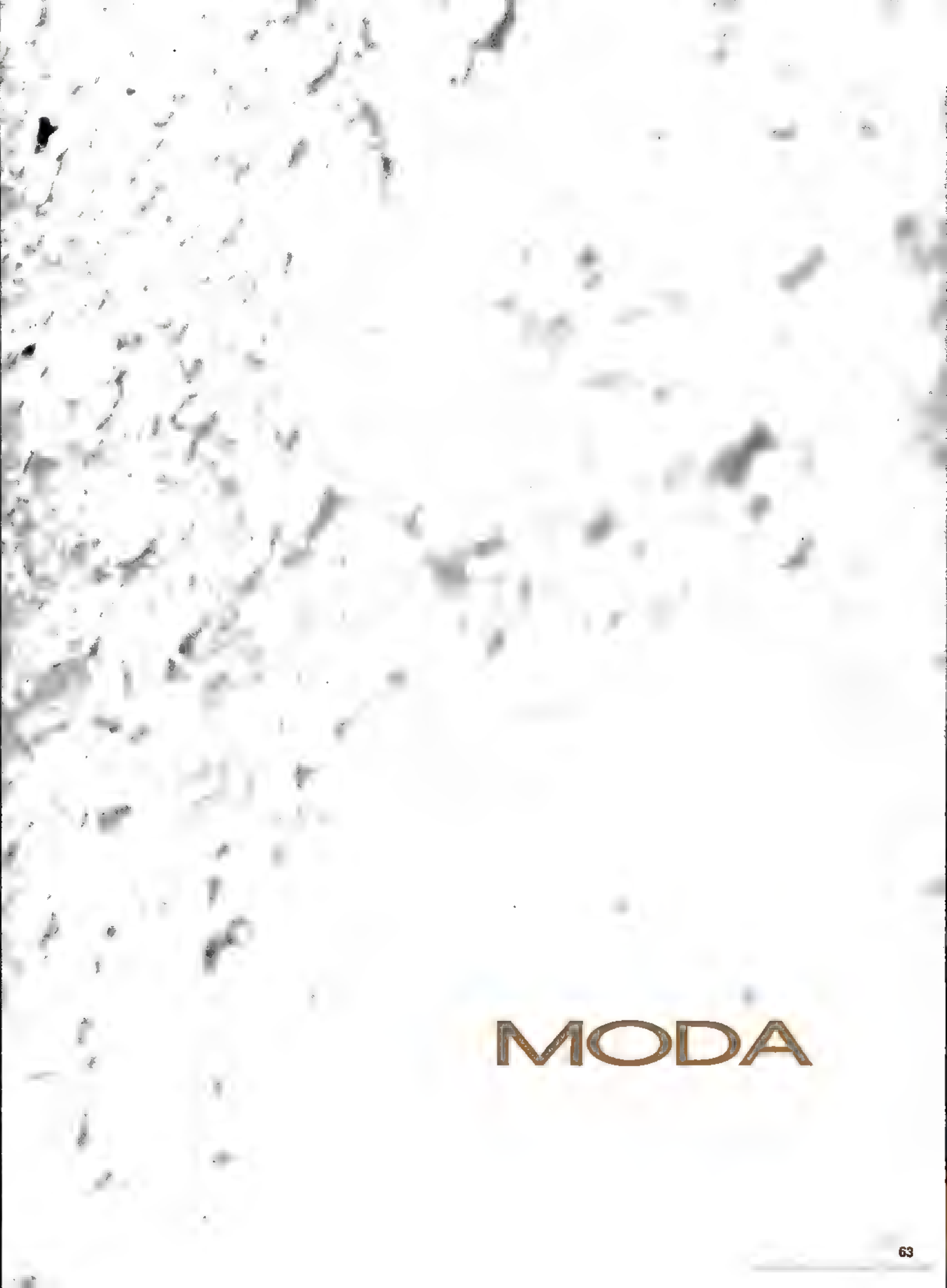
S.P. 211-6426/813-5542

VOCÊ ESTÁ PERDIDO?

PEGUE O GUIA BRASIL PHILIPPINES

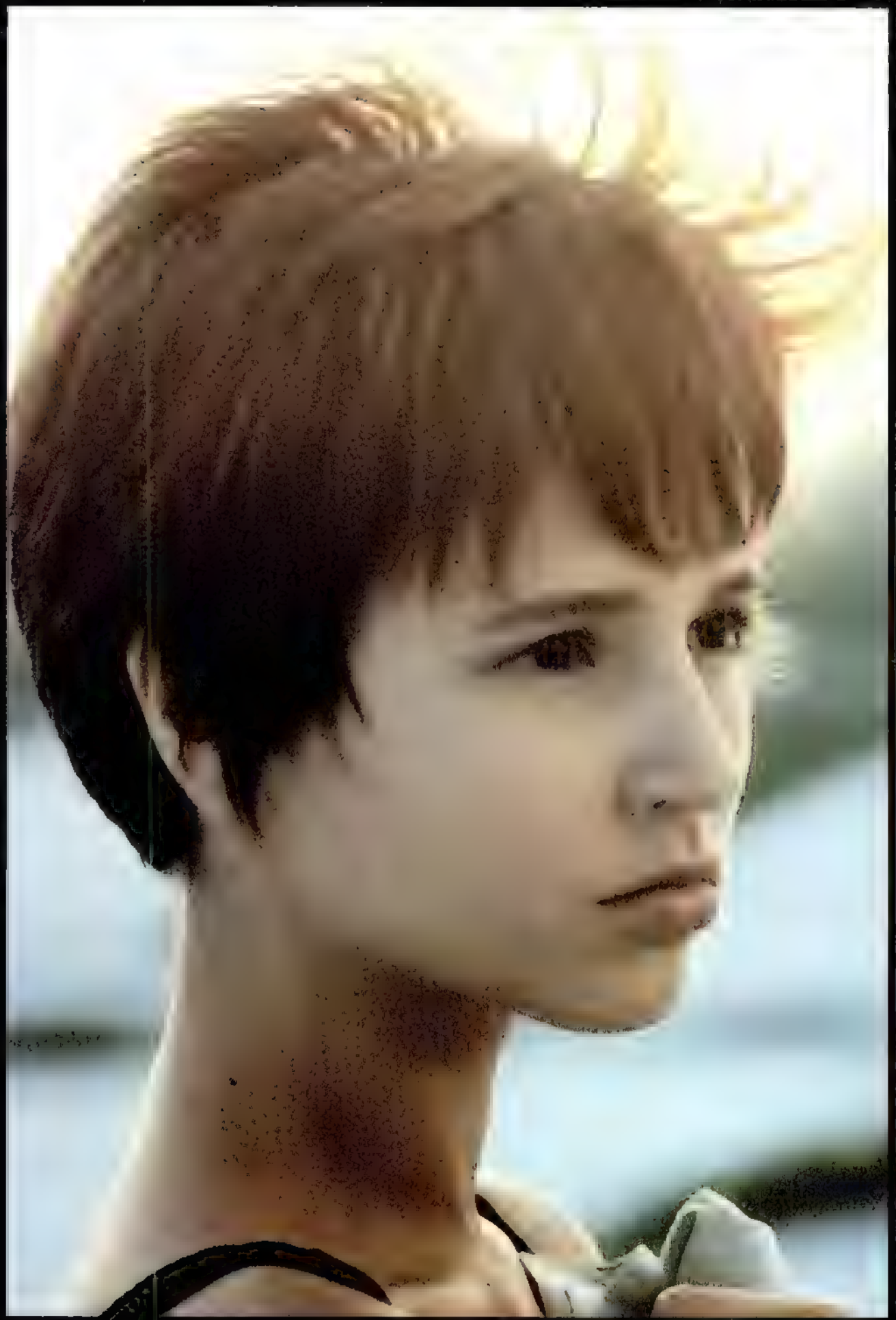
LOJA 1 SP - RUA DR. HOMEM DE MELLO 412
LOJA 2 SP - SHOPPING MIRAMAR SANTOS
LOJA 3 PR - SHOPPING CENTER MULLER
LOJA 4 SP - ALAMEDA BARROS 451
LOJA 5 SC - SHOPPING DELLA GIUSTINA
LOJA 6 SP - SHOPPING IGUATEMI CAMPINAS
LOJA 7 DF - CONJ. NACIONAL BRASILIA
LOJA 8 BA - SHOPPING IGUATEMI
BREVE PE - SHOPPING CENTER RECIFE

the Philippines



MODA

ERNESTO BALDAN



O olhar não mente? O olhar é o espelho da alma? Mentira. O olhar engana, disfarça, mascara. O olhar da moda é produzido artificialmente, em série, como qualquer outro bem de consumo. De repente, todo mundo passa a olhar da mesma maneira. A moda conseguiu invadir o território que era tido como o mais "natural e verdadeiro" do ser humano: o olhar deixou de ser uma garantia de sinceridade. A "era do falso" tomou, finalmente, conta de tudo. Não há para onde fugir. Nem do que reclamar.

Abra qualquer revista de moda, de preferência os lançados nas últimas décadas. Existe sempre a predominância de um determinado tipo de olhar. Atualmente, os modelos mais requisitados fazem o gênero "desligado do mundo"; um olhar perdido, entre o entediado e o vazio, antipassional. As fotografias tentam transmitir uma melancolia chique, algo triste mas nunca desesperado. As emoções fortes estão fora do jogo. No máximo, cria-se um clima levemente raivoso, sugere-se alguma possibilidade de sedução ou brincadeira. Nada que possa vir a ser comprometedor. Nosso lugar comum é a indiferença.

Um modelo experiente muda de olhar como quem troca de roupa. As fotos são construídas em torno desse olhar. Procura-se criar um clima "de moda" e não vender uma roupa. Não é exagero: a roupa é apenas um acessório, a desculpa para tirar a foto, contar uma estória e produzir uma imagem da (pós)modernidade. A imagem é tudo, ela não esconde nenhum segredo. Os modelos se sentem seguros nessa situação. Seus olhares são apenas poses, instrumentos de trabalho. A relação com a câmera deixou de ser um desafio. Basta repetir a história, armar o olhar da moda. Isso é muito fácil. Ou melhor: totalmente banal.

Por que não se contentar com a banalidade? Para que dificultar as coisas? Pura implicância. Irresponsabilidade. A foto "implicante" abala a segurança do olhar da moda e registra esses rápidos momentos de vacilação e perda de controle, tanto do fotógrafo como do modelo. Algo assim como o foto de um tombo, para o surf. O que as matérias de surf tentam passar é também uma imagem de "ousadia e segurança". O surfista é fotografado durante as manobras mais radicais, como um herói invencível. Os leitores ficam com a falsa impressão de controle absoluto. Mas quase todas as grandes fotos de surf têm a possibilidade de terminar em tombo, são registros de momentos "impossíveis", que estão por um triz. Da glória para o vexame, da segurança para a implicância: é tudo uma questão de segundos.

Hermano Vianna

Tentei fazer neste ensaio o que faço quando fotografo o surf: me concentro, me envolvo, busco qualquer tipo de emoção (talvez as que mais me fascinam sejam a quebra de qualquer pose, o tombo da figura do modelo, o desconcerto do fotógrafo, a cumplicidade de uma expressão). Fazer no outro também o meu retrato e é só isso que me interessa.

Ernesto Baldan

PRODUÇÃO: SISI DOMKE

AGRADECIMENTOS:
assistente de produção: Ana Cristina Andrade
direção de arte: Fernanda
maquiador: Fernando de Souza
modelo: Mary

ORIGINAL

AstroDeck

BRASIL ®

EQUIPAMENTOS DE SEGURANÇA

APRESENTA

SAFETY NOSE ®

NÔVO!

NÔVO "PROTETOR DE BICO PARA SURFBOARDS" **NÔVO**

100% DE BORRACHA DE SILICONE IMPORTADA ESPECIAL RESISTENTE.
SUPER LEVE, ACOMPANHA A HIDRODINÂMICA DA PRANCHA DE SURF.
(CÔRES RADICAIS)

LANÇAMENTO SIMULTÂNEO BRASIL - E.U.A

ARTE NORTON

SITUAÇÕES DO SURF.

AQUI ESTÃO ALGUNS MOMENTOS DE AÇÃO:

ESTRELANDO: **SAFETY NOSE**

1

É MUITO PRÁTICA A SUA COLOCAÇÃO. SIGA AS INSTRUÇÕES NO VERSO DA EMBALAGEM.

2

GARANTE A SEGURANÇA DO PRÓPRIO SURFISTA; NO CASO DE UMA QUEDA COM A PRANCHA. DURANTE AS MANOBRAS.

3

EM CASO DE COLISÃO COM OUTRO SURFISTA NA MESMA ONDA, EVITA MAIORES CONSEQUENCIAS GRAVES, NO LOCAL DA BATIDA COM O BICO DA PRANCHA NO CORPO.

FÁBRICANTE EXCLUSIVO
ASTRODECK IND. E COM. DE ART. ESPORTIVOS LTDA.
AV PAES DE BARROS, 2412 - FONE: 9147700 - MÓOCA - SP - BRASIL.

REPRESENTANTES: RJ-(021)2874290 // ES-(027)2231986-VIT.
SC-(0482)222884 // NATAL-(084)2221360.
RS-(0512)493879 // CURITIBA-(041)2238986 // RECIFE-(081)2687693.

COMING!...

fernando mendes

PIPING
HOT

B-O-N-G!-Z-A

E a luz se fez – numa pequena tela de tevê, em preto-e-branco. Estava garantida a nossa diversão.

Quando se é criança, o tubo mágico é um amigo muito especial. Ele pode ser apenas um passatempo para os adultos, mas para os jovens a televisão é uma janela para um mundo de fantasia e alegria. E quem, como eu, foi uma criança nos anos 60, certamente curtiu a Era de Ouro dos seriados e desenhos animados da tevê. Uma época muito diferente da atual, quase que exclusivamente dominada pela violência.

Naqueles bons velhos tempos o humor dava o tom, principalmente nos desenhos animados. *Os Flintstones*, por exemplo, era uma paródia da moderna vida urbana passada na Idade da Pedra. Essa família classe-média vivia na cidade de Bedrock e tinha algumas comodidades sensacionais em sua casa-caverna. Wilma tocava um piano "Stonewaw". Fred ouvia seus discos de "rock" (um trocadilho com "pedra") numa vitrola cuja "agulha" era um passaro bicudo, o aspirador de pó era um elefante bebê e o triturador de lixo era uma faminta ave de rapina presa debaixo da pia. Sem falar do carro, um modelo feito com rodas de troncos de árvores. No começo, os Flintstones tinham apenas Dino, um dinossauro de estimação. Mas, certo dia, eles foram abençoados com uma linda garotinha que chamaram de Pedrita. Para não ficarem para trás, seus vizinhos e amigos Barney e Betty Rubble (literalmente "Pedregulho") adotaram um órfão chamado Bam-Bam.

Os Flintstones era uma sátira ao mundo adulto feita para divertir a criançada. Fez tanto sucesso que logo surgiram outros desenhos no mesmo esquema, como *Os Jetsons*. George, Jane, Judy e o pequeno Elroy (e mais o cachorro Astro), embora vivessem no Século 21, eram muito parecidos com os Flintstones – moravam num arranha-céu onde Rosie, a empregada-robo, cuidava do apartamento e despachava Elroy para a escola através de um tubo pneumático, enquanto Judy, sua irmã adolescente, passava seu tempo livre aprendendo a última dança da moda.

Havia ainda o *Manda-Chuva*, *Mr Magoo*, o *Picapau* e o famoso *Pernalonga*, um velho favorito do cinema (ganhou um Oscar), que também tinha seu próprio show na tevê, onde desfilavam Frajola e Piu-Piu, o Coiote e Bip-Bip, Porcolino e Patolino, em meio a uma anarquia hilariante.

Manda-Chuva era um gato sofisticado, líder oportunista de uma turma de vagaus (entre eles, Batatinha e Xuxu), que vivia num beco da Broadway, em bem-equipadas latas de lixo. E, para desespero do Guarda Belo, os bichanos insistiam em usar o telefone da polícia.

Mas o bom-humor não estava presente apenas nos desenhos animados – os seriados de espionagem eram outra fonte de gargalhadas. Quem começou a onda foi *O Agente da U.N.C.L.E.*, inspirado em James Bond. A U.N.C.L.E. (United Network for Law and Enforcement) era uma organização em luta permanente contra a T.H.R.U.S.H. (Technological Hierarchy for the Repression of Undesirables and the Subjugation of Humanity). Era chefiada por Alexander Waverly (Leo G. Carroll), e seus dois superagentes – o americano Napoleon Solo (Robert Vaughn) e o russo Illya Kuryakin (David McCallum), personificavam a política da detente. A dupla enfrentava as maiores enrascadas sempre com doses de ironia e gozação, enquanto as cenas mudavam em rápidas panorâmicas de câmera e títulos sobrepostos à imagem anunciavam as novas locações ("Somewhere in Argentina...", ou Venezuela ou qualquer outro lugar exótico). Solo comunicava-se com o Q.G. através de um rádio camuflado numa caneta prateada e Kuryakin tinha uma pistola que virava rifle.

Não dava pra se levar muito a sério – afinal o Q.G. da U.N.C.L.E. ficava oculto atrás de uma tinturaria e os episódios possuíam títulos como "O Caso do Abominável Homem das Neves" e "O Caso do Meu Amigo Gorila". Porém, apesar de utilizar-se de vilões fantásticos, que iam de piratas a vampiros, *O Agente da U.N.C.L.E.* procurava manter um pé na realidade e no final de cada programa aparecia um agradecimento à U.N.C.L.E. por sua colaboração na produção da série.

P P! P P O O W W!

Por Lu Gomes

Por causa de Napoleon Solo e Illya Kuryakin, uma avalanche de seriados de espionagem invadiu a televisão, sendo *Missão Impossível* um dos mais bem-sucedidos. Cada episódio começava com o líder de um grupo de agentes altamente especializados recebendo instruções de uma fita gravada que terminava invariavelmente com a frase: "Esta mensagem se autodestruirá em cinco segundos. Boa sorte, Jim!" E do gravador portátil saía uma fumacinha, cinco segundos depois.

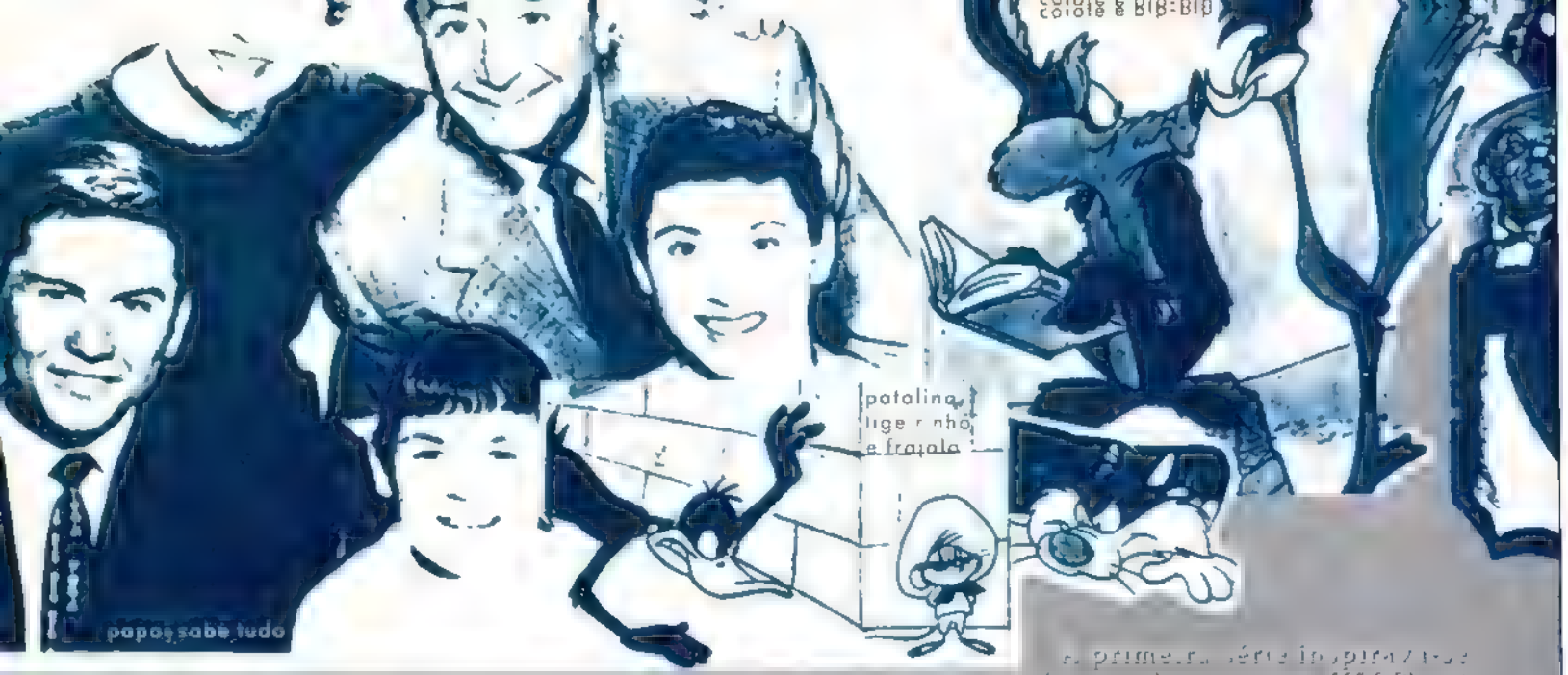
As missões de Jim Phelps (Peter Graves) eram todas "top-secret", e geralmente envolviam forças estrangeiras dispostas a causar problemas aos Estados Unidos ou ao Mundo Livre. Todos os planos criados por Phelps eram complexos e minuciosamente cronometrados e envolviam complicados aparelhos eletrônicos. A música-tema – um jazz vigoroso – era de Lalo Schifrin e fez muito sucesso.

Mas talvez o melhor seriado de espionagem fosse o impagável *Agente 86*, criado por Buck Henry e Mel Brooks. Maxwell Smart (Don Adams) era um agente secreto corajoso mas inepto, entusiasta porém confuso, um pateta em luta eterna contra os agentes da K.A.O.S., uma organização liderada pelo terrível Conrad Siegfried, que planejava conquistar o mundo.

Tudo era muito engraçado. Maxtrabalhava para a C.O.I.T.P.O.L., uma agência de inteligência sediada em Washington, D.C., sob as ordens do "Chefe" (Edward Platt), com quem se comunicava através do "sapatofone". 86 tinha como parceira a linda e brilhante Agente 99 (Barbara Felton), com quem acabou se casando entre um tiroteio e outro com a K.A.O.S. O seriado parodiava com enorme sucesso os filmes de James Bond e *O Agente da U.N.C.L.E.* e apresentava outros personagens inesquecíveis, como o Agente 13, sempre escondido nos lugares mais inusitados (dentro de máquinas de lavar roupa, armários de banheiro, caixas de correio, etc.) e Charlie Watkins, uma loira estonteante, supostamente um homem disfarçado.

Também havia os seriados tipo família, e *Perdidos no Espaço* era o melhor deles. Em 1997, com a Terra superpovoada, os Robinsons são escolhidos entre milhões de famílias americanas para colonizarem um planeta do sistema estelar Alpha-Centauri, viajando na sofisticada espaçonave Júpiter II. Por incontáveis episódios, os Robinsons – Prof. John (Guy Williams, e *Zorro*, aquele da marca do Z), sua mulher Maureen (June Lockhart) e seus filhos Judy (Marta Kristen), Will (Billy Mumy) e Penny (Angela Cartwright), juntamente com o major e piloto Don West (Mark Goddard), o doutor Zachary Smith (Jonathan Harris) e o Robo (recheado por Bob May) – vagaram de planeta em planeta tentando encontrar um jeito de voltar pra casa enquanto o clandestino Smith revelava-se um velhaco muito divertido, repetindo frases que o marcaram: "Oh, dor!" e "Nada tema, com Smith não há problema".

Mas, foi *Os Monstros* a mais afiada gozação ao gênero família. Herman (Fred Gwynne) era o pai, um Frankenstein com um zíper no pescoço que trabalhava como gerente de uma funerária; Lily (Yvonne De Carlo) era sua mulher, uma vampira, Eddie Wolfgang (Butch Patrick) era o filho lobisomem. O pai de Lily – o Vovo (Al Lewis) – era um cientista maluco com 378 anos, e a sobrinha Marilyn (Beverly Owen), por ser jovem e bonita, era considerada a ovelha negra da família Munsters. Apesar de monstruosos, todos se acreditavam completamente normais e o seriado satirizava tudo aquilo que o *Papai Sabe Tudo* glorificava: a autoridade moral, o consumismo, os padrões de normalidade. E ainda tinham



vários bichos de estimação, entre eles um corvo sem nome que vivia repetindo as imortais palavras de Edgar Allan Poe: "Nunca mais!"

Dos gibis para a televisão, *Batmin* também fez muito sucesso. A Dupla Dinâmica dedicava-se "à verdade, à justiça e ao estilo de vida americano" e o seriado manteve intocáveis essas características do Homem Morcego e do Menino Prodígio. Os resultados foram hilariantes: Batman (Adam West) num interninho, pedindo um copo de leite, proibindo Robin (Burt Ward) de dirigir o Batmóvel por ser menor de idade, resistindo às travestidas amorosas da Mulher Gato (Julie Newman). A gozação corria solta em Gotham City. Nas cenas de ação, a câmera se inclinava e onomatopeias enchiam a tela a cada porrada: POW! SCRACK! ZAP! ZONK! Os coadjuvantes também eram muito pateta: Batgirl (Yvonne Craig), o mordomo Alfred (Alan Napier), o comissário Gordon (Neil Hamilton) e o Chefe O'Hara (Stafford Repp). E a galeria de bat-vilões não tinha fim: Pinguim, Corringa, Enigmista, Egghead, Minerva, Rei Tut, Dra. Cassandra...

O rock só foi ter vez com os *Os Monkees*. O grupo foi criado por dois executivos da Columbia Pictures, Bert Schneider e Bob Rafelson, que tiveram a idéia depois de observar o enorme impacto que os Beatles causaram na juventude americana. Em 1965, eles colocaram um anúncio nos jornais chamando por "quatro rapazes insanos e cômicos para trabalharem numa série musical para a tevê" e mais de 400 apareceram, entre eles Steven Stills e Paul Williams. Os escolhidos foram Micky Dolenz, Peter Tork, Michael Nesmith e Davy Jones. Neil Diamond, Carole King, Harry Nilsson e Neil Sedaka contribuíram com canções inéditas e Don Kirchner era o diretor musical.

A primeira série inspirava-se descaradamente em *HELP!* e *A Hard Day's Night*, dos Beatles. Quatro músicos perseguidos por espiões, cientistas malucos e empresários escrotos, e aos quais sempre arranjavam um tempinho para seus números musicais – geralmente dois ou três por show. Muitos dos primeiros episódios foram dirigidos por Bob Rafelson.

Com o sucesso, os Monkees passaram a exigir maior liberdade de criação para seus discos e seriado de tevê. Em 67, eles passaram a compor grande parte de sua música e a produzir seus próprios álbuns. A série tornou-se cada vez mais louca depois que eles mudaram seus penteados e terninhos a la Beatles, trocando-os por túnicas indianas e roupas mais exóticas, bem no estilo hippie da época. O humor tornou-se mais ultrajante e o seriado passou a contar com convidados como Liberace e Frank Zappa. Dolenz e Tork dirigiram muitos dos últimos programas, cujas tramas envolviam invasores do espaço, feiticeiros, monstros e piratas.

Foram 58 episódios, que começaram em 1966 e terminaram em 1968. Mas o término do show não

significou o fim do grupo. Em novembro de 68 era lançado o longa-metragem *Head* (Os Monkees Estão a Solta), uma sátira psicodélica da ascensão do grupo à fama, escrito por Bob Rafelson e Jack Nicholson. *Head* parodiava todos os gêneros cinematográficos, dos musicais aos filmes de guerra, e apresentava convidados como Victor Mature, Annette Funicello e Frank Zappa. *Head* virou um cult-movie.

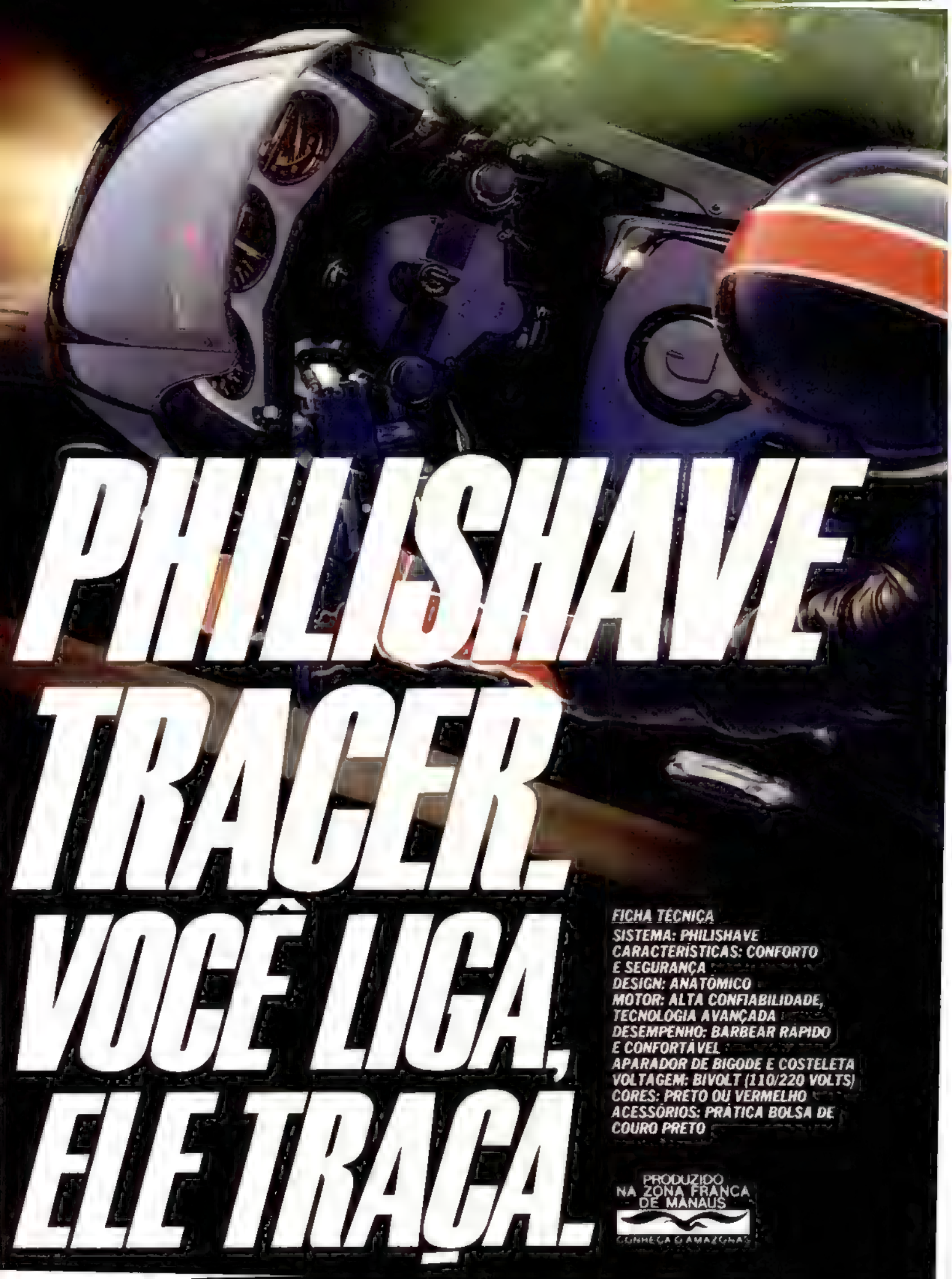
Mas o mais bem-sucedido de todos os seriados foi sem dúvida *Jornada nas Estrelas*, que já gerou vários longas-metragens e possui uma enorme legião de fãs – "trekkies" – espalhados pelos quatro quadrantes do universo. No século 22, a U.S.S. Enterprise (NCC 1701) tem por missão "explorar novos e estranhos mundos", sob o comando do capitão James Kirk (William Shatner), que contava com a indispensável ajuda do oficial de ciências Mister Spock (Leonard Nimoy), meio terráqueo, meio vulcano, de orelhas pontudas e mente rotineiramente lógica, e do doutor Leonard McCoy (DeForest Kelley). Havia ainda Sulu, o navegador, Uhura, a oficial de comunicações, e Scott, o chefe das máquinas.

Nos primeiros episódios, *Jornada nas Estrelas* apresentava enredos inteligentes e acuradamente científicos, além de oferecer amplas doses de filosofia, aventura e efeitos especiais. Os confrontos geralmente aconteciam com duas raças alienígenas, os Klingons e os Romulans, mas havia outros contatos com diversas formas de vida, a maioria estranhíssima. No final, a série foi perdendo o pique, com Kirk se encontrando até com Abraham Lincoln e Wyatt Earp, em absurdas fantasias históricas.

Muitos outros seriados merecem ser lembrados, como *A Feiticeira*, *Jeannie É Um Gênio*, *O Fugitivo*, *Além da Imaginação*, *Combate*, *Peter Gunn*, *Patrulheiros Toddy*, *Aventura Submarina*, *Thunderbirds*, *Dr. Kildare*, *Rota 66* ... fica pra outra vez. Sem falar d'*O Vigilante Rodoviário*, o único seriado brasileiro que deu certo, a bordo de um Simca Chambord, o oficial Carlos e seu fiel companheiro Lobo combatiam o crime embalados pela antológica tema, recentemente gravada pelo Joelho de Porco: "De noite ou de dia/Firme no volante/Vai pela rodovia/O braço vigilante..." Eu não perdia nenhum episódio.

Hoje, os seriados e desenhos animados baseiam-se quase que totalmente em enredos violentos. Os anos 70 marcaram o fim de uma era de fantasia e humor e os seriados resolveram, infelizmente, cair na real, refletindo as mudanças da sociedade americana. Devagar, o escapismo foi cedendo lugar à realidade. A inocência e o bom-humor se foram (para sempre?). Quem cresceu com a tevê dos anos 70 teve uma experiência muito diferente.

Ilpio Cellard



PHILISHAVE TRACER. VOCÊ LIGA, ELE TRAÇA.

FICHA TÉCNICA

SISTEMA: PHILISHAVE
CARACTERÍSTICAS: CONFORTO E SEGURANÇA
DESIGN: ANATÔMICO
MOTOR: ALTA CONFIABILIDADE, TECNOLOGIA AVANÇADA
DESEMPENHO: BARBEAR RÁPIDO E CONFORTÁVEL
APARADOR DE BIGODE E COSTELETA
VOLTAGEM: BIVOLT (110/220 VOLTS)
CORES: PRETO OU VERMELHO
ACESSÓRIOS: PRÁTICA BOLSA DE COURO PRETO

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS
CONHEÇA O AMAZONAS

PHILIPS
PHILISHAVE
TRACER
ON
OFF
PHILIPS
PHILIPS

IMAGENS

Querida:

Espero que você tenha o mesmo

apetite, a mesma ansiedade.

Fuja. Não adie. Há lugares onde

nem sequer você encontra uma

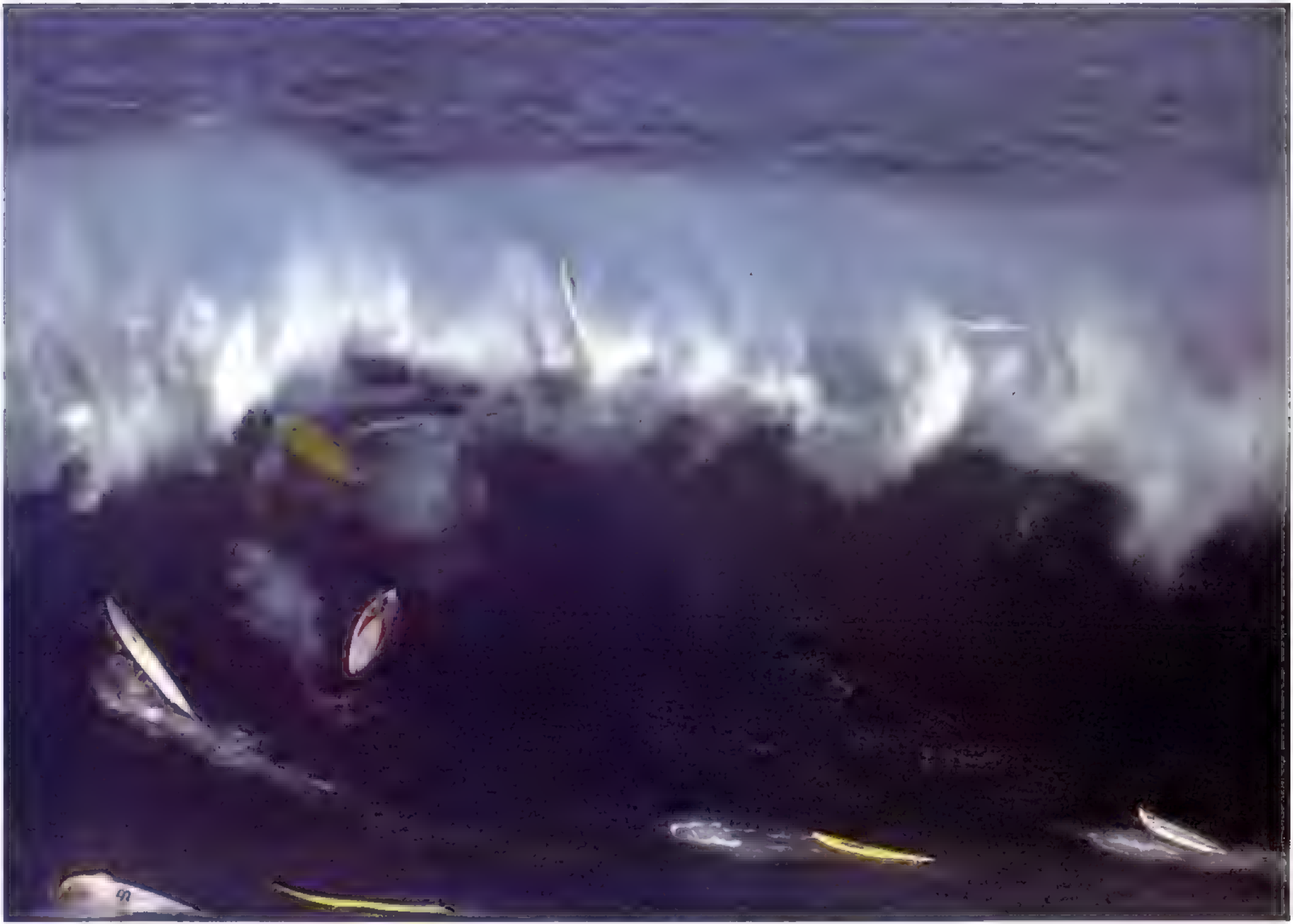
revista pra comprar.

KLAUS MITTELDORF

KLAUS MITTELDORF

WOODY WOODWORTH

WOODY WOODWORTH

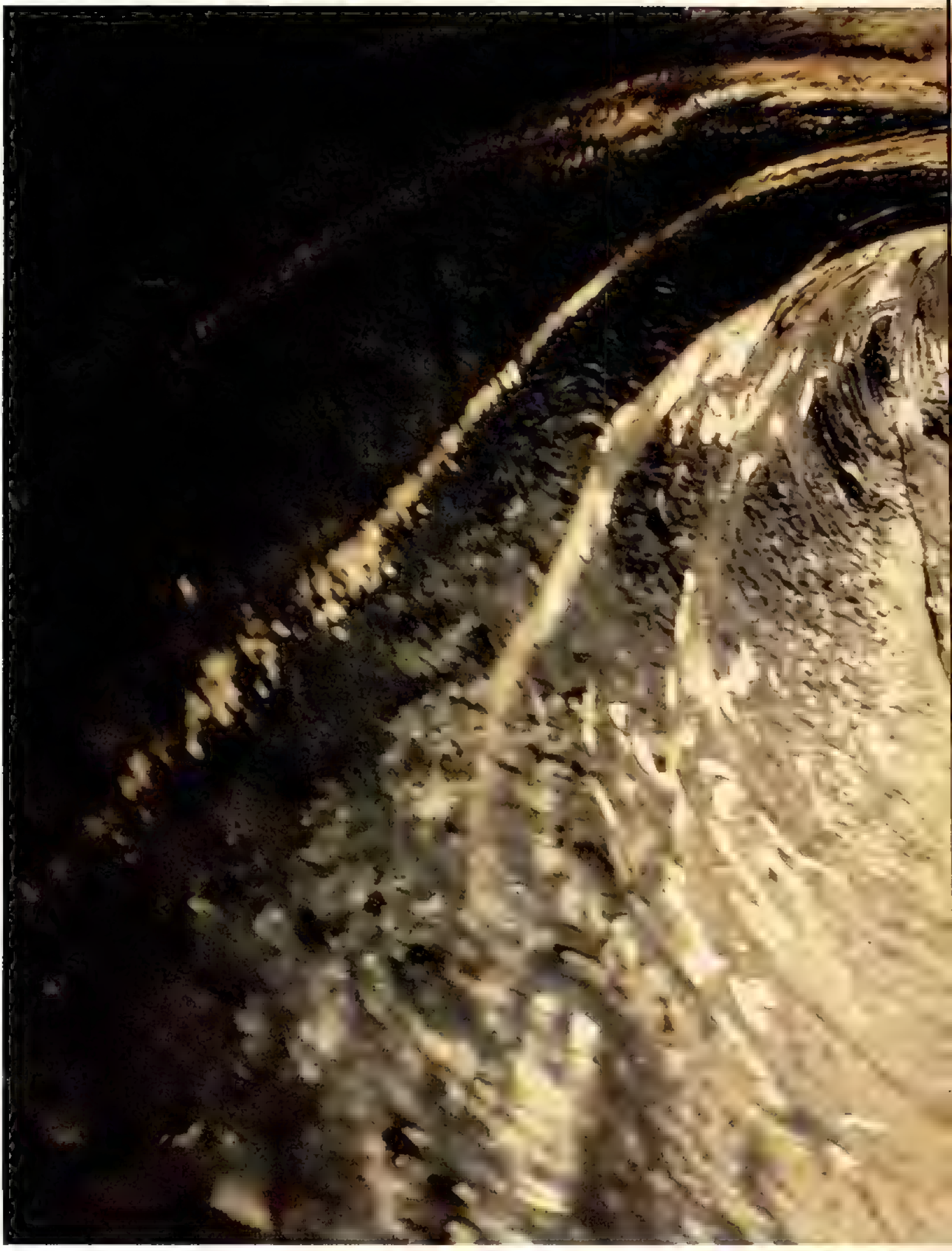


MARCELO LAXE

PAUL COHEN

PAUL COHEN

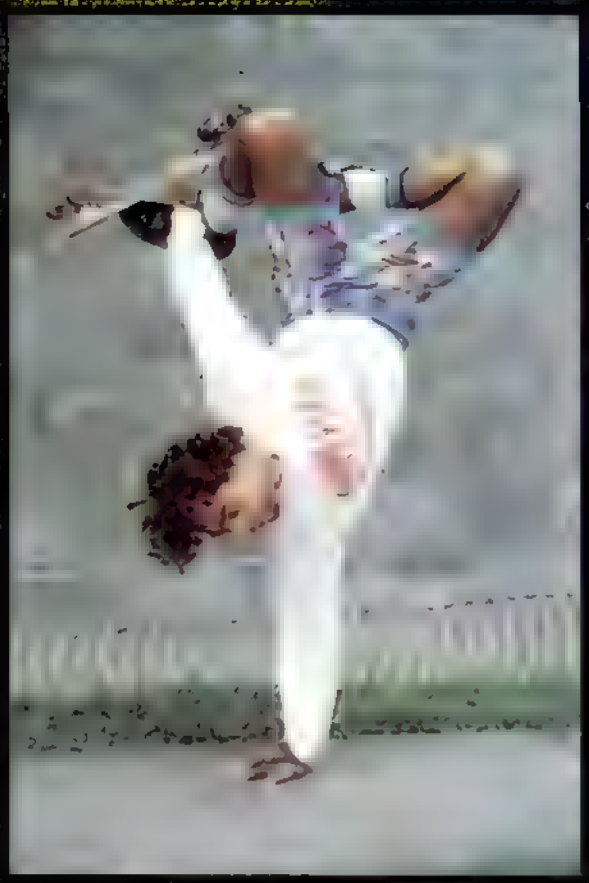
WOODY WOODWORTH

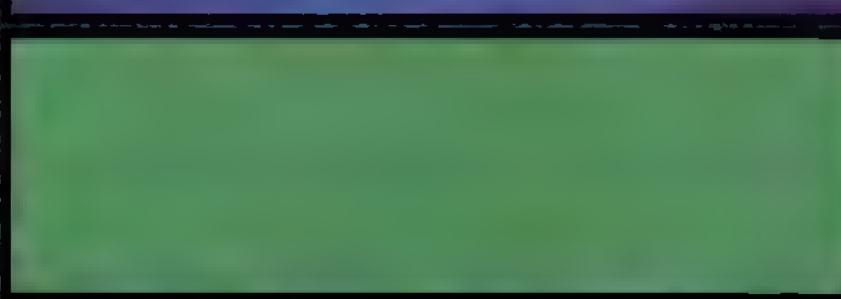


WOODY WOODWORTH

TOWN AND COUNTRY

WINTER 87





CRIAÇÃO – PRODUÇÃO – TOWN AND COUNTRY DESIGNS FERNANDO MONTEIRO – MARCOS R. LOPES

FOTO POR-QUÊ? MARCOS R. LOPES FOTO GUI MATTOS (SUNSET) F. MAKHOUL FOTO PAISAGEM JOÃO C. LOPES (TICO)

PRONTA ENTREGA – Av. Santo Amaro, 1298 (011) 531-7477 – LOJAS: Rua Guararapes, 201 – Brooklin – (011) 531-7477

Rua João Cachoeira, 376 – Itaim – (011) 64-2278 SHOPPING MIRA MAR (SANTOS)

SP -(011) 5750688 - RJ -(021) 2944545 - NE -(071) 2332153
ES -(027) 2256203 - PR -(041) 2238986 - RS -(0512) 240826

shoiti hori – sundek

NENÊ NO CÉU

O Rio de Janeiro, até agora, segurava a tradição dos primeiros lugares em quase todos os campeonatos de vôo livre. Isso ao que parece, está mudando. A primeira etapa do Campeonato Brasileiro de Vôo Livre, em Governador Valadares (MG), ficou para o paulista Nenê (Stanley), quebrando a hegemonia dos cariocas pela primeira vez numa prova desse porte.

Também recentemente, num campeonato bastante disputado nos céus baianos, os paulistas se deram bem: Bruno Maloca em 1º e Tuffy em 2º lugar. E quem costuma respirar a emoção das provas de vôo livre no Brasil, já sentiu de perto o que significa o acirramento das disputas. Quer dizer, a saudável busca das melhores colocações está estimulando mesmo o aperfeiçoamento técnico de todo mundo. E isso é ótimo!

SHOITI HORI

SURFISTA ENFORCADO

Pois é. Uniforme de surfista em fotografia de revista é sempre o mesmo: calção e só. E na verdade, quem passa boa parte do tempo dentro d'água não pode mesmo escolher outros trajes.

Mas, as câmeras da **TRIP** estiveram atentas na festa de casamento de Ricardo Barbero, da Plancton. E entre muitas cenas dignas de registro, um instante inédito: o surfista Ricardinho, vestindo um sorriso, camisa branca, terno & gravata. Pode?

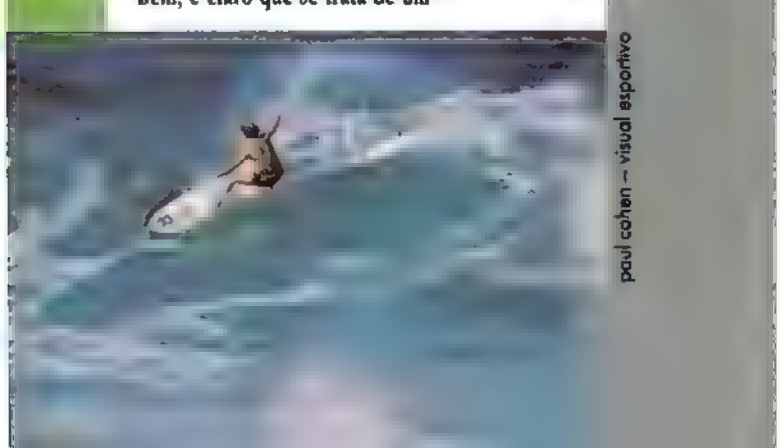
É claro, o nó da gravata não é dos melhores. Mas, o estilo é irrepreensível. Pelo menos pra quem vive de calção...

SHOITI HORI

OS PINGOS NOS IIIIIIs

Na última edição da **TRIP**, no poster central, aparece uma série de fotos do OP Pro 87. Até aí, tudo bem. Só que o campeão amador do campeonato, Tatuí, ganhou uma legenda errada: foi chamado de Teco Padaratz.

Bem, é claro que se trata de um erro de impressão. Tivemos mesmo a impressão de que era o Teco, entendem? Então, ficamos acertados: Tatuí, campeão amador do OP Pro 87. Confere? E o Tatuí taí, mostrando seu estilo nas ondas do Havaí. Pronto.



paul cohen – visual esportivo

UMA BANDA TRANSADA

shoiti hori – sundek

O grupo Tokio continua fazendo jus ao nome: o novo disco – e o novo visual – estão realmente virando tudo de cabeça pra baixo. "Na Ronda dos Nats", aquela da "gente transada", que já está tocando por aí, é um resumo dessa investida. Normais, tremei!

E olha que na primeira edição da **TRIP**, apontamos o lance: o Tokio não está aí à toa. Os desajustados também amam...

P.L.

O FLASH DO AMAURY

De segunda a sexta-feira, a TV Bandeirantes de São Paulo põe no ar o programa **Flash**, de Amaury Jr., sempre a partir da meia-noite. Pioneiro entre os repórteres de variedades da TV, Amaury consegue reunir diante do microfone e das câmeras tudo que de importante está rolando na cidade. Esse ecletismo acabou dando vez para uma reportagem especial com a equipe da revista **TRIP**, na época de lançamento de nossa última edição, quando simultaneamente o audiovisual Uma Trip pelo Mundo levava centenas de pessoas ao Museu de Arte de São Paulo.

Aliás, o sucesso desse audiovisual foi tão grande (fotos incríveis de Klaus Mitteldorf, Marcelo Laxe, Frédéric Pauvarel, Shoiti Hori, Paulo Lima, Haroldo Nogueira, Rubens Rocha, Kito Zanin e Airton Kieling, com trilha sonora de Otávio Rodrigues e Sonia Abreu), que a Gaf P&P, com a colaboração do intrépido Shoiti Hori, já está agitando mais um evento desse tipo para breve. E ainda promete "exportá-lo" para outros estados brasileiros. Esperem pelo melhor

shoiti hori – sundek

LIGHTNING BOLT

Poucos dias antes do fechamento desta edição, a Lightning Bolt reafirmou com classe, seu compromisso com o surf.

A praia das Pitangueiras, no Guarujá, São Paulo, foi palco de mais uma etapa do Brasileiro de Surf em maio último, com o Campeonato Lightning Bolt. E o mar não deixou por menos: graças a uma forte ressaca, as ondas alcançaram até três metros, beijaram os muros do calçadão e quase puseram abaixo o palanque oficial.

O melhor de tudo foi a final da categoria masculino. Fernando Correa acabou levando a melhor em cima de Pedro Muller, que ficou em segundo, garantindo muita surpresa a todos que acompanhavam a prova. Fernando estava meio afastado dos campeonatos, sua vitória não era muito esperada). Na categoria feminino, Tanira Damasceno ficou em primeiro. Renato Lino venceu na mirim, enquanto Marcos Salgado e Daniela Figueiredo confirmaram as expectativas no bodyboard.

Agora, é esperar a próxima etapa, na praia de Itamambuca, em Ubatuba, São Paulo. Será a vez do Sundek Classic.

PATIFARIA

Nem tudo está perdido! Há mesmo vida inteligente no rock da Tupilândia.

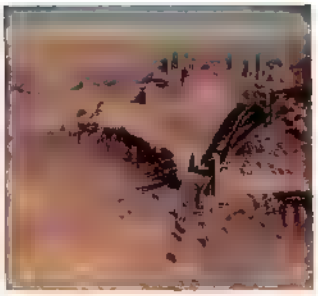
E quem engrossa esse refrão é a Patife Band, de Paulo Barnabé, Sidney Giovenazzi, Paulo Mello e André Fonseca. O vale-tudo sonoro dessa turma já está pintando faz tempo na programação das FMs atípicas de São Paulo, via fitas demo.

ruth slinger
renata bueno

Agora, é a vez do disco. A gravadora WEA traz a novidade. Não perca!

PAULO LIMA

NA TERRA DO CANGURU



A Austrália é um exemplo típico da fusão de música, surf e moda. Por exemplo, na música, quem não ouviu falar de grupos como Inxs, AC/DC, Australian Crawl, Men at Work, Midnight Oil, Divinyl's e muitos outros, que são ou já foram sucessos mundiais, fazendo a cabeça de muita gente...?

Já no surf, a Austrália garantiu, através dos anos, diversos títulos mundiais. Nos anos 70 e no começo dos 80, sua supremacia foi absoluta. Seus maiores representantes foram e são ainda Peter Townend, Wayne "Rabbit" Bartolomew, ambos campeões mundiais, Tom Carrol, que é bicampeão, Mark Richards, que é tetra... No surfwear, a Austrália acabou influenciando o mundo todo, através de marcas tradicionais como a Billabong, Quiksilver, Mango e Rip Curl. moda, acessórios, roupas de borracha, tudo!

A Austrália pode ser considerada um dos paraísos do mundo moderno. Porque praticamente não aparece nos noticiários diários, possui total independência de recursos, não tem problema de política interna e externa, deixando para o mundo apenas os comentários sobre sua música, sua moda e seu surf.

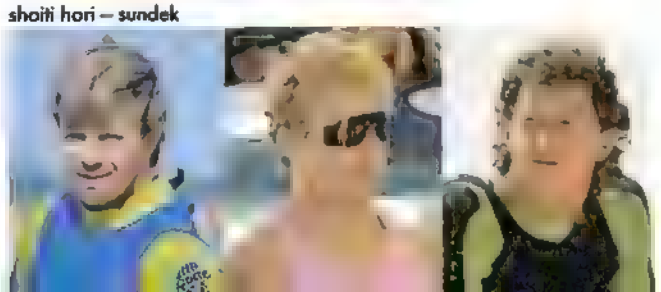
O surf, aliás, é o esporte mais popular de lá. E ondas perfeitas a Austrália tem aos montes. Suas praias mais conhecidas são as que ficam em Sidney, ao lado sul e norte (Cronulla, Shark Island, Bondi, North Narraben, Dee Why), na Gold Coast (Burleigh Head, Kirra, Durambah) e outras praias ao sul de Sidney (Black Rock, Bells Beach) ou oeste (Margaret River), além de uma infinidade de praias e secret points em torno de toda a costa.

Para a música, a Austrália possui grandes palcos. O Opera House, por exemplo, é construído numa arquitetura super arrojada, dando a impressão que estaria melhor ambientado no ano de 2030! Também em Sidney, temos o Capitol Theatre e o Narraben Royal Center, onde grupos locais revezam-se com outros mais conhecidos, como The Cure, Dire Straits, etc. Já na Gold Coast, o esquema é mais das big houses, tipo Palace (São Paulo) ou Mistura Fina (Rio de Janeiro), só que com dois ou três andares, com diversos ambientes. Nesses lugares, enquanto os conjuntos fazem o show no palco, o público presente da um outro tipo de show, com suas danças, vestimentas e baixarias. Na Gold Coast, os lugares mais conhecidos são o Play Room e Bombay Rock que é um dos melhores. Mas, apesar de todo esse "modernismo", eles ainda mantêm a tradição de abrir às seis da tarde e fechar à meia-noite

Mulher, moda e praia: na Austrália, o fio dental já é moda há muito tempo. O top less idem Aqui no Brasil isso ainda é incomum, só as índias e as mulheres no carnaval conquistaram esse privilégio. Bem, o resto da estória fica pra outra vez.

LUIZ FEIO SALA

shoiti hori – sundek



FOTOGRAFIA É COISA SÉRIA.

Estas empresas ajudam a escrever a História com imagens, investindo nos fotógrafos brasileiros

Sidney Santos José, fotógrafo patrocinado pela Nativas e Wagon

O MELHOR ANÚNCIO DA TRIP

Descobrimos que as pessoas gostam bastante dos anúncios publicitários publicados na TRIP. E então que criatividade é coisa sempre bem-vinda, e que merece estímulo a qualquer tempo. A saída? Ouvir alguns profissionais da criação e da arte de comunicar, saber deles qual o anúncio mais interessante de nossa edição nº 3. É só conferir:

RICARDO VAN STEEN (sócio-diretor da agência CVS e diretor dos filmes da campanha da C&A)
– Ocean Pacific, página 11

JARBAS J. SOUZA (proprietário e diretor de criação da Jarbas Propaganda)
– Tico, página 33

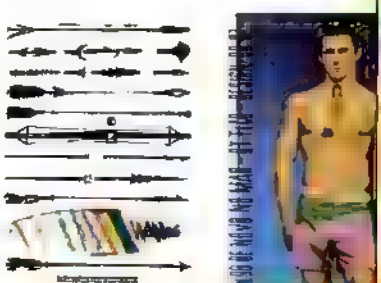
FLÁVIO DEMASI (diretor-superintendente da Eureka de Publicidade)
– Nativas, página 43

MAURÍCIO KUBRUSLY (jornalista, repórter especial da TV Globo e diretor de redação da revista Somtrês)
– Ocean Pacific, página 11

RICARDO CÔRTE REAL (gerente de publicidade da revista Bizz)
–Nativas, página 43

MÁRCIO CASTRO SALGADO (diretor de criação da São Paulo Criação e criador dos filmes da campanha da C&A)
– Sea Club, página 31

E daí que a pergunta continuará valendo: qual o anúncio mais criativo das páginas da *TRIP nº 4? Em nossa próxima edição, traremos de novo os resultados. E o desafio se estende a todo mundo, inclusive você, venerando leitor... Mande sua carta, com sua opinião, sua escolha pessoal, e concorra a adesivos e camisetas da TRIP.*



DE CABEÇA NA LAGOA

Punk-funk, funk-punk... É difícil dar nome pro som do Lagoa 66. Talvez nem precise: só ouvindo mesmo pra entender tudo. O grupo ensaia em casa já há mais de ano, e pintou com duas músicas na coletânea de bons momentos do LP do **Perdidos na Noite**, o programa (?) de TV do Fausto Silva. Já bastou pra cair nas boas e más linguas do País. Os paulistas têm dado sorte, já que o Lagoa 66 não pára de fazer shows no circuito noturno da cidade (Ácido Plástico, Cais, Woodstock, Espaço Mambembe e cia.). Uma fita demo – ahh, as gloriosas fitas demo – também anda fazendo escalas na programação de algumas rádios de esquerda.

O próximo passo é a gravação de um LP. E que venha logo, porque o terreno, como bem se sabe, continua invadido por muita coisa inçossa. Mil vezes a funkterapia do Lagoa do que a crise existencial de outros aventureiros.

A banda tem patrocínio da Angel Dust.

STRAIGHT TO HELL

Alex Cox, inglês apaixonado pela Califórnia, 32 anos, fez **Repo Man**, o "**Easy Rider**" dos anos 80. Fez **Sid and Nancy**, tragicomédia junkie-punk filmada com classica ternura. Acabou de filmar **Walker**, em locações originais: a história de um americano que há um século tomou conta da Nicarágua (Ronnie Big Mac gostaria dessa). No último intervalo, Cox pegou três dias, escreveu um roteiro e foi para o sul da Espanha filmar **Straight to Hell**.

Cox manda seu filme diretamente para o inferno:
Não tem estilo. Não tem uma mensagem coerente, e não é sobre um assunto profundo. Também não é arte – e não foi feito artisticamente. É um western-spaghetti sujo, feito por um milhão de dólares em quatro semanas.

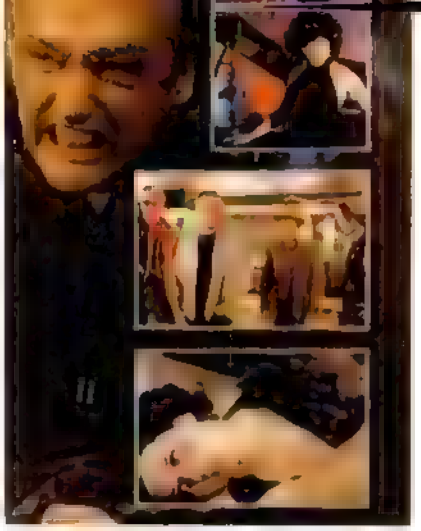
Antes de chegar às telas de Europa e EUA (Brasil, quem sabe, na próxima década...), **Straight to Hell** já é um dos cult-movies de 87. Tubarões da indústria do cinema dizem que é um filme só para bêbados ou drogados. Isso não impediu que a Island resolvesse bancar a produção (baratíssima para os padrões internacionais; e cada um da equipe tem participação).

A filmagem foi em uma mini-Hollywood no sul da Espanha, no último verão europeu, sob um calor senegalesco. Foi lá que Sergio Leone – ídolo absoluto de Cox – filmou sua trilogia dos dólares, e onde Roman Polanski andou fazendo um comercial de Peugeot por cinco vezes o budget. Estrelas a-go-go estão no elenco: Joe "ex-Clash" Strummer, Elvis Costello, Grace Jones, The Pogues, e até uma fera da tela em pessoa, Dennis Hopper, que de **Easy Rider** a **Blue Velvet** enfiou suas garras na psiquê de duas gerações.

O que acontece? Um cassino. Comédia noir pura, como se fosse uma paródia de um típico spaghetti-western, só que ao estilo "Mad". Referências ululam: **Mad Max**, Chandler, James Cain, Agatha Christie, teorias conspiratórias variadas... Muito tiro, muito café, muita poeira e até algumas gatas.

Cox gosta de trabalhar como **Jim Jarmusch** (**Stranger than Paradise**, **Down by Law**): pouco dinheiro, farta criatividade, e livre dos tentáculos de Hollywood. Ambos ainda vão arrepiar muito. Além disso, não deixam escapar nada. Jarmusch foi ao set ver como andavam as barbaridades de Cox. Terminou fazendo uma ponta. *Killer* ou defensor da lei e da ordem? Vejam a resposta no inferno

PEPE ESCOBAR



DIA NOBRE

A praia do Arpoador, no Rio, costuma surpreender todo mundo em seus dias mais fortes. E não é pra menos. Na foto Heber Moura, da Bentley Surfboards.

BLUE VELVET

David Lynch, americano, 40 anos, apareceu com um dos grandes cult-movies dos anos 70, **Eraserhead**: bebês mutantes, paisagens industriais desoladas, o personagem principal, Henry, com um moicano proto-punk, tudo fundia-se em cima com o "No future" imortalizado por Little Johnny. Depois veio o inevitável filme "de arte" (**O Homem Elefante**), e o inevitável desastre multimilionário (**Duna**). Mas só assim David conseguiu chegar a **Blue Velvet**: 6 milhões de dólares (budget alto para cult-movie), mas costas-quentes do big boss Dino de Laurentis, distribuição mundial e farto bombardeio na mídia. E, claro, um cult-movie para acabar com todos os cult-movies.

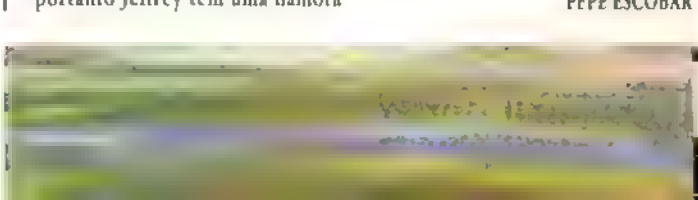
Lynch jogou pesado. **Platoon** reavivou a memória americana mostrando como é uma guerra na superfície do combate e nos subterrâneos da ética. **Blue Velvet**, na linha do sensacional **Somethin' Wild**, de Jonathan Demme, revela a guerra subterrânea lá dentro do império americano. Ataca no inconsciente, brinca com o fogo da violência e da fantasia sexual. Na aparência, é um Teen-movie de pervertido. No fundo...

Jeffrey é um estudante que num belo dia descobre uma orelha cortada jazendo em um jardim. A câmera de Lynch "penetra" na orelha – como Alice pulando para o outro lado do espelho – e começa a revelar o labirinto de vício, degradação e corrupção sob as ruas ensolaradas da sonolenta Lumbertown.

É um **teen-movie**, claro, portanto Jeffrey tem uma namorada, que vira sua cúmplice enquanto ele penetra cada vez mais no mistério. O mistério envolve a relação de Dorothy e Frank. Dorothy (Ia Rossellini, filha da divina Ingrid Bergman) é uma cantora de night-club que só canta "**Blue Velvet**" (também aparece na trilha, é claro, o clássico original de Bobby Darin). Dorothy é usada e abusada por Frank (Dennis Hopper, gloriosamente sinistro), chefete da contravenção local: ele xinga a três por dois, enche Dorothy de porrada, cheira a três por quatro de uma máscara de oxigênio. Dennis – ex-Mr. Anos 60, agora sério candidato a Mr. Anos 80 – leu o roteiro e disse: "Frank sou eu" Não deve ser, mas a semelhança é aterradora...

É um pesadelo. Dorothy é um **traste humano**. Frank a "fez" masoquista. Apanha e gosta porque não conhece outra vida. Jeffrey vai atrás dela, é voyeur total, tenta salvá-la. Frank o leva para uma "tour do inferno" com sua gang. Lynch acentua o pesadelo com cenários opressivos, cores doentias, sons alucinatórios. Jeffrey termina matando. Salva Dorothy (ela reencontra o filho seqüestrado por Frank) e fica com a namorada. Mas esse Happy end só acentua a potência dos íncubos: Frank como o "alien" capaz de infernar a harmonia da pax americana; o masoquismo feminino induzido; o voyeurismo masculino. **Blue Velvet** é tão perturbador quanto um pesadelo, oculto por uma cançãozinha inocente. "She wore blue...velvet..." Um veludo azul manchado de sangue

PEPE ESCOBAR



AGRADECIMENTOS

Colaboraram nesta edição da **TRIP**:

FIBRA DE VIDRO: G Confecções, Ellus, Artex, Acessory, Nativas, Morey Boogie, OP, Company, US Top, Bloomies, Calvin Klein, Casa Moysés, Cerello.

MODA?: De Lara, Toot, Levis, Blue Man, Lemon, La Bagagerie, Andrea Saleto, Speedo, Água na Boca, Company, Fiorucci, George's Henri, Pios, Identidade e Gatil de Tambatayá - Proprietário: Antonio Cezar Machado Madeira - Tel.: (021) 294-6178 - Gatos: Yta-oby de Tambatayá (azul), Cecy de Tambatayá.

IMAGENS: fotos de Paul Cohen/ Visual Esportivo (páginas 92 e 93).

FRANCE HAZAR: Kaos Brasilis - Rua Bela Cintra, 1209 - São Paulo - SP - Tel.: (011) 883-7588.

WALL STREET ESTÁ QUEBRANDO: Polio Point - Rua Estados Unidos, 2085 - São Paulo - SP - Tel.: (011) 853-2499. Claudio Elisabétsky - Pesquisa jornalística.

MONT BLANC: Bonaparte - Av Alberto Andaló, 3433 - São José do Rio Preto - SP - Tel.: (0172) 32-1834 - Al. Tietê, 20 - São Paulo - SP – Tel.: (011) 282-9184.

BONG! ZAP! POW!: Astrologie – Rua Padre João Manoel, 1086 – São Paulo – SP – Tel.: (011) 282-7621/ 883-6128 - Rua Garibaldi, 1370 - Ribeirão Preto - SP - Tel.: (0166) 625-6254

ROCK AO VIVO E AO MORTO

Se, por um lado, a explosão dos videoclips e a profusão de lançamentos de novos artistas do rock nacional, deram sopros de vida pra música na TV, por outro acabou consolidando a prática nojenta e viciosa do play back (leia-se dublagem). E isso enche o saco.

Nem tudo é treva, porém. A Metavideo e a TV Manchete estão lançando um novo programa musical, o **Rock Expresso**, onde só vale mostrar shows de muito pique e ao vivo, com público, assovios, gritos, tropeços & improvisos dos artistas. O primeiro programa da série rolou em maio, com o show do Paralamas do Sucesso no Estádio do Remo da Lagoa, quando Herbert, Bi e Barone encerravam a turnê nacional do **Selvagem?**. A formula é a melhor pouca falação e muita música. Scarlet Moon Chevalier, como reporter, apenas arremata alguma coisa entrevistando o prato do dia.

Tomara que **Rock Expresso**, com erros e acertos, continue vivo. E tomara que a Globo se arrependa de ter tirado o **Mixto Quente** do ar.

Morte seca aos play backs!

BÊNÇÃO, MÃE

Atrasados – mas em tempo – começam a pintar os lançamentos afros e blacks no Brasil. A WEA e a RCA estão com essas rédeas nas mãos e, até agora, vêm mostrando competência na escolha das novidades.

No pacote da WEA, estão o nigeriano King Sunny Ade (com o LP **Aura**, um tratado geral da juju music), seu compatriota Youssou N'Dour (LP **Nelson Mandella**) e o zimbabwense Thomas Mapfumo (**Chimurenga for Justice**, uma amostra generosa do som que fez a cabeça dos rebeldes que transformaram a Rodésia em Zimbabwe). Pela RCA estão rolando o Toure Kunda (**Live Paris-Ziguinchor**), o grupo Kassav (disco de mesmo nome) e uma coletânea deliciosa (**Trilogy**), que reúne o supra-sumo do cast do selo Celluloid. Tudo aí vale a pena. Cheque já sua discoteca e caso descubra que está faltando nela algum tempero diferente, um gosto especial, não titubeie: África na cabeça!

BASTA!

Chega de mistério. Que cessem os telefonemas para a redação!

Vamos agora passar a limpo a estória da Rash, que nas edições anteriores da **TRIP** garantiu cadeira cativa no espaço aqui da **Salada**. Se você também acha que grande parte dos calções de surf está abusando nas cores espalhafatosas e muito querecoqueco, bem, já entendeu então metade das idéias da Rash. A outra parte disso é a energia ilimitada do Fernandão (Fernando Vieira de Carvalho) e do Fábio, que estão apostando alto numa linha de bermudas, calções, calças e camisetas, para pôr tudo de cabeça pra baixo quanto a modelagem e cores.

E para mostrar que não está na briga à toa, a Rash já está patrocinando o fotógrafo André Reichmann, do staff **TRIP**. E ponto final.

FRIO INSPIRADO

Casacos com forração de pele sempre foram privilégio de quem viajava para o Exterior. E os invernos brasileiros, ao que parece, têm inspirado a criatividade e a ação de muitos fabricantes, que cada vez mais têm se preocupado com a produção bem-acabada desse tipo de roupa. Usando um veludo diferenciado, na parte externa e uma generosa forração de pele por dentro, os casacos Ross vêm provocando a atenção de muita gente. E há motivos pra isso: o inverno não tem sido benevolente, e viajar pra fora está cada vez mais caro...

É bom saber que não estamos sozinhos na busca da qualidade.

PROMOÇÃO

AeroPerú

A revista TRIP e a Aeroperu vão presentear você com uma viagem ida e volta para o Peru! É a oportunidade de conhecer as ondas alucinantes de Punta Hermosa, Señoritas, Chicama e ainda visitar as paragens místicas de Cuzco e Macchu Pichu.

Para participar, basta escrever pra cá: revista TRIP, alameda Ribeirão Preto, 548, CEP 01331, São Paulo (SP), respondendo:

QUEM FOI O PRIMEIRO ENTREVISTADO DA REVISTA TRIP?

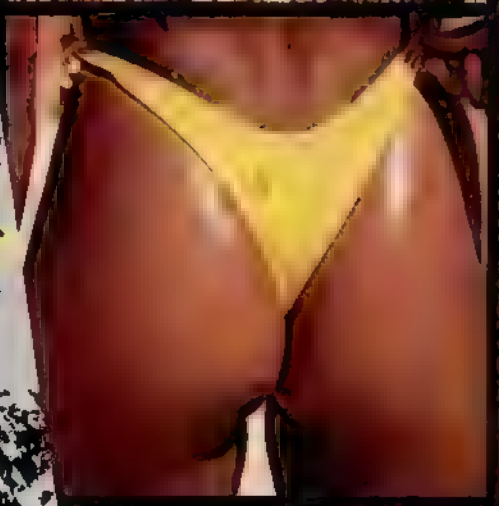
NA SUA OPINIÃO QUEM DEVERIA SER O ENTREVISTADO NA PRÓXIMA TRIP?

VOCÊ JÁ VIAJOU PARA O EXTERIOR? PARA ONDE?

Escreva no envelope: Promoção Trip-Aeroperu. E não esqueça de completar com seu nome, idade e endereço completo. Só assim sua participação vai valer. O resultado sai na edição nº 5 da revista TRIP. Boa sorte!

PRO ESPORTES VIDEO APRESENTA:

OP PRO JOAQUINA 87



Fotos: Edson Neves

Já está no mercado a fita do 2º OP pro(87), um show de surf e emoção, com os melhores surfistas brasileiros da atualidade. Backs, radicais, entrevistas e muitas gatíssimas.

Uma produção e distribuição:

PRO ESPORTES VIDEO

a marca registradora de momentos inesquecíveis

Peço enviar-me o Filme Op PRO JOAQUINA 87, no valor de Cz$ 2.300,00 à vista, no sistema VHS

NOME: _____

ENDEREÇO: _____ CIDADE: _____ ESTADO: _____

CEP: _____ TEL.: _____ DATA: ___/___/___ ASSINATURA: _____

Não mande dinheiro agora. Envie seu pedido para **PRO ESPORTES VÍDEO** Produtora de Imagens Ltda., Rua da Alfândega, 25/504 Rio de Janeiro/RJ CEP 20.040 - F.: (021) 223-4211 e pague pelo Reembolso Postal

Consulte nossos preços especiais para Videoclubes e Locadoras.

PRANCHAS E EQUIPAMENTOS QUALIDADE EM ALTA!

NO MOMENTO EM QUE O MERCADO DO SURF SOFRE UM SÉRIO ABALO, É IMPORTANTE PROMOVER A UNIÃO ENTRE AS FORÇAS QUE SE MANTÊM ATUANTES. A ABERTURA DESTE ESPAÇO NA TRIP, É MUITO MAIS QUE UMA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS AO LEITOR OU UM SIMPLES CANCHO PARA ATRAIR NOVOS ANUNCIANTES. É INVESTIR, IDÉIA E FORÇA DE TRABALHO NA FERRAMENTA QUE MOVIMENTA TODA A ESTRUTURA: A PRANCHA, UM OBJETO MÁGICO QUE CONFECCIONA SER OBRA DE ARTE E INESGOTÁVEL FONTE DE PRAZER.

Surfari Surfboards & Designs
Made In Brazil

SOLONHA

SURFARI
AV. DOS BANDEIRANTES, 3586
F. 241-3592 – SÃO PAULO – SP
CEP 04071

TROPICAL BRASIL

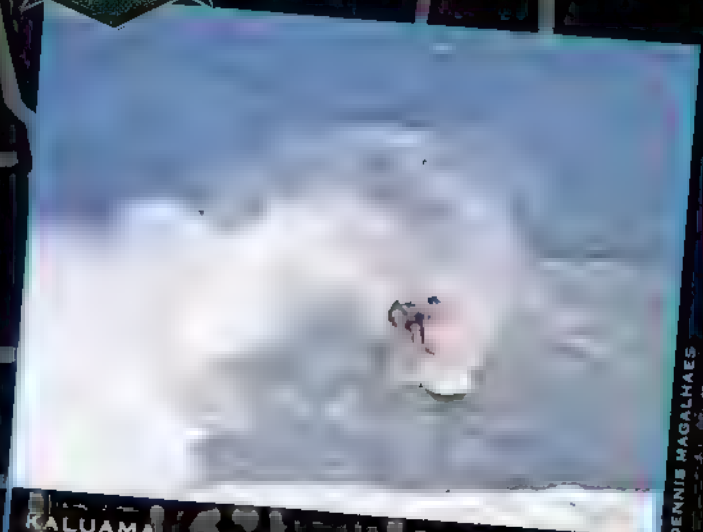
SIDNEY DOS SANTOS

TROPICAL BRASIL
END. POSTAL: CX. POSTAL 638
F. (0482) 33-3289 H. COML. – FLORIANÓPOLIS
SC – CEP 88001

SURF DESIGNS & ACCESSORIES

DENNIS MAGALHÃES

DATRIP
R. SANTOS NETO, 123
F. (0512) 32-3782 – RS – CEP 90430



DENNIS MAGALHÃES

KALUAMA
R. DOS CAFEZAIS, 807
F. 247-9387 – SÃO PAULO – SP – CEP 04364

MARLIN
SURFBOARDS
MARLIN
R. HENRIQUE HERTZ, 08
F. 240-7088 – SÃO PAULO – SP
UETO TOM PHOTO
SUMMER BIRDS
R. DR. ALBERTO SEABRA, 1018
F. 864-6382 – SÃO PAULO – SP
CEP 05452
MOTAURO
COAST
Av. DOS IMARÉS, 36
1587 – SÃO PAULO – SP – CEP 04085
SHOTI HORI
YAHOO
R. VERONESE, 102
F. (0512) 40-3441 – RS – CEP 91050
A PRANCHA DO CAMPEÃO GAÚCHO
DENIS MAGALHÃES

LIGHTNING BOLT
SHAPE: HEITOR HAWAI
F. (0132) 86-5400
THYOLA
SQUALO
AV. DR. ROQUE PETRONIO JR., 481
F. 570-8635 – SÃO PAULO – SP – CEP 04707
SHOITI HORI
SPEED LINE
R. SILVA SO, 411
F. (0512) 32-7431 – RS – CEP 90000
DENNIS MAGALHÃES
ALOHA
AL. GUAICANANS, 1212
F. 571-9208 – SÃO PAULO – SP – CEP 04064
SHOITI HORI
OS MELHORES FABRICANTES DE PRANCHAS DO BRASIL USAM BLOCOS DE POLIURETANO
CLARK FOAM
SUPERLIGHT

FOTO M. SLAVONE

WALK

ANDE COM O BOM HUMOR SIDE WALK.

BOOGIE!

Morey Boogie®
Bodyboards

Morey Boogie Bodyboard é uma obra artesanal feita por CLARK FOAM PLÁSTICOS LTDA. Rua Mabá, 373/381 – Vigário Geral – CEP 21241 – Rio de Janeiro – Fone (021) 372.5037

Kopiowanie dozwolone tylko za pisemnym prawem autorskim

BILLABONG
STRETCH
BOARDSHORTS
BILLABONG
® Marca Registrada da Du Pont
COM
LYCRA.
SP (011)815-9678
CENTRAL INFORMAÇÕES
PRONTA ENTREGA
SC/PR (0482)23-4391
ES (027)223-1986
RJ (021)268-7253
RS (0512)26-8711
BA (071)242-0951

Mater

(011)826-4288

Você sabe quem está nesse calção?

roberto price

"Eu trabalho com Atoll porque me permite desenvolver um produto nosso, no melhor padrão existente."

Roberto Seidric
Guidetto

atoll®
MADE IN BRAZIL

A marca da sua marca